



RB136,397



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Dr. Antonio Gomes
Da Rocha Madahil

Dear Mr. Secretary

D



Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

<http://archive.org/details/verdadeiromtodod01vern>

VERDADEIRO
M E T O D O
DE ESTUDAR,

P A R A

Ser util à Republica , e à Igreja :

PROPORCIONADO

Ao estylo , e necessidade de Portugal .

E X P O S T O

*Em varias cartas , escritas polo R. P. * * * Barbadinho
da Congregação de Italia , ao R. P. * * *
Doutor na Universidade de Coimbra.*

TOMO PRIMEIRO.



V A L E N S A
NA OFICINA DE ANTONIO BALLE.
ANO MDCCXLVI.

COM TODAS AS LICENSAS NECESARIAS , &c.

VERDADEIRO
M E T O D O
DE ESTUDAR.

TOMO I

Segundo a Republica, e a Igreja:

INTRODUÇÃO

Do estudo, e da natureza do estudo.

ESTUDO

As condições do estudo, e a natureza do estudo.
A natureza do estudo, e a natureza do estudo.
A natureza do estudo, e a natureza do estudo.

TOMO II



M A L I N S A

REPUBLICA DE PORTUGAL

1850

ESTUDO DE PORTUGAL

AOS REVERENDÍSSIMOS
PADRES MESTRES,

DA VENERAVEL RELIGIAM DA COMPANHIA
DE JESUS.

No Reino, e Dominio de Portugal.

ANTONIO BALLE

OBZEQUIOZAMENTE SAUDA.



VIEM à luz, Reverendíssimos Pádras, as cartas eruditas, de um autor moderno: as quais até agora corrèram manuscritas, por algumas maons: mas chegando às minhas, e conhecendo eu, que podiam utilizar a muitos, me-rezolvi imprimilas. O argumento delas é este. Certo Religiozo da Universidade de Coimbra, omem mui douto, como mostra nas suas cartas; pedio a um Religiozo Italiano, seu amigo, que vivia em Lisboa; que lhe-dêse algumas instrusoens, em todo o genero de estudos. O que o dito Barbadinho executa, em algumas cartas: explicando-lhe em cada-uma, o que lhe-parece: e acomodando tudo, ao estylo de Portugal. Este autor escreveo-as, sem nem menos suspeitar, que se poderiam imprimir: como consta de alguns periodos destas, que nam imprimi; e de outras que conservo, em que declara com mais individuasam, o motivo desta correspondencia: e explica varias coizas, que aqui nam se-acham. Onde, para consolar o dito autor, que nam sei se ainda vive, e fazer o que dezejava; nam imprimi senam as que me-parecêram necessarias: e ainda nestas ocultei os nomes dos correspondentes, e de algumas pessoas, que nelas se-nomiavam: parecendo-me justo e devido, nam revelar os segredos, das correspondencias particulares: principalmente, quando podia conseguir o fim, de utilizar o Publico, sem prejuizo de terceiro. As cartas encadeiam tam bem umas com outras, que se-podem chamar, um metodo completo de estudos. podem servir para todos; mas especialmente sam proporçiona-
das,

das, ao estylo de Portugal: pois este era o fim do autor. Protesta ele nas mesmas cartas ineditas, que nam dera em varias coizas, melhor metodo; porque temia, que o seu amigo mostráse as cartas, a pessoas preocupadas: as quais nam fariam nada, se lhe-aconselháse tudo, o que praticam em outros Reinos: e que por isto se-acomodava ao gosto, do paiz em que estava. E nam cesava de encomendar-lhe, que as-nam-lesse a omens, que interpretasem mal as suas palavras; e as-aplicasem, a outro sentido.

E querendo eu agora imprimir estas cartas, a quem as-devo dedicar, senam a VV. RR. ? Prezumo, e com muita razam, que se o autor ouvêse de publicar estes escritos, a ninguem mais os-offereceria, que a esa sagrada Religiam: visto mostrar a cada passo, o respeito e venerasam, que lhe-profesava. E sendo eu nam menos propenso, e obrigado a toda a Companhia; quero também mostrar-lhe o meu reconhecimento, nesta pequena oferta. Se a minha possibilidade dêse mais, mais faria: mas as forsas nam correspondem aos desejos: e VV. RR. costumam estimar mais a vontade, que as ofertas. Alem disto, por todos os titulos deviam estas cartas, ser consagradas ao seu nome. Sam VV. RR. aqueles, que só podem ajudar, os pios desejos deste autor: aqueles, que só tem forsas, para isto: e finalmente aqueles, que mais que ninguem desejam, o adiantamento da Mocidade, e se-cansam, para o-conseguir. Acrescento, que o autor confessa, que tudo aprendêra, com a diresam dessa Roupeta, e polos seus autores. E assim, torno a dizer, por todos os titulos estes livros, se-lhe-devem dedicar.

Quam oportuna ocaziam se-me-offerecia agora, de referir os louvores dessa veneravel Religiam, se a moderasam, e umildade de VV. RR. nam me-tapáse a boca! Quem tem dado mais, e mais illustres escritores a ese Reino, que a Companhia? Quem tem promovido com mais empenho os estudos, que os seus mestres? Onde florecem as letras com mais vigor, que nos seus Colegios? Que omem douto tem avido em Portugal, que nam bebêse os primeiros elementos, nas escolas dessa Religiam? Nam leio as istorias dese Reino, e Conquistas, que nam veja a cada passo, exemplos memoraveis, da grande piedade, da suma erudisam, do inexplicavel zelo dos seus Religiozos! VV. RR. que abriram no-Oriente as portas, ao Evangelho, tem trabalhado com tal empenho, na vinha do Senhor; que se contamos somente os Povos convertidos, tem conquistado para a Fé, e também para o Reino, imperios vastissimos. Nem sei a quem attribua maior gloria: se às armas vitoriozas dos Portuguezes, no Oriente; se às pias exortatoens, e fadigas, dos seus Missionarios. Mas se é mais gloriozo o triumpho, que se-consegue sem sangue, somente

mente com a forsa da eloquencia , sem prejuizo dos Povos , e com grande utilidade da Republica : ficam VV. RR. muito mais gloriosos , que os mesmos illustres Generais Portuguezes ; pois conseguiram a vitoria , nam dos corpos , mas dos animos . Venceram VV. RR. nam derramando o sangue dos outrôs , mas o proprio : e com ele escreveram o seu nome , nam só nos livros da fama , e destas historias caducas ; mas no-mesmo livro da-vida : e levantaram um padram naquela patria , em que as virtudes se-estimam : premeiam-se dignamente os servisos : e a gloria dos vitoriosos nam morre . Nam me-volto para a Africa , para a America , que nam veja os Religiozos da Companhia , convertendo os idolatras , ajudando os fieis , ensinando a todos . Ai mesmo em Portugal , quem á que nam seja obrigado , à Companhia ; e nam experimente os influxos , desta benigna Religiam ? Quem ja mais chegou , a uma das cazas desta Religiam , para buscar um confesôr , a qualquer ora da noite ; que nam ficáse consolado ? um Pregador , para qualquer festividade ; que nam fosse obedecido , ainda sem interesse ? quem foi pedir conselho , em materias de consciencia ; que nam tivese prompta resposta ? quem quiz um parecer escrito , em qualquer materia que o-quizese ; que nam tornáse satisfeito ? Se olho para as prizoens , vejo os Religiozos da-Companhia consolando os afitos , procurando os livramentos , confesando , e confortando a todos . Se olho para as prasas , e ruas publicas , vejo os mesmos Religiozos , doutrinando os ignorantes , excitando a emulasam nos-meninos , atraindo com suave maneira os que pasam , para ouvirem a verdade Evangelica . Se olho para as igrejas , vejo-os frequentes no confesionario , exortando os fieis em dias determinados , exatissimos nas funsoens divinas , que celebram com toda a magnificencia , e devosam ; Se olho para as escolas , vejo-os ensinando aos meninos com grande amor , e paciencia , nam só as letras , mas a piedade , que em toda a ocaziam lhe-inspiram . As mesmas portarias das suas cazas , ensinam com o exemplo ; nos muitos martires , e doutos , que nelas vemos pintados ; que muda , mas eficazmente persuadem , seguir a mesma estrada : e ensinam com a doutrina , nos livros que nelas incontramos , que suavemente inclinam a vontade , para abraçar a vida perfeita . Finalmente se olho para qualquer Religiozo da Companhia , vejo o retrato da continencia , da moderasam , da mansidam , da afabilidade , do respeito : coizas que me-infundem um sagrado terror . Bemdita Religiam , em que o Prelado nam se-distingue do Sudito , senam em ter mais trabalho , e suportar o pezo , do governo economico . Ninguem aspira aos governos : ninguem busca meios de conseguilos : sinal certo , que se-administram com os olhos em Deus , e na sua obrigasam . Nam

á distincção de magisterios : nam á izensam de graos . O mesmo que ensina a Teologia na cadeira , ensina o catechismo nas praças : o mesmo que confessa os Grandes , confessa os Pequenos : o mesmo Prelado que manda aos mais , obedece , e serve nas ocaziões a todos . Finalmente todos conspiram , para dar gloria a Deus , utilidade ao proximo , e servir no que podem à Republica .

Nam quero trazer à memoria , o que esta sua Religiam tem feito , e faz , nas mais partes da Europa Catolica . Deixo de parte , a inviolavel uniam que sempre teve , com a Sé Apostolica : e as perseguisoens , e censuras criticas , que tem soffrido por esa cauza . Nem menos falo na gloria , que rezulta à Companhia , de ver que tantas Religioens , e Congregasoens , que se-fundaram despois dela , todas a-tem tomado por treslado : e nam julgam merecer com justisa , os louvores dos omens pios , senam quando se-avizinham mais , ao seu instituto . Este é um milagre continuo daquele bemaventurado espirito , que la no-Céo está sempre pedindo a Deus , pola propagasam , e aumento da Religiam que ca deixou : unir tantas vontades , para imitarem uma Religiam , que nam conta longa serie de seculos , mas que é a mais moderna , entre as famoças . Nam , nam quero referir mais singularidades . Intraria na verdade em uma materia vastissima , que me-daria argumento , para muitos e dilatados panegiricos ; mas excederia os meus limites . Só considero , o que faz em Portugal , e o que pratica no seu dominio . Estas coizas occupan de sorte a minha ideia , e admirasam , que me-nam-permitem considerar o demais , aindaque seja grande e singular . Nem tem que medizer , que as outras Religioens sagradas todas se-cansam em obzequio da Igreja : ensinam muito , e edificam muito . Confesso , que todas tem as suas singularidades : todas merecem ser louvadas : todas dam gloria a Deus , e servem à Igreja : mas cadauma no seu genero . Nam vejo alguma , que tenha todas as prerogativas , que se-acham juntas , na Religiam da Companhia : e que as-pratique , nam por vaidade , nam por outro interesse mundano ; mas por amor de Deus , e por caridade do proximo . Estam todos os Portuguezes tam persuadidos , desta verdade , que quem quizesse dizer o contrario , seria publicamente escarnecido . Os mesmos Monarcas de Portugal , que sabem justamente estimar a Virtude ; nam costumam intregar , a diresam da sua consciencia , senam aos Religiozos da Companhia . Desde que VV. RR. intráram neses Reinos , conspíráram todos eses Soberanos a reconhecêlos , como prudentissimos directores , da consciencia dos omens : e por iso os-elegêram , para seus Confesores . Os Principes , a Caça Real , os Grandes , a maior parte dos omens de letras , e empregos , todos praticam o mesmo . Nam é possível , que

se-

se-enganem tantos omens, de diferentes gerarchias, e de incontrados interesses, sem que os-obrigue a experiencia, e a verdade. Em todos os seculos, e entre todos os omens de juizo, o consenso de todos, foi argumento irrefragavel, da evidencia. Todos os omens prudentes louvam a VV. RR. todos os-engrandecem, todos os-buscam, todos se-servem das suas prendas, e virtudes: E assim sam VV. RR. tais como eles intendem.

Mas eu PP. RR. ja sai fora do-meu argumento. Comesei uma carta, e acho-me engolfado em um elogio: caí naquilo mesmo que dezejava evitar. Nam sei se ofendi a sua moderasam, com as minhas expreosens: que é verdade que nadem do corasam, e sam proferidas com toda a sinceridade, de um bom amigo; mas emfim sam elogios. Nam obram VV. RR. polos louvores: mas por um fim mais alto, mais grande, mais admiravel. Nam obram bem para o-parecerem, e paraque todos o-conhesam; mas porque o seu instituto assim obriga: assim foram criados: vivem persuadidos diso mesmo: e nam podem obrar de outra sorte. Este é o elogio, que aquele encarecido Romano (1) deu la, ao seu Catam Uticensê, com adulasam excessiva: mas que eu intendo, que só se-pode aplicar a VV. RR. nam com lizonja, mas com verdade notoria; porque o-digo publicamente, e a todo o mundo. Assim é, nam obram bem os Religiozos da Companhia, para agradar ao mundo, e conseguir os seus louvores: e deixando eu fazer-lhe a vontade, nam devo opor-me aos seus dezejos. Verdade é, que falando desa Religiam, dificultosamente podia deixar de exprimir, alguma coisa do que intendo. Mas VV. RR. nam mo-permitem; eu me-desdigo, e dou por nam dito, quanto até aqui tenho significado. Só digo, que lhe-oferezo, e dedico as cartas de um autor, que conforme julgaram os omens doutos, que as-leram, conheceo o verdadeiro modo de estudar: e para o-conseguir, deu excelentes doutrinas: e quem as-ler com animo dezapaixonado, e tiver voto na materia, achará nelas tudo o que é necessario, para aquistar o bom gosto literario; quero dizer, um juizo critico, que ensine abraçar somente o que se-deve, em todo o genero de estudos. Acho nelas algumas vezes, certas palavras, e diversidade na uniam dos-Pronomes, e outras particulas com os Verbos &c. conforme o idiotismo Italiano; que o autor pode ser que mudáse, se lhe-puzese a ultima mam: porque me-parece, que era bem informado da-lingua Portugueza, e nam pecou por-ignorancia. Mas se nelas á algumas coisas que emendar, e acrecentar; quem melhor o-podê fazer, que VV. RR. Comque ponho-as nas suas maons, e oferezo-as ao seu criterio: e só direi o que me-pertence, a cerca da presente edisam.

O au-

O autor segué uma Ortografia particular, (que eu, movido das mesmas razões, abrasei) e que ainda nam está bem recebida, nesse Reino : e assim para nam parecer novidade , será preciso ler as cartas , como se-acham impresas : observando bem a primeira , na qual dá razão , da sua Ortografia . Mas como em outras cartas explica varias coizas , que aqui nam se-acham ; devo declarálas , paraque os leitores formem conceito , das opinioens do autor . Em certa carta , escripta entre a primeira , e segunda do primeiro tomo , diz , que nam obstante que disêse (1) , que a linha se-pode pôr entre as disoens , para evitar os equivos : v.g. na particula por , quando significa cauza ; para a-distinguir do-verbo pôr : ou tambem nas particulas no , do , da ; para as-distinguir dos sustantivos nó , dô , e do verbo , dá , dás : Contudo observando ao despois , que podia embarasar os principiantes , ver as linhas nestas particulas , que sam frequentes ; julgára mais acertado , tirálas das ditas particulas : como tambem de todas as terminasoens plurais dos verbos : v.g. difera-mos , amaria-mos , quizer-mos , fizer-des &c. pola razão que estas terminasoens sam mui frequentes , e todos as-intendem mui bem . Acrecenta , que tambem nam se-deve pôr , naquelas palavras e verbos , em que se-acrecenta uma letra , para evitar a uniam de vogais , que fassam equivocos . v.g. fazêla , quando vale o mesmo , que fazer-a , isto é , fazer esa coiza . Tambem quando se-introduz o pronome no verbo : v.g. dirmeám , que vale o mesmo que , diram-me : falosia , obrigalosia , que muitos escrevem mal assim ; falos-ia , obrigalos-ia : porque a dita palavra compoem-se destas : faria-os , obrigaria-os : acrescentando um l , para facilitar a pronuncia das-vogais : onde separando , ia , separam uma parte necessaria da palavra , e fazem erro . Nestes cazos diz , que basta o acento em fazêla , dirmeám , obrigalosia . Aindaque na primeira e semelhantes , quando sam imperativos , faze-la , quere-la &c. que valem , faze-a , quere-a ; nam reprova que se-ponha a linha , para mostrar que é esdruxola , e que se-pronunciz diferentemente : Assimque para facilitar a Ortografia , somente deixa as ditas linhas nestes cazos . I. Na uniam dos pronomes com os verbos , ou das particulas que servem de pronomes , e sam diferentes das terminasoens dos verbos : v.g. fazemos-lhe , lhes-fazem , nos-dizem , dizem-no , o-dizem , as-querem . II. Nos verbos impessoais , que unem com o reciproco : fazem-se , chamam-se , se-nam-fazem : ou tambem nestes ; nos-explicamos , nos-virmos &c. e outras unioens semelhantes : como no verbo á quando une com a particula se : porque sempre se-pronuncia unido : se-á-de , ám-de &c. Tudo isto advertira confuzamente , no lugar apontado : mas aqui o-explica melhor . E com essei-

tendo escrito com as linhas, as primeiras trez cartas, nas seguintes observa as regras, que aqui dá. E devendo eu, ou tirar as linhas de todas, ou polas em todas, para proceder coerente; seguiu esta segunda parte: aindaque em algum plural de verbo, alguma vez a-nam-puz. A quem nam agradar, observe as regras que o nosso autor dá; que eu tambem observo.

Adverte na mesma carta o autor, que seria utilissimo, que os omens doutos, seguindo a regra da pronuncia, puzesem i em muitos verbos, e nomes que deles nace, que se-pronunciam geralmente com i; e nam se-podem pronunciar com e, sem se-esforçar: v.g. emprestar, engrandecer, envergonhar &c. Diz porem, que ele só o-praticou em poucos, e mais comuns, v.g. intrar, incontrar, inganar, intender, ingenhar, importar, informar, e algum outro rarissimo. O que fez, para nam escandalizar de um jato os leitores, pouco informados destas coizas: mas aconselhava, que pouco a pouco se-introduzisesem com i. Como tambem se-escrevesem com e, alguns infinitos, v.g. admetir, permetir, deferir, &c. nam obstante se pronunciarem com i, os prezentes &c.

Em algumas partes, de duas ou trez palavras compoem o autor uma só: damesma, contantoque, namobstanteque. Outras vezes escreve-as separadas: com tanto que, nam obstante que, &c. o que eu conservei na impresam. Mas diz o autor que o-fez, para mostrar, que se-podem unir, e separar, como cadaum quizer: O que fazem os seus Italianos, em varias palavras: e os mesmos Latinos em paulo minus, nihilo minus, quam ob rem, et enim &c. que escrevem ou separadas, ou juntas, como lhe-parece mais elegante. Mas o nosso autor comumente escreve-as unidas.

Algum erro de Orthografia segundo os tais principios, se-cometeo nesta edisam: o que moralmente nam se-podia evitar, nam sendo o mesmo autor, o que corrige a impresam. Estes parece-me que se-podem reduzir, a varios capitulos. I. Puzeram algumas vezes acento agudo, em lugar do grave; e polo contrario: o que o autor distingue mui bem. II. Falta o acento em algumas palavras, em que o autor costuma polo, ou para evitar equivoco, ou para facilitar a pronuncia: v.g. seria, verbo; e seria adjetivo: escreveram, preterito remoto; e escreveram, futuro: forma, nome da escola; e forma, nome de artifice: &c. aindaque neste particular o contexto, comumente tira o equivoco. III. Acha-se alguma linha, em parte onde nam devia; ou falta onde devia: mas sam cazos mais raros. IV. Varias vezes escreveram i, por e, em admitir, defirir, prefirir, permitir &c. que o autor sempre escreve por e, admetir &c. conformando-se, segundo diz, com a pronuncia comua, e facil, que sempre exprime o e, tirando

rando em bem poucos . Polo contrario puzeram tambem e por i , em ingano , incontrar , intrar , inganar &c. que o autor sempre escreve por i , pola mesma razam da pronuncia . V. Falta alguma virgula onde devia estar , segundo os principios do autor : e alguma se-acrecentou . VI. Dividiram algumas palavras mal no-fim das regras : v. g. min-ha , con-heso , mel-hor , ba-fsta , &c. devendo porem o n , e l das primeiras unir-se com h ; e o s da segunda com o a . Em inco-gnito , per-spetiva , e outras poucas que tem origem Latina , ou sam quazi Latinas ; intendingo que è melhor , dividilas nesta forma , seguindo o estylo Latino .

Estes erros succederam mais frequentemente , nos principios de ambos os tomos , que se imprimiam juntos : tempo em que o corretor nam tinha toda a noticia , da Orthografia do autor . Mas como os ditos erros nam pervertem o sentido do-discurso ; por iso os-nam aponteï nas erratas . E assim só aponteï aqueles , que me-pareceram que mudavam o sentido , ou que eram totalmente contrarios , ao estylo do autor , ou comum da dita lingua . Com as reflexoens que aqui aponto , pode o leitor cortex emendalos , quando s'incontrarem : tendo à vista esta regra : Que achundo-se diversidade em alguma palavra ; que às vezes tem uma letra , e n'outras ocazioens letra diferente ; observe o que é mais frequente ; e saiba , que iso é o que o autor aprova .

Advirto alem disto , que os que imprimiram o primeiro tomo , nam vinham U vogal maiusculo pequeno , e assim serviram-se deste U , para vogal ; e d'estoutro V , para consoante . No segundo tomo comumente se-distinguem na figura . Tambem advirto , que a minha imprensa nam tinha estas duas linhas = , para pôr no-fim da-regra , na divizam forçada das-palavras : (o que seria necessario para distinguir , o que o autor aponta , na primeira carta) e assim puz somente , a linha simplez . O que advirto ao leitor , paraque nam estranbe , faltarem aquelas duas linhas , que o autor encomenda , e pratica : aindaque com uma só linha , muito bem se-conhece , e distingue o sentido . Finalmente advirto , que puz alguns ritulos das materias , no corpo de algumas cartas . v.g. na da Gratica , Medicina , &c. o que fiz , para facilitar a intelligencia aos leitores , e distinguir as materias . Isto é , RR. PP. o que tenho que advertir nesta carta , sobre a impresam , e intelligencia das-ditas cartas . O mais que se-contem nelas , compendiei nos-sumarios , que puz no-principio de cadauma , e tambem se-acham no-Index , de cada tomo . Nem me-pertence amim formar juizo delas , quando as-ofereço a pessoas tam doutas , de quem eu devo receber os ditames . Onde acabo a prezente carta , repetindo de novo a VV. RR. a venerasam que lhe-tenho , e dezejando-lhe as maiores felicidades , e a toda a sua Religiam .

I N D E X

Do que contem as Cartas do primeiro Tomo.

C A R T A I.

Motivo desta correspondencia: e como se-deve continuar: Mostra-se, com o exemplo dos Antigos, a necessidade de uma Gramatica Portugueza, para comesar os estudos. Dá-se uma ideia, da melhor Orthografia Portugueza: e responde-se aos argumentos contrarios. Que o Vocabulario do Padre Bluteau se-deve reformar, para utilidade da Mocidade. Pagina 1,

C A R T A II.

Danos que resultam da Gramatica Latina; que comumente se-ensina. Motivos porque nas escolas de Portugal, nam se-melhora de metodo. Nova ideia de uma Gramatica Latina facilissima, com que, em um ano, se-pode aprender fundamentalmente Gramatica &c. pag. 59.

C A R T A III.

Abuços que se-introduziram em Portugal, no ensinar a lingua Latina. Mau modo que os mestres tem, para instruir a Mocidade. Propoem-se o metodo, que se-deve observar, para saber com fundamento, e facilidade, o que é pura Latinidade. Necessidade da Geografia, Cronologia, e Istoria, para poder intender os livros Latinos. Apontam-se os autores, de que os mestres se-devem servir na Latinidade: e como devem servir-se deles; e explicálos com utilidade: e as melhores edisoens. Aponta-se o modo de cultivar a Memoria, e exercitar o Latim nas escolas. pag. 74.

C A R T A IV.

Necessidade das linguas Orientais, principalmente Grega, e Ebraica, para intender as letras Umanas: mas muito principalmente, para a Teologia. Modo de as-aprender. Utilidade da lingua Franceza, e Italiana, para ser erudito com facilidade, e sem despeza. pag. 112.

C A R T A V.

Discorre-se da utilidade, e necessidade da Retorica: Mau metodo com que se-trata em Portugal. Vicios dos Pregadores; que sam totalmente ignorantes de Retorica. Que absolutamente deve deixar o antigo estilo, quem quer saber Retorica. pag. 124.

CAR-

C A R T A VI.

Continua-se a mesma materia da Retorica . Fazem-se algumas reflexoens , sobre o que é verdadeira Retorica , e origem dela . Que coiza sejam figuras , e como devemos uzar delas . Diversidade dos estilos , e modo de os-praticar : e vicios dos que os-nam-admitem , e praticam . Qual seja o metodo de persuadir . Qual o metodo dos panegiricos , e outros sermoens . Como se-deve ensinar Retorica aos rapazes , e ainda aos mestres . Algumas reflexoens , sobre as obras do P. Antonio Vieira .

pag. 153.

C A R T A VII.

Fala-se da Poezia . Os Portuguezes sam meros versejadores . Prejuizos dos mestres , de nam poetarem em Vulgar . Que coiza seja ingenho bom , e mau . Especies de obras de mau ingenho , em que caíram alguns Antigos , mas principalmente os Modernos . Necessidade do Criterio , e Retorica , em toda a sorte de Poezia . Primeiro defeito de Poezia , a inverosimilidade : exemplos . Segundo defeito , os argumentos ridiculos . Reflexoens particulares , sobre as composicoens pequenas Portuguezas ; que nam podem dar nome , a um omem : defeitos da Nasam , provados com exemplos . Reflexoens sobre o Epigrama Latino , Elogios , inscriçoens Lapidares , Eglogas , Odes , Satiiras , poemas Epicos . Que os Portuguezes nam conhecêram as leis , do poema Epico : prova-se com Camoens , Chagas , Botelho de Moraes . Apon-ta-se o metodo , com que se-devem regular os rapazes , no-estudo da Poezia . Nova ideia de uma Arte Poetica , util para a Moci-dade .

pag. 215.

C A R T A VIII.

TRata-se da Filozofia . Mau metodo com que se-trata em Portu-gal . Advertencia das outras Nasoens , em procurar a Ciencia . Necessidade da istoria da Filozofia , para se-livrar de prejuizos . Ideia da serie filozofica . Danos e impropriedades da Logica , que comu-mente se-explica . Dá-se uma ideia , da boa Logica .

pag. 276.



CARTA PRIMEIRA.

S U M A R I O:

Motivo desta correspondencia: e como se-deve continuar: Mostra-se, com o exemplo dos-Antigos, a necessidade de uma Grammatica Portugueza, para comesar os estudos. Dá-se uma ideia, da-melhor Orthografia Portugueza: e responde-se aos argumentos contrarios. Que o Vocabulário do-Padre Bluteau se-deve reformar, para utilidade da-Mocidade.



EU amigo e senhor: Nesta ultima carta, que recebo de V. P. entre varias coizas que me-propõem, é a principal, o dezejo que tem, de que eu lhe-diga o meu parecer, sobre o metodo dos-estudos deste Reino: e lhe-diga seriamente, se me-parece racional, para formar omens, que sejam utis, para a Republica, e Religiam: ou que coiza se-pode mudar, para conseguir o dito intento. Alem disto, quer tambem, que eu lhe-dé alguma ideia, dos-estudos das-outras Nasoens, que eu tenho visto. Quanto às outras proguntas, parece-me que bastantemente respondo, inviando-lhe o papel incluzo: no-qual achará, tudo o que queria saber. Mas polo que respeita ao negocio, dos-metodos diferentes de estudos, duvidei por-algum tempo, se obedeceria a V. P. e tinha algumas razoens, que me-pareciam forzosas; suposta a grande pratica que tenho, deste mundo, e deste Reino. Eu sou Estrangeiro: e com dificuldade me-explicarei em uma lingua, que nam namei no-berço. Que nas minhas cartas particulares, eu cometa erros, a bondade de V. P. mos-desculpa. mas-se eu escrever em

materia , que se-pofa mostrar a outrem ; e me-fugir da-boca , alguma exprefam menos propria ; averá cenfores tam dezumanos , que me-condenam , por-efcrever em lingua alheia . tal-vez fem advertirem , que ifo está fucedendo todos os dias , aos mefmos nacionais , que frequentemente os-cometem . Alem difto , fempre foi coiza odioza , dar regras em caza alheia : e lembrando-me eu de alguns , que me-diferam muito mal , do-grande fervifo que fez ao Reino o P. Bluteau , compondo o feu Vocabulario ; via de longe , a tempeftade que fe-levantaria contra mim , fe este meu parecer tivefe a infelicidade , de fair das-maons de V.P. Mas a maior razam era , porque ifto , de emendar o mundo , e principalmente o querer arrancar certas opinioens , do-animo de omens envelhecidos nelas , e confagradas ja por-um coftume , de que nam á memoria ; é negocio , que excede as forfas de um só omem ; e principalmente de um omem , de tam pouco merecimento , e autoridade como eu . E V. P. que é tam versado na Iftoria , pode trazer à memoria , mil exemplos destes , que deram , e ainda oje dam , ao mundo Literario , materia de grande admirafam . Lembrou-me tambem , que eu fou Religiozo , em uma Religiam , em que geralmente florecem pouco os estudos : e que , por-efte principio , nam faltariam omens , ainda prezados de doutos , que , se chegafem a faver , de quem eram as cartas , as-defprezafem ; fem terem a paciencia , de examinar as minhas razoens : por fe-perfuadirem , que certos accidentes exteriores , de emprego , vestido , &c. conduzem muito , para o merecimento das-obras : e que , fem pizar os ladrilhos de certas Univerfidades , nam fe-pode fazer coiza boa .

Estas , e outras coizas , que fe me-ofereceram à memoria , metteram , como lhe-dife , duvidozo . Finalmente as repetidas infancias que V. P. me-faz : a fua grande autoridade : e as plauziveis razoens que me-alega , me-fizeram pegar na pena , para escrever o meu parecer . V. P. fegura-me certas coizas , que nam fãm de pouca confiderafam . Diz-me , que oje á muita gente do-feu parecer , nam só entre os Seculares , mas tambem entre os Regulares : de que me-cita bons exemplos . Diz-me , que o bom gofto nas Artes , e Ciencias , fe-comesou a introduzir em Portugal , no-feliz reinado deste Augufto Monarca : o qual nifto tem ajudado mais o Reino , que todos os feus antefesores . Finalmente promete-me , que as minhas cartas , nam fairãm da-fua mam , ao menos em meu nome . Com estas condiftoens , obedefo a V. P. e me-gloreio muito ,
que

que um omem da-sua literatura, nam despreze o parecer, de um fugeito de tam pouca doutrina. Dividirei o argumento, em varias cartas: e como as minhas occupaçoens, e molestias mo-permittirem, irei comunicando a V. P. as minhas reflexoens. Devo porem, nesta primeira carta, fazer algumas proteſtas. Primeira: Que eu nam acuzo, ou condeno, peſoa alguma deſte Reino. Se às vezes nam me-agradam as opinioens, nem por-iſo eſtimo menos os ſujeitos, e autores. diſtingo muito o merecimento peſoal, do-eſtilo de cada um, ou metodo que obſerva: e poſo fazer eſta ſeparafam, ſem ofender peſoa alguma:

Eſta reflexam para V. P. é ſuperſta, pois conheſe mui bem o meu animo; e ſabe, que eu só pego na pena, para lhe-dar goſto. Mas porque poderá ler eſta carta, a algum ignorante, ou malevolo; que intenda, que eu, dizendo o que me-parece dos-eſtudos, com iſto digo mal, da-Religiam da-Companhia de Jeſu; que neste Reino, é a que principalmente enſina a Mocidade: devo declarar, que nam é eſe o meu animo. Eu venero eſta Religiam doutiſſima, por-agradecimento, e por-juſtiſa. Por-agradecimento, porque eſe pouco que fei, eles mo-enſináram: e aindaque nas eſcolas nam aprendeſe tudo, aprendi-o converſando com eles particularmente, e lendo os ſeus autores. Sempre conſervei com eles, intrinſeca amizade: e diſto conſervarei uma memoria ſempiterna. Por-juſtiſa, porque ſendo todas as Religioens veneraveis; eſta o-é mais que todas, ſegundo a minha opiniam. Parece que mandou Deus à Igreja eſtes Religiozozos, unicamente para utilidade dos-proximos. pois eles enſinam a doutrina, e piedade, com grande amor, e trabalho: ſacrificam-ſe polos Fieis, em todas as ocazioens: e ſam perpetuos defenſores da-Igreja Catolica, como confeſam os meſmos Erejes. Eſtes ſam os motivos da-minha venerafam, e parcialidade por-eles. Mas aſimcomo nem todos os Jezuitas, ſeguem as meſmas opinioens de doutrina, mas permitem aos ſeus meſmos, a liberdade de filozofar, dentro dos-limites do-juſto; e uns ſam contrarios de ſentimentos a outros: Aſimcomo alguns Jezuitas Eſtrangeiros, tem reprovado diante de mim, o metodo de Portugal; e alguns Portuguezes me-confeſáram, que o-ſeguiam por-necessidade, e nam por eleiſam; e confeſáram limpamente, que ſe-podia, e devia emendar em muitas coizas: (achará V. P. muitos, que lhe-digam, que aquella Logica Carvalho, e Barreta, nam ſe-deviam explicar nas eſcolas, mas coizas mais utiſ; o que eu ouvi

muitas vezes) Assim tambem nam será maravilha, que eu me desvie em muitas coizas, do-estilo que seguem, os Religiozos da Companhia neste Reino: e reprove outras, que observam alguns dos-seus autores. Para tudo teria exemplos na mesma Companhia; e tambem em Portugal. Mas nam me-é necessário tanto: porque os mesmos Jezuitas, reconhecem de antemam esta verdade; e sabem, que, sem injuriar uma Religiam, pode um omem, ser de contrario parecer. Conhecem muito bem estes doutos Religiozos, que nestas diferensas de pareceres, nam deve entrar o corasam, porque estam fóra da-sua jurisdifam: e se-podem dar entre pefoas, mui unidas de inclinasm. Os Jezuitas todos sam prudentes: e nenhum omem prudente ignora, e contrareia estas coizas. Os individuos de uma comunidade, nem todos sam de igual talento: e as comunidades de uma Religiam, nem todas seguem o mesmo metodo: Alem diso, aqui em Portugal, á muita outra gente que ensina. os outros Religiozos, ensinam os seus, e os de fóra. os mestres seculares, tambem ensinam. E assim as minhas opinioens, podem ter por-objeto, nam uma só pefoa. Isto me-basta advertir, a estas pefoas, que querem saber mais que os autores: e quererám expli- plicar, e interpretar mal as minhas palavras. Onde concluo, que a todos venero, e estimo mui particularmente: fomite direi, o que me-parece se-devia fazer, para poder instruir com fruto: A segunda coiza é: que eu nam me-cansarei, em escrever Portuguez elegante: mas me-servirei das-palavras, de que comumente me-sirvo, no-discurso familiar. Nas materias de doutrina, por-for- fa devo servir-me, de algumas palavras, que nam sam Portuguezas: o que tambem fazem os Latinos, quando tratam semelhantes pon- tos. porque no-estado em que as coizas estam, nam se-servindo das-ditas palavras, nam é possível, explicar bem as materias. E assim deve V. P. estar preparado, para nam se-admirar, de alguns ter- mos novos; e para me-desculpar, os erros que possa cometer: Ocorre-me ainda terceira: e vem a ser, que eu supponho, que V.P. me-dispensa, de citar todos os momentos autores, de que tiro algumas das-noticias, que lhe-difer. com tanto que eu aponte, o que é necessário, nam emporta quem o-diz. Basta que eu diga, uma vez por todas, que a major parte do-que digo, experi- mentei eu mesmo: outras coizas, observei em terceira pefoa; ou li em autor aprovado. V.P. olhe para a razam, em que eu me- fundo: porque esta deve valer mais, que a autoridade extrinseca:

Tambem

Tambem incidentalmente digo, nam a V. P. que sabe conhecer as coizas; mas a algum, que possa ler estas cartas: que, se algumas vezes apontar como optimos, alguns autores Erejes; nam louvo neles a sua particular religiam, mas a erudisam, ou metodo. Comumente avizarei, quais sam os Erejes, paraque nam se-leiam, sem lisenfa devida. Mas se acazo me-esquecer entam advertilo, aqui o-advirto para sempre.

Comeso pois nesta carta, pola Gramatica: que é a porta dos-ouros estudos: da-qual depende, a boa eleisam dos-mais. Porque muitos nam intendem, o que significa este nome, por-iso nam fazem, grande progresso na Gramatica. Eu, ainda que falo com V. P. que o sabe, falarei daqui emdiant, como se faláse, com quem o-nam-soubese.

A Gramatica, é a arte de escrever; e falar corretamente. Todos aprendem a sua lingua no-berfo: mas se acazo se-contentam com esa noticia, nunca falarám como omens doutos. Os primeiros mestres das-linguas vivas, comumente sam molheres, ou gente de pouca literatura: de que vem, que se-aprende a propria lingua com muito erro, e palavra impropria, e pola maior parte palavras plebeias. E' necesario emendar com o estudo, os erros daquela primeira doutrina. Uma razam, aindaque boa, um pensamento exquisito, exposto com palavras toscas, ou que nam signifiquem, o que se quer; dezagrada muito, e comumente nam persuade. Contudo iso por-muitos seculos, se-contentaram os Omens, de falar, como primeiro lhe ensinaram. Nam foi senam despois do-terceiro milenario, que os Omens se-aplicaram a falar bem. Foram os Gregos os primeiros, de que a Istoria nos-aponta, que se-aplicafem a este estudo: e tal vez os unicos, entre todos os Orientais. A sua Gramatica consistia, em conhecer bem as diferensas das-letras: ler, escrever, e falar bem. Explicavam tambem os Poetas; nos-quais aprendiam a Politica, e Religiam. O governo da-Grecia, que era quazi todo de Republica, (nas quais as publicas assembleias do-Povo, deliberavam nos-maiores negocios) lhe-inspirou este dezejo. conhecíram eles, quanto emportava falar bem, para falar em publico: e se-aplicaram tanto a iso, que deram, e ainda oje dam, documentos a todo o mundo. Talvez niso foram mais escrupulozos doque convinha: porque, para conservar a sua lingua pura, nam queriam aprender, lingua alguma estrangeira. Estavam tam satisfeitos, das-belezas da-sua lingua,

gua , que quazi desprezavam as outras todas ; desfortaque quando os Romanos , depois de vencidos os Gregos , os transportáram a Roma ; avendo nesta tantos , e de diferentes gerarchias , se-observou (como nota um autor de bom juizo) que os Romanos , aprenderam o Grego : mas nenhum Grego , estudou a lingua Romana : aindaque com o uzo , alguma coiza entendese . E este costume , durava ainda nos-tempos de Cicero .

Com a lingua pasou da-Grecia para Roma , a inclinavam para a Gramatica . porque se-observou , que a lingua Latina se-começou a aperfeioar , desde o tempo dos-Cipioens , e continuou até o seculo de Augusto . que é justamente o tempo , em que os Gregos , destruido o seu imperio , comunicáram a sua lingua aos Romanos . Pois aindaque , desde o tempo da-guerra com os Sanitas , e outros Povos da-Magna Grecia , polos anos de Roma 471. algum Romano comese a entender , e falar o Grego ; foi raro : e fomite para poder entendelos nas Embaixadas , e coizas semelhantes , é que o-aprendiam : nam era vulgar este estylo : o que só succedeo ao depois . Foram os Romanos os primeiros , que aprenderam voluntariamente lingua estrangeira . o que nam consta , que Povo algum , antes deles , tivese feito . E nisto mesmo , me-parecem mais racionaveis : porque conhecendo a necessidade dela , para o estudo da-Filozofia , Matematica , e belas Letras , nam se-envergonharam de receber lizoens , daqueles mesmos a quem tinham vencido , e davam leis . Este é um grande elogio , para uma Nasam tam considerada ; como a Romana : conhecer que é vencida em merecimento ; e confesar publicamente esse vencimento ; e pôr o remedio a esa falta . Paolo Emilio , aquele grande omem , que destruiu na pessoa de Perseo , o imperio de Macedonia , antes de tornar para Roma , pediu aos Atêniezes , que lhe-buscasem um excelente Filozofa , para acabar de instruir , seus dois filhos . Outros omens grandes , que por-brevidade nam aponto , seguiram o seu exemplo . Lelio , e Cipiam Emiliano , que tanto refinaram a lingua Romana , eram inseparaveis , dos-seus mestres Gregos : dos-quais nam sò aprendiam a Filozofia , mas tambem a Gramatica ; e o modo de falar bem , e aperfeioar a sua lingua . Os Filozofos daquele tempo , nam se-ocupavam somente , com discursos aereos de Logica ; mas entendiam o seu conhecimento , para muitas outras coizas .

Mas , è necessario confesar uma verdade ; em todo o tempo ouve di-

dificuldade , em se-receberem costumes novos ; aindaque fossem utis : os Velhos nam querem ceder dos-costumes , que uma vez espozaram . Isto vimos em Roma , no-consulado de Eltrabo , e Messala : que publicaram um decreto , em que ordenavam aos Filozofos , e Retoricos , sairem de Roma (1) . Catam o velho ; que temia , que os Romanos , pola vaidade de quererem falar bem , servissem mal à Republica no-officio das-armas ; foi um grande protetor disto . Mas a Verdade , por-mais que se encubra ; sempre transpira : Trez Embaixadores Ateniezes , que , cinco ou seis anos despois do-tal decreto , vieram a Roma , namoraram todos com os seus discursos . e , nam obstante a repugnancia de Catam , e de alguns outros , os estudos das belas Letras se-introduziram em Roma , e cada dia mais se-aumentaram (2) : A Grecia foi reconhecida por-mestra : e Atenas foi sempre reputada , a Universidade de Roma : aonde se-mandavam os nobres Romanos , para aprenderem o bom gosto . Os dois celebres Antonios , Atico , Cicero pai , e filho , e muitos outros lá foram aprender o que souberam . e o que mais cauza admiravam , é , irem em tempo , que as letras tinham descaido na Grecia . tal era a boa opiniam que tinham dela ! Outros muitos Gregos vinham a Roma , e publicamente ensinavam , os estudos Gregos .

Com este exemplo , pouco mais de um seculo antes de Cristo , se-abriram escolas Latinas em Roma . as quais , ainda que com alguma contrariedade , felizmente e com grande concurso se-continuarão . Delas saíram omens mui grandes , que apuraram , quanto puderam , a lingua propria . Tais foram Cota , Sulpicio , Ortenso , Marco Cicero , Caio Cezar , Marco Bruto , Messala , Asinio Pollio , e muitos outros que entam , e oje veneramos , como mestres da-lingua Latina . A imitavam dos-Gregos , comesaram os Romanos a aprender , a Gramatica da-sua lingua , no-mesmo tempo que aprendiam a Grega . A Gramatica , nam se-reputava , coiza de pouca empotancia : mas a-consideravam como baze da-Eloquencia : e por-isto a cla se-aplicavam omens grandes ; e nela empregavam um tempo consideravel , os que queriam , fazer figura na Republica . Os livros Retoricos de Cicero , principalmente os

trez

- (1) Sueton. de Cl. Rhet. C. I. *li quodam nostri homines dicendi*
 (2) *Auditibus oratoribus Grae-* studio flagraverunt . Cicero l. I. de
cis , ...cognitisque eorum litteris , Orat. num. XIV.
adhibitisque doctoribus , incredibi-

trez de *Oratore ad Quintum Fratrem*, especialmente o ultimo: o livro intitulado: *Orator ad Marcum Brutum*: e o de *Oratoriis Partitionibus*: nam só ensinavam Retorica, mas principalmente falar a sua lingua, com toda a pureza, e graça: que era uma parte principal da-Retorica. Caio Julio Cezar, aquele grande omem em armas, e letras, nam se-envergonhou, de escrever dois livros, sobre a Analogia da-lingua Latina (1). Marco Terencio Varram escreveu comentarios doutifimos sobre a sua lingua, e uma Gramatica. Continuou este costume, até o tempo de Quintiliano, e seu dicipulo Plinio o moço: o qual Quintiliano, alem de nos-explicar, como se-enfinava a Gramatica Latina; ele mesmo nos-deixou uns Elementos dela, no-primeiro livro das-suas Instituiçoens. E é de crer, que se-continuase este estilo, até os principios do-quinto seculo de Cristo; em que os Godos entráram em Roma: ou um pouco despois, em que os Ostrogodos se-estabeçeram na Italia, e arruináram o imperio Latino: abrindo com isto a porta aos Longobardos, que nela domináram tantos anos. Desforteque com o Imperio no-Occidente, se-pode dizer, que se arruinou a lingua Latina: porque começando a destruir-se, com a mescla de outras palavras, foi necesario emendála com o estudo, e fazer Gramatica dela.

Este metodo de ensinar aos nacionais, a Gramatica da-sua lingua, nam só praticáram os Antigos; mas até em um seculo barbaro, qual foi o de Carlo Magno, foi conhecido, e praticado: e o mesmo Carlo no-dito VIII. seculo, escreveu uma Gramatica Tudesca, que era a lingua da-sua corte. Nos-seguintes seculos até o duodecimo, em que a ignorancia tanto dominou, nam foi ignoto este uzo. Mas alguma Gramatica que se-fazia, era para entender o Latim. os livros eram rarifimos. a critica nenhuma. e assim nam é maravilha, se nam se-aplicáram ao que deviam. Desde o seculo duodecimo até todo o seculo decimosexto, reinou outra particular ignorancia, sobre o metodo. Muitos se-aplicáram as letras, mas muito mal. só reinavam as agudezas, e o estilo ridiculo. No-seculo pasado, é que resuscitou este metodo, de ensinar a Gramatica da-propria lingua.

E, na verdade, o primeiro principio de todos os estudos deve ser, a Gramatica da-propria lingua. A razão porque nos-parece tam dificultozo, o estudo da-Gramatica Latina, (alem de outros

mo-

motivos que em seu lugar direi) é porque nos persuadimos , que toda aquella machina de regras , é particular da lingua Latina : e nam á quem nos advirta , quais são as formas particulares da lingua , a que chamam *Idiotismos* : quais as comuas com as outras . Se a um rapaz que começa , explicarem , e mostrarem na sua propria lingua , que á Verbo , Cazo , Adverbio &c. que á formas particulares de falar , deque se-compoem , a Sintaxe da-sua lingua : Se sem tantas regras , mas com mui simplezes explicaçoens , fizessem , comque os principiantes refletissem , que , sem advirtirem , executam as regras , que se-acham nos-livros : e isto , sem genero algum de preceitos , mas polo ouvirem , e exercitarem : Seguro a V. P. que abririam os olhos por-uma vez , e entenderiam as coizas bem : e se-facilitaria a percesão das-linguas todas :

Isto suposto , julgo que este deve ser , o primeiro estudo da-Mocidade . e que a primeira coiza , que se-lhe-deve apresentar é , uma Gramatica da-sua lingua , curta , e clara : porque neste particular , a voz do-Mestre , faz mais que os preceitos . E nam se-devem intimidar os rapazes , com mau modo , ou pancadas , como todos os dias succede : mas , com grande paciencia , explicar-lhe as regras : e , sobre tudo , mostrar-lhe nos-seus mesmos discursos , ou em algum livro vulgar , e carta bem escrita , e facil ; o exercicio , e a razão , de todos estes preceitos . Se me-tocãse o-fazelo , regularia tudo desta maneira . Primeiro , explicaria brevemente as regras : e obrigalozia a repetir , as mesmas noticias gerais : Depois , dar-lheia um livro de Cartas , vg. as do-P. Antonio Vieira : escolhendo as mais facis : ou alguma istoria pequena , digo , que tivesse capitulos pequenos , e periodos nam mui compridos : e mandaria , que a-lessem : e no-mesmo tempo apontaria , quais eram as partes da-orasão . o que se-observa , com grande facilidade . Ajuntaria a isto , as regras mais principais de Sintaxe : porque como tudo isto , se-ã-de-recozer na Latinidade , basta nesta ocaziam , uma noticia geral . Feitos estes principios , ensinaria duas coizas , mui principais em materia de linguas . a primeira é ; a propriedade das-palavras : mostrando-lhe , a forsa de cadauma daquellas , que são menos comuas . a segunda é , a naturalidade da-fraze : ensinando-lhe , que a affectam , se-deve fugir em tudo : e que se-deve cuidar em explicar tudo , com palavras mui naturais . Alem disto , ensinaria aos rapazes , pronunciar bem , e ler expeditamente . Este ponto ,

é mui necessário : achando-se todos os dias omens feitos , que lem soletrando , e cantando : e que dizem mil barbarismos . o que tudo procede , de nam terem tido mestres , que lhes-ensinassem bem . Quando os rapazes estivessem mais adiantados , obrigallosia , a escrever algumas cartas , a diversos assumtos . e introduziria entre dois , uma correspondencia epistolar : ensinando-lhe os tratamentos , e modo de escrever , a diversas pessoas . Nesta ocaziam tem lugar , ensinar-lhe a boa Orthografia , e Pontuafsam . E' incrível , a utilidade que daqui rezulta , nam só para a intelligencia da-Latinidade ; mas para todos os estudos da-vida . Este estudo pode-se fazer , sem trabalho algum : e se-pode continuar no-mesmo tempo , emque se-explica o Latim : bastando meia ora cada menhan , ler , e explicar o Portuguez . Isto se-pratica oje , em algumas partes da-Europa : e só os que nam tem juizo , para conhecerem a utilidade , que daqui rezulta , é que negam , a necessidade deste metodo .

Mas aqui , deixe-me V. P. lamentar , e admirar , a negligencia dos-Portuguezes em promover , tudo o que é cultura de ingenho , e utilidade da-Republica . Ainda até aqui , nam tem cuidado nestas coizas : e será rarissimo , o que souber , que esta Gramatica pode ser util . Especialmente nóto isto , sobre a falta de escritos , para instruir um Secretario principiante . (falo dos-secretarios dos-Grandes , e de tudo o mais , fóra das-Secretarias Reais .) Nas-outras Nasoens á livros , que ensinam a qualquer , a urbanidade e ceremonial do-seu Reino . Como escrevem os Reis , e os Grandes entre si , e às pessoas de diferentes gerarchias mais inferiores . como os inferiores escrevem , a toda a sorte de pessoas de maior esfera , tanto Secular , como Ecclesiastica . &c. apontam-se os sobrescritos , e poem-se algumas cartas para exemplo . Isto ensina a todos ; e impede o fazer erros . Mas em Portugal , é desconhecido este metodo . Um secretario de um Bispo , ou Cardial , ou Fidalgo , ou Dezembargador &c. governa-se por-uma pura tradisam ; ou porque assim vio alguma carta ; sem mais conhecimento da-materia . Comtantoque um moso , tenha um carater comprido , e dezembarrasado , a que eles chamam , letra de Secretaria , é o que basta . Confeso a V. P. que ainda até aqui , nam vi secretario algum destes , que soubese escrever duas palavras , com juizo . que tecefe uma carta , considerando quem escreve , e a quem escreve : emque circumstancia : se com dependencia , ou sem ela : se por-agradecimento de alguma fineza , e atensam , ou por-outro motivo . Nam consideram

deram circumstancia alguma destas : as quais porem deveriam considerar muito ; porque fazem a carta , mais , ou menos abundante de atensam : Sendo certo , que o Secretario , deve conservar o decóro de seu amo : mas no-mesmo tempo deve procurar , que pareça mais cortez que possa ser . Mas isto , é o que eles nam intendem . e nada mais cuidam , que mostrar , nam digo a grandeza , mas a soberba de quem escreve . Verá V. P. um pobre Cavalheiro das-Provincias , do-qual se pode dizer , como disse aquele noso amigo = *Est res angusta domi* = ; escrever uma carta , com mais soberania e magestade , que nam fará o Papa . porque este , comumente poem = *Dilecto filio* = : e aquele , comensará uma carta *ex abrupto* , e imprudentemente , sem atensam alguma . Os de maior gerarchia , ainda fazem pior . e apenas se achará um , que nam queira mostrar na carta , que é mais , da-pessoa a quem escreve . Por-fóra , costumam pôr = *do-Bispo Fulano : do-Marquez Sierano* = &c. á coiza mais digna de rizo doque esta ! As cartas mandam-se lacradas , para que ninguem saiba , de quem sam ; e nem suspeite , o que contem : e estes tais poem , e alinam-se de fóra ! Que o-faza o Secretario de Estado , ou outro Ministro , que tem jurisdifam publica ; é justo : paraque todos conheçam , de quem é a carta ; e , se mais succeder perdela , quem a-achar , a-entregue ; e lhe-tenham o respeito , que é dividido . mas que o-fasam os outros , e em negocios particulares ; e que o-fasam por-grandeza , merece compaixam . Tenho visto milhares de cartas , de Cardiais , Principes Soberanos de outros Reinos , e muitos outros Gran-senhores , e nenhum praticava esta rapaziada . Mas eu vi mais doque isto : porque vi carta de uma grande pessoa , que V. P. conhece , que escrevia a outro mui condecorado , que tinha no-sobrescrito : *A Fulano* : pondo o simplez nome , sem *Senhor* , nem titulo , &c. e dentro afinava-se , sem lhe-fazer comprimento , como se-faz nas Patentes .

Pertencem à classe acima , os que carregam o sobrescrito , com todas as circumstancias de *Pai* , *Primo* , *Cunhado* &c. o que tudo pode dar ocaziam , a abrir a carta por-curiozidade . O mesmo digo , dos-que poem : *Familiar do-S. Officio* , e outras coizas destas . Basta pôr um titulo principal , ou , quando muito , dois maiores : os mais ja se-intendem , ou se-supoem . Estes sam semelhantes àqueles , de que ja falámos tantas vezes , que , no-titulo das-censuras dos-livros , poem uma enfiada de empregos velhos : *Ex-Provincial* : *Ex-Definidor* : &c. e dos-quais V. P. dizia , com tanta graça , que lhes-

faltava pôr : *Ex-Porteiro* : *Ex-Guardiam* : *Ex-Procurador* . &c. O pior é que nisto , caiem tambem os Seculares : e poem frequentemente : *Colegial que foi no-Colegio de S. Paulo* : *Lente que foi de Leis* , ou *de Instituta* . &c. só lhes-falta acrescentar a propozizã , e dizer : *Ex-Colegial* : *Ex-Leitor* : *Ex-Secretario* : *Ex-General* : *Ex-Coronel* . Que tendo os empregos , o-declarem ; é mui justo : mas que ponham os que tiveram , e sam inferiores aos que oje tem ; é uma vaidade mal fundada : e é querer fer estimado , mais polos empregos , que polo merecimento . Leia V. P. a istoria , que escreveo Alexandre Ferreira , e verá , que no-titulo da-obra , escreve toda a sua vida . Outros fazem dedicatorias de livros , a pessoas Grandes , e enchem boa meia folha de papel , de titulos : *Capitam-mor de cá* : *Alcaide-mor de lá* : &c. Quando tivesem dito : *Marquez* , ou *Conde* ; *Conselheiro* , ou *General* &c. estes titulos sorvem todos os outros . Destes se-pode tambem dizer , que lhes-esqueceo escrever , todas as quintas , e cazas , que posuem em diversas Vilas , e Cidades , as pessoas a quem louvam , e dedicam as obras .

Em Italia , feria grande injuria , tratando-se com um grande Principe , por-lhe todos os titulos : porque era mostrar , que sam menos conhecidos polo nome , e pessoa . A' cazas , que tem muitos Principados , Marquezados , Condados : e nam somente de titulo , mas com inteira jurisdizã e dominio , pois tem o direito *Vita & Necis* : e contentam-se com um só titulo , ou , quando muito , dois : Vg. Lourenço Colona , Duque de Paliano , Condessa-vel do-Reino de Napoles . Domingos Orsini , Duque de Gravina . Prospero Conti , Duque de Poli . Estas cazas tam antigas , que algumas contam mais de mil anos , e tem dado , alem de infinitos Cardiais , 13. Papas , outras cinco , à Igreja de Deus ; nam fazem vaidade destes ridiculos titulos ; porque sabem , que sam mui bem conhecidas . Mas os *** e principalmente os Portuguezes , governam-se por-outros principios . Tem alem disto estes Senhores por-injuria , se lhe-escrevem por-secretario ; e quando nam vem toda a carta , dê proprio caracter , tocam a fogo . Veja V. P. quam diferentes sam , os costumes estrangeiros ! Em Roma , aonde o ceremonial está tanto em vigor , que às vezes é excessivo , nam se-faz caso de tal coiza . escreve um Cardial a outro , por-secretario . escrevem os inferiores &c. por-secretario . Isto nam prova descortezia , mas que um omem , é sumamente ocupado . nem pessoa alguma faz caso disto . Somente se-pratica , escrever de proprio punho , quando é pri-

meira carta de cerimonia a pessoa grande, ou quando respondo a quem escreve de proprio punho : ou n'outros cazos assim . Mas aqui , seria um cazo reservado , praticar o contrario .

Ora tudo isto , é intender mal as coizas : é falta de educam : falta de livros bons : e é expor-se ao rizo dos-omens de juizo . Isto pois deve acautelar o mestre , quando instrue os rapazes . deve informar-se das-coizas : ensinar-lhe como se-devem regular : e finalmente dizer-lhe em poucas palavras aquilo , que , por-falta de livros , somente se-pode saber , com uma longa experiencia . Estas coizas devem-se tratar , nestes primeiros estudos .

Depois de ter escrito isto , me-veio á mam , uma Gramatica Portugueza , composta polo P. Argote , Teatino . Verdadeiramente nam é Gramatica completa : mas o autor declara , que só dá regras , para facilitar a intelligencia da-lingua Latina . O juizo que formo desta Gramatica , é este . O autor , introduzindo um dialogo enfadonho , dise , em muitas folhas , o que podia dizer , em poucas regras . Os dialogos nam servem mais , que de fazer mil repetiçoes sem necessidade : servem de cansar á memoria aos rapazes , sem fructo : ensinando-os a falar como papagaio : vistoque nam intendem o que dizem . quando polo contrario poucos preceitos , bem explicados com a viva voz do-Mestre , ensinam mais , com menos trabalho . Isto , quanto ao metodo . quanto às regras : O que diz da-Analogia das-vozes , parece-me mui bem ; e pode-se ensinar com utilidade . A Sintaxe de *concordar* , pode passar : a de *reger* , nada me-agrada . O P. Argote dezempareou o seu mesmo metodo , por-seguir os erros de Manoel Alvares , e multiplicar regras sem necessidade ; afinando regencias falsas : quando tudo aquilo se reduzia , a explicar a regencia dos-Cazos , polas regras fundamentais ; que sam mui poucas . Isto é o que deve cuidar o Mestre : reduzindo as regras , às verdadeiras causas da-regencia : apontando algum particular idiotismo &c. porque isto basta : vistoque a Gramatica Latina , tambem se-deve explicar em Portuguez , e com poucas regras . A terceira parte , da-sintaxe *Figurada* , tirando a extensam , tambem pode passar . Na quarta parte , o que diz dos-Dialetos &c. pode passar : aindaque tudo aquilo se dizia , em duas palavras . o que diz do-modo de reger a lingua Portugueza , é uma grande superfluidade , e *pedanteria* : vistoque nam á mestre tam tolo , que nam saiba , como á-de reger , uma carta Portugueza . Isto se-faz , quando o estudante nas escolas , vai lendo
a lingua

a lingua dita: e o mestre lhe-explica, o dialeto da-proza, e do-verbo. Antes feria loucura, querer explicar ao principio, o dialeto do-verbo. porque os Poetas, que pola maior parte nam pezam bem as coizas, sem excetuar o Camoens; cairam na parvoice, de aporluguezar mil palavras Latinas, sem necessidade alguma: e asim nam é coiza para rapazes. Antes, polo contrario, deve o mestre advertir-lhe, que ese estilo, nam se deve uzar. Finalmente, a Ortografia do-P. Argote nada vale, como abaixo direi. Mas, em quanto nam aparece outra, ou se-reforma esta arte; pode o mestre uzar dela, com as ditas cautelas.

Devo tambem dizer a V.P. alguma coiza, sobre a Ortografia Portugueza. noticia que me-parece mui necessaria, e que com todo o cuidado se-deve comunicar aos principiantes: pois da-falta desta doutrina nace, que em toda a sua vida, escrevam mal: e, ainda despois de estarem em lugares de letras, é lastima ver, como muitos escrevem. E estas reflexoens, servirám para emendar, o que diz o P. Argote, nas suas *Regras Portuguezas*, e algum outro.

Isto suposto, e compreendendo em pouco, o muito que outros escrevem nesta materia, digo, que os Portuguezes devem pronunciar, como pronunciam os omens de melhor doutrina, da-Provincia de Estremadura: e, posto isto, devem escrever a sua lingua, da-mesma sorte que a-pronunciam. Esta é uma singularidade da-lingua Portugueza, que só se-acha nela, na Italiana, e na Castelhana: ainda-que esta tenha sua variedade: ponho de parte a Latina, que é morta. Daqui fica claro, que devem desterrar-se da-lingua Portugueza, aquelas letras dobradas, que de nada servem: os dois *SS.* dois *LL.* dois *PP.* &c. Na pronuncia da-lingua, nam se-ouve coiza alguma, que faza dobrar, as ditas consoantes. Que se-escreva *Terra*, *Perra*, com dois *rr*, intendo eu a razam: e o ouvido me-aviza, que a pronuncia é fortissima no-*r*. pois quando nam é forte, como em *Pera*, *Caracol*, escreve-se um só *r*. mas em *Elle*, *Essa*, é coiza superflua: porque ou tenha um, ou dois *ss.* sempre se-á-de pronunciar, da-mesma sorte. Nas linguas mortas, fazo escrupulo, de mudar uma letra: mas nas vivas, em que nós temos todo o poder, e uzo, quando a boa pronuncia nam ensina o contrario, sam superfluas as repetisoens.

Os nosos Italianos fomente dobram as letras, quando a pronuncia é diferente: e sam tam escrupulozos observadores da-pronuncia, que nam à Nasam, que os-iguale. De que nace, a grande

de difficuldade que os Eſtrangeiros tem , em pronunciar bem a noſa lingua , nam obſtante ſer labial . porque nam tendo eles , ouvido tam eſperto , para poder perceber , a diferente pronuncia das letras dobradas ; na pronuncia delas , ſervem-ſe de uma pronuncia doce e ſimplez ; a qual os-acuza , por-Eſtrangeiros . O motivo que os Noſos tem , para pronunciarem aſim , é uma antiga tradiſam , deſde o tempo em que a lingua Latina , era viva e domeſtica entre os ſeus antepaſados . pois é ſem duvida , que os Romanos cuidavam muito , em pronunciar bem a ſua lingua ; e que os meſtres , enſínavam iſto aos diſcipulos com cuidado . Eſta tradiſam conſervou-ſe ſempre em Italia . e nacendo o Italiano , da-corrufa do-Latim , conſerváram ſempre as meſmas letras dobradas , que os Latinos tem : e talvez acrecentáram mais alguma . Donde vem , que os Italianos , achando no-Latim as letras dobradas , pronunciáram-nas como dobradas : e , por-eſte meſmo principio , pronunciando o Italiano , com alguma ſemelhanſa do-Latim , dobráram tambem as letras da-ſua lingua : por cuja razam , ſam nela deſculpadas , as repetiſoens . Os Francezes dobram algumas letras , por-neceſidade , para diſtinguirem as pronuncias : outras dobram , porque tomáram os ditos nomes , dos-Gregos , e Latinos , entre os quais antigamente ſe-pronunciavam , e eſcreviam aſim : como mostram os omens , que eſcreveram neſta materia . Tambem niſto tem variado muito : e nam ſam aprovados , polos melhores criticos . E oje os Francezes mais doutos , regeitam muitas letras , que parecem eſcuzadas , por ſe-nam-pronunciarem : como adverte o P.Lima , na ſua Arte Portugueza , e Franceza . Muitos Francezes ſam de parecer , que ſe-devam deſterrar todas . e talvez com o tempo , eſcrevam como ſalam : viſtoque ainda nam á muito tempo , que eſta lingua ſe-comesou a purificar : o que nam excede o tempo , de Luiz XIV. Mas concedamos-lhe o meſmo , que oje concedemos , aos Ebreos , Caldeos &c. é certo , que a lingua Portugueza , todos aſentam , ſe-deve eſcrever como ſe-pronuncia : e aſim , nam deve receber letras , que ſe-nam-proferem .

Deſte meu parecer , ſam muitos Portuguezes de boa doutrina , com quem tenho converſado neſta materia : os quais nam podiam ſofrer , que , ſendo a pronuncia a regra da-Ortografia ; ainda aſim ouveſem omens prezados de doutos , que embrulhaſem a Ortografia , com a preocupáſam de quererem ſeguir , a derivaſam e origem . Se eu ouveſe de eſcrever , tudo o que me occur-

re

re nesta materia , ou tudo o que se-pode dizer nela , faria um longo tratado ; que feria contra o meo afumto , e tambem contra a necessidade da-materia , a respeito de V.P. Direi somente , o que pertence ao meu argumento . Nam obstante que eu á muitos anos , viva nesta opiniam , que a Ortografia comua é muito má ; e , com esta ideia , tenha feito um tratadinho dela , para uzo , e regulamento meu ; contudo nam me-atrevia , a declarar a todos , o meu animo , como faso a V. P. sabendo , que ainda os mais doutos se-ririam , de que um Estrangeiro , viesse dar regras , nesta materia : Sem se-lembrarem , que tambem os que nestes ultimos seculos , escreveram sobre a Ortografia Latina , eram Estrangeiros nela : semque por-iso , sejam mal ouvidos . Mas agora , devendo dizer a V. P. o meu parecer nela , puz de parte , todos os respeitos politicos ; e nam só quiz apontar , o que condeno ; mas , para o-fazer melhor , tive a curiosidade de ler , o que disse nesta materia o P. Bluteau . cuja leitura me-confirmou , no-meu proposito , e me-convida , a abrir-me mais prontamente : porque assim vejo , que tenho mais padrinhos , doque nam cuidava (I) .

Digo pois , que da-observafam que assim fiz , e maxima que estableci , se-devem tirar as reflexoens , para as outras letras , e para todas as mudanças e correfoens da-Ortografia . E começando pola letra *A* , dobram alguns esta letra , em *Menbaan* , *Vaan* &c. e deste parecer , é Duarte Nunes de Leam . Nam se-pode intender , a razam destes omens . Na pronuncia , nam se-ouve aquelle segundo *A* ; e seria verdadeiro ridiculo , quem o-quizesse pronunciar . e assim porque se-aja de escrever , eu nam intendo . O certo é , que a regra da-pronuncia , ensina o contrario . Daqui passando ao *B* , digo , que esta nam se deve conservar , senam naqueles nomes , que especialmente a-tem na pronuncia , como *obstaculo* , *obstante* &c. mas naqueles , que oje se-pronunciam sem ela ;

pa-

(I) O Bluteau no-Prologo do-Suplemento , falando com o leitor Pseudo-critico , confessa , que muitos omens doutos , nam dobram as letras no-Portuguez : aindaque condena , que muitos nam observem , a analogia e derivafam do-Latim , e Grego . que é a costumada cantilena dos-Velhos . Reconhece porem , que seria necessario , reformar a Ortografia Portugueza . Mas , concebendo isto , adotou no-seu Dicionario , todas as variacoes de Ortografia dos-autores ; como confessa no-Prologo do-Suplemento . O que nam tem desculpa em um omem , que estudou trinta anos , o argumento do seu livro .

parece-me escrupulo demaziado . Sobre o *C*, acha-se alguma diversidade entre os mesmos Portuguezes ; em que lugares deve entrar quando tem cedilha , ξ . Comumente antes das-terminaçoens em *ão* o-escrivem , e mais em outras partes : sobre o que nam á regra alguma mais , que o uzo . Nisto alguns sam tam escrupulosos , que se encontram escrito com *s* , *Sapato* , fazem um orrivel espalhafato . Outros desterram o dito *c* , e em seu lugar escrivem dois *ss* . Mas para falar a verdade , e examinar as coizas sem paixam , tudo isto sam iluzoens . Nenhuma diferença na pronuncia se-acha entre o *c* , e o *s* : se alguem contareia isto , que me-faça a merce de mo-provar : porque o meu ouvido , que é bastantemente advertido , nam conhece esta diversidade . Isto suposto , pór dois *ss* , em lugar do *c* , é uma solenissima ridicularia , sem mais razam , que querer distinguir-se dos-outros . Mas nam merecem mais indulgencia , os que se-escandalizam de lerem , *Sapato* , *Surrador* &c. com *s* : porque na minha estimafam asim se-deve escrever . Eu verdadeiramente nam sei donde veio , que o ξa , se-pronunciáse *sa* : mas se é permitido conjeturar em materia tam obscura , suponho que foi , por-engano de quem escrevia , que pintava mal o *s* : e asim com o tempo tomáram-no por-*c* : Porque a falar a verdade o *c* com cedilha sam dois *cc* contrapostos , e que imitam bastantemente um *s* , asim ξ : onde continuando a pronuncia do-*s* por-tradifam ; e achando-se escrito o dito ξ ; intendêram que era uma particular especie de *c* , e asim o-escreveram : Seja como for , o *c* , em tais cazos vale um *s* . e por-esta razam cuido , que é mais mais proprio , e mais natural , servir-se desta letra simplez , que do-dito *c* . Desta forte averia menos confuzam na Ortografia Portugueza , se afentafem todos , a nam escrever antes de *a* , ou *o* , ou *u* , senam um *s* , e nunca o dito *c* . Dirmeám alguns , que tambem o *c* antes de *e* , ou *i* , vále um *s* : e que será tambem necessario desterralo , e convertelo em *s* . Mas eu respondo , que á mui diferente razam . porque o *c* , antes de *e* , ou *i* , tem o seu proprio soido , sem violencia alguma : e aindaque se-posa compenfar com *s* , contudo neste cazo deve-se permitir alguma coiza ao uzo , que o-introduzio . Nam asim o *c* antes de *a* : pois para fazer o soido que eles querem , deve violentar-se , sem ter analogia com as linguas , de que deriva a nosa Portugueza : e asim parece-me grande superfluidade . Este é o meu parecer : Contudo se alguem

ateimáse a servir-se do-dito *c* , nam faria disto um cazo reservado : comtantoque confesáse , que igualmente se-pode escrever com *s* : e que nam se-escandalizáse , de quem fizese o contrario .

Destá regra , de escrever conforme a pronuncia , crejo que se-pode achar excessám no-*Ch* . Tem esta letra aspirada com o *h* , uma pronuncia em Portugal semelhante ao *x* . e assim dizemos *Choro* , *Chove* &c. como se estivera escrito , *Xoro* , *Xove* . Contudo algumas vezes se-deve pronunciar ; como se-fosse um *k* . o que intendo dos-nomes que vem do-Grego , e nos-quais se-ouve o *k* na pronuncia . vg. *Architettura* , *Machina* , *Chimica* &c. O Bluteau nam admite isto , nos-*Opusculos* ; e defende , que sempre o *ch* se-deve pronunciar quazi semelhantemente ao *x* . Mas ele mesmo se-contrareia no-Diccionario : pois diz , que em Portuguez se-deve escrever , *Archanjo* , *Patriarcha* &c. com *ch* , aindaque se-pronuncie o *k* : Tomára pois que me-dese a diversa razam , porque em outros nomes oriundos da-mesma Grecia , se-deva escrever com *qui* v.g. *Monarquia* &c. O certo é , que em ambas as partes a razam é a mesma . Antes parece-me , que com maior razam se-deve fugir o *qui* : porque em Portuguez despois do-*q* , sempre se-pronuncia o *u* , desórteque o *q* por-si só nam une com as vogais , sem se-pronunciar o *u* . E como seria erro pronuncialo , em *Monarchia* , *Chimica* &c. daqui vem que tambem é erro , escrevelo . A quem nam agradar esta minha opiniam , de escrever estes nomes por-*ch* , sou de parecer , que adóte o *k* dos-Gregos : pois é melhor chamar de fóra , uma letra Estrangeira , doque escrever o *q* , que em Portugal geralmente tem diferente pronuncia : o que nam succede no-*ch* , que ja em muitas disoens está recebido em Portugal , com privilegios de *k* .

E nam obsta , que a maior parte dos-Ortografos Portuguezes digam , que o *k* é superfluo no-Portuguez : nam é o mesmo dizelo , que provalo : aqui nam á meio , ou se-deve admitir o *ch* com privilegios de *k* ; ou adotar o *k* , em seu lugar . Sei que podem argumentar com *Aquele* , *Aquilo* &c. em que parece nam se-ouve o *u* : mas isto provém da-pronuncia , que o-toca levemente ; porque em todas as palavras Portuguezas o *q* faz pronunciar o *u* : *Quando* , *Quanto* &c. E principalmente avendo-se de introduzir em disoens novas , ou Gregas , deve sempre observar-se o uzo mais comum . Duarte Nunes poem sempre *c* antes de *t* , como em *Docto* , *Doctrina* &c. Desta afetasam zom-
bam

zombam os omens de melhor juizo ; e cuidoo que com razam : pois se aos nosos ouvidos é infoportavel , quem fala assim , por-que á-de ser toleravel , quem o-escreve ? Bluteau admite o tal estilo alguma vez , para evitar o equivoco ; v.g. *Compãto* , e *Com-pato* : mas eu nam vejo nisto equivoco , pois na segunda disãm o *Com* , deve estar separado . Mas aindaque ouvese equivoco , o contexto o-tira . Outros em lugar do-*c* , sempre poem *u* , e dizem , *Auto &c.* tambem esta afetãsam é condenavel : porque *Auto* , é mui boa palavra , e todos a-intendem . Em *Douto &c.* pode-se conceder alguma coiza ao uzo .

Costumam muitos Portuguezes dobrar os *ee* finais em muitas vozes , especialmente em *Fêe* , *Sêe &c.* e alguns dobram-nos em muitas outras palavras , inclinãdo-se , sêgundo dizem , a uma antiga pronuncia . Mas ou seja antiga , ou seja de novo inventada , deve-se fugir esta introdufãm , pola mesma razam que disse-mos , de ser contraria à pronuncia . Concorda o Bluteau dizendo , que em algumas palavras se-supre , com um acento sobre o *é* . Mas eu digo , que nam sò em algumas , mas em todas se-deve escrever um só *e* . e quanto ao acento agudo , digo , que se-lhe-deve pôr , nam para mostrar , que falta um *e* ; mas para mostrar , que se-deve carregar a vogal ; porque assim ensina a pronuncia .

Pola mesma razam da-pronuncia , se-deve desterrar das-palavras ou Portuguezas , ou apotuguezadas o *Ph* , em lugar de *F* . Muitos Portuguezes introduzem , sem advertencia , em lugar do-*f* , o dito *ph* : outros dam longuifimas regras para distinguir , quando se-deve escrever um , quando outro , mas uns e outros discorrem muito mal . O *ph* dos-Gregos era um *p* , aspirado com muita forsa , e que alguma coiza declinava para *f* . e nam avendo em Portugal semelhante pronuncia , é erro introduzir o dito *p* , quando temos cá o *f* , que tem o seu proprio soido . Daqui vem que aindaque *Filozofia* , *Triunfo* &c. na sua origem tivessem o *ph* , contudo oje que sam palavras Portuguezas , nam só adotadas polos doutos , mas de que indiferentemente se-servem todos ; devem-se escrever com simplez *f* . Temos o exemplo nos-mesmos Latinos , que , quando adotavam algumas palavras Estrangeiras , pronunciavam-nas com a pronuncia Romana : e davam-lhe as proprias declinafoens Latinas . Talvez lhe-conservavam algumas proprias letras , em atenfãm de serem linguas vivas . E muitas vezes , para se-livrarem da-impropriedade , escreviam , e pronunciavam as ditas letras em Gre-

go puro: como todos os momentos encontramos nos-seus escritos; principalmente nas cartas de Cicero, e alguns outros. Esta liberdade de acomodar as palavras, ao estylo da-propria lingua, tiveram sempre todos os Povos cultos: e devem ter tambem os Portuguezes. e assim significando o *ph* um *p* aspirado, com algum soido de *f*; nam o-devemos uzar, vistoque nas palavras Portuguezas, nam temos tal pronuncia.

Quanto aos nomes, que ainda nam estam em uzo por-todos, mas que somente uzam, ou para melhor dizer, algumas vezes se-servem deles os literatos; deve-se praticar outra regra. Se sam nomes (falo dos-Latinos, Gregos, Ebreos &c.) de coizas pertencentes a Artes, ou Ciencias, parece-me que se-devem escrever, com as suas letras' originaes. Vg. se quizer-mos explicar, ou escrever os nomes pertencentes à Anatomia, que sam todos Gregos, segundo o estylo do-Portuguez; escreveremos palavras, que se-nam-intenderám: e assim é melhor, seguir a derivasam Grega: O mesmo digo, de algumas partes da-Medicina, da-Filozofia &c. Muitos destes nomes ou nam se-podem escrever de outra maneira, v.g. *Pneumatologia* &c. ou, aindaque se-posam escrever, nam estam geralmente recebidos, nem ainda polos mesmos eruditos: e assim nam gozam, do-privilegio Portuguez. Se sam nomes Proprios, entra a mesma regra: ou sam pouco uzados; e em tal caso é obrigasam escrevelos, com as suas proprias letras. Onde nam condeno quem escreve, *Homero*, *Herodoto*, *Herodes* &c. aindaque estes trez, e outros semelhantes que estam ja muito em uzo, podem mui bem escrever-se sem *h*: o que ate os nosos Italianos ja fazem: Mas sempre é mais desculpavel, se em semelhantes nomes se-uzam letras da-origem. Quanto porem aos outros, que servem de diferenciar as pessoas Portuguezas, e já estam totalmente naturalizados; devem-se vestir, com o traje de Portugal. E este uzo acho praticado, em todas as Nasoens de melhor doutrina: Quazi todos os nomes da-Sagrada escritura, se-acham mudados na nosa Vulgata. Vg. nós dizemos, o *Mefias*: e se ouvesemos pronunciar como está no-texto Ebreo, deveria-mos dizer, *Maxiaggh* com pronuncia forte, e gutural no-g. o que fizeram os Latinos, para adofar a pronuncia forte, e aspera dos-Ebreos. Traduzindo os Gregos este nome, escreveram, *Christos*: os Latinos, *Christus*: de que nós tomámos a palavra, *Cristo*. Podia apontar mil exemplos, que deixo por-brevidade. Os Gregos quando pro-

pronunciavam os nomes Latinos, faziam-no com o dialeto Grego; e por-isto nós achamos, que nas medalhas Gregas dos-Consules, e Imperadores Romanos, os nomes estam transformados. Vg. este nome, *Marcus Tullius Cicero*, os Gregos escreveram-no nas medalhas, *Markos Tyllios Kikeron*, que tem bastante differença do-Latino: Os Latinos, como ja disemos, davam a terminafam Latina, aos nomes Gregos: e muitas vezes deitavam-lhe fóra algumas letras: basta abrir os Dicionarios, para reconhecer esta verdade. Os nosos Italianos italianizam todos os nomes Estrangeiros, que lhe-chegam às maons, quando eles fãem tais, que se-podem pronunciar à Italiana: e, seguindo a pronuncia Franceza, desterram da-escritura, os ditongos, e tritongos; pondo somente a letra que conresponde ao tal ditongo. outras Nafsoens fazem o mesmo. Se pois em todos os tempos ouve esta liberdade; tambem se-deve praticar em Portugal. E assim parece-me escrupulo ridiculo, querer conservar em *Ieronimo*, o *h*, e *y*: e em *Iozé*, o *ph* &c. tudo isto se-deve evitar, escrevendo os nomes com as letras, com que-se pronunciam em Portugal.

Emfim a regra é geral, que todos os nomes de origem antiga &c. ou sejam Proprios, ou Apelativos, que estam naturalizados, e fãem frequentemente usurpados, ou por-todos os omens, como *Ieronimo*, *Triunfo*, &c. ou polo comum dos-doutos, como *Filozofia*, *Teologia*, *Fizica*, *Metafizica*, e mil outros; devem-se escrever como se-pronunciam. Os nomes ditos que nam fãem geralmente uzados, v.g. *Themistio*, *Theopompo* &c. por-nam escandalizar os ouvintes, ou confundir os ignorantes, é melhor escrevelos, com as letras originaes. Os nomes, em que entra duvida se fãem, ou nam uzados, podem-se escrever, com as letras da-sua derivafam; pois a duvida moltra, que nam é uzual. Isto digo dos-nomes, que fãem puramente antigos, ou que se-derivam de linguas mortas, como a Latina, Greza, Ebraica, Caldaica &c. Quanto pois aos nomes de linguas vivas, principalmente das-linguas do-Norte, em que se-acham muitas consoantes seguidas &c. acho que é melhor, e às vezes precisa necessidade, escrevelos com todas as suas letras: porque sem isto, nam se-poderãem distinguir e reconhecer, os Autores, as Cidades &c. e nacerã grande confuzam. Aquelas consoantes que a nós parecem superfluas, nam o-fãem para eles, porque as-pronunciam, supondo-lhe vogais: onde tirando-as, nem os-intenderemos pronunciar, nem os-sabermos procurar nos-livros: Esta

Esta doutrina que até aqui estabelecemos, deve-se aplicar, a todos os outros cazos que ocorrerem, de quaifquer letras que se nam-pronunciam: E assim nam é necesario repetila especialmente, em todas as palavras: pois qualquer por-simefmo pode applicála. Onde, seguindo a ordem do-Alfabeto, deve-se desterrar o *G*. de *Madalena* &c. Polo contrario deve confervar-se em *Significar*, *Magnifico* &c. porque na pronuncia s'exprime.

A mesma razam perfuade, que nenhum Portuguez deve fervir-se do-*H*, femam quando tem diferente pronuncia. v.g. despois de *c*, como em *Chave*, despois de *n*, como em *Minha* &c., nunca porem quando se-diz, *He*, *Hei* &c. D'esta opiniam foram alguns antigos Portuguezes, como Joam Franco Barreto na sua Ortografia; que quer se escrevam, fem *h*: e o P.Bento Pereira na sua *Grammatica Linguae Lusitanae*, que concede, que em algumas partes se-pode deixar. Muitos Portuguezes que atualmente vivem, e de mui boa doutrina, defendem fortemente, que se-exclua o *h*. e achei um, que fomite o-admitia, quando distinguia uma difam da-outra. v.g. *Ouve* pode significar, *teve*, e tambem, *está ouvindo*: onde no-significado de *teve*, punha-lhe o *h*, para nam cauzar confuzam. Conhefso, que o contexto mostra bem, em que sentido se-toma: e fei que no-Latim, á infinitas palavras, que tem terminafsoens equivoacas, cujo verdadeiro significado se-alcansa, polo contexto. E ainda no-Portuguez *Amara*, e *Amará*, se acazo nam tem acento, fomite se-distinguem polo contexto. da-mesma forte *Cria* verbo que significa, *Tirar do-nada*: *cria* verbo que significa, *Produzir a terra*: *cria* verbo que significa, *Dar leite às criansas*: e *cria*, imperfeito do-verbo *crer*: nam se-distinguem femam polo contexto: o que tambem sucede em muitos outros. Digo fomite, que nam condenaria, quem o-escrevese nestes cazos: aindaque eu pratique comumente o contrario. Fóra daqui, julgo que nam se-deve escrever, em nenhuma outra difam; porque todas se-distinguem mui bem, fem efe final de aspirafam. O Bluteau, que no-Dicionario diz, que em algumas partes se-podia deixar de pôr o *h* no-principio; em outros lugares porem defende, a introdufam do-*h*, querendose desculpar, com a lingua Italiana. Mas erra manifestamente no-que diz. porque nam só os omens mais doutos na lingua Italiana desterráram o *h* do-principio, e de muitas partes do-meio das-difsoens, deixando-o fomite despois de *c*, e *g*, como em *Bianche*, *Vaghe*; porque aqui é verdadeiramente aspirafam forte, e tem feu

particular foído : mas tambem a mesma Academia da-Crusca no seu *Vocabulario Compendiado e Correto*, declara, que fomite uza do-*h*, para evitar algum equivoco . v.g. *Hannò*, Verbo que quer dizer, *tem*; de *Anno*, nome que significa, o *ano* . Como tambem em, *Ho*, *Hui*, *Ha*, inflexoens do-mesmo Verbo; para as-distinguir, de algumas Particulas, que tem a mesma terminafam . aindaque neste cazo nam condenam, quem deixa o *h*. Quando muito admitem o *h*, em *Hui*, *Hoi*, exclamafam de quem se-queixa, ou outro semelhante monofilabo : declarando porem, que aqui, e em quatro vozes que apontam, s'introduzio por-erro antigo dos-impresores, e nam por-alguma fundada razam . O que é muito de notar : fendoque os Toscanos aspiram fortemente todos os monofilabos, semque por-iso escrevam *h*. Fóra destas circumstancias, nenhum Italiano douto escreve *h*: onde falsamente se-serve o *Bluteau* do-seu exemplo .

Mas, deixando o que fazem os outros, e pasando ao que devem fazer os Portuguezes, digo, que nam devem escrever *h* fennam, quando cauza diferente pronuncia, como em *Minha*, *Diz-lhe* &c. O é quando é Verbo, muito bem se-distingue do-*e* Conjunfam, pondo-lhe emfima um acento . Nem eu posso entender porque razam é Verbo, deva escrever-se com *h*, e *era*, *eram* &c. que sam inflexoens do-mesmo Verbo, sem ele . Tambem o *ás*, *á*, Verbos que significam *ter*, mui bem se-distinguem de *ás*, *à* Particulas, com a diversidade do-acento grave . Tudo isto assim distinguem os nosos Italianos, que participam mais que ninguem da lingua Latina, e que sam mui advertidos nestas pronuncias . Onde é erro dizer, *Huma*, *Humilde* &c. mas deve-se escrever, *Uma*, *Umilde* &c. Nem é obscura a razam: basta olhar para à pronuncia, para saber, que é erro, por o *h*. Antigamente o *h* era final de uma forte aspirafam (1). (intendo por esta palavra *aspirafam*, deitar para fóra o ar que se-recebeo, para refrescar o interior, e ajudar a circulafam do-sangue: o que advirto, porque me-parece, que entre muitos Portuguezes, nam é bem certa a significafam desta palavra, *aspirafam*) Deste final pois fomite se-serviam, para suprir as letras aspiradas dos-Gregos . Onde fomite s'escrevia antes das-vogais, cuja pronuncia era bem aspirada, e gutural, como adverte *Cicero* (2) . e talvez antes

d'elas

(1) *S. Aug. l. i. confess. c. xviii.*

(2) *No lixro, Orator ad M. Brutum.*

desas nam se-punha . Mas no-tempo da-pureza da-lingua Latina, nunca os omens doutos escreveram *h* despois de consoante : mas fomente no-principio da-disam , e antes de vogal : e nam escreviam *Pulcher* , mas *Pulcer* : nam *Charitas* , mas *Caritas* &c. o que ainda oje vemos, nos-melhores manuscritos, e inscricoes lapidares : Mas se alguma vez a-punham despois de consoante, foinente o-faziam nas palavras Gregas, ou que de lá traziam origem . De que fica claro, que na lingua Portugueza, em que nam á aspirasam alguma nem forte, nem branda; nam se-deve pòr aquele final, que só serve de avizar o Leitor, que aquela letra deve ser aspirada . Somente do-*U* duvidei por-algum tempo, se admitia antes de si *h* : porque, a falar verdade, parece-me ser aquella letra, que em Portugal se-pronuncia, com alguma aspirasam; porque a mesma natureza da-letra o-permite . mas dezenganáram-me os meus Italianos, que, sendo tam escrupulozos observadores da-pronuncia, nam poem *h* antes de disam alguma, que comece por-*u* : falo dos-que escrevem com a ultima perfeisam . Onde nem menos os Portuguezes devem ter escrupulo, de os-escrever sem *h* :

Sobre as diferentes especies de *II*. é incrível a bulha que alguns fazem, especialmente para determinar, quando se-deve pòr *i* rasgado, ao principio das-disoens . Cuido que esta grande bulha, se-pode reduzir a duas palavras . Distinguir o *i* vogal do-consoante, é mui necesario, para saber quando fere, ou nam fere a vogal . chamamos *rasgado*, ao consoante; *pequeno*, ao vogal; e distinguem-se pola figura . Quanto ao escrevelos ao principio, pouca dificuldade pode nacer, em quem escreve em Portuguez; visloque rarissima palavra Portugueza comesa por-*i* vogal, antes de outra vogal . Onde tirando, *ia* Verbo, *indo* Gerundio, ou outra rarissima, que agora nam me-ocorre; em todas as palavras Portuguezas, que comesam por-*i* antes de vogal, a dita letra é consoante, e deve-se escrever rasgada; ou de forma pequena, ou maiuscula, segundo a necessidade . Alguma dificuldade pode nacer, no-principio das-palavras impresas . Neste cazo nam dezaprovo; que o *i* de *Joannes* v. g. e outros semelhantes seja rasgado, para evitar alguma confuzam . Mas isto intende-se nos-nomes de forma pequena : porque nos-de forma grande, que é a maiuscula Romana, pouca necessidade temos de escrever *i* rasgado no-principio : pois com o outro, igualmente se-pronuncia bem . Quem po-rem em ambas as partes quizese pòr *i* rasgado, nam o-condena-
ria:)

ria :) principalmente se comefam por-alguma das-duas Portuguezas , que afima aponto .

A maior dificuldade confifte em determinar , quando fe-poem G, quando I, antes de e, ou i, nas palavras Portuguezas . v.g. *Gente* escreve-fe com g: *Ereje* uns o-escrevem com g, outros com i: *Ieronimo* com i: *Giro* escreve-fe com g : E outras vezes do-g &c. poem-se um j confoante . Para dar razam destas variafoens, tem alguns escrito longas paginas : mas nenhuma Regra das-que li , deixa de ter fua excefoens . Dizem , que em *Gente* , *Giro* &c. a derivafam aponta o g. concedo : mas que derivafam aponta a letra , que devemos escrever em *Ereje* , e outros femelhan-tes , que nam tem analogia alguma, com as letras da-fua derivafam ? O meu parecer é este : Que os doutos, figam a derivafam Latina , especialmente no-principio ; e tanto nos-Apelativos , como Proprios , que fempre comefam por-i : tirando quando depois fe-segue outro i , que entam é melhor , converter o primeiro em g , como *Ginja* . Que no-meio, uzem mais do-g , que do-i : viftoque nifto tambem á diversidade , ainda nos-que derivam do-mefmo Latim . Mas , nam se-lembrando da-derivafam, &c. pofam fervir-se indiferentemente de ambas . Os ignorantes figam o cofume e a prática , dos-que melhor escrevem . Nem devemos admirar-nos , fe em alguma letra nem todos concordem : nam fendo poffivel , que convenham todos , em materia tam du-vidozza e arbitraria .

Tambem fobre as terminafoens , *am* ; e *aõ* ; fazem alguns longuiffimas disputas , e mui fuperfluamente . Confefa o Bluteau na fua Proza Apologetica , que ja fãiram livros inteiros , para deitar fóra o *aõ* : e que outros lhe responderam dizendo , que o *til* nam era letra , mas *rifco* . O Bluteau protege a pofe do-*aõ* . mas declara , que o *til* fupre a letra *n* : e defende confiantemente , que nam fe-deve tirar o *til* , porque a terminafoem *aõ* , fegundo ele diz , é mais engrafada , que o *am* ; e por-efte motivo deve-fe confervar : muito mais porque seria necesario tambem , defnaturalizar as palavras , *Birimbaõ* , *Catimbaõ* , *Pgo* , &c. Mas o Bluteau nefta materia, deixou-fe guiar por-alguns prejuizos . Dizer , que o *til* é *rifco* , e nam letra , é o mefmo , que nam dizer nada . O certo é , que efte rifco faz , que eu pronuncie um *n* demais , que as letras que alí vejo : onde , chamem-lhe como quizerem , é um verdadeiro *n* : Dizer , que a terminafoem *am* , é di-

ferente na pronuncia , de *aõ* , é outro engano : pois em qualquer disãam Portugueza , que se-ache a terminasãam *am* , todos a-pronunciam como *aõ* : e Portuguezes mui doutos servem-se indifferentemente de ambas : e cuido que com muita razãam ; se è que a segunda se-deva tolerar .

Os que contrareiam isto , nam intendem bem a materia ; nem d'onde naceo , esta particular pronuncia em *aõ* . Quem bem considera o ponto , reconhece facilmente , que aquele *til* , é um rigorozo *m* final : e deveria escrever-se, *Falaom* : porque escrevendo-se desta sorte , e pronunciando-se depressãa , faz o mesmo foido , que *Falaõ* . Daqui naceo , aquella particular terminasãam em *aõ* dos-Portuguezes : porque com a pressãa de pronunciarem , tocam tam de passãagem o *o* ; que nam se-ouve mais , que o *m* : o qual , em vez de o-pronunciarem com os beifos fechados , que é a sua propria pronuncia ; pronunciam com um foido fanhozo do-nariz : que é o estilo prezente de pronunciar todo o *m* final , em Portugal : nam avendo aqui *m* , que se-pronuncie como deve ser . Alemdeque bastava alguma reflexãam , para conhecer isto ; achãse manifesta razãam , para o-persuadir . A *plica* ou *til* , deve significar alguma letra : de outra sorte seria supèrflua , e nam produziria algum efeito . Esta letra só pode ser *m* , ou *n* , e ambos finais : porque de outra sorte seria, *Falamo* , ou *Falano* : o-que nam pode ser . Onde fica claro , que *Falam* , é uma sincope de *Falaom* : e que tanto se-pode escrever um , como outro . Reconhece-se isto melhor nos-plurais . v.g. *Maõ* , faz *maons* : *Varaõ* , *varoens* : nos-quais declaradamente se-ve o *m* , ou *n* , segundo a pronuncia . E eu creio , que antigamente nestes plurais , em vez de *n* , punham *m* ; e que a dificuldade de pronunciar o *m* junto com o *s* ; ou o *scm* do-nariz , que pouco a pouco se-foi introduzindo no-*m* , o-converteo em *n* nestas terminasãoes : pois ainda oje escrevendo-se com um *m* final , a pronuncia o-faz parecer , como *n* . O que , como disse , é um idiotismo particular dos-Portuguezes .

E esta é a razãam , porque os Estrangeiros , nam podem pronunciar bem estas dezinencias ; que naverdade sãam feias , e asperas terrivelmente : porque nam á quem lhe-explique , que o *til* de *aõ* , é um *m* , que os Portuguezes , por-corrusãam , pronunciam como um *n* ; nam só no-fim , mas ainda no-meio das-palavras . Reconheci isto por-experiencia : pois tantoque dei esta explicãam a alguns ,

alguns, e mostrei o vicio da-linguagem ; pronunciáram melhor, que os outros . Daqui concludo, que as ditas terminafões , *aõ*, e *am*, podem-se uzar indiferentemente ; visto que uma é sincopa da-outra : tendo introduzido o uzo, nam pronunciar na segunda, o *o*. Onde disse um erro Inacio Garcez Ferreira, e alguns outros, quando quizeram defender, que estas dezinencias eram diferentes no-soido : e quando ele lhe-chamou, sincopes das-Castelhanas . E nam sei, se confirma tambem o que áte aqui disse, ver, que na Provincia de Entre Doiro, e Minho, ainda oje se-pronuncia, em muitas destas palavras, o *o* ; pois dizem, *Tabaliom*, *Escrivom* &c.

Mas eu digo mais, e asento, que ainda que uma seja abreviatura da-outra, emportava muito à lingua Portugueza, que se-deitasse fóra o *til*, e a terminafam *aõ*, escrevendo-se tudo extensamente : e uma de duas, ou que se-escrevese *Falaom* ; ou, abreviando, *Falam*. Introduzir a primeira escritura, seria mais difficultozo ; porque estes amigos nam querem reformas utis : e assim será melhor, preferir a segunda *am*, que ja está recebida em Portugal . Certo é, que quando os Portuguezes escrevem, a dita terminafam *am*, pronunciam *aõ* : e tambem é certo, que muitos omens doutos servem-se da-primeira terminafam . Este modo de escrever, encoftava-se mais para a pronuncia : e com ele se-evitavam confuzoens . seria tambem a lingua mais facil de ler, e pronunciar, aos Estrangeiros : pois bastava advertir-lhe, que entre, o *a* e *m*, deve-se pôr um *o*, e pronuncialo depresa . Advertimos porem, que ainda que os Portuguezes tenham, esta pessima pronuncia na sua lingua ; quando porem pronunciam a dita terminafam *am*, no-Latim ; devem pronunciala com os beifos fechados, como em seu lugar advertiremos : pois que a lingua Latina nam está fugeita, às suas leis .

Querem alguns, que em *Tempo*, e cutras palavras, em lugar do-*m*, se-ponha *n*, porque assim soa . Cuido, que dizem mal : porque ainda que alguns pronunciem o dito *m*, como *n*, pronunciam muito mal ; pois nesta voz muito bem se-ouve o *m*, e em outras tambem . E ainda que em outras partes, nam seja tam sensível o *m*, deve conservar-se : pois se ouvesemos de tirar todos os *mm*, que nam se-explicam bem, poucos *mm* ficariam em Portugal . Em *Contigo*, *Configo* &c. podem tiralo . Contudo quem o-quize-se tirar em todas as outras, nem por-iso o-condenaria como erro .

A terminafam *an*, tambem cauza duvidas, a muitos Portuguezes: e eu julgo, que nam deve ter nenhuma. Acham-se omens que asentam, que nam á tal terminafam no-Portuguez, e defendem isto, com muita forsa. Se difesem, que a terminafam *an*, antigamente era *am*, nam diriam mal: mas querer defender, que oje nam á tal terminafam, é dizer um erro. Distinguem-se oje os nomes Femininos, dos-Masculinos, com esta terminafam. Vg. *Vam*, e *Van*: *Irmam*, e *Irman*. Nem me-digam, que o *til* é risco, e nam letra: pois ja afima mostrei, que o *til* é uma letra; e que a pronuncia ensina, que á-de ser *n*. Por-esta razam concludo, que será necesario, pòr o dito *n* expreso, deitando fóra o *til*. Muitos Portuguezes doutos seguem esta opiniam: os quais rim-se de Duarte Nunes, que queria se-dobrafem os *aa*, dizendo *Vaa*, *Mēnabaã*.

Sobre o P, ja afima dife, que nam se deve escrever *ph* por *f*: Agora digo, que nem menos se-pode soffrer, o que muitos fazem, pòr *p*, antes de *t*, em muitas disoens. vg. *Prompto* &c. Esta é uma afetafam pouco toleravel: vistoque a pronuncia Portugueza, tem ja desterrado este *p*. Onde nam é a mesma razam do-*b*, ou do-*g*, ou do-*d*, que se-conservam nas palavras, *Obscuro*, *Significo*, *Adverte*: porque este, ouve-se mui bem: e o *p*, nam se-ouve sem afetafam. E nam falta quem diga, que nas duas primeiras palavras tem ja introduzido o uzo, deixar aquelas letras na pronuncia: o que eu nam condeno: como nem menos condeno, quem as-pronuncia. Pode ser que com o tempo, se-deixem totalmente.

Quimera por-*Chimera*, defende Bluteau, e alguns outros: eu julgo, que sem razam alguma; sendoque o *qui*, tem mui diferente pronuncia, doque a que se-ouve na palavra, *Chimera*. Ja afima dife, que a quem nam agrada, escrever estas palavras, por-*ch*, é melhor, uzar o *k* dos-Gregos, doque o *qui*; que tem em Portugal diferente pronuncia, naqual exprefamente se-ouve o *u*.

Introduzio o uzo em Portugal, dobrar os *rr*, quando tem pronuncia forte: e parece-me que este uzo se-deve observar, nam fazendo cazo, do-que aconselham alguns, que um só *r* bastava.

Nam pofo soffrer, que o Bluteau na sua *Proza Gramatonomica*, queira introduzir, no-principio das-palavras Portuguezas, o *s* antes de consoante: e escrever, *Squeleto*, *Spasmo*, *Scena*, *Sciencia* &c. Esta correffam é tam fóra do-escolio, que nenhum Portuguez, que nam

nam seja Latino, saberá pronunciar aquele *s*, no-tal lugar: e o que souber Latim, será necessário, que pronuncie um *e* mui redondo. A razam disto é, porque o *s* Portuguez, que nam é final, é um verdadeiro sibilo ou letra fibilante, que faz ouvir a vogal ou antecedente, ou consequente. e assim, querer escrevela sem vogal, é mudar a pronuncia da-letra, e é fazer uma ridicularia, fundada unicamente em querer mostrar, que sabe a derivasam daquelas palavras. Abrasáram algumas pessoas cegamente, a opiniam do-Bluteau: mas nem por-isto dam razam, ou fazem autoridade nesta materia. Onde, antes de consoante, nunca se-deve escrever *s* simplez.

Deve-se com cuidado distinguir o *u* vogal, do-consoante *v*, ou *ν*, para nam originar duvidas. O que muitos nam fazem, ainda prezados de doutos: pois vejo escrituras deles, que merecem compaixam. Isto porem nam só no-Portuguez, mas ainda no-Latim é necessário: Pois aindaque antigamente, (que os Romanos escreviam com letras maiusculas) todos os *νν* tinham a mesma figura: oje que, com muita razam, se-introduzio esta necessidade, devemos, no-carater pequeno, distinguir na figura estas duas letras, assimcomo as-distinguimos na pronuncia. E fazem mui bem os Alemaens, que, ainda nas letras maiusculas, distinguem o vogal, do-consoante, nos-livros impresos.

Diz Alvaro Ferreira Vera, que nenhuma difam Portugueza, deve acabar em *x*. Muitos porem acabam em *x* algumas palavras, e entre elas, *Felix*, *Simplex* &c. O que eu sei é, que a pronuncia Portugueza acaba em *x*, todas as palavras que acabam em *s*: quero dizer, que todo o *s* final pronunciam como *x*. de que nam quero outra prova mais, que cada um observe, como pronuncia o *s* final; e que diferenca tem do-*s*, que pronunciam nomeio das-difoens. O que suposto, se seja mais util, acabar em *x*, o que se-pronuncia como *x*, ou pronunciar diferentemente os *ss* finais; eu o-deixo considerar a V. P. Mas deixemos o *s*, na sua pose: observo, que nam só o *s* final se-pronuncia como *x*, mas tambem o *z* final: o que V. P. pode ver em, *Di_z*, *Lui_z*, *Fi_z* &c. E daqui cuido que naceo a facilidade, de pôr o *z*, em lugar de *s* final, naquelas vozes de que se-formam outras: como, *Di_z*, *diz_{es}*; *Faz_z*, *faz_{es}*; para por-este meio fazer os plurais, fomite com acrescentar *es*. O que eu nam condeno, mas antes aprovo, e pratico com o exemplo, e com a razam: e cuido assim se-de-

se-deve fazer . Nesta letra é digno de atensam , o demaziado escrupulo de alguns , que magistralmente decidem , que o *x* tem diferente pronuncia do-*ch* , antes de *e* , ou *i* : e que é erro dizer , *Xapeo* ; mas que se-deve pronunciar , *Chapeo* , carregando muito no-*ch* , para o-distinguir do *x* : e advertem , que é erro da-pronuncia da-Estremadura , pronunciar o *ch* , como *x* . Mas , sem fazer caso da-decizam destes Senhores , julgo , que devemos continuar , na pronuncia da-Estremadura . Nam digo , que na escritura convertamos o *ch* , em *x* : deixo as coizas como se-acham : só digo , que na pronuncia , nam á diferença entre uma , e outra letra . Em materia de pronuncia , sempre se-devem preferir , os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura , che todos os das-outras Provincias juntas . Ora é certo , que os ditos pronunciam docemente como um *x* : e nem só eles , mas muitissimos de outras Provincias , tem a mesma pronuncia . Somente alguma diversidade achei nos-Beirenses , que batem mais o dito *c* , encostando-se à pronuncia Romana do-*c* . Mas seja como for , estas nam sam razoens , para persuadir um omem , a que pronuncie o dito *ch* , diferentemente do-*x* : quando a pronuncia comua está a seu favor : a qual por-isto mesmo que é mais suave , deve ser preferida à outra . E saiba V. P. que notei outra coiza , e vem a ser , que os que querem pronunciar o *ch* , nam como *x* , esforsam-se deforte , que , na violencia comque pronunciam , mostram bem , que nam é esa a sua pronuncia . O dizer , que se-devem distinguir na pronuncia , nem menos persuade : porque eles mesmos admitem que *s* , e *c* , antes de *e* , e *i* , pronunciam-se da-mesma forte : onde nam tem que se-escandalizar . E assim o dizerem eles , é erro , nam faz força : devemos responder-lhe , que eles sam os que erram . Advirto porem , que no-meio das-difocens introduzio o uzo , nam pronunciar o *x* , como no-principio ; mas segundo o estilo Latino , como se fosse um *cs* brando , tocando ligeiramente o *c* : v. g. em *Reflexam* , *Conexam* &c. porque assim é mais suave . mas *Paixam* , ainda se-conserva em toda a sua força ; e nam sei qual outro .

O *Y* tem tantos apaixonados , principalmente entre os modernos Portuguezes , que quazi abuzam dele : e acham-se livros , em que sam mais os *yy* , que os *ii* : especialmence o Curvo na sua *Atalaia da-Vida* , e alguns outros . O Bluteau , seguindo a Bento Pereira , diz , que se-deve admitir nas palavras , para mostrar

strar a origem remota delas , principalmente do-Grego &c. Como se sem esta noticia , nam pudefemos faber Portuguez ! Tomára porem que me-difese , se *Meio* , *Cuidado* , *Saia* &c. em que poem o tal y , tem alguma analogia com a origem . Outros dam outras razoens , que nam merecem reflexam , nem espofta : O certo é , que esta volgal antigamente valia o mefmo , que o u , ou tinha um foído mais femelhante a u , que a i . onde se a-quizer-mos tomar , no-feu antigo vigor , faremos uma voz defemelhante , à que queremos pronunciar : e se acazo deve valer um i simplez , tomára que me-difefem , por-qual razam a-poem , onde nam é necessaria. Daqui vem , que é erro efcrever , *Mejo* , *Ley Hey* , *Rey* &c. tudo isto fe-deve efcrever sem y , porque nam sam nomes Gregos , mas puros Portuguezes . Onde nam só os Portuguezes , mas os mefmos nomes Gregos , quando eftam bem aportuguezados , como *Idropezia* , *Ulixes* &c. fe-devem efcrever sem y . Confefo , que nam pude foírer o Bluteau , o qual , fequindo ao Pereira , quer , que a vogal i nam feja fufficiente , para fazer ditongo com a , dizendo , *Pai* , *Dai* , &c. mas que feja de necessidade pòr o y , para o ditongo , Este parecer nam necessita de confutafam : pois quemquer conhece , que com ai , fe-pronuncia , da-mefma foíte que ay : onde o uzo ferve de refpofta ; e nam temos necessidade do-y , para fazer o mefmo , que fazemos com o i .

Pafó daqui ao Z , aquella letra defgrafada , que teve a infelicidade de dezagradar , à maior parte dos-efcritores Portuguezes defte feculo : os quais nam só a-defprezárã , para introduzir em feo lugar o s ; mas alguns deles com decreto afentáram , que fe-devia defterrãr do-meio das-difoens , e prover o feo lugar no-s . Eftef Senhores efcrevem quazi tudo com s . Achará V. P. em alguns dos-bem modernos * * * *Cezar* , *Fazer* , *Quiizeram* , *Mindeza* , *Reduzir* , *Fazenda* &c. tudo efcrito com s . Entre efes achei um , de mui boa fama , que em uma orafam * * efcreve , *Alteza* , *Solenizado* com z : e pouco abaixo , *Ufurpãram* , *Lifonja* com s . poem *Riqueza* , e logo *Luminofó* , *Profufam* . poem *Fazem* , e logo *Religiofo* . Emfim a maior parte deftef modernos doutifimos efcrevem , *Alteza* , *Luzes* , e outras poucas palavras com z : e tudo o reflante , em que devia entrar o z , vai com s . O Vieira , e outros , que nam admitem tantos ss , contudo em algumas difoens fequem o mefmo , e efcrevem vg. *Brazil* , com z , e *Reside* , com s . Mas eu creio , que é necessaria mui pouca meditafam para conhecer ,

cer , que todos estes erram . Os Portuguezes tem a pronuncia do-*ç* asperissima : que creio lhe-ficou , da-comunicafam com os Moiros , e Arabios , que abundam muito difo : e eu acho em Portugal, muitos vocabulos destas Nafcoens . Onde tendo o *s* , e *ç* , differentissimas pronuncias , é erro sem desculpa , pòr o *s* , em lugar do-*ç* , quando este deve ter toda a fua forfa , como no-principio , ou meio das-difcoens . Dezafo todos os Portuguezes, paraque pronunciem estas palavras differentemente , vg. *Luzes* , e *Lizonja* ; *Abraçado* , e *Plauzível* ; *Riqueza* , e *Religiozo* . nam averá algum que se-atreva a dizer , que nas primeiras se-ouve *ç* , e nas segundas *s* : mas em ambas as partes se-ouve um *ç* mui grande, e gordo . Sendo pois esta pronuncia particular na lingua Portugueza , acha V. P. que se-pode soffrer , desterrar todos os *çç* , para introduzir uma letra , que foa differentemente ? a isto chamo eu destruir , nam emendar , a boa Ortografia . Alem difo , eu acho em Portugal motivo, para dizer o contrario . ponhamos exemplo nestas duas palavras , *Azeite* , e *Aceite* ; ou tambem , *Razam* , e *Raşam* . Ninguem dirá , que estas duas palavras foam da-mefma forte : porque em tal cazo nam averia motivo , para as-distinguir na pronuncia . todos tambem conhecem , que o *c* , com cedilha *ç* , antes de vogal , pronuncia-fe como *s* ; e que por-esta razam muitissimos Portuguezes indifferentemente uzam delas . Daqui pois segue-fe, que se-*ç* , se-deve pronunciar como *s* , os ditos pares de vocabulos devem pronunciar-fe da-mefma forte . Mas sem eu proguntar isto a omens doutos , mas fomite ao leigo da-cozinha de V. P. fei que me-responderá , que *Razam* , e *Raşam* , fam coizas mui diferentes : *Azeite* , e *Aceite* , nam menos : E afim nam tenho lugar de duvidar , que , pronunciando-fe differentemente , devem tambem escrever-fe , com letras diferentes . Se concedem , que o *ç* se-deve confervar , em algumas vozes , como todos concedem ; que *razam* á , para o-nam-confervar nas outras ? Se dizem , que o dito *s* se-deve pronunciar como *ç* , merecem rizo quando quèrem pòr aquele, por-este . ou deitem fóra esta letra do-alfabeto ; ou escrevam-na onde deve entrar . Fazer o contrario , é destruir a pronuncia da-lingua , ou batizar de novo as letras .

Somente porei *ç* em lugar de *s* , no-fim de algumas difcoens , de que se-formam outras , como afima dite : porque o uzo introduzio esta pronuncia do-*ç* , femelhante ao *s* . o que fufpeito que provèm de uma *Apocope* , que se-acha nas tais palavras : e que

antigamente despois do-*z* se-punha uma vogal : como *á* exemplo em muitas linguas , e tambem na Portugueza .

Lendo eu a este intento o Bluteau nos-opusculos , (1) fiquei confirmado , que poucos omens pensam bem , ainda dos-que tem bom nome . Confessa , que muitos eram de parecer , que s'escrevese *Filozofia* , sem *ph* : e que sempre se-avia de seguir a pronuncia , pois era esta a maior excelencia do-Portuguez ; no-qual as letras dobradas eram inutis . Que desta opiniam era Duarte Nunes de Leam , & Joam de Barros , nas suas Ortografias ; e outros muitos autores , que escreveram da-lingua . Contudo diz , que na Academia do-Ericeira se-afentara , que nem sempre se-devia escrever como a pronuncia : Mas aqueles nomes que conhedidamente encerravam origens sem corrusam , s'escrevem como na sua etimologia , quando as letras nam fossem como a pronuncia : e assim *Coro* , e nam *Choro* : *Monarquia* , e nam *Monarchia* : E que os *z* s'evitafem muitas vezes , servindo-se do-*s* . Confesso a V.P. que nam pude ler isto sem rizo . Eu nunca li as obras do-Leam , ou Barros , nem me-cansei em buscalas : mas agora fico formando melhor conceito deles . Polo contrario nam fei , quais eram os votantes na dita conferencia : porem olhando para o que afentaram , formo mau conceito do-seu juizo : pois conhedendo a razam , e tendo bons autores , que os-apadrinhafem ; ainda assim quizeram seguir os prejuizos e preocupafens que mamaram , fomite porferem antigas . Isto certamente nam e emendar a Ortografia . O pior e , que o Bluteau conhedendo isto mesmo , como em algumas partes confessa , deixa-se guiar da-corrente . Assim mostrei , que *Monarchia* , deve-se escrever com *ch* , vistoque assim escrevem *Archbanjo* os contrarios &c. e nam tem diversa razam , sem cairem em uma superfluidade . Devendo pois desterrar o *ch* , e melhor servir-se de *k* ; mas nunca de *q* . O mais tambem ja fica advertido .

Certamente que o dizer o Bluteau , que nos-nomes se-deve observar , a Ortografia da-derivafam , como em *Philosophia* &c. porque de outra forte nam se-saberam buscar nos-Dicionarios ; e reflexam que merece rizo : porquanto as derivafoens , só as-procuram os doutos : e estes bem as-sabem . os ignorantes , nem as-

TOM. I.

E

buscam,

(1) Na 6. conferencia literaria aos 18 de Maio de 1790.
em casa do-Conde da-Ericeira ,

buscam, nem necessitam de buscalas, aindaque queiram falar, e escrever puramente.

Até aqui tenho feito algumas reflexoens, principalmente sobre as coizas, que se-devem deixar: agora farei outras, sobre as que se-devem acrescentar. Nam cuide V. P. que estas sam de menor momento nesta materia: antes muitas vezes delas depende o aumento, a pureza, e elegancia da-lingua. Ponho em primeiro lugar os *Acentos*: que creio, sam indispensavelmente neccsarios, para distinguir muitas palavras. Nam podemos sem elles saber, se *Amara*, é preterito, ou futuro: e damedma sorte em outras muitas palavras. Tambem para distinguir os *Nomes*, dos-*Verbos*, vg. *Pronuncia* nome, de *Pronuncia* verbo. Assimque este deve ser todo o cuidado dos-mestres: que devem advertir aos discipulos, em que partes se-devem pôr, para bater com mais, ou menos forsa as vogais, e distinguir os tempos, e as vozes: vistoque os Portuguezes nam tem letras dobradas, que antigamente serviam a outros, para mostrar as diferentes pronuncias. Porque eles com as dobradas, pronunciavam diferentemente: e os Portuguezes, tirando em pouquissimas palavras, pronunciam como se estivesse uma simplez letra.

Nam ignora V.P. que as *virgulas*, *pontos*, e *dois pontos*, foram inventados, para distinguir melhor o discurso. Este é um dos-defeitos da-antiga escriptura, que tinha poucos finais destes: é por-isto é às vezes bem embrulhada. Muitas vezes verá V.P. um ponto, depois de cada palavra: o que faz grandissima confuzam. Outras vezes, o lugar em que punham o ponto, mostrava a diversidade da-pontuafam: quero dizer, que o polo na cabeça, ou no-corpo, ou no-pé da-letra, mostrava que era *virgola*, *dois pontos*, e *ponto*. E como nam temos documentos bem claros, ainda oje vareiam muitos os Gramaticos no-determinar, quando era ponto, e quando virgula &c. Com efeito eu vi uma lapide antiga, na qual os pontos todos estavam em um mesmo sitio, no-corpo das-letras: o que aumentava a confuzam. Os Modernos mais advertidos inventáram estes diversos finais, para nam nos-enganar-mos nas pauzas, e no-sentido do-discurso. Mas ainda nisto procederam devagar: e eu vi livros impresos nos-priméiros témpos, quero dizer, nos-fins do-seculo XV. e principios do-XVI. nos-quais nam avia mais que virgulas, e todas damedma figura: o que aumentava sensivelmente o embaraço: sendo

necessario um grandissimo estudo, para distinguir os sentidos. E isto se-pratica ainda oje nos-originaes das-Bulas Romanas, escritos sem virgulas, nem pontos: os quais quem nam é pratico dos-estilos da-Dataria, nam pode ler; nam só polo carater Gotico, mas pola Pontuafam. Os Modernos evitáram isto, com a differença de figuras. Onde sendo os Acentos, os que tiram a confuzam à pronuncia, e ensinam, como se-devem distinguir as partes do-discurso; valem infinito preso, e devem praticar-se com cuidado. Nam digo, que escrupulozamente pratiquemos as trez fortes de acentos: pois nem os mesmos Romanos se-serviam muito do-*circumflexo*, que com o tempo perdêram. basta uzar do-*agudo*, que se-escreve assim (´) para bater mais as filabas: do-*grave* neste modo (`) para as particulas, que se-toçam menos: em algum cazo quem quizesse podia pôr o *circumflexo* sobre o i, para dar lugar ao ponto defima. Isto é o que basta.

Aos acentos seguem-se as *linhas*, que se-escrevem entre as disoens, para as-juntar, ou dividir na pronuncia. Os Ebreos tambem tinham estas linhas; e alguns Povos Europeos. Algum Portuguez a-uzar. mas sería justo que a-uzassem mais, e com regras determinadas: pois ajuda muito a pronuncia, e distingue muito as disoens, principalmente as compostas. Julgo, que se-deve uzar naquellas, que compoem duas palavras perfectas, que costumam estar às vezes separadas. v.g. *Fazemos-lhe*, *lhes-fazem*, *nos-dizem*, *dizem-no* &c. Com isto se-mostra, quando os Pronomes unem com os Verbos, nam só no-sentido, mas na pronuncia: e finalmente, quando muitas disoens na pronuncia compoem uma. Deve-se tambem pôr entre a Particula *se*, quando é Pronome, e o Verbo. v.g. *Se se-fizer*. o primeiro *se*, é Conjunctam condicional: o segundo, é Pronome, e une com o Verbo. Onde a dita linha é de grande utilidade, para mostrar as palavras, que devem pronunciar-se unidas. v.g. o *Nos*, algumas vezes é Nominativo, *Nós fazemos*; e pronuncia-se separado, e com acento forte: outras vezes é Cazo, v.g. *nos-fazem*: o que se-distingue mui bem com a dita linha. Tambem às vezes serve, para distinguir os tempos. v.g. *Amáse* preterito, e *Ama-se* presente, com esta linha se-distinguem: porque esta separafam de vozes mostra, que, quando chegamos ao *a*, deve correr a pronuncia, para apanhar o *se*: que é o mesmo que dizer, deve nam parar no-*a*, nem carregalo: no-que se-distingue o tempo. Sei, que com os acentos se-podem dis-

tinguir estas coizas , digo , este ultimo cazo ; e por isto digo , que ou uma , ou outra coiza se-deve praticar : aindaque eu , por-intender que sam necessarias , pratico ambas .

Quanto ao *se* , nam só deve ter linha , quando se-une imediatamente ao Verbo , mas tambem quando s'interrompe com a Particula negativa . v. g. *se-nam-faz* , quando vale o mesmo que , *nam se-faz* . porque aindaque a Particula pareça que separa ; contudo no-dito cazo a negação é unida ao Verbo , e faz com ele um só corpo , e sentido : da mesma forte que entre os Latinos , a particula *in* unida aos Verbos . Onde a separação , é fomenta quanto à vista : e as duas linhas ensinam , que se-deve pronunciar tudo , como uma só palavra . Serve às vezes a dita linha nam só para unir as palavras , que este é o seu principal fim ; mas para evitar os equívocos . E assim poem-se na Particula *Por* , quando significa *causa* &c. para distinguila do-Verbo *Pôr* . tambem nas Particulas *no* , *do* , *da* , para as-distinguir dos-Sustantivos *nó* , e *dó* , e do-Verbo *dá* , ou *dás* . Em todas estas , e outras semelhantes , milita a mesma razão . nas quais podem será justo pôr acento , quando deve ser .

Em outras partes tenho visto uzar estas linhas , que nam meparecem de tanta necessidade . v.g. *Fazemos* : que algum douto escreve : *Faze-mos* : ou tambem quando uma consoante se-converte n'outra , para evitar o concurso de muitas vogais : v.g. *Fazê-la* , *Aná-la* , que vale o mesmo que , *Fazer-a* , *Amar-a* . Mas nestes primeiras peços do-plural parece escuzada , porque se-intendem muito bem , e estam muito em uzo . E o mesmo julgo , dos-segundos exemplos : muito mais porque nestas em que vai *La* , muitas nam se-acham separadas às vezes , v.g. *Quere-la* &c. Mas quem nestes segundos exemplos ateimáse a praticala , nam faria erro . O que podem me-parece afetação é , querer separar esta voz *Mente* , dos-nomes com que faz Adverbio : *Pia-mente* , *Antigamente* &c. Na pronuncia destas disoens , nam pode aver engano : e quem as-separa , intende mal as coizas .

Podem opor-me uma difficuldade , vem afer , quando se-dividem as palavras no-fim das-regras , como á-de conhecer quem copeia , se na seguinte regra deve pôr a palavra inteira , ou com a dita linha . Mas a isto respondo , que se-conhece muito bem deste modo : se as palavras se-dividem por-necessidade da-regra , poem-se no-fim duas linhas assim = : quando se-dividem na divi-

zam da-linha, basta pôr uma só linha . Primeiro exemplo assim ; *Fa=ziã* : segundo exemplo : *Faz-me* . Se no-fim da-regra se-acha o *Fa=* com duas linhas , é final que na imprensa , ou copia deve ser inteira a difam : se tem só uma linha, succedendo ficar toda a difam na seguinte regra, deve ter tambem a linha : e isto é facil de praticar .

Creio que será mui justo, introduzir na lingua Portugueza, os *Apostrofes* : que sam umas virgulas, que se-escrivem no-alto de uma consoante antes da-vogal seguinte ; para mostrar, que falta uma vogal, e que a consoante se-deve unir na pronuncia, com a vogal da-seguinte difam . Digo na proza, porque no-verbo o Camoens, e outros ja os-introduziram . Os nosos Italianos introduziram os *Apostrofes*, para abreviarem as difoens : vistoque, comendo-se as ditas vogais na-pronuncia, é superfluo escrevelas : bastando ali pôr o final, de que deveriam estar . O mesmo fazem os Francezes : e cuido que, sem alguma censura, o-podem introduzir os Portuguezes . Onde será permitido escrever, *Amor d' Antonio* : *Cam d' agua* &c. A razam disto é, porque ou na proza, ou no-verbo nam se-faz cazo daquela primeira vogal : e assim podemo-nos dispensar de a-escrever . Em 2. lugar, porque nam se-perde com isto o sentido, nem se-faz equivoco . Em 3. porque faz a pronuncia mais doce . o que principalmente se-conhece, quando as vogais sam semelhantes : no-qual cazo pronunciar dois *ee*, ou dois *aa*, é aspero, e cansa . Assim cuido, que neste cazo, é necessario ; nos-outros, mui agradavel o *Aposirofe* . Nem isto é tam novo em Portugal, que nam se-achem vestigios desta uniam na pronuncia : antes nam á coiza mais frequente . Considere V.P. estas palavras, *Desto*, *Daquele*, *Damesma*, e outras semelhantes ; e verá nelas o que digo . Antigamente escrevia-se, *De este*, *De aquella*, *De a mesma* &c. o que facilmente alcaufa quem considera, o que vale aquele *d*, e com que motivo se-introduzio . Mostrou a esperiencia, que, pronunciando estas particulas separadas, ficava aspera a pronuncia : e assim deitaram-nas fóra até da-escritura . O que suposto, o que eu aconselho é, que pratiquem com as outras difoens, que se-unem na pronuncia, o mesmo que tem praticado com estas : e que em ambas as partes ponham o *Aposirofe*, para mostrar a vogal que falta ; e com isto ensinar melhor a compozisam das-difoens, sabelas conhecer, e buscar . Apostarei eu, que de dezmil omens Portuguezes, a um só nam veio nunca à

imaginam, que *Defte &c.* é composta de *De*, e *Este*. Proguntei isto a alguns, e nam me-fouberam responder: e contudo serviam-se indiferentemente destes termos. Eu teria uzado mais amido dos *Apostrofes*: mas como ainda nam estão bem introduzidos, temo que me-nam-intendam. pouco a pouco devemos acostumarlos a isto.

Outra coiza tenho que reprender, na maior parte dos-Portuguezes, e vem a ser, que dividem muitas disoens, que deviam estas juntas. Vg. escrevem, *Ainda que*, *Para que*, *Com que*, *Por que*, e outras conjunsoens semelhantes. Mas erram, porque aquelas palavras quando se-seguem umas a outras, devem estar unidas, e fazem uma só palavra: e até isto pode ser necessário, para fugir de equivocasoens. Se eu disser: *Para que omem me-manda!* *Com que razam me-persuade!* neste cazo o *que*, é Relativo. e deve estar separado. Mas quando significa o mesmo, que *eisi*, *ut*, *igitur*, *quia*, como nas quatro acima apontadas; deve estar junto: o que servirá muito, para os-distinguir ambos. Isto mesmo praticáram os Romanos. *Attamen*, *Etenim*, são compostos de *At*, *tamen*; *Et*, *enim*. *Quamobrem* é composto de trez disoens, nenhuma das-quais é Adverbio: e contudo juntas fazem de muitos nomes um. E isto mesmo devem fazer os Portuguezes nestas disoens indeclinaveis: e ainda algumas vezes nas declinaveis, que se-unem com o Artigo &c. o que o uzo ensinará; e a pratica dos-omens doutos confirmará.

Tambem sobre os *Plurais* seria necessário, estabelecer um uzo constante. O P. Bento Pereira diz, que o plural de *al*, é *ais*, e nam *aes*. e parece que tem razam; porque a pronuncia mostra um *i*, e nam um *e*. Mas nisto á tanta variedade, que uns escrevem *ais*, outros *aes*: e o pior é, que o mesmo escritor serve-se às vezes, d'ambas as terminasoens. Um destes é o Bluteau: que, tendo aprovado na Proza Gramatonomica a opiniam do-Pereira, contudo escreve *Misfaes*, e outros plurais semelhantes. Mas ja adverti, que o Bluteau é inconstante na Orthografia. Mais controversos são, os que acabam em *er*, como *Chanceler*, cujo plural querem muitos que seja *Chancereis*: e nisto tropeça muita gente boa. Cuido, que é mais proprio, e mais chegado à analogia, *Chanceleres*: e assim todos os mais. Damesma sorte *Almifcar*, deve fazer, *Almifcares*. Tambem é mui duvidozo o plural de *Simplez*, como tambem *Feliz*. Muitos escrevem o primeiro com *x*, em ambos os

números : o que aumenta a confuzam . Outros escrevem no-singular , *Simplice* : que parece afetasam vergonhoza . Ou acabe em *s*, ou *z* no-singular , o plural deve acrescentar somente um *es* : v.g! *Simpleses* , ou *Simplezes* . O mesmo digo , dos-que afetam dizer no-singular , *Felice* , e plural *Felices* . Digo , que no-singular deve-se dizer *Feliz* , ou com *s* , ou *z*; e no-plural *Felizes* : e assim dos-mais . as palavras *Indice* , e *Index* , ja oje se-recebem indiferentemente em Portugal . Que *Brazil* , faza *Brazis* , está muito bem : mas que *Malsim* , *Beleguim* , fafam *Malsis* , *Beleguis* , como querem alguns ; é contra a pronuncia boa , que mostra um *n* mui claro . E assim estes em *im* , devem acabar em *ins* , *Malsins* . Os outros plurais em *aons* , *aens* , e *oens* , é facil determinalos ; advertindo as anomalias que se-acham nas tais regras , que nam sam poucas .

Mas nam pára a qui a reforma : deve-se dar um passo mais adiante , e acrescentar muita coiza , em que é defeitoza a lingua Portugueza . Consiste a primeira , em adotar algumas palavras Estrangeiras , para explicar melhor o que queremos . Nam acho em Portugal palavra , que explique a idea que formam os nosos Italianos , (e ainda os Francezes) quando proferem esta palavra , *Penjo* : dizendo , *Um omem que pensa bem* : *Que pensa mal* &c. Dizer , *Ajuizar* , nam explica : porque *ajuizar* é uma especie de *Pensar* ; mas nam comprehende tudo quanto diz , *Pensar* . Nem menos serve , *Considerar* : porque *considerar* é o mesmo que *Meditar* , *Examinar* uma materia ; e *Pensar* diz mais . Um meu amigo , para dezatar este nó , servio-se de *Pensamentear* : mas parece afetado . E' mais proprio e natural , servir-se do-Verbo *Pensar* , que comprehende todas as operacoens do-intendimento . Onde , diremos que um omem *Pensa bem* , quando se-serve de todas as qualidades da mente ou entendimento , como deve ser .

A mesma difficuldade pode nacer em outras palavras . Aqui confundem *Iuizo* , e *Intendimento* : sendo coizas muito diferentes : porque cada nome destes distingue uma particular faculdade da- alma , esta de intender , aquela de julgar . A estas duas unem outras duas , *Ingenho* , e *Talento* : as quais nam só sam diferentes das-ditas , mas entre si . *Ingenho* , somente explica a facilidade que temos , para unir diferentes ideias , de um modo que eleve . *Talento* , significa a capacidade tanto de intender , como de julgar , e discorrer . Seria bom , que se-distinguissem estes significados , e se-explicassem aos rapazes , para nam confundir as palavras .

bras . Parece-me , que para explicar aquilo , a que os Latinos chamam , *Mens* , *Intelligentiã* , e algumas vezes *Intellectus* , se-podia adotar em Portugal a palavra *Mente* , como fazem os nosos : a qual explica melhor tudo . O uzo tem introduzido , que *Intendimento* seja sinonimo de *Mente* .

A ellas se-podiam ajuntar outras muitas palavras Estrangeiras , que explicam melhor o que se-quer dizer ; principalmente quando se-trata de Artes e Ciencias : cujos termos é necessario uzar , mas com cautela . Nam digo , que se-devam adotar cem mil termos Latinos , que no-Portuguez sam inutis : antes condeno isto muito em bastantes Portuguezes , que enchem os feu escritos , de mil palavras Latinas sem tom nem som , somente para parecerem eruditos . Este é aquele vicio dos-pedantes ou ignorantes , a que os nosos chamam , *Pedanteria* . O que digo é , que nam avendo termo proprio em Portuguez , se-pode , e deve buscar fóra : e muitas vezes pode-se buscar fóra , nam tanto por-preciza necessidade , quanto para maior ornato da-lingua : aqual é justo que nam seja tam pobre , que nam tenha algumas ocazioens dois ou trez sinonimos , para explicar as mesmas coizas : outras vezes para adofar a pronuncia aspera de algumas vozes antiquadas : e fazer seja mais bela , e mais suave a lingua materna . Mas aqui é que está o juizo , em fabelos adotar sem afetasam . Porei um , ou dois exemplos . Em Portugal nam á nome proprio , para nomiar aquele criado de libré , que acompanha feu amo a pé vizinho à carruagem , ou cavallo . Os nosos Italianos explicam isto com uma palavra , *Staffiere* , ou *Palafreniere* . Porque nam uzaremos destes termos em Portugal ? Chamamos aqui *Letrado* , ao que advoga nas cauzas : chamamos aos omens doutos , *Letrados* . Mas isto é uma impropriedade . *Letrado* , *Douto* , *Erudito* , *Sabio* , sam sinonimos , mas de significasam mui generica . Aos que advogam , deviam chamar *Advogados* : que é o feu nome proprio , ainda na lingua Latina , como diz Quintiliano , e Alconio : *Advocatus* , i. e. *Patronus* , *Causfidicus* . Adotáram os Portuguezes estas palavras , *Berlinda* , *Paquebote* , *Estufa* , *Sege* &c. para distinguir as diferentes fortes de carruagens de que uzam : mas podiam adotar muitas mais : avendo aqui outras carruagens , que nam tem nome proprio , que em outras partes o-tem . As artes Liberais ; Ciencias &c. tratando-se em Portuguez , devem ter os seus nomes Estrangeiros , mas aportuguezados . Finalmente , se eu ouvese
de

de escrever tudo, o que me-ocorre nesta materia, faria um grosso volume: e assim contento-me, de apontar estes exemplos. O que encomendo muito é, que com este pretexto, nam nos-encham a lingua de Latinismos, Francezismos, e Italianismos, como entre outros fez Inacio Garcez, nas Notas ao Camoens.

Seria mui util, que os omens doutos introduzifem uma terminafam certa, em todos os *Patronimicos* de Provincias &c. no que falta muito a lingua Portugueza. A um omem das-Provincias, chamam *Algarvio*, a outro *Alemtejam*, a outro *Minhoto*, *Beiram* &c. E ainda estes nomes nam sam geralmente, e benignamente tecebidos; porque se-reputam injuria. Mas o pior é, quando pasamos aos *Patronimicos* de Cidades; comumente nam se-acham: mas dizem: *Um omem d' Evora*: *Um d' Elvas* &c. Neste cazo parece licito, fazer nomes novos, e dizer, *Evorense*, ou *Ebo-rense*, *Coimbrense*, *Portuense* &c. E o mesmo dos-outros antecedentes: os quais podem terminar-se em duas maneiras: v.g. *Algarviense*, ou, com outra dezinencia Romana, *Algarviano*: *Alem-tejense*, *Alentejano*: *Beirense*, *Beirano* &c. Nos-nomes de Provincias Ultramarinas, deve-se observar o mesmo. v.g. *Brazileense* &c. *Insolense*, *Indiano* &c.

Em todo o cazo porem, tanto na introdufam de nomes novos, como na pronuncia dos-antigos, sempre se-deve cuidar, em adofar a pronuncia, e fazela, quanto mais puder ser, facil. Nisto pois á muito que condenar em Portugal, principalmente nestes modernos eruditos; que, querendo parecer elegantes, e mui versados na sua lingua, e origens dela; dizem coizas, que é uma piedade ouvilos. V.g. Escrevem, *Volumozo*: sendo *Voluminozo* muito mais suave, e mais chegado à analogia Latina. Dizem, *Exceptas*: sendo mais natural *Excetuardas*, que vem do-Verbo *Excetuar*, que é mui Portuguez: quando polo contrario nam acho nela, o verbo *Exceptar*. Dizem, *Eregia*: que ofende os ouvidos com a pronuncia: sendo melhor *Erezia*, que é mais doce, e nem por-isto menos conforme ao Latim. Dizem, *Pessoa comum*: que é uma verdadeira ridicularia: porque aindaque a palavra *comum*, signifique coiza de muitos; deve ter as suas duas terminafoens em Portuguez, assimcomo tem no-Latim, em que explica diferentemente o *Neuro*: e o superlativo *Communissimus*, tem trez mui redondas. Onde deve diver-se, *Coiza*, ou *pesoa comua* &c. Finalmente, (deixando por-agora outras reformas destes escrupulo-

zos) nóto que escrevem *Pai* , *Mai* , ou com *y* , ou com *i* : Quanto ao primeiro concordamos : mas nam no-segundo : porque na pronuncia ouve-se um *e* , e *n* mui redondo : e assim deve escrever-se *Maen* , porque assim pronunciam os omens de melhor doutrina . Nem vale o dizer , que com isto se-conformam mais , com outras semelhantes palavras Portuguezas : porque , como ja disse , o uzo , fundado sobre a pronuncia mais doce , faz lei neste particular .(1) . Tambem eles dizem *Catam* , *Varram* &c. e no-mesmo tempo dizem *Cicero* , *Pollio* &c. e nam *Ciceram* , *Polliam* &c. sendo a mesma razam . No-mesmo Latim , ou Italiano vemos , que uma palavra se-pronuncia de um modo , e outra , que vem da-mesma origem , diferentemente . o que V. P. pode ver nos-livros de *Cicero* , que aponteí assim , que traz exemplos de tudo : por-nam citar agora exemplos vulgares , que sam muitos . Assim asento , que , com esta regra diante dos-olhos , é que se-deve emendar e reformar a lingua .

Mas o que me-dá mais vontade de rir é , ver as cautelas que praticam , para dizerem , *Porco* . Uns dizem , o *Gado mais asquerozo* : outros dizem , *Carne suina* : e louvam muito isto em alguns antigos escritores . Tudo puerilidades . *Porco* nam é palavra obscena : dizem-na os Latinos , e os nosos Italianos diante do-Papa . Antes creio que *asquerozo* , traz a memoria nam só coiza *suja* , como o *porco* , mas coiza que volta o estomago . Estas delicadas orelhas pronunciam , *fugidade* , *escremento* , *lesmas* , *ratos* , *persevejos* , *piolhos* , *pulgas* , e outras coizas imundissimas sem dificuldade : e acham-na grande em pronunciar , *Porco* . Que lhe-parce a V. P. a esquipasam ?

Finalmente devo advertir a V. P. que estes seus nacionais , ainda falando , pronunciam mal muitas letras no-meio ; mas principalmente nos-fins das-discoens . V.g. e final , pronunciam como *i* : como em *De-me* , *Pos-me* &c. todo o *o* final , acabam em *u* : v.g.

em

(1) *Impetratum est a consuetudine , ut peccare suavitatis causa liceret .* & pomeridianas quadrigas , quam postmeridianas , libentius dixerim : & mehercule , quam mehercules . Non scire quidem , barbarum jam videtur : nescire dulcius : *Ipsum meridiem cur non me-*

dididem ? Credo , quod erat insuavius . Cicero . Orator . ad M. B. num. 47 . Et infra = Consule veritatem , reprehendet : refer ad aures , probabunt . quare , cur ? ita se dicent iuvare . voluptati autem aurium morigerari debet oratio .

em *Tempo*, *Como*, *Buxo* &c. cujos nomes quem quer pronunciar à Portugueza, deve acabar em *u*. todo o *m* final, e no-meio, como *e*. todo o *e* antes de *a* no-meio da-difam, pronunciam como se-fosse um tritongo. v.g. *Cea*, *Veia*: que pronunciam *Ceia*, *Veia*: namobstanteque na escriptura, comumente nam ponham o *i*. E nisto merecem rizo alguns Portuguezes, que nas suas Orthografias impresas ensinam, que na lingua Portugueza se-devem pronunciar algumas letras, aindaque nam estejam escritas: e que umas letras devem pronunciar-se por-outras: v.g. achando-se *Outo Dous* &c. se-deve pronunciar o *u*, como *i*. Isto, como digo, é querer confirmar os rapazes, nos-seus erros. Deveriam polo contrario dizer, que, pronunciando-se o *i* em *Cea*, se-deva escrever tambem com *i*, para se-conformar com a pronuncia: Muito mais porque eles escrevem *Meio*, *Veio*, *Correio* com *i*, e a mesma razam milita, nos-que apontamos, e semelhantes. Damesma forte achando-se escripto *Outo* com *u*, deveriam ensinar aos rapazes, a conformar-se com a escriptura, se intendem que é arrezoada: se porem intendem, como na verdade é, que parece aspera e dura; deviam dizer, que se-escrevêse com *i*; e nam enganar os rapazes na pronuncia.

E na verdade nam posso intender, por-que razam, pronunciando os omens doutos nos-seus discursos, *Dois*, *Oito*, *Oitenta*, *Toiros*, *Coizas* &c. devam na escriptura mudalo em *u*; se nam é por-se-conformar com quatro velhos impertinentes, que intendem e julgam mal das-coizas. Este é o mesmo caso de *Optumus*, *Maxumus*, *Dividundo*, *Faciundo*, e outros semelhantes dos-Latinos. Cicero, Cezar, Nepote, e outros omens cultos, nam puderam soffrer aquella pronuncia; e convertêram aquele *u* em *i*, para fazer suave a lingua: Salustio, que nos-ultimos tempos o-quiz conservar, foi criticado: e nem menos agradou *Varram*; que era o protetor das-antiguidades. Onde deve isto tambem ser permitido na lingua Portugueza, que filha da mesma maen, tem as mesmas qualidades. Parece coiza galante, que estes omens, em vez de facilitar aos Estrangeiros, a pronuncia da-sua lingua; só busquem meios de aumentar, a aspereza dela. Certamente que o Camoens no-XVI. seculo, apurou muito a sua lingua, servindo-se da-Italiana &c. e isto devemos nós tambem fazer, emendando os erros de Camoens, nam só no-que digo; mas em outras coizas, em que ele pecou, e eu podia advertir. Concluo dizendo, que

na lingua Portugueza, nam só se-devem tirar as letras superfluas; onde nam se-pronunciam; mas escrever outras, que se-pronunciam, e até aqui se-deixavam. Onde, todas as vezes que se-pronuncia o *i* entre *e*, e *a*; deve-se escrever. V.g. *Cadeia*, *Ideia*; *Ceia*, *Veia* &c. visto que os Portuguezes escrevem comumente; *Meia de calsar*, *meia duzia* &c. e a razam é a mesma em ambas as partes. Por-esta mesma razam se-deve escrever em todos os Verbos, como *Leia*, *Pafeia* &c. porque se os-pronunciassem como *Ceo*, *Plebeo*, *Chapeo* &c. neste cazo era justo que lho-tirassem: mas levando o *i* na-pronuncia, tambem o-deve ter na escritura. Desta forte semente, se-poderá introduzir uma Ortografia certa, e geral, que nam necesite dar diversas razoens em todas as palavras. Repare V.P. que eles escrevem *Aia*, *Maia* &c. com *i*, porque o scm desta vogal é claro: e porque nam faram o mesmo com outros nomes, que sam puros Portuguezes?

Acho alem disto omens, que aconselham, se-tire de *Arrecadar*, *Arrematar* &c. o *arre*; e se-diga, *recadar*, *rematar*. Sam deste parecer o Bluteau, e algum outro. Mas estas orelhas tam delicadas e escrupulozas, que se-ofendem com tais minucias; nam tem dificuldade, de se-servirem em todas as paginas destes termos, *Com noticia*; &c. o que abunda no-Bluteau: ou, como diz o *Vieira*, *Por razam*, e outras tais. Parece-me, que estas cacafonias menos sofriveis, se-deveriam evitar; deixando as outras que nada ofendem. Este metodo de reformar a Ortografia, era melhor que se-nam-impriemise.

Ora deste dano de pronunciar mal o Portuguez, de que até aqui fizemos mençam; resulta outro, de conservar no-Latim os mesmos erros. onde seria mui util, que se-emendassem quanto pudessem. Sci, que isto tem sua dificuldade, porque os ignorantes sam muitos, e pronunciam mal: mas Roma nam se-fez em um dia. Seja V.P. um dos-primeiros a dar exemplo: persuada isto mesmo aos seus amigos: que os outros os-imitarám. Deste modo introduzirám em Portugal uma Ortografia, quanto mais poder fer, constante; o que até aqui nam tem avido: e assim será mais bela, e facil a pronuncia; e mais armoniozos os versos Portuguezes..

Isto me-parece basta advertir, sobre a Ortografia Portugueza, visto nam fazer tratado dela. muito mais, porque com estas poucas regras, se-pode responder, às outras dificuldades que

ocorrerám. Algumas obfervaçoens de menor momento, podem-fe ver, nas Ortografias Portuguezas: tendo a advertencia, de nam fe-deixar enganar, das-regras que dam, porque comumente fám mui más. O P. Bento Pereira, que cuidou foi dos-primeiros que efcreverám nesta materia, dá muito más regras; e só proprias para destruir, o que cada um fabe. O Barreto, o Leam, o Vera, tem algumas coizas boas, entre outras muito más. Na mefma clafé ponho, o que diz o P. Argote, nas fúas Regras Portuguezas; e algum outro. Tais autores copiaram-fe fielmente uns a outros, fem examinarem a materia.

Sei que alguns, dam em razam do-que efcrevem, acharem-no afim efcrito, nos-antigos Portuguezes. Mas esta razam, é de caboesquadra. Porque tratando-fe de linguas vivas, que nam eftavam purgadas pelo pafado, mas que na nofa idade, fe-vam reduzindo à perfeifam; e desta, da-qual no-nofó tempo, appareceo o primeiro Vocabulario; nam devemos eftar, polo que diferam os Velhos: mas examinar, fe á razam, para fe-dizer afim. Obferve V. P. que os que afim respondem, contrarciam-fe na pratica: porque nam uzam daquelas palavras tofcas, que ainda lemos nas leis antigas, nos-testamentos, doafens, e outros documentos, que deixáram os Antigos. Seria uma ignorancia manifefta, e afetafam indefculpavel, falar oje com muitas palavras, de que uzáram os antigos Portuguezes. E ifto, nam por-outra razam, fenam porque a lingua fe-foi purgando, e os omens mais capazes intendêram, que fe-devia falar de outra maneira. E fe ifto fe-pratica, com inteiras palavras, porque o-nam-praticaremos, com melhor pronuncia.

Alem difto, é ja coiza muito antiga, que o uzo e juizo dos-omens doutos, e de boa eleifam, decida neste particular. E como ajam muitos Portuguezes inteligentes, que efcrevem polo contrario; e afinam boa razam do-que dizem; nam tem lugar nifto, uma prefcrifam fem fundamento. No-tempo de Cicero, a lingua Romana tinha de idade, polo menos, uns fetecentos anos; (contando fomente da-fundafam de Roma: porque fábemos, que a lingua do-Latio é muito mais antiga) e contudo ele, e outros omens doutos, a-purgáram muito bem. Obferve V. P. os fragmentos que temos, de *Livio Andronico*, *Enio*, *Eftacio Cecilio*, *Pacúvio* &c. e as obras de *Catam* o velho, de *Plauto*; e achará, palavras dezuzadas, e mui tofcas; e, em algumas obras, uma com-
pozifam

pozifam languida, e fem grafa : Profiga mais para baixo, examine as obras de *Terencio*, *Lucrecio*, *Varram*, *Catúlo*, *Saluftio* &c. achará neles a lingua mais mudada, e palavras mais polidas. De-fa finalmente à ultima fineza da-idade de ouro da-Latinidade, que-ro dizer, aos que melhor faláram, no-seculo de Augusto; e sempre lhe-crecerá a admirafam, porque crece a mudanfa. *Pacurvio*, e *Estacio* tem tanta femelhanfa com *Cicero*, *Cezar*, *Cornelio Nepote*, *Virgilio*, *Oracio* &c. como o dia com a noite. naqueles tudo é inculto: e nestes, tudo é polido, palavras, fraze, e metodo. E mais todos entram na idade de ouro! O mefmo Cicero, em alguns feus tratados, adverte, quanto trabalhára neste particular, para apurar a lingua. *Oracio* tambem adverte, que o bom uzo, é o que emenda as linguas. Finalmente advertiram os Gramaticos, e Oradores de melhor nome, que a Ortografia, está fugeita ao costume (1): e um douto Latino, deixou escrito nesta materia: *Antiquitatem posterior consuetudo vicit* (2). E nem fomite encontrará V. P. palavras mudadas, mas novas. Os Romanos nam tinham palavras para tudo: e afim foi necesario tomalas prestadas: principalmente em materias de Ciencias, e Artes: as quais adotáram como Latinas. Este é o privilegio das linguas vivas. Mas certamente nam conhece este privilegio, quem se-escandaliza, como vi alguns, de que se-recebam palavras estrangeiras em Portugal. Se os Portuguezes as-nam-tem, que mal fazem, em pedilas aos outros? Nam aprovo porem, o que muitos fazem, servir-se fem tom nem fom, de vozes estrangeiras, e palavras puramente Latinas, tendo outras Portuguezas tam boas. O que obfervo em muitos, que prezumem de Criticos, e Poetas: especialmente no-dito Inacio Garcez Ferreira. O que digo é, que nam se-achando proprias, nam é delito, procuralas em outras linguas; ou fazelas novas: e que, quando as proprias fã asperas, se-devem adofar.

Este mefmo uzo, de purgar as linguas, melhorando na boa pronuncia, e enriquecelas com palavras novas, quando á necessidade; está geralmente introduzido. Achei livros, ainda impresos, Inglezes, Francezes, Espanhoes, e Italianos, com infinitas palavras, que ja oje nam eftam em uzo, e com um eftilo de fraze pouco uzada. e lembro-me agora, ter visto á anos, um livro de

Ge-

(1) *Quintil. l. i. c. i. Varro de lingua L. l. o. & alii.*

(2) *Marius Victorinus Aff. de Ortographia.*

Genealogias de Flandres , escrito polos anos de Christo 1400. , em um Francez tam embrulhado , que o-tinham imprimido , com a versam de Francez moderno a lado : sem o qual focorro , nam era facil intendelo . Os nosos antigos Poetas tem palavras , que oje se-nam-recebem . Em *Dante* , e *Petrarca* , acham-se coizas nam mui finas ; e tambem em outros : Os Modernos de todas estas Nasoens , melhoraram sobre os Antigos , e ferviram-se do-seu direito , para emendar a lingua . os mesmos Portuguezes o-fizeram . Finalmente isto é tam claro , que me-envergonho de o-provar . E com efeito , a estes que assim respondem , ou assim argumentam , seria mais acertado , nam-lhe-responder . E' fazer-lhe muito favor mostrar , que tais argumentos tem resposta . Mas eu o-fazo aqui , porque a amizade de V.P. me-obriga a obedecelo : e escrevo isto , mais para satisfazer ò seu dezejo , doque à materia .

A outra razam , que outros afinam , para se-desculparem dos-seus erros é , que umas vezes dobram as letras , para mostrarem donde se derivam : outras , para a significasam , quero dizer , os diversos tempos : E assim escrevem *Escriitto* com dois *tt* , para mostrar , que vem de *Scriptus* : e *Amassê* com dois *ss* , para o-distinguir do-prezente *Ama-se* . Esta razam achará V. P. em alguns livros impresos . Mas , com todo o respeito que devo , a quem uza dela , digo , que nada vale . A maior parte das-palavras Portuguezas , tem origem Latina : o que até as criansas sabem : quizera pois que me-disesem , porque se-devem dobrar em vinte , ou trinta palavras , e nam nas mais ? Alem diso se V. P. observa , muitas palavras Portuguezas , achará , que nam só tem origem , mas sam puras Latinas . V.g. *Aplaudo* , *Aplico* &c. e nestas será tambem necesario dobrar os *pp* , e escrever trez consoantes seguidas , como no-Latim . Será tambem necesario pòr o *s* , antes de *Ciencia* . e finalmente comesar muitas disoens , por-duas consoantes , *mn* , *pn* , *sp* , *fs* : porque tudo isto á no Latim . O *c* antes de *t* , tambem se-deve pòr , em muitas palavras , como em *Benediçto* , *Doctor* , &c. E nam sei , se , os que seguem o dito parecer , admitirám todos estes acrescimos : o que nem menos o Italiano , que se-preza de filho primogenito do-Latim , admite em tudo . Crece o argumento se observamos , que o Portuguez tem palavras Arabias , Goticas , Inglezas , Tudescas &c. o que suposto , será necesario em cadauma , pòr a sua diferença original : ou ao menos nas Latinas , para as-nam-confundir com as outras . Finalmente

mente se a tal razam valese, nam deveria quem uza dela ; pòr *b*, em é verbo, e outros destes : porque na sua origem nam o-tem .

Mas, deixando outras observaçoens, com que podia provar, a insuficiencia das-ditas razoens ; darei só uma, que prova portodas : e esta especialmente serve, contra aqueles Portuguezes que dizem, que se-devem dobrar muitas letras, porque se-pronunciam dobradas ; e exprefamente se-ouvem os dois *mm*, em *comum*, e outras semelhantes. Digo, que para responder a estes, basta citar-lhe o exemplo, da-lingua Italiana . Nam vi ainda Portuguez algum (nam falo dos-que pasáram a Italia até a idade de 7 ou 8 anos : porque estes perdêram a sua lingua, e falam o Italiano, como lingua propria) por-mais estuudiozo, e diligente que fose, que aprendêse a pronuncia, principalmente Toscana, ou Romana: em que exprefamente se-pronunciam as duas letras consoantes ; todos as-pronunciam como una simplez . V. g. Distinguem os nos *Capello*, que significa *Cabelo*, de *Cappello*, que significa *Chapeo*; com pronunciar dois *pp*, e dois *ll* no-2. Nenhum Portuguez o-chega a distinguir : e por-iso sam logo conhecidos, por-Estrangeiros : O mesmo digo em todas as outras dobradas : O mais que vi foi, pronunciar os dois *zz*, v.g. em *Palazzo*, *Ragazzo* : mas isto com muito esforço, e pola razam, de que se-pronunciam diferentemente : quero dizer, que os dois *zz*, pronunciam-se como *ds* : que, se tivesem sido igual, nam os-pronunciariam . Esta experiencia constante mostra, que é falso dizer, que os Portuguezes, na-sua pronuncia natural, e sem fazer um grande esforço, pronunciem as dobradas . Do-que se-segue, que sam inutis as tais letras . E em tal cazo entra a minha regra, que as letras inutis, se-devem desferrar, da-lingua Portugueza .

Sobre a pontuafam, tenho pouco que advertir a V. P. E' claro, que a *Virgula* foi inventada, para denotar a interrufam que se-faz, quando se-toma a respirafam : e para dar alguma distinfam ao discurso, e impedir a equivocafam nele . Tem seu proprio lugar, quando se fazem distinçoens de Nomes, ou de outras palavras, que dependem do-mesmo Verbo, e se-unem em uma propozifam . v. g. *Pedro foi soldado, capitam, coronel, e chegou a ser general* . Uza-se tambem dela, antes da-Conjunfam copulativa, e adverbativa . v.g. *Pedro, e Paulo partiram : Nem Pedro, nem Paulo partio* . Mas nam se deve uzar, quando a conjunfam

está entre finonimos : v. g. *Antonio tem eloquencia e facundia ; Pedro tem grande animo e valor* . Porem muito bem se-uzza entre propoziscens , que signifiquem o mesmo ; a que podemos chamar finonimas . v.g. *Cezar subjogou todo o imperio Romano , e com a serie das-suas vitorias conseguiu , que os Governadores , o-reconhecessem soberano* . aindaque entre estas , sendo longas , pode-se escrever ponto e virgula , ou dois pontos .

Utilmente se-uzza da-virgula , para distinguir e fazer mais claro o discurso: o que se-faz em trez cazos . I. separando as propoziscens , regidas pola mesma pessoa , ou coiza . v.g. *Unas vezes ri , outras chora . Tomou uma lanfa , e lbe-atravesou o peito* . II. interrompendo o sentido , com outras palavras . v. g. *Deus , autor do-mundo , é pai de misericordia ; e tem providencia das-criaturas* ; mas quando a interrufam é comprida , é melhor pôr-lhe ponto e virgula ; como abaixo diremos . III. separando aquellas propoziscens , emque a segunda , é objeto da-primeira . v.g. *Dezejo ver , como succederá o negocio . Quererá Deus , que isto nam se-verifique* .

Finalmente se às vezes nam se-poem virgula , pode nacer confuzam no-discurso : v. g. *Cuidando na minba afisam , e ocupado neste pensamento , confuzo sai de caza* . se nam ouvésse virgula , em pensamento , podia unir-se com confuzo , e cauzar nova confuzam . Mas nisto das-virgulas , é necessario ter muito cuidado , de nam ser excessivo : como fazem alguns , prezados de doutos ; que em cada palavra poem virgula . o excessó , e a falta igualmente se-devem evitar .

Tambem a *parentezis* , é especie de virgula : e consiste neste final , () com o qual se-compreendem algumas palavras . Escreve-se , quando dentro de uma propoziscam , se-inclue outra , separada do-sentido ; ou para excessam , ou declarafam de alguma coiza . v.g. *Deixo de dizer (aindaque poderia com razam) as atrocidades que cometeo* . O *Amor* , (como achamos escrito na Sagrada escritura) é tam forte como a morte . Porem , se a interrufam é breve , bastam duas virgulas . v.g. *O Amor , como ja disse , é uma grande paixam* :

Despois da-virgula , seguem-se os dois pontos . Estes se-poem , quando o sentido da-orafam é completo , quanto à sustancia ; mas nam em quanto ao fato : quero dizer , quando o que se-escreveo , faz por si só sentido perfeito ; desórteque po-

dia-se terminar com um só ponto : mas quem escreve , ainda tem alguma coiza que acrescentar , para melhor declarar a coiza , ou expremir alguma circumstancia , com a qual se-acabe de todo o periodo . v.g. *Recebi o doutissimo livro que v.m. me-mandou : para me-obrigar com isso ainda mais , doque estava .* Neste periodo , depois de *mandou* , escrevem-se dois pontos : porque o sentido , ja está completo ; mas ainda á que acrescentar . E estes dois pontos se-podem replicar , em um longuissimo discurso , tantas vezes , quantas o sentido da-orasam for suficientemente completo . Mas a melhor regra que nisto se-pode observar , é esta : Se a proposizãem que se-segue , nam é muito independente da-antecedente , deve-se pôr dois pontos . v. g. *Estudar varias ciencias , no mesmo tempo , antes confunde , que doutrina : como tambem o comer no-mesmo tempo comeres diferentes , tanto nam engorda , que ofende .* Mas se eu comesáse a segunda , por-palavras menos dependentes , deveria pôr um ponto . v. g. *Estudar varias ciencias , no-mesmo dia , antes confunde , que ensina .* *Damefina sorte , como dizem os Medicos , mui diferentes comeres no-estomago , impedem a digestãem .* neste caso ponho ponto , porque o sentido é mais separado . Porem se as proposizõens sam breves , intendo mais acertado , separalas com uma virgula . v. g. *O estudar muito junto faz confuzãem , como tambem o comer muito .*

O ponto , costuma-se pôr , no-fim do-periodo , e quando o sentido é totalmente completo . Neste particular observe , que muitos em Portugal ensinam , que depois de ponto , sempre se-poem letra grande . O que é um engano manifesto ; e contra a pratica dos-que melhor escrevem : que dizem , que quando os periodos sam breves , e em certo modo dependem uns dos-outros ; basta depois de ponto , pôr letra pequena : e quando isto succede no-fim do-verso , poem-se dois pontos : vistoque o verso seguinte deve sempre comesar , por-letra grande . Onde os omens doutos advertem , que nam só se-pode escrever letra pequena , depois de ponto final ; mas tambem algumas vezes , depois de dois pontos , letra grande : quando o periodo é comprido , e se-tem posto muitas vezes dois pontos : ou tambem quando se-introduz alguma pessa que fala , ou coiza semelhante .

E aqui incidentemente advirto , que nisto de escrever letra grande , á um grande abuzo : avendo escritores que a-escrevem , em mil coizas desnecessarias : o que ofende a vista . E assim , nam avendo

avendo razam forfoza, deve-se escrever letra pequena, que é mais natural. As regras que nisto dam, os omens mais advertidos, se-reduzem a estas. Poem-se letra grande. I. quando se-comesa o discurso. II. nos-nomes proprios, e sobrenomes tanto de Pessoas, como Provincias, Cidades, Ilhas, Montes, Mares, Rios, Ventos, e Animais. III. nos-nomes de dignidade, ou abstratos, como *Bispado*, *Papado* &c. ou concretos, como *Papa*, *Rei*, *Abade*, *Conego*, *Senador* &c. mas nam se-poem nos-de officios inferiores, como *soldado*, *pintor*, *sapateiro*. IV. nos-nomes apelativos, quando se-tomam por-alguma coiza particular. v. g. *O Orador Romano*, por-Cicero: *o Doutor Angelico*, por-S. Tomaz: *Religiam*, pola vida Religioza &c. V. nos-nomes do-genero, ou especie, quando significam todo o genero, ou especie. v. g. *A Terra é redonda*. *Os Rios correm para o mar*. porque significando um individuo particular da-dita especie; v.g. *um bocado de terra* &c. basta letra pequena. VI. as coizas inanimadas tomadas como pessoas, ou polo genero. v. g. *A Ira é uma grande paixão*. *O Amor cega os mais doutos* &c. VII. os Adjetivos tomados como Sustantivos. v.g. *O Amigo, é outro eu*. *O Forte, aumenta o animo nos-perigos*. VIII. os nomes que significam multidam. v.g. *Senado*, *Republica*, *Cabido*, *Turcos*, *Inglezes* &c. IX. os nomes da-materia, de que principalmente se-trata. v.g. *A Incarnasam, a Simonia*. ou tambem os nomes das-principais partes, em que se-divide um todo. v.g. *Neste caso pecam alguns, por-Ignorancia, ou por-Malicia*. *Por-Ignorancia, pecam aqueles* &c. X. quando no-discurso se-introduz alguma pessoa, que fala. v.g. *Voltando-se entam para o ceo S. Paulo, disse, Senhor, que quereis que eu fasa?* mas se odiscurso que se introduz, fosse mui longo, seria mais acertado, separalo com um ponto final. E a palavra que se-segue, despois do-ponto interrogativo, nam deve ter letra grande; porque nam comesa um sentido novo.

Estas sam as regras, estabelecidas polo melhor uzo. Contudo á alguns, que ainda às vezes as-limitam, quando interdum, que nam sam necessarias. v. g. Vindo juntos dois nomes, um generico, e outro particular, como *Seita Turquesca*, *Igreja Catolica*, *Senador Romano*, *Academia Real*, *Concilio Toletano*, *Concilio Geral*, &c. deitam fóra a letra grande dos-primeiros, e fomente a-confervam nos-segundos, que distinguem os primeiros. Porque ainda-que em outras ocazioens, achando-se fomente a palavra, *Igreja*,

Concilio, &c. tenha letra grande ; neste cazo porem , parece ser escuzada : o que eu aprovo . Outros ainda fazem mais , que , achando muitas destas ultimas palavras , que aponto , como *Senador*, *Consul*, &c. escrevem-nas com letra pequena : principalmente se está unida a algum sustantivo Proprio . v. gr. *Joannes rex . Cicero consul* . E isto achamos mui praticado , em antigos manuscritos ; e bellissimas edisoens de livros modernos , emendadas por-omens mui doutos . Onde nam se-deve condenar , se algum o-praticar em alguma conjuntura , para evitar tanta letra grande .

Outros ainda limitam , o que se-diz nos-numeros V , e IX. porque intendem , que nem sempre é necessaria , a dita letra grande . E em tal cazo , ou escrevem letra grande , só na primeira vez : ou poem uma risca por-baixo , escrevendo ; o-que na imprensa convertem em letra cursiva : ou nam a-poem : Nam parecendo muito bem um papel , em que repetidas vezes se-encontram as mesmas palavras , com letra grande : o que ofende a vista .

Tornando pois aos *pontos* : algumas vezes o periodo inteiro , é acompanhado de admirasam , ou interrogasam : e em tal cazo o ponto se-acompanha , com o final proporcionado . A *admirasam* , nota-se assim , (!) v.g. *Morreo , cazo admiravel ! dezesperado* . ou em qualquer outra parte , em que entre a admirasam , ou simplez exclamasam . A *interrogasam* , ou progunta , distingue-se com este final , (?) v.g. *E porque nam poderei eu fazer isto ? qual de vos outros mo-pode impedir ?* Muitas vezes succede , que a interrogasam é acompanhada de exclamasam . v.g. *O que grandes consequencias , se-ám-de seguir de um tal fato !* ou tambem : *E como é possível , que te-occorresse fazer isto ?* e nestes cazos , é licito pôr um , ou outro final , como melhor lhe-parecer . E' porem de advertir , que quando a progunta é mui comprida , e que na longueza , perde a forza de progunta ; os omens mais doutos , nam costumam pôr-lhe no-fim , o final de interrogasam : mas se lho-poem , é no-principio , ou no-fim do-primeiro periodo , ou nam lho-poem . V.g. *Julgas tu , que á omens de tam pouca considerasam , que sigam um tal esfiilo , nem fasam cazo da-palavra , nem procurem ileza a sua onra , nem tenham diante dos-olhos estas circumstancias : as quais se eu nam tivesse executado , totalmente me-faltaria aquela benevolencia , que certamente me-mostram , os que examinam as minhas asoens =* . Neste periodo , ou se-deve pôr ponto de interrogasam , despois de *tu* : ou , despois de *circumstancias* ; ou , em nenhuma parte : vis-
toque

toque o contexto mostra bem, em que sentido se-fala.

Finalmente deve-se advertir, que á outra separavam de periodo, a que chamam *Paragrafo*: o qual se-comesça, quando a materia que se-trata, se-acabou; e se-pasa a outra materia. Muitas vezes se-comesça paragrafo, quando o discurso tem sido comprehendido, e, por-nam-fazer confuzam, é necessario variá-lo. o que succede, quando sobre a mesma coiza, alego muitas razoes, e cada uma ocupa uma meia pagina. Em tal caso, para evitar a confuzam, e dar mais gosto, e repouzo a quem le; é justo comer paragrafo. O que porem se-deve regular, pola prudencia de quem escreve: pois tam enfadonho é, comer paragrafo, depois de trez folhas, como depois de trez ou quatro regias. Caiem no-primeiro destes defeitos, alguns prezados de doutos: que, ouvindo dizer, que os Antigos nam uzavam das-separasoens de capitulos; sem mais outra reflexam, fazem um longuissimo discurso, sem divizam de paragrafos: em modo tal, que se-perde a respirasam lendo-os. No-segundo, caiem muitos Escolasticos, que de cada texto fazem um paragrafo. Uma, e outra coiza se-deve evitar.

Alem das-ditas pontuasoens; inventáram os escritores, principalmente modernos, outra, a que chamam, *ponto e virgula*. e isto para variar a pontuasam, e para evitar pôr tantas virgulas seguidas, antes dos-dois pontos, nos-periodos longos. Este *ponto e virgula*, é uma pausa, maior que a virgula, e menor que os dois pontos. Poem-se, quando a orasam ja faz algum sentido; mas nam o que basta para se-intender, de que se-fala: e ainda a primeira propozisam, espeia pola segunda, para se-poder entender. v. g. *Aindaque eu nam tenha, todo o dinheiro necessario, para a compra; farei o possivel, polo alcanzar: para concluir de uma vez, este negocio*. No-qual periodo, quando chegamos à palavra, *compra*; ja temos algum sentido: e quer dizer, *que nam tem dinheiro para a compra*. mas fica o sentido imperfeito, por-cauada-palavra *ainda*: a qual faz que eu espere, pola seguinte propozisam até *alcanzar*, onde faz sufficiente sentido.

Daqui fica claro, que *ponto e virgula* tem o seu proprio lugar, depois das-prepozisoens, que comesam por-*como, qual, quanto, se, aindaque &c.* as quais introduzem aquela dependencia, que digo. Finalmente depois de qualquer prepozisam, em que aja palavras, que unam com as palavras seguintes. Especialmente se-poem, quando se-fala de coizas opostas: ou quando se-faz enumerasam

merasam de muitas partes , e se-especificam todas . v. g. *Destruio cazas , e templos ; o sagrado , e profano ; o seu , e o alheio , &c.* Adverte-se porem , que os periodos , os quais , sendo longos , podem receber ponto e virgula ; em cazo que sejam curtos , basta que tenham virgula : por-nam fazer tam enfadonha a repetisam dos-pontos e virgulas . v. g. *Neste particular á duas opinioens : uma é de Cujacio ; a outra seguem Joam André , e Ostiense .* parecerá a muitos , que em *Cujacio* , basta uma virgula , o que eu nam deza-provo : outros quererám ponto e virgula . e assim é livre a cada um , fazer o que lhe-agradar . Polo contrario , se os periodos fossem mui compridos , se-deveria pòr ponto . v. g. se eu disese : *Prova-se isto com duas razoes . A primeira é , porque &c.* neste cazo se a explicasam desta primeira razam , se-estendese até metade da-folha , ou ainda mais ; no-fim , deve-se pòr ponto somente : e muitas vezes pode ser necesario , comesar a segunda razam , nam só com letra grande , mas ainda em novo paragrafo . Tambem quando se-tem posto algumas vezes , ponto e virgula ; costumam os omens doutos , escrever dois pontos ; aindaque o sentido nam seja completo quanto ao fato : para mostrar , que se-deve fazer maior interruçam ; e descansar quem le , e quem ouve .

Isto é , o que me-ocorre advertir , neste particular da-pontuasam . Devo porem declarar a V. P. que esta materia , nam é ponto matematico , que nam admite mais , ou menos : antes , polo contrario , depende muito , da-vontade de quem escreve . Porque aindaque todos convenham , na-razam das-regras ; quando porem decemos aos cazos particulares , e a examinar , se neste ou naquele cazo , deve entrar virgula , ou ponto e virgula &c. acha-se muitas vezes diversidade , ainda entre os omens doutos . Eu neste particular , propuz o que vejo praticar , aos que melhor escrevem ; e que se estriba , na razam das-regras : mas nam condenarei , quem se-afastar alguma vez destas advertencias , com-tantoque nam se-desvie em modo , que fasa despropozitos . Eu mesmo sou o primeiro , que as-nam-sigo escrupulozamente : antes muitas vezes , em lugar de *ponto e virgula* , escrevo *virgula* : em vez de *dois pontos* , ponho *virgula e ponto* : e quando os periodos sam curtos , nam tenho às vezes dificuldade , de escrever *virgula* , em lugar de *ponto* : ou outra semelhante mudansa . O que faso quando me-parece , que com estes finais , fica bastantementte separado o discurso , e livre de confuzam : e porque vejo , que

que muitos escrevem d'amestma forte , e me-intenderám tambem . Esta é a principal regra , em materia de pontuafam : evitar as confuzoens , e procurar que os outros intendam , tudo quanto eu quero dizer . Devo porem dizer a V. P. que vejo muitos autores Portuguezes bem modernos , que fazem gala , de as-desprezar: e publicam obras , nas quais em uma pagina tudo sam virgulas , e apenas se-acha um ponto . Especialmente * * * e outros que V. P. bem conhece . O Conde da-Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes tambem seguia esta doutrina : pois em algumas suas approvasoens de livros , que tenho visto , tudo sam virgulas : desfortequo ninguem o-pode ler seguidamente , porque cansa a respira-fam . E se isto pode ser louvavel , eu o-deixo julgar aos deza-paixonados inteligentes .

Muitas outras miudezas , se-podiam advertir , tanto na materia de Pontuafam , como de Ortografia : mas estas ou se-acham , nas instrusoens impresas a este intento ; ou , se nam se-acham , como na verdade as-nam-vemos ; aprendem-se com o uzo : e quem percebe bem , as advertencias que temos dado , escreverá sem embarafo algum com perfeifam : e poderá rezolver , qualquer das-que ocorrerem . Eu nam determinei , escrever um tratado completo : mas unicamente , sugerir a V. P. o que se-acha mais bem notado , nesta materia : e o que deve ensinar um mestre , ao dicipulo , a quem explica a lingua Portugueza . Para V. P. é isto superfluo : e para os ignorantes , é ainda muito . mas eu tomo a liberdade de falar com V. P. como com um principiante , porque assim mo-tem ordenado . Somente acrecento , que isto que dise da-Pontuafam ; se-deve intender , nam só no-Portuguez , mas no-Latim ; e nas-mais-linguas , que desta naceram .

Concluirei esta carta lembrando a V. P. , que , para facilitar este estudo à Mocidade , seria necesfario , que algum omem douto , abreviáse o Dicionario do-P. Bluteau , e o-reduzise à grandeza , de um tomo em folha , ou dois em 4.º Ninguem pode olhar para a obra do-P. Bluteau , sem ficar esmurecido , pola quantidade de volumes . Este Religiozo era douto , e infatigavel: e fez à nafam Portugueza um grande servifo ; compondo um Dicionario , que ela nam tinha : e quem diser mal dele neste particular , é invejozo , ou ignorante . Mas tem alguns defeitos , que seria necesfario emendar : Era mui medrozo : e nam tinha metodo . O medo , reconhece-se em cada pagina das-suas obras . Fora mal-

maltratado por-alguns Portuguezes injustamente ; e a cada passo se-queixa , e dá uma satisfasfã . Os Prologos , tanto na primeira Obra , como no-Suplemento , sã insoportaveis : e apostarei , que se-nam-acha omem , de tanta paciencia , e tam mau gosto , que os-põa ler todos seguidamente : porque a cada momento , repete as mesmas coizas . E o pior é , que com dizer tanto , nam explica o que deve : pois querendo um leitor saber , o que ele faz no-Dicionario , e que razam dá da-obra ; nam sabe por-onde á-de comesar . Com um só titulo dirigido ao leitor * * * comprehendia todos, os que ele poem no-seu Prologo : e com um Prologo mui breve , dava razam de toda a obra . Os omens doutos , intendem mui bem as coizas : e sabem desculpar um autor , que escreve uma grossa obra : especialmente um que escreva um Dicionario , que seja o primeiro que aparece naquela lingua . Nam á pior trabalho que este : e nam á algum que menos pareça grande , a quem o-nam-provou , doque este . Desfortaque chegou a dizer o douto Escaligero (1) , que era pior este trabalho , que ser condemnado às minas , como faziam os Romanos . Comque a estes , bastam poucas palavras : a os ignorantes , nam se-devem dar satisfasfoens , ou digam bem , ou mal . Nem menos me-agrada o titulo da-obra , que é mui afetado , e cheio de superfluidades . Ja se-sabe que um Dicionario , comprehende todas as palavras , com que se-explicam na dita lingua , todas as coizas imaginaveis . E o exemplo que ele traz de Furetiere , Moreri , Hofman , que enchèram o titulo , de semelhantes coizas , nam desculpa os seus erros : porque se-caza muito bem , que errem dois omens de diferentes Nasoens , na mesma materia .

Avulta tambem muito a obra , porque as explicaçoens sã longas , e o carater é mui grande . O que tudo se-podia reduzir , a menor extensã : bastando um exemplo de um bom autor , e deitando fora tantos Latins , e citaçoens superfluas . E assim , todo aquele grande Vocabulario , se-pode reduzir nas segundas

(1) *Si quem dira manet sententia Judicis olim*

Damnatum aerumnis , suppliciiisque caput :

Hunc neque fabrili lassent ergastula massa ,

Nec rigidas vexent fossa metalla manus .

Lexica contexat , nam cetera quid morer ? omnes

Pœnarum facies hic labor unus habet . Sylvarum Carm. 39.

das-impresões , a trez ou quatro volumes ; se lhe-tirarem o que tem de superfluo : e seria tambem mais barato , e mais util à Republica . Mas , ainda despois de tudo isto , seria necessario , fazer um Compendio , para uzo dos-rapazes . Que é o que os Nossos tem feito , compendiando o *Vocabulario da-Crusca* , quero dizer , da-lingua Toscana , (sam trez ou quatro volumes) em dois tomos de 4.º Mas neste Dicionario , se-deveria acautelar outra coiza , em que caio o P. Bluteau ; que foi , nam distinguir as palavras boas , de algumas plebeias , e antigas . Ele ajuntou tudo : e ainda muitas palavras Latinas , que muitos Portuguezes modernos afetadamente aportuguezáram . E esse é o maior defeito que eu acho , naquello Dicionario . porque nam ensina a falar bem Portuguez ; como o da-nossa Crusca , que nam tem , senam o que é puro Toscano ; e nota às vezes o que é *antigo* , ou *poetico* &c. Sci , que alguma diversidade se-acha : porque os nossos autores , que fazem texto , sam os que escreveram , em um seculo determinado : e assim tudo o que é moderno , entre nós é barbaro . Polo contrario a lingua Portugueza , como á pouco tempo que comeseu a aperfeiçoar-se , nam pode excluir , tudo o que é moderno . Contudo , deveria o P. Bluteau , nam abraçar senam os autores , que faláram melhor . v. g. desde o fim do-seculo pasado para cá : ou encurtar mais o tempo . E ainda neses , que talvez nam serem iguais em tudo , escolher , o que é mais racional : e nam tudo o que aportuguezáram alguns destes , prezados de eruditos ; que , por-forsá , querem introduzir , uma mixtura de Portuguez , com Latin . Temos o exemplo da-Academia Franceza , a qual no-seu Dicionario , nam poz as vozes plebejas , e antigas ; mas as puras , e que oje falam os omens cultos . Aindaque , como diz o Senhor de Furetier , (1) é justo , que se fasa um Dicionario à parte , das-vozes antigas , e baixas : paraque , por-meio dele , posamos entender , os antigos documentos . Isto fizeram muitos na lingua Latina , compondo somente Vocabularios da-inferior Latinidade , como *Vossio* , *Izidoro* , *Spelman* , *Du Cange* : o qual ultimo fez tambem outro , para o Grego inferior . E isto mesmo deveria ter feito Bluteau : pondo em um volume , as palavras boas ; no-outro , as antigas &c. O certo é , que os Nossos no-Compendio da-Crusca , somente puzeram as puras : e advertiram as que sam *poeticas* , e nam tem lugar na proza . O mesmo Bluteau em cer-

TOM. I.

H

ta par-

(1) *Pres. du Dictionaire Universel.*

ta parte (1), reconhece a necessidade deste distinto livro; e deu uma ideia dele, nos-Catalogos que traz, no-Suplemento. Mas se o dito P. o-nam-fez, porque quiz comprehender, tudo o que se-acha em Portuguez, ou por-outro motivo; no-Compendio por-em do-dito Dicionario, nam se-deviam escrever, senam palavras puras e boas, e segundo a pronuncia mais suave. E.g. nam escrever *Devaçam*, porque o disc o Vieira: mostrando a analogia, que se-deve dizer *Devosam*: muito mais, porque assim o-pronunciam os doutos, e é mais agradável. O mesmo digo, de *Outo &c.*: porque escrevendo muitos omens doutos comumente, *Oitenta*; nam acho que tenham boa disparidade, para, no-mesmo livro, escreverem, *Outo*: como V. P. verá em muitos livros modernos. E assim a pronuncia melhor, sendo apadrinhada por-omens doutos, deve ser preferida. Tambem se-devia no-dito caso, emendar a Ortografia do-Bluteau, que é variante: e estabelecer uma certa, e sempre a melhor. Este Compendio seria mui necessário. os que quizesem majores noticias, podiam procurá-las no-Vocabulario grande. Isto é o que me-ocorre. V. P. conserve-me a sua benevolencia, e rogue a Deus por-mim nos-seus sacrificios. Deus Guarde &c.



CAR-

(1) *Prozas Academic. fol. 26.*

CARTA SEGUNDA.

S U M A R I O .

D Anos que resultam da Gramatica Latina , que comumente se ensina . Motivos porque nas escolas de Portugal , nam se-melhora de metodo . Nova ideia de uma Gramatica Latina facilissima , com que , em um ano , se-pode aprender fundamentalmente Gramatica &c.



ESPOIS do-estudo da-Gramatica Vulgar , segue-se o da-Latina . e desta direi a V.P. o meu parecer , na presente carta . Quando entrei neste Reino , e vi a quantidade de Cartapacios , e Artes , que eram necessarias , para estudar somente a Gramatica ; fiquei pasmado . Falando com V. P. algumas vezes , me-lembro , que lhe-toquei esse ponto : e que nam lhe dezagradáram as minhas reflexoens , sobre esta materia . Sei , que em outras partes , onde se-explica a Gramatica de Manoel Alvares , tambem lhe-acrecentam algum livrinho : mas tantos como em Portugal , nunca vi . As declinaçoens dos-Nomes , e Verbos estudam , pola Gramatica Latina . a esta se-segue um Cartapacio Portuguez , de Rudimentos . despois outro , para Generos , e Preteritos , muito bem comprido . a este um de Sintaxe , bem grande . despois um livro , a que chamam Chorro : e outro , a que chamam Promtuarío : polo qual se-aprendem os escolios de Nomes e Verbos . e nam sei que mais livro á . E parece-lhe a V. P. pouca materia de admirafam , quando tudo aquilo se-pode compreender , em um livrinho em 12.º e nam mui grande ? Despois disto ouvi dizer , que ocupavam . seis , e sete anos estudando Gramatica : e que a maior parte destes discipulos , despois de todo esse tempo , nam era capaz de explicar por-si só , as mais facis cartas de Cicero . Confesso a V. P. que nam intendi isto , nem de-donde provieffe o dano . Alguns fugeitos , bem inteligentes de politica , me-deram algumas razoens , que nam pareciam inverosimeis , Mas eu , sem aprovar , ou reprovar algu-

ma delas , e tambem sem me-demorar com esta materia ; discorreirei sobre o merecimento da-Gramatica Latina ; e sobre o modo ; com que se-deve aprender .

Ora convem todos os omens de bom juizo , e que tem visto paizes Estrangeiros , e lido sobre isto alguma coiza ; convem , digo , que qualquer Gramatica de uma lingua , que nam é nacional , se-deve explicar na lingua , que um omem sabe . Se V.P. quizesse aprender Grego , e para este efeito lhe-defem uma Gramatica toda Grega , e um mestre que fomite faláse Grego ; poderia , à forsa de acenos , vir a entender alguma palavra ; mas nam seria possível , que aprendesse Grego : o mesmo fucederia , em qualquer outra lingua estrangeira . e se algum ateimasse , que fomite daquela sorte , se-podia aprender Grego , diriamos , que era louco . Pois suponha V.P. que estamos no-cazo . E' coiza digna de admirafam , que muitos omens deste Reino , queiram aprender Francez, Tudesco , Italiano, de uma sorte , e o Latim de outra muito diferente . Aprendem aquelas linguas com um mestre , que as-fala ambas , e explica a lingua incognita , por-meio daquela que eles conhecem e falam : e com uma só Gramatica se-poem em estado , de entenderem os autores bem , e , junto com o exercicio , de falarem Francez correntemente . E tomára que me-difessem , porque nam se-deve praticar o mesmo , no-Latim : e porque razam se-aja de carregar , a memoria dos-pobres estudantes , com uma infinidade de versos Latinos , e outras coizas , que nam servem para nada neste mundo ? Chega este prejuizo a tal extremo , que o P. Bento Pereira , escrevo uma Ortografia Portugueza , em Latim . Desfortaque quem nam intende Latim , segundo o dito P. , nam pode escrever corretamente Portuguez .

Os defensores deste metodo , nam alegam outra razam mais , que serem os versos , mais facis de se-conservarem na memoria : e que em todo o tempo , a eles se-pode recorrer , para ter presentes as regras . Mas esta razam , é pueril , e ridicula . Primeiramente se alguma coiza valêse , deveria praticar-se com versos Portuguezes : porque só estes intendem os estudantes . E qual é o estudante que intende , os versos Latinos das-regras , principalmente sendo tam embrulhados , como os do-P.Manoel Alvarez ? O certo é , que proguntando eu a alguns rapazes , a explicafam deles , nenhum ma-soube dar . E eis aqui temos , que para os rapazes , nam servem os tais versos . Se pois falamos dos-omens

adiantados, estes sabem Latim, polo exercicio de ler, escrever, e falar: comque nam tem necessidade, de recorrer a semelhantes regras. E se querem examinar, alguma dificuldade de Gramatica, vam consultar os Criticos, que as explicam: nam as simples Gramaticas, que nem menos as-tocam: e talvez estabelecem principios, contrarios à mesma solusam.

Finalmente a Gramatica Latina para os Portuguezes, deve ser em Portuguez. E isto parece quiz dizer o P. Manoel Alvares, na advertencia que faz aos mestres, no-fim das-declinaçoens dos-Verbos (1). aindaque ele praticase o contrario, do-que aconselha: pois deveria, nam ter dado o exemplo, introduzindo uma Gramatica puramente Latina. A outra coiza que se-deve reprovar é, que obriguem os rapazes, a aprender trez sortes de regras: em verso, em proza Latina, e em proza Vulgar: como adverte bem o dito Padre. Isto, quando nam lhe-queiramos dar outro nome, é perder tempo, sem utilidade, e com prejuizo grande: sem aver outra razam, que seguir um costume envelhecido, aindaque prejudicial. Mas o que mais me-admirou neste particular, e claramente me-mostrou, quanto pode nos-Omens a preoccupasam dos-primeiros estudos, foi, ver que o Sargentomór Manoel Coelho, que parecia ser mais alumniado nestas materias, pretendendo distinguir-se do-Comum, dando aos principiantes, uma facil explicasam das-oito partes da-orasam; ainda asim caie na simplicidade, de pôr primeiro a regra em Latim para um rapaz, que ainda nam tem noticia da-dita lingua; mas que aprende os primeiros elementos. Tal é a forsa de um mau costume, que cega ainda aqueles, que querem dezembrulhar-se dele! Esta reflexam é sustancial: mas ainda á outras de maior momento. Entremos bem dentro na Gramatica.

Toda a Gramatica Latina se-reduz a explicar, a natureza, e accidentes das-oito vozes, que podem entrar na orasam ou discurso: e o modo de as-unir, e compor os periodos. E isto deve-se fazer com a maior clareza, e mais breves regras, que se puderem excogitar. O que certamente nam se-confegue com a Gramatica

(1) *Patrio sermone tantum declaranda Rudimenta, Genera, Declinationes, Anomala, Præterita, Supina: ne simul & ligata &*

soluta oratione præcepta memoriter recitare cogantur. Quod etiam in Syntaxi, quando ea primum explicatur, observandum est.

tica uzual : porque nam á coiza mais confuza , nem mais cheia de excessões , que a dita Gramatica , como todos vem .

O mundo estava mui falto de noticias , e de metodo , antes do-seculo pasado . Desde o restablecimento das-letas Umanas na Europa , direi melhor , no-Occidente , que podemos fixar nos-principios do-seculo XV. melhor direi , desde a invençam da-*Imprensa* no-meio do-dito seculo ; até o fim do-XVI. nam tiveram os omens tempo de cuidar , em dar metodo proprio às Letras , e Ciencias . Nam fizeram pouco aqueles primeiros doutos ; em procurar manuscritos , e imprimir os antigos autores , mais corretamente que pude se fer . Achamos alguns , no-fim do-XV. e no-XVI. seculo , que foram letrados à forsa de estudo , mas nam de metodo . Temos tambem alguns omens , que souberam bem Latim nese seculo , porque liam muito polos bons autores : nam porque tivessem achado a chave , de ir para diante com facilidade , e explanar as difficuldades de Gramatica , aos estudantes . Finalmente esa gloria estava reservada , para o seculo XVII. Os pasados seguiam uns a outros , sem mais eleisam , que o costume . viam , e estudavam com os olhos , e juizo alheio . Mas no-principio do-seculo XVII. appareçeram alguns , que quizeram servir-se do-proprio : e foi-lhes facil , conhecer os erros dos-antecedentes , porque eram grandes . Assim febrâram os olhos ao mundo , em todo o sentido . um conhecimento facilitou outro . e eis aqui aberta a porta ao metodo . De-me V.P. omens , que queiram examinar as materias com razam ; que nam inculquem um autor , porque seus mestres lho-diferam , mas porque é digno de seguir-se ; que eu lhe-prometo , adiantamento nas Ciencias todas . A seu tempo discorrerei das-outras : agora continuemos com a Gramatica .

Tinha no-tempo do-Concilio de Trento o douto *Julio Cezar Escaligero* , comefado a examinar a Latinidade , seguindo o exemplo , e lunies do-famozo *Agostinho Saturnio* ; o qual tinha ja notado varios erros , nos-outros Gramaticos . *Escaligero* , dando um passo adiante , publicou um livro , com o titulo = *De Causis Linguae Latinae* : em que douçtissimamente expõem o seu sentimento , sobre os elementos da-Gramatica : mas nam toca a construisam das-Partes . A leitura deste livro , abriu os olhos a *Francisco Sanchez* , que era um profesoꝛ celebre de letras Umanas , na Universidade de Salamanca . Este douto empreendeu no-seguinte seculo , com o mesmo titulo , a explicasam da-construisam das-partes da-

oravam : e com tanta felicidade , que descobrio as verdadeiras causas , até àquele tempo ignoradas . Este livro encontrou em Salamanca , e trouxe para Roma , (1) nos-principios do-seculo pasado , o famoso Gaspar Scioppio , Conde de Claravale , de nascim Tudesca : aquele grande omem em letras Sagradas e Profanas ; e que empregou toda a sua vida , em estudos gramaticos . O livro de Sanchez fez todo o efeito , que podia esperar-se . Scioppio (que nam costumava dizer bem , daquilo que o-nam-merecia ; antes , polos seus inimigos , é tachado , como censor dezumano) cedendo à evidencia das-razoens , proseguio o mesmo metodo de Sanches : illustrou , e reformou a sua doutrina : e compoz a primeira Gramatica , que appareceo segundo os tais principios . No-mesmo tempo o famoso Gerardo Joam Vossio em Olanda , tam benemerito das-lettras Umanas , e Sagradas , explicou ainda melhor o dito metodo ; seguindo em tudo Sanches , e Scioppio ; os quais ou copeia , ou ilustra .

Esta é , e será sempre , a Epoca famosa da-Latinidade , e Gramatica . A estes trez grandes omens , seguiram em tudo e por-tudo os melhores Gramaticos , que despois ouveram : e devem seguir , os que tem juizo para conhecer , como se deve estudar a Latinidade . Por-França , Alemanha , Olanda , Italia , e outras partes se-dilatou este metodo : e alguns escreveram belissimas Gramaticas , segundo os tais principios . A razam porque nam se-propagou mais é , porque pola maior parte os estudos da-Mocidade , sam dirigidos por-alguns Religiozos , que seguem outras opinioens . Os doutissimos Jezuitas , ensinam grande parte da-Mocidade , em varias partes da-Europa : e nam querendo apartar-se , do-seu Manoel Alvares , rejeitaram todas as novas Gramaticas . Alguns destes Religiozos , que trato familiarmente , e estimo muito pola sua doutrina , e piedade ; me-diferam claramente , que bem viam , que o Alvares era confuzo , e difuzo ; e que as outras eram melhores : nem se-podia negar , que os principios de Scioppio fossem claros , e certos : mas que o P. Geral nam queria , se-apartarem do-P. Alvares , por-ser Religiozo da-Companhia . Este é o motivo , porque o P. Alvares se-conservou , nas escolas dos-tais Religiozos : e esta tambem a origem da-tenacidade , com-que muitos seguem , aquilo mesmo que condenam .

Os outros Religiozos , aindaque nam sejam Jezuitas , tem as
mesmas

(1) *Veja-se a sua Gramatica da-edifam de Scavenjo , na Presafam .*

mesmas obrigações, e opiniões: A maior parte, cuida pouco nisto: e vão vivendo, como seus mestres lhe ensinaram. Nam tem noticia dos-melhores autores, que á na materia: cuidam, que no-mundo nam á outra Gramatica, fóra que a do-P. Alvares. E todos estes, contentando-se de entender, um pouco de Latim bom, ou mau, nam cuidam em saber Gramatica. Os mestres Seculares, pola maior parte, sam ignorantísimos, e puros *pedantes*. e desta forte de gente nunca esperou aumento, a republica Literaria: E' necesario porem confesar, que fóra de Portugal, aindaque perzistam algumas destas razãoens, muitísimos Religiozos, e Seculares ensinam, segundo os verdadeiros principios. Comque, considerado bem tudo isto, nam tem que se-maravilhar V. P. de que um metodo, que louvam tanto os omens doutos, tenha tido tam mau recebimento, em varias partes. Mas estas Gramaticas que tem faído, aindaque sigam os mesmos principios, nem todas se explicam com igual clareza. Eu direi o que achei nas melhores, e o como se-pode ordenar uma Gramatica, util para a Mocidade.

A Gramatica deve-se dividir, em dois volumes. No-primeiro, devem-se tratar aquellas coizas, que indispensavelmente devem estudar os principiantes. no-segundo, aquellas reflexões, que sam mais proprias para os adiantados, e para os mestres: como sam as difficuldades de Gramatica, e as razãoens daquellas regras, que parecem menos comuas. Explico agora a primeira parte. Esta primeira parte (podemos-lhe chamar pura Gramatica: porque a segunda, sam comentarios sobre ela) divide-se naturalmente, em quatro partes: *Etimologia*, *Sintaxe*, *Ortografia*, e *Prozodia*. a primeira trata das-Vozes: a segunda da-União delas: a terceira das-Letras: a quarta da-Quantidade das-silabas.

ETIMOLOGIA,

Na primeira parte, trata-se da-origem e differença das-vozes Latinas, que podem entrar na oração, por-sua ordem. Primeiro, explica-se o *Nome*, e suas especies. O *Nome*, tem trez accidentes, que sam, *Genero*, *Cazo*, *Terminação*. Os *Generos*, que tanta bulha fazem nas escolas, explicam-se com toda a brevidade. á regras gerais da-significação, e particulares da-terminação. Na primeira regra, poem-se todos os que pertencem ao Masculino. v.g. *Sam do-Masculino, os nomes de Omens &c.* 2. *Sam do-Feminino, os nomes de Mulheres, Naos &c.* 3. *Sam do-Neutro, os nomes de Letras, Frutas &c.* Tambem as particulares, se-reduzem a tres

v. g. *Sam do-Masculino os nomes em O, como Sermo: em il, como Mugil &c.* Acabado isto, poem-se um escolio que diga: *Nomes que sam do-Masculino, por-excesam das-outras regras. v.g. Cometa; Adria, Harpago, Splen &c.* O mesmo metodo se-pode praticar no-Feminino, e Neutro, E com seis regras, se-explicam todos os Generos: e se-acaba esta grande barafunda de Cartapacios. Se pois o estudante quizer saber a razam, porque alguns nomes, que pareciam de um genero, se-atribuem a outro; pode ir ver, a segunda parte da-Gramatica.

Segue-se explicar, quantos *Cazos* tem o Nome: e em 3.º lugar a *Declinasam*: mostrando quantas á: e em cada uma delas; quais sam a Latinas, quais as Gregas. Tudo isto se-pode dizer, com muita clareza e brevidade; bastando alegar um exemplo, em cada especie de terminaçoens, que podem entrar em cada declinasam. Com este metodo, em uma vista de olhos, percebe o estudante os nomes, que pertencem a cada declinasam. Despois, podem-se explicar os Nomes Compostos, os Anomalous de genero, de numero, de cazo, e de declinasam. A segunda especie de Nome, é o Adjetivo. E aqui tem lugar explicar, as diversas especies de Adjetivos: *Positivos, Comparativos &c.* as suas declinaçoens, e anomalias.

O *Pronome*; tem seu lugar despois do-Nome: porque tambem é, uma especie de Adjetivo. Onde deve explicar-se logo, a sua diversidade: e as declinaçoens dos-Simplezes, e Compostos.

O *Verbo*, é a mais difficultoza parte, nas Gramaticas vulgares: e por-iso pede grande atensam. Explicadas as divizoens dos-Verbos; e apontado, que á quatro Declinaçoens ou Conjugacoens: segue-se logo, explicar os Preteritos. v. g. A primeira, tem no-infinito a longo antes de *re*: no-Preterito faz, *avi*: no-Supino *atum*: ut *amo, amavi, amatum, amâre*. Tiram-se os Verbos em *bo*; ut *Cubo*: em *co*, ut *Mico* &c. E isto se-observará em todas as Conjugacoens. Desta sorte conclue-se em poucas palavras, toda aquela grande arenga de Preteritos, que nam tem fim nas escolas de Portugal. Se pois o estudante nam quer aprender, toda aquella enfiada de Verbos, nam emporta: basta que aprenda um exemplo, e saiba buscar os outros: porque a pratica ensina o demais.

Seguem-se as *Declinaçoens* dos-Verbos, a que vulgarmente chamam, *Linguagens*. E aqui achamos bastantes erros, nas Gramaticas comuas, e tambem confuzoens: porque mandam aprender

aos rapazes, coizas totalmente superfluas; e nam explicam as necessarias. Quanto ao Indicativo, concordamos com Manoel Alves: só dizemos, que aquele *Preterito plus quam perfeito*, é uma arenga, que nenhum estudante intende; nem os mestres explicam. Deve-se explicar assim: *Amavi*, é *Preterito perfeito proximo*; que afirma uma coiza, simplesmente pasada: *Amaveram*, é *Preterito perfeito remoto*, que nam só se-intende de uma coiza pasada; mas que ja era pasada, antes de outra, de que eu falo como pasada. Dizemos mais, que aquele *Futuro perfeito*, nam o-ã no mundo; pois esta voz, é o mesmo *Futuro segundo*, que ele poem no-*Conjuntivo*.

Alem dos-primeiros tempos do-Indicativo, tem o Verbo, segundo *Prezente*, que é *Amem*: segundo *Imperfeito*, que é *Amarem*: segundo *Perfeito*, que é *Amaverim*: segundo *Preterito remoto*, que é *Amavissim*: segundo *Futuro*, que é *Amavero*. Mas isto pode-se explicar em Portuguez, com diversas palavras. A estas segundas vozes, ou segundo modo, podemos chamar *Conjuntivo*: porque pola maior parte, une-se com outras partes. Daqui vem, que é erro, pòr nas Gramaticas: *Modo Optativo*, *Conjuntivo*, *Potencial*, *Permissivo*: porque por-este estilo, podem-se acrescentar muitos outros Modos: sendo certo, que, ajuntando-lhe nova particulas, nacam diferentes modos de se-explicar. Basta advertir ao estudante, que aquelle *Amem*, pode-se tomar, em diversos sentidos: o que se-conhece, polo contexto da-orasam. tudo o mais é tempo perdido, e é ensinar uma falsidade: pois nam á tais modos separados: sendo que a linguagem, ou a voz sempre é a mesma. *Amem*, quando significa *possibilidade*, e quando significa *permissam*, nam se-distingue mais, que polo contexto. E isto bastava que brevemente se-advertise, apontando um exemplo: porque o mais ensina a lisam, e reflexam sobre os bons autores.

O terceiro Modo é o *Imperativo*: a que podemos chamar, por-distinçam, *Prezente terceiro*: *Ama*. *Futuro terceiro*: *Amato*.

O *Infinito*, é aquelle; a que verdadeiramente devemos chamar, *Impefoal*: pois nam tem determinadô numero, ou pefoa, ou tempo &c. Este tem uma voz: a que, aindaque impropriamente, podemos chamar, *Prezente*, e *Imperfeito*: que é *Amare*. a qual tem todas as significaçoens do-*Prezente*, e *Imperfeito primeiros*. Para os outros *Preteritos* serve, *Amavisse*. Tem *Futuro*, que é *Amaturum esse*: e outro *Futuro remoto*, que é *Amaturum*

suisse.

fuisse . Gerundios , Supinos , e Participios . Isto posto , deve-se explicar , como se-formam os tempos . E nisto se-compreende , a primeira parte das-Linguagens .

Seguem-se os Verbos Anomalos , quero dizer , os que nam tem analogia , com as quatro Conjugacoens : sam *Volo* , *Nolo* , *Malo* , *Fero* , *EO* , *Edo* , *Fio* , *Memini* &c. *Aio* , *Inquam* , *Forem* . E nisto se-encerra tudo , o que se-diz do-Verbo .

Os Gramaticos fazem aqui uma barafunda de explicaçoens , e divizoens , em *Neutros* , *Comuns* , *Depoentes* , *Diminutivos* , *Frequentativos* , *Denominativos* , *Imitativos* &c. mas tudo isto é superfluo . Todos os Verbos , tirando dois , sam Ativos , ou Passivos : porque ou significam asám , ou paixam : e a estas especies se-reduzem os apontados . Basta advertir , o que significam estas palavras , e a que conjugafam pertencem os ditos verbos : apontando um exemplo de cada um . o que porem melhor se-faz , no-exercicio da-leitura , e tradufam .

Ao Verbo , segue-se o *Participio* : que aqui se-deve explicar com as suas divizoens . notando quais sam os Verbos que os-tem: quais os em que faltam : quais deles formam Comparativos , e Superlativos .

No-*Adverbio* , deve-se explicar e apontar , os que sam de proguntar , os que significam tempo , lugar ; e outras diferentes especies deles . Depois , a *Prepozisam* : mostrando as que sam separaveis , e as que se-nam-separam . Como tambem advertir , que coiza acrecentam ao Nome , e Verbo , estas Prepozicoens . Sobre a Interjeisam , deve mostrar , quais sam as que significam , os diferentes afetos do-animo , para o estudante poder servir-se na ocaziam . A *Conjunsam* , tambem tem suas especies : que sam *Conjuntiva* , e *Disjuntiva* , *Condicional* , *Concesiva* &c. e estas todas devemos apontar : alegando exemplos em cada uma .

Depois da-Etimologia das-vozes , tem lugar explicar o *Metaplasmo* : que vale o mesmo que dizer , certas figuras , polas quais se-acrecentam , ou diminuem as letras das-dicoens : v. g. *Gnavus* pro *Navus* &c. Noticia é esta sumamente util para entender , as diferentes vozes Latinas . E nisto se-compreende , tudo o que deve saber-se sobre a Etimologia , com a maior clareza , e brevidade imaginavel .

S I N T A X E .

Depois , segue-se a *Sintaxe* . E a qui é maior a difficulda-

de : porque se a Etimologia ; nas Gramaticas ordinarias ; é confuza ; a Sintaxe delas é a mesma confuzam . é necessario variar muito do-comum , para ensinar verdadeira Sintaxe . Nam tenho tempo para provar o que digo : mas seguro a V. P. que o que escrevo , é ja provado evidentemente , polos autores que aponto ; e outros que os-comentaram : e que , se a necessidade o pedise , com pouco trabalho mostraria tudo : porque tenho visto o que basta . E assim apontarei fomite , as rezolusoens .

A Sintaxe ensina a unir as vozes , para fazer a orasam : e ; por-raeio desta , formar um bem regulado discurso . A construisam ou uniam ou é *Regular* ; que segue as regras da-Arte : ou *Figurada* , que se-desvia delas , mas funda-se na autoridade dos-bons escritores . A construisam *Regular* funda-se na *Concordancia* , ou na *Regencia* . Chamo *Concordancia* , quando as partes concordam , em alguma coiza comua . v.g. o Sustantivo concorda com outro Sustantivo em *cazo* , que é comum a ambos . Nas *Concordancias* achamos alguns erros comuns , que em breve apontaremos .

Nam se-devem admetir mais concordancias , (nam falo daquela entre dois Sustantivos) que de *Sustantivo com Adjetivo : Verbo com o Nome* . O Adjetivo concorda com o Sustantivo em *numero* , e *cazo* , que sam comuns a ambos : nam em *genero* , porque o Adjetivo nam tem genero , mas fomite o Sustantivo : poem-se porem o Adjetivo em uma terminasam , conrespondente ao *genero* do-Sustantivo . Alem disto o Adjetivo , nam concorda com o Sustantivo proprio , v.g. *Petrus* : mas com o Sustantivo comum , v.g. *Homo* : e vale o mesmo dizer : *Petrus est bonus* : que se difese-mos : *Petrus est homo bonus : vel artifex , vel magister bonus &c.* Quando nam á nome comum , recorre-se aos nomes ; *Res , Factum , Opus , Negotium* , e outros semelhantes , que antigamente tinham , significasam mais extensa , que a que oje lhe-dam . Damesma forte quando Ovidio dise : *Nox , & Amor , & Vinum nil moderabile suadent* ; deve-se intender assim : *non suadent factum , vel opus , vel negotium moderabile* . Virgilio umas vezes dise : *Præneste altum* : intendendo *Oppidum* . outras vezes : *Præneste sub ipsa* : intendendo *sub ipsa Civitate* . podia tambem dizer : *Præneste altus* : intendendo *Locus* . Terencio dise : *Eunuchum suam* ; intendendo *Coemediam* , ou *Fabulam* ; porque *Eunuchus* é masculino . Deixo outros exemplos , com que se-mostra , que a concordancia sempre é com o Sustantivo comum .

A infinitos exemplos que provam, que o Relativo concorda com o *subsequente* expreso, ou supreso, em *numero*, *cazo*, e terminafam conrespondente ao *genero*: dafesma sorte que outro Adjetivo. Temos exemplo bem claro em Cicero, do-expreso: *Ego tibi illam Aciliam legem restituo, qua lege simul accusasti* (1): e em outra parte (2): *Sequitur enim caput, quo capite non permisit*. Cezar abunda muito destes modos de falar, porque afetava clareza. Acham-se exemplos do-supreso: *Populo ut placerent, quas fecisset fabulas* (3): i. e. *Populo ut placerent fabulae, quas fabulas fecisset*. Do-que fica claro, que o Relativo concorda, em genero, numero, e cazo, como dizem comumente, com o seu *subsequente*; que é o mesmo antecedente repetido. Isto basta por-agora.

A segunda concordancia, é do-Verbo com o Nome: os quais concordam em *numero*, que é comum a ambos: nam em *pesoa*, porque esta é fomite do-Verbo: mas poem-se o Verbo em uma terminafam, conrespondente à *pesoa*, que o Nome significa. Devem-se porem advertir algumas coizas. I. A primeira, e segunda *pesoa* do-Verbo, raras vezes se-construe com o Nome expreso, fem nam por-distinsam, ou emfaze. II. A terceira *pesoa* do-Verbo, construc-se tambem com um Verbo infinito. v.g. *Scire tuum nihil est: pro, scientia tua*. Tambem algumas vezes fem nome expreso: v.g. *Aiunt, supple, homines. Tonat, sup. Deus*. outras vezes com o Nominativo: *Saxa pluunt*. Tambem se-uzza do-Nome, fem Verbo expreso: *Rari quippe boni. i. e. sunt*. III. No-Verbo com o Nome, tem lugar a Figura *Sintesis*, que parece, que discorda do-Nome expreso: mas a verdade é que concorda, com o sinonimo oculto. v.g. *Pars epulis onerant mensas*: onde o Verbo concorda, com o sinonimo oculto, *Plurimi*. Tem tambem lugar a figura *Zeugma*, em que o Verbo concorda, com o mais vizinho: *Tu quid ego, & populus mecum desideret, audi*. Tem tambem lugar a *Silepsi*, emque o Verbo concorda, com o mais digno: *Si tu, & Tullia lux nostra valetis, ego, & suavissimus Cicero valemus*.

IV. Porque o Adjetivo significa acidente, nam pode estar só fem sustantivo, que signifique a sustancia. o mesmo digo das-terminafsoens do-Verbo que significa, movimento de alguma coiza: e assim

(1) In Ver. act. 3:

(2) 2. Agrar.

(3) Terent. in Andria:

e assim sempre se-subintende a dita coiza . Nam á Orasam sem Verbo, e Nome . se o Verbo é finito, o suposto é Nominativo : se é infinito, é Acuzativo . A Letra, Silaba, Voz, e Orasam, pode ser suposto do-Verbo, e do-Adjetivo . V. Do-sobredito se-inferem varias coizas . E' falso, que os Nomes de numero, come *tres*, & *decem*, concordem entre si . E' falso, que os Adverbios, e Conjunsoens concordem com o Indicativo, Optativo &c. deve-se dizer, que se-construe um com outro . E nisto com pouca diferenca se-comprende, tudo o que se-diz da-Sintaxe de concordar .

A Regencia, é a que mostra o seu efeito, em outra coiza que rege . Quatro sam as vozes que regem outras : Nome, Verbo, Participio, e Prepozisam . E' falso, o que se-ensina comumente, que o Adverbio, Conjunsam, Interjeisam, Verbo pasivo, Participio pasivo, Gerundio, Nome adjetivo, reja, e pesa cazo: porque o cazo que se-acha com eles, é regido de uma parte supresa, pola figura *Ellipsis* .

A regencia ou é Gramatical, que segue as regras da-arte : ou Figurada, que se-desvia delas . E porque a regencia se-exercita nos-Cazos do-Nome, daqui vem, que toda a Sintaxe de Regencia se reduz, à explicaçam deses seis Cazos . v.g. no-Nominativo aponta-se, quando entra na orasam . despois, quais sam as partes da-orasam, que se-construem com ele, ou simplez, ou dobrado . O mesmo digo de todos os outros Cazos : na explicasam dos-quais deve-se muito advertir, de mostrar quais sam as partes, que verdadeiramente os-regem : e nam enganar os estudantes, com as doutrinas das-Gramaticas vulgares . V.g. o Genitivo é cazo somente regido, por-um Sustantivo expreso, ou supreso : ou por-uma parte, que esteja em lugar de Sustantivo . E' pois necessario mostrar-lhe, que se-enganam os outros, que atribuem o tal Genitivo, a outras partes da-orasam . Com este metodo, explica-se mui brevemente a Sintaxe, e mui solidamente : porque se-reduzem todas as construisoens figuradas, ao modo de falar regular : e se-descobrem os verdadeiros principios da-Regencia : postos os quais, dezaparecem todos aqueles Apendices, e Limitasoens da-Gramatica uzual : as quais nam de outra coiza nacam, senam de estabelecer principios falsos . Despois, explica-se a Gramatica Figurada : e se-aponta o fundamento da-Figura, e como se-pode reduzir à construisam natural . porque sem esta intelligencia, nam se-pode ir para diante na Gramatica .

ORTOGRAFLA, E PROZODIA.

As outras duas partes da Gramatica sãõ mais facis , porque menos contrariadas . A noticia das-Letras , e *Ortografia* , é sumamente necessaria , para escrever bem , e ler correntemente nam só a moderna , mas tambem a antiga escriptura : em que varejam muito as letras . O mefmo digo da *Prozodia* , ou quantidade das-silabas . Tambem nisto é necesario , uzar melhor metodo , que o da Gramatica comua : e confesso eu muito bem , que se podem dizer , com mais clareza .

Eis aqui tem V.P. uma idea do-que finto , sobre a Gramatica . Parece-me bastante o que dise , paraque veja V.P. quanto trabalho encurtaria uma Gramatica , concebida nestes termos : e uns principios tam claros , como os em que se-funda . Nam posso dilatar-me mais nesta materia , porque seria compor Gramatica ; é o meu argumento nam é esse . Eu fei , quem tem composto uma Gramatica , pouco diferente da-ideia que propuzemos : e tem composto outro particular escrito , com que se-aprende Gramatica mais facilmente , e em menos tempo : os quais podia publicar ; para utilidade deste Reino . Dois nosos amigos lhe-pediram instantemente , que a-impresse : mas ele desculpa-se sempre com dizer , que é mais facil , conquistar um novo mundo ; doque despersuadir os Velhos , da-antiga Gramatica . Cita alguns exemplos com que mostra , que a paixam obra nestes particulares mais , que o juizo : e lamenta-se muito , que se-tenham reprovado tantas coizas , sem as-lerem , nem intenderem .

O que eu posso segurar a V. P. é , que com este metodo , aprende-se em um ano mais Gramatica , doque nam sabem muitos , que a ensinam trinta anos , ou pasãram nela toda a sua vida . É erro persuadir-se , que um cmem ou deva , ou possa ter presentes todas as regras , que se-acham na Gramatica do-P. Alvares . A experiencia deveria dezenganar , os que estudãram por ella ; e mostrar-lhe , que aquele estudo morre com a escola . Um estudante , despois de seis ou sete anos de Manoel Alvares , se acazo nam le os antigos Latinos , e procura intendêlos ; ou nam passa para a Filozofia , onde a necessidade o-obriga a intendêlos , e falar a tal lingua ; fica toda a sua vida ignorante de Latim , com toda a sua Gramatica . Porem se acazo segue o exercicio do-Latim , de tal sorte se-familiariza com a lingua , como se fora nacional ; e começa a falar por-uzo . Aqui nam é necessario mais

prova, que proguntálo a eses mesmos leitores. apenas conservam umas ideias gerais, das-regras de Gramatica. Onde fica claro, que tudo aquilo é superfluo. O metodo porem que aponto, é mais facil de se-conservar na memoria, porque é natural: e chega à origem das-coizas. Mas em um e outro sistema é verdade, que preceitos sem uzo, nada valem. Onde deve o estudante, nam só aprender a Gramatica, mas exercitar eses regras no-discurso, na leitura, e na composizam: descobrindo em toda a leitura as regras, que na Gramatica lhe-insiniam: no-que deve ter igual cuidado o mestre, que o estudante. No-primeiro ano, deve ensinar-lhe Gramatica: o que se-pode fazer com muita facilidade. No-segundo, traduzir os autores mais facis: como algumas Cartas de Cicero, as Fabulas de Fedro, Terencio, Cornelio Nepote: procurando que o estudante afine a regencia das-partes, e descubra neses livros, os principios que estudou: e intendendo as outras particularidades mais reconditas da-Gramatica: as quais nam sam para o primeiro ano.

Mas, para proceder nisto com utilidade, deve o mestre ordenar ao estudante, que ja vio uma vez a Sintaxe, que escreva em Portuguez, polas palavras que melhor lhe-parecer, mas sempre diferentes daquelas, que estam na regra, a razam de alguma regra; apontando um exemplo, e explicando as partes todas dese exemplo. Pode tambem o mestre tomar, um periodo de duas regras, em algum autor claro; e dalo ao rapaz, para-que o-explique em uma folha de papel: pondo nela toda a regencia gramatical, sem deixar nem menos uma virgula, por-explicar. E quando o rapaz apresenta a sua carta, examinálo de tudo, o que nela se-contem; para ver se verdadeiramente o-intende. E isto mesmo se-pode praticar ao principio, quando traduzem os autores. Este modo de estudar, nam enfada os principiantes, visto darem-lhe tempo para considerar, o que ám-de-escrever. Ao principio, deve ser em caza: quando sam adiantados, na escola. Alem diso o estudante, para escrever a sua explicafam, é necessario que leia, e intenda bem a regra: que busque no-Dicionario, o significado das-palavras: e desta sorte é que a-imprime bem na memoria. Quando o estudante for adiantado, entam é que se pode obrigar, a repetilo de memoria: mas nem sempre: pois algumas vezes é bom, dar-lhe o periodo, para-que fafa a explicafam por-papel: Com a diferenfa porem, que se o periodo

riodó avia ser de quatro regras , seja de seis , ou oito . Expli-
cando isto por-escrito , é incrível , quanto se-intende melhor :
principalmente se o mestre , quanto lhe-tomar conta , fizer as pro-
guntas necessarias ; emendar os erros , e explicar tudo como de-
ve .

Mas esta carta já é mais comprida , doque eu queria fazé-
la : porem posso segurar a V.P. que ainda me-fica muito que di-
zer . Contudo do-que tenho escrito , fica bem claro , o que eu
intendo : e para V.P. é mais que bastante . Fico às ordens de
V.P. como seu criado .



CARTA TERCEIRA.

S U M A R I O.

A *Buzos que se-introduziram em Portugal, no-ensinar a lingua Latina. Mao modo que os mestres tem, para instruir a Mocidade. Propoem-se o metodo, que se-deve observar, para saber com fundamento, e facilidade o que é pura Latinidade. Necessidade da-Geografia, Cronologia, e Istoria, para poder intender os livros Latinos. Apontam-se os autores, de que os mestres se-devem servir na Latinidade: e como devem servir-se deles; e explicálos com utilidade: e as melhores edisoens. Aponta-se o modo de cultivar a Memoria, e exercitar o Latim nas escolas.*



EU amigo e fenhor, Tardei em escrever a V.P. porque tive legitimas occupaçoens. Continuando pois o fio das-minhas reflexoens, da-Gramatica passo para a Latinidade: porque mepersuado, que este mesmo caminho deve seguir o estudante, que quer ter perfeita noticia, da-lingua Latina. Esta noticia certamente nam se-consegue, com a pura Gramatica: mas com a continua lisam de bons autores, e reflexam sobre as suas melhores obras. *Aliud est grammaticè, aliud latine loqui*: advertio ja no-seu tempo Quintiliano. e com muita razam: porque a escrupuloza fugeisam às regras da-Gramatica impede, saber falar a lingua. A Gramatica é a porta, pola qual se-entra na Latinidade: e quem pára no-vestibulo, nam pode ver as singularidades do-Palacio. Quantos omens acha V. P. que, com terem sido mestres de Gramatica muitos anos, saibam pegar na pena, e escrever uma pagina em bom Latim? responder a uma carta com facilidade? e fazer qualquer outra coiza, em que seja necessario, uzar da-lingua Latina? Eu conheço infinitos sujeitos, que pasáram a sua vida neste exercicio, e quando ám-de escrever Latim, servem-se de expresoens em tudo barbaras, e indignas do-seu exercicio. Outros, aindaque tenham seicisam de palavras, nam

se-despem dos-idiotismos da-sua lingua: que é o mesmo que falar Portuguez, com palavras Latinas. Uma vez que observam, aquella regencia gramatical que estudaram, parece-lhe que fazem a sua obrigafam. Os que se-querem apartar deste uzo, declinam para outro extremo viciozo, que é a afetafam: e nam buscam, senam palavras grandes e sonoras, *sesquipedalia verba*, com as quaes atroem os ouvintes, ou leitores. E daqui entam nace, aquele estilo ridiculo, que tanto dominou nos-seculos da-ignorancia; e oje em Italia chamamos, *estilo do-seculo XVI*.

A estes ultimos chama o comum dos-Gramaticos, grandes Latinos. E' um louvar a Deus, ver a prezunfam de uns, e a ignorancia de outros. Achei-me presente em algumas orafoens Latinas, que se-recitaram sobre diversos afumtos; e nam podia asás admirar, a afetafam, e estilo dezigual, que reinava em toda a orafam. Depois disto, li muitas composifoens, feitas por-eses mesmos: li muitas postilas de diversos leitores, que tinham pasado com louvor, por-aqueles bancos: e em tudo notei o mesmo defeito. E tudo isto provem, de se-contentarem com a erudifam de quatro temas, que lhe-mandam compor: e de nam se-internarem na lifam dos-bons autores, e que' escrevèram no-tempo da-mais pura Latinidade. E' coiza impossivel, que um omem que tenha tomado o gosto, à verdadeira Latinidade, com facilidade o-perca. Ainda quando trata afumtos umildes, e argumentos em que è obrigado servir-se, de exprefoens barbaras, v.g. na Filozofia, ou Teologia Peripatetica; ou ainda quando despreza o falar elegante; la mostra sempre, o conhecimento que posúe daquela lingua. Nos-seus escritos conhecem muito bem os omens inteligentes, o que ele podia fazer. caiem-lhe da-pena palavras proprias. um estilo facil e natural é o carater das-suas obras. Mostra a experiencia o que digo: e convem nisto os omens de alguma doutrina. Daqui vem, que os que querem fazer progresso na Latinidade, procuram logo um autor facil e elegante, como qual-quer dos-que na minha ultima aponte; e desorte se-familiarizam com ele, que tomam e imitam a sua fraze, e modo de falar. Quem quer falar uma lingua, deve conversar com os omens que a-falam bem. ora os que oje falam bem Latim, sam eses quatro livros, que nos-deixou a Antiguidade: e com eles é necesario conversar tanto, que aprendamos o que se-pode aprender.

Pode tambem aver perigo, na lifam deses mesmos bons liv-

ros : e pode succeder , que com bons livros , se-faiba mal Latino ; Digo isto , polo que tenho observado , em grande parte deste Reino . Omens á ; que lem indiferentemente , todos os livros antigos ; e pola vaidade de quererem saber tudo , nam sabem nada . Formam um estilo dezigual , que nam é de seculo algum : e com grande trabalho , nam conseguem o fim que queriam . Neste defeito , nam só caiem os pouco doutos ; mas chegarão a cair , omens de grande doutrina . Erasmo , que foi um omem tam douto como V.P. sabe , é censurado neste ponto . A grande lisam que tinha ; dos-antigos autores , e Padres , impedio-lhe formar um estilo determinado . Contudo isto , nam sei se achará V.P. muitos no-seu Reino , que escrevam como ele . O certo é , que Erasmo nam lia os Antigos por-vaidade ; mas por-necessidade dos-seus estudos : mas estes dê quem eu falo , nam se-livram deste pecado . Outros , furtam indiferentemente , de todos os autores que lem ; para poderem encher as suas composicoens : servido-se imprudentemente ; destes livros de Fraseologia : sem advertirem , que sempre á-de ser capa de romendos : e que os diversos mantimentos primeiro se-ám-de digirir , para se-converterem em uma sustancia , que seja uniforme e simplez .

A outra razam que á , para que se-posam enganar , é a diversidade de estilo , e merecimento destes mesmos Antigos . Quanto ao estilo , é certo que os quem fer Historicos , faram mal em ler as Filipicas de Cicero , as Comedias de Terencio , os Epigramas de Catulo , e outras semelhantes composicoens : porque nam conduzem ao seu fim ; aindaque sejam escritas , no-seculo da-bela Latinidade . omesmo digo das-outras proporcionadamente . Podem-se ler estes autores : mas cada um deve applicar-se ao que é insigne , na materia que ele trata . Se bem uso dizer , que Terencio serve-se das-expressoens , no-seu proprio significado : que Cezar falou melhor , que nenhum dos-Romanos : nem por-isto ei-de logo meter Cezar , e Terencio em toda a parte . para o conhecimento da-lingua , todos me-podem servir : nam assim para o exercicio particular , que eu quero . Quanto ao merecimento é certo , que nem todos os Antigos sam iguais . antes muitos que escreveram no-seculo de Augusto , e em tempo de Tibério , fizeram-no com tal negligencia , que mal tem lugar , na idade de prata da-lingua Latina : e sem injuria se-podem colocar , na idade de bronze .

Esta advertencia é mais necessaria em Portugal, que em outros Reinos : porque os mestres aqui, tem pouca noticia destas coizas . Nas escolas da-Latinidade , verá V.P.traduzir livros , de merecimento mui dezigual : e passar de um para outro sem eleisam, nem advertencia , fomite para encher tempo, e completar o ano . Na 3. e 4. em que os rapazes comefam a traduzir, explicam pola menhan, as Filipicas de *Cicero* &c. e de tarde, a *Eneide*, ou *Ovidio* de Trift. Na 2. e 3. pola menhan, *Suetonio*; de tarde *Oracio* . Mas eu vi mais : vi um mestre que explicava aos dicipulos, as Orafoens de *Cicero*, *Marcial*, e o *Theſaurus Poeticus* . E que coiza boa pode sair daqui ? Nam ensinam aos estudantes, qual é o merecimento de cada autor, que lhe-mandam traduzir : e como pode o estudante advinhálo ? Alem diſo, aquillo de explicar no-mefmo tempo, *proza*, e *verso*, e isto a principiantes, nam pode menos, que produzir monſtruozidades . O pobre estudante, com a memoria cheia de tam diferentes especies, nam pode distinguir o branco, do-negro : nem chegar a conhecer bem, qual é o eſtilo da-proza, e qual o do-verso . Muito pior ainda é, comefar por-tais livros : porque as Filipicas, e *Eneide*, nam é Latim para rapazes, mas para omens feitos . por-eſtes livros devem acabar o eſtudo, e nam principiálo . Tambem o *Suetonio*, nam é livro proprio da-Eſcola, porque nam escreve com a pureza dos-outros da-idade de oiro . era melhor *Livio*, *Nepote* &c. que, alem da-pureza de lingua, ſam perfeitos modelos de eloquencia . Outros mandam traduzir liſoens do-Breviario, ou Concilio de Trento : dizendo que ſam necessarias, para quem á-de ſeguir a Igreja . E isto tambem é uma ſoleniſima loucura . Cada liſam do-Breviario é de ſeu autor, e de eſtilo diferente . Ainda das-que ſe-tiram da-Eſcritura, ſe-deve dizer o meſino : umas ſam oſcuras, que ſam as dos-livros profeticos ; outras mais claras, que ſam as dos-iſtoricos : e o Latim delas nam é bom, porque a fraze é barbara . E querer, que um eſtudiante traduza isto, é querer, que nam ſaiba Latim . Tambem o Concilio nam é proprio, para dar boa doutrina : porque ſe-ſerve de um eſtilo Forenſe proprio de Roma, que nam é Latino . Se o-fazem para intender eſtes livros, é ſuperfluo explicálos . Nam á omem nenhum tam decepado, que, ſe intende bem Latim, nam intenda as Bulas ; aindaque nunca as-tenha lido . Eſtar o verbo vizinho ou diſtante, nam muda, ou diſculto o ſentido, a quem le todo
o pe-

o periodo : e quem tem alguma pratica delas , intende-as maravilhosamente , aindaque seja mao Latino , como vi muitas vezes em Roma . O que suposto , é muito mao emprego , obrigar o estudante a traduzir Bulas , ou Constituiçoens : e principalmente a traduzilas palavra por-palavra , como fazem estes mestres . O Ecclesiastico , nam é necesario que traduza ; basta que as-intenda . Antes é muito mal feito , obrigálos a traduzir assim : porque o tal Latim nam se-deve traduzir *ad verbum* , mas *ad sensum* . O que bastava que o mestre advertisse , quando quizesse dar-lhe alguma noticia difo : pois em tal cazo bastaria , que mandásse ler alguns periodos , e explicar o sentido . Isto basta : o mais é perder tempo .

Contudo iso sam poucos os que conhecem , que com isto se-perde o tempo : antes blazonam , quando procuram embrulhar os rapazes , com coizas obscuras . Achava-me eu em uma parte , em que certo M. de Filozofia , para examinar um rapaz , mandou-lhe traduzir aquelas palavras de S. Paulo ad Cor. *Aemulor enim vos Dei aemulatione &c.* que era o capitulo da-Ora , que estava rezando . O rapaz , que nam era mao estudante , traduzio literalmente : mas como nam fazia bom sentido , o mestre dito deu grandes rizadas , e fez escarneo do-rapaz . Eu calei-me por-prudencia : mas tive meus impetos de lhe-dizer , V. P. ri-se de um pobre rapaz , que nam é obrigado a saber , o sentido da-Escritura , nem os *ebraismos* , que se-acham na Vulgata : e eu apostarei , que V. P. é o primeiro que nam intende , o que nisto diz S. Paulo . Com effeito se eu apertava os negalhos , estava certo , que seria mui mao interprete , da-dita Epistola . O certo é , que nam á maior parvoice , que mandar traduzir palavras obscuras : e que esta *pedanteria* se-devia desterrar de lugares , onde se-sabe falar . Alem disto , é obrigado o estudante , a compor varios periodos , a que chamam *orasoens* : repetir uma quantidade de regras Latinas , e Portuguezas : e se o pobre rapaz nam pode responder a tudo , em vez de lhe-aliviar o pezo , e mostrar-lhe a estrada , e animálo a profeguila ; dam-lhe muita palmatoada ; e obrigam-no a odiar , todo o genero de estudos . De que nace , aquella grande ignorancia , que se-observa nestes paizes .

Daqui fica claro , que com tal metodo , pouco se-pode saber de Latim . E' lastima que os Profesores , nam cheguem a conhecer

por-

por-uma vez, o ridiculo deste costume . Todos os primeiros estudos naturalmente dezagradam , porque sam cansados : e paraque avemos enfastiar mais os pobres rapazes ? Um omem consumado nos-estudos , quando estuda uma lingua estrangeira , v.g. Grego, Ebraico , ou Caldaico , nam pode menos que enfastiar-se , daquelles primeiros elementos . Tem grande dezejo de sabèla : conhece o metodo de aprender a dita lingua : reconhece a necessidade que tem dela , para entender as Escrituras Santas: contudo iso quando se-aplica a ela , mil vezes deita fóra os mesmos livros: e nam-se-acha com rezolusam , de tornar a servir-se deles . Falo pola experiencia propria , e pola de alguns amigos , que se-aplicáram às linguas estrangeiras . E nam acha V. P. que é uma crueldade , castigar rigorosamente um rapaz , porque nam intende logo a lingua Latina ? que de si mesmo é difficultoza , e ainda o-parece mais , na confuzam comque lha-explicam . Isto é o mesmo , que meter um omem , em uma caza sem luz , e dar-lhe pancadaç , porque nam acerta com a porta .

V. P. está em uma Universidade , onde é facil dezenganar-se com os seus olhos . Entre no-Colegio das-Artes , corra as escolas baixas ; e verá as muitas palmatoadas , que se-mandam dar aos pobres principiantes . Penetre porem com a considerasam, o interior das-escolas : examine se o mestre lhe-ensina , o que deve ensinar : se lhe-facilita o caminho , para intendêla : se nam lhe-carrega a memoria , com coizas desnecessariissimas : e achará tudo o contrario . O que suposto , todo este pezo está fóra , da-esfera de um principiante . Ora nam á lei que obrigue um omem , a fazer mais do-que pode : e que castigue os defeitos , que se-nam-podem evitar . Nam nego , que deve aver castigo : mas deve ser proporcionado . Um estudante que impede , que os outros estudem : que faz rapaziadas pezadas &c. é justo que seja castigado : e , avendo reincidencia , que seja despedido . Seria bom , que nesa sua Universidade , se-dese um rigorozo castigo ; ainda de morte , aos que injustamente acometem os *Novatos* ; e fazem outras insolencias . A brandura comque se-tem procedido neste particular , talvez foi cauza , do-que ao despois se-fez , e ainda se-faz . Nese particular seria eu inexoravel : porque a paz publica , que o Principe promete , aos que concórem para tals exercicios , pede-o assim : e em outros Reinos , executam-no com todo o rigor . Falo somente do-castigo que se dá , por-cauza de nam acertar com os estudos . a

emulafam , a repreenfam , e algum outro castigo defte genero faz mais , que os que fe-praticam . E' necessario ter muita paciencia com os rapazes , e ensinálos bem : nam feguido a opiniam da-quele Bispo de Vizeo D. Ricardo Rofel , que em um exame reprovou XVI. estudantes afio , porque pronunciáram *Idolum* , com a segunda breve . Isto só faz , quem nam conhece o que deve . Um omem pode ignorar , a quantidade de muitas filabas , e fer um grande Latino . Todos os dias fe-oferecem duvidas na quantidade delas , aos omens doutos : principalmente naquelas palavras , que tem origem Grega : na qual lingua o *O* , e *E* fám de duas fortes, breves , e longos . Este rigor é censuravel . deve-se praticar outro eftilo .

Acho ainda mais outro inconveniente , para saber Latim , praticado nas escolas : que é , compor muito naquela materia , que intendem mui pouco . Um pobre estudante ainda nam entende Latim , e ja lhe-dam varios temas , que fám certas orafões vulgares , para traduzir na lingua Latina . ou dam a orafam Portugueza , com partes Latinas ; ou uma sentença Latina , para eles a-dilatarem , e provarem . Mas um e outro metodo , é um erro maficho . Que coiza boa á-de fazer um rapaz , que ainda nam sabe Latim ? Dar as partes conrefpondentes ao Portuguez , e obrigar o eftudante , a que fe-firva delas em uma orafam longa ; é o mefmo que querer , que ele figa os despropozitos do-feu mefre . Ainda quando o estudante acertáfe com tudo , nam acertaria com os idiotifmos , isto é , com os modos de falar , que fám proprios da-lingua Latina : e falaria Portuguez , com palavras Latinas . Pode-se permetir o dar as partes , em uma breve orafam ; e isto a um rapaz que comeía : mas nam fe-deve obrigar outro mais adiantado , a fequir tal metodo :

Devia o mefre ensinar ao dicipulo , compor bem uma orafam Portugueza breve , uma carta , um comprimento , ou coiza femelhante . Para isto tem o estudante , toda a facilidade pofivel , porque o-faz em uma lingua que sabe ; e na qual o mefre pode claramente mostrar-lhe os erros . Quando o estudante foubéfe fazer isto bem , entam lhe-aconfeelharia , que a-convertéfe em Latim , deixando-lhe toda a liberdade da-compozifam . Emendados os erros de Gramatica , fe os-ouvêfe , emendaria os erros da-lingua ; e lhe-mostraria , a diferenfa que á , entre eftas duas linguas : e a diverfidade que aparece , entre efcrever feguido as regras de

Gramatica, e segundo o estylo da-boua Latinidade . Mas nisto procederia com advertencia . Primeiro, nam procuraria que escrevesem, senam em estylo familiar e facil . despois, segundo o adiantamento que tivesem, pasaria aos argumentos ou afumtos mais difficultozos ; os quais explicaria muito bem . Desta forte, acompanhando a tradusam com a compozisam, facilitaria muito o estudo, e conseguiria promptamente o intento .

Deste estylo rezultariam muitas utilidades . Primeiramente, fairiam os omens da-escola, nam só sabendo a lingua Latina, mas tambem a sua . E' lastima, que omens que pasaram tantos anos, nas escolas pequenas, e grandes ; omens que estam oje ensinando a outros, e occupam cargos de Letras, e Politica ; nam saibam escrever uma carta ! Pois isto é coiza, que succede todos os dias . Eu me lembro, que V.P. se-queixou ja disto : e me-dise, que achava muitos Religiozos, que tinham o mesmo defeito : e reconheceo comigo, que a origem destes danos era, a que aponto . Cometem-se mil erros de Gramatica, na propria lingua, e infinitos de Ortografia . Preparam-se muitos para escrever uma carta, como para fazer um ato publico . Procuram palavras bem dezuzadas, ou estrangeiras ; e verbos que nam á no mundo . E com isto compoem uma carta, sumamente afetada, e de um estylo, que é mais declamatorio, que epistolar . Estes sam os que sabem mais : e os que sabem menos, pedem a elles, que lhas-componham . E tudo isto provem, de nam terem uzo de compor na sua lingua : e de nam terem quem lhe-ensine, qual é o estylo de Carta, qual o de Orasam : e nam aver uma alma cristan, que lhe-persuada, que a afetassam deve-se evitar, em todos os generos de eloquencia, mas muito principalmente, no-estilo familiar .

A segunda utilidade é, sobre a intelligencia da-lingua Latina . Um rapaz que de sua cabeça escreve uma carta, ou compromisso, ou oferecimento Portuguez, com palavras proprias ; ja sabe, o que á-de dizer em Latim : só lhe-falta, ter as palavras Latinas, para as-colocar . A isto pois deve suprir o mestre . Supponho, que lhe-tem ja ensinado a Gramatica : e tambem a traduzir de Latim, em Portuguez, para intender os termos : e suppondo elles principios, facilmente o rapaz intenderá, quais sam as palavras, de que á-de uzar : ou ao menos será facil ao mestre, mostrar-lhas . Eu no principio seguiria esta regra . Comporia diante dele em Latim, parte da-dita carta, ou toda : e lhe-daria a ra-

zam do-que fazia : explicando-lhe , porque uzo daquele verbo , e nam de outro : porque uzo daquela fraze , mais doque outra . Capacitando-o , que a todas as palavras Portuguezas , nam pode conresponder uma Latina : mas é necesario uzar de *perifraze* , ou rodeio de palavras , para as-poder explicar . Este é o defeito que nós achamos , no-metodo de dar as partes : porque nam conrespondendo elas sempre umas a outras , por-força á-de sair uma embrullhada . Sabido tudo isto , darlheia a incumbencia , de escrever a dita carta em Latim , sem lhe-mostrar , a que eu tinha composto : e pedirlheia a razam , de tudo o que tinha feito .

Alem disto , com este metodo aprende-se o que significa ; escrever Latim com propriedade . Um mestre que se-contenta , com a Arte do-P.Alvares , e com a noticia do-Dicionario do-P.Bento Pereira , nam sabe distinguir entre muitos sinonimos , qual é o proprio , para o que quer explicar . Figuro um exemplo . Tenho necessidade de uzar , do-Verbo *Pedir* : para isto occorrem logo mil Verbos : *Postulo* , *Posco* , *Peto* , *Flagito* , *Efflagito* , *Oro* , *Rogo* , *Precor* , *Obsecro* , e alguns outros . Quem sabe pouco , intende que sam rigorozos sinonimos ; e nam tem dificuldade , de servir-se indiferentemente de todos : mas quem sabe mais , conhece que nem todos o-sam : porem que alguns daqueles Verbos , significam mais , ou menos . v.g. *Postulo* significa pedir aquilo , que se-me-deve : *postulare jure* . *Flagito* significa pedir com instancia , e injuriozamente . *Efflagito* pedir com grande instancia ; e acrecenta sobre *Flagito* , alguma coiza . O mesmo dos-outros com sua proporçam . Do-que fica claro , que querendo eu explicar , que peso com instancia ; direi muito mal : *Vehementer postulo . cum clamore & magna instantia obsecro* . basta que diga , *Flagito* . O mesmo digo , em diversas outras materias . Isto nam ensina o Alvares , nem o Pereira : mas isto deve ensinar o mestre , mostrando ao estudante , quais sam os vocabulos proprios , para explicar o que quer . Desta sorte acostuma-se o rapaz desde o principio , a servir-se de termos proprios , e frases naturais à Lingua : E com isto insensivelmente toma o gosto da-boua Latinidade , e da-sua mesma lingua : e aprende as leis da-Tradusam , mui necessarias a quem á-de ler , e servir-se de autores estrangeiros .

Dirmeá V.P. que eu peso muito : e que isto nam é facil , praticálo nas escolas : porque nem todos os mestres , tem a erudisam que aponto ; e nem todos os estudantes , sam capazes de-

ta doutrina : E eu respondo , que nam á coiza mais facil de fe-
 executar . Ponha-me V.P. nas escolas outra Arte : um bom Ca-
 lepino dos-modernos , reduzidos à grandeza do-Dicionario do-P.
 Pereira ; que tudo se-remedeia . Estas duas coizas sam sumamen-
 te necessarias . A Arte comua , ensina muita coiza má : e a Pro-
 zodia , tem muito erro . Nam distingue as idades dos-vocabulos :
 mas com uma simplez estrelinha quer , que nós suspeitemos mal ;
 de tudo o que dezagradou ao corretor : o qual às vezes erra ,
 como ouvi queixar os mesmos Jezuitas . Alem diso , desterra
 da-Latinidade muitos nomes , que sam Latinos ; e introduz outros ,
 puramente barbaros . Nam explica a forsa das-vozes : nem mostra
 com exemplos , os significados proprios , e figurados de cada pa-
 lavra : alem de muitas outras coizas , que se-podem notar . E assim
 seria necessario , compor um Dicionario pequeno para os rapazes ;
 ou servir-se de algum estrangeiro . v.g. o de Danet , ou ainda
 melhor , o que ultimamente se-compoz em Turin ; por-ordem d'El-
 Rei de Sardenha , para uzo das-escolas : que sam dois tomos in
 4.º Italiano e Latim , Latim e Italiano : e traduzir as palavras
 Italianas em bom Portuguez . Estabelecido isto , conheso eu entre
 os doutifimos Jezuitas , mosos de toda a erudifam , e capacidade ,
 proprios para executarem dignamente , este emprego . Comque , ti-
 re V.P. das-escolas , os que sabem pouco ; e em seu lugar po-
 nha estoutros : prescreva-lhe o metodo apontado : fasa com que
 o executem sem epikeas , (como fez ultimamente o dito Duque de
 Saboja acs seus suditos , determinado-lhe o metodo , de ensinar La-
 tim , e Leis &c.) e verá , com que facilidade se-reformam as es-
 colas . Todos os estudantes , assim como sam capazes de sofrerem ,
 aquele mau metodo , com mais razam receberám outro , que seja
 mais claro e facil , e seguiloám com mais boa vontade . O dano
 desta era consiste em quererem , que um estudante , que sabe pou-
 co , e a quem nam ensinam a saber mais , mostre que sabe mui-
 to ; e , para o-mostrar , componha muito . Eu nam peso tanto :
 Suponho que tem ja , um bom ano de Gramatica , e que tem
 pasado parte do segundo ano , traduzindo de Latim em Portu-
 guez : onde nam me parece que peso muito , se quero que no-
 resto do-ano , se-empreguem em compor Latim , polo metodo que
 assim digo ; Este tal estudante nam é noviso , mas adiantado ; e
 pode com fruto aplicar-se a este estudo . Falando-lhe em Portu-
 guez , e compondo polo metodo que aponto ; muda-se de sistema .

Nas escolas comuas sabe-se pouco, quando os-obrigam a compor: v.g. na quarta; e terceira, em que comesam a traduzir de Latim, em Portuguez; nesa mesma classe, e no-mesmo tempo comesam a fazer tema. E isto nam pode produzir bom efeito. Mas neste sistema, quando se-compcem, ja o negocio está adiantado: e vai-se adiantando mais, com a dita compozisam.

Acha-se tambem outro inconveniente bem grande, nestas escolas, sobre isto da-compozisam; que é, obrigar os estudantes a fazerem, ou indiretarem versos rotos: e castigálos rigorosamente, se os-nam-fazem. desorteque ou sejam, ou nam aptos para a Poezia, todos ám-de fazer, o mesmo numero de versos. Mostra pouco intender de versos, quem pratica isto: porque nam é facil, obrigar o entuziasmo a que venha, quando quer o mestre. Mas o que mais é para rir é, que fasam isto omens, que prezumem muito de ser Poetas, e matam gente com as suas poezias. Falando com alguns mestres neste particular, responderam-me que o-faziam, para que os estudantes tivessem alguma erudisam, dos-Poetas Latinos. Proguntei-lhe, que necessidade avia de-fa noticia: responderam-me: Que era necessaria, para a intelligencia da-lingua Latina. Poisque, continuei eu, quando V.V.P.P. intendesem bem *Cícero*, *Cezar*, *Cornelio Nepote*, *Livio*, *Paterculo* &c., e pudesem explicálos com facilidade, e escrever como eles, tinham medo de nam saber Latim; ou seria necessario, recorrer a estes Poetas? Aqui nam souberam que responder mais, doque recorrer ao costume, das-Universidades da-Europa. Mas eu, que nam queria deixar fugir a preza, pedi-lhe, que me-provassem, que nesas Universidades, enique se-sabe ensinar, (avemos de concordar, que á algumas que seguem, o estílo de Portugal, ainda-que mais moderado) explicavam os Poetas, só para intender a lingua: ou que obrigavam os estudantes, a que fizessem versos como eles. Aqui ficáram calados. E, na verdade, era difficil coiza, que quem nunca saíra de Portugal, ou nam tinha examinado com grande atensam, os estudos estrangeiros, discorresse fundamentamente sobre eles.

Mas a verdade é, que nam á coiza mais contraria à boarazam, que esta pratica de fazer versos. Os omens nam tem capacidade igual; e nem todos sam capazes de tudo: antes ás vezes acham-se mosos tam rudes, que difficultozamente podem intender o Latim. E como ám-de estes compor versos elegantes?

Afentamos , que , para a intelligencia da-lingua Latina , é loucura, obrigar a fazer versos . O mais que podem fazer , e que eu nam reprovo , é , quando o estudante sabe bem a lingua Latina , mandar-lhe traduzir , alguns dos-Poetas antigos melhores , como *Lucrecio* , *Virgilio* , *Ovidio* , *Oracio* , *Catúlo* , e algum outro : mas raro ; porque nisto se-compreende o melhor . E isto para mostrar , as frases particulares dos-Poetas , e tambem o bom gosto da-lingua . sendo certo que alguns destes escreveram , com purissima Latinidade , como *Virgilio* nas *Georgicas* , e *Eglogas* : *Oracio* nas *Epistolas* , e *Satiras* : *Ovidio* nas *Epistolas às Damas illustres* :

Quanto ao Verso , é querer perder tempo , obrigar os omens a fazêlos : e seria melhor , empregar aquele tempo , em coiza mais util . Ouviram omens doutifimos , e os-á prezentemente , que nam sabiam fazer versos . No-tempo de *Cicero* avia omens , que faziam versos , com grande facilidade , e insignes na dita profisam : e contudoílo estavam mui longe , do-merecimento de *Cicero* . Este grande omem nam ignorava , o como se-faziam os versos : e com effeito alguns fez , cujos fragmentos ainda oje existem : mas o seu talento , e a sua maior propensam era , para a *Retoria* . Nam que eu julgue , que os versos de *Cicero* sejam maos ; como muitos ignorantes , e que querem falar do-que nam intendem , se-persuadem . Os versos de *Cicero* , principalmente os *Fenomenos de Arato* , sam tam elegantes e tam belos , como os de *Lucrecio* : nem eu acho diversidade sensível entre uns , e outros : e igualmente admiro ambos , principalmente olhando para a materia , sobre que compuzeram . Pois se todos admiram em *Lucrecio* , explicar com tanta naturalidade , coizas tam difficultozas , conservando a elegancia , e o espirito de Poeta ; o mesmo louvor , e polas mesmas razoens , compete a *Cicero* : o qual com a frequencia de ler , e emendar *Lucrecio* , tinha aquistado a mesma facilidade , e estílo . Para conhecer o que nisto podia *Cicero* , basta lelo nas partes , em que nam é violentado , pola esterilidade da-materia : Nam fei se se-podem achar na Antiguidade , versos mais armoniozos , que os que ainda oje lemos , do-livro segundo do-seu *Consulado* . Este bocado somente mostra bem , na minha estimasam , o que *Cicero* podia . Nem obsta , que *Marcial* , *Juvenal* , *Quintiliano* , zombasem de um certo verso de *Cicero* : isto , como nota bem o doutifimo *Turnebo* (1) , nada prova . O que nam

agra-

(1) *Adversar. l.7. c.19.*

agradava a estes, agradava no-tempo de Augusto: e muitos omens grandes, (como advertio um grande crítico daqueles tempos) estimavam mais os Antigos, que outros bem nomiados (1). Se em muitas partes, Cicero nam se-afemelha a Virgilio, nem poriso perde nada do-seu merecimento. Nem menos é semelhante Oracio nas suas Satiras, e Epistolas: nem em tudo Lucrecio; e com tudo sam famozos Poetas: e a naturalidade com que se-explicam, e acomodam o verso exámetro, a tudo o que querem, é mais eslimada, entre os criticos de bom gosto, doque a elevavam de Virgilio. O estilo daquele tempo pedia, grande naturalidade nas-compozifoens. E nam falta quem censure Virgilio, em fer tam elevado e artificiozo nos-versos: no-que alguma coiza se-desvia de Omero. Contudo ninguem nega, que, se na Eneide, e Georgica observou bem o decoro; e sustentou a dignidade do-argumento; nas Eglogas pecou muito, porque nam observa a simplicidade natural no-estilo pastoril: mas procura que falem os pastores, com toda a civilidade, e arrogancia de cidadãos: o que nam é verosimel. Mas, tornando a Cicero, ficaria prejudicada a Republica de tam grande talento, se, pola Poezia, deixáse a Oratoria. Conheceo aquele grande omem o seu talento: cultivou-o: e saio aquele oraculo, que entam venerou Roma, e oje admira o mundo. Esta, é uma grande lisam para os Modernos, consultar o talento; e nunca violentar a natureza. Onde neste particular, deve-se consultar, a inclinavam dos-rapazes: e avendo-a, explicar-lhe brevemente, as diferentes sortes de composifoens metricas: nam os-ocupando senam em asuntos brevissimos: deixando-lhe toda a liberdade no-compor: mas emendando-os, e dando-lhe distintamente, a razam da-emenda.

Até aqui tenho falado a V.P. em alguns abuzos, das-escolas deste Reino, que impedem saber a lingua Latina. Agora falarei nos-requizitos, para a intelligencia da-dita lingua: a falta dos-quais,

Lam

(1) As palavras de Furio Albino citado por-Macrobio, sam estas. *Nemo debet antiquiores Poetas ea ratione viliores putare, quod eorum versus nobis scabri videntur. Ille enim stilus maxime; tunc placebat: diuque laboravit xtas secuta,*

ut magis huic molliori stilo acquiesceret. Itaque minime defuerunt, imperantibus etiam Vespasianis, qui Lucretium pro Virgilio, & Lucilium pro Horatio legerent. Petrus Crinitus, de Poetis Latinis.

nam se deve contar, entre os menores abuzos : e tambem apontarei o modo , comque se-deve regular, o estudo do Latim ; e a eleisam de livros , para o-conseguir com brevidade . Parecerá um paradoxo , se eu diser a V.P. que , ainda observando tudo quanto affirma digo , nam se-pode saber Latim , (nam digo com toda a perfeisam ; porque uma lingua morta , nam se-chega a saber bem : mas sabêlo no-melhor modo possível) sem alguma noticia da-Geografia , e Cronologia , e das-Antiguidades , em que entram os Costumes , a Fabula &c. e contudo , nam á coiza mais verdadeira doque esta . Eu nam quero fair do-livro mais uzual , que nas escolas se explica ; que é *Quinto Curcio* . Nele oçorrem todos os momentos nomes ; de Gentes , de Povos , Regioens , Cidades &c. fala-se de guerras entre Nafosens e Nafosens . E que conceito á-de formar do-escritor , aquele que o-explica , se ele nam sabe , se diz bem , ou mal ? porque , ignorando a Geografia , nam sabe , nem chega a compreender , em que parte do-mundo , estejam as tais Gentes , se vizinhas , ou distantes . Como á-de o leitor intender , as conquistas de Alexandre , se ele nam sabe por-onde foi , que Nafosens venceu , que difficuldades superou ? Alem diso , succede muitas vezes , que esse escritor , que o estudante le , se-enganáse nos lugares : e isto entam é erro sobre erro , que o leitor nam poderá decifrar . Nam è isto cazo metafizico , mas engano bem comum em muitos escritores . *Q. Curcio* enganou-se muitas vezes , por-ignorancia da Geografia : *Plinio* , e alguns outros : como admiravelmente mostra o douto Jozé Escaligero , nos-Prolegomenos de Manilio . O mesmo *Manilio* , *Virgilio* , *Lucano* , *Floro* erráram algumas vezes na Geografia , e podem cauzar o mesmo erro no-juzo , de quem for ignorante dela .

Dirmeá V. P. que este conhecimento , parece ser mais necessario , para nam se-enganar na leitura dos-autores , doque para intender a lingua : para a Critica , e nam para a Latinidade . Confesso , que para a Critica , é de indispensavel necessidade : mas o que digo é , que nam pode o estudante , intender com facilidade um autor , que trata a historia de um conquistador , sem a noticia dos-paizes de que fala : e nem menos o-poderá intender com gosto : Polo contrario , se é informado , aindaque superficialmente , desta noticia , percebe maravilhosamente o fato : facilita-se a intelligencia do-autor : e por-este meio a da-dita lingua . Um moso , que ignora totalmente a Geografia , toma limpamente um nome de

Cidade , polo de um Reino , e polo de uma Pessoa : e outros destes enganos , que vam acompanhados , da-ignorancia da-lingua . Quem nam souber v.g. que Napoles , é nome de uma Cidade , e de um Reino juntamente ; nam só confundirá os termos , mas tambem as coizas , que a ambas se-aplicam . E isto nam é scmente dano da-Istoria , mas tambem impedimento , para a intelligencia da-lingua Latina . Acham-se alem diso muitas Cidades do-mesmo nome , em Regioens bem distantes . v. g. a antiga Geografia mostranos na Azia muitas , com o nome de Alexandria , de Seleucia , de Ecabatana , e bem longe umas de outras . O que quem nam sabe , persuade-se , que se-fala fomite de uma : e nam intende a materia de que se-fala . E destes exemplos , de que abunda muito a Istoria antiga , se-colhe a necessidade da Geografia , ainda para a lingua . Seria coiza ridicula , que um omem lese *Q. Curcio* , para entender as palavras , e nam para o sentido da-Istoria : ou que , sem a intelligencia desta , prezumise que poderia alcanzar , a propriedade das-palavras . Muito mais sendo certo , que com o socorro da-Istoria , se-intendem muitas coizas , que sem ela é impossivel entender ; e a intelligencia do-contexto abre a porta , para se-intenderem muitos nomes . E' bem vulgar aquele lugar de Luciano , (1) em que , falando dos-Arabios , que saíram do-seu paiz , diz = *Umbras mirati nemorum non ire sinistras* = : o que , sem Geografia , é impossivel entender . Virgilio diz lá em certa parte (2) : *Gens inimica mihi Tyrrhenum navigat aquor* = : Como se-pode saber sem Geografia , que coiza é aquele mar *Tirreno* ? quem a-ignora , pode-o tomar polo mar *Baltico* , ou *Etiopico* , ou *Pacifico* . De que vimos a concluir , que , alem do-sentido historico , a mesma propriedade das-palavras Latinas , nam se-alcança em varias ocazioens , sem Geografia .

Parece-me pois , que uma breve noticia da-Geografia , deve ser o preludeo , da-lisam dos-autores . A observasam das-principais Cidades , de que fala o autor , que se-á-de ler : das-viagens , que fizeram os conquistadores : os fins e limites dos-seus imperios : isto deve primeiro observar-se . Mas porque esta noticia seria deminuta , se a-nam-unifem com a noticia , da-Geografia de toda a terra ; deve-se aprender esta noticia brevemente em um Mapamundo : ajuntando-lhe a noticia da-*Esfera Armilar* : das-divizoens do-Ceo ; e da-

(1) *L. 3. v. 248.*(2) *Aeneid. I. v. 67.*

e da-Terra &c. O que com grande facilidade se-pode fazer : pois ; como diz um omem douto , este estudo nam pede mais , doque olhos , e alguma memoria . Na Esfera Armilar conhece-se , a dispozizam do-Ceo , respetivamente à Terra : no-Globo , a dos-Reinos : e em uma carta particular , a da-Provincia , ou Reino de que se-trata . Advertindo , que quando se-falar em alguma Cidade , deve-se notar , de quais delas se-mudáram os nomes antigos , em alguns modernos . Acham-se cartas , que apontam os antigos nomes , das-Cidades da-Grecia , e Italia : e estas sam , as que principalmente se-deverám notar , para intender os escritores antigos , que faláram destas Regioens . *Sophianus* descreveo bem , a antiga Grecia : e *Cluverius* , a antiga Italia . E isto é precizo saber , comparando os nomes daquelas antigas Cidades , com os das-modernas ; e procurando nas cartas modernas , os sitios das-antigas Cidades , muitas das-quais ja nam existem . *Celario* publicou um bellissimo Compendio da-antiga Geografia , em 2. volumes de 4.º Tambem compuzeram Introdusöens Latinas *Cluverio* , principalmente para a antiga ; e *Luitz* . Quem quize-se maiores noticias deveria ler , o *Petrus Bertiüs = Theatrum Geographiæ Veteris* . fol.&c. e este mesmo autor compoz : *Veteris Geographiæ Tabulæ* . fol. &c. Este autor , que escreveo nos-principios do-século pasado , é famoso . Oje á muitos modernos que escrevêram bem , em Francez , ou Italiano . *Dupleffis* , e *Buffier* escrevêram bons Compendios ; que temos oje nas ditas duas linguas . *Jacobo Ode* fez tambem um belo compendio Latino : e é mais moderno . Os Senhores *Sanfon* , e de *l'Isle* compuzeram cartas Geograficas , nam só de todas as partes do-mundo , mas especialmente , das-antigas divizoens do-Imperio Grego , e Romano &c. E isto é o que deve fazer o mestre , e ensinálo quando é necessario : porque desta sorte , acostumando os rapazes a buscar na carta , que deve ter na escola , a dita Cidade ; imprime-se a Geografia na memoria , como quem brinca .

Em segundo lugar entra logo a Cronologia , que nam é menos necessaria , para intender os autores , e fugir os *anacronismos* , ou confuzam de tempos . Nam é necessario nestes principios entrar , nas disputas que á , sobre os principios dos-Reinos &c. isto é negocio , que pede grande estudo , e doutrina , e se-reserva para outra idade . Basta apegar-se ao calculo mais recebido e comum , que poem a vinda de Cristo no-ano 4000. da-criasam do-Mundo : a que chamam o calculo de *Ufferius* , por-ser este autor , o que o

explicou melhor . Aqui pois é necessario ler , em um breve compendio , a serie dos-tempos , desde o principio do-Mundo , até agora : notando os maiores sucesos , em que ano aconteceram : v.g. Diluvio de Noé , Vocafam de Abram , Saida dos-Ebieos do-Egito , Destruifam do-primeiro Templo de Jeruzalem , Vinda de Cristo , Paz da-Igreja &c. Especialmente deve notar o que empорта , para a inteligencia dos-autores , que quer explicar : e sempre que mudar de autor , deve notar , em que tempo escreveo , e de que tempo escreveo . para o que nam fervem pouco , os Dicionarios Iftoricos de *Hofman* , e *Moreri* &c.

Quanto aos Compendios de Iftoria á tantos , que é superfluo , que eu aponte nenhum . Neste principio deve-se buscar , o mais breve . Por-ifo me-parece , que o *Petavio* é mui longo . o *Celario* é bom , mas tambem nam é curto . *Turfelino* , e alguns outros escrevem bem ; mas em Latim . o *Boffuet* parece-me melhor para o principio ; e acha-se em Italiano , ou Francez . Tambem o *Valemont* , no-primeiro tomo , traz uma carta Cronologica geral , que pode bastar para o intento . E como este volume está traduzido em Portuguez , parece-me , que por-ele deve ler o estudante : e o mestre pode servir-se , de quaiſquer dos-apontados afima , que ſam dos-melhores . Em quanto nam aparece alguma iſtoria Portugueza , proporcionada aos rapazes , que estudam nas escolas : aos quais basta dizer , o que é ſomente precizo , ſem tantos rodeios : o que me dizem está atualmente fazendo , um omem douto meu conhecido .

E' superfluo que eu mostre , a confuzam que nace , no juizo dos-pobres principiantes , por-falta de alguma noticia de Cronologia : e quanto podem errar , ſe derem credito a tudo , o que dizem os antigos escritores . Eles erraram em muitas partes , por-nam terem noticia dos-tempos : e para nós nam cairmos nos-mefmos erros , é que julgam todos os omens doutos , que ſam necesarios , estes requisitos . Um omem que ouve falar em Alexandre Macedonio , e nam ſabe , em que tempo ele floreceo ; confundiloá com muita facilidade , com Alexandre Severo Imperador dos-Romanos . Filipe Macedonio , e Filipe Romano nam ſe-distinguem polo nome , mas polo diverſo tempo em que floreceram . os dois Romanos tambem foram Reis de Macedonia : e a diverſidade está , em que foram juntamente , Imperadores Romanos , e floreceram alguns ſeculos depois dos-primeiros . Esta confuzam ſe-aumenta , quando

quando se-fala de omens do-mesmo nome , da-mesma Nasam , e talvez do-mesmo tempo : Ouveram alguns *Marcos Catoens* , *Marcos Antonios* , *Marcos Brutos* , *Marcos Valerios* , *Marcos Ciceros* , *Apios Claudios* &c. todos Romanos , e alguns contemporaneos . E quem nam distingue isto , nam pode formar conceito das-coizas . Isto suposto , alguma tintura de Cronologia é necessaria , para intender a latoria : e , sem a intelligencia desta , nam se-pode intender o Latim , dos-que. escreveram nesta lingua .

Para facilitar este estudo é grande segredo , ter em caza uma carta Cronologica , de que se-tem feito algumas Latinas , em duas folhas grandes de papel . Acham-se umas tiradas das-obras do-P. *Petavio* , Latinas : estas , com a diferenca de poucos anos antes de Cristo , uniformam-se com as de *Usserius* . O *Delfini* fez umas em Roma , segundo a Cronologia do-*Usserius* , em 4 folhas grandes , que eu tenho , e sam boas . *Lanceloti* fez outras em Pariz , segundo a Vulgata , quero dizer , segundo o *Usserius* : e sam otimas , principalmente despois de Cristo . O P. *Pedro de S.Catarina* Religiozo Bernardo , fez outras em Franca , seguindo o *Usserius* : sam boas , aindaque alguma coiza extensas . O *Musanzio* Jezuita Italiano fez umas , em quatro folhas grandes , se me-nam-engano , porque averá anos que as-vi ; em que segue a Cronologia do-*Labbe* Jezuita , que poem a vinda de Cristo no-ano 4053. do-Mundo : mas nam sam más . Outro Jezuita , que é o P. *Cassini* , acrecentou-as por-ordem de Benedito XIII. O *Sanfon* , e *Perizonio* &c. compendiáram tambem taboas boas . As do-Senhor *Langloit* sam otimas , mas cuido que nam sam para rapazes ; porque unem os trez calculos Grego , Ebraico , Samaritano : o que carga muito a memoria . O ponto está que o estudante abra-se , uma Cronologia certa : e nam mude de cartas todos os dias ; mas meta umas na memoria . Toda a diversidade está , antes da-vinda de Cristo : porque despois dele todos concordam , e é rarissima a differensam . Se algum curiozo traduzise , umas destas melhores taboas , em Portuguez , para uzo da-Mocidade , emendando-as em alguma parte , e acomodando-as à necessidade do-Reino ; faria grande serviso à Republica . Eu comecei á tempos este trabalho , e tinha ideiado uma carta mui facil : mas impedido com outras occupações , nam pude acabála . se V. P. tiver gosto , porlheei a ultima mam. Feito isto , deve-se ler um compendio de latoria . Neste principio basta o *Valemont* , que já se-acha em Portuguez : e o mestre

no-entanto pode ler um compendio da-Istoria universal : v. g. o que fez o *Cluverio* em 4.º que é bom : e principalmente o que se imprimio em 1672. que é mais correto : E preparar-se para saber explicar, estas noticias aos dicipulos, quando falam na Cronologia. Mas disto falaremos em outra ocazião .

Quanto pois às antiguidades Gregas , e Romanas ; ou aos Uzos , e Costumes destas Nações ; são indispensaveis para perceber, os autores antigos . Um destes escritores não escrevia para nós , mas para os seus : aos quais eram notorios os costumes, não só publicos, mas também privados da-sua Nação . onde aludindo aos ditos, não se-cansa em os-explicar . Então intendiam-no todos : mas hoje não . e é necessario para o-intender-mos, que procuremos esta noticia naqueles, que as-recolheram . Um Historico que na presente era , contando as virtudes de um fero de Deus, disêse, que celebrava *Misa* todos os dias , tinha *Extazis* &c. como falava com gente, que o-intendia, não tinha necessidade, de se-explicar . Se pudese succeder, que daqui a mil anos não ouvesse *Misa*, ou aquele livro caísse em mãos de outra Nação, que não tivesse noticia de *Misa* ; é certo , que não entenderia, o que se-dizia ; ainda que intendesse a lingua : e seria necessario, que primeiro entendesse, que coisa era *Misa*, e outros destes nomes ; para dizer , que entendia bem a historia , em que se-achavam estas expressões .

Os antigos escritores em quasi todas as paginas , aludem aos seus costumes civis , e eclesiasticos . Falam de *Flamines*, *Augures*, *Paterpatratos*, *Sacrificios*, *Apoteozes*, *Vestais* &c. Encontram-se mil nomes pertencentes à guerra, *Tribunus Militum*, *Tribunus Plebis*, *Centurio*, *Quinquagenarius*, *Decanus*, *Triarius*, *Primipilus* &c. como também de machinas, e aparelhos belicos de muitas especies : A cada passo se-tropeça com o nome, de *Consul*, *Proconsul*, *Prætor*, *Proprætor*, *Quæstor*, *Legatus*, *Edilis* &c. cada emprego dos-quaes tinha seu particular exercicio ; sem a noticia do-qual, não é possível intender , a força da-expressão que o-significa . Quem não sabe, que os Consules , que prezidião aquelle ano no-Senado , eram os mesmos aquem se-distribuíam as Provincias, onde se-fazia a guerra ; e a quem se-entregava o governo do-exercito ; não poderá intender , como uma dignidade, que parece civil, se-introduza nas-materias militares . Quem não sabe, que no-tempo dos-Consules, ouveram Tribunos Militares , os quais governáram a Republica em

em lugar dos-Consules , com imperio consular ; e continuáram muitos anos com suas interrupoens ; intenderá , que *Tribunus Militaris* nam era magistrado ; mas valia o mesmo , que *Tribunus Militum* : que conrespondia aos Coroneis dos-nossos Regimentos . Quem nam tem lido , que no-mesmo ano se-elegiam muitos Consules , e Proconsules , ou muitos Tribunos Militares , para abrangerem a todas as necessidades da-Republica ; justamente se-persuadirá , que , em se-falando de Consul , discorre-se damedesma e unica pessoa . Quem nam souber , que os Pretores mandavam-se para as provincias pequenas , com imperio consular ; intenderá , que se-fala somente do-Pretor Urbano , ou Peregrino , que administravam a justiça em Roma . Finalmente só os ignorantes , é que podem negar esta necessidade : os doutos todos a-reconhecem .

Nós nam temos Historicos Latinos que escrevesem , os seus costumes patrios : sam os Gregos de quem recebemos , o que oje sabemos : porque como os Gregos escreviam , para os seus Gregos , aos quais nam eram notos , os estilos Romanos ; tinham cuidado de lhe-advertir , tudo o que era necessario , para a intelligencia da-Historia . *Polibio* deixou-nos uma particular descriçam , da-*Diciplina militar* , dos-*Costumes domesticos* , das-*Leis publicas* dos-Romanos . *Dionizio de Halicarnasso* , dos-*Sacrificios* , *Magistrados* , e toda a politica da-Religiam , e do-Estado . *Plutarco* tambem nos-ensina muita coiza . Mas como nem todos sam capazes , de lerem estes autores , por-isto será bom recorrer , aos Compendios . *Joam Rossino* fez uma boa coleçam das-Antiguidades Romanas , em Latim : que oje se-acha acrecentada por-*Dempsterus* . Estima-se pola brevidade , a Republica Romana do-*Cantelio* : mas eu intendo que é melhor o *Neuport = Rituum qui olim apud Romanos &c.* Quem quizer maiores noticias pode-as ler , no-*Corpus Antiquitatum Romanarum* do-*Grevio* , em 12. tomos fol. que comprehende todos , os que escreveram nesta materia : e onde pode consultar-se alguma difficuldade , que ocorrer .

Tambem é bom , ter alguma noticia das-Religioens diversas dos-Antigos : e para isto pode servir , *Alexander Sardi = de Moribus* , & *Ritibus Gentium* . 12.º ou *Joannes Bohemus Aubanus* de eodem 16.º ou *Van-Dalen = de Oraculis Ethnicorum* . 4.º o mesmo de *Idolatria* 4.º obra moderna : ou o *Barclai = Icon Animorum* ; para os costumes das-Naçoens : ou o *P.Pomei = Pantheon Mythicum* . Nam aponto outros livros , porque sam em linguas vulgares estrati-

estrangeiras : aindaque estes , talvez sejam os melhores , porque expoem tudo com clareza , e brevidade . O mesmo digo da-Fabula , a que aludem todos os momentos , os Antigos . É necessario saber , esta mitologia dos-Antigos , para os-intender ; e buscar autores que a-expliquem , sem a qual noticia , falarám muito , e nam saberám nada . Dos-Modernos é melhor , o *Jovet = Historia de todas as Religioens do-Mundo* = 3. tomos de 4.º que se-acha em Francez , ou Italiano .

Esta noticia é necessaria , senam aos rapazes , que se-divertem com outras coizas , ao menos aos mestres , que explicam os ditos autores : e , se a-nam-tiverem , por-força ám-de dizer muito despropozito : e mostrarám ensinar , o que nam chegarám a intender . Já sei , que chegando V.P. a este emportante ponto , me-proguntará , qual mestre conheço eu , que tenha toda esta crudisam : ou se me-persuado , que um rapaz , que faie das-escolas , e que nam tem no-corpo mais , que quatro anos de Filozofia , assim ou afado , quando entra a ensinar nas escolas baixas ; seja capaz desta doutrina tam necessaria , para fazer bem a sua obrigasam ? A isto respondo , que quanto à capacidade , ninguem lha-póde negar : pois este pezo nam é maior , que as suas forças . Bastaria que o-obrigasem , e ensinasem a estudar isto que digo , mostrando-lhe a necessidade que á de o-intender , para poder fazer a sua obrigasam ; que ele faria tudo , o que era necessario . E se acazo introduzisem , este metodo nas escolas , e o-protege-se quem pode fazê-lo , continuar-seia , da mesma forte que se-conserva , o metodo ordinario . Reconheço , que seria alguma coiza dificultozo ; persuadir a muitos omens mosos , que , aindaque ensinam o Latim , nam só tem pouca noticia dele , mas nem menos tem noticia , do-que é necessario , para o-faber : o que seria facil provar-lhe , fazendo-lhe uma exata lista dos-requisitos ; e proguntando-lhe , se os-posuiam . Mas enfim tudo se-vence , tratando-se com pessoas de juizo , piedade , e docilidade : e as razoes que apontamos , poderiam obrar muito , se tivessem a paciencia , de as-quererem ler , e intender .

Suponho pois que o estudante , tem alguma noticia , do-que assim apontamos , ou que pelo menos a-tem o mestre , que seja capaz de lho-explicar em poucas palavras ; e apontar-lhe os livros , onde se-podem beber estas noticias : (as quais podem-se ir aprendendo no-mesmo tempo , que se-explicam os autores , explicando uma ora cada menham , alguma parte delas) Apontarei agora o modo ,
com

com que se-deve regular; no-estudo da-Latinidade: Em primeiro lugar, deve fomenté procurar de saber, a propriedade dos-vocabulos: para o que deve buscar autores, que falassem mui naturalmente, e com estilo familiar. Para isto nam á melbores autores que *Plauto*, e *Terencio*: porque ainda-que em alguns lugarés sejam, ou pareçam oscuros; falam porem com estilo familiar, e com fraze naturalissima, e longe de ornamentos: que é toda a dificuldade na intelligencia da-lingua. Certamente *Terencio* é um autor, que nam tem preso, pola pureza da-lingua; e tambem é certo, que estes Comicos parecem mais Prozadores, que Poetas. Onde nam posso asás rir-me, quando ouso a alguns mestres responder, que *Terencio* nam é para rapazes, porque é obscuro. Os que assim falam, nam leram *Terencio*, nem sabem Latim. Proguntára-lhe eu, se é mais obscuro *Terencio*, que *Oracio*: ou se prezumem eles, que este, e *Virgilio* sejam mais claros, e proprios para rapazes, doque um Comico. Se bem considerassem estes, quanto é necessario para dizer, que intendem *Oracio*, e a *Eneide*; certamente julgariam diferentemente. Mas com estes omens nam falamos. O certo é, que *Cicero* julgou, (1) que a poezia Comica, nam se-distingia da-Proza, senam em ser escrita como verso: mas nam na dificuldade. e tambem ninguem duvida, que a Proza é mais facil, que qualquer Poema.

Em todo o cazo devem-se ler estes autores, com os Comentarios: e o mestre deve suprir com a explicafam; nam traduzindo muito; mas efe poucq com tal clareza, que nam fique dificuldade alguma ao rapaz. Quem nam souber explicar bem *Terencio*, pode contentar-se com *Fedro*. Este autor tratou argumentos: simplicezes, que sam certas fabulas, com uma disam pura e natural: e, aindaque Poeta, parece Prozador; e para principiantes é famoso. E' estimada a edisam, que o douto *Gronovio* nos-deu, de *Plauto*. Sobre *Terencio* muitos tem escrito, mas nem todos bem. Com razam se-dise, que *Farnabio*, e *Minelio*, afetando brevidade, deixáram mil coizas emportantes. *Madame le Fevre* publicou a mais bela tradusam, e notas sobre *Terencio*, que até o seu tempo

(1) *Itaque video visum esse nonnullis, Platonis, & Democrici locutionem, etsi absit a verju, tamen, quod incitatus feratur, & clarissimis verborum luminibus utatur,*

potius poema putandum, quam comicorum poetarum: apud quos, nisi quod versiculi sunt, nihil est aliud quotidiani dissimile sermonis..
Cicer. de Orat. ad M.B. num. 20.

po tinha apparecido : mas é em Francez , lingua que nem todos intendem : como tambem *Monsieur le Fevre* seu Pai , tinha illustrado eruditamente *Fedro* . No-estado prezente fervirmeia da-edifam de qualquer deles , *ad usum Delphini* , &c. que parece ser a mais toleravel , das-modernas :

Estes primeiros autores nam se-devem ler correndo ; como muitos fazem ; mas devem-se ler , e reler atentifimamente . v.g. lendo *Fedro* deve o mestre , nam deixar de explicar coiza alguma , que seja necessaria , para intender a lingua . Onde deve notar e explicar , todas as dificuldades de Sintaxe : porque aindaque na Grammatica se-expliquem , somente lendo os autores se-intendem bem : E terá cuidado , de reduzir a construisam embarafada e figurada ; ao modo de falar natural : explicando a Figura , em que se-fundam . Despois , notará a propriedade das-palavras . E quando encontrar algumas , que pareçam sinonimas , deve ensinar , se verdadeiramente o-fam , ou que coiza acrescentam . Em terceiro lugar deve ensinar-lhe , a pronunciar bem o Latim : que é o que comumente nam sabem em Portugal : pois ainda os mesmos mestres , pronunciam as palavras corrutamente . v. g. Em *Omnis* nam proferem o *m* : os *tt* finais pronunciam como *dd* : o *m* final pronunciam como *n* : e entre *e* , e *a* sempre pronunciam superfluamente um *i* . v. g. *Meam* ; *Deam* &c. os *ss* finais como *x* . O que sem duvida é grande defeito da-pronuncia : deixando por-agora outros erros , que se-podem notar . Alem diso oferecendo-selhe algum termo , do-Latim antigo , deve ensinar , o modo antigo de pronunciar . v.g. *Maxumus* , *Militiai* &c. Estas noticias dam muita erudifam , a quem estuda o Latim : e como muitos nam fazem cazo delas , por-iso ignoram , o que é Latim , e todos os momentos encontram , dificuldades novas . Isto que digo de *Fedro* , deve-se intender de qualquer outro autor : Mas isto é o que muitos nam intendem : antes querem ler muito , intendendo poco ; doque saber bem a lingua , com um só livro . De que vem , que a Mocidade nam aprende nada , com o seu metodo : pasam-se os anos nas escolas baixas , que se-de-viam empregar , em coizas mais utis : pois na verdade quem nam reflete , como deve , no-que le , tanto emporta que leia *Cicero* , como os atos de *Maria Parda* .

O que emporta muito no-principio é , nam das aos rapazes livros , que tenham periodos longos : mas breves , e com fraze natural . Por-esta razam alguns Italianos doutos , e despois deles os Fran-

Frãezes; aconselham, que no-principio devem-se fugir, as historias difuzas, os Oradores, e coizas semelhantes: especialmente os Poetas Heroicos &c. e que é melhor, tirar de Cicero, e outros autores elegantes e claros; tirar, digo, alguns paragrafos melhores: indireitar as frases, e transpozifoens dos-Verbos: e polas na ordem natural. Sendo breves, e elegantes, podem os rapazes intendê-las, e tirar daí grande utilidade. A experiencia mostrou-me, que diziam bem: pois vendo eu, que alguns rapazes nam intendiam, os discursos compridos, e as figuras da-oralam; feita esta experiencia, intendêram tudo facilmente.

Mas isto que a estes aconselho, acha-se feito ja por-omens doutos: os quais escôlhêram entre os autores, as coizas mais facis, e melhores, e reduziram-nas a capitulos diferentes: v. g. às quatro virtudes principais: para que os rapazes, nam só aprendam a lingua, mas tambem o moral das-afcoens. A maior parte sam de Cicero: mas tambem se-acham de outros autores. Sam trez livrinhos pequeninos, impresos em Pariz: e tambem se imprimiram em Italia na Cidade de Pezaro, em 1740. Estes livros valem um mundo, e tem aproveitado a infinitas pessoas: e quem ajudáse com eles os seus dicipulos, conheceria a verdade do-que dizemos. E por-esta mesma razam digo, que a leitura dos-Comicos, é infinitamente util aos rapazes: v. g. a de *Terencio*. todos os periodos sam breves: rarissima vez se-acha transpozisam mui oscura: e os modos de falar, sam tirados do-estilo comum: motivo pelo qual, sem trabalho se-intendem. *Plauto* tambem seria bom: mas como tem bastantes palavras antigas, ou escritas no-antigo modo, nam é tam proprio, para principiantes. *Oracio* nam, o-aconselho; nem outros semelhantes, que pedem maior erudisam. Em lugar de *Oracio* nestes principios, aconselharia *Catulo*, que é nam só purissimo Latinista, mas mui natural, e com infinitas grafas. Devem-se separar, os poemas impudicos, e explicar os outros, com todo o cuidado, e diligencia.

Mas, supondo que o mesire, nam tem os ditos livros, direi o que deve fazer, despois da-leitura de *Fedro*, e *Terencio*. Deverá pois explicar em outra classe; as cartas de Cicero, a que chamam Familiares, com os comentarios de *Manucio*, ou *ad usum Delfhini*, que sam otimas: nam todas juntas, mas saltiadas. Onde deverá preferir, as que escreve a sua molher *Terencia*, e a seu liberto *Tiro*: como tambem as de recomendasam. Estas sam

as mais naturais, breves, e claras: desforteque nam enfadam o estudante: porque sam compollas naquelo estilo familiar, que todos intendem. Vi nam á muito tempo uma pequena colesam, destas mais facis epistolas de Cicero, cuidoo que impresas em Padova; que eram otimas, para estes principios. Despois, na mesina classe pode ler, os Istoricos mais facis: como sam *Caio Cezar*, *Cornelio Nepote*, *Veleio Paterculo*. Estes trez escrevèram no-século damais pura Latinidade, e sam incomparaveis: principalmente os dois primeiros, que sam sumamente naturais, e claros. Mas estes autores nam se-devem ler seguidos: sim interrompidos, e tirando deles os lugares mais singulares. Se o estudante, tiver feito aproveitamento no-*Terencio*, e tiver ja lido alguns extratos, reduzidos à ordem natural; basta explicar-lhe estes autores, sem mudar a ordem das-palavras: paraque pouco a pouco das-coizas facis, vá intrando nas difficultozas. E terá o mestre a advertencia, de nam obrigar sempre os rapazes, a que traduzam de repente: mas em dias alternados. E comumente deve ordenar-lhe, que escrevam em caza a sua tradusam: e quando vierem à escola, fará que dem a razam, de tudo o que traduziram. Este modo de ensinar, aproveitata muito, e imprime as coizas na memoria. polo contrario o metodo comum, de dizer de cór, é falar como papagaio, e exposto a mil enganos. Onde deverá o mestre cuidar muito, em que escrevam as suas tradusoens; pois com o tempo serve isto, para ensinar a traduzir bem: que é o que muitos nam sabem.

Quando o estudante chega a este estado, pode-lhe ordenar; que componha alguma coiza: mas sempre assumtos breves: pola maior parte tirados das-obras, que traduz: o que pode fazer trez vezes na semana. Eu comecaria polas cartas: que é um modo de compor facil. Uma ou duas vezes darlheia as partes: tendo cuidado de escrever primeiro, uma carta Portugueza pequena, e com ordem natural. Ou traduzir uma pequena de Cicero, que seria o mais acertado: obrigando-os a que compuzesem outra semelhante, sem porer se-servir em tudo, das-mesmas palavras, e fraze. Despois, daria outra carta facil, sem partes: obrigando-o a que asbuscáse: e ensinando-lhe o modo. Em 3.º lugar daria uma carta mais elegante, sem a ordem natural: porque se acazo se-costumam; a escrever o Latim conrespondente ao Vulgar, nunca faberám fazer outra coiza. Despois disto, passaria a outro assumto mais difficultozo, e sempre breve. v. g. a discrisam, ou carater, de uma pessoa

peſoa determinada : no-que é ſingular *Valeio Paterculo* : ou obri- galoſia a referir , algum pequeno ſuceſo : dando-lhe primeiro o Por- tuguez ; e deixando-lhe a incumbencia , de pôr o Latim . Iſto é quanto pode fazer um rapaz , no-dito tempo : e ſe o-chega a fa- zer , nam faz pouco . Com o tempo , e quando for lendo outros autores mais difficultozos , é que lhe-podem dar outros afumtos : porque o rapaz , em quanto eſtiver na Latinidade , deve fazer duas coizas , compor , e traduzir . Deve porem o meſtre fugir , de lhe- dar penſamentos e ſentenças oſcuras , por-tema ; porque as-nam-in- tendem : e neſte tempo nada mais ſe-procura , que ensinar-lhe que coiza é , pura Latinidade . Quando o meſtre ler as compoziſcoens , deve emendálas , e dar-lhe a razam , de tudo o que faz . Ao prin- cipio ſomente cuidar , na propriedade : com o tempo ensinar-lhe tambem , o que é elegancia , e particular idiotiſmo da-lingua La- tina : mostrando-lhe como ſe-deve traduzir , tanto de Latim em Por- tuguez , como de Portuguez em Latim . Seria bom que o meſtre algumas vezes , traduziſe ele meſmo , algum paſo de *Cicero* &c. e o- propuzefe ao eſtudante por-tema : nam lhe-deixando ver o origi- nal , ſenam deſpois de feita a compoziſam : paraque aſim reconhe- ceſe o moſo a diverſidade , entre o que tinha feito , e devia fazer . Mas iſto ſomente ſe-pode fazer , nas claſes altas , e quando ja o ra- paz tem noticia baſtante , da-Latinidade : porque deſta forte , é que ſe-aprende , qual é o eſtilo dos-bons autores .

Pode , deſpois dos-ditos autores , explicar os Iſtoricos mais di- ficultozos : que ſam *Tito Livio* , *Saluſtio* , ou tambem *Quinto Cur- cio* . O qual *Curcio* , aindaque ſe-ſuponha ter eſcrito , no-reinado de Veſpaziano , que era a idade de prata ; ou , como diz *Sciop- pio* , o principio da-idade de bronze da-lingua Latina ; contudo , é eſcrito com a mais pura Latinidade do-ſeculo de Augusto : e o eſ- tilo é belifimo . *Livio* é mais copiozo , e mageſtozo , e digno da- grandeza do-Imperio Romano . Quanto a *Saluſtio* , convem todos , que as ſuas frequentes Ellipſis , e o demaziado laconiſmo , fazem-no duro , e oſcuro : mas é eſcritor de ſumo pezo , e ſingular eloquen- cia . Nam me-parece porem , proprio para rapazes , polas muitas e mui fortes metaforas , e baſtante oſcuridade . Onde o meu pa- recer ſeria , que dos-dois primeiros , ſe-tiraſem alguns lugares eſ- colhidos , para ſe-explicarem aos principiantes . Na meſma ultima claſe podem-ſe explicar , alguns extratos das-oraiſcoens de *Cicero* , prin- cipalmente das-mais facis , que ſam : *Pro Archia Poeta* : *Pro lege*

Manilia : Pro *Marcello* : e as *Catilinarias* . Mas obrigar um rapaz, a que as-vá traduzindo seguidamente, e inteiramente, como costumam muitos, é entender mal o negocio . Nenhum omem pode ler com gosto, uma inteira orasam de Cicero, se nam é um grande Latino, e Retorico : e á orasõens de Cicero tam longas, v.g. as *Verrinas*, que ainda um omem douto, nam as-le, sem se-cansar . Ler uma pagina oje, e no-seguinte dia outra ; é ainda pior : porque se-perde o sentido, e nam se-intende o que se-explica : de que nace o enfado, nam só nos-rapazes, mas nos-grandes . Onde o melhor é, procurar alguns pasos breves, e escolhidos : uma des-crisam : um inteiro argumento : um inteiro periodo do-exordio . O mesmo digo, daqueles que explicam, o *Somnium Scipionis*, o livro de *Senectute*, *Amicitia*, &c. quem faz isto, nam intende o que faz . Os ditos livros nam se-podem intender, sem saber a istoria da-antiga Filozofia : o que nam deve, nem pode um rapaz . Eu, tendo lido algumas vezes Cicero inteiramente, só o-cheguei a intender, (se é que o-intendo) quando li em *Laercio*, e *Plutarco*, a istoria das-setas dos-Filozofos . Os que introduziram o estilo comum, e que achamos no-livro a que chamam, *Selecta*, certamente ou nam refletiram, ou nam intendiam isto : porque dam aos rapazes, livros muito diferentes, e que só sam para omens adiantados . *Salustio* nam é para rapazes . Ouviram dizer, que os livros pequenos de Cicero, eram perfeitissimos no-seu genero ; e sem mais reflexam os-traduzem . Mas polo mesmo principio deviam explicar, os livros de *Oratore ad Q. Fratrem* : *Orator ad M. Brutum* : e os tres de *Officiis* : que sam a melhor coiza que ele fez, neste genero . Acho porem outras razoens, que se-devem atender, quando se-fala com principiantes .

Quando o rapaz traduz estes autores mais difficultozos, com a mesma ordem que se-acha neles, entam é precizo, que escreva a sua tradusam . A razam é, porque estes autores uzam de muitas transpozisõens, frases, e figuras, as quais nem sempre se-podem traduzir literalmente : e assim querer que um rapaz, de repente ache o verbo, ou perifraxe propria, é loucura : e vale o mesmo que ignorar, que coiza seja tradusam . Os mestres ao seu bofete, muitas vezes nam acham, a palavra propria, para a boa tradusam : como mostra bem o famoso *Monsieur Huet*, no-seu livro = *de Claris Interpretibus* = : em que aponta os defeitos, em que caíram os omens grandes : E se isto sucede aos doutos ; co-

mo é possível, que o-faça derepente um principiante? O que supposto, deve o mestre dar-lhe tempo, para escrever em caza a sua tradusam: ou ao menos na escola. E despois ensinar-lhe, como se-deve traduzir bem de Latim em Portuguez: porque intendido isto bem, conhece-se como se-devem converter as mesmas frases Portuguezas, em outras Latinas: ao que chamamos, boa Latinidade. Por-esta razam digo, que o que fez aquele livro, a que chamam, *Pai Velho*; que poem a tradusam de Virgilio, ou o que quer que é, palavra por-palavra; merecia ser afoitado pelas ruas publicas: e tambem os mestres, que se-servem dele: e o livro, queimado em praça publica. Nam á coiza mais prejudicial para a Mocidade, que semelhantes livros: pois mostrando ensinar a traduzir, fã a cauza, de que se-nam-saiba. O pior é, que os mestres praticam o mesmo, que diz o livro, nas suas tradusões. Cujo metodo é tal, que ou os rapazes estejam dez, ou vinte anos nas escolas, nunca intenderã Latim: como na-verdade succede: pois traduzindo todos Virgilio, nenhum o-intende. Achei-me em certa parte, emque um celebre mestre traduzia, o principio do quarto livro da-Eneida: *At Regina gravi jamdudum saucia cura* &c. palavra por-palavra: e tam pago de si mesmo, como se fosse, o melhor interprete do-mundo. Dize eu a um dicipulo, que escrevese a tradusam do-seu mestre, e despois lha-mostráse, perguntando-lhe, se era boa aquela tradusam. Assim o fez: e o mestre, cuidando que era coiza do-dicipulo, foi o primeiro que disse, que nam prestava para nada. Pois esta, replicou o dicipulo, é a que V.P. ontem disse. Envergonhado o mestre, quiz saber, quem lhe-dera o conselho, e respondeo: Que uma coiza era, compor na banca, e outra, explicar na escola. Que parvoice! esta propozisam vale o mesmo que dizer: *Que na banca se-deve compor bem: e na escola explicar mal*. A falar a verdade quem explica a rapazes o dito livro, ou coiza semelhante, sabe mui pouco: porque pela maior parte aquelas palavras, nam se-devem tomar no-proprio sentido, mas metaforicamente: e explicálas segundo o sentido do-Poeta. E por-este motivo torno a dizer, que os Poetas, principalmente Eroicos, nam sã para rapazes, que estudam Latim. Confesso a V.P. que ainda nam ouvi um mestre, que na escola disese: *Esta palavra, nam se-pode traduzir bem: é necessario explicála assim*. mas todos seguem o comum estilo, que é muito mau. Onde a minha regra geral é esta: Quando ouso um mestre, que, expli-

cando livros eloquentes , traduz assim : *Petrus* Pedro : *Amat* , ama : *Joannem* , a Joam : sem mais outro exame afento , que nam sabe Latim . Deve o mestre praticar outro estilo , se quer que aproveite aos estudantes : e o melhor é , o que aponto . Isto basta por-agora , sobre a tradusam .

Quando digo , que se-devem ler estes livros , nam quero dizer , que se-leiam todos : mas um , ou outro dos-que aponto ; que sam os melhores , e mais proporcionados ao noso cazo . Mas tambem é certo , que , lendo-os como digo , quazi se-podem ler todos . O principal ponto está , em seguir a ordem que infinuo : porque sem ela , nacerá confuzam e impedimento , como todos os dias observamos no-metodo vulgar : sendo certo , que primeiro se-devem ler , os que faláram a lingua naturalmente , doque os que abundam muito de metáforas , e mil outros ornamentos dificultozos . Mas nem menos isto basta , se o mestre nam explicar o que deve . Onde o ponto de toda a consideram consiste , no-modo da-explicafam . Quando pois o estudante estiver adiantado , deve o mestre , alem das-coizas que asima aponteí , explicar outras . v.g. a sintaxe dificultoza : a forsa das-palavras : o modo de pronunciar antigo : e notar outras coizas , que se-encontrarem . Porque os rapazes das-escolas maiores devem saber , nam só o que é Latim puro , mas tambem as outras particularidades , que constituem a elegancia . Acham-se autores , que se-servem de palavras Latinas , e contudo nam tem aquela particular grãa , a que chamam os inteligentes , boa Latinidade . Consiste esta às vezes , em uma frase inteira : tambem em uma diminutivo , ou frequentativo &c. coizas que dam infinita grãa ao estilo Latino ; e frequentemente se-acham , nos-melhores autores Latinos , como *Terencio* , *Cicero* &c. Onde , este deve ser o cuidado do-mestre : mostrá-las quando ocorrem : e notar a particular grãa que tem , naquele lugar . Deve tambem notar o modo , com que os bons autores começam , ou acabam o discurso , ou os unem entre si , quando compoem uma orafam inteira . Esta uniam consiste às vezes , em uma conjunfam : às vezes , em outra particula . E este é o particular estilo da-boua Latinidade : que necessariamente se-deve ensinar aos rapazes , paraque o-executem , quando compoem . Alem disto , quando encontrar alguma exprefam obscura , ou porque é fundada em uma fabula , ou coiza semelhante , deve explicála : Desta sorte se-intenderám os autores , e se-poderá tirar provei-

to da-sua leitura . E isto é o que um mestre douto faz , com muito gosto , porque conhece a utilidade , que daqui rezulta : e só entã pode repreender com justisa os rapazes , quando da-sua parte faz tudo o que deve , para os-enfinar .

Mas antes de concluir isto , quero dizer alguma coiza , sobre as edifoens defes mesmos autores , que tambem é noticia util . Em todo o cazo devem-se procurar , as melhores edifoens dellas obras , as mais corretas , e com boas notas . Todos os livros comentados *ad usum Delphini* , aindaque uns sejam melhores que outros , comumente , e principalmente para o noso cazo , sam bons . mas devem fer da-edifam de Pariz , ou de Olanda : porque as de Italia modernas , nam prestam para nada . Emporta muito ter o texto correto , para se-nam-enganar , neste particular . Os Olandezes sam famosos . As edifoens de Grevio , e Gronovio , e outros omens doutos , aindaque nam tenham notas , (mas quazi todas as-tem) sam corretissimas . a edifam de Cicero por-*Verburgio* , *cum notis variorum* , em Olanda é exatissima . Em Inglaterra tambem fizeram algumas boas : e a imprensa de Inglaterra , e Pariz é mais negra , que a de Olanda : e por-isto agrada mais . Isto que digo das-edifoens , se-intenda , nam só dos-Prozadores , mas dos-Poetas . O que porem encomendo muito ao estudante é , que , nestes principios , se quer saber Latim , leia poucos livros : mas eses que escolher , leia-os tantas vezes , e com tanta aten-sam , cõmo se ouvesem de fer eles , o seu unico estudo . na segunda vez achará menores difficuldades : e assim nas outras . Isto basta , para fer um grande Latino . Nem aconselharei a rapaz algum , que leia os Poetas . Para saber Latim , é escuzado , e ser-ve de impedimento : na Retorica é melhor que se-leiam : mas é melhor quando sam grandes . Porem por-nam deixar de dar metodo , na leitura dos-autores , direi brevemente o modo : e servir-á , para os que se-quiserem aplicar totalmente a isto .

Digo pois , que os que quizerem aplicar-se à leitura dos-Poetas , podem fazêlo , despçis de ter feito estas preparafõens : procurando somente , os mais estimados polos doutos . Para intender estes é necessario , ler algum tratado , que explique a Mitologia dos Antigos : e que nos-de uma noticia breve das-fabulas , à que eles todos os momentos aludem . Isto posto , deve-se ler *Ovidio* nas *Metamorfozes* , e *Fastos* , em que explica toda a Mitologia : despõis as *Eroidas* , que sam as suas melhores obras , e as mais facis .

as outras podem-se reservar para outro tempo. Depois, ler *Virgilio* todo atentissimamente: ao qual deve seguir *Oracio*, nas suas *Odes*; melhor direi, todo, porque é um autor inimitavel. Querem muitos, que com este se-leia, *Gracio Falisco*, *Olimpio*, e *Nemesiano*, Poetas Bucolicos: ainda que na verdade sejam muito inferiores, a *Oracio*. E finalmente, *Eftacio*, e *Lucano*. Isto basta para ter, uma grande noticia de Poetas: principalmente lendo-se, com a devida atensam. E quem tiver bem estudado os ditos, pode, sem mais mestre, ler qualquer dos-outros, que se-oferecer: mas apontarei alguns. Quem pois quizer ler amores, veja *Ovidio*, de *Arte amandi*, *Catullo*, *Tibullo*, *Propercio*: que sam todos no-seu genero famosos. Os melhores satiricos sam, depois de *Oracio*, que é o mestre; *Juvenal*, e *Persio*. *Marcial* é um autor, que entre mil coizas insulsas, tem algumas boas. agradam mais aos omens inteligentes de Poezia, e Latinidade os Epigramas de *Catullo*. Quanto a *Lucrecio*, e *Manilio*, sam juntamente Filozofos, e Poetas: e o primeiro sempre teve, e ainda conserva, muitos admiradores; e é um puro Latinista. Nisto se comprehende, o melhor da-Antiguidade.

Sobre as edifoens á pouco que dizer: Todos estes autores foram comentados, para uzo do-Delfim de Franca, por-ordem de Luiz XIV. Estas edifoens sam melhores que as antecedentes: e as concordancias que se-fizeram, de cada um destes autores, valem infinito, para a intelligencia dos-vocabulos da-lingua: pois mostram os diferentes uzos, e a forsa das-exprefoens. Alem das-Delfinas, á outras edifoens anteriores, que tem seu merecimento. Por-pouco que um omem se-familiarize com os livros, e consulte os Bibliotecarios impresos, e trate os omens que sam verdadeiramente doutos; conseguirá todas as noticias necessarias, para se-regular na eleisam dos-livros, e edifoens. Mas quem quizer ler estes autores, advirto-lhe, que os-nam-leia seguidos, sim interrompidos: pois nem tudo neles é igualmente bom. Onde, devem-se colher as coizas melhores: porque esta sorte de leitura agrada: uma longa leitura enfastia, e só serve para um omem, que nam fasa outra coiza. Nam aconselho, que se-expliquem Poetas nestas escolas: mas que aja uma ou duas separadas, em que somente se-trate esta materia.

E-ja che falamos de livros, necessarios para a intelligencia do-Latim, deve tambem o estudante saber, de quais se-deve servir,
para

para compor &c. Nisto á muito abuzo ; porque comumente alguns aconselham livros , que nam prestam . O *Cardial. Adriano* de *Sermone Latino* ; *Huberto Gifanio* , nas suas *Observaçoens* , *Tomaz Linacer* , sam autores famosos , para ensinar o modo , de escrever bem ; principalmente o ultimo . *Enrique Estevam* , e o *Vossio* , escreveram bem sobre as palavras , que nam sam Latinas , ou que o-parecem . O *Ducange* fez um belo Dicionario , de *Infima Latinitate* : que oje se-acha mui acrecentado , polos *Beneditinos* de *S. Mauro* , e cuido que sam , alguns seis tomos de folha . O Dicionario Etimologico de *Vossio* , pode dar grande e fundada noticia , da-Latinidade . *Nizolio* , e *Carlos Estevam* , compoz cadaum seu Dicionario , para as vozes que se-acham em *Cicero* : mas o ultimo é melhor , que o primeiro . Para ter noticia de toda a Latinidade , e ver o uzo dos- vocabulos , é necessario consultar , o *Tezoiro da-Lingua Latina* , de *Roberto Estevam* . 4. tom. para os rapazes , pode servir o *Calepino* de *Facciolati* , que é mais breve . Para ver as differensas das-palavras , é utilissimo *Auzonio Popma* , e o *P. Vavassor* Jezuíta , e tambem o *Borrichio* . Para saber o uzo , e forsa das-Particulas da-Latinidade , é famoso o *Stevvechio* , e despois dele o *P. Turfelino* , da-edifam do-*Facciolati* . Os mestres podem ler o *Tomasio* , e *Schvvarzio* , que sam amplissimos . As *Fraseologias* nam as-aconselho a ninguem : mas das-melhores , é a de *Manucio* , que comperdiou as de *Terencio* , e *Tullio* : e melhor que este , o *Parreo* , que acrecentou as de *Plauto* : e fez mais outras obras utis , para a Latinidade . Acham-se mais alguns autores , como o *Schorus* , *Cellarius* &c. que escreveram nestas materias : mas estes que apontamos , sam os melhores . E estas noticias bastam ao principiante : as outras aprenderá com o tempo .

Terho dito o meu parecer , sobre o modo facil de aprender , a boa Latinidade . Mas antes que acabe , direi a *V.P.* , que para conseguir este fim , e saber compor com facilidade , conduz muito , ter a memoria cheia de muitas especies . Sem ela nada vale a applicam : vistoque a nosa ciencia nada mais é , que a simplez memoria , do-que temos estudado . Ninguem duvida , que a memoria com o exercicio se-aperfeisoa , principalmente nos-rapazes : e que todo o trabalho , que nisto se-poem na mocidade , serve muito , para quem á-de seguir os estudos . Mas a dificuldade está , em saber cultivar a memoria . Quem obriga os rapazes , a aprender muito verso , e muita arenga ; faz-lhe mal , cuidando fazer-lhe

bem . Eu comparo a memoria , cheia de semelhantes ideias , a uma livraria grande , cujos livros nam estam nas estantes , mas amonoados no-meio , e polos cantos : quem nela procura um livro determinado , nam o-encontra : mas oferecem-se-lhe cem mil , que nada fazem ao cazo . Damesma forte a memoria mal regulada : quando lhe-pedem uma ideia , oferece tantas , e tam fóra do-proposito ; que é o retrato da-confuzam : de que nace , que nunca se-aprendem bem , as outras Ciencias . Isto suposto , deve cuidar o mestre , em exercitar a memoria dos-principiantes , em algumas determinadas materias . Primeiro , acostumálos a dizerem em breves palavras a lifam , que ám-de explicar . Depois , explicará aos ditos , alguns pasos seletos de autores , principalmente Poetas : v.g. alguma das-fabulas de *Fedro* , ou *Ovidio* : mas curtas , e sempre agradaneis ; pois só assim entram . Nestas , os rapazes devem dizer primeiro , o que contem : depois , poco a pouco ir repetindo , todas as palavras : com o tempo pode-se aumentar , o numero dos-versos . E este exercicio pode-se fazer dois , ou trez dias da-semana . Quando o rapaz tem algum exercicio ; entam tem lugar , servir-se de metodo , nas coizas que decóra . Onde tera cuidado de lhe-ensinar , algumas descrefoens , algumas exortasoens , ou breves orasoens &c. , mas primeiro explicar-lhas bem : pois sem isto é querer , que pronunciem como papagaios . Nisto nam devem molestar os rapazes , com pancadas : mas animálos com premios , a que decorem bem algumas coizas : remunerando ou louvando , os-que o-fazem melhor : sempre coizas utis , e que posam servir com o tempo . Mas deve cuidar muito o mestre , de nam permitir aos rapazes , a leitura destes livros de *Fraseologia* , antes bandilos , como coiza mui prejudicial . Sam câpas de romendos , cadaum de sua cor , que nam podem fazer coiza boa . cauzam preguifa aos estudantes : e arruinam o bom gosto da-Latinidade . Devem-se escolher as descrefoens &c. nos-mesmos livros que estudam : e mandar-lhe aprender as frases , nos-mesmos autores que traduzem . O mais é mardasaria , e ignorancia .

Tenho ainda outra reflexam que fazer : é esta , sobre o falar Latim nas escolas . Nisto á dois vicios : alguns falam sempre a sua lingua : de que vem , que saiem das-escolas , sem saber dizer , um comprimento Latino : e este é o defeito , que reina em Portugal . Outros , que pola maior parte sam Polacos , Ungaros , Alemacs , obrigam a falar sempre Latim : ainda antes de intende-

rem bem Latim . Tambem isto é um grande defeito : pois se os que sabemos bem Latim , nam podemos falar com desembaraço ; que fará um rapaz , que ainda o-nam-sabe ! Esta é a razam , por-que vemos muitos destes Estrangeiros , (e eu vi tambem molheres) que falam Latim corrente . mas que Latim ? um Latim tal , que é melhor nam intendêlo . Para falar Latim depresa , fervem-se de frases barbaras , e termos vulgares : e enchem a cabeça com aquilo , em modo tal , que em nenhum tempo podem deixar , o dito estilo . Nam sei que grafã tem cansar-se , para escrever Latim bem , e cansar-se tambem , para falar Latim mal : nem menos intendo , que necessidade aja , de falar semelhante Latim . Quem á-de fazer jornadas , por-paizes Estrangeiros , se sabe bem Latim , nunca tem difficuldade em se-explicar , se acazo tem algum uzo . que o-fale mais ou menos depresa , isto nada emporta . Nem menos aprovo , aquella afetasm de alguns Portuguezes , que , querendo falar Latim com algum Estrangeiro , estam meia ora a considerar , um periodo Ciceroniano : e desprezam as vozes vulgares . Este tambem é outro defeito consideravel . Se os que falam Portuguez afetado , nam se-podem suportar ; que faram os que falam com afetasm , o Latim ? O Latim das-conversaçoens deve ser , o mais natural de todos . o ponto está ter palavras puras : a sintaxe delas deve ser natural , e clara . V.P. nam verá afetaçoens em *Terencio* , ou *Plauto* , ou *Fedro* , porque falavam com estilo familiar . A lingua Latina tem isto de bom , que se-caza com a elevasm , e naturalidade . Onde , devemos saber aplicar o estilo , à materia ; para conseguir o fim , de falar com muita naturalidade , e nam falar mal .

Isto supposto , parece-me que deve aver nas escolas , algum exercicio de Latim : mas requerem-se algumas cautelas . Primeiro , nam se-deve falar Latim , senam na ultima escola da-Latinidade , ou da-Retorica : quando ja os rapazes , intendem bem o Latim . Em segundo lugar , nam devem falar Latim sempre , mas em dias determinados . Primeiro , podem ensinar-lhe a dizer , alguns cumprimentos de uma , e outra parte : despois , pode-se introduzir algum Dialogo , sobre a materia que se-estuda : em que de uma parte , um rapaz pergunte alguma coiza : da-outra , responda outro , sempre em Latim . Mas primeiro deve o mestre explicar , como isto se-deve fazer : e ser ele o primeiro , a dar exemplo . E nam deve obrigar todos , a que falem no-mesmo dia : mas comesar polos melhores : despois por-tur-

no os outros, em dias determinados: avizando-os primeiro, para que venham preparados. Desorteque cada estudante oufa falar muitas vezes, os outros: e assim vá aprendendo, para quando lhe chegar a sua vez. Pode o mestre falar a miudo, algumas coizas Latinas, com algum dos-estudantes, que forem mais capazes, ainda fóra dos-dias afinados: tendo cuidado, de falar bem; e ensinar-lhe sempre, o como se-deve falar. Desta forte pode ajudar muito, os estudantes: principalmente se souber excitar entre eles, a emulafam, louvando muito os que o-fazem bem, e remunerando-os. Este é o verdadeiro metodo, de ensinar a falar Latim. Comefando desta forte, mais facilmente o falarám, nas escolas da-Filozofia: e deste modo aquistarám aquela facilidade, que é necessaria, a quem á-de seguir as letras.

Isto é o que me-ocorre dizer, sobre o estudo da-lingua Latina: poderia acrescentar muita coiza; mas estas bastam, para o que se-quer. Prouvera a Deus, que estas se-puzesem em execu-fam; entam me-diria V.P. se me-enganava eu no-meu conceito. Deixando para a vista outras razoens, com que podia persuadir, o que digo; insinuarei uma bem clara. Entre tantos que se-aplicam, ao estudo da-Lingua Latina, mostre-me V.P. quantos sam capazes de se-apontarem, como exemplo de boa Latinidade. Examine V.P. quantos autores tem cá, nos seus paizes, que componham Latim, como milhares, que eu posso apontar, nos-Reinos estrangeiros; e ainda alguns em Espanha, que escreverám afombrozamente. Se memoftrar um ou dois, que nam ignoro que aja, afente que o-nam-trouxeram das-escolas; mas custou-lhe boas fadigas em caza: ou talvez porque saíram fóra do-Reino, e trataram, com quem lhe-abrife os olhos, como o Bispo Ozorio &c. Quazi todos os outros falam Latim das-escolas. E tantas testemunhas, que todos os dias faiem das-escolas, provam bem, que esta ignorancia, é influencia do-mao metodo.

Disto podia eu citar muitos, e muitos exemplos, se monam-impedife a modestia. * * * porque aindaque tenham doutrina, e talento, o mau metodo que bebéram na mocidade, impede o aproveitamento. Certo Religiozo douto, devendo dar conta de si, em um congreso erudito, queixando-se de lhe-nam-terem dado, certos papeis, concluia assim: *Quæ ad nostram faciunt historiam monumenta omnia: sive scripta, sive transcripta, sive præscripta; sive congesta, sive digesta, sive indigesta; peto, expeto, repeto: posco ex-*

posco, *reposco*: *quæro*, *exquiro*, *requiro*: *flagito*, *efflagito*: *oro*, *peroro*. Todo o corpo do-discurso era semelhante. Nam sei se se pode fazer, coiza pior: e apostarei eu, que os seus Religiozos doutos, foram os primeiros, a condenar este Latim. O pior é, que afetando tanto, saber a forsa dos-Verbos, enganou-se em alguns. Porque o *flagito*, e *efflagito*, nam só significam, pedir com istancia; mas pedir com injuria (1), e com pouca vergonha: o que supponho, ele nam quiz dizer. Tambem o *peroro*, nunca cuvi, nem achei em autor Latino, que significáse *pedir*. tambem *Orare monumenta*, é fraze que nunca achei nos-Latinos. Os primeiros trez nomes significam a mesma coiza, no-nosso cazo: pois ele nam pedia cazas, nem estatuas; mas coizas escritas: e assim o *sive*, parece mal inferido. Damesma forte o *congesta*, nam se-opoem, a *digesta*, e *indigesta*; pois a cadaum destes se-pode aplicar: fendoque é generica. As outras examinará V.P. com mais vagar, que eu nam tenho. E nam fomente os que se applicam, a diferentes materias, mas aquelles mesmos, que se-empregam na Latinidade, muitas vezes nam sam iguais. v. g. *Antonio Rodriguez da-Costa*, Conselheiro do-Vltrammar, que escrevia Latim com muita facilidade, esquecido ás vezes de si mesmo, escreve algumas cartas Latinas, fóra do-estilo familiar, que paresem orasoens academicas. Mas pior que este, o *Marquez Manoel Teles da-Silva*, e o *Conde de Vilarmaior*, os quais ambos tropeçam terrivelmente nesta materia, de elevavam afetada. O primeiro, na carta com que aprova, os Epigramas do-P. Reis, que começa *Cum nullum &c.* uza de um estilo, que ainda nam vi coiza mais impropria: O segundo, nas cartas que escreve, a *Antonio Roiz da-Costa*, é afetado por-um novo modo; e inclina muito para a declamam, demora-se muito com os lugares comuns, e nam observa, o verdadeiro estilo epistolar &c. Confesso a V.P. que lendo, e examinando Cicero, nam achei nele nem orasoens, nem cartas afetadas. Somente na idade de prata é, que começa a ver, a afetam, porque ja degenerava a eloquencia. De que concludo, que os que lem bem polos Antigos, e sabem imitálos, escrevem

com

(1) *Expectatione promissi tui moveor, ut admoneam te, non ut flagitem: nisi autem ad te quatuor admonitores, non nimis verecundos: qui metuo, ne te forte flagitent: ego autem mandavi, ut rogarent.* Cicero Epist. famil. l.9. ep. 8.

Quintil. — *Efflagitasti quotidiano convitio, ut libros jam emittere inciperem &c.*

TITO VERDADEIRO METODO

com muita naturalidade, e no-mesmo tempo sublimidade. Quando poremtam se-lem os Antigos, ou, lendo-se, nam se-faz como se-deve; nam se-pode fazer coiza boa. o que, come asima dizia, nasce do-mao metodo; de quem ensina.

Quando em um paiz, florecem com grande applicasam as Artes, é coiza observavel, que saiem muitos excelentes. No-tempo de Cicero, nam só ele falava bem Latim; mas avia uma infinidade que o-falavam, com a mesma pureza, e grãa; e muitos Oradores, de grande merecimento. Se V.P. tira das-cartas de Cicero, os nomes de muitos, que lhas-escrevèram; entre elas, e as de Cicero, nam achará diferença alguma. O bom gosto naquele tempo, era tam refinado, que *Cezar*, e *Atico*, reprenderam alguma palavra de Cicero: e o modo de orar deste ultimo, nam agradava a *Bruto*, a *Calvo*, e *Pollio*, que eram omens doutifimos. Toda a magestade, e pureza da-lingua de *Tito Livio*, nam o-livrou, de ser censurado em Roma, por-aqueles delicados criticos. O grande *Asinio Pollio* achou neste escritor, certas palavras, e estylo do-paiz em que nacèra; que os omens cultos de Roma, nam lhe-queriam perdoar. tal era o delicado gosto daqueles Senadores, e Cortezoens! Os mesmos Romanos, tinham um demaziado escrupulo, neste ponto. Um Comico, que no-teatro errava uma silaba, e um acento, levava grandifimas surriadas (1). tal era a fineza do-juizo da-que-la Republica!

Se damos um passo mais atraz, e entramos em Atenas, on-as Artes, e Ciencias tanto floreceram, que dali se-espalharam, polo resto da-Europa; acharemos, que nesta grande escola, até a gente plebeia, pelo costume de ouvir orar, e falar bem em publico, aqueles grandes Oradores; tinha aquistado, um tam exquisito gosto da-lingua, que quando os Oradores subiam à tribuna, temiam ofender, com alguma menos boa exprefam, orelhas tam delicadas. Avia muitos anos, que o Filozofa *Teofrastro* abitava em Atenas, e tinha feito um particularifimo estudo, de falar a sua lingua, segundo o dialeto de Atenas: comtudo isto diz a Istoria, que da-pronuncia de uma palavra, conheceo que era estrangeiro uma molher, que vendia legumes em Atenas (2). Achamos na istoria Grega, mil outros exemplos, que confirmam, quam

(1) *At in his (numeris) si paululum modo offensum est, ut aut contractione brevius fieret, aut produ-*

ctioe longius; theatra tota reclamant. Cicero l.3. de Oratore n.50.

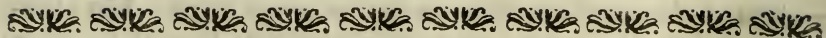
(2) Cicero, de Claris Orator. n.46,

geral era , o bom gosto da-eloquencia , entre os Gregos . Nas assembleias publicas da-Grecia , em que se-recitavam Poemas , e Istórias ao Povo ; sabemos , que muitas vezes regeitáram algumas , por-nam chegarem , à fineza de outras . *Dionizjo* o velho , Rei de Sa^gragosa nam era mau Poeta : viftoque com uma das-suas compozições , alcançou o premio , nos-jogos da-Grecia , digo , nos-jogos Olimpicos : mas porque mandára primeiro duas , que nam chegavam ao merecimento , da-terceira , foi escarnecido por toda a assembleia : Deixo outros Antigos .

E , se decemos a estes ultimos seculos , e ao prezente , posso mostrar a V. P. com toda a evidencia , que em Londres , Amsterdã , Leiden , Pariz , Roma , Napoles , Padoa , Bolonha , Piza , e outras muitas partes , onde se-cultivam os bons estudos ; os que neles são instruidos , por-pouco que saibam , aquistam um particular gosto , em todo o genero : e que nefes mesmos empregos de Ciencias , e Artes , á infinitos omens excelentes . Do-que manifestamente se-prova , que onde se-ensina bem , sempre á omens grandes : e que onde os-nam-á , é uma prova manifesta , do-mau metodo , de quem ensina .

Tenho dito a V. P. , quanto a brevidade de uma carta permite , o que me-parece deve fazer , quem quer saber Latim . Poderia acrescentar outras coizas ; mas estas são somente necessarias , aos que querem ser insignes , nas letras humanas . Para V. P. que é tam versado nelas , o que digo , parece ainda superfluo : e para os-outros , muito mais : viftoque nam acho muitos , que queiram esta gloria , e queiram conseguila , com estes meios . Comque páro aqui : E dezejando a V. P. felicissimas festas , e boas intradas de anos ; com todo o corasão me-asino &c.





CARTA QUARTA.

S U M A R I O.

Necessidade das-linguas Orientais, principalmente Grega, e Ebraica, para entender as letras Umanas: mas muito principalmente, para a Teologia. Modo de as-aprender. Utilidade da-lingua Franceza, e Italiana, para ser erudito com facilidade, e sem despeza.



EU amigo e senhor, Talvez esperava V. P. que eu nesta carta, pasáse directamente à Retorica; e comésáse a discorrer sobre aquella materia, que nos-ocupou bastante tempo; e nos-deu ocaziam, para fazer muitas, e mui utis reflexoens. Tambem esá era a minha intenfam; se me-nam ocorrese outra coiza, que júlgo ser igualmente necessaria: e que nam nos-ocupará, senam uma carta, e nam mui longa. Falo do-estudo das-linguas Orientais: que muitos desprezam, porque nam tem juizo; para conhecer o bom, rezolufam para o-emprender, e metodo para o-conseguir. Eu nam falarei de todas: mas das-duas mais principais, e que todos os omens doutos reputam, que sam sumamente necessarias: e como tais se-ensinam, em quazi todos os estudos, da-Europa culta: tais sam a Grega, e Ebraica.

Sam estas duas linguas em Portugal, totalmente desconhecidas, ainda nas-Universidades: o que é mui observavel: porque Universidade deve compreender, todo o genero de estudos. Os Espanhoes conhecêram muito bem, esta necessidade: e vemos que nas principais das-suas Universidades ensinam, nam só estas, mas outras Orientais. Mas em Portugal observe, que nam á noticia delas. Nese collegio das-Artes, dizem que á uma cadeira de Grego: mas como se a-nam-ouvefe, porque nam tem exercicio. Os Seculares, que algumas vezes entram na aula, é para se-divertirem. Os Jezuitas mosos, sam na verdade obrigados, a frequentar por-algum tempo, a dita escola; e nos-dias santos le-fe um capitulo,

tulo de *S. Joam Crizostomo*, ou coiza que o valha: mas como todos estes mosos, estam na opiniam, que aquilo para nada ferve; nenhum se-aplica a ella. Despois de quatro anos de estudo, medise um, que nam sabia mais, que esta palavra: *ó Deos*. Achei outro, que sabia o Padre noso, e Ave Maria: e destes acham-se alguns: mas nenhum o sabia escrever derepente. Finalmente nam achei algum, que soubesse explicar, quatro regras de Grego, nam digo eu de algum Poeta, ou coiza difficultoza; mas nem menos do-Testamento Novo, ou algum S. Padre facil. E isto observei ainda naqueles, que tinham sido mestres de Grego: (nam por falta de capacidade: mas de applicasam) e fasa V. P. a experiencia, que achará, que nam minto. Os outros todos, ou sejam Regulares, ou Seculares, nam tem mais noticia do-Grego, que do-Kyrie *Eleison*: e do-Ebreo, só conhecem a palavra *Aleluia*, *Amen*, e alguns nomes proprios de omens, ou Cidades, que se acham na Vulgata, ainda-que transfigurados: e contentam-se com esta noticia: Antes rim-se muito, se acaso lhe-dizem, que é um estudo necessario. Mas a verdade é, que aos Teologos é indispensavelmente necessario, sabê-lo; senam a todos, ao menos aos que se-internam na Teologia, e a-ensinam. Senam diga-me V. P. se nasce-se uma difficultade, sobre a intelligencia do-texto Ebreo, ou Grego, ou de algum S. Padre; como muitas vezes succede, conversando com os Erejes, ou disputando entre os Catholicos; a quem se-á-de proguntar? será necessario escrever, a França, Roma, Veneza, Napoles &c. para saber a resposta? que coiza mais vergonhoza! E que diriam aqueles Teologos, se ouvirem, que aqui nam avia, quem os-intendesse? Mas disto falaremos, em outra parte. Por-agora só digo, que assim como ao Teologo é necessario, intender Latim, para ler a Vulgata Latina; assim tambem é necessario, intender os textos Originais, de que esta Vulgata se-tirou.

Perfuadem-se muitos, e alguns mo-confesáram, que só a Vulgata merece autoridade. isto é, porque nam estudáram a materia. Convem todos os Teologos de boa doutrina, que o Concilio Tridentino, quando declarou *Autentica*, a nosa Vulgata; só a-preferio, às outras Vulgatas Latinas: mas nam a-preferio, nem a-comparou com as Fontes, Grega, e Ebraica. De que vem, que estas conservam oje, toda a sua autoridade: e por-elas se-emendou a Vulgata, no-tempo de Sixto V., e Clemente VIII. e ainda oje.

se-pode emendar , em varias coizas , que nela advertem os omens doutos . E por-este principio fica claro , que pode aver grande utilidade , e necessidade , em consultar as ditas Fontes .

Alem da-Escritura , temos os SS.Padres da-Igreja Grega , que escreveram na sua lingua . O Teologo todos os instantes tem necessidade , de consultar estes Originais : porque as Versoens nem sempre sam fieis . Muito mais porque nam se-ignoram as controversias , que todos os dias nadem , nas escolas Catholicas , sobre as palavras dos-Padres , e dos-Concilios . Alem diso , o Jurista tem necessidade do-Grego , para alcanzar o verdadeiro sentido , de muitas constituisoens Imperiais ; que foram escritas em Grego . O Canonista o mesmo : visto que deve procurar , as fontes da-Diciplina Eccleziastica : a qual pola maior parte , determinou-se nos-Concilios: muitos dos-quais celebraram-se no-Oriente : e ainda algum no-Occidente , em Grego ; como o Florentino no-tempo de Eugenio IV. Tambem para entender , o Decreto de Graciano , que se-funda todo , sobre a antiga Diciplina : e os mesmos PP. Gregos . O Medico tem necessidade do-Grego , para entender as obras , de Ipcrates : para ver o que disse Galeno , e Areteo de Capadocia ; que , despois de Ipcrates , foi o melhor Medico dos-seus tempos : e alguns outros . E tambem necessaria ao Medico , para entender a Anatomia , e suas partes , cujos nomes sam Gregos : nam avendo Ciencia , em que se-encontrem mais nomes Gregos : como tambem para entender os nomes , de muitas enfermidades . Nisto cuido que conviram sem dificuldade , os mesmos Peripateticos , se quizerem examinar o cazo . Mas eu passo adiante , e digo , que as Letras Umbras ; e ainda a mesma Latinidade , nam se-pode entender bem , sem alguma noticia do-Grego . Os Romanos adotaram infinitos termos Gregos : cuja propria significasam nam se-alcanza , sem saber o Grego . As mesmas declinasoens , a dezinenca de muitos Verbos , pedem alguma erudisam Grega . mas isto só o-intende , quem se-familiariza com o Latim .

Quanto pois ao estudo do-Grego , e Ebraico , nam é ele tam embarasado , como o-pintam . Os Mestres podiam brevemente dar , alguma noticia do-Grego : nam se-cansando em explicar , todos os preceitos de Gramatica (este é o defeito de muitos Profesores) . Basta ao principio saber , as declinasoens , e conjugasoens , sem falar nos-dialetos . as anomalias podem-se deixar ; e basta que com o tempo se-observem , quando se-vai lendo . As outras partes da-

Gramatica basta velas uma vez, para as-saber procurar, quando será necesario. Depois, toma-se um autor, que tenha junto a versam Latina: e em cada voz se-deve observar, se é raiz, ou nam: e, quando duvidar, procurá-lo no-Dicionario. Em um mez, ou dois, pode conseguir, bastante noticia destes principios. Depois, com o socorro do-Dicionario, e da-versam, deve comesar a explicafam, de algum autor facil. Os Istoricos, e Prozadores devem fer preferidos, aos Poetas; como mais dificultozos. Um omem douto ensina, que se-deve seguir este metodo. 1.º Ler os Estratagemas de *Polyeno*, que sam mui claros: os Dialogos de *Luciano*, e principalmente os Caracteres Ethici, de *Teofrasto*; que é elegantissimo. 2.º os dois famosos Istoricos, *Xenofonte*, e *Erodoto*; que encerram as delicadezas, e grafa, da-lingua Atica. 3.º a estes podem seguir-se *Tucidides* Istorico; *Isocrates*, e *Demostenes* Oradores; e *Platam*, Filozofa o mais eloquente, e culto da-Antiguidade. Quem chegar a intender bem estes, tenha a consolaçam, que sabe bem Grego. Pode-se aprender alguma noticia, dos-costumes Gregos, nas obras de *Ubbo Emmius*, e *Joannes Meursius*, que sam os quer melhor explicáram, as antiguidades Gregas. Outros querem, que se-comece polo *Evangelho de S. Lucas*, e *Atos dos Apostolos*; ou pelas fabulas de *Esopo*: depois *Luciano*, *Erodoto*, *Xenofonte*, *Isocrates*: e no-fim *Omero*, e *Plutarco*, e alguma coiza de *Demostenes*. Um, e outro destes metodos se-pode seguir: mas agrada-me mais o primeiro. O principal ponto está, que nestes principios, quando se-acham lugares dificultozos, deve-se passar adiante: e ler os autores saltiados, por-nam enfastiar os rapazes.

Sobre os Poetas, nam me-canso em dizer muito: porque quem tem noticia da-lingua, tem ja bastante luz para ver, como se-á-de regular, na sua lisam. Concordam os omens da-profissam, que o melhor Poeta, e mais claro é, *Aristofanes*: mas é, bastantemente obscuro. Onde, quem nam souber ler tais coizas, sem perigo; deverá passar a *Omero*, e *Esiado*, que sam os mais facis entre os Eroicos, e que se-servem de expresoens, mais claras. Verdade é, que nestes Poetas, á uma difficuldade nam pequena, que consiste, na variedade de dialetos, e inflexoens, e mudanças de palayras, proprias-dos Poetas: mas a isto se-supre com o Dicionario, que explica distintamente, estas palavras. Aconselham os doutos, que, antes de ler *Omero*, leia-se o *Everhardo*

Feithio = *Antiquitates Homericae* : no-qual ele descreve a historia, dos-tempos Heroicos, de que trata *Omero*. Dos-Poetas Heroicos pode-se passar, aos Bucolicos, que são *Moscho*, *Bion*, *Theocrito*; para aprender o dialeto Dorico, em que escrevem: servindo-se do-pequeno Dicionario, de *Schrevelius*. A melhor edisam destes autores é, a de *Daniel Heinsio*: em que, alem das-deste, se-acham tambem as notas, de *Scaligero*, e *Casaubon*. Despois pode ler, os Poetas Tragicos: entre os quais os mais facis, e judiciozos são, *Euripides*, e *Sophocles*: porque os outros, só os-podem entender, os que são bem praticos da-lingua. E como suponho, que o estudante neste tempo, (isto nam se-faz nas primeiras escolas: mas quando um é ja adiantado no-Látim) terá ja noticia, das-leis da-Poezia; pode, lendo estes autores, ir descobrindo, e bebendo na sua fonte pura, as grasas da-Poezia, em todos os generos.

Uma coiza porem é necessario advertir, nam só aos dicipulos, mas tambem aos mestres, porque neste defeito caiem muitos professores publicos: e vem azer, que nam se-cansem em mandar compor, aos pobres rapazes: porque esta lingua, que oje é morta, nam é necessario falála, basta intendê-la com facilidade. Encontram-se muitos, que explicam aos rapazes, trez, ou quatro regras de Grego, e obrigam-nos a compor, paginas inteiras. Onde vem a cair no-mesmo defeito, que em outra carta ja disse, (falando da lingua Latina) de quererem, que os rapazes sejam mestres, naquella materia, na qual nam chegaram ainda azer, dicipulos: Em uma palavra: a experiencia ensina, que é absolutamente necessario, entender Grego: e que é inutil, o escrevelo; quando um omem nam está empregado em coizas, que o-pesam.

Sobre as Gramaticas, á oje tantas, que é superfluo, que eu diga coiza alguma. Muitos são apaixonados, pola de *Clenardo*, com as notas de *Antesignan*: porque nela se-acha com facilidade, o que só com grande trabalho se-busca, em outros livros: e tambem ensina o uzo da-Gramatica, reduzindo-a aos preceitos gerais: o que ilustra muito o entendimento. Mas oje asentam todos, que a de *Lanceloto*, a que chamam de *Porto real*, é a mais facil, e as reflexoens mais solidas. mas é em Francez, ou Italiano, e nam é para o cazo. Alem destas, á infinitas mais modernas, que são mui boas, e Latinas. Um amigo noso compoz a Gramatica Grega, e Ebraica, cada uma em duas folhas de papel grande, com uma clareza inimitavel, para um principiante.

Procuo que a-imprima , para utilidade dos-Portuguezes . é sem duvida a mais facil , que tenho visto nesta materia . No-cazo que o estudante nam tenha , quem o-aconselhe , ná eleisam de livros ; deve sempre apegar-se a uma Gramatica , das-mais modernas , e mais breves : principalmente compostas por-alguns seculares , Inglezes , Olandezes , Alemaens , e alguns Francezes . Porque como estes nam seguem as leis , que obrigam alguns Regulares , a nam se-desviarem , dos-seus antigos metodos ; procuram sempre , melhorar no-metodo , e na intelligencia : como a experiencia me-tem mostrado . E nestas letras Umanas é sem duvida , que os Seculares excedem muito , aos Regulares .

Sobre o Dicionario , parece-me que o estudante deve servir-se , do-*Scapula* , que costuma reduzir todos os *derivados* , à sua *raiz* . Isto ao principio cauza dificuldade , porque se-ignora , que coiza os *derivados* acrescentam , sobre a *raiz* ; para os-poder separar , e procurar no-seu lugar . Mas neste cazo basta procurar , no-fim do-*Lexicon* , a voz como se-acha ; que ali se-ensina , de que *raiz* vem , e aonde se-deve procurar . E desta forte aprende um omem , o verdadeiro modo de separar os *derivados* das-suas *raizes* : e fica com a intelligencia , de uma quantidade de termos : coiza que vale infinitamente nesta lingua . Se o estudante pouco a pouco aprendese de memoria , as *raizes* ; facilitaria muito este estudo , e entenderia mais depressa os *derivados* . O ponto todo está em nam deixar totalmente este estudo , por-todo o decurso da Latinidade , é Retorica : porque aindaque sò expliquem , duas regras cada dia , no-cabo de um ano , adianta-se muito .

A Gramatica Ebraica é muito mais facil , que a Grega . Antigamente escreviam os Ebreos , sem vogais : e o verdadeiro modo de pronunciar , pasava de pais a filhos , por-tradisam : e ainda oje a Biblia , que se-conserva nas suas sinagogas ou escolas , costuma escrever-se sem vogais , como eu vi muitas vezes . Mas depoisque os Ebreos , tornáram do-cativeiro de Babilonia , e , com permisam de *Artaxerxes Longimano* , restablecèram a Igreja Judaica , e todos os ritos da-sua antiga religiam : entam , segundo se-prezume , se-inventáram os ditos pontos , ou vogais . Certa coiza é , que nese tempo os Ebreos , tinham perdido a sua lingua ; e só intendiam a Caldeia . Onde nas sinagogas , que entam se-introduziram , era necesario , que um interprete explicáse em Caldeo , as palavras da-Biblia , que outro proferia e lia em Ebreo . E
como

como uma lingua morta, nam se-pode aprender, nem ensinar, sem vogais; fica claro, que os doutores, que com Esdras publicáram, uma edisam correta da-lei, os-inventáram, para poderem en finála, aos que ignoravam a lingua. E' porem provavel, que entam somente inventafem, as cinco vogais: e nam tantas, como ao d espois se-uzáram. Esta noticia conservou-se, nas escolas dos-Gramaticos, ou escolas de ler: (entre os Ebreos avia escolas de Gramatica; e outras de Teologia) mas nam nas escolas de Teologia: porque os omens doutos, que ja sabiam a lingua, nam necesitavam diso. Mas despois da-ultima destruisam de Jerufalem, no-ano 70. de Cristo, tendo-se espalhado os Ebreos, por-todo o imperio Romano; e muito principalmente, despois da-dispersam que tiveram, no-tempo de Adriano; acrescentando-se todos os dias as *tradisoens*, foi necesário escrevêlas, para se-poderem conservar na memoria, e chegarem a todos. Isto fizeram eles, polos anos de Cristo 150.; cujo libro chamam *Misná*; que é um corpo de toda a doutrina dos-Ebreos, ritos, ceremonias, e religiam. A esta fizeram dois comentarios: um em Babilonia, polos anos de Cristo 300.: outro em Jeruzalem 200. anos quazi despois. E deste Comento, e da-*Misná*, se-compoem os dois *Talmudes*, que ainda oje temos.

Isto suposto, vendo os doutores, que os *pontos* dos-Gramaticos eram utis, para conservar a antiga maneira de ler; adotáram os ditos *pontos*, e comesáram a servir-se deles, pouco mais ou menos, no-seculo quinto de Cristo. Muitos suspeitam, que se-deve isto aos doutores, da-escola de *Tiberiades*. Seja como for, o que sabemos de certo é, que desde ese tempo, comesáram a escrever certos finais, debaixo, e desima das-consoantes; paraque tobos os Ebreos, pronunciassem as vozes Ebraicas, segundo a antiga tradisam. De entam para cá é, que á noticia exprefa, das-vogais (1). Mas como os Ebreos sempre foram misteriozos; para ocultar o verdadeiro sentido do-texto Ebreo, inventáram tanta vogal que nam se-le, entre outras que se-lem; que esta é oje a maior dificuldade, desta lingua. Umas vezes a mesma vogal le-se: outras, nam se-lé: umas vezes converte-se em outra; e talvez nam se-converte: e isto embarasá muito os principiantes.

Intendido isto, o metodo de aprender o Ebraico é, a prender

(1) Veja-se Ludovicus Cappellus J. Buxtorf. Filium. in *Arcano punctuationis*, contra

der a conhecer, e unir as letras, e proferir as difoens : porque a pronuncia diligente fomite é neceſaria, aos que querem falar, nam aos que fomite a-querem intender. Deixando ao principio, aquella infinidade de exceſoens, ſobre a mudanſa de pontos, &c. deixados os infinitos acentos, que para nada ſervem : baſta ter noticia, das-regras gerais, para ſaber ler, e pronunciar facilmente. Daqui paſa-fe às declinaſoens dos-Nomes, e ſeus diverſos eſtados. A maior difficuldade eſtá, nos-Verbos : porque tem terminaſam maſculina, e feminina, o que ao principio parece imbarafado : aindaque com o tempo, ajude muito para intender, com quem, e de quem ſe-fala ; ſe com omem, ou com molher. Deve pois ſaber diſtintamente, quais ſam os verbos *quieſcentes*, e *deſetivos*. As anomalias deles podem-fe deixar, porque ſe-aprendem com o uzo. Eſta lingua nam tem ſintaxe particular : e todos os idiotiſmos aprendem-fe em meia ora. Daqui deve paſar a ler a Biblia, tendo ſempre prezente um Dicionario, v.g. o Compendio Hebraico Chaldaico de *Buxtorſio*. E' utiliſſimo ſervirſe do-texto Ebreo, com a verſam literal de *Pagnino*, correta por-*Montano* : porque alemde que ſe-aprende, a propria ſignificaſam dos-vocabulos, tem à margem, boas notas de Gramatica, e aponta as *raizes*. O que ajuda muito um principiante, principalmente ſe a-quer buscar, no-Lexicon : e é muito neceſario ſaber, quais ſam as raizes, para ter ſufficiente noticia, da-lingua. Com o tempo obſerva-fe a Sintaxe da-lingua, e os idiotiſmos, ou maneiras proprias de ſe-explicar, diferentemente das-outras linguas : o que ſe-reduz a poucos pontos, e ſe-aprende do-contexto.

Os livros que primeiro ſe-devem ler, ſam os mais facis, como o Pentateuco, os livros dos-Juizes, e Reis, Paralipomenon. Os Profeticos, e Sapienciais podem rezervar-fe, para outro tempo, por-ferem mais oſcuros. Mas para intender eſtes livros, é neceſario preparar-fe com a liſam, das-antiguidades Ebraicas. O ſenhor de *Fleury* publicou um tratradinho, dos-coſtumes dos-Iſraelitas, em Francez, que tambem ſe-acha em Italiano : que me-parece proporcionado, para um principiante : e é eſcrito com grande atenſam. Podem tambem ſervir, a *Politia Judaica* = de *Bertrano*; *Reſpublica Hebraorum* = de *Sigonio*, ou de *Cuneo*; que ſam muito boas. Nam aponto livros de maior erudiſam, porque nam ſervem, para eſtes principios. Se a iſto que dizemos, ajuntar cada dia, a liſam de um capitulo da-Eſcritura, e conſultar nas coizas em que

duvidar, a versam Grega dos-LXX. ; ou as Concordancias de *Conrado Kirker* ; poderá conseguir facilmente, bastante noticia da-lingua Ebraica . Isto digo, para um principiante : porque para os Teologos de profissam, a seu tempo direi, que mais é necesario, nesta materia . Este estudo, como tambem o da-lingua Grega, uma vez, que se-intendeo, pode continuar-se em dias alternados, por-todo o tempo dos-outros estudos, sem perturbasam alguma : porque a estas linguas basta consagrar, as horas menos preciosas do-dia .

Isto é, o que muita gente nam intende, ou nam quer entender, nestes paizes : porque quando nam tem, outra razam que dar, alegam a dificuldade da-dita lingua, e a pouca utilidade, que dela se-tira : aqual nam basta, para compensar o trabalho, que se experimenta em aprendela . Seguro a V. P. que com grande admirasam minha, ouvi isto a alguns, de quem formára bom conceito ; e que totalmente se-desvanecio, com este discurso . Nam acho que falasem assim, alguns antigos-Portuguezes, que cuido sabiam um pouco mais, do-que estes, que agora respondem assim : antes polo contrario acho, que alguns Religiozos antigos, applicaram-se a estas linguas com cuidado, e por-iso sam mais conhecidos, no-mundo literario, do-que estes, com quem presentemente conversamos . Eu attribuo isto, à maior comunicasam que entam avia, com os doutos das-Nasoens estrangeiras : pois só acho vestigios de maior erudisam, quando a este Reino vinham ensinar, os Estrangeiros : ou quando os Portuguezes iam aprender, e ensinar, fóra dele . Polo contrario despoisque se-deixou, este comercio literario, vejo as coizas mui mudadas .

Nam podem ser occultos a V. P. os nomes de alguns deles . O P. *Jeronimo Oleastro*, Dominicano Lisboense, que cuido se-chamáse *Jeronimo da-Zambuja*, compoz um comentario Ebraico ao Pentateuco, e cuido que a outros livros mais, se-nam me-engano ; poisque averá anos, que vi esta obra . Acho tambem citado um certo *D. Pedro*, Conego Regular, e um *Fr. Eitor Pinto*, Jeronimiano, ambos Portuguezes, por-omens mui versados, na lingua Ebraica : ainda-que eu nam poso, formar juizo das-tais obras, porque as-nam-vi . Mas tenho motivo para suspeitar, que fosem omens doutos, vistoque aprendiam as linguas originais, para comentarem a Escritura . Tambem achei um Religiozo meu, quero dizer Observante, chamado *Fr. Francisco de S. Luiz*, Lisboense, posterior aos ditos ; que floreceo no-tempo do-Concilio de Trento, e al-

guns anos depois . Este tal compoz em Italia , uma Gramatica Ebreia , com o titulo = *Globus Canonum & Arcanorum Linguae Sanctae , & Sacrae Scripturae* = : que é um livro bem voluminozo em 4.º e que dedicou ao Cardial de Medici , impresso em Roma 1586: Este tal autor , (que , segundo diz , fora no-seculo leitor de Leis em Coimbra , e Salamanca ; e se-metêra Frade em Espanha) dá a entender , que compuzera o livro em Italia : declarando , que de cincoenta anos aprendêra o Ebraico , que ao depois foram as suas delicias . Onde persuade com muitas palavras , a necessidade da-dita lingua ; e se-enfalia , contra os que a-regeitam . Com effeito o omem parece bem informado , da-dita lingua : aindaque caise no-defeito , dos-Gramaticos do-seu tempo ; quero dizer , em fazer uma confuzissima e mui enfadonha Gramatica ; na qual quiz epilogar , quanto achou em *Elias Levita* , e outros Rabinos : como tambem em varios autores , que o precederam . Mas este era defeito daquele tempo , em que nam sabiam , que coiza era bom medido . Contudo é verdade , que o dito P. fez um grande progresso , na dita lingua , em uma idade maior ; naqual tambem estudou Teologia : e entre occupaçoens de predicas , e outras semelhantes , segundo diz , nunca deixou , este estudo tam util .

Esta noticia que dou do-tal autor , é porque ignoro , se V. P. tem noticia dele , visto escrever longe de Portugal . Acrescento a este , o *P. Macedo* , Portuguez , e da-mesma Religiam : omem de prodigioza memoria , (aindaque nam de igual juizo) . segundo mostrou nas suas famozas conclusoens , que defendeo em Veneza , de que V. P. tem boa noticia : que sabia a lingua Greza , segundo me-diseram alguns dos-seus Religiozos , da-mesma Provincia .

Do-Grego tambem no-seculo 16.º avia mais noticia , que nam á oje , neste Reino . Polos tempos do-Concilio de Trento , um tal *Joam Vaz* , que foi mestre de Umanidades em Salamanca , sabia bem Latim , e Grego : e no-mesmo tempo *Fernando Soares* , (que compoz uma Gramatica Latina , para uzo do-Duque de Bragança , impresa em Evora no-ano 1572.) era suficientemente informado , do-Grego . Ajunto a estes , o Bispo *Jeronimo Ozorio* , o qual nam só aprendeo fóra de Portugal Latim bem , mas teve bastante noticia do-Grego , e Ebreo : e podia nomiar alguns outros , que agora nam me-ocorrem . Doque se-segue , que naqueles tempos , os mestres Portuguezes , nam seguiam o parecer , que agora vejo

tam comum , deque estas linguas Orientais devam desprezar-se . Onde , com estes exemplos , podiam muitos aplicar-se , a coizas mais utis à Republica . Eu aponteï algum exemplo : pode ser que ajam muitos mais , e de linguas peregrinas : porque eu nam escrevo esta historia .

Seria tambem justo , que o estudante com o tempo , aprendê-se Francez , ou Italiano , para poder ler as maravilhozas obras , que nestas linguas se-tem composto , em todas as Ciencias ; de que nam temos , tradusoens Latinas . Antigamente intendiam os doutos , que era necesario saber Latim , para saber as Ciencias : mas no-seculo pasado , e neste presente , dezenganou-se o mundo , e se-perfuadio , que as Ciencias se-podem tratar , em todas as linguas . Parece-me que com muita razam : porque a maior dificuldade das-Ciencias consiste , em serem escritas em Latim , lingua que os rapazes nam intendem bem . Onde nam só sabem mal a materia , mas o tempo que deviam empregar , em a-estudar , occupam em perceber a lingua . Com esta advertencia , os Inglezes , Olandezes , Francezes , Alemães &c. comesáram a tratar todas as Ciencias ; em Vulgar . Esta oje é a moda . Os melhores livros acham-se escritos , em Vulgar : e qualquer omem que saiba ler , pode intender na presente era , todas as Ciencias . Nam que isto seja totalmente , ideia nova : porque me-lembro , ter lido uma carta de *Paulo Manucio* , escrita a *Diogo Hurtado de Mendonça* Embaixador Ceza-reo , dedicando-lhe os livros Filozoficos de Cicero ; emque se-diz , que o maior impedimento das-Ciencias é , serem tratadas em linguas estrangeiras , digo , Latina &c. O que o dito *Manucio* , com toda a paixam que tinha à lingua Latina , nam dezaprova . Deforteque ja no-seculo 16^o , emque o mundo comesou a abrir os olhos , em muitas coizas , pensavam assim : o que porem fomite se-executou , nestes ultimos tempos . De certo tempo a esta parte , os nosos Italianos comesáram a seguir , o metodo dos-Transmontanos . Comesou isto , traduzindo os livros Inglezes , e Francezes : despois , pasáram a compor originalmente . Deforteque quem oje quer ter , muitas noticias boas com facilidade , deve intender Francez , ou Italiano . Este estudo nam pede grande tempo , podendo servir-se dos-livros Latinos , que tem a tradusam literal Franceza ; como sam o *Terencio* , e *Oracio* , de *Madame D'Acier* , e de um Je-zuita &c. E estes mesmos autores Latinos , se-acham traduzidos em verso Italiano , defronte do-Latim , por-dois omens mui doutos de-

Italia . O Italiano é mais facil . Mas nam intenda V.P. que eu sou tam inexoravel , que queira carregar os pobres rapazes , com tanto pezo . nada aponto , que nam vise executar a muitos rapazes : e pofo afirmar a V. P. que estes estudos , nam sam dificultozos em si mesmo : o mau metodo os-pinta dificultozos . Contudo nam obri-go : aponto fomite a utilidade . Quando o estudante nam se-ache , com este dispozisam , pode rezerválo para tempo mais descansado . Fico às ordens de V. P. como seu criado &c.



CARTA QUINTA.

S U M A R I O.

D *Isoorre-se da-utilidade , e necessidade da-Retorica . Mao metodo com que se-trata em Portugal . Vicios dos-Pregadores : que sam totalmente ignorantes de Retorica . Que absolutamente deve deixar o antigo estilo , quem quer saber Retorica .*



I **N**ALMENTE é tempo , de pafar-mos à Retorica : para com ela completar os estudos , das-escolas baixas . Sei que V.P. tem gosto, de ouvir-me falar dos-outros : e me-faz a merce nesta sua dizer , que imprime as minhas cartas, na memoria : mas fei tambem , que de todos os estudos das-Umanidades , de nenhum tem mais empenho , que da-Retorica . Pois se bem me-lembro das-nofas conversações , conheci entam em V. P. um ardente dezejo , de me-ouvir falar nesta materia ; e de querer instruir-se , dos-particulares estilos de Retorica , e muito principalmente dos-sermoens , de outros paizes : porque me-dise , que nam lhe-agradava , o estilo deste Reino : o qual muitas vezes seguira , por-necessidade . Nesta carta direi brevemente , o que me ocorre , sobre os defeitos , e tambem sobre o modo de os-evitar .

A Retorica naceo na Grecia , como todos os outros melho-res estudos : e de la se-espalhou , polas mais partes da-Europa . É mais moderna , que a Gramatica : mas teve a mesma origem . Querendo os omens na Grecia , persuadir aos Povos , varias coizas ; foi necesfario que observafem , como eles se-persuadiam ; e quais eram os meios , comque se-moviam , as paixoens do-animo . De que naceo esta arte , a que chamam Retorica : que é quazi tam antiga , como a Filozofia ; quero dizer , que comefou a florecer , despois da-metade do-quarto milenario . Agradou esta erudifam aos Romanos , que se-regularam polo mesmo metodo : e tanto se-entregaram a ela , que , se nam excederam aos Gregos , na ciencia ; sem duvida excederam-nos na applicafam , e exercicio : porque na

ver-

verdade chegaram a namorar-se, da-sua galantaria, e utilidade. Dos Romanos a-recebêram os outros Povos, e Náoens: entre as quais as que mostráram mais juizo, applicáram-se a ella com cuidado, pelos mesmos motivos.

E, na verdade, nam á coiza mais util, que a Retorica: mas nam á alguma, que com mais negligencia se-trate, neste Reino. Se V.P. observar, o que os mestres ensinam nas escolas, achará, que é uma embrulhada, que nenhum omem, quanto mais rapaz, pode entender. Primeiramente, ensinam a Retorica, em Latim. Erro consideravel: porque nada tem a Retorica, com o Latim: sendo que os seus preceitos comprehendem, e se-exercitam em todas as linguas. Daqui nace o primeiro dano, que é, que os rapazes nam a-intendem, porque ainda nam intendem Latim: e nace tambem o primeiro engano, que é, persuadirem-se os ditos rapazes, que a Retorica só serve, para as orasoens Latinas. Assim me-respondêram muitos, nam sò rapazes, mas tambem sacerdotes. Do-que eu concluí, que saiem da-Retorica, como nela intráram: e examinando as Retoricas, que elles aprendem, fiquei tambem persuadido, serem ellas tais, que nam podiam produzir, outro fruto.

E, valha a verdade, nam só os rapazes que estudam, mas nam sei se os mesmos mestres, vivem persuadidos desta razam: porque observo, que falando-lhe muito, em exemplos Latinos, nam se-servem dos-vulgares, para mostrar o artificio da-Retorica. Como se os preceitos só servissem, para compor Latim, e orasoens estudadas: ou como se nas linguas vulgares, nos-discursos familiares, nam pudessem ter lugar, os preceitos da-Arte! E com isto ficam novamente persuadidos os estudantes, que só para orasoens Latinas, serve a Retorica.

Mas por-pouco que se-examine, o que é Retorica, achar-seá, que é *Arte de persuadir*: e por consequencia, que é a unica coiza, que se-acha, e serve no-comercio umano; e a mais necessaria para elle. Onde quem diz, que só serve para persuadir na cadeira, ou no-pulpito; conhece pouco, o que é Retorica. Confesso, que nos-pulpitos, e cadeiras faz a Retorica gala, de todas os seus ornamentos: mas nam se-limita neles: todo o lugar é teatro para a Retorica. Nam agrada um livro, se nam é escrito com arte: nam persuade um discurso, se nam é formado com metodo: finalmente uma carta, uma resposta, todo o exercicio da-

da-lingua , necessita da-direfãam da-Retorica . A mefma Filozofia ; ferve-fe utilmente da-elegancia . A Teologia tem necessidade dela ; porque (como adverte um omem douto) nam pode explicar as verdades espirituais , que fãam o feuo objeto , fenãam veftindo-as de palavras fenfifiveis ; com que as-perfuada . A Lei ou Civil , ou Canonica , nam fe-pode difpenfãar , da-Retorica . Como á-de orar um Advogago , informar o Juiz , defender o Reo ; fe ele nam fãabe , em que lugar devem eftar as provas , ou de que prova á-de fervir-fe , para aclarar a verdade da-fua cauza , e excitar os afetos do-Juiz ? Como á-de compor uma efcritua , fe ele nam fãabe , o metodo de a-tecer , de dilatar os argumentos , e fervir-fe das-fuas proprias razoens ?

O difcurfo de um omem defpido de todo o artificio , nam pode menos , que fer um Cahos . Poderãa ter boas razoens : excogitar provas mui fortes : mas fe as-nãam-fãabe difpor com ordem , quem poderãa intendelo ? quem fe-perfuadirãa delas ? A difpozifãam das-partes , dá nova alma ao todo : convida a conhecer as proporzãoes : mostra a relãam e dependencia , que umas tem das-outras : coloca na fua jufta proporãam , o que de outra forte nam fe-poderia entender . Os diamantes , os rubis , e outras pedras preciozas fãam belas , e fervem de grande ornamento : mas fe-gundo o lugar em que eftãam . Encãastoadas com artificio , mostram toda à fua galantaria , e dam novo luftre à mefma prata , e oiro que as-rodeia ; e ornãam muito as pefoas , que as-trazem : postas porem fem ordem em um monte , ou mifturadas com outras pedras , nam parecem preciozas , mas ou pedras grofeiras , ou criftais . Os aftros , que compoem a beleza do-Universo , nam tem em fi mefmos , beleza alguma : mas a proporãam os-faz viftozos . Quem vife a Lua de perto , acharia um globo , fem diversidade alguma defte terrefte : o mefmo digo , dos-outros planetas opacos . Quem examinafe de vizinho o Sol , nam veria mais , que uma fogueira : o mefmo digo , dos-outros igneos . Mas todos eftes vaftos globos , postos na fua jufta proporãam , fazem tal efeito , mostram tam extraordinaria beleza ; que é um famozo argumento , para ver , a fuprema mãam que os-criou . O Sol posto no-centro do-Universo , fe-gundo a ipoteze (que agora fuponho) de Copernico , dá luz aos mais planetas , alma ao Mundo , vigor à terra , utilidade aos omens , e gloria ao feuo criador . Se fe-chegãfe mais vizinho a nós , queimaria tudo : e acabava-fe o Mundo . E eifaqui o efeito , da-bõa proporãam e ordem .

Um homem douto advertidamente chamou à Retorica, a *Perspetiva da-razam*: porque na ordem intelectual faz o mesmo, que a Perspetiva, nas distancias locais. Em uma taboa liza, ideia a pintura um palacio, com imensa profundidade: e muitas vezes com tal artificio, e tam semelhante ao natural, que se-enganam os olhos. Nam sam as cores que originam, esta delicioza equivocam; porque com uma só cor, se-consegue o mesmo intento: mas a dispozizam das-partes, o saber pôr cada uma na sua justa distancia, o saber-lhe dar as sombras, com proporçam da-arte, produz este maravilhoso efeito: e faz que eu veja, reconheça, e admire, o que de outra forte nam poderia ver. Este mesmo é o caso da-Retorica. Ela tem força tal, que me-obriga a descobrir, o que eu de outra forte nam veria. Os materiais podem ser simples, as razoes mui singelas; mas a dispozizam delas fará efeitos tais, que sem ela nam se-conseguiriam. eu verei, e entenderei, o que sem ela nam é facil intender. Ora de-tosta esta doutrina se-conclúe, a extensam da-Retorica: porque sendo ela a que dá alma, a todos os discursos; e novo pezo, a todas as razoes; fica claro, que tem lugar em toda a parte, em que se arrezoa e discorre.

Dirmeám, e ja mo-diferam alguns, que este discurso é dirigido, a introduzir um estilo afetado nas conversações; e carregar todos com o pezo, de falar por-*tropos* e *figuras*: nam proferir discurso, que nam seja segundo as regras da-arte: cuja afetam é pior, que falar sem Retorica. Mas esta objesam é igualmente distante, da-boua razam, que do-meu intento; e é unicamente fundada, em nam saber, que coiza é Retorica. Permita-me V.P. que eu me-dilata alguma coiza, neste particular, para explicar o que digo, o que devo, e livrar a muita gente, deste prejuizo.

Os rapazes, que estudam nestes paizes, nam sabem nada de Retorica, porque lha-nam-ensinam: Os que sam adiantados, e continuáram os estudos, sabem ainda menos; porque beberam principios, tam contrarios à boua razam, que ficam impossibilitados, para se-emendarem. Em todo este discurso protesto, que nam falo daqueles homens, que com raro juizo, e fina critica se-dezenganáram, das-preocupações comuas, e seguem outra estrada: dos-quais eu conheço alguns: falo somente do-Comum, e falo fundado nas suas obras: nas quais se-reconhece a verdade, de quanto digo. Estam todos persuadidos, que a Eloquencia consiste na afetam, e singularidade:

e, por-

e, por-esta regra, querendo ser eloquentes, procuram de ser mui afetados nas palavras, mui singulares nas ideias, e mui fóra de-propozito nas applicaçoens. Tem V.P. mui belo exemplo nos-fermoens: que eu, para maior clareza, dividirei em varias especies.

Encomenda-se um fermam v.g. de Exequias, de um General. O meu bom Pregador mostra aqui, todo o seu ingenho, e eloquencia. Saie logo um texto da-Escritura, para tema: e á-de ser do-testamento Velho, porque á-de ser profetico. No-fermam mostra o Pregador, que estava revelado, na escritura da-Antiga igreja, que aquele General avia fazer famozas asoens: e nam só asoens *in genere* eroicas, mas especialmente estava revelado, que avia ganhar a batalha do-Canal, ou das-Linhas de Elvas. E isto estava profetizado, com tanta individuasam, que nam se-podia de-zejar mais. Despois, vai recolhendo as outras profecias, da-vida daquele General. Mostra, que a batalha de Saul contra os Filisteos, era figura da-grande batalha, que o seu eroe ganhou. Se succedeo, que nesta batalha algum piquete, dése principio à asam; se era em partes montuozas; nam deixa de observar, que tudo isto tinha ja succedido a Jonatas, e ao seu escudeiro: onde vem, que até aquella circumstancia, estava profetizada. Pasa adiante, e comesa a levantar, e requintar pensamentos. Diz, que o seu eroe, era maior que Saul, nam só de corpo, mas tambem de animo: que era mais afortunado que David: mais prudente que Salamam: E se nam á logo um texto claro, com que se-prove isto, nam falta um expozitor, que diga uma palavra, da-qual o Pregador conclue manifestamente, que o texto nam se-pode intender, de outra forte.

Daqui pasa um pouco mais para baixo. Mostra, que Alexandre Magno, em sua comparasam, era um ridiculo: que o seu eroe tinha um corasam, ao menos, como metade da-America: que fez coizas, que a ninguem vieram à imaginasam: e que somente a ele se-pode aplicar o, *Siluit terra in conspectu ejus*. Se tem alguma noticia de-Istoria, nam deixa de mostrar, que Julio Cezar, Paulo Emilio, Quinto Fabio, Anibal, Pirro, &c. podiam ser seus dicipulos. E outras coizas destas, que se o dito General fosse vivo, e as-ouvise, nam podia deixar de envergonhar-se, de tal panegirico. Isto quanto ao asumto. Quanto à disposisam: Despois de um grande exordio, e comumente improprio, divide o fermam em trez pontos: raras vezes em dois: rarissimas conclue com

um só discurso . Promete mostrar em cada um , que o seu eroe teve uma singularidade , a maior do-mundo : o que tudo quer tirar , da Sagrada escritura . Pede a grafa , paraque Deus lhe-inspire , o que deve dizer , em materia de tanta importancia : e profegue o fermam , na fórma dita .

Se pois as exequias sam de Molher , saie logo , o *Mulierem fortem quis inveniet ?* e nam a-tendo achado o Sabio , afirma ele ; que a gloria de achar esta mulher , estava rezervada à sua diligencia . E , aindaque a Senhora fosse Religioza , e de animo pacifico ; nam pode deixar de intrar , o fato de Judita ; em que ele mostra , que a dita Senhora é Judita : a sua espada eram as disciplinas , e cilicios : Olofernes era a figura do-mundo , que ela matou , e prostrou com facilidade , &c. Mas como na escritura Antiga , á poucos exemplos de molheres eroicas , recorre logo à Nova , e la vai buscar , a Molher do-Dragam , e outras destas figuras . Finalmente , discorre das-virtudes da-dita Senhora , polo estilo das-do-General .

Nam me-negarà V.P. que esta é a pratica deste Reino : porque lhe-mostrarei , muitos livros impresos , em que se-acham estes fermoens ; e de omens que tiveram , e conservam grande fama . Progunto agora : acha V.P. que isto é pregar ? que é saber discorrer ? que é ser eloquente ? Em primeiro lugar , o tema da-Escritura , e as provas tiradas dela , sam erro de toda a considerasam . Estes Pregadores nam devem ter lido , o concilio de Trento (1) , que proibe , uzar das-palavras sagradas , applicadas a coiza profana : nam devem saber , que é exprefamente proibido , explicar a Escritura , senam segundo a expozisam , dos-SS.PP. da-Igreja . Concedo , que um expozitor moderno , disese alguma propozisam , que se-pudese aplicar ao assunto : por-iso ei-de seguila ? quantos destes expozitores , nam vemos todos os dias , que nam sabem o que dizem ? que

TOM. I.

R

omem

(1) *Quia nonnulli Sacrarum scripturarum verba & sententias, ad profana quæque detorquent ; ad scurrilia , scilicet , fabulosa , vana , adulationes , detractiones , superstitutiones , impias & diabolicas incantationes , divinationes , sortes , libellos etiam famosos : ad*

tollendam hujusmodi irreverentiam ; prohibet S. Synodus , ne quisquam quomodolibet verba scripturæ Sacræ ad hæc , & similia audeat usurpare : atque hujusmodi temeratores & violatores verbi Dei, juris & arbitrii pænis per Episcopos coerceantur . Trident. Sess. I.

omem prudente faz cazo, de semelhantes escritores, que nam fundam a sua expozisam, na doutrina da-Igreja? Despois disto, quem poderá defender aquelas provas, tiradas da-Escritura? Ou quer o Pregador dizer, que os fatos da-Antiga igreja, eram figura do-seu assumto; e esta é uma propozisam temeraria, por-nam lhe-dar outro nome; e contraria à comuna doutrina dos-Padres, e da-Igreja: ou nam se-persuade disto; e nam se-livra da-censura, fulminada por-muitos canones, por-abuzar imprudentemente, de palavras sacrosantas. Porque eu nam acho, que semelhante applicasam seja outra coiza mais, que aplicar com grande irreverencia, umas palavras santas, a um sentido, para que nam foram proferidas: e a um sentido indigno, profano, e falso: que é o mesmo, que condena o Concilio.

Respondem alguns, que isto quando muito prova, que a applicasam nam é boa; por-ser de coiza sagrada, a uma profana: mas nam prova, que no-fermam nam se-observáram, os preceitos da-Oratoria. Mas esta mesma resposta mostra, que nam intendem, que coiza é Retorica. Se a Retorica é arte de persuadir, quem mais se-persuadio com provas, que nam fazem ao cazo? Que omem de juizo á-de intender, que aquele General foi grande, porque Saul o-foi tambem? que parentesco tem uma coiza, com outra? E como a obrigasam daquele panegirista seja, mostrar, e engrandecer, as virtudes do-seu eroe; todas as provas que tirar da-Escritura, nam concluem para o seu intento. Conheço, que alguma vez se-pode alegar, um passo da-Escritura, da mesma forte que se-cita um passo, da-istoria Profana: porque a istoria da-Escritura, tambem na materia de Politica ensina muito: mas neste sentido nam se-fervem, os Oradores deste Reino, como é coiza notoria: porem sim, no-sentido de profecia. Se pois aquele passo, nada faz ao cazo, com que razam o-alega? Pode-se chamar Orador, um omem que se-funda em razoens, que nam conduzem, para o seu intento? Temos ja, que a este omem falta, a principal parte de Orador, que é *Inventio*: o saber buscar razoens proprias, para o seu intento, e que pròvem o que ele quer. Peca logo na applicasam: e niso mesmo peca, contra a Retorica.

Suponha V.P. que da-outra parte eslava outro Orador, que respondese aos argumentos. suponha que o cazo succedia no-Egito, aonde antigamente se-expunham os cadaveres, diante dos-juizes, para serem julgados. Um publico acuzador, refria todos os de-

feiz

feitos , e respondia aos louvores , que nam eram fundados . Se o homem era de boa fama , dava-se a sentença a seu favor , e enterava-se com onra e panegirico , acompanhado de grandes louvores do-Povo : se era condemnado , privava-se de sepultura , e a sua memoria ficava abominavel (1) . Que coiza julga V.P. que diria o noso Pregador , neste cazo ? parece-me , que ficaria convencido de falsidade , o Orador ; e envergonhada á fama do-eroe , que ele nam foubra defender .

Ora esmeuce V.P. as mais partes daquele sermam , e verá quantas faltas de Retorica , ali se-incontram . Que má dispozifam dos-argumentos ! que arrastada confirmasam das-provas ! Isto é supondo , que o passo que ele cita , tenha alguma semelhansa , com o que quer provar . Mas nam ve V. P. quantas coizas os Pregadores inculcam , que de nenhum modo se-seguem , do-texto ? Este é o segundo ponto , que nam me-parece de pouco momento , nesta materia : e isto melhor se-conhece , quando querem esquadriñar , as palavras dos-Profetas , ou dos-livros scientificos . Primeiramente tomam umas palavras truncadas , (que se fossem inteiras , eram contrarias ao assunto) e delas deduzem o seu pensamento . E que diz V.P. a este modo de comentar ? parece-me que isto é aquilo mesmo , a que , em bom Portuguez , se-chama , impostura : porque é tirar pensamentos de um texto , que nam diz tal coiza . Depois , recorrem a um expozitor , ou S. Padre , o qual talvez guiado do-furor do-seu zelo , ou com excessõ retorico , dise alguma propozifam , que , para nam ser crezia , é necesario tomála muitos furos abaixo , do-que soa : no-que concordam todos os Criticos , e Teologos . Aqui o meu Pregador , sem perder nem menos uma silaba , traduz a propozifam como se-acha : e nelá Levanta uma machina de paradoxos , com que pertende provar , coizas mui verdadeiras , e fezudas . Nam cito exemplos , porque falo com V.P. que sabe mui bem , de quem eu falo . E averá quem me-negue , que isto é faltar à Retorica ? averá quem se-atreva a dizer ; que isto é saber elogiar ? Se os argumentos sam verdadeiros , sempre sam fóra do-assunto : se o-nam-sam , nam deixam de ser imposturas : e nam sei qual destas , é pior falta de Retorica . Mas prosigamos o exame , e vejamos o que fazem , nos-outros assuntos .

(1) *Diodor. Sic. l.1. sect.2.*

Saie um sermam de asám de grasas a Deus , por-almum grande beneficio concedido ; como faude , batalha &c. ou por-alguma asám má castigada , com gloria de Deus ; como o roubo do-Sacramento em S.Engracia , Ato da-Fé &c. Intende V.P. que por-mudarem de asumto , mudam de metodo ? nam senhor : e a pratica mostra o contrario . O argumento dos-primeiros dois sermoens deve fer , dar grasas a Deus , por-tam especial beneficio : e excitar a piedade dos-Fieis , para que o-louvem , por-este favor que fez . Este é o asumto : e a este fim deve o Pregador dirigir , todos os seus particulares argumentos . Mas isto é o que ele nam faz . O que ele cuida é , buscar algum conceito futil , e singular , com que possa dizer alguma novidade , e mostrar o seu ingenho . Eu li um sermam do *** que pertencia a uma destes clases : em que o Pregador , por-querer dizer uma novidade teologica , disse uma eresia : que somente o-nam-foi na sua boca , porque nam intendo , o que disse : aindaque tivesse bastantes anos , ensinado Teologia . La achou porem um S.Padre moderno , que cuidou fosse S. Bernardo , que lhe-deo materia ao conceito . Mas a verdade é , que o dito S. que frequentemente uza de iperboles , nam disse literalmente , o que ele supoz . Mas fosse o que fosse , o sermam teve mil aplauzos , e impremio-se com onra *** . Ja se-sabe , que a faude ou batalha , á-de fer profetizada , na Escritura do-Antigo testamento , ou polo menos do-Evangelho , e com sinais mui particulares : porque segundo estes autores , nam á sermam sem tema sagrado ; seja o que for . Se o tema nam calsa bem , nam falta quem o estenda : que este é o comum refugio , de todos estes senhores .

Contou-me pessoa mui verdadeira , que , achando-se em certa Cidade deste Reino , succedera , que a molher de um tangedor de rabeca , fazendo voto por-uma enfermidade perigoza ; quando se-vira livre , quizera agradecer ao Santo , o tal beneficio , com uma festa estrondoza , e com sermam . O dito amigo conhecia o Pregador : e incontrando-se com ele , disse-lhe : Que tema toma vosê ? ao que ele respondeo , Ja tenho escolhido as palavras : *Surge , ascende Bethel ; fac ibi altare* &c. Reproguntou o meu amigo , Que conexam tem isto , com o que vosê quer dizer ? ao que o Pregador respondeo seriamente : O texto é otimo : porque que Jacob era rabequista , isto provo eu logo , com dez expozitores . E com efeito o sermam , saio semelhante à promessa .

Eu mesmo assisti uma vez a um sermam , de asám de grasas ,
por-

porque Deus concedera chuva, depois de uma grande esterilidade. E' necessario advertir, que se-tinham feito varias procifoes, com imagens milagrosas, semque Deus ouvisse, os clamores do-Povo. Na ultima, levaram um Cristo com a cruz; e succedeo, que pouco depois choveo alguma coiza. O meu Pregador, que tinha fama de grande letrado, prometeo mostrar no-sermam, que a chuva nam podia vir, por-outro estilo. E provou isto, com a nuvem de Elias: a qual assimque a pareceo, desfez-se o ceo em tempestades. Mostrou pois, com dois expozitores modernos, que aquella nuvem, era Cristo com a cruz às costas. Faltavam algumas circunstancias, entre as quais era, a da-tempestade seguida; que ca nam tinha exemplo. Remediou o omem a isto, prometendo em pouco tempo, a tempestade. (o que podia seguramente profetizar; porque depois de uma grande elevasam de vapores, uma vez que estes comesam a mover-se, é claro, que ám-de cair) Succedeo o caso da-grande chuva: e o meu Pregador, alem da-fama de Orador, saio com a de Profeta; que lhe-frutou muito bem. Os que sabiam pouco, estavam pasmados, da-felicidade de ingenho do-omem: mas um dos-que estavam no-confesso, e tinha pezado bem o sermam, falou-me em diferente maneira. E destes sermoens, pudera eu citar infinitos.

Se o sermam é do-dezagravo do-Sacramento, ja se sabe, que fomite pregará bem, quem mostrar, que á textos expressifimos, em que se-declara, que no-ano N. sendo Bispo N. Mordomo da-festa N. às tantas oras do-dia, avia succeder a dita coiza. Mas nam basta isto, é porem necessario, algum novo pensamento, que comumente prova tudo o contrario, do-que quer persuadir. E aqui devem intrar, todas as outras circunstancias, que apontámos. Nam se-lembra o Pregador, que o assunto sempre é o mesmo: que é, dar graças a Deus, por-descobrir, com altissima providencia, os sacrilegos: e com isto mostrar, a sua misericordia, mansidam, e justisa: e que este assunto sempre se-deve inculcar, variando unicamente as palavras, com mais ou menos ingenho, segundo o cabedal de quem fala. Nam adverte, que faria muito maior impresam, pintar a atrocidade daquele delito, de uma parte; e da-outra, as infinitas virtudes, que Deus quiz mostrar, naquele castigo. Nada disto lembra ao Pregador. o que emporta é, subtilizar bem. Mas o que dali se-segue é, sair o auditorio tam persuadido, da-pouca capacidade do-Pregador, como pouco persuadido, do-que ele determinára persuadir-lhe.

E que

E que nam diz um destes amigos, quando se-lhe-encomenda um fermam de Intrada, ou Profissam de Freira ! Aquele fermam nada mais é, doque um panegirico da-eleifam, e perseveransa da-Freira, e outras boas qualidades ; acompanhado de uma exortasam, para perseverar na virtude . Isto é o que deve dizer o Pregador : mas isto é o que nenhum diz . O que importa é, mostrar, que esta Freira era tanto do-agrado de Deus, que mandou ao mundo um, ou muitos escritores Sagrados, para lhe-comporem a vida, muitos seculos antes de nacer . Um amigo meu teve a incumbencia, de um destes sermoens : e logo lhe-advertiram, que teria mui boa paga, se achásse na Escritura, toda a vida da-Freira. Ela era Dominicana, e mui devota do-Rozario : tinha sido Pupila alguns anos, no-dito Convento : o fermam era na oitava da-festa do-Rozario . Ele, que sómente queria um bom presente, tomou as palavras do-capítulo IV. do-Cantico : *Veni de Libano sponsa mea, veni de Libano, veni: coronaberis* . Mostrou, que a Freira tivera tres estados, de Pupila, Novisa, e Profesa : e que a cadaum conrespondia sua vocasam, e seu *veni*, com que Deus a-chamava, por-hoca de Salamam . Que o *Libano*, representava o Mundo, donde Deus a-chamava para o Claustro . *Coronaberis*, explicava a Religiam, que é toda consagrada ao Rozario : e que nomefino Rozario, que é uma coroa de rozas, achava o premio da-sua eleifam, e obediencia . Acomodou novamente isto ao Rozario, dividedido em misterios dolorozos, gozozos, e gloriozos ; cada especie dos-quais conrespondia, aos seus trez estados : oque ele provou, com textos exprefissimos . Desorteque a concluzam do-negocio foi, que todas as circunstancias da-vida da-Freira, estavam profetizadas com tanta clareza, por-Salamam ; que qualquer cego reconhecera, que aquele texto semente falava, da-Senhora D. Fulana, filha de Fulano, moradora em tal parte, Freira em estoutra, &c. O que eu sei é, que toda esta metafizica frutou, cinco moedas, e um bom presente : e que as Freiras nam cabiam na pele de contentes . E isto succede todos os dias : e alguma vez eu o-tenho prezenciado, nestas festas .

Se o fermam é do-Ato da-Fe, comumente declinam para dois extremos : ou nam chegam a dizer, o que devem ; ou dizem muito mais, do-que nam devem . O Santo Officio justamente manda pregar, àqueles omens penitenciados, para os-alumiar na sua cegueira ; e esta é uma ideia sacrosanta . Mas eu nam sei, se os tais

Judeos ficam persuadidos : o que sei é , que os sermoens que eu leio , nam sam proprios , para os-persuadir . Avemos afeitar em primeiro lugar nisto , que estes Judeos Portuguezes , sam ignorantissimos diso mesmo , que querem profesar . Nam sabem mais , senam que o Sabado se-deve guardar : e outras noticias gerais . de lingua Ebraica nada sabem : menos de Caldaica : que sam as duas linguas , em que estam escritos , os ritos e costumes Judaicos . Isto é sem duvida : e quem ouve os procefos , conhece claramente , qual é a sua ignorancia neste ponto . Quanto à ignorancia dos-ritos Judaicos , nam é necessario alegar , testemunhas Orientais , nem ir buscar os Rabinos , *Maimonides* , *Jacob Baal-aturim* , *Joseph Caro* &c. basta que V. P. leia o *Sigonio* , *Menochio* , *Cunco* , *Reimero* , *Spencero* , que escrevêram eruditamente , de *Republica Hebraorum* : ou algum dos-outros , que tratáram das-escolas , e ritos , como *Selden* , *Godvvyn* &c. e ficará mui bem persuadido , que estes seus Portuguezes , nam sabem que coiza é ser Judeo : e sam Judeos , mais por-genio depravado , que por-erudisam .

Isto suposto , alguns Pregadores , como o Cranganor , para mostrarem a sua erudisam Rabinica , entram em certas materias dificultozas , e procuram noticias mui particulares , tiradas dos-que impugnáram os Rabinos ; para mostrarem aos Judeos , o seu ingano . Copeiam fielmente , toda a noticia que se-lhe-oferece , na tal materia : nam sem se-enganar algumas vezes , como succedeo ao dito Cranganor ; que por-nam ter intelligencia , das-ditas linguas , nem da-istoria Judaica , nem ter nunca aberto o Talmud ; fervio-se algumas vezes de argumentos , que tem mui boas respostas . (devemos confesar em obzequio da-verdade , que entre os Ebreos ouveram sempre , omens mui doutos , que propuzeram tais dificuldades sobre a Escritura , que fazem suar muitos Catholicos doutissimos , para lhe-responder . onde sem exquisita erudisam , é melhor nam tocar , semelhantes materias .) Finalmente à forsa de ajuntarem noticias , em lugar de um fermam , fazem um tratado *Contra Judaos* . O que digo , com boa paz do-dito Archebispo , e seus apaixonados : porque nam quero diminuir-lhe a estimasam : mas scmente trazelo para exemplo , do-que aponto .

O que se-segue daqui é , que com todo este trabalho , nem fazem fermam , nem podem persuadir ; pois nam proporcionam as provas , ao assunto . Porque inculcar erudisam Rabinica , a omens totalmente ignorantes destas materias , é manifestamente zombar do-seu emprego , e do-

do-auditorio : e tanto vale isto , como se lhe-pregafem em Perfiano , ou discorrefem em diferente materia . Alem difo , á grande diverfidade , entre uma difputa , e um fermam ; entre uma difertafam , e uma exortafam : e perde o feu tempo e a fua fama , quem confunde eftes dois nomes , e o significado deles . Ora eif-aqui tem V. P. o que fazem eftes , com quererem dizer muito .

Os outros , que afima apontamos , fequirem diverfa eítrada , nam fei fe os-chame , mais condenaveis . Eftes fãm aqueles , que querem pregar aos Judeos , polo eítílo dos-outros fermoens , com conceitos fúteis , e penfamentos exquízitos . E nam é neceffario muito para intender , que fe os Catholicos Romanos , que eftudamõs aquella doutrina , que eles inculcam ; os-nam-intendemos , e nos-dezagradam muito ; que coiza fucederá , aos Judeos ? Ouve às vezes V. P. propor um afumto , que parece ao intento : fegue com o penfamento , o Pregador no-feu difcurfo : e quando nam fe-precata , efte o-dezempára , e infere uma confequência tal , que obriga a rir . Seguro a V. P. que , tendo lido alguma coiza nef-ta materia , e tendo observado muito ; fomente nefte genero achei , um fermam Portuguez , que fe-pudefe ler : aindaque tambem carregava no-filogifmo , e intrava bem dentro na Metafizica : mas foi o que vi menos mao .

Mas , colhamos as velas , parece a V. P. que efte modo de pregar é louvavel , ou toleravel ? parece-lhe , que eítá fóra da-jurifdifam , de uma arrezoadá critica ? O nam proporcionar as provas ao auditorio , ou feja dizendo-lhe , o que eles nam chegam a intender ; ou falando-lhe com ideias , de que ninguem fe-pode perfuadir ; é erro da-primeira efpera . Temos outro modo de pregar , aos Ebreos idiotas , deixando de parte , toda a verdade efpeculativa , e fervindo-fe unicamente , de exemplos fenfíveis : os quais , bem difcorridos , produzem efeitõs , que talvez fe-nam-alcãfãfã , com erudifãfã mui exquízita .

De todos os argumentos , que fe-oferecem para perfuadir , a extinfãfã da-Antiga igreja , deve o orador efcolher , os menos embulhados ; e perfuadilos , com a forfã da-fua eloquencia . Nifo é que confifte a arte , em dilatar os argumentos , que nam fãfã reconditos . A vinda de Crifto ao mundo , é oje bem clara : e para o-fer mais , é neceffario ter cuidado , em difpor os-argumentos , e fugir das-fútilezas . Nam á verdade mais notoria , que a existencia de um Deus : e é obfervãfãfã dos-melhores Filozofos , e Teologos ,

logos, que os antigos Padres para a-provarem, ãam se-ferviam de sutilezas inauditas: mas contentavam-se com a prova mais trivial, que é, a existencia do-Mundo, e principalmente deste noso globo terrestre. Esta unica prova, bem explicada e esmeusada, convenceo o entendimento umano muito mais, doque nam fizeram, despois do-undecimo seculo, todas as sutilezas dos-Dialecticos: e ainda oje os melhores Filozofos asentam, que só nela nam se-acham fofismas. Isto é ao que nós chamamos, saber conhecer o merecimento das-provas, e saber manejar a eloquencia. Mas os nosos Pregadores, intendem o contrario: e só cuidam em procurar ideias, que a ninguem tenham ocorrido: e por-iso nacam aqueles sermoens, de que o mundo Literario se-ri.

A outra especie de sermoens, em que com mais facilidade, se-dizem despropozitos, sam os Panegiricos de Santos. Esta especie compreende, muitas sortes de sermoens: nos-quais á infinitas coizas, que condenar. Ouvirá V. P. coizas, que cauzam horror: v.g. Devem pregar um sermam de S. Antonio: em que deviam referir, as virtudes do-Santo: ilustrálas com o artificio da-Retorica; para animar os fieis a imitálo. Mas isto, que era a obrigasam do-Panigirista, parece coiza mui trivial, aos Pregadores modernos. Julgariam que ficavam dezacreditados, se-dizessem só esta verdade. E' necesario levantar machina: e fazer uma trepesa, composta de mil ridicularias. Dividem pois o sermam, nas-trez partes solitas: em cada uma das-quais prometem provar coizas, que nada tem de verosimel. v.g. Que S. Antonio nam foi omem, mas anjo: e a este seguem-se outros pontos, da mesma especie. Concluem pois, que se a Fé nam estudáse cautelas, chegariam a dizer, que se equivocava com Deus: Eu tenho ouvido isto, algumas vezes: e contou-me pessoa de muita autoridade, que ouvira ele mesmo, em certa Cidade do-Reino, propor estes trez pontos: Que o Santo de que pregava, era grande omem: grande anjo: e grande Deus. e que tudo isto avia de sair, do-Evangelho. E segurou-me a dita pessoa, que, ouvindo isto, saíra da-igreja, sem querer esperar polas provas: tam escandalizado ficou!

Lembra-me ao intento, o que escreve um autor, mui acreditado em Portugal. Pregava ele de S. Antonio, com o costumado tema, *Vos estis lux mundi*: e querendo dizer alguma coiza singular, tirou este assunto: = *Que uma vez que S. Antonio naceo em Portugal, nam fora verdadeiro Portuguez, se nam fora luz*

do-mundo : porque o ser luz do-mundo nos-outros omens , é só privilegio da-Graça : nos-Portuguezes , é tambem obrigafam da-Natureza = . Pareceo-me argumento nam só fingular , mas inaudito , querer fazer que os Portuguezes , fofem Apostolos por-natureza : muito mais , porque fe o Pregador prováfe o que prometia , tam longe estava , de fazer ao Santo um Panegirico , que lhe-preparava uma Satira : e defmentia com as fuas provas , aquelas fingularidades , que queria defcobrir no-Santo : pois quando muito fe-diria , que pregava de todos os Portuguezes . Com esta opiniam examinei as provas : as quais fe-reduziam a ifto . Que Cristo confituira os Portuguezes , Apostolos das-Nafoens estrangeiras : e que afim o-prometèra , a El-Rei D. Afonso I. e , como fe nam ouvèfe , quem negáfe tal coiza , chama-lhe *verdade autentica* . A ifto acrecenta , uma profecia de S. Tomé , (nam fei em que archivo a-achou) que os Infeis fe-conquistariam na India , com as armas de Portugal : nam com as de ferro , mas com as do-efcudo , que fam as Quinas : as quais Cristo , diz ele , deu aos Portuguezes , por-armas . E como S. Antonio era Portuguez , avia conquistar Infeis , como fez : e avia conquistálos com as Quinas : que nam só de Portugal , mas tambem fam as armas , da-minha Religiam .

Pareceo duro ao Pregador dizer , que os Indios fe-aviam conquistar com as *Quinas* , e nam com as espadas : mas a ifto , achou ele genuina folufam , na fãida que os Ebreos fizeram , do-Egito . Pondèra , que , fendo-lhe proibidas as armas , diga a Vulgata, 1): *Armati ascenderunt filii Ifrael de terra Aegypti* = . Examina pois , que armas eram estas : e logo as-acha , no-original Ebreo , que diz : *Ascenderunt filii Ifrael quini* , & *quini* = A fim , diz o Pregador , fãiram os Ebreos com *quinas* ; pois estas lhe-fervirãm de armas , *ascenderunt armati* . Confirma ifto , com as cinco pedras de David , das-quais afirma , que eram as cinco chagas de Cristo , tiradas da-torrente do-feu fãngue , com as quais derrubou o gigante . Esta é a virtude das *quinas* . Por-ifo S. Antonio feguiu as bandeiras das-*quinas* , para mostrar que era Portuguez , derrubando com elas , o Filifteo da-Erezia . Até aqui o Pregador .

Esta em fufstancia é a primeira prova do-dito fermam ; na qual achará V.P. materia , para mil reflexoens . Deixo as iftoricas , pois é bem claro , que fam mui ligeiras provas , para afirmar tal paradoxo .

doxo . Esta aparifam ao Rei D. Afonso : a redoma de vidro cheia de olio , que veio do-Ceo a Clodoveo : e outras destas coizas , que se-acham nas iflorias , fãm boas para divertir rapazes : e os Criticos as-confervam todas , no-mesmo armario , em que guardam as penas da-Fenix . Mas nam pofo perdoar-lhe , a má interpretação , e applicafam do-texto . Este autor certamente nam leo o texto Ebreo , ou fe o leo , nam o-chegou a intender : porque o texto diz uma coiza , muito diferente , doque ele fupõem . É verdade , que o texto Ebreo ferve-fe de uma palavra , (*) que em Latim quer dizer , *Quintati* : cõme fe diferamos , de *cinco em cinco* : mas este modo de falar nam é proprio ; é translato , e deduzido do-estilo belico . Donde vem , que explicando os antigos Ebreos , a dita exprefam , afentam todos que quer fignificar , *armados* . Só diversificam , para explicar particularmente , a forfa dada palavra . *Kimchi* diz afim : *Cingidos de armas , na quinta costa* : outros explicam : *Cingidos com cinco generos de armas* . *Seþbaradi* verte : *Quinque turmis ascenderunt , sub quatuor vexillis . Nam Moyses cum Senioribus Israel , in medio quatuor turmarum manebat* : Alem difo , todos os omens mais doutos na lingua Ebreia , expondo a dita exprefam , depois de porem o termo proprio e literal , que é *Quintati* , acrescentam , id est , *Accinti , Expediti* : que é o mefmo que , *Armati , Parati* . Desorteque com grandifima advertencia ; o tradutor da-Vulgata dife , *Armati* . E quer dizer o Ebreo , que os Israelitas fãiram armados , e em fórma de batalha ; promtos para acometerem , e fe-defenderem . E ifto é coiza certa , entie os doutos .

O que fupoflo , veja V. P. que parentefco tem ifto , com as *quinas* . Alem difo , fuponhamos que verdadeiramente fe-devia intender , de *cinco em cinco* : que tiramos daqui para o intento ? poderia dizer o texto , que iam *quini* , & *quini* : mas nunca dife : *ideo armati , quia quini & quini* : e é peffima Logica aquela , que de duas coizas fem conexam , tira tal confequencia . Tambem é falso dizer , que os Ebreos fãiram dezarmados : quando lemos o contrario : pois nam só as batalhas que deram , mas as obras que fizeram no-campo , mostram bem , que nam só armas , mas toda a forte de instrumentos , levãram do-Egito . Ja nam falo na applicafam da-profecia , a S. Antonio : pois fe S. Tomè falou das-Indias , que tem ifto que fazer , cõm S. Antonio , que pregou na

Europa? Nam falo nas pedras de David, cuja applicafam tem tanta proporçam, como á entre um, e cinco.

Isto que unicamente difemos, basta paraque V.P. intenda, o conceito que fe-deve fazer, de femelhantes fermoens: os quais nada mais fã, que um mero jogo de palavras, fem verdade, nem verofimilidade alguma: e que fe-desfazem em vento, quando fe-examinam de perto. Eu parei no-primeio ponto: avia ainda quatro que examinar: mas efes deixo eu, à fua considerafam. Ora intende V.P. que o Santo fica elogiado, com tal panegirico: que o auditorio ficarã perfuadido: que o Orador merece fer louvado, por-tal fermam? Sei a refpofa que V.P. me-á-de dar, porque fãbe dar às coizas, a fua jufta eftimafam: mas nem todos fã do-feu parecer. e apoftarei eu, e V.P. nam mo-negarã, que mais gente eftuda, polo tal autor, doque pola Efcritura, e SS. Padres.

O mefmo autor em outra parte, devendo pregar de S. Bartolomeo, e fucedendo isto em uma Cidade, em que fe-eftava para eleger, um grande Prelado, que nam tinha conexam com a fefta; tomou por-tema eftas palavras, de S. Lucas: *Elegit duodecim ex ipsis, quos & Apostolos nominavit*: e em vez de pregar de S. Bartolomeo, pregou das-obrigafoens das-eleifoens: fem dizer em todo o corpo do-fermam, una só palavra de S. Bartolomeo. No-ultimo paragrafo, lembrou-fe da-fua falta: e, para remediar o cazo, diz mui fecamente, que tudo o que difera, fe-devia aplicar, ao dito Santo. Porque fendo ele o fexto Apofstolo, eftava no meio, que é o lugar de mais autoridade: É a razam difto era, porque conrefpondendo ele à 6.^a pedra da-nova Jeruzalem, que era o *Sardio*; eíta no-Racional de Aram, era a primeira: onde ficava claro, que o fexto Apofstolo, devia fer o primeiro. Acha nova femelhanfa entre S. Bartolomeo, e o *Sardio*: porque eíta, fegundo Plinio, é de cor de carne viva: e confequentemente, um belo retrato de S. Bartolomeo, que ficou em carne viva, e fem pele. E tornando das-peles vivas, às eleifoens, acaba o fermam, dafefma forte que o-comesou.

Progunto agora: que outra coiza avia ele dizer, fe pregãfe das-eleifoens? Nam ignora V.P. que os fermoens panegiricos, pertencem ao genero *demonftrativo*; e quem jamais pode fofrer, que um Orador, que deve elogiar Pedro, falãfe de Paulo? Julga V.P. que fe-pode chamar jufta digrefam, nam falar uma palavra no-afumto, para

para se-meter em matéria alheia ; e que por-titulo nenhum per-tencia ao Pregador ? Mas examinemos esse pouco que diz , de S. Bar-tolomeo : eu nam acho ali coiza , que nam seja inverosimel . Aquil-lo de querer , que S. Bartolomeo fosse criado Apostolo na 6.^a elei-sam , é falso ; porque tal nam diz o Evangelho . O que eu acho no-Evangelho é , que Cristo, despois do-jejum de 40. dias , pasando defronte de Joam , e dizendo este : *Ecce Agnus Dei* : dois seus dici-pulos seguiram Cristo : um deles era André , que incontrando de tarde, seu irram Simam , o-conduzio a Cristo . No-dia seguinte Cris-to chamou Filipe : e este , incontrando Natanael , convidou-o para seguir Cristo . Pouco despois , tornando Cristo de Cafarnaum , tor-nou a chamar Simam , e André ; que provavelmente se-tinham apar-tado de Cristo , para exercitarem o seu officio : e nunca mais se-apartaram dele : e no-mesmo caminho chamou Jacob , e Joam . Se pois Natanael é o mesmo que Bartolomeo , como alguns doutos modernos (1) conjeturam , com muito fundamento ; em tal cazo é o 4.^o eleito : ou o segundo , fazendo outra contra . Se Natanael é diferente de Bartolomeo , como diz S. Agostino (2) , e Grego-rio Magno (3) , neste cazo devemos confessar , que nam sabemos, quando foi chamado Bartolomeo . O certo é , que o Evangelho nam explica , circumstancia alguma da-sua vocasam , e da-sua vi-da , com o nome de Bartolomeo . Nem menos da-Istoria temos , como morreo Bartolomeo ; avendo grande disparidade de parece-res : aindaque a mais comua é , que morrêse esfolado . O motivo que teve o Pregador foi , ver que em S. Lucas , despois das-ditas palavras , nomeia-se em 6.^o lugar Bartolomeo : e assim intendo , que foram todos eleitos , naquela ocaziam . Um bocadinho que sou-bêse mais de Istoria , lhe-pouparia este erro , tam censuravel em um Teologo . Mas aindaque isto assim fosse ; nam bastava para lhe-chamar , a 6.^a eleisam , por-ser uma só : e muito menos deveria esta circumstancia , dar materia a um sermam .

A outra coiza , que o 6.^o Apostolo fosse mais nobre , que o primeiro , é uma ideia nova : o que só poderia intender-se , se puzese-mos os Apostolos em linha , ou dobra-se-mos a linha em an-gulo . Despois diso seguir-seia , nam que o 6.^o era mais nobre que o pri-

(1) *Rupert. in Johann. 1. = Tostat. in Matth. X. = Jansen. = Alapide Harm. in Johann. 1. &c.*

(2) *Aug. in Johann. Homil. 7. & in Ps. 65.*

(3) *In Job. XXXII. 15.*

o primeiro: mas fim, que 6º e primeiro era o mesmo. E ja em lugar de XII. que entam se-nomeiam, se-reduzem os Apostolos a XI. Tambem aquilo de querer, que S. Bartolomeo seja major, que S. Pedro, nam fei se se-pode soffrer. Mas pior que tudo é o cazo, da-pedra *Sardio*. Se esta, por-fer de cor de carne, se-chama *carnerina*, tanta semelhança tem com Bartolomeo, como com os mais Apostolos: porque todos eram de carne, e carne vivente. Mas o noso Pregador fundou-se na palavra, *viva*: que applicada à carne, significa em Portuguez, (mas nam na lingua de Plínio) carne sem pele: e daí é que tirou o pensamento: que, como asima dizia, se-reduz, a um mero jogo de palavras. Este é o costume destes Pregadores: quando se-examinam as suas provas, com sangue frio; nada mais sam, que um mero trocadilho de palavras, sem verdade, nem ainda verosimilidade: sem a qual é certo, que ninguem se-pode persuadir. Ora eu podia citar destes exemplos, a milhares, e sem sair do-mesmo Pregador: mas é coiza enfadonha, e tambem escuzada, para quem, como V. P., tem tanta pratica destes panegiricos.

Se o panegirico é de N. Senhora, parece a estes tais, que nam á coiza, que nam-seja licito dizer, em obzequio seu: Sem advertirem, que a Santissima Virgem, se-daria por-mais bem servida, sem tais sermoens, com a simplez relasam, das-suas grandes virtudes. O pior é, que á autores, que fomentam estes sermoens, com livros bem grandes compostos ao intento, a que chamam conceitos predicaveis. Os Espanhoes abundam muito disto: e ajuntam uma infinidade de paradoxos, que cuidam provar, com algumas exprefocns figuradas, que se-acham nos-SS. Padres. Achei um Espanhol, chamado *Bartolomeo de los Rios*, que compoz um grofo volume, todo tecido destas iperboles. Ele prova, que N.Senhora é meza do-Sacramento: é pam: é vinho: é Cristo em carne. finalmente diz tanta coiza insolita, que nam fei como puderam vir à imaginasam, de um omem prudente. E tudo isto tira de umas iperboles, de S. Anselmo, Bernardo, e alguns asceticos mais modernos. Estranho modo de provar! servir-se das-figuras de que uzáram os Padres, separálas do-contexto, para provar uma propozifam absoluta. Se valêse esta Logica, e Retorica, com as mesmas palavras da-Escritura, se-poderia provar muita coiza falsa, e ridicula. Nós temos em S. Joam, uma iperbole bem famoza. (1) *Sunt*

-an-

autem & alia multa , quæ fecit Jesus : quæ si scribantur per singula , nec ipsum , arbitror , mundum capere posse eos , qui scribendi sunt , libros = . Quem daqui quizefe provar mui ieramente , que uma livraria grande como o Mundo , nam comprehenderia , todas as afocns de Cristo , feria louco : porque todos os Padres intendem o texto , iperbolicamente : e a Escritura abunda muito , destas expresoens . O mesmo digo , das-expresoens figuradas dos-Padres . Comque , semelhantes autores sam a origem , de todos estes danos : porque os ignorantes , que nam sabem distinguir o branco do-negro , servem-se de semelhantes livros , como de oraculos .

Mas , sem buscar exemplos de longe , tornemos ao meu Pregador asima , e verá V.P. provas bem eficazes , do-que lhe-digo . Pregava ele da-Asumsam da-Senhora , na igreja de N. S. da-Gloria ; com o tema , *Maria optimam partem elegit* . Protesta em primeiro lugar , que nam lhe-agrada coiza alguma , do-que tem dito os PP. e Expozitores todos : e que quer , coiza mais fina : Os Padres o mais que diferam foi : Que Maria escolheo a maior gloria , entre todos os bemaventurados . o noso Pregador parendolhe , que , dizendo aquilo , diziam uma bagatela ; sobe de ponto , e diz : *Que a comparasam de gloria a gloria , nam se-deve fazer só , entre a gloria de Maria , e a gloria de todas as outras criaturas humanas , e angelicas : senam com a gloria do-mesmo Criador delas , a quem Maria criou . A palavra optimam (continua ele) a tudo se-estende : porque sendo superlativa , poem as coizas no-supremo lugar : do-qual se-nam-exclue Deus , antes se-inclue esencialmente . Neste tam remontado sentido pertendo provar , e mostrar oje , que a gloria de Maria , comparada com a gloria do-mesmo Deus ; e fazendo da-gloria de Deus , e da-gloria de Maria , duas partes ; a melhor parte , é a de Maria = .* Até aqui o Pregador .

Bastava a propozisam do-asumto , para provar o que digo : mas peso a V. P. um bocadinho de sofrimento , para ouvir a expozisam , e a primeira prova . *Aindaque a gloria de Deus , (diz ele) é infinitamente maior , que a de Maria ; a melhor parte que pode escolher uma maen é , que a gloria de seu filho seja a maior . Como Maria é maen de Deus , e Deus filho de Maria ; mais se-gloria a Senhora , de que seu filho goze , esa infinidade de gloria , do-que se a gozára em si mesma . E daqui se-Jegue , que considerada a gloria de Deus , e a gloria de Maria , em duas partes ; porque a parte de Deus é a maxima ; a parte de Maria é a otima = .* Pos-

to isto, prova com *Seneca, Ovidio, Plutarco, e Claudiano*, que os Filhos podem vencer os Pais, em beneficios, e em gloria: e que isto é, o que mais deve dezejar um Pai. De que conclue: *Que se entre a gloria de Deus, e de sua maen, fora a escolha da mesma Senhora, o que a Senhora avia escolher para si é, que seu Filho a-excedese, e vencese na mesma gloria; como verdadeiramente a-excede e vence* =. Despois d'isto produz alguns Padres, que; escrevendo a diversas pessoas, dezejavam, que os Filhos deles excedessem aos proprios Pais: traz outros exemplos da-Escritura; e conclue com uma prova teologica, que diz o contrario, do-que ele quer provar. Este o fermam em breve: no-qual nam á pouco, que observar.

Primeiramente o assumto que tira é tal, que se tivesse a infelicidade, de o-provar diretamente, dizia uma erezia. cauza orror samente ouvir propolo. A explicafam é pior, que o mesmo assumto. N. Senhora nam podia escolher uma coiza, emque nam entra liberdade: como é, ser a gloria de um tal filho maior; que a da maen: porque isto era necesario. Teve a Senhora liberdade para aceitar, ou nam aceitar, o ser maen de Cristo: mas nada de liberdade, sobre a gloria. Na supozifam impossivel, que à Senhora dessem a escolher, o tomar para si a gloria toda do-Filho; ou contentar-se de ter um filho, que a-tivesse assim; eu nam sei o que a Senhora diria: nem pertence ao Pregador, advinhá-lo. É verosimel, que a Senhora nam deixaria de escolher para si; uma gloria de tanta dignidade. Mas de supozifoens impossiveis, que omem prudente tirou jamais, consequencias absolutas? Fica logo claro, que aqui nam ouveram, duas partes de gloria: entre as quaes a da-Maen fosse maior, que a do-Filho. E quanto a estas futilizas metafizicas, nam provam, nem concluem coiza alguma; quando se-á-de persuadir, alguma coiza verdadeira.

Quanto à prova teologica, é ela tal, que me-envergonho faife da-boca, de quem estudou Teologia. Propoem as palavras de S. Paulo (1): *Non rapinam arbitratus est, se esse aequalem Deo: sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus est ut homo. propter quod & Deus exaltavit illum: & dedit illi nomen, quod est supra omne nomen* =. Daqui deduz, Que recebo o Filho do-Pai, por-verdadeira e propria eleifam, o officio e dignidade de Redemtor do-

ge-

(1) *Ad Philipp. II. 6.*

genero Umão, fazendo-se juntamente omem : e com esta nova, e inefavel dignidade, recebeu um nome sobre todo o nome, que é o nome de *Jesus* : mais sublime e veneravel, polo que é, e polo que significa, que o mesmo nome de Deus : *In nomine Jesu omne genu flectatur*. Recebeo a potestade judiciaria : *Pater non iudicat quemquam : sed omne iudicium dedit Filio*. Recebeo o primeiro trono, entre as pessoas da-SS. Trindade : *Dixit Dominus Domino meo, sede a dextris meis*. Se pois o Padre podia tomar tudo isto para si, porque o nam-tomou todo? por-nenhuma outra razam, senam porque era filho... intendendo, que quando fosse de seu filho, entam eram mais suas : e que mais e melhor as-goza va nele, que em si mesmo =. Sam palavras do-Pregador : Aplica isto à Senhora, e conclue, Que por-isto elegeo a melhor parte : *Maria optimam partem elegit*.

Nam me-queiro demorar muito neste exame, porque seria nunca acabar : direi somente de passagem, que o noso Pregador com todo este discurso desfaz, quanto pertendèra mostrar. Concedamos-lhe tudo de barato, e que o Filho teve maior gloria que o Pai. &c. pergunto : ou daqui se-segue, que defa maior gloria do-Filho, rezultou no-Pai maior gloria, doque tinha o Filho, ou nam? Se rezultou maior gloria; ficam desmentidas todas as provas do-Pregador, com que quer mostrar, que o Filho excede ao Pai, na-gloria. Se nam rezultou maior gloria; nunca se-pode dizer, que o Pai escolheo *melio rem, immo & optimam partem*. paraque serve pois toda aquela arenga, se nam á-de provar, o que quer? De toda esta metafizica pois, com que o Pregador enche o fermam, o que se-segue é, que se-contra-diz a si mesmo.

Mas quem poderá admitir, as provas do-Pregador, tomadas literalmente, como ele as toma? Em primeiro lugar é falso, que o Pai dêse ao Filho, com propria eleisam semente sua, a grandeza de Redemtor : porque sendo a Encarnasam, *obra ad extra*, como lhe-chamam os Teologos, todas as trez pessoas com uma unica vontade, concorreram para ela. E isto nam sam Teologias exquisitas : mas os primeiros elementos da-Fé. Polo contrario, o noso Pregador supoem mui distintamente, que o Pai tinha uma vontade, e o Filho outra : porque sem esta supozisam, nam corre o argumento. E semelhante supozisam, nam fei como os Qualificadores a-deixaram passar. Em segundo lugar é falso, que o

nome de *Jesus* seja maior, que o nome de *Deus*. Aquele *supra omne nomen* nam se-intende, comprehendendo o nome de *Deus*. E' falso, que o Pai *abjudicase* de si, a potestade judiciaria. E' falso, que o Filho tenha o primeiro trono, entre as peoas da-SS.Trindade. Todos aqueles textos, se-devem intender, com seu gram de fal, segundo a expozisam dos-antigos Santos, e doutrina da-Igreja. E' falso finalmente, que a gloria do-Filho, que lhe-rezulta da-redemsam, seja maior que a do-Pai. Ora tudo isto era necessario, que fosse verdade, paraque a paridade fosse boa, e provasse, o que o Pregador queria.

Alguns me-responderam ja, que as palavras dos-textos mostravam, o que o Pregador dizia: e que nos-sermoens nam se-deve procurar, rigor teologico. Esta é a cantilena comua, destes apaixonados por-tais sermoens. A isto ja respondi varias vezes, e nesta mesma carta. O que dali se-segue é, que tais sermoens sam trocadilhos de palavras: e que páram na superficie, sem profundarem o sentido. Semelhantes nisto a outro sermam, que eu li, em que o autor, para provar a negrura da-Morte, trazia o texto: *Lanarum nigrae nullum colorem imbibunt*: como se bastasse alguma semelhança de palavras, para provar pensamentos graves! Tambem é falso dizer, que nos-sermoens nam se-deve buscar, rigor teologico. Eu intendo por este nome, *verdade teologica*: e supozto isto constantemente defendo, que nenhum sermam se-deve tolerar entre Catholicos, que tenha propozisoens contrarias, à dita verdade. As ampliaçoens, as iperboles, as delicadezas, podem ter lugar nas orasoens: mas devem ser de outra qualidade, que as que aponto. Eu deixei o sermam quazi no-fim, em que avia outro pensamento, bem galante: mas nam tenho tempo, para me-demorar tanto, com estas coizas. Do-que até aqui tenho dito, cuido ficará V.P. persuadido, do-que afirmo, se quizer ter o trabalho, de ajuntar as minhas reflexoens, com a leitura do-tal sermam. ***

Esta materia de panegiricos é tam ampla, que seria necessario um grande volume, para tocar levemente, o que lhe-pertence. Acham-se porem outros panegiricos, que rigorosamente o-sam, e eu considero dividedos, em varias clases. Compreende a primeira aqueles, que tratam de varias soens de Cristo, como *Mandato*, *Sacramento*, *Resurreisam*, *Acensam* &c. Aqui é onde os Pregadores lambicam o ingenho, para dizerem coizas mui singulares: e aqui é onde se-mostra, a quinta essencia de toda a sutileza;

Aque-

Aquêle , *Cum dilexisset suos , in finem dilexit* : tem-se espremido de tantas maneiras , que eu ja nam fei , que coiza boa pode botar de si : e Pregador conheço eu , que , applicando o texto a mui diferente assumto , em lugar de pregar de Cristo , pregou de si . Nas provas porem concordam estes sermoens , com os antecedentes , com a unica diferenca de mais , ou menos . Sobre o da-Resurreisam , ja se-sabe , que os melhores Pregadores dizem suas galantarias , e nam poucas parvoices , improprias daquelle lugar , e da-materia que tratam : como tambem pouco decentes , a qualquer outro lugar sezudo . Ajunto a esta , outra quinta especie de sermoens , tambem panegiricos , que sam os louvores de algumas obras pias , como Publicasam do-Jubileo , *Obras de Misericordia* , *Prociçoens* &c. Estes ja sabemos , que sem profecia nam podem pasar : porque como ja dise a V. P. muitas vezes , este é um pecado nacional destes paizes , para o qual ainda até aqui , nam ouve redemsam . Com o que acima dise dos-outros , pode-se entender , o que se-deve dizer destes . o defeito é geral : e assim a resposta sempre é a mesma .

Quanto aos sermoens das-Domingas de Quaresma , e Misçoens , devo confesar , que tem menos defeitos , que os outros : porem sempre conservam os essenciais . Tambem neles (de Quaresma) á futilizas , assumtos impropriissimos , pessima dispozisam de provas , e outras coizas destas . O que verdadeiramente nam posso soffrer é , que estes seus Pregadores Portuguezes , procurem singularizar-se , com esquipaticos assumtos , nos-mesmos sermoens da-Quaresma . O Pregador da-menhan , dizem que explica o Evangelho : o de tarde , toma um assumto mais geral , que distribue em cinco Domingas , sem se-sugeitar ao Evangelho do-dia . Aqui pois move a compaixam ouvir , o que alguns excogitam , e quanto trabalham para descobrir na Escriitura , um numero de cinco , que seja acomodavel , ao dito assumto . Uns , vam buscar , as cinco pedras de David : para atirar ao auditorio , uma seixada espiritual cada Dominga . Assumto improprio , e só coiza digna de um menino , que nam entende , o que é eloquencia : sendo certo , que dezemparam logo o feixo , para falarem em outra materia . Outros , vam buscar no-Cardial Ugo , que afeta ser moral , e misteriozo , algumas palavras gerais , que posam calsar às cinco Domingas . Tudo isto sam arengas : mas estes ainda sam mais toleraveis . Os que eu nam posso soffrer sam , os que , saindo fora do-numero de cinco , por-

fe-quererem singularizar dos outros, tomam ideias mais impróprias. Tal foi um Pregador de boa fama, que ouvi, o qual temou por-afumto, explicar o *Racional de Aram*, ou aquele pano que trazia o Sumo Sacerdote dos-Ebrios, no-peito, em dias de funsam, com doze pedras preciosas cravadas, em que estavam esculpidos, os nomes das-doze tribus. Este titulo de fermam agradou muito, aos que tem o juizo nos-cotovelos, que sam os mais. Concorri eu tambem, para ouvir o fermam, porque casualmente naquele dia, achava-me na dita Cidade: e como ja se-falava muito nas tais Domingas, que foram pregadas em outra parte, fui ouvir, que afumto tirava do-*Racional*: e como acomodava as doze pedras, com as cinco Domingas. Com efeito o meu bom Pregador, escolheo entre as pedras, as-que lhe parecèram, e regeitou as outras. Galante modo de explicar, o *Racional de Aram*! Do-fermam nada digo, porque a coiza fala de si. Saindo eu para fora, incontrei um Religiozo da-Companhia meu amigo, e um dos-omens de melhor juizo, que eu tenho cá visto; o qual apertando-me a mam, me-disè: Amigo, o *Racional* é uma peste; o pobre Aram nam esperava, que o-tratasem tam mal: e concludio dizendo, que tudo aquilo era uma parvoise.

Com efeito eu nam acho, que proporsam tenha uma coiza; com outra: ou para que ei-de ir buscar um titulo, que nada tem que fazer, com o fermam. Nam sei como estes Pregadores ingenhocos, nam tem buscado, os cinco escudos das-armas de Portugal, ou as cinco *quinas*: em que se-podia dizer, muita coiza boa: Nam sei como nam se-tem apegado, às cinco torres de Lisboa, a de S.Giam, do-Bugio, de Belem, a Torre Velha, e o Forte da-caza da-India: daqui podiam sair muitos tiros espirituais, e se-podia dizer, muita coiza bonita. Nam sei como nam explicam, os cinco dedos da-mam, e mil outras coizas, que se-podem compreender, debaixo desta ideia de cinco.

Mas, a falar a verdade, tudo isto sam rapaziadas: e os que procuram estes afumtos, nam sabem o seu ofcio, nem de que cor é, pregar. Eu intendo que o Pregador de tarde, deve tirar do-Evangelho, um afumto proprio para o auditorio. Nem me-digam, que o de menham ja explicou o Evangelho. os que assim falam, nam sabem que coiza é Escritura. O mesmo Evangelho, pode dar infinitos afumtos. Nam é necessario, que todos se-sirvam das-mesmas palavras; podem-se escolher outras: procurar

os SS: Padres , e tirar um assunto proprio : para isto fervem os Expositores . Na quinta Dominga de Quaresma , todos se-fervem das-palavras : *Si Veritatem dico vobis &c* e pregam da-Verdade em geral . Um omem que eu conheci , pregando em um Convento de Freiras , tomou as ultimas palavras : *Tulerunt ergo lapides ut jacerent in eum . Jesus autem abscondit se , & exivit de templo .* Daqui tirou este assunto : Que Cristo nesta asám quizera ensinar-nos , com quanta diligencia devemos fugir , de profanar os Templos . porque nam só se-escondeo Cristo : mas fugio . Com a primeira asám , evitava a profanasám com a obra , impedindo a morte : com o sair , evitava a profanasám com a intensám , fugindo da-presença de omens ; que ainda conservavam os dezejões , de o-profano . Acomodou isto ao intento , mostrando , quanto Deus abominava , a profanasám dos-Templos . Nam avia assunto mais proprio , ao lugar : porque nam avia lugar mais profanado com asóens , e intensoens pecaminozas . Este era um assunto novo : nam futil , e ridiculo ; mas verdadeiro , e mui proprio : E isto chama-se pregar : o mais , é falar de alto . Quem tem ingenho , e leitura , pode tirar infinitos assuntos , do-mesmo Evangelho , acomodados ao seu cazo .

Mas quando o Pregador nam quizese , servir-se do-Evangelho ; pouco importaria : bastava que escolhesse um Vicio , para o-condenar , em cada Dominga , digo dos-que mais reinam naquela Cidade . Porque os sermoens de Quaresma , são rigorosa misam : e se-deve buscar , argumento proprio para isto . Quero ainda conceder , que cada um destes cinco sermoens , deva ter relasám , com os outros , e compor um corpo de doutrina : digo ainda neste cazo , que é facil a um omem de juizo , buscar um argumento natural , e solido , que se-posa dividir em cinco partes ; para explicar cada parte , em sua tarde : Sem dizer ridicularias e sutilezas ; mas coizas , verdadeiras , utis , e graves : e applicando sempre o sermam , à necessidade do-auditorio . Este é o defeito geral , da-maior parte destes Pregadores , que comumente se-servem de ideias gerais , que nam calsam bem ao auditorio ; e de que nam se-tira fruto algum : pois tam ridiculo é , falando a omens doutos , querer-lhe explicar , as pessoas da-Trindade &c. como falando a pessoas ignorantes , servir-se de ideias especulativas ; ou , falando às Freiras , pregar da-politica de Machiavelo , e aos Rusticos , do-*Principium quo in divinis* : da-Existencia definitiva e circunscritiva

na Eucaristia &c. como eu ja ouvi a alguns pregadores ; e mefres . A isto chama-se , nam saber o decoro , quero dizer , nam saber tratar a materia , nem aplicar os argumentos aos ouvintes ; coiza que condemnam os Reticos (1) .

Tambem notei em certos Pregadores , alem dos-ditos ; certos defeitos , que nam sam de pequena considerafam . Omens á ; que applicam os sermoens , às suas particulares intenfoens ; e em lugar de pregarem , dô-que devem , pregam de si : E como o tema nam dá para isto , dezempáram logo o afumito , para metetrem outros pensamentos mui alheios ; e querendo dizer tudo , nam dizem coiza que valha . Alguns , despedem-se no-fermam , das-pleoas suas conhecidas : * * * outros , fazem fatira aos Prelados , ou ao governo politico da-Cidade &c. ou , a pleoas particulares , ou aos seus mefmos ouvintes . E neste ultimo ponto , nam só caiem os ignorantes , mas pola maior parte , os de maior doutrina , e prezumfam ; e por ifo às vezes as provas , sam tam arrastadas , que é uma piedade ouvilos . Eu quero conceder de barato , que feja verdade o que dizem : mas nam é aquele o feu lugar : e sempre tem prompto o argumento : *V. P. foi chamado para pregar diffo , e nam daquilo* . Este nam é pequeno defeito de Retorica : pois é alienar os animos dos-ouvintes : de que fe-se-que , nam fe-poder obter a perfuazam .

Estes sam os defeitos mais gerais , mas comuns , de todos estes seus Pregadores . Dos-quais fe-conclue claramente , que lhe-falta a principal parte da-Retorica , que è a *Invensam* : da-qual falta nadem , todos os outros defeitos , que impedem o bom gof-to da-eloquencia , Criados desde a primeira mocidade , com aquele peffimo eftilo , de buscar conceitos exquizitos , e dividedir a orafam em tantas partes , quantos eles sam ; perdem os melhores argumentos , que lhe-dariam materia , para tecer uma orafam conti-

nua-

(1) *Est autem quid deceat oratori videndum , non in sententiis solum , sed etiam in verbis . Non enim omnis fortuna , non omnis honos , non omnis auctoritas , non omnis etas , nec vero locus , aut tempus , aut auditor omnis , eodem aut verborum genere tractandus*

est , aut sententiarum : semperque in omni parte orationis , ut vite , quid deceat , est considerandum : quod in re de qua agitur positum est & in personis eorum , qui dicunt ; & eorum , qui audiunt = . Cicer. Orat. num. 21.

nuada ; que persuadise o auditorio ; e fose digna de se-ouvir . Nam reprovo as divizoens , quando sam necesarias , e a materia as-pede : reprovo sim muito , o acomodar a materia às divizoens , para fazer a costumada trepesa .

Destá falta , de nam saber buscar as provas , nace a segunda ; e tam importante , da-*Dispozisam* . Pois nam tendo argumentos proprios , nam podem dispolos em maneira , que formem uma orasam unida : na qual o exordio ; ou seja *unido* ; ou *separado* , forme um perfeito corpo com o todo : e em que as partes obseruem , a sua justa proporçam , e tal , que umas sirvam de aclarar as outras : e conduzam para o fim , de persuadir o que se-quer . Destá mesma falta nace , a da-*Locusam* : sendo certo , que quem nam acha um argumento , acomodado ao que quer , mas vai buscando futilzas ; nam encontra com palavras proprias , para exprimir um pensamento sezudo , e nobre : nem acha aquelas que sam necesarias , para ornar com armonia os pensamentos ; desorteque fasam uma orasam armonioza , e agradavel , sem ser afetada : o que nam tem pouca difficuldade (1) . De que vem , que comumente encham o discurso , de mil tropos e figuras , fóra do-seu lugar ; que mostram , o pouco talento do-Pregador , e a ignorancia , da-sua propria lingua . Nacc daqui tambem , nam saber escrever uma carta , ou formar qualquer outro discurso , que possa persuadir . Finalmente nace , o nam saber discorrer com propriedade , em materia alguma . Leia V. P. as cartas que se-acham de Frei Pedro de Sá , e Frei Lucas de Santa Catarina , e outros semelhan-tes : leia os seus discursos : e verá , que cartas , orasoens , sermoens &c. tudo é o mesmo . Nam se-acha mais , que equivocos , palavras sem significado , pensamentos inverosimeis ; encarecimentos inauditos , em uma palavra , uma lingua nova , que serve para toda a sorte de assumtos , sem distincam . Os ignorantes gostam muito disto , e copeiam esta sorte de papeis , com todo o cuidado , e acumulam quantos podem : mas os que verdadeiramente intendem a materia , nam podem menos que rir-se , de tais escritos ; dos-quais toda a alma cristã deve fugir , como contrarios ,
à boa

(1) *Atque illud primum videamus , quale sit , quod vel maxime desiderat diligentiam , ut fiat quasi structura quaedam , (verborum)*

nec tamen fiat operose : nam esset cum infinitus , tum puerilis labor . Cicer. Orat. num. 44:

à boa eloquencia . A razam de tudo isto é a mesma : porque quem bebe aquele estilo , de sutilezas , afetaçoens , e singularidades ; nam sabe distinguir os estilos , propios dos-diversos argumentos , que se-lhe-oferecem : e assim nam sabe , nem pôde fazer coiza boa ; nem chegar a persuadir ninguem .

É uma prova manifesta disto , a infinita distancia que eles poem , entre fermam funebre na Igreja , e orasam funebre na Academia . Nesta nam á tema : comumente nam á divizam de pontos : nam á textos da-Escritura : á menos sutilezas : e acha-se um discurso continuado , ainda-que cheio de mil impropriedades , e ridiculos encarecimentos : No-outro acha-se tudo o contrario . De que provem esta grande mudansa ? eu o-direi : De nam saber , o que é Retorica : porque os preceitos em ambas as partes , sam os mesmos . No-pulpito , posso uzar de mais asám do-corpo ; e animar com a voz o discurso : na-academia recito com mais brandura . Mas o papel em ambas as partes é o mesmo : e do-que se-faz na academia , podiam eles inferir , o que devem fazer no-pulpito .

Porem aqui me-parece , que ousó dizer a V. P. que ja que aponte os defeitos , aponte o modo de os-emendar . Mas isto ; P. muito reverendo , nam é negocio que se-posa fazer , com tanta brevidade , pois pederia um tratado inteiro . O que tenho dito , bastava para um omem de juizo : e a lisam dos-bons autores , completaria tudo . Contudoiso , para obedecer a V. P. nam deixarei de fazer alguma reflexam , adquerida parte com a lisam dos-outros , parte com a minha propria experiencia , e reflexam : as quais V. P. applicará , aos cazos particulares . Mas como isto pede mais tempo , quero rezerválo para outra carta : e acabo esta , com pedir a V. P. , me-conserve na sua grafa . Deus guarde &c.



CARTA SEXTA.

SUMARIO;

Continua-se a mesma materia da-Retorica : Fazem-se algumas reflexoens, sobre o que é verdadeira Retorica, e origem dela . Que coiza sejam figuras, e como devemos uzar delas . Diversidade dos-estilos, e modo de os-praticar : e vicios dos-que os-nam-admitem, e praticam . Qual seja o metodo de persuadir . Qual o metodo dos-panegiricos, e outros sermoens . Como se-deve ensinar Retorica aos rapazes, e ainda aos mestres . Algumas reflexoens, sobre as obras do-P. Antonio Vieira :



NAM intenda V.P. que ei-de faltar à promessa: pois nam só com promtidam, mas com muito gosto executarei nesta carta, o que prometi na ultima: e direi o como se-devem entender, as coizas que disse, para emendar os defeitos, que nestes Retoricos vulgares s' incontram: e que eu aponte na carta pasada. Digo pois, que o primeiro, e mais importante ponto que deve advertir, quem quer formar, o bom gosto literario, é; fugir totalmente destas Retoricas comuas, nam só manuscritas, mas tambem impresas. Estou persuadido, que elas sam a primeira ruina dos-estudos: porque inspiram mui maos principios, e nam ensinam o que devem. Ouso louvar muito nestes paizes, o *Candidatus Rhetoricæ* do-P. Pomei, o *Ariadne Rhetorum* do-Juglar &c. e mestres conheço eu, que nam tem mais noticia da-Retorica, que a que dá o dito livro, ou outro semelhante. Isto podem é mera iluzam: porque para nam saber nada, nam á melhores livros, que os ditos. Estes, e outros tais autores, fazem uma enumerasam das-partes da-Retorica, mui seca e descarnada. propeem mil questuens, e nam rezolvem nenhuma bem. todo o livro consiste em divizoens, e subdivizoens, que enfadam antes de s' entenderem. Mas o pior é, quando ensinam a servir-se, dos-lugares Retoricos: quando mostram os diversos modos, de ampliar

pliar um argumento: dizem mil coizas inutis, e que mais facilmente s'aprendem, lendo os bons autores, que estudando as tais observaçoens.

Este em carne é o defeito, em que caiem os Logicos Peripateticos, quando se-dilatam muito, sobre a *forma silogistica*, e *ponte dos-asnos*: depois de dizerem muito, sam obrigados a reconhecer, que nada daquilo serve, para coiza alguma: e que na pratica do-argumentar; nam só sam inutis, mas até impossiveis as tais regras. Nam achei até aqui Peripatetico algum, que, devendo em algum ato publico, provar de repente alguma propozifam, que lhe-duvidasem; se-servise de tal metodo: nem menos achei omem algum, que, senam intendeo, e estudou bem a materia, que á-de tratar; servindo-se unicamente dos-lugares Retoricos, fizese coiza capaz. Chama-se perder inutilmente o seu tempo, querer ensinar todas aquelas arengas: das-quais unicamente rezulta, a desvanecida opiniam de uma ciencia, que nam tem. Os rapazes que estudáram aquilo, persuadem-se, que sam Retoricos da-primeira esfera: que podem, com a ajuda de quatro adjetivos e sinonimos, e quatro descriçoens afetadissimas, arengar de repente, em quálquer materia. Intendem, que nam á orasam, que nam observe a dispozifam, que eles lem na sua Retorica. julgam, que nam á discurso oratorio, sem todas aquelas mexerofadas. Finalmente, como nam lhe-explicam, o verdadeiro uzo da-Retorica, e artificio da-verdadeira eloquencia; persuadem-se, que só nos-discursos academicos, tem ela lugar. De que nace, que depois de perderem bem tempo nas escolas, a que chamam de Retorica, ficam totalmente ignorantes dela.

Isto suposto, é necessário desterrar uma, e admetir outra sorte de Retorica. Já asentamos, que a Retorica deve ser em Portuguez, para os que nacèram em Portugal: porque assim s'intendem os preceitos: e na sua mesma lingua se-mostram, os exemplos. Nam avemos de carregar os rapazes, com dois pezos: intender a lingua, e intender a Retorica: tambem nam avemos fingir os Omens, como nam sam; imaginando rapazes mui agudos, e espertos. Tudo isto é iluzam. Os rapazes sam de diversas capacidades: e muitos sam rudes. comumente aprendem Retorica, quando ainda nam intendem bem Latim. E assim, é necessário falar-lhe em Portuguez: muito mais, porque ou queiram ser Pregadores, ou Advogados, ou Historicos &c. tudo isto se-faz cá em

Portuguez : e é loucura ensinar em Latim uma coiza , que pola maior parte , se á-de executar , em Vulgar . Esta é a primeira regra do-Metodo , facilitar a intelligencia . Nam tenho até aqui visto , (pode ser que aja) Retorica Portugueza impresa . Certo fugeito mollrou-me á tempos , alguns apontamentos que fizera : mas nam mereciam o nome de Retorica . tenho visto varios livros de conceitos : mas nam era coiza , que merecêse ler-se . Sei porem , que atualmente se-copeia , uma Retorica Portugueza , que me-parece propria para formar , o bom gosto da-Eloquencia . Um amigo meu mui particular a-compoz , para uzo seu . pedio-me noticia , dos-melhores autores nesta materia : e deles copiou , o que conduzia , para o seu intento . uzou comigo a amizade , de consultar-me na dispozifam dela . teve a moderasam de ouvir , e nam desprezar , as minhas reflexoens . cuidou que felizmente confeguiu , o seu intento : devo fazer esta justifa , à sua grande capacidade . Nam fei , se a-determina divulgar : o que se puder ser , procurarei de a-comunicar a V. P. seguro , de que nam lhe-dezagrada-rá . Mas , tornando ao fio das-minhas reflexoens :

Ja dise ao principio , que sendo a Retorica , arte de persuadir , tinha lugar em todo o discurso , que seja proferido com este fim . Doque se-segue , que a Retorica tem tanta extensam , quanta qualquer lingua : o que muitos nam intendem , ainda dos-que lem as Retoricas . Parece paradoxo a muitos , destes enfarinhados nos-estudos , dizer-se , que n'uma carta , que é escrita com estylo simplez ; n'uma Poezia , na Istoria , e n' um discurso familiar &c. deve ter lugar a Retorica . E isto provem de intenderem , que a Retorica consiste , em figuras mui dezuzadas , tropos mui estudados &c. e assim parece-lhe , que nam se-caza uma coiza com outra . Mas por-pouco que estes tais , examinasem a materia ; conheceriam , que tudo se-deve tomar , em diverso sentido .

Nam á lingua neste mundo , tam fecunda de palavras , que possa exprimir , todas as ideias do-intendimento : A fecundidade que tem a mente , em formar conceitos , e a facilidade com que de uma mesma coiza , fórma infinitas ideias , é tal ; que pode empobrecer , todas as linguas do-mundo . Seriam necessarias muitas palavras , para um omem poder dizer sofrivelmente , o que entende . Mas isto pediria tempo infinito , e o commercio umano se-faria insupportavel . Conhecêram os Omens muito bem isto , e cuidáram em lhe-pór o remedio . Daqui naceo a necessidade de servir-se , de algum mo-

do de expremir, que, ainda que nam diga tudo, excite diversas ideias no-intendimento, e poupe o trabalho, de proferir muitas palavras. A experiencia mostrou, que as nosas ideias tem uma certa uniam, com que mutuamente se-ajudam: proferida uma das-quaes, todas as outras se-apresentam. Isto assim posto, os Omens souberam aproveitar-se, desta experiencia; e comésaram a servir-se de um nome por-outro, para poder excitar a ideia, do-que queriam. Um nome que significava uma coiza, applicou-se para significar outra; e se-transportou da-sua significafam propria para outra, por-cauza de certo respeito, ou relasám, ou ordem, ou nexo, que uma coiza tem com outra. A isto chamáram *Tropo*, palavra Grega, que significa *transpozifam*: e estes modos de falar, chamáram-se Figuras: as quais podem ser infinitas: mas os Retoricos as-reduziram a pequeno numero, contando as mais uzuais: e destas se-faz memoria, nas comuas Retoricas, com diversos nomes.

Estes *Tropos*, *Metaforas*, ou *Metonimias*, que significam o mesmo, tem grande uzo, e sam necessarias em todas as linguas, e ornam muito: nam só porque encurtam o discurso, e fazem mais gostosa a conversafam; mas tambem porque exprimem melhor, o que se-quer dizer, doque outras palavras. Diz mais às vezes, uma só metafora, que um longo discurso: e com uma só palavra, é mais bem entendido um omem, doque com a fecundidade de infinitas. Quem ouve dizer, que *Alexandre era um raio da-guerra*; a ideia do-raio, que é uma coiza sensível, exprime bem o grande poder, com que este omem fugeitava tudo: a velocidade das-suas conquistas: o eco das-suas vitorias; que atroava tudo, e ainda as mais remotas Nasoens. Este justamente é o carater de Alexandre: como já a Escritura tinha delineado. Uma só ideia excita mil outras, ao intento. E como os Omens estam acostumados, a estas imagens sensiveis; os tropos que delas se deduzem, valem infinito. Apenas o comum dos-Omens pode entender, e julgar de outra forte.

Sam boas, assim é: mas o uzo é que as-faz racionaveis: quero dizer, que se-devem uzar em tempo, e lugar proprio, e quando o discurso o-pede. O que nam advertindo os ignorantes, servem-se pouco sabiamente das-Figuras; e com muito estudo, falam bem mal. Nam á maior beleza em uma cara, que os olhos: mas se um rosto nasce com mais de dois; se chegáse a ter meia du-

zia , fería um monstro . Deve aver figuras : mas á-de aver proporsam , eleisam , dispozisam : ou seja no-discurso familiar , ou na latoria , ou na Cadeira . Este é o grande segredo do-falar bem : o qual como muitos , segundo adverti , nam chegam a penetrar , quando ouvem falar em Tropos , tremem de pés e cabeça : e persuadem-se , que é algum enima singularissimo , rezervado para algum ato publico , ou coiza semelhante .

Como as palavras sam as que significam , o que pasa dentro d'alma , ouve necessidade de procurar palavras , para expremir , nam só o que a alma conhece , mas tambem o que quer ; ao que chamamos , *afetos da-alma* , ou *paixoens* . O Omem nem sempre se-acha , na mesma dispozisam de animo : mas esporiado de alguma coiza , faie fóra de si , e entam fala de outra maneira , mui diferente . As expresoens com que se declara isto , se-chamam *Figuras* ; com a differença , que os Tropos sam figuras das-vozes : e estas que aqui digo , sam figuras do-animo . É incrível , a diversidade destas vozes do-animo . Um omem agitado , nam só no-exterior do-rosto , mostra a sua perturbasam , mas tambem no-modo do-seu discurso . As paixoens violentas , alteram a bela harmonia dos-umores : engrosam os objetos : impedem que a alma dê a devida atensam , ao que julga : no-mesmo instante a-transportam , de uma coiza para outra : sam como o mar alterado , que joga a pela com um navio . Onde , agitadas com tanta confuzam , as fibras do-cerebro , a alma , que em virtude daquela armonioza dependencia , que estabeceo Deus entre ela e o corpo ; deve conhecer todas as imagens , que elas lhe-presentam ; nam tem , se me-é licito explicar assim , repouzo algum . A alma agitada , imprime novo movimento nas fibras , e estas na machina : de que nadem as palavras : com as quais dando-se dezafoço à ira , que moveo a machina , se-dá tambem repouzo , à alma .

Sendo pois as nosas palavras , consequencias dos-movimentos d'alma , e correspondendo perfeitamente , aos nosos pensamentos ; é claro , que o discurso de um omem , que está sumamente agitado , deve ser dezigual . Algumas vezes parece este omem difuzo , e fórma uma exata pintura , das-coizas que sam objeto , da-sua paixam : e cuidando que o-nam-intendem bem , repete a mesma coiza , em cem diferentes maneiras . Algumas vezes interrompe o discurso , e sepára as palavras umas das-outras , dizendo de uma só vez , bastantes coizas . Muitas vezes vareia o discurso , com mil
pro-

prognatas, com exclamaçoens, com frequentissimas digressões. Finalmente um discurso destes vareia-se, com infinitos modos de falar: os quais modos são tam proprios, daquelas paixões d'onde nascem, que, ouvindo-os proferir, fica um homem formando, justa-ideia-da-paixão. Estas pois são as tanto celebres Figuras do-animo; as quais nenhuma outra coisa são mais, que modos de falar particulares, e diferentes dos-modos de falar natural e usual.

Estas Figuras, que são as naturais pinturas das-paixões, são sumamente utis, e necessárias no-comercio humano. Um pintor famoso, (dize um grande Retorico, de quem eu aqui fizo as pizadas) que quer delinear um painel istoriado, não só pinta as figuras, que devem intrar no-quadro; mas procura, que cada uma esteja naquele ato, que exprima, o paraque ele ali a-poem: não só isto, mas até no-rosto lhe-pinta, aquelles accidentes, que denotam a paixão, de que são produzidos. Explico-me melhor. Um homem agitado, e alterado com a colera, não tem o rosto sereno; mas fica palido: abre uns olhos, que parecem cheios de fogo: carrega a vizeira: finalmente mostra no-rosto mil accidentes, que são os caracteres da-Colera. Isto pois é o que procura imitar, o pintor: e se chega a imitá-lo bem, só este é o bom pintor. O Retorico não tem cores, com que imitar a natureza, como o pintor: mas tem palavras, para imitar aquellas, que profere um homem dominado da-paixão, que ele quer persuadir: e como estas paixões tenham, diferentes caracteres; é necessário que se-sirva de diferentes Figuras, para as-expremir (1).

Alem

(1) Sic igitur dicet, ut proponat quid dicturus sit: ut cum transegerit jam aliquid, desinat: ut se ipse revocet: ut quod dixit iteret: ut argumentum ratione concludat: ut interrogando urgeat: ut rursus quasi ad interrogata sibi ipse respondeat: ut contra, ac dicat, accipi & sentiri velit: ut addubitet quid potius aut quomodo dicat: ut dividat in partes: ut aliquid relinquat ac negligat: ut ante præ-

muniat: ut in eo ipso, in quo reprehendatur, culpam in adversarium conferat. Ut sæpe cum his, qui audiunt, nonnunquam etiam cum adversario quasi deliberet: ut hominum sermones moresque describat: ut muta quædam loquentia inducat: ut ab eo quod agitur avertat animos: ut sæpe in hilaritatem risumve convertat: ut ante occupet quod videat opponi: ut comparet similitudines: ut utatur exemplis:

ut

Alem disto, ninguem pode persuadir outro, sem que excite nele aquela paixam, que lhe quer persuadir: porque as paixoens sam os instrumentos; e, para me-servir de uma expressam filosofica, as machinas que abalam a alma, e a-inclinam para onde queremos. Ora para excitar estas paixoens nos-outros, é necessario, que um omem se-mostre dominado, da-mesma paixam: (1) porque, suposta aquela particular dispozisam, e semelhansa dos-nossos corpos, deixamo-nos persuadir daquela paixam, que vemos nos-outros: dos-mesmos sentimentos: dos-mesmos afetos: se nam se-acha algum obstaculo, que empesa o curso da-natureza. Naturalmente inclinamos a ter compaixam, de uma pessoa, que mostra estar sumamente aflita: rimos quando nos-achamos, em um grande divertimento dos-sentidos. Polo contrario, nam choramos, nem mostramos compaixam, de uma pessoa que ri; aindaque verdadeiramente seja miseravel. E' necessario ter um animo mui nobre, para se-vestir dos-sentimentos, e necessidades dos-outros, semque lhas-exponham. Nam obram os Omens comumente assim: obram porem assim, quando recebem o movimento, do-impulso das-paixoens. Esta é a *simpatia* das-paixoens: (se acaso tal voz, significa coiza alguma) e daqui se-mostra bem, a necessidade das-Figuras, para efeito de persuadir.

Nam me-cansarei, em dar o numero das-Figuras, e explicar o que significam, e quando se uza delas. Disto abundam muito, as Reticas ordinarias: aindaque sam poucas, que o-expliquem de um modo, que se-posa perceber. As Figuras sam infinitas: mas os Reticos reduzem-nas, a umas certas rezras gerais, e mais commuas. Direi foyente, que estas Figuras, sam as verdadeiras ar-

mas

ut aliud alii tribuens dispertiat: ut interpellatorem coerceat: ut aliquid reticere se dicat: ut denuntiet, quid caveant: ut liberius quid audeat: ut irascatur etiam: ut obhurget aliquando: ut deprecetur, ut supplicet, ut medeatur, ut a proposito declinet aliquantulum, ut optet, ut excretur: ut fiat iis, apud quos dicet, familiaris. Atque alias etiam dicendi quasi virtutes sequatur: bre-

vitatem si res peter: saepe etiam res dicendo subjiciet oculis: saepe supra feret, quam fieri possit: significatio saepe erit maior, quam oratio: saepe hilaritas, saepe vitæ, naturarumque imitatio. Cicero. Orat. n. 40.

(1) *Nec unquam is, qui audiret, incenderetur, nisi ardens ad eum perveniret oratio.* Cicero. Orat. n. 38.

mas da-alma , com que ella faz guerra às outras almas ; ou vence , ou é vencida : e produzem juntamente mil outros efeitos . Primeiramente , ellas declaram aquellas verdades , que são escuras ; e excitam nos-Omens a atensam , para as-perceber . Aquella grande repetisam , aqueles muitos sinonimos , nam são inúteis na Retorica (1) : antes são de infinito preço : porque mostram o que se pertende em tanta luz , e de tantas partes ; que é impossível o-ignorálo : imprimem com tanta força uma verdade , descobrem todas as circumstancias com tanta clareza ; que é impossível nam admetilas . Mas no-mesmo tempo estas Figuras , se são bem naturais , e se pintam bem a origem de que nascem ; movem de tal forte a alma , que a-arraçam e conduzem , para aquele objeto , de que se-fez a imagem (2) . E como a alma nam pode ver uma verdade clara , sem a-receber ; daqui nasce , que por-força admite o objeto , e consente : e temos o omem persuadido .

Estas são as Figuras , que são a base da-Eloquencia . Mas nam intenda V. P. que eu quero persuadir indiferentemente , toda a forte de Figuras , e uzo delas : estou mui longe disso , e defendo constantemente , que só no-bom uzo delas , é que está a Eloquencia , principalmente sublime . Isto é o que eu dezejára reflectisem comigo algumas pessoas , que , por-nam-advertirem este importante ponto , dam à luz partos monstruosos . Se as nossas paixoes são mal ordenadas ; se nam se-excitam quando deve ser ; é coiza clara , que as Figuras só servirám , de pintar a confuzam das-nossas ideias , e a pouca eleisam do-nosso juizo . Um omem que s'enfada quando nam deve ; que em um discurso placido , introduz mil Figuras fortes ; que pergunta ; que responde ; que exclama ; e mostra grande paixam , aindaque nam aja de persuadir , ou disputar com alguem : é um verdadeiro louco , que guiado , da-sua destemperada imaginisam , empunka a espada , para combater com um inimigo imaginario . Pois este é o retrato de muitos autores , que julgam nam serem bons escritores , se nam uzam de todas as futelezas d'arte : Semelhantes nisto a um omem de Provincia ,

(1) *Sic igitur dicit ille , quem expetimus , ut verset saepe multis modis eandem , & unam rem : & hæreat in eadem , commoreturque sententia &c.* Cicero.Orator.n.40.

(2) *Hoc (genus dicendi) vehementis , incensum , incitatum , quo caussæ eripiuntur : quod cum rapide fertur , sustineri nullo pacto potest.* Idem , ibid.n.37.

víncia ; com que eu jantei uma vez , que para mostrar que tivera boa educação , comia as uvas com o garfo .

Outros , que devem persuadir , e tem materia para empregar ; boa Reticora ; só estudam palavras , que tenham cadencia harmonioza , mas tam afetada , que pola maior parte degenera em verso . Fazem mil reflexoens inutilissimas : procuram falar sempre por sentenças : cuidam em introduzir conceitos futis , e divizoens importunas : com as quais arengas nam procuram persuadir , mas agradar , e conseguir fama de eloquentes . E estes eu os-reputo muito mais ignorantes , que os primeiros , pola sua afetafam . O certo é , que uns e outros nam intendem , nem o fim , nem os limites da-Reticora : e que em lugar de estimafam , conseguem desprezo .

As Figuras devem-se empregar , em toda a ocaziã . Temos Figuras para tudo : negocios graves , mediocres , e para a mesma conversafam familiar . Basta persuadir-se , de uma importante verdade , que é , que a Figura nam se-deve procurar , mas naturalmente apresentar-se : porque , como tenho mostrado , sam consequencias das-paixoens . Observe V. P. um omem rustico , que nam seja totalmente estúpido , ou uma mulher de juizo , mas nam doutora : entre com eles em um discurso familiar , sobre alguma materia , que lhe-pertensa : dificulte-lhe conceder-lhe alguma coiza , que a eles pareça verdadeira , ou que na realidade o-seja : e observe miudamente , quantas Figuras introduzem no-discurso . E finalmente , achará mais forsa , nas suas razoens , quando sam em materia verdadeira , doque nos-discursos , de muitos Oradores de fama . Eu fiz esta experiencia muitas vezes : e sempre tirei por-fruto , da minha meditafam , que as Figuras ám-de ser naturais : e que somente se-fala bem , quando se-fala animado , de algum verdadeiro interesse , e se-deixa guiar , de uma paixam arrezoada .

V. P. observará isto , nos-seus proprios discursos , ainda naquelles , que parecem menos considerados , e que sam proferidos , quasi por-impulso da-natureza . As coleras nam sam iguais , nem as paixoens ; e assim á Figuras nestes mesmos discursos . Fazem-se *quitatezes* , por-cauza de grandes movimentos , e tambem por-ligeiras comofoens . O dezejo que um omem tem , de expremir-se , e de persuadir as coizas que diz , tem varias destas Figuras . Na conversafam mais placida , repetem-se sem reparo , os mesmos termos muitas vezes . servimo-nos de diversas expresoens , para significar

o mesmo . permitem os mais escrupulosos criticos , fazer alguma breve descripção , e procurar alguma semelhança , para explicar melhor a materia . pode-se proguntar o parecer dos-que ouvem , sobre o que se-profere ; e mostrar-lhe , que é necessario reflectir , sobre algumas das-circunſtancias alegadas . Tudo isto pratica-se todas as oras , ou se-pode praticar , sem enfado de quem ouve , e sem incorrer na censura , de quem observa . Ora as Figuras nam ſam verdes nem azuis , ſam em carne , eſtas meſmas que apontamos , e outras a eſtas ſemelhantes . E eiſaqui , que nam só nas oraſoens , e diſcurſos eſtudados , mas em todo o diſcurſo , tem lugar as Figuras . Em uma palavra , primeiro ouveram Figuras , do-que ouvêſe arte de Retorica : aqual nada mais é , doque a obſervavaſam das-naturais Figuras . E aſim todo o eſtudo de um omem , verdadeiramente eloquente , conſiſte , em obſervar bem , a neceſſidade da-materia ; e intrar tanto dentro nela , que poſa formar um diſcurſo natural , mas no-meſmo tempo eficaz : e em que as Figuras fujam-lhe da-boca , ſem que ele vá detraz delas , para ornar o diſcurſo . Muito neceſſario é , eſtudar a natureza : eſtudar o carater das-Paixoens : falar naturalmente . que só aſim ſe-fala eloquente , e só aſim ſe-persuade . Eſte é o primeiro ponto , ou o mais importante , em materia de Retorica .

O ſegundo , e de nam menor conſequeſcia , eſtá , em ſaber proporcionar o eſtilo , ao argumento que ſe-trata . Conſiſte o eſtilo , em certas maneiras de ſ'explicar , e certas particulares expreſoens , que cada omem uza : as quais comumente ſeguem o impeto do-fogo , que cadaum tem : nam ſe achando dois omens , que ſejam perfeitamente iguais no-eſtilo , como nem menos no-temperamento . Digo pois , que o eſtilo ſe-deve regular , ſegundo a materia , que ſe-trata (1) . As expreſoens magnificas e nobres , ornam as coizas , de uma certa mageſtade , e moſtram o grande conceito que delas fórma , quem aſim fala : ſe a materia nada tem de extraordinario , antes é ſumamente vil ; impropriamente ſe-lhe applicam , tais expreſoens . Polo contrario , as coizas que ſe-podem considerar ſem comofam , devem-se dizer com eſtilo ſimplez : outras

(1) *Is ergo erit eloquens ; qui ad id , quodcumque decebit ; poterit accommodare orationem . Quod cum ſtatuerit , tum , ut quidque erit dicendum , ita dicet ; ut nec ſatura jejune , nec grandia minute , nec item contra : ſed erit rebus iſſis par & aqualis oratio . Cicer . Orat . n . 36 .*

tras mais estudadamente: o que faz a variedade de estylos: que os mestres da-arte reduzem comumente, a trez. Querem dizer, que ou o discurso é sumamente nobre, ou sumamente trivial, ou mediocre: à primeira, conresponde o estylo sublime: à segunda, o estylo simplez: à terceira, o mediocre. A prudencia e intelligencia com que se-devem aplicar, estes trez generos d'eloque ncia, é o principal emprego, do-Retorico.

S U B L I M E .

Quando se-quer dar uma alta ideia, de alguma coiza, é necessario reflectir no-mesmo tempo, em muitas circumstancias. Por-muito nobre que seja o *fugeito*, de que se-trata, pode ter mil imperfeisoens: onde é necessario procurar, de o-por à vista d'aquella parte, que melhor parece; para poder imprimir, uma justa ideia da-sua grandeza: procurando quanto pode ser, de lhe-cobrir, ou disfarçar os defeitos, sem prejuizo da-verdade: voltando-o e revoltando-o de todas as melhores partes, para poder mostrar, até as minimas perfeisoens que tem: e tendo muito cuidado, de nam fair com alguma exprefam, ou pensamento, que destrua o que se-tem fabricado. Caiem neste defeito infinitas pessoas, ainda d'aquellas, que nam sam decepadas: Oradores, Historicos &c. mas sobre tudo os Poetas: que, por-força do-consoante, ou da-quantidade do-verfo, dizem mil coizas ou mal ditas, ou mal applicadas. Li um soneto de certo Espanhol, que descrevia um nariz grande: o qual, despois de ter dito muita coiza do-dito nariz, conclue desfazendo, quanto encarecèra. Porei samente os tercetos,

Erase un espolon de una galera.

Erase una piramide de Egito.

Las doze Tribus de narizes era.

Erase un narizissimo infinito.

Muchissima nariz, nariz tan fiera,

Que en la cara de Anás fuera delito.

Despois dos-quatro versos antecedentes, em que exaggerava terri-velmente o tal nariz, faie com uma frioleira, que destrue tudo. Admetida de grãsa, a comua opiniam do-vulgo, de que os Judeos tem narizes grandes: admetida novamente a frioleira, de que Anás, por-ser Pontifice, o-devese ter maior: é certo, que nam teria um nariz maior, que todo o corpo. Demos-lhe, que fosse tam grande: que proporsam tem isto, com uma piramide, e nariz infinito? Destes exemplos acho a cada passo: de que con- cluo,

cluo, que estes nam sabem, as leis da-Retorica, nem da-Poezia.

Quanto ás expreçoens, aindaque as-dezejo nobres, e com harmonia sonora; devem porem uzar-se, com moderasam. Prudentemente se-comparou um discurso, no-genero sublimo, com um palacio magnifico: neste á-de aver cazas para os ainos, para os criados, e tambem estreyarias para os cavalos. Estas nam ám-de fer, como as anticameras, nem ornadas como os gabinetes: mas ám-de ter certa magnificencia rustica, e proporsam ao todo: ám-de fer tôdas as partes no-seu genero, belas, grandes, magestoas: Um palacio que tem um portam pequenino, parece coiza Mourisca, e nam de Architeto inteligente. tudo á-de fer grande, mas no-mesmo tempo proporcionado. Damesina forte em um discurso, nem todos os pensamentos podem fer exquisitos, ou a locufam sublime: á-de aver pensamentos bons, exquisitos, e mediocres: a locufam damesina forte, em alguns lugares sublime; v. g. nas peroraçoens, e exageraçoens &c. em outras mediocre; v. g. nos-exordios, nas confirmaçoens de provas &c. e em outras simplez e natural, como nas narraçoens, e outros lugares. Mas todas estas coizas ám-de ter proporsam entre si: devem fer ornadas e vestidas daquela tal grandeza, que mostre serem partes, de uma coiza grande. Assim se-compoem, um discurso perfeito.

Esta magnificencia de expreçoens grandiozas, e armoniozas, convem ao estilo sublime, com a distribuissam dita, de aplicar as melhores, às coizas que merecem maior atensam. Tambem no-estilo sublime devem intrar, reflexoens judiciozas, e varias sentensas, que excitem a atensam. Nele tem seu proprio lugar, as Figuras grandes: Sendo certo, que um argumento nobre, nam se-pode tratar, sem alguma particular comosam: de que nace aquele modo de expremir-se, em que consistem as Figuras. Devem porem praticar-se, segundo as observaçoens asima feitas.

Esta porem é a maior dificuldade, do-estilo Sublime: e sam poucos os omens, que saibam abraçar, uma distribuissam moderada de ornamentos, no-discurso. A maior parte dos-que escrevem, sam como aquelas peoas, que nam tem educaçam de Corte. Estas, para se-mostrarem bem informadas, e de boa eleissam; carregam tanto os vestidos de oiro, e a cabesa de joias; que em lugar de parecerem bem, ofendem a vista. O pior é, que no-defeito que reprendemos, caiem tambem os que sam da-Corte, como os que sam de fóra: e é mais dificultozo emendar-se. Um omem que

que tem má eleifam no-vestir, tem tantos cenfores á villa, que à forfa de critica, e de observaçam, confegue a emenda. Nam afim o que escreve: fã poucos os que censurem, porque fã pouquiffimos os que faibam, como fe-deve censurar. Alem difo, nam á algum, que prezuma tam mal do-feu juizo, que leia por-livros, que lhe-moftram, as fuas imperfeifoens. Busca fomente aqueles, que mais lhe-agradam, e fã mais uzuais: e em vez de s'emendar, confirma-fe na fua má eleifam. V. P. nam achará um Pregador, que eftude por-Cicero, Demostenes, M. Seneca, Quintiliano: ou leia alguns, dos-que computeram boas reflexoens, fobre as ditas obras: achará porem muitos, que eftudam por-sermonarios, e muito maos: e eftes nam podem escrever melhor, doque lem noftais autores.

Outros escritores, querendo-fe distinguir do-Comum, nam goftam fenam, de exprefsoens grandes: e de tal forte fe-deixam guiar, por-efte furor; que nam produzem palavra, que nam feja de pé e meio; e que nam acabe d'estoiro, como uma bomba. As palavras e fraze natural, o modo de s'expremir uzual, aindaque feja o mais proprio da-materia, nada vale. desprezam tudo, o que nam é eftrodozo. Nenhum destes dirá: *Petrus amavit Joannem*: nam senhor: mas querem perifrãze: *Accidit ut Petrus amore profequeretur Joannem*; ou alguma fraze mais comprida. Eftes omens vem todas as coizas, por-microscopio: tudo lhe-parece gigantefco: ou, para melhor dizer, tudo transformam. A fua cabeça é como a de D. Quixote: a quem moinhos pareciam palacios; e nam avia coiza para ele, que nam foſe mageftoza. Daqui nace, que tudo exprimem pola meſma maneira. o difcurfo comeſa por-Figura, e acaba em Figura. Eſte é o vicio comum destes paizes: mas muito principalmente dos-Poetas, e Oradores.

Eſtes omens confundem o Eloquentem, com o Arrogantem; a Exageraſam com a Inverofimilitudinem: ſem advertirem, que ſã coizas bem diferentes. Ora eſte é o verdadeiro carater da-ignorancia: tanto mais difficultozo de s'evitar, quanto é certo, que muitos omens grandes em outro genero, tem caido neste defeito. Eſte é o ponto que ſe-deve advertir, com mais circunſpeſam: eſte o defeito que ſe-deve fugir, com mais cautela. O que ſe-confegue primeiro, com alguma reflexam judicioza: ſegundo, com a liſam de bons autores, que falem como devem, e proporcionem o eſtilo, ao aſumto. Nam á coiza mais ridicula, doque
uma

uma grande afetação de palavras sonoras, em coizas onde nam devem intrar (1). Em lugar de engrandecerem quem fala, mostram a pobreza do-seu entendimento: que nam tendo cabedal, de dar palavras para tudo, pede-as emprestadas, ou furta sem advertencia, as que encontra.

Verá tambem V. P. que muitos, querendo falar elegante, acabam tudo em tom de verso: *Porque nam chego a amar, nam posso padecer*; e com este *ar*, e *er*; *ir*, e *or*; e consonancias semelhantes, vam enchendo o discurso, que deveriam cuidar de ornar, com bons pensamentos e conceitos. Isto é mais vulgar, do-que V. P. imagina: e acha-se muita gente de bigode, que chama a isto elegancia. Eu fei que o numero oratorio, ou harmonia dos-periodos, de que Cicero fala em varios lugares, é uma grande beleza, em todo o discurso, principalmente oratorio (2): mas fei, que é muito diferente, do-que condeno. Nam á regra exata, para o numero oratorio: a orelha é a que ensina, quando o periodo é armoniozo (3). Mas é necesario que tenha mui más orelhas, quem nam distingue, que as consonancias que apontamos, em lugar de agradarem, ofendem, e sam uma afetação. Em Portugal sam rarissimos, os que observam o numero, ainda nos-discursos estudados. Ou afetam verso, e isto é vicio (4): ou declinam para outro extremo, que é a languidez, e tambem isto é vicio insupportavel. A mediania é que se-busca; e quem bem entende o que

(1) *Quam enim indecorum est de stultitiam cum apud unum judicem dicas, amplissimis verbis, & locis uti communibus: de maiestate populi Romani summissis, & subtiliter?* Cicer. Orat. num. 21.

(2) *Omnino duo sunt quæ condiant orationem: verborum, numerorumque iucunditas. In verbis inest quasi materia quædam: in numero autem expositio.* Cicer. Orat. num. 55.

(3) *Sed quia rerum verborumque iudicium prudentiæ est: vocum autem, & numerorum aures sunt*

judices: & quod illa ad intelligentiam referuntur, hæc ad voluptatem: in illis ratio invenit, in his sensus artem. = Ibidem num. 49.

(4) *Nam circuitus ille quem sæpe jam diximus, incitator numero ipso fertur & labitur, quoad perveniat ad finem, & insistat. Perspicuum est igitur, numeris adstrictam orationem esse debere, carere versibus. . . . Inculcamos autem per imprudentiam sæpe etiam minus usitatos, sed tamen versus: vitiosum genus, & longa animi provisione fugiendum* = Ibidem. n. 56.

o que é numero , nas cartas , e no-discurso familiar , sem advertir o-pratica . Para isto quer-se boa orelha , acostumada a ouvir ler , e pronunciar bem . Pecam alem disto , em fazer periodos tam compridos , que nam se podem ler de um jato : o que tambem é falta de numero . A lisam dos-bons livros remedeia isto , e introduz um omem , na verdadeira estrada da-Eloquencia . Mas é necessario , lelos sem prejuizos , e com animo de aprender . O estilo Sublime tem feu proprio lugar , nas orafcoens , e sermoens : na Poezia Eroica , e Tragica : é pode às vezes ter lugar , na Istoría , quando s' introduzem a falar , algumas pefoas . As orafcoens de Cicerero , os poemas Epicos de Omero , e Virgilio , sam de estilo sublime .

S I M P L E Z .

Ao estilo Sublime contrapomos , o estilo *Simplez* ou umilde . Assim como as coizas grandes , devem explicar-se magnificamente ; assim o que é umilde , deve-se dizer com estilo mui *simplez* , e modo d' exprimir mui natural . As exprefoens do-estilo *simplez* sam tiradas , dos-modos mais comuns de falar a lingua : e isto nam se-pode fazer , sem perfeito conhecimento , da-dita lingua . Esta é , segundo os mestres d'arte , a grande dificuldade , do-estilo *simplez* . Facil coiza é a um omem , de alguma literatura ; ornar o discurso com figuras : antes todos propendemos para iso : nam só porque o discurso s' encurta ; mas porque talvez nos-explicamos melhor , com uma figura , doque com muitas palavras . Polo contrario , para nos-explicarmos naturalmente e sem figura , é necessario buscar o termo proprio , que exprima o que se-quer : o qual nem sempre se-acha , ou ao mengs , nam sem dificuldade : e sempre se-quer perfeita intelligencia da-lingua , para o-executar . Alem disto , as Figuras encantam o leitor , e impedem-lhe penetrar e descobrir os vicios , que se-cobrem , com tam ricos vestidos . Nam assim no-estilo *simplez* , o qual , como nam faz pompa de ornamentos , deixa considerar miudamente , todos os pensamentos do-escriptor . Por-iso se-diz , que o estilo *simplez* é , o *lapis Lydius* do-Juizo .

Isto que digo , das-exprefoens comuas e naturais , deve-se entender com proporçam . Nam quero dizer , que um omem civil fale , como a plebe ; mas que fale naturalmente . A materia do-estilo umilde , nam pede elevaçam de figuras &c. mas nem por-iso se-deve exprimir , com aquelas tofcas palavras , de que uza o povo igno-

tante . Nam é o mesmo estilo baixo , que estilo simplez : o estilo baixo , sam modos de falar dos-ignorantes e pouco cultos : o estilo simplez , é modo de falar natural e sem ornamentos ; mas com palavras proprias , e puras . Pode um pensamento , ter estilo sublime , e nam ser pensamento sublime : e pode achar-se um pensamento sublime , com estilo simplez . Explico-me . Para ser sublime o estilo , basta que eu vista um pensamento , e o-orne com figuras proprias , aindaque o pensamento nada tenha , de sublime : Polo contrario , chamamos simplesmente sublime , (com os Retóricos) àquela beleza e galantaria de um pensamento , que agrada e eleva o leitor , aindaque seja proferida , com as mais simples palavras . Desorteque o *sublime* pode-se achar , em um só pensamento , ou figura &c. Importa muito intender , e distinguir isto , para nam ser enfandinho nas conversas , e nas obras que pedem estilo umilde . V. P. tem um bom exemplo de estilo simplez , nas Cartas familiares de Cicero , principalmente nas que escreve aos de sua caza : nas Eglogas &c. de Virgilio : nas Fabulas de Fedro : Cartas de Plinio a algumas pessoas : e outras obras da Antiguidade . Em Portuguez as Cartas do-P. Vieira , tirando algumas que degeneram em fermam &c. podem-se ler , para o estilo simplez . E estas sam as melhores obras , do-dito Religiozo .

M E D I O C R E .

Do-que a V. P. tenho dito fica claro , qual é o estilo *Mediocre* : aquele digo , que participa de um e outro estilo : Tambem este estilo nam é pouco dificultozo : porque é necessario , conservar uma mediania , que nam de genere em viciozos extremos : e sam poucos aqueles , que conhecem as coizas , na sua justa proporção , e formam aquela ideia , que merecem . Ja disse , que a materia é a que determina , qual á-de ser o estilo : e assim uma materia mediocre , pede um estilo proporcionado . A maior parte das-coizas de que falamos , sam mediocres : e daqui vem , que neste estilo de falar , deve-se empregar um omem , que quer falar bem ; e conseguir fama , de omem eloquente . Um omem de juizo , que conhece as coizas como sam , fórma delas ideias justas , e verdadeiras ; e as-explica com as palavras , que sam mais proprias . D' onde vem , que o estilo mediocre compete propriamente , às Ciencias todas , à Istoria , e outros coizas d' este genero : nas-quais se-representam coizas nam vis , mas mediocres ; porem representam-se , da mesma sorte que sam , e com palavras proprias .

Tam-

Tambem as cartas de negocios graves , ou eruditas ; e aquellas de cerimonia a pessoas grandes &c. costumam ser neste estylo . E' porem de advertir , que o estylo mediocre , admite todos os ornamentos d' arte : beleza de figuras , metaphoras , pensamentos finos , belas discursos , harmonia do-numero , e da-cadencia : Contudo nam tem a vivacidade , e grandeza do-sublime . Participa de um e outro ; sem se-afemelhar a nenhum . tem mais forza e abundancia que o simplez ; menos eleva-se que o sublime : e profegue com passo igual , e mui brandamente . Alegam-se por-bons exemplos neste genero , as Georgicas de Virgilio : a maior parte das-cartas de Cicero a Pomponio Atico : &c. os Comentarios de Cezar &c. aindaque estes , por-nam terem ornamentos , quazi pertencem ao simplez : as vidas de Cornelio Nepote . &c.

Quem bem entende isto , fica perfeitamente instruido do-modo , com que deve applicar-se , a diferentes materias . O estylo da-Istoria pede clareza , e brevidade . aquella , para explicar todos os accidentes da-materia : esta , paraque , sem longas frases , que suspendem a atensam , descreva as coizas que deve , com um fio de discurso continuado , e sem ser interrompido com aqueles movimentos ; que constituem o Orador (1) . Porque neste caso nam pode conservar , uma certa inalterabilidade , e quietasam de animo , que é tam necessaria , para nam inclinar mais para uma parte , que para outra ; e dizer as coizas com verdade , e sem exagerasam . Pode porem o Istorico , mostrar a sua eloquencia , no-referir as arengas , que s' introduzem na Istoria ; no-pintar as paixoens &c. mas tudo isto com advertencia , e sem perder de vista a verdade . E' pois a Istoria aquella materia na qual , despois da-Oratoria , mais se mostra , a eloquencia vigorosa .

Em segundo lugar fica claro , qual deve ser o estylo *Dogmatico* , ou *Didascalico* , a que por-outro nome chamamos , estylo *Cientifico* . Aqui nam se-trata de persuadir , omens apaixonados , excitando as armas , comque a alma se-move para esta , ou aquella parte . O primeiro *postulado* que se-poem , no-principio dos-Tratados modernos é , que o leitor se-dispa , de todo o genero de prejuizos,

TOM. I.

Y

zoz,

(1) *In historia & narratur ornate , & regio saepe aut pugna describitur : interponuntur etiam conciones & hortationes . sed in his*

trata quaedam & fluens expetitur , non haec contorta & acris oratio .
Cicer. Orator. num. 20.

zos, e paixoens: e que examine as razoens, como merecem; Onde supondo-se um leitor docil, nam é necesario, seguir o estilo veemente (1). Mas nisto á mais, e menos, segundo as Ciencias: A Geometria, que explica verdades claras, e que nam interessam ninguem, deve-se tratar placidissimamente, com aquellas palavras, que sam precisadamente necessarias, para a explicafam dos-terminos &c. A Logica, Fizica, Metafizica pedem ja um estilo mais ornado: ja se-disputa com omens, que tem suas prevensoens: as verdades nam sam tam claras: é permitido servir-se de um estilo mais nervozo. Principalmente na era presente, em que a Filozofia, despida daquela antiga e ridicula severidade, trata-se oje em todas as linguas, e com vocabulos proprios, e se-familiariza com todos. Onde pode tratar-se em estilo familiar, por-carta, em dialogo, ou de outra maneira; emque pode ter lugar, um genero de eloquencia mais ornada: A Teologia pode ser tratada, com estilo mais elevado. Somos interesados em defender, a verdade da-religiam, contra os Ateos, e Infieis, e Erejes. Este interesse nam pode menos, que acender em nós, alguma paixam bem devida: Onde nam é maravilha, se algumas vezes nos-transportamos, falando de Teologia, e seguimos um estilo mais elevado e viril. Nam digo, que tudo se aja de tratar, em estilo oratorio, ou que se-devem defender as questoes, com ironias &c. e nam com razoens solidas: seria isto um erro consideravel, e mui condenavel: digo somente, que ja é permitido, servir-se de alguma figura, e uzar de estilo mais elegante. Os antigos Padres uzaram deste estilo, quem mais, e quem menos. E oje todos os omens de-melhor doutrina, nam desprezando a fórma da-Escola, uzam por-rem dela com tanta moderafam, que comumente expoem as suas sentensas, sem aquele estilo das-escolas, que até aqui reinava. O que faz que seja mais bela a Teologia: mais concludente o discurso: e poem à vista, e na sua luz todas as razoens: porque só assim as-intendem todos, e se-evitam palavras, que nada significam nas escolas. Quanto às outras Ciencias profanas, pola

ma-

(1) *Mollis est enim oratio Philosophorum & umbratilis, nec sententiis, nec verbis instructa popularibus, nec juncta numeris, sed soluta liberius. Nihil iratum ha-*

bet, nihil invidum, nihil atrox, nihil mirabile, nihil astutum. Casta, verecunda, virgo incorrupta quodammodo. Cicer. Orator. n. 19.

maior parte tratam-se mais placidamente , segundo a necessidade da-materia .

Em terceiro lugar fica claro , qual é o estylo dos-Poetas . Querem os Poetas , (diz um Retorico) agradar , e elevar o animo dos-ouvintes , com coizas extraordinarias e maravilhozas : e nam podendo chegar ao fim que se-propoem , senam sustentando a sublimidade das-coizas que dizem , com o sublime das-palavras que uzam ; daqui vem , que nam se-fugeitam às leis do-uzo comum ; mas formam , para se-explicar , um idioma novo . Tudo neles é grande e extraordinario ; imaginaſam , conceito , e palavras . Daquí nace , que as figuras devem ser , as suas mimozas , Alem diſo , como as verdades abſtratas nam agradam , porem fim as coizas , que entram polos ſentidos ; fica claro , que querendo o Poeta-agradar , deve procurar metaforas , com que reprezente as coizas ſenſiveis , e quazi palpaveis : porque aſim é que imprimem , uma particular comofam . Eſte é o principio , que obrigou os antigos Poetas , a romperem com certas ideias , que nos-parecem chimeras . Cada Virtude , e cada Paixam na Poezia , é uma Deuza : porque a deſcriſam deſtas Deuzas tam medonhas , ou tam engrasadas , faz outra impresam no-animo , doque a ſimplez palavra de Virtude , ou Vicio .

Eſt Deus in nobis , agitante caleſcimus . illo .

Quando uma vez s'eſquenta , a imaginaſam do-Poeta , nam fala como os demais omens : e aſim nam é maravilha , que encha o diſcurſo de Figuras , e ingenhe tantas fabulas e fingimentos . Iſto é tam proprio dos-Poetas , que até os ſagrados Poetas , para se-explicarem , ſervem-se de todo o genero de metaforas . Iſto porem deve intender-se dos-poemas , que tem por-objeto , materia grandes os divertimentos dos-paſtores , que compoem as Eglogas ; as iſtorias que dam materia às Comedias ; e mil outras poezias , que ſe-podem conſiderar com menos paixam , devem ser tratadas , por-outro eſtylo . A regra geral , que ao principio demos , é infalivel , e conſiſte niſto : A qualidade da-materia deve determinar o eſtylo , aindaque poſa ser mais ou menos ornado : o que s'intenda tanto da-Proza , como do-Verſo . Iſto quanto ao eſtylo . quanto pois às regras do-Poema , nam é aqui o proprio lugar , de as-explicar : porque eu nam faſo tratado , mas reflexoens .

Dirmeám alguns , que eſtas advertencias conduzem , para fazer uma obra ſolida , mas nam para a-fazer bela , e ornada : que

é o principal emprego da-Retorica. E com effeito esta é a costuma cantilena, destes vulgares Oradores, que ignoram as belezas da-arte. Em algumas partes, temos notado este defeito: e aqui, para o-confutar melhor, faremos outra advertencia. Digo pois, que este ingano comum, fica fuficientemente afima convencido: sendo certo, que nam se-requerem outras regras, para falar com elegancia, e ornato, doque as que afima démos, para falar com propriedade. A mesmifima coiza se-pode expremir, com diversos nomes, segundo o modo com que se-confidera. A maior beleza e ornamento de uma composifam, aquilo que eleva um leitor racional e judiciozo, (que sam os que podem fazer lei) é a exafam, e propriedade com que se-acha disposta, e executada uma-obra. Quem nam intende este ponto, é novifo na Retorica. Mas, declarando isto melhor aos principiantes:

Tem a Retorica ornamentos naturais, e artificiais: aqueles entram necesfariamente em qualquer obra: estes com parcmonia. O primeiro ornamento é a verdade, ou semelhanfa das-palavras com as ideias, e objeto delas. A mais medonha cobra pintada, agrada: as coizas mais ordinarias, quando sam bem explicadas, nam podem dezagradar. Deve o discurso ter primeiramente, clareza nas exprefoens, para poder insinuar-se no-animo; harmonia, e facil pronuncia. Estes sam os naturais. Entre os artificiais, poem-se as Figuras todas, os Tropos, as magnificas exprefoens, as aluzoens, alguma ingenhoza applicafam &c. as quais sam às vezes tambem recebidas, como a mesma verdade: e elevam a alma com o encanto oculto da-grandeza, para a qual ela tem propenfam natural. Nestes é em que se-deve empregar o juizo, distribuindo-os com muita parcmonia, e boa eleifam. Nenhuma coiza orna, que nam seja racional: quando os ornamentos sam repetidos, ou estam muito juntos, sam importunos, e dezagradam muito: confundem a vista, e cobrem toda a beleza do-sujeito. Ja nisto falámos larguiffimamente. Finalmente quando o ornamento, nam se-funda em verdade, aindaque um pouço encarecida; é uma afetáfam ridicula, que mostra nacer, de um ingenho mui trivial. Os ignorantes sam, os que procuram com cuidado, estas ridicularias, para aquifstar fama de doutos por-esta via, visto que a-nam-podem por-outra.

Outro defeito ainda acho, em que comumente caiem, e vem afer, encher o discurso de alegafoens importunas, de pasos Latinos,

tinios, de versinhos, e outras coizas que incontram: Podem as aluzoens, alegaçoens &c. ter lugar, quando á necessidade de ouvir as palavras, na mesma lingua original; ou para mostrar a sinceridade, de quem as-cita; ou a elegancia, de quem as-escreveo: o que raras vezes succede: tudo o mais é tempo perdido, e trabalho mui escuzado. Este dezejo de parecer erudito, com a repetifam de mil pasos de autores, tem alucinado infinita gente: Conheci um, que nam abria a boca, que nam repetise um verso de Marcial, de Juvenal &c. Examine V.P. este ponto, e achará, que o defeito é mais geral, doque nam parece. Conheço pouquissimos estudantes desta Universidade, falo principalmente dos-Opozitores, e dos-que tem prezunfam de literatura; cuja conversafam seja toleravel. Para dizerem, que agora é dia; fãirám com um, e talvez muitos textos do-Digesto, ou Codigo &c. Nam deixam passar coiza, que nam ornem com algum versinho moderno: e quem sabe mais dilto, é mais ciente. Aquele, *Erubescimus sine lege loqui*, intendem-no tam nû e crû, que é uma piedade. Tambem entre os Religiozos, nam falta desta fazenda: aquele, *tandem, item, a parte rei, cum hoc quod, hoc unum est*; e outras destas palavras, sãm mui frequentes nos-seus discursos: e tambem seus textos da-Escritura, e seus versinhos Latinos. Isto entra em todas as conversaçoes, aindaque sejam de idiotas, e molheres: antes nefe cazo melhor, porque se-grangeia fama sem embaraço.

Este mau modo de pensar, e discorrer, pasou ja das-conversaçoes, para as composicoens: e por-isto V. P. ve tantos discursos, ou sermoens, ou oraçoens, que se-nam-podem soffrer. Tenho lido mil oraçoens modernas * * * e rarissima achei, em que nam intráse Plinio o moço, claro ou occulto: mas pola maior parte entra claro: e às vezes a orafam tem mais palavras de Plinio, doque de quem a-compoz. Ouviram dizer, que o Panegirico de Plinio, é o mais suportavel, que nos-deixou a Antiguidade; e sem mais exame, enchem tudo de Plinio. Outros pasam do-Panegirico às Cartas: um destes é o P. * * que no-elogio funebre de Julio de Melo, faz uma historia, em que introduz muitos periodos, tirados de varias cartas de Plinio, que dizem o mesmo, que ele repete. Este modo de elogiar, é totalmente novo, e ignoto à Antiguidade: mas nem por-ser novo cuido que agradará, aos que intendem a materia. Nestes Panegiricos achará V. P. duas coizas comumente: uma, é Plinio, e algum autor semelhante: a segunda, é o Sol,

é o Sol, com as Estrelas . Mais vara menos vara , aqui vem dar todos . Seria porem melhor , que estes autores puzessem de parte , Plinio ; e difesem alguma coiza de sua caza : e nam dezenquietafem as Estrelas , trazendo-as para uma coiza , para a qual nam calsam bem . Nam é este o modo de elogiar . disto fe-rim todos os omens que sabem .

Até as aprovafoens dos-livros , andam cheias destes textos ; às vezes arrastadissimos , e talvez tirados da-Escritura , para provar uma friolcira . Os que nam trazem textos , introduzem razoons bem desnecessarias , e difundem-se em elogios , tam excessivamente encarecidos , que ninguem os-pode ler sem nauzea . Aindaque difesem a verdade , e bem ; sempre era um grande defeito , e impropriedade . Vi á anos a vida do-Infante D. Luiz , em 4.º escrita polo Conde de Vimiozo ; da-qual as aprovafoens , sem encarecimento algum , compoem metade do-volume . E nam só fazem isto nos-livros ; mas em papeis avulsos , e breves . Vi uma Egloga , escrita por-um certo Felipe Iozé da-Gama , no-nascimento de um neto de Joam Alvares da-Costa ; cujas aprovafoens eram maiores ; que a obra . O pior é , que tinha uma aprovasam do-Conde da-Eriçeira , D.Francisco Xavier de Menezes , que caía na mesma simplicidade . Com effeito , este era o carater do-dito Conde : que , para mostrar que sabia muito , carregava as suas pinturas , com tantos ornamentos , e doutrina , que pareciam ridiculas . Ele era um omem erudito : mas ignorava totalmente aquilo , a que chamam modo , metodo , e criterio . comtantoque falasse muito , nam lhe-importava se dizia bem . E na-verdade na dita aprovasam da-Egloga , tem coizas indignas . Deixa logo o argumento , e pasa a descobrir entre Joam Alvares da-Costa e Asinio Pollio , grande uniformidade . despois , difunde-se sobre os louvores da-Poezia . finalmente faz uma selada tal , que nam vi coiza mais confuza . Eu nam disputo agora , se a dita Egloga merece eses louvores : concedo tudo de grafa : o que digo é , que se-explicava em duas palavras : e é grande impropriedade fazer uma censura eterna istoriada , para uma brevissima Egloga . Certamente o P. Estacio de Almeida , que em materia de Poezia Latina , cuido que sabe alguma coiza mais , que o dito Conde ; mostrou o seu juizo na aprovasam , contentando-se com dizer , que era digna de s' imprimir . E isto deviam tambem fazer os outros : deixando de fazer Panegiricos , a coizas que nam merecem , ou que merecem

menos : e fazêlos de um modo , que merece mais rizo a erudiçam que trazem , que a que lhe-falta . O P. D. Manol Caietano de Souza , tambem seguia esta opiniam . Compoz o Sargentomór Manoel Coelho , uma Explicaçam das-oito partes da-oraçam : mas tam pequenina , que nem menos se-lhe-deve chamar livro , mas cader-ninho . (foi impresa em Lisboa, no-ano 1726.) Sucede que D. Manoel aprova esta obra : e aqui , tomando as coizas desde o principio , faz uma longuissima censura , e um catalogo dos-Gramaticos do-Reino &c. Tudo coizas desnecessarias ! E sei eu , que , se ouvêse de imprimir-se em outro Reino , se-contentariam com escrever , *Imprimatur* . Com esta advertencia observe V. P. , as aprovaçoens dos-livros , e verâ , que ainda nam digo metade , do-que devia . Neste particular de aprovaçoens , nam vi omem em Portugal mais moderado , que Fr. Manoel Guilherme : fugia quanto podia de mentiras e afetaçoens ; e claramente dizia , o seu parecer . Mas oje succede o contrario : porque às vezes fazem-se empenhos , para determinar os censores : e estes tais , nam censuram o livro , mas agradecem a elleisam . E sei eu tambem , que quando o P. * * * impremio a sua obra * * tendo feito um Teologo , a censura difuza ; foram-lhe pedir novamente , que se-dilatâse mais , e louváse a obra com maior extensam . E nam podendo livrar-se do-empenho , que era forte ; acrescentou alguns sinonimos , para satisfazer às partes : o que sei da-mesma boca do-censor . Onde com estes exemplos , nam devemos admirar-nos , se incontramos os elogios tam frequentemente * * *

Mas , tornando à dita erudiçam afetada , digo , que a este modo de ornar e discorrer , chamam os Retoricos , *ornamentos falsos* . Porque os outros , podem ter lugar no-discurso , e só se-procura a parcimonia : estes , de nenhum modo devem intrar nelle . Ja gran tempo é , que os omens de juizo clamáram , contra este abuzo : principalmente porque , bem examinada a coiza , é uma solenissima impostura , e azilo de ignorancia : sendo certo , que estes tais nunca tem menos erudiçam , que quando mostram ter tanta . Quem ouve aquela machina de textos , persuade-se que é um omem , de erudiçam infinita : mas nada menos : e eu posso jurar de muitos , que nam abriram os livros que citam , ainda-que sejam bem uzuais . Remedeiam-se com o *Theatrum Vitæ Humanæ* , *Polyantea de Langio* , e outros destes armazens , em que polo A. B. C. acham-se as materias , dispostas . De que vem , que

os omens inteligentes nam podem menos, que rir-se de tais compozifoens. Lembro-me, que um leitor de certa Religiam, querendo persuadir-me, que um seu amigo sabia Latim perfeitamente; dizia-me, que lia sempre por-*Plutarco*: e carregava muito em *Plutarco*. Ouvi esta muzica algum tempo; e nam podendo sofrer mais, proguntei-lhe, se *Plutarco* era bom Latino. Aqui o omem: *Poisque, isto tem duvida? na Antiguidade nam acha V. P. um Latino, como Plutarco*. O que daqui se-seguiu foi, ficar eu formando mui mau conceito, dele, e do-seu amigo. De um, por-dizer o que nam sabia: pois se tivesse aberto *Plutarco*, ou acharia o texto Grego com a versam Latina; ou tendo somente a versam, acharia no-frontispicio, o nome do-tradutor. Do-outro, porque aindaque a tradusam, nam seja barbara, contudo nam é livro para se-imitar: falo da-versam de *Curserio*, e *Xilandro*, &c.

Tambem nam é pequeno defeito, a grande repetisam de sentensas, sem necessidade. Persuadem-se muitos, que, falando por-sentensas, ficam graduados como sutilissimos, e fundadissimos letrados. Leram em *Seneca* Filozofu, ou *Lucano*, ou *Tacito*, ou algum semelhante, uma quantidade destas sentensas; e, sem mais exame, nem advertencia, adotam aquele estilo; e deitam mais sentensas pola boca fóra, que uma carranca de xafariz nam deita agua. Verdadeiramente é um divertimento, bem digno de se-procurar em oras ociozas, ter uma conversasam com um destes. Eu gozei esta felicidade algumas vezes: e nam me-podia satisfazer de observar, aquella circunspeccam magistral, com que proferem as palavras, em tom decizivo, e com toda a magistralidade, de um Padre de Concilio. Ja eu lhe-perdoára a materia: o que nam posso sofrer é, o modo com que se-explicam. Se eles tivessem observado e intendido, que aquele mesmo *Seneca* foi o primeiro, que comessou a perverter, o bom gosto da-Latinidade, com tam enfadonhas sentensas: com as quais perdeo entre os seus, e entre todos os que se-seguiram de alguma estimasam; aquele conceito, que poderia aquistar, se fosse mais parco de ornamentos: faberiam entam, com que olhos se-devem ler, certos autores. Mas eu falo em um suposto, que me-parece falso, e vem afer; que estes tais profram, verdadeiras sentensas: falam como se fosse por-sentensas; mas nam sei se o que dizem, merece este nome. Porque a Sentensa deve, em poucas palavras, dizer muito, e dizelo com modo singular: o que raras vezes se-acha neles.

Note tambem V. P. outro defeito de eloquencia , no-mesmo frontispicio dos-livros . Estam estes seus autores , tam preocupados polas esquipafcoens , que nam se-contentam , de pôr o titulo do-livro claro : mas ou inventam um estrambotico , ou acrescentam algum epiteto , que oscurece o negocio . v. g. *Cristais , d'alma , fraze do-corasam : Fenix renacida : Alivio de tristes , consolafsam de queixozos* : e outras coizas destas , que quando eu as-leio , me-vem à memoria , o *Belorofonte literario , Clypeus Mundi* , e outros titulos ridiculos , que só estavam bem , na boca de D. Quixote de la Mancha . E isto nam só achará V. P. entre os Antigos , mas entre estes Modernos . Traduz um Bacharel os Epigramas do-P. Reis , em verso Portuguez , e dá-lhe este titulo : *Imagens conceituozas* . Ora , falemos sem paixam , intende V. P. que , lendo-se estes titulos , poderá um omem advinhar , o que contem estes livros ? Eu nam tenho dificuldade em apostar , que nam : e digo mais , que este autor nam intendo , o que quer dizer aquele titulo : pois , a falar verdade , nam á maior despropozito , que a uniam daquelas duas palavras , para explicar a dita versam . E ponho agora de parte a loucura , de traduzir em Portuguez , epigramas destes Latinos , cuja galantaria nam consiste , em um conceito nobre ; mas em palavrinhas , ou equivocos , que perdem o pico , na tradufsam . Mas nam pára nisto o abuzo : antes chegou a termos , de se-nam-chamarem as coizas , com os seus nomes , porem com outros muito diferentes . Vi concluozens de Logica , que se-intitulavam : *Regnum Algarbiense in quatuor vicos distinctum : Vicus primus , de Signis : secundus , de Enunciatione &c.* que se-podia intender , ser uma carta geografica . Outras de Filozofia intitulavam-se : *Pigmenta Philosophica* . Finalmente chamavam-lhe como queriam . E isto é mui frequente , nas escolas da-Companhia : e nam faltou ja quem me-disesse , que eram titulos ingenhozos . Estes titulos , *Conclusiones , Propositiones , Theses* , nam prestam ja para nada : sam coizas dos-antigos , e nomes mui ordinarios . E que chama V. P. a isto , senam jurar , de nam dizer as coizas direitas , mas de falar em Persiano , ou Chinez ?

E se V. P. examinar este defeito , achará , que sam poucos os autores , que nam caiam nele . Outros acrescentam epitetos affectados . v. g. *Regras da-lingua Portugueza , Effelho da-lingua Latina* : deixando agora muitos outros , que podia acrescentar . Contudo eu intendo , que era mais natural , e nobre dizer : *Regras*

da-Gramatica Portugueza, para introduzir os rapazes, na Gramatica Latina: ou ainda mais breve, e melhor: *Introduçam para a Gramatica Latina*: e falando assim, todos o-intenderiam. Que fizefem isto nos-dois ultimos séculos, paciencia: mas agora, que o mundo abriu os olhos, e todos procuram explicar-se bem; nam se-pode soffrer: e vale o mesmo que mostrar, que nam intendem em que consiste, a elegancia da-lingua, e a forsa da-eloquencia. Os *seicentistas* sam os que caíram, nesta ridicularia: os antigos doutos todos a-evitãram: e se algum se-desviou dela, nam teve sequazes, e deve ser reprovado. Os titulos dos-Antigos, todos sam simpleses: *Cornelius Celsus, de Re Medica; Caii Julii Caesaris, de Bello Gallico &c. Ciceronis Orationes, Epistole, de Finibus bonorum &c.* e outros a estes semelhantes. Estas palavras mostram bem, o de que se-trata: e aquella nobre simplicidade encanta mais, que todas as afetações, a quem intende, que coiza é Eloquencia. Os Modernos doutos, quando nam sam anónimos, que querem brincar; servem-se de titulos fezdos, breves, e claros: e nisto é em que oje se-cuida. Com effeito nos-titulos se-mostra, o juizo do-autor. Eles sam os que apontam a materia: e devem nam dizer mentiras, e falar em lingua, que todos intendam.

Pertencem a esta classe, os que nas Concluzoens. publicas, poem por-questam principal uma coiza, que nam significa nada, e nam pertence à materia. Confesso a V. P. que quando a primeira vez, vi neste Reino estas concluzoens, fiquei pasmado: e quando vi, que a dita questam nam se-disputa, nem serve de nada, ainda me-admirei mais. Um destes imprime umas Concluzoens de Logica: dedica-as a Cristo Crucificado: (porque estes mosos tem tanta devosam, que em nenhum lugar a-podem encubrir) e poem por-questam principal: *Se ficou mais glorioso Cristo na cruz, que no-Tabor*. Outro faz umas concluzoens de Materia Primeira, e poem por-questam: *Utrum in Lunæ concavo degant homines?* Finalmente é bem raro aquele, que poem questam principal, tirada das-concluzoens: mas ou da-dedicatoria, ou de outra coiza, que nam significa nada. E estarã às vezes semanas inteiras, lambicando o ingenho, para excogitar uma questam sutilissima, que calse bem à dedicatoria. E que chama V. P. a isto? senam dizer mentiras: servir-se de palavras que nam significam nada: improprias ao argumentó: só para mostrar, que tem ingenho. Saiem eles logo dizendo, que é um costume anti-go.

go: E eu respondo, que é mau costume: e que se-deve emendar. Na minha Italia poem-se as concluzoens simplesmente, sem estes rodeios. Se as concluzoens sam dedicadas a Cardiais, ou Bispos, ou outras pessoas grandes; estes vam assistir em publico, asentados defronte do-Defendente: o qual porem está na cadeira: e ali faz ao principio um comprimento Latino, à pessoa a quem dedica, breve, e claro: e procura falar em lingua, que todos intendam, e mostrar a sua doutrina sem sutilezas, nem coizas que mereçam rizadas.

Nem intenda V. P. que estes defeitos que aqui aponto, sam de um ou dois autores: nam senhor, sam gerais. Leia V.P. estas obras Portuguezas modernas, principalmente orasoens Academicas, em que fazem ostentação, de toda a erudición e advertencia; e confirmará o que digo. * * * Entre os modernos, o Conde da-Ericeira tem muito disto, como ja difemos. Começa as suas coizas com uns rodeios, e umas obscuridades, que sem comentarios nam se-intendem. Daqui passa a acarretar, tudo quanto leo: e comumente dezempara o assunto, para dizer o que lhe-ocorre. v.g. No-elogio Funebre de Francisco Dionizio de Almeida diz, que tomava por-empenho, descrever o elogio de Tito Pomponio Atico, que morrerá no-dito dia. Mas sem falar em Atico, mete outras noticias estrangeiras, e diz mui pouco do-defunto. Promete encarecer a perda do-defunto: mas nada disto faz. O mesmo Conde no-elogio do-Papa Inocencio XIII. declara logo, que nam seguirá os preceitos da-Retorica, mas da-Istoria: e com effeito faz um catalogo difuzissimo e infoportavel, da-geração do-dito Papa: e deste nam diz nada. Devendo porem saber, que a obrigam sua era, exaltar as virtudes do-seu eroe, e nam as dos-passados. Pois assimcomo nenhuma mulher feissima merece ser louvada, porque é filha, de uma mulher mui bonita: antes pelo contrario, a feiozura da-maen dá ocaziam, paraque nos- admiremos da-filha: assim tambem as virtudes dos-passados, nam servem de panegirico aos presentes: é necessario mostrar, que estes excedem os seus maiores, nas mesmas asoens. Do-que fica claro, que o dito Conde sabia pouco, elogiar. E nam se-podia esperar menos, de um omem que protesta, de nam seguir a Retorica. E quantos parentes, quero dizer, apaixonados, nam vemos deste fidalgo! Mas sem nomiar mais ninguem, provarei tudo com outra oração, feita na morte, de D. Manoel Caietano de Souza: da-qual porem

nam fei quem é o autor, nem onde foi impresa ; porquẽ uma que achei em certa parte, e ainda confervo, nam tem as primeiras folhas, e comesa na folha 7. Mas seja quem for, é moderno : vistoque o Souza morreo á pouco tempo : e se V. P. a-tem lido, achará uma grande prova do-que digo .

Este omem faz uma orasam, que é um grofo volume . Primeiro defeito do-panegirico, Confeso, que alisti a muitas e diferentes exequias, de Pontifices, Imperadores, Reis, Principes soberanos, Cardiais, e Senhores grandes : e nunca vi alguma, que chegáse à metade desta . Mas isto é nada . tudo o que ele diz do-tal Souza, podia-se reduzir à quarta parte, e ainda seria longa . Confiste pois este grande volume, emque o tal Panegirista, para mostrar que era erudito, verteo nela, quanta erudisam tinha . Explicarmeei se diser, que ali se-acha o *Teatro de los Dioses*, e *Theatrum Vitæ Humanæ*, em corpo e alma . Nam diz coiza alguma, para que nam traga um bocado de antiguidade, comumente arrastada . v.g. Para dizer, que o Souza unia a piedade com a ciencia (1) ; introduz a parentezis de uma pagina, em que entra Alexandre, Cezar, Cipiam &c. Para dizer, que o dito nam quizeria mostrar a sua ciencia, senam em Lisboa (2) ; nomeia Univerfidades sem tom nem som : saltando de Bolonha aos Paizes Baixos : de Pariz outra vez a Padua : de Espanha a Germania &c. e a cada passo mete fabulas, sem pés nem cabesa . E este justamente é o defeito, que eu acima condenava . Sobre o que me-lembro das-grafas, de um omem mui douto, que foi Monsenhor Sergardi : Este quando se-achava em alguma parte, em que algum destes, que tinham lido alguma fabula, ou istoria, a-queriam introduzir ou bem ou mal ; dizia-lhe galantemente : *Diga, meu senhor, diga tudo o que tem estudado, esta noite .*

Nam falo ja em alguns erros de istoria : como dizer, Que a barca de S. Pedro navegou polo Tibre : Que por-ele tambem intráram, as Trojananas galés de Eneas : e outros semelhantes (3) . Um bocadinho que estudáse mais de Istoria, e Geografia, lhe-mostraria, como as coizas ou foram, ou nam foram : e lhe-ensinaria, que o lugar em que desembarcou Eneas, nam foi o Tibre, polo qual nunca navegou . Chama aos Romanos, decendentes de Eneas, e Ascanio . como se Eneas fosse o Noé dos-Lavinios,

(1) Pag. 27.

(2) Pag. 46.

(3) Pag. 55.

nios, Albanos, e Romanos! Mas a isto chamo eu venialidades: o que nam posso soffrer, sam outras falsidades, que diz naquelle panegirico; principalmente quando quer sair, fóra de Portugal. Neste cazo o omem transforma tudo. Um comprimento feito a D. Manoel Caietano, uma carta escrita mais cortezmente, sam autenticas provas, da-sua imensa literatura. Que pouco informado é, da-politica dos-outros Reinos, este Panegirista! e quam pouco sabe distinguir, o encarecer uma coiza, e o inventala! Pode o Retorico dilatar, e exagerar muito um argumento: mas sempre dentro dos-limites da-verosimilidade. Ora é uma parvoice manifestella dizer, Que o Souza foi a Roma, para espantar todo o orbe literario: Que em todo o mundo se-ouviam, os brados da-sua fama: Que a Europa suspensa e admirada confesou, que excedia a sua mesma fama &c. (1): Que a Europa confesou, que a sua erudisam era maior, que todos os encarecimentos, com que o-celebravam no-mundo, as mesmas cem bocas da-Fama (2). Isto sam mentiras mui manifestas: e a isto chama-se satirizar, e nam, elogiar: Nam pára aqui a galhofa: diz, Que nam se-sabe em Portugal; que os Reinos estrangeiros defem, nestes ultimos tempos, um omem, que se-posa comparar ao Souza (3). Que o-nam-saiba ele, cõcedo: vistoque pola sua orasam, mostra saber mui pouco: mas que õ-ignorem outros Portuguezes, nego redondamente. Conheço eu omens, que sabem distinguir muito bem D. Manoel Caietano, de infinitos omens, muito mais doutos que ele.

Eu creio que D. Manoel Caietano foi douto, e foubé mais, doque o comum dos-Portuguezes: aindaque eu nam posso julgar por-experiencia, porque nunca o-tratei: mas polas suas obras o-discorro: mas nam sam elas tais, que ponham um omem, na primeira esfera dos-doutos. E fei eu muito bem, que a sua *Expeditio Hispanica*, é mui pouco estimada em muitas partes: e que nam pode obligar, os omens mais doutos, e de uma critica purgada; a que mudasem de opiniam, sobre a vinda de Santiago: e eu sou um daqueles, que ainda nam se pode persuadir, das-suas razoens. Mas querêlo comparar, com outros grandes omens da-Europa, é mostrar, que nam intende este officio. Que semelhança tem o P. Souza, com Petavio, Sirmondo, Launoi, Arnaud

(1) Pag. 57.

(2) Pag. 66.

(3) Pag. 57.

naud d' Andilly , Valois , Morin , Huet , Bossuet , Tomassin , Norris , Calmet , Mabillon , e outros muitos Catholicos ? ou com algum dos-Erejes , como Grotio , Scaligero , Ufferio , Selden , J. Gerardo Voffio , Daniel Heinsio , Dallé , Samuel Petit , Saumaife , Bouchart , Lightfoot , Hottinger , Joam Gronovio , Luiz de Dieu , e outros muitos que deixo ? os quais todos viveram no-seculo pasado , e muitos deles alcansáram D. Manoel Caietano , e morreram neste seculo ? Que semelhança , torno adizer , em vastidam de noticias , em antiguidades , linguas orientais , Teologia &c. ? tanta como o dia com a noite . Estes é que foram conhecidos , em todo o mundo douto , e feram eternamente venerados . Bem mostra este Panegirista , que nam sabe que coiza é erudisam , quando fala desta forte . Nam falo na Filozofia , pois todos sabem , que omens florecêram , no-fim do-seculo pasado , e no-prezente : dos-quais a D. Manol Caietano , (que dizem era Peripatetico , ou aindaque o-nam-fosse) á bem legoas de distancia . Em tudo femostra o Panegirista , pouco informado do-mundo : e , polo que vejo , cuido que era algum pobre Religiozo , que nunca saíra de Portugal ; e alim vivia mui satisfeito da-sua terra : pois chega a dizer , que as Universidades de Portugal , até no-edificio , exceedem muito , as dos-outros Reinos (1) . No-que mostra intender tanto de Architectura , como de erudisam . Mui diferentemente me falou um Portuguez , que estivera em Roma , e tinha outros conhecimentos : o qual confesou limpamente , que em materia de bom gosto , valia mais uma só janela da-Sapiencia , ou Universidade Romana , ou do-Colegio Romano dos-Jezuítas , que todas as Universidades , e Colegios de Portugal : e nam era encarecida a propozisam . Este é o motivo , meu amigo e senhor , porque os Estrangeiros nam crem , em nenhum destes panegiricos : porque dizem , que os Portuguezes , namobstanteque comumente sejam invejosos , e digam mal uns dos-outros ; quando porem tomam o empenho de elogiar , mentem dezencaixadamente , e tudo transformam : e até dizem mal dos-outros todos , para elogiar o seu eroe . Se louvam um Santo , nam só nam á Santo igual ao feus , mas quazi chegam a dizer mal , dos-outros todos . O mesmo faz o noso Panegirista .

Que um omem fasa uma orasam mui mal : que se-explique in-

(1) Pag. 49.

infelizmente : que introduza na-orasam, quantas coizas leo : que ignore o estilo de elogiar, e amplificar os argumentos : que seja languido e sem grãsa na composifam : que nam saiba manejar a sua lingua : que ignore a collocasam das-palavras, e armonia dos-periodos : como faz este Panegirista ; nam seria grande coiza : o que nam pofo sofrer é, que tenha prezumfam desmedida, e que diga mal dos-outros, e d' aquilo que nam intende . O que se-faz nestas orasões, e com especialidade o autor desta . Para dizer, que o Souza estudou em Portugal, e nam fóra dele ; emprega quatro boas paginas (1), dizendo mal, dos-que vam estudar fóra de Portugal : porquanto cá em Portugal, segundo ele diz, tudo se-acha, e muito melhor, que nos-outros Reinos . Os mesmos livros : oens mais doutos : Universidades melhores, e mais florentes da-Europa : Portugal é o Reino da-Sabedoria ; do-qual os Estrangeiros podiam participar com mais razam, doque os Portuguezes deles : e outras semelhantes . E que diz V. P. a esta propozifam ? á coiza mais estúpida ! E concedem-se licenfas, a semelhantes escritos ! Senhor Panegirista, responderia eu, nam basta ter os livros, é necessario intendêlos : e isto é o que os praguentos dizem, que muitos cá nam sabem . Todos os Latinos nas escolas lem Cicero; e poucos o-intendem ; e muito menos o-imitam . Mas, suponha-mos que o-sabem alguns ; Porventura, sabem-no ou ensinam-nofas Universidades ? nam senhor, que eu prezenciei tudo o contrario . Alem diso, aqui nam á exercicio de linguas, Filozofia boa, Mathematicas, Teologias Pozitivas &c. Istoria, Medicina verdadeira, e outras faculdades : se me-nacer alguma duvida, a quem o-ei-de proguntar ? Alem diso, esa falta de exercicio é cauza, de que se-ignorem muitos livros : pois é certo, que em Portugal, nam se-conhecem livros bons, que sam bem vulgares em outros Reinos : e o Panegirista é um deles ; que por-nam conhecer os autores, diz muita falsidade, no-seu Panegirico . Despois que se-fundou a Academia da-Istoria, quantos livros nam se-conhecem, que antigamente se-ignoravam ? Concedo, que se em Portugal se-introduzifem outros estudos, com o andar do-tempo fariam o mesmo, que nos-outros paizes : mas como ainda estamos mui longe d'esa epoca, nam é maravilha, que muitos vam estudar fóra, o que cá se-nam-sabe . Prouvera a Deus, que fosse .

(1) Pag. 47. 48. 49. 50. 51.

fem muitos mais : e que estudafem bem : e viesem introduzir efe bom gofio , em Portugal .

Quanto ao que diz o Panegirifta , que os Eftrangeiros podiam aprender, dos-Portuguezes ; tem muita razam : mas deixo a V. P. o-determinar , fe á-de fer em armas , ou letras . Se ele foubê o conceito , que aqueles tem dos-Portuguezes , ficaria mui admirado . E para nam buscar exemplos remotos , direi a V. P. que eu falei em certa Cidade , com um Religiozo , que viera instruir em Rilhafoles , os ordinandos : e me-dife , que ficára pafinado , de ver a ignorancia deftes paizes , principalmente dos-Clerigos : muitos dos-quais , nam obftante terem fama de doutos , necesitavam aprender , os primeiros rudimentos da-Fé . Este falava por-experiencia ; pois eftivera dois anos em Portugal : era alem difo um omem de virtude , e mui moderado no-falar : Veja V. P. que conceito eles tem difto . Pode-fe notar no-mefmo Panegirifta , a incoerencia : Quando lhe-tem conta , para avultar a ciencia do-Souza ; Roma é uma Cidade cheia de omens doutos : a Arcadia é uma coiza famoziffima : é um congreso de Virgilio , e Oracio : Quando nam lhe-tem conta , os Eftrangeiros nam sabem nada : e tudo podem aprender, dos-Portuguezes . quem entenderá tal omem ! Em uma palavra , este omem cuida nam fez coiza pior , na fua vida . Todas as comparafoens que faz , fam arraftadas , e inverofimeis : as exclamafoens , que frequentemete introduz , fóra do-propozito , e do-lugar : as parentezis longuiffimas , fuperfluas , e inoportaveis : a fraze afetada , mas fem elevafam ou nobreza ; repetindo em cada regra a *Iluftriffima* , a um Religiozo , e a um morto . Finalmente nam sabe dar forfa , aos argumentos que traz , dilatando-os com artificio retorico .

Mas nam quero falar mais nesta materia , porque parece que fafo grande cazo , de uma coiza que o-nam-merece . é fazer grande favor ao autor , criticar-lhe os defeitos , que fam infinitos . Antes devo pedir a V. P. perdã , de o-ter demorado , com femelhante orafam : o que fiz por-duas razoens : Primeira , paraque V. P. vife , a infinita distancia que poem , entre fermam funebre na igreja , e orafam funebre na academia : como fe os preceitos da-Retorica foem diferentes ! Segunda , paraque vife pintados em uma só orafam , todos ós defeitos que lhe-tenho apontado , reinarem nefles paizes : pois fendo este um dos-modernos , caie em todos eles , nam dizendo o que deve ; e dizendo o que nam de-

ve . Os quais sam mui consideraveis defeitos , de Retorica .

O que até aqui tenho exposto a V. P. bastantemente mostra, o que eu tinha proposto : e dá uma verdadeira ideia , do-que é Retorica , em que se-deve uzar , e como se-deve uzar . E com effeito menos ainda bastaa : poisque tendo V. P. grande comprehensam de materias , e mais que tudo , formando juizo exato das-coizas ; nam lhe-podem ser occultas , estas que aponto ; e nam pode deixar de falar , com bellissima Retorica . Mas á juizos tam sepultados na materia , que nam podem considerar outras coizas ; senam aquellas que uma vez víram : nem receberám a verdade mais clara , e demonstrada , se nam é proposta com aqueles termos , e por-aquele metodo , que uma vez ouvíram . Isto me-obriga a fazer alguma reflexam , sobre as partes da-Retorica , ou sobre estas Retoricas uzuais , e principalmente sobre o estílo do-pulpito : vistoque nestes paizes , para isto inclinam mais : e nisto é que necessitam , de melhor diresam ; para os-livrar daqueles ridiculos prejuizos , de que estam cheios .

METODO DE PERSUADIR .

Manifesta loucura é persuadir-se , que é necessario saber tudo, o que dizem as Retoricas , para ser Orador (1) . Já adverti a V. P. que estas Retoricas comuas , eram pola maior parte uma lista de nomes , e divizoens , impertinentes de se-aprenderem , e difficultozas para se-conservarem : mas tudo isto podia succeder , aindaque a materia fosse boa . Porem eu nam paio aqui , mas digo , que nam só polo modo com que o-dizem , mas isto mesmo que dizem , tem pouquissima ou nenhuma utilidade ; e nada conduz para o fim , de falar bem , e persuadir . E digo da-maior parte delas , o que lá disse Cicero de outra Retorica , que escrevêra Cleantes , *Que para nam saber falar , nam avia coiza melhor* (2) . Sam cinco as partes da-Retorica : Procurar meios de persuadir : dispolos : falálos bem : estudálos de memoria : e pronunciálos com as afoens que se-devem . A isto ajuntam , os trez meios

TOM. I.

A a de

(1) *Ego hanc vim intelligo esse in praeceptis omnibus , non ut ea secuti oratores , eloquentiae laudem sint adepti : sed quae sua sponte homines eloquentes facerent , ea quosdam observasse , atque id egisse . Sic esse non eloquentiam ex artificio ,*

sed artificium ex eloquentia natum ; Cicer. l. 1. de Orat. num. 32.

(2) *Scriptis artem Rhetoricam Cleantes , sed sic , ut si quis obmutescere concupierit , nihil aliud legere debeat .* Cicer. lib. 1. de Orat. num. 7.

de persuadir , que sam as provas , os costumes , e as paixoes dos-ouvintes . Dizem alem diso , que qualquer discurso oratorio deve ter exordio : despois , narra o fato : despois proválo , e responder aos motivos contrarios : finalmente perorasam , na qual se-faz um epilogo dos-motivos , e se-excita novamente , o animo dos-ouvintes . Tudo isto é verdade : mas se pararmos aqui , pouco saberemos de Retorica . Eu direi alguma coiza da-*Invensam* : sobre as outras , reporto-me a eses livros comuns ; e só tocarei , o que me-for necessário .

Para buscar argumentos ou provas , que persuadam , o que pertende o Orador ; propoem os Retoricos uma lista de nomes , aque chamam , *lugares comuns* : os quais ensinam , considerar o argumento de tantas partes , e voltálo de tantas maneiras , que seja facil , dizer muita coiza do-tal fugeito . Confeso , que estas considerasoes genericas , dam materia para falar muito ; e em tal ou qual cazo , podem nam fer inutis : mas , seguindo o parecer dos-omens de exata critica , constantemente digo , que estes lugares nada menos ensinam , que a falar bem : fuminiftram ideias gerais , palavras sem sustancia , narizes de cera , que se-aplicam a tudo , e nam persuadem nada em particular . Um destes que cre muito nos-*Topicos* , falará uma ora inteira , sem dizer coiza alguma com propozito : justtamente como os Logicos da-Escola . Estes escrevem longuissimos tratados de *Syllogismo* , dam mil regras , para discorrer com propriedade , e sem falencia ; e para provar tudo o que ocorrer . A ouvilos na cadeira , julgará um omema , que sam letrados universais : mas introduza-os V. P. em um discurso particular , e verá , que tudo aquilo é palhada : concluirám um discurso pior , doque nam fará , um oficial ignorante . Muitas vezes nam sabem nem comesálo , nem acabálo : e se lhe-metem a pena na mam , é lastima ver , como escrevem as suas razoens . O mesmo Cicero , que tam apaixonado era pola Retorica , e seus preceitos , que escreveo um livro dos-*Topicos* ; contudo reconhece , que é necessário muito juizo , para se-servir destes lugares , em modo que nam digamos parvoices (1) .

Quem

(1) *Judicium igitur adhibebit : disciplinis exulta sunt : Sed ut fetes fecundæ & uberes, non solum fruges , verum herbas etiam effundunt inimicissimas frugibus : sic in-*
ter-

Quem pois reflete nisto, intende o conceito que se-deve fazer, de semelhantes *lugares*. Se nam fosse permitido falar, senam naquilo que se-sabe, a maior parte destes, que fazem profissam de falar em publico, ficaria calada. Ninguem é capaz de discorrer em uma materia; se é que a-nam-tem estudado fundamentalmente: e nunca poderá deduzir, boas consequencias, se acazo nam possue bem, os principios. Pode um Fizico estar cheio de silogismos, até os olhos; ter lido quantas ridicularias se-tem dito, sobre os appetites da-Materia; se acazo nam tem bem examinado, as experiencias: nam poderá explicar, qualquer uzual fenomeno. Pode um Teologo saber, a quinta essencia da-*fôrma silogistica*; mas se nam sabe bem, em que textos se-fundam os Dogmas, nam será Teologo senam de nome.

Isto suposto, a primeira e importantissima regra da-Invençam é, entender bem a materia, que se-trata (1): porque só assim facilmente se-incontram, os argumentos proporcionados ao fugeito: e tam facilmente se-incontram, que naturalmente se-apresentam, caiem da-boca, e da-pena. Este é o grande defeito, destes Pregadores Portuguezes. Propoem-lhe uma materia, que eles ignoram: e em lugar de estudarem o que devem, formam logo ideia, do-que querem dizer; e despois procuram os textos, que fasam ao intento: e se os-nam-acham, violentamente os-arrastam: porque finalmente, seja como for, deve-se provar, o que se-propoz. Ora a Escritura nem sempre dá textos literais, para confirmar todas as chimeras, que os Pregadores propoem: e assim é necessario recorrer, a algum destes comentadores Peripateticos: muitos dos-quaes adotam nos-comentarios, as sutilezas: e, se falta este, nunca falta um destes Asceticos, que provam tudo o que querem: e temos o fermam feito. Se o Pregador tivesse estudado a materia, conheceria, que verdades importantes, como sam as da-réligiam, nam se-podem provar com sutilezas, mas com razoens solidas: razoens solidas nam se-podem achar, para provar conceitos ridiculos: de que vem, que necessariamente um omem que

A a 2

fabe

terdum ex his locis aut levia quædam, aut caussis aliena, aut non utilia gignuntur: quorum ab oratoris judicio delectus magnus adhibebitur alioqui. Cicer. Orator. num. 15.

(2) *Volo enim prius habeat orator rem, de qua dicat, dignam auribus eruditis; quam cogitet, quibus verbis quidque dicat, aut quomodo. Idem. ibid. num. 34.*

sabe a materia , deve desprezar estas puerilidades ; e confiderar todos os sermonarios , tallados por esta medida , como livros que nam se-devem ler .

Que seria do-mundo Retorico , se todos os omens um dia ; abrissem os olhos ! Eu seguro a V. P. que de cemmil livros , que se-acham nesta materia , pouquissimos se-poderiam conservar ; e alguns deles , só por-fazer favor , aos seus autores . Pois aquilo que entam fariam todos , devem oje fazer os omens , que se-querem aproveitar a si , e aos outros . Quando eu era rapaz , e fomentemente conhecia os autores polo sobrefcrito , considerava mais felizes , e doutos aqueles omens , que possuíam mais livros , doque os que tinham menos : porque , dizia eu , aqueles gozam a lifam , de mais autores , e de mais omens insignes . Naquele tempo , *Escrivor* , e *Doutor* , eram sinonimos no-meu Vocabulario . Eu era um daqueles , (que por-nosós pecados , ainda vemos oje tantos) que media a Ciencia a palmos : quanto mais livros , mais ciencia : e o livro maior sempre me-parecia , tezoiro mais preciozo . Mas depois que me-familiarizei , com aqueles mortos : que revolvi muitas , e grandes livrarias : que consultei omens doutissimos : que li atentamente os Criticos : e finalmente que tomei o trabalho de examinar , com os proprios olhos , o merecimento de muitas das-ditas obras : transformei-me neste particular : e formo tam diferente conceito do-mundo ; que se explicáse tudo o que intendo , nam conservaria tam boa correspondencia , com tanta gente . Ora isto que se-pode dizer , de toda a forte de livros , applico eu oje aos sermonarios , e outros que tratam de Retorica : e conclúo , que pouquissimos destes livros se-podem ler , e ainda eses com cuidado .

E' coiza digna de observar , que nestes paizes , a maior parte dos-que estudam , confundem o *Ingenho* , com o *Juizo* : o *Juizo* , com a *Doutrina* : esta , com o *Criteriono* : sendo coizas na verdade bem diferentes . Pode um omem ser ingenhozo , porque pode unir diferentes ideias que elevem , ao que chamamos *Ingenho* ; e nam ter uma oitava de *Juizo* : porque finalmente o *Juizo* é aquella faculdade da-alma , que sepára uma coiza da-outra , e conhece cadauma , como é em si . Pode este omem ter *Juizo* , e nam ter *Doutrina* , porque nam tem estudado . Pode ter alguma *Doutrina* , e nam ter aquella que é necessaria , para formar bom *Criteriono* . Isto parece-me bem claro . Mas nam o-intendem asina aquelles , que
por-

por-verem um, que ideiou varias chimeras, e formou algumas ideias futis, mas ridiculas; logo o-batizam, por-omem de juizo, e grande doutor. E daqui entam nasce, que as ideias daquele tal omem, sam recebidas com mais respeito, doque nam eram as repostas, em Delfos. Mas, tornando ao argumento.

Para persuadir, quer-se em primeiro lugar, boa Logica, que dê os verdadeiros ditames, para julgar bem (1): em segundo lugar, um juizo claro, que os execute. Sem estes primeiros principios, sam superfluos todos os ditames. Da-Logica em seu lugar falaremos. Decendo pois ao particular digo, que só a *verdade* ou *verosimilidade*, é a que pode persuadir um omem; e é aquella valente arma, com que nos-acomete a *razam*. Ninguem deixa de persuadir, de uma verdade clara. Verdade é que muitos se-persuadem, da-aparencia: mas tambem é certo, que os-move a verdade, que nela imaginam. Assimque só a verdade é a que persuade, quando se-lhe-dá atensam. A forsa que os omens fazem, para divertir os olhos do-intendimento, para outra parte; é a que impede, que a verdade nam triunfe, produzindo o seu efeito, que é a persuazam. Nisto é que está o empenho do-Orador, em descobrir a verdade: mostrála em toda a sua clareza: e manifestar o erro oposto. Nisto se-distingue o verdadeiro Orador, do-Declamador. Este, contentando-se das-aparencias, veste o *erro* com a mascara da-*verdade*: o Orador porem descobre e manifesta o *erro*, e poem a *verdade* em toda a sua luz.

Orar nam é enganar, é sim introduzir no-animo, alguma verdade importante. Mas muitas vezes os Oradores, tem mais necessidade, de convencer o erro, doque estabelecer alguma verdade notoria. Ninguem toma o trabalho de persuadir, que Deus castiga, e premeia: isto sabem todos os ouvintes: o ponto está em mover os omens à penitencia, mostrando o grande erro, de a-deferir para a ora da-morte. Em descobrir o erro, é que deve cuidar muito o Orador. Os omens nam se-enganam nas confe-

(1) *Esse igitur perfectie eloquentis puto, non eam solum facultatem habere, quæ sit ejus propria, fusse, lateque dicendi; sed etiam vicinam ejus atque finitimam, dialecticorum scientiam assumere.* Cicer. Orat. n. 32.

Et infra = *Nec vero dialecticis modo sit instructus, sed habeat omnes Philosophiæ notos, & tractatos locos . . . nihil, inquam, sine ea scientia, quam dixi, graviter, ample, copiose dici & explicari potest.*

quencias, porque comumente deduzem-nas muito bem: o em que se-enganam é, nos-principios; porque, por-falta de exame, recebem uns falsos, como se fossem verdadeiros. Deve pois o Orador, mostrar a falsidade destes principios. deve mostrar-lhe em que disseram bem, e em que faláram enganados. Desta sorte mostrando-lhe a verdade, se a materia o-pede; ou, se é notoria, descobrindo-lhe bem o erro, se-consegue o fim da-persuazam.

Mas nam basta isto, para persuadir: e sam necessarias outras circunstancias, para introduzir no-animo, a verdade. A primeira é, a atensam. Que importa, que o Sol alumie o Mundo, se eu depropozito me-retiro em uma caza oscura; ou polo menos, nam dou atensam aos objetos, que se-me-propoem? Damesma sorte importa pouco, que a verdade seja notoria, e o erro muito bem convencido; se eu nam faço atensam para uma, nem para outra coiza. Deve pois com cuidado o Orador, excitar a atensam: e como as coizas ordinarias, nam conseguem isto, mas sim a singularidade e novidade; deve o Orador, vestir iso mesmo que diz, de uma certa novidade, que o-reprezente singular. As Figuras dam esta novidade às coizas: e por-iso elas sam, as que movem muito a atensam: dando a intender, que o objeto é novo, é grande, é singular. Certo amigo meu, descrevendo a cara de uma molher, igualmente feia, e desvanecida; soube dar tal novidade a este afumto, que é bem umilde, e esteril; que com gosto se-lia a descrevam, do-principio até o fim. Porei aqui um soneto, que fez ao dito afumto, e que tem o mesmo artificio.

Es feia: mas desforte, que orroroza

A tua vista é bela a feialdade.

Mas tens fortuna tal, que a enormidade

Te-consegue os tributos de formoza.

Cara tam feia, coiza tum pasmoza

Todos observam, e move a raridade.

Nam desperta o comum, a curzidade:

Ser rara, é que te-adôla vaidoza.

Ama-se o Belo, e cega o mesmo afeto.

O Feio, pois nam liga o pensamento,

Deixa miudamente ver o objeto.

Iso faz, que se-observe ese portentoso.

Quantos estás obrigada, a ese aspeto;

Se no-enorme te-dá merecimento!

O outro importante ponto, de excitar a atensam é, nam mostrar o objeto, que se-propoeem, senam quando a atensam, ja nam é necessaria . Embedido o omem da-curiozidade , de saber o que se-propoeem, vendo sempre coizas novas, e que prometem despois de si, outras maiores ; vai seguindo com a considerasam o Orador, atéque lhe-explique, a inteira sustancia do-negocio . Assim se-conserua o ouuinte atento ; e, estando atento, se-lhe-introduzem, as verdades que se-querem . Nos-Poetas de algum nome verá V. P. este artificio, bem executado : e tambem em muitos Prozadores . O mesmo Gracian no-seu Criticon, ingenha desorte a narraam, das-figuras, que introduz ; que acaba o capitulo , quando se-á-de explicar, algum grande fato : e rezervando a solusam, para o seguinte, conduz o leitor, desde o principio até o fim, sempre com curiozidade de ler . Este tambem é o artificio mais comum, das-orasoens de Cicero, e de alguns Oradores modernos, que o-fouberam imitar : como eruditamente adverte, um grande Retorico da-minha Religiam (1) . E nisto é que se-distingue o Orador, do-Filozofa . Ambos tem por-objeto , a Verdade : mas o Filozofa nam costuma, mover a vontade : contenta-se , de expor as razoens : porem se acazo nam acha um leitor , sem prejuizos e preocupacoens, nam conclue nada . Mas o Orador move as paixoens : excita a curiozidade : mostra a verdade de tantos modos, com tanta clareza, com tanta eficacia : desfaz os prejuizos com tanto estudo ; que finalmente convence o ouuinte .

O 3.^o ponto importante é, saber ganhar a vontade, ou influuar-se , no-animo dos-ouuintes . A Verdade, diz o proverbio , é amargoza : e uma verdade nua e crua, proposta a uma pessoa, que as-nam-coze bem, é dura de digerir . Deve pois o Rétorico, influuar-se galantemente, no-animo dos-ouuintes : propondo-lhe a verdade, vestida de um tal modo, que ele a-admita, quazi sem advertir . V.P. ja sabe, que as pirolas de quinaquina, e outras tais amargozas, se-cobrem com marmelada, ou obreia branca, para se-engulirem sem dificuldade . Eu sei muito bem, que este negocio, nam está na esfera, de todos os Pregadores . Requer grande pratica do-mundo : grande cohecimento dos-omens : do-modo com que obram, e com que se-excitam as paixoens : finalmente uma Filozofia particular, que descubra a origem de todos os movimentos.

(1) *Fra Gianangelo Serra, Capucinhô de Faenza, na sua Retorica &c.*

vimentos do-animo: lifam de bons autores: e perfeita sagacidade: qualidades todas que pouquifimos chegam a conhecer, quanto mais pofuir.

Julga-fe comumente, e nam fem razam, que o conceito que os ouvintes tem, da-virtude e merecimento do-Pregador; conduz muito, para fe-perfuadirem. Quem vai ouvir um omem, de quem é fama comua, fer muito fanto, ou muito douto; vai meio convertido, ou perfuadido. Em todas as Aldeias, á-de aver um barbeiro, que julgue de fermoens: o qual é eftimado, como o omem mais intelligente. Os Aldeioens talvez nam ouvem, o que diz o Pregador; mas eftam atentifimos aos movimentos, que faz o barbeiro: fe este prova o difcurfo, o Pregador é famozo. Afim fe vive nam só nas Aldeias, mas tambem nas Cidades. Sam poucos os omens capazes, de julgarem por-fi: mas vem, ouvem, e julgam, polos sentidos dos-outros. A-prevensam pois com que fe-ouve um omem, é aquella que, entre a maior parte dos-omens, decide do-feu merecimento: e esta tal opiniam de merecimento, é a que faz receber com agrado, os difcurfos: os quais, quando nam acham opozifam no-animo, produzem todo o feu efeito. E afim deve o Pregador, mostrar-fe digno de o-fer: deve pregar primeiro com as obras, que só entam os seus difcurfos, feram bem recebidos, e os seus ouvintes ficarám perfuadidos, do-que lhe-propoem. Mas devem estas virtudes fer verdadeiras, porque fem ifo, nada conclêm.

Em 4.º lugar, deve cuidar muito o Orador, em nam offender com palavras, os seus ouvintes. Os Omens nam goftam, de reprehensoes publicas: e parece que com razam. Tudo fe-pode perfuadir, com bom modo: e facilmente concordamos no-que nos-dizem, fe ouvimos as razoens, propoftas com amizade, e com brandura: e propoftas por-um omem, que nam faz vaidade da-Eloquencia: que nam ostenta triumphos: mas que utilmente fe-ferve dela, para nos-inclinar, para onde devemos.

Em quinto lugar, é nefario tambem, mostrar aos ouvintes a utilidade, daquilo que lhe-propoem: mostrar-fe parcial dos-seus interesfes, para os-poder trazer, para a parte contraria. Nós facilmente damos orelhas àqueles, que intendemos obram, polo noso mefmo motivo; e eftam perfuadidos, da-mefma paixam. Por-ifo é muitas vezes nefario, nam condenar tudo quanto eles dizem: louvar alguma parte, para podermos condenar a outra, com mais effica-

eficacia , e efeito . É necessário , saber dizer mal nas ocaziões , modificando a censura , com alguns elogios . Observei sempre , que um omem que nega tudo , ou concede tudo , nam conclúe nada . Devemos dar lugar à prevençam ; e algumas vezes dar tempo à colera : esfogada a qual , entam é que pode ter lugar , a persuazam . Para isto requer-se doutrina , prudencia , afabilidade , e outras muitas virtudes .

Deve em 6.º lugar , saber excitar propriamente , as paixões ; e inspirar aquelas que são proprias , para mover o Omem . São as paixões as que nos-movem : e nam á coiza , que nam possa fazer um omem , se-acazo se-lhe-excitou , a paixão proporcionada . Nisto pois é que deve estudar o Orador : inspirando aquelas , que são necessarias , para abraçar a verdade que propoem . Para isto é necessário , estudar bem as paixões do-animo ; porque , sem estas machinas , é certo , que nada obram os Omens . Isto que até aqui temos dito , abraça todo o genero de orações , e sermoens : mas especialmente se-devem notar algumas coizas , para a eloquencia do-pulpito : que comprehende duas sortes de orações , Panegiricas , e Morais .

Em primeiro lugar é uma ridicularia e impropriedade , tomar um texto da-Escritura , para fazer um panegirico Funebre . Nam é o assumto , explicar a Escritura : mas sim engrandecer , as virtudes todas daquele omem ; paraque todos o-imitem : e consolar o auditorio da-sua perda , com a vista dos-monumentos , das-suas singulares prerogativas . Onde deve-se descrever a vida dele ; tomando as ações mais famozas , e deixando menudencias ridiculas , que nam dão maior ideia , da-dita pessoa . Devem-se narrar , e engrandecer as ações : deve-se na exageraçam empregar todo o artificio da-Retorica ; sem degenerar naquelas ridicularias , que todos os momentos vemos : a Hstoria , o exemplo pode dar novo lustre , às mesmas virtudes . Mas sempre devemos ter diante dos-olhos , que uma coiza é oração , em que se-persuade , a execuçam da-virtude ; e outra panegirico : naquela tem lugar , os textos da-Escritura ; nesta de nenhuma sorte . Em uma palavra , todo o artificio que se-deve praticar , em todas as orações exornativas , que ou louvam , ou vituperam ; consiste em narrar , e amplificar . Deforteque , para nam fazer hstoria , deve nam só narrar ; mas de tal sorte distribuir a narraçam , que depois de narrar um fato , ou uma serie de fatos , que pertensem ao mesmo ponto ; os-am-

plifique : e asim mostre o seu juizo , na narraçam ; e a sua eloquencia , na amplificaçam (1) . Como todas as orasoens do-genero *demonstrativo* , tenham estado de comparaçam , porque nam se-disputa , *an res sit* , mas *quanta sit* : deve ser o principal artificio do-Orador , introduzir a controversia conjetural ; com que manifeste , a grandeza da-asám , considerando miudamente todas as coizas , que a-podem relevar . Depois , conjeturar das-virtudes pasadas , o que ele faria nestas , ou em outras circunstancias &c. Podem tambem nelles panegiricos ter lugar , diversos outros artificios , de controversia Definitiva , Translativa , e Judicial ; praticados polos antigos Retoricos : os quais conduzem muito , para este mesmo fim .

Quanto à disposiçam dos-argumentos , aconselha Cicero , que primeiro se-toquem , os bens externos , quero dizer , da-geraçam : depois , os do-corpo , e os do-anizão . Quanto às asoens , que ou se-siga a ordem dos-tempos , ou se-reduzam a diversos titulos de virtudes (2) . Desta sorte narrando , e amplificando , se-poderá formar , um panegirico perfeito .

Pasando daqui aos panegiricos de Santos , em quanto se-puderem evitar temas , será mais arrezoado : mas quando ou o costume , ou o genio obrigue , a tomar algumas palavras da-Escritura ; nam é necessario , esquadriñar profecias , nem procurar de acomodalas literalmente : basta que as ditas tenham alguma analogia , com a materia de que se-trata . Pode-se seguir a sentença da-Escritura , para comesar o fermam ; sem a-introduzir novamente , no-corpo dele . Isto tenho visto fazer , a omens muito grandes : e parece-me que um tal exemplo , se-deve preferir aos outros . No-corpo da-obra , deve-se seguir o mesmo estilo , das-outras orasoens laudatorias ; narrar , e amplificar . Mas como a vida dos-Santos , principalmente antigos , e ja nota a todos ; para
evitar

(1) *Conficitur autem genus hoc dictionis narrandis exponendisque factis, sine ullis argumentationibus; ad animi motus leniter tractandos magis, quam ad fidem faciendam, aut confirmandam accommodate. Non enim dubia firmantur: sed quæ certa, aut pro certis posita sunt, augentur.* Cicero de Partit. Orat. n. 21.

(2) *Deinde est ad facta veniendum: quorum collocatio est triplex: aut enim temporum servandus est ordo: aut inprimis recentissimum quodque dicendum: aut multa & varia facta in propria virtutum genera sunt dirigenda.* Cicero ibidem n. 23.

evitar o fastio a estes delicados , pode escolher uma , ou duas afoens mais famozas , e delas formar o seu panegirico . E este metodo é o mais frequente , quando se-fala em Santos antigos : cujas afoens todas ou sam bem notas , ou deles somente sabemos , uma ou outra virtude , mas publica a todo o mundo : ou algum grande privilegio , concedido por-Deus ao dito omem : e este o-engrandecem , com todo o artificio da-Retorica . Mas nos-modernos , cuja vida nam é mui notoria ; é melhor , seguir a ordem dos-tempos , ou virtudes , e explicar toda a vida do-Beato . O grande Orador *Paulo Segneri* , pregando de S.Estevam , engrandece a virtude deste Martir , com varias considerafoens . 1.^a ser S.Estevam o primeiro , que dêse a vida pola Fé . 2.^a tela dado por-uma fé , que entam comesava , e era ainda desconhecida . 3.^a tela dado nam só sem esperansa , de receber aplauzos , mas com certeza moral , de experimentar oprobrios e derrizoens . 4.^a ter dado o proprio sangue por-um , de quem nam tinha recebido , tam privilegiados favores , como receberam os Apostolos . 5.^a porque uma tal asám mereceo , comunicar a Paulo , e outros que o perseguiam , a sua mesma fé . Com este exemplo , se-podem tecer mil panegiricos : advertindo muito , que estes pontos , nam se-devem provar separadamente , como fazem neste Reino ; porque este metodo destrue , a uniformidade do-sermam , e impede o exercicio oratorio : mas de um se-deve pasar a outro , de modo tal que , sem advertir o ouvinte , se-veja introduzido na considera-fam , de uma nova prerogativa ; com que o Pregador vai requir-tando , as virtudes que narra ; e seguidamente o-conduz ao fim , de o-persuadir , que é grande o fugeito , de que se-trata . E nisto se-compreende tudo , o que pertence ao genero laudatorio , quero dizer , aos sermoens em que se-louva alguma pessoa , ou alguma asám de piedade .

A outra especie de sermoens , a que chamam *Morais* , podem em certo modo pertencer , ao genero demonstrativo : o qual nam só compreende , os que louvam alguma asám , mas os que vitupêram outras : como sam os morais , que pintam o *Vicio* mui feio , para mover os Omens , a que abrasem a *Virtude* opolta . Mas como nisto entra a persuazam , e admoestasam , que sam proprias do-genero deliberativo ; podemos chamar-lhe , mixtos de ambos os-generos . Mas chamem-lhe como quizerem , o mesmo artificio , que asima difemos , se-pratica nos-outros ; deve praticar-

se nestes , com sua proporsam : quero dizer , que se-tome um assunto singular , e proprio do-que se-quer dizer ; e que se-busquem argumentos , e se-dilatem demaneira , que sempre se-vá subindo ; para chegar a persuadir-se , o que se-quer . Isto suposto deve o Pregador , fugir de dois extremos : um , de querer agradar muito , dizendo galantarias , e enchendo a orasam de pensamentos sutis , de applicaçoens chimericas , e outras coizas destas : outro , de nam querer agradar coiza alguma , como fazem certos missionarios , que propoem as verdades tam nuas e cruas , que infinitamente dezagradam . Contra os primeiros , ja asima disse alguma coiza , repreendendo as afetaçoens , onde nam entram : sendo certo que nam entram tais coizas , em materias tam sezudas e graves . Mas porque á muita gente , que , querendo fugir do-primeiro defeito , caie no-ultimo ; e para cubrir a propria ignorancia , despreza todos os ornamentos da-Retorica ; é necessario mostrar a estes , o seu ingano , com o exemplo dos-omens doutos , e pios .

O Pregador Evangelico deve instruir , e mover : e nam se-infinuando , no-animo dos-ouvintes , nam conseguirá o persuadilos . Onde , diz com muita razam S.Agostinho (1) , que o Orador Cristam , deve saber uzar , dos-livros dos-Etnicos ; principalmente dos-Reticos , para agradar , e persuadir : o que prova com exemplos , de muitos Padres , que fizeram o mesmo . Semelhante pensamento expoem S. Jeronimo , escrevendo a Magno Orador Romano : e S. Gregorio Nazianzeno diz mui claramente (2) , que todos os seus estudos profanos tinha deixado , menos a Retorica : na qual experimentava todos os dias , infinitas utilidades ; e que dela se-servira , e servia sempre . S. Bazilio , S. Ambrozio , e outros SS. mui doutos nas letras profanas , praticaram o mesmo : e nas suas obras conhecemos nós , como podemos uzar , dos-tais autores . Onde deve o Pregador , ter sempre na memoria , aquelas palavras de S.Agostinho no-lugar citado : *Volumus non solum intelligenter , sed libenter audiri* . e em outra parte : *Nolumus fastidiri etiam quod submisisse dicamus Illa quoque eloquentia generis temperati , apud eloquentem Ecclesiasticum , nec inornata relinquitur , nec indecenter ornatur* . Deve alem diso o Pregador , nam só instruir , e agradar ; mas principalmente mover : o que conseguirá por-meio do-

gene-

(1) *Dè Doctr. Christ. lib.2. n.60.*(2) *Orat. 3.*

gênero sublime, e patetico, quando se trata de persuadir, as obras boas: porque no-saber mover é que consiste, o verdadeiro triumpho da-eloquencia. E para fazer isto, nam se-requerem, como já disse, sutilezas, mas razoens fortes, e bem dispostas, e exageradas. &c.

Isto é obrigafam. Quanto ao meio de o-conseguir, deve, depois de bom fundamento, nas letras humanas, ter grande lisam da-Escritura, e dos-Padres que apontamos: cujas homilias ensinam, como se-deve pregar, para tirar fruto. Nam creio, que aja Pregador ou Missionario, que queira ser mais santo, mais douto, e mas zelante, da-onra de Deus; que os que apontamos, e outros semelhantes, como S. Joam Crizostomo &c. e tendo eles praticado isto, com tanto louvor; eles tambem devem ser, os nosos mestres. Especialmente se-deve ler S. Agostinho, nos-livros de *Doctrina Christiana*, onde explica bem a materia.

Mas porque a maior parte destes, prezados de Criticos, e Retoricos, que nam sabem a historia Ecclesiastica, nem Literaria; entenderám, que estes Padres só cuidavam na virtude, e nam sam bons para se-imitarem, na eloquencia &c. será necesario explicarlhe, em breve, quem eles eram. *Bazilio Cesareense*, ou Magno, de quem aqui falamos, estudou muitos anos, na mais famoza escola, que era Atenas. foi um dos-mais famosos Filozofos, Gramatico, e Retorico insignifimo. as suas homilias sam um perfeitissimo modelo de eloquencia: e o grande Photio chega a dizer, que se-podem igualar, a Demostenes. Leva a palma principalmente, nos-Panegiricos. *Gregorio Nisseno* seguiu as pasadas, de seu irmao *Bazilio*; foi publico profesor de Retorica, e insigne Filozofo: e tam amante das-letras profanas, e especialmente da-Retorica, que S. Gregorio Nazianzeno, amigo comum de ambos, na carta 43. condena, este seu nimio estudo. O estylo dele é sublime, e juntamente agradavel. *S. Gregorio Nazianzeno* foi condicipulo, e amigo de S. Bazilio. Na eloquencia querem muitos, que exceda ao mesmo Bazilio. finalmente é tam sublime na pureza, e elegancia; que o grande Erasmo diz, que nam se-pode traduzir bem em Latim, por-cauza da-magnificencia &c. *S. Ambrozio* era eruditissimo em Grego, e Latim, mais doque comumente se-nam-cre. o seu estylo é concizo, e agudo, e quazi semelhante ao de Seneca; aindaque melhor. Nam era grande Retorico: mas é fluido, e proprio para convencer os erros com doutrina, piedade, e gravidade:

dade. *S. Jeronimo* todos sabem que era um homem eloquentíssimo, em Latim, e Grego &c. e mui versado nos-livros dos-Etnicos, e na Filozofia Grega, e Historia; e sumamente veemente: Onde pode-se aprender nele, muita coiza boa. *S. Agostinho* ainda que nem na pureza da-lingua, nem no-estilo seja igual a *Jeronimo*, e outros acima; contudo na futeleza, e no-mesmo tempo na profundidade do-juizo, talvez o-excede. Certamente que ainda que fôse, professor de Retorica, nam fez grande aproveitamento; nem chegou à erudisam dos-outros. Mas dele se-pode aprender muito: principalmente nos-ditos livros de *Doctrina Christiana*, em que ensina que doctes se-requerem, para interpretar bem as Escrituras; e fazer as outras obrigaçoens de um Ecclesiastico. Assim que dele se-podem aprender, muitos ditames. *S. Joam Crizostomo* tambem era doutissimo. Alem da-pureza da-lingua, que parece um verdadeiro Atico, une trez coizas admiravelmente; que sam a facundia, a erudisam, e a facilidade: desorte que ninguem tratou as materias, com mais clareza, e naturalidade. Alem diso é singular nisto, que acomodou a sua doutrina, à capacidade dos-ouvintes; e por-isto agrada à todos; em modo que para pregar ao povo, as suas obras ensinam muito. Estes sam os Santos, que propomos ao estudante; e nam só porque sam santos, e mui versados nas doutrinas sagradas; mas especialmente porque o-sam nas profanas: com as quais formáram o bom gosto, e intendêram melhor as sagradas. Porque muitos nam tem, estes principios de letras humanas, applicadas às divinas; por-isto vemos tantos Pregadores, que nam sabem abrir a boca. E porque nas mesmas letras humanas, muitos as-nam-estudáram como deviam, nem chegarã a conhecer, qual era o bom gosto, da-Eloquencia; por-isto tambem V.P. ve todos os dias omens, que nam só nam sabem, fazer um papel soffivelmente; mas nem menos conhecer nos-outros, as delicadezas da-Oratoria. Desorte que se acazo lhe-mostram, uma orasam bem feita; nam lhe agrada: ou só vam buscar nela, as coizas menos soffriveis; palavrinhas, e coizas semelhantes: sem olharem para o todo da-orasam, para a proporçam, e dispozisam das-partes, o modo de dilatar os argumentos, de aclarar uma verdade; a verosimilidade dos-mesmos argumentos, e outras particularidades, em que consiste a eloquencia. A este modo pois de examinar, como eles fazem, chamo eu, julgar com os cotovelos: e tudo isto nasce, de terem estudado mal.

Tambem outra coiza importante , deve advertir o Pregador , que sam as afoens . parece isto nada , e é uma principal parte na Oratoria . Nisto pecam bastantemente em Portugal . Vemos Pregadores , que peneiram no-pulpito , movendo os braços e maons horizontalmente , com afetavam vergonhoza . vemos outros , que amafam , e dam estocadas com os braços , arregafando as mangas , e fazendo mil coizas e posturas improprias . Nam pode V.P. crer , quanto isto desfigura ó Orador , e esfria o animo dos-que o-ou-vem . Um papel bom , quando é mal representado , nam vale nada : o que todos os dias experimentamos . Bem nota é a istoria de Demosthenes , o qual tendo ja dezesperado , de poder orar em público , pola infelicidade da-sua pronuncia ; um Comediante o animou , com a esperansa de representar bem : e deo-lhe tais lisoens , que foi a cauza principal , do-grande nome , e aceitavam que ao despois teve .

Os Romanos , que sabiam quanto importava , representar bem o seu papel , desorte se-exercitavam nisto , que tomavam lisoens dos-Comediantes ; como o mesmo Cicero de si confesa . E com efeito , nam podiam tomar melhores mestres : porque os Comicos eram tam insignes nisto , que falavam semente , com as afoens . Nos-ultimos tempos da-Republica , se-introduziram nos teatros , os Pantominos : que era uma especie de Comediantes , que com as afoens semente explicavam , o que outro , que estava imovel no-fim do-teatro , dizia . Desorteque um falava ; e o Pantomimo animava com a asám , a exprefam do-outro . Tal era a diligencia , com que sabiam com a asám , acompanhar os movimentos do-animo ! Isto faziam aqueles que sabiam , que coiza era Retorica : e isto deve fazer qualquer omem , que á-de orar em publico .

Os nosos Italianos sam os unicos , entre todas as Nafuens , que melhor exprimam com a asám , o que dizem : e nam só quando oram , mas tambem quando recitam versos . Os Inglezes nam se-movem , quando recitam : os Francezes esfogueteiam , e cantam : os Espanhoes choram : outros tem outros defeitos . Mas pola maior parte convem todos , que os Italianos , sam os mais exprefivos : e um grande ingenho Francez , do-seculo pasado , chegou a dizer , que os nosos Italianos naturalmente eram , Comediantes . Poem em Portugal , á muita falta disto . Dos-Pregadores é notorio , que nam só lhe-falta a asám , mas até o tom da-voz , que nam acompanha com a asám . Confeso a V.P. que nunca pu-
de

de sofrer a afetação , com que muitos pregam a Paixam ; ou as Lagrimas . Estudam uma voz flebile , mas com modo tal , que em lugar de fazer chorar , provoca o riso : muito mais se consideramos o que dizem , com a dita voz flebile . Eles circunferem o estilo patetico , na dita voz : e afentam que ela basta , para mover . Loucuras ! O mesmo digo , quando fazem a exclamação para o Sepulcro , nos-fermoens de Quaresma . todo o ponto está , em gritar muito : pedir mil misericordias : e com isto se-contentam . Mas a falar a verdade , elles nam sabem o seu officio . O estilo patetico , é a coiza mais difficulzoza , da-Retorica , como confessa Cicero (1) : e nele é que consiste o triumpho , e aplauzo da-eloquencia . Nam é pequena difficuldade , ou para melhor dizer , é coiza admiravel , que as palavras que profere um omem , ajam de mover em mil ouvintes , os mesmos sentimentos , que quer o Orador : amor da-Virtude : odio do-Vicio : aborrecimento de si mesmo ! Que cuida V.P. que será necesario , para conseguir isto ? E' necessaria doutrina admiravel : particular conhecimento das-paixoes humanas ; como se-excitam , e adormecem : asoens proprias : e em uma palavra , saber uzar das-Figuras , na ultima perfeisam : e isto nam se-faz com voz flebile , nem com gritarias , mas com outras virtudes oratorias . Nam digo , que quem prega estes sermoens , esteja rindo : digo sim , que deixe aquelas afetações , e reconheça em que consiste , o mover os animos : qual é a asám , qual a voz proporcionada .

Mas pior que tudo é , quando recitam versos : rarissimo vi , que pronunciáse verso bem . Comumente vam detraz do-consoante , e fazem pausa , nam no-fim do-sentido , mas no-fim do-verso : o que é erro manifesto . Parece isto pior , quando recitam versos Latinos , nós-quais nam á consoante : de que vem , que um *carmen* pronunciado por-um deles , e por-outro que o-faiba animar com a voz , e asám , parece diferente . Este defeito deve emendar o omem , que quer ser perfeito . deve exercitar-se em caza , diante de algum amigo bem informado ; para ver , se expremio bem , a asám que quer . Só assim conseguirá , ser ouvido com gosto .

Mas eu quero parar , neste ponto : porque se deixo correr a pená , em lugar de reflexoens , escreverei um tratado de Retorica .

(1) *Cicer. de Orat. n.37.*

ta . Reconheço que já caí , no-mesmo defeito que condeno : mas a materia é tam fecunda , e as reflexoens occorreram-me , com tanta promptidam , que nam pude deixar , de as-admetir . Direi porrem a V. P. , que lendo o que tenho escrito , acho que é sufficiente , para introduzir um mofo no-estudo , da-verdadeira Eloquencia : e quem se-capacitar bem destas reflexoens ; e comesar a ler os bons autores , tanto Latinos , como Vulgares ; e observar neles , o artificio das-orasoens ; sem ler mais outra Retorica , pode sair gravissimo Orador . Esta prezunsam nam nacc. de mim , mas da-mesma qualidade dos-preccitos : os quais sam tam antigos , como os Oradores : que é o mesmo que dizer , sam os mesmos que executou Demostenes , e Eschinez , e Isocrates : que nos-deixou escritos Aristoteles , Demetrio , e Longino : que praticou e ensinou com tanto louvor Cicero , M. Seneca , e Quintiliano , e outros autores antigos . As Retoricas comuas nam apontam , senam alguns nomes , que eu aqui nam quiz apontar : sem saber os quais , pode um omem ser , muito bem Retorico , se souber imitar estes treslados . Como tambem pode um omem , com exata lisam de bons livros , discorrer bem , sem saber as especies de filogismos , que apontam os Logicos .

Neste pouco que tenho proposto , cuido que cheguei , ao verdadeiro principio da-Eloquencia . Nam aponteí o artificio , dos-diversos estados de controversias oratorias ; porque nam era esse o meu argumento ; nem tambem se-acha , nas Retoricas ordinarias : e semente se-pode aprender , nos-mesmos autores originaes . O meu Religiozo que asima aponto , explica muito bem estes artificios , dando os exemplos originaes : mas tambem se-demora com mirucias : e como escreve em lingua estrangeira , nam é para o caso . Outros , de que eu me-aproveitei mui bem , tambem escrevem em linguas estrangeiras , ou sam difuzissimos . Neste caso para dizer a V. P. o meu parecer , aconselho ao estudante Portuguez , que nam tem alguma boa Retorica Portugueza ; que , depois de intender bem , o que aqui lhe-aponto , tome alguma ideia , da-distribusam da-orasam ; a saber , exordio , narrasam , provas , epilogo : que leia brevemente , o nome das-figuras das-palavras , e do-animo : o que o mestre facilmente podia explicar . Posto isto , segue-se ler um autor Portuguez , no-qual possa fazer , as reflexoens necessarias . Mas aqui esta a dificuldade : e eu que nam costum. o enganar ninguem , devendo dizer-lhe sinceramente o que intendo ;

digo, que nam acho algum, que possa ser modelo.

Dos-fermoens nam tenho que dizer, sendoque ja expliquei, o que eram. As orasoens Academicas, que se-lem nos-Anonimos &c. nam merecem que se-leiam. Algum elogio da-Academia Real, que é mais toleravel, peca por-outro principio: porque é mera historia, sem artificio algum retorico. * * * E aos que respondem, que tambem os Francezes praticam o mesmo, nos-elogios dos-seus Academicos; respondo o mesmo: que os ditos elogios sam historias, é nam panegiricos: e assim o-julgam todos, os que tem voto na materia. Li nam á muitos dias o do-Cardial de Polignac, que teve ultimamente seus aplauzos: e achei que o autor, se-ouvêse de escrever a historia do-dito, nam se-fer-viria, nem de outras palavras, nem pensamentos, nem frases. Com effeito eu julgo, que aqueles omens nam querem fazer outra coiza, que explicar em breve, a vida, e merecimentos dos-seus Academicos. Onde: como eles nos-dispensem, de lhe-chamar orasam, ou panegirico; concedemos-lhe tudo o mais; mas devemos porem reconhecer, que nam sam obras no-genero Oratorio: e que nam sam para se-imitarem. Onde neste caso deve o mestre, tomar sobre si o trabalho, de explicar tudo em Cicero; servindo-se para isto do-P. Cigne Jezuita: o qual, seguindo o metodo de um certo Inglez, faz a analize das-orasoens de Cicero. E assim nelas deve o mestre, mostrar o artificio da-Oratoria, fazendo as seguintes reflexoens. Notar primeiro a forsa das-razoens, dispostas com boa ordem, unidas naturalmente, e amplificadas com artificio. Notar a verosimilidade das-ideias: a pureza e elegancia das-palavras: a moderasam e propriedade dos-epitetos: o numero oratorio, que consiste em certa colocasam armonioza de palavras, mas que nam degenera em verso: a introdusam das-figuras, quando é necesario excitar as paixoens: as precausoens que observa, para nam dezagradar. Observando bem isto, na lisam dos-autores, bastava para conseguir, o bom gosto da-Eloquencia.

Deve porem unir-se com isto, o exercicio. Onde o mestre comporá, uma breve orasam Portugueza, segundo as regras da-arte: e mostrará nela aos dicipulos, o artificio e galantaria dela. Fazendo-se isto em Portuguez, facilmente se-aprende: e só assim podem eles, intender bem os preceitos, e executálos. Isto nam fazem em Portugal os mestres, e quazi se-envergonham, de escrever em Portuguez: sem advertirem, que a Retorica nestes paizes,
mais

mais se-exercita em Vulgar, que em Latim. Mas por-esta razam succede, que saiem todos da-Retorica, sem saberem dela mais, que o nome. Porem, tornando ao estudante, tendo-lhe proposto um modelo, de fazer uma breve orasam; será necessario exercitalo. Isto facilmente se-faz, propondo-lhe na escola um assunto, e perguntando-lhe, o que eles diriam em tal cazo, para defender v.g. ou acuzar aquella pessoa. Certamente um rapaz com a logica natural, dirá algumas razoes, que lhe-ocorrem: pois vemos, que a nenhum rapaz faltam razoes, para se-desculpar dos-erros que faz, quando o-querem castigar. A um rapaz pode dar, a incumbencia de acuzar, e a outro de defender. Depois que ambos tem dito o seu parecer, deverá o mestre, suministrar alguma razam mais; é ordenar aos rapazes, que as-escrevam, e saiam as suas orasoens, do-melhor modo que puderem. Isto feito, deve o mestre emendar os erros, tanto de lingua, como de Retorica; dando-lhe razam, de tudo o que faz: e variando successivamente os assuntos. Desta sorte aprende-se mais Retorica, em uma semana; doque polo metodo vulgar, em dez anos.

Quando o estudante sabe bem, que coiza é Retorica, neste do-ano se-pode empregar, em compor orasoens Latinas: ou traduzindo, as que compoz em Portuguez, o que é mais acertado ao principio: ou compondo outras novas. Para quem ja entende Latim, e sabe compor bem em Portuguez, isto é um divertimento, sem ter difficuldade alguma. Terá pois o mestre cuidado, de lhe-encomendar, que leia os trez livros de *Oratore* de Cicero, e *Orator ad M. Brutum*, como tambem o de *Oratoriis Partitionibus*: os quais dois ultimos sam a quinta essencia, de toda a Retorica. Encomende-lhe que se-familiarize, com as Orasoens de Cicero, para aprender os seus modos de explicar. As outras reflexoens sam iguais, em ambas as linguas, com sua proporçam: e tambem o modo de emendar os defeitos, que os estudantes cometem. Desta sorte é sem duvida que em um ano, podiam saber muito facilmente Retorica, e mui solidamente.

Quanto aos mestres, sou de parecer, que leiam atentamente, nam só os ditos livros, que apontamos de Cicero, e alguns outros, pertencentes tambem à Retorica; mas os de Quintiliano, em que faz belissimas reflexoens, sobre ella. Valla diz (1), que

(1) L. I. *Antidot. in Pog.*

ninguem pode, intender bem Quintiliano, sem primeiro saber bem Cicero: nem menos seguir perfeitamente Cicero, sem obedecer aos preceitos, de Quintiliano. O certo é, que Quintiliano é um Retorico insigne, e um grande Critico, que toda a sua vida empregou em refletir, e ensinar: e tem maravilhoza eloquencia: e dele podem tirar os mestres, as necessarias reflexoens, para comunicar a seu tempo, aos rapazes. Se o mestre quizesse, mais alguma noticia particular, e ver as fontes, de toda a Retorica; devia ler os livros Retoricos de Aristoteles, que é o mestre nesta materia, e os ditos sam a sua melhor obra: nela bebèram todos. Podia servir-se da-versam Latina, se nam intendêse o Grego. A este ajunto um famoso Critico, e Retorico, que é Dionizio Longino, no-seu tratadinho de *Sublimi stilo*: em que faz admiraveis reflexoens, servindo-se tambem da-Verfam (1). É quem quizesse mais, podia ler o Demetrio Falereo: aindaque nos-outros acha-se tudo. A estes quatro, Aristoteles, Cicero, Quintiliano, e Longino, se-reduz tudo o que á melhor na Antiguidade, sobre a Retorica. Aconselharia tambem ao mestre, que lese os panegiricos Latinos, que temos dos-Antigos, comefando em Plinio, e passando aos outros que se intitulam, *Panegyrici Veteres*; que cuidosam uns quinze, compostos no-quarto, e quinto seculo: nam para os-seguir em tudo: mas para os-conferir com os antigos, ver em que diferem, e aproveitar-se deles, em alguma coiza menos má. Advertindo nestes ultimos, que o que aconselhamos nam é a lingua, que tem seus defeitos; mas algum pensamento &c. Retoricas modernas nam aconselho nenhuma, nem a dicipulos, nem a mestres: tirando o Vossio, nas suas Instituisoens Oratorias, que é famoso: o qual podiam ler uns, e outros, quando quizessem particularizar, alguma noticia. Aindaque quem le, e entende bem, o livro *Orator* de Cicero, nam necessita mais: mas como é breve, pode-se permitir, ler alguma coiza mais.

Aconselharia tambem, que aprendesem bem a lingua Italiana, para lerem as famozas tradusoens que se-acham, dos-Antigos Oradores Gregos, e Romanos, feitas por-omens insignes: como tambem para lerem as belisimas obras, em materia de Eloquencia; que os nosos Italianos tem produzido, e produzem todos os dias.

Nin-

(1) Imprimio-se este autor; *quilli Fabri, Salmurij anno 1663. Grace & Latine, cum notis Tana-* in 8:

Ninguem nos-disputa a prerogativa, de que a Eloquencia sempre se-conservou, em Italia. Os Francezes, que nam cedem facilmente, no-particular de literatura, fazem-nos este elogio. E ainda-que eles abundem de omens doutos, nesta faculdade; vemos que na Italia se-conservou sempre, com mais extensam, e pureza. Quem le o P. Paulo Segneri Jezuita, o Cardial Caffini Capuchinho, e ainda o mesmo Monsenhor Barberini, tambem Capuchinho, e mil outros de diversas Religioens, e Seculares sem numero; parece-lhe que conversa, com o mesmo Cicero: porque formados sobre estes antigos modelos, em nada se-distinguem, dos-originaes. Acrecenta-se a isto a lingua, que, despois da-Latina, é a mais bela, e armonica, para a Eloquencia. Tem mais os Modernos, outra circumstancia; vem afer, que tendo-se applicado a diversas materias, nam só profanas, mas sagradas, de que nam á vestigio, nos-antigos Retoricos; fizeram aos nosos olhos mais familiar esta faculdade, e mais facil de se-imitar: porque dam bellimos exemplos, em tudo. Desta sorte familiarizando-se muito, com os Antigos, e Modernos; observando em que diferem, e em que sam louvados; se-pode conseguir, a verdadeira Eloquencia.

Conheço, que se eu faláse com outra pessoa, que nam fosse V. P. se-escandalizaria muito, que eu nam aconselháse aqui, a leitura do-P. Vieira, do-Baram Conego Regular, do-Bispo de Martiria, do-Arcebispo de Cranganor, e de alguns outros, que nam aponto; persuadindo-se, que estes omens sam originais, de toda a estimasam. E nam sei se V. P., aindaque superior no-criterio aos outros, intende, que algum deles podia ter lugar, entre outros que louvo. Mas eu, meu amigo e senhor, nam tenho nisto parcialidade alguma; e julgo, segundo o que intendo, na minha consciencia. Verdadeiramente é coiza indigna, de todo o omem ingenuo, quanto mais de um Religiozo; desprezar autores, que o-nam-merefam, e sejam em simesmos dignos, de todo o louvor: mas nam é menos indigno, a provar um escritor, contra aquilo que intendo. Eu ja fiz a minha solene protesta, na primeira carta, e nesta da-Retorica tambem; que nam pertendia defraudar ninguem, da-sua justa estimasam: e novamente aqui repito, que estimo infinitamente qualquer destes Religiozos: mas eu os-distingo muito das-suas obras, que nada estimo.

E comesando polo mais famoso, o P. Vieira teve mui bom talen-

talento ; grande facilidade para se-explicar ; falou mui bem a sua lingua ; e nas suas cartas é autor , que se-pode ler com gosto, e utilidade. Quanto aos sermoens , e orasoens , deixou-se arrebatado , do-estilo do-seu tempo ; e talvez foi aquelle que com o seu exemplo , deu materia a tanta futilidade , que sam as que destruem a Eloquencia. Nos-seus sermoens , nam achará V. P. artificio algum retorico ; nem uma Eloquencia que persuade . Muitos , que gostam daquellas galantarias , lendo-o fãrã divertidos : mas nenhum cmem de juizo exato , fãrã persuadido delas . Sam daquellas teias de aranha , bonitas para se-observarem , mas que nam prendem ninguem . Eu comparo esta sorte de sermoens , aos equivocos : que parecem bonitos , quando se-cuem a primeira vez ; mas quando se-examinam de perto , nam concluem nada . Porque finalmente se V. P. le os tais sermoens , e examina as provas e artificio delas ; verá muitas coizas , que cheiram a Metafizica das-escolas ; mas nam achará alguma , das-que afima aponto , como necessarias . Os exemplos que afima aponte , sam comumente tirados , dos-seus sermoens : e com eles à vista , poderá V. P. conhecer , quantas coizas eu deixei , que podia apontar . Se pois isto se-chama pregar , e pregar bem , eu o-deixo considerar , aos dezapaxxonados .

O desejo que o P. Antonio Vieira , em quazi todos os sermoens mostra , de agradar ao Publico , ainda quando às vezes o-critica ; deixa bem comprehender , que se conformava muito , com o estilo corrupto do-seu seculo . Tinha ingenho , imaginasã fecunda , e deixando-se conduzir , do-impeto do-seu fogo , ou talvez procurando de excitar em si , uma especie de entusiasmo ; rompia nas primeiras ideias , que lhe-ocorriam ; que sempre eram sutis , polo costume que tinha , de ideiar assim . Eu falo com V.P. que tem grande noticia dos-ditos sermoens , em virtude da-qual conhece , com que razão eu-digo isto : que se-falãse com outro , seria mui facil , provar tudo quanto escrevo . Mas nam pôso deixar de insinuar , que a maior prova do-que proponho , é a sua decantada obra , *Clavis Prophetarum* : de que nos-dá uma ideia , no-livro que intitula , *Historia do-Futuro* . Neste livro acha V.P. , uma chimera mui bem-ideiada , e que a ninguem mais occorre . Promete provar primeiro , que á-de aver no-mundo , um novo Imperio : mostrar , que Imperio á-de ser : determinar , as suas grandezas e felicidades : explicar , por-que meios se-á-de introduzir : individuar , em que terra , em que

que tempo , e em que peſoa á-de comeſar eſte Imperio (1) : o qual á-de fer tam grande como todo o mundo , ſem iperbole ; nem ſinedoche (2) . Prova iſto ; ſegundo diz , com uma profecia de S. Frei Gil : com o juramento d' El-Rei D. Afonſo : e com outras provas deſte calibre . Diz tambem , que a maior parte ; á-de fair dá-Eſcritura ; na qual eſtam reveladas , todas eſtas coizas . Quanto ao Imperador , aindaque claramente ô-nam-explica , dá muito bem a entender , que fairá de Portugal ; porque aos Portuguezes é que propoem , eſtas felicidades . Alem diſto em outra parte (3) declara mui bem , que eſte Imperador ferá o filho primogenito , do-Sereniſſimo Rei D. Pedro II. e pretende proválo com os meſmos fundamentos , com que prova o Imperio , na Iſtoria do-Futuro . E nas cartas que eſcreve , a algumas peſoas , lhe-explica , que as felicidades de Portugal , eſtam muito vizinhas .

Eu nam entro aqui a diſputar , ſe eſtes fundamentos , (nam ſalo das-Eſcrituras , pois é loucura perſuadir-ſe , que ſalam em tal materia) ſejam baſtantes , para afirmar tal paradoxo : é bem claro , que iſto tem apparencias de comedia ; e bem parece obra feita , para divertir o tempo . Mas aindaque foſe verdade , que as conquiſtas feitas , eſtivesſem tam diſtintamente profetizadas , na Sagrada eſcritura ; e deſpois do-ſuceſo ſe-intendefſem ; fica em pé a difficuldade , de tirar da-Eſcritura , as conquiſtas futuras , deſte novo Imperador . E quanto aos expoſitores que ele aponta , e às profecias deſtes modernos , em que ſe-funda ; creio nam faremos injuria ao P. Vieira , ſe nos-rirmos de todas eſtas provas , esperando , que as-procure mais fundadas . Mas o que digo a V.P. é , que na diſpoziſam deſte livro preambulo , ſe-ve o eſtilo do-P. Antonio Vieira : porque tudo prova com a Eſcritura . Ainda as coizas mais triviaes , as profanas , e a meſma juſtiſſima exaltam de D. Joam IV. ele as-quer provar aos Eſpanhoes , com as Eſcrituras . O prior é , que pola major parte , funda-ſe em palavrinhas da-Vulgata . E eſte é mui maõ modo de interpretar : porque nam tendo Deus falado em Latim , mas em Ebraico , Caldaico , e alguma coiza em Grego ; é neceſario ſaber eſtas linguas , para alcanſar , a verdadeira intelligencia do-original . Sem eſtas preparaçoens ,
nenhum .

(1) *Iſtoria do-Futuro Cap. III. deſempenhada .§. VIII. = Sermam da-Palavra do-Pregador empenhada , e deſendida . §. II.*

(2) *Ibidem. num. 32.*

(3) *Sermam da-Palavra de Deus*

nenhum interprete se-mete a dizer, coizas novas: mostrando a experiencia, que comunemente se-enganam, e só podem dizer, futilidades pouco soffríveis.

E eu creio que nam sam mui toleraveis, as que ele aqui escreve: observando-se summa contrariedade, na interpretaçam que dá, aos seus mesmos fundamentos. Umaz vezes, a decimasexta geraçam, é o Cardial Rei D. Enrique: (2) e ainda lhe-faz a merce, de nam contar a vida d'El-Rei D. Alfonso I. que cuida devia ser o primeiro, no catalogo. Outras vezes, a decimasexta geraçam é D. Joam IV.; e D. Pedro II. é a prole atenuada (3): e como ao dito Rei nam se-pode aplicar, a palavra *atenuada*; procura applicála a seu filho, o Principe entam nacido. Eisque morre o tal Principe ainda menino: Neste cazo o noso interprete excozita a faida, de lhe-ir dar no-Ceo, a investidura do-Imperio (4): e comesa com outra metafizica pior, que a primeira. Finalmente despois de muitas observaçoens, fica desmentida a verdade, do-juramento d'El-Rei D. Alfonso: e o Imperio do-mundo, que tam claramente estava profetizado, e prometido ao tal Principe, lá vai polos ares: e nem menos á apparencia, que se-torne outra vez a restablecer: pois do-tempo em que ele escrevia até este, vam bons 80. anos; e ainda nam vemos apparencias diso. Eis aqui tem V. P. o que sam todas estas chimeras, da-Istoria do-Futuro; e das-coizas que tem parentesco, com ela.

Ora estas futilidades do-P. Vieira, cuida que tem arruinado; muita gente: porque formando grande conceito, do-seu talento; o-imitáram tanto à letra, que nada agiadou, que nam cheiráse ao mesmo estylo. Já é coiza muito antiga, que em materia de literatura, um omem seja o treslado, para que olhem os outros do-seu tempo. Quando em uma Cidade um fugeito consegue, fama de eloquente, os outros o-imitam; e às vezes por-seculos inteiros, se-conserva o mesmo estylo (1). Aquele Seneca a quem chamam o Filozofa, nam se-duvida, que tinha grande ingenho,

(2) *Istoria do-Futuro*. C. VIII. nu. 122.

(3) *Palavra de Deus empenhada*. §. VIII. num. 4.º = *Sermam da Palavra de Deus deçempenhada*. §. II.

(4) *Palavra do-Pregador empenhada, e defendida*. §. III.

(1) *Hæ vitia unus aliquis inducit, sub quo eloquentia est: ceteri imitantur, & alter alteri tradunt*, Seneca *Epist.* 115.

genho; e doutrina: mas quefendo-fe singularizar; entre os antecedentes, comefou a fazer um effilo tam florido; que foi a primeira cauza, de fe-perder o bom gofio da-Eloquencia, que reinára no-tempo de Augusto. *Multa in eo claraque sententia*: (diz um Orador grande) *multa etiam morum gratia legenda: sed in eloquendo corrupta pleraque: atque eo perniciosissima, quod abundant dulcibus vitiis. Velles eum suo igenio dixisse, alieno iudicio. nam si aliqua contempfisset, si parum concupiffet, si non omnia sua amafset, si rerum pondera minutiffimis sententiis non fregiffet; consensu potius eruditorum, quam puerorum amore comprobaretur.* (1). Palavras que me-parecem cortadas, para o P. Antonio Vieira: do-qual creio que se-pode dizer, que se, fervindo-fe do-feu ingenho, seguífe outro effilo; seria um grande omem: quando porem nam se-occupáfe com o argumento, da-Hftoria do-Futuro.

E daqui compreenderá V.P. que conceito se-deve formar, da-queles muitos epitetos, com que os apaixonados o-louvam. Chamam-lhe, *Mestre do-pulpito: Principe dos-Oradores: Mestre universal de todos os declamadores Evangelicos: Aguia Evangelica*: e mil coizas destas. Outros lem as suas obras de joelhos, em final de respeito; e á omens de tam pouca considerafam, que imprimem estas noticias (2); e nam se-envergonham de dizer, *Que o mundo sem contradifam; lhe-deo a coroa; de Principe dos-Oradores*: Mas este censor, que nam fez maior jornada, que de Lisboa a Madrid; nam era juiz competente, nesta materia: nam só, porque tinha visto pouco mundo; mas porque tendo fomentado conversado, com os que liam o Vieira de joelhos; e nam sendo a Eloquencia, e belas Letras profifam sua, segundo mostra; tinha impedimento dirimente, para votar com acerto, Isto pois que digo destes; applico a todos os outros. Criados com o prejuizo, de que o Vieira foi, um grande Orador; e ouvindo sempre, repetir isto aos velhos, que bebêram aquella doutrina; nam é maravilha, que digam tantas coizas dele, e que o-imitem tam cegamente.

V.P. pode fazer uma experiencia, que eu ja fiz, e vem afer: quando ouvir a um destes, gabar muito o Vieira, e louválo com alguns dos-ditos epitetos; faza-me a merce de lhe-proguntar primeiramente, emque confifte ser grande Orador: depois, que lhe-ex-

TOM. I.

D d

pli-

(1) *Quintiliano*: ... mo das-Cartas do-Vieira, por-

(2) *Aprovasam do-primeiro to Alexandre Ferreira.*

plique ; que qualidades oratorias sam , as que excedem no-P.Vieira . Se lhe-responder bem ao primeiro ponto , estou certo , que nam responderá ao segundo : mas a experiencia mostrará , que o primeiro nam terá resposta . Eu aindaque nam costume ofender ninguem , e muito menos na sua cara ; achando-me porem com certa pefoa , que me-dise maravilhas de-tal autor , rezolvi-me a fazer-lhe esta progunta . Leu V.M. bem as obras de Lyfias , Ifocrates , Ifeus , Demostenes , Eschines , Teofraſto , e Cicero , e tudo o que á de bom na Antiguidade ? obſervou miudamente as delicadezas , e ſingularidades daqueles ; e á diferenſa que ſe-acha entre eles , e Plinio , e alguns outros mais inferiores , como Nazario , Auzonio , Pacato &c. ? leu os antigos Retoricos , Ariftoteles , Cicero , Quintiliano &c. ou algum deſtes modernos , que deram belifimos preceitos , como Voffio , Cavalcanti , e Platina : e outros que nas ſuas oraſoens os-executáram , como Policiano , Mureto , Vavaſſor , Cuneo , Gravina , Paolino , Politi &c. ? Diz , nam ſenhor . Pois ſem tais preparaſoens , conclui eu , nam entro em diſcurſo com V. M. ſobre eſtas materias , porque nos-nam-intenderemos . Onde vem V. P. a conhecer , que as aprovaſoens deſtes omens , nam devem fazer forſa a ninguem , para reconhecer por-grande Orador , o P. Vieira .

Eu que tenho viſto mais algum mundo : e falado com baſtante gente douta : e conhecido em Roma omens , que tinham tratado , com os que ouviram o P. Vieira : nam achei nada do-que ouſo dizer dele . Bem ſim , que foi um Religiozo eſtimavel , polas ſuas prendas , e virtudes : o que tudo pode eſtar , ſem ſer meſtre dos-Oradores . Falei com muitos Religiozos da-Companhia , que tinham dele perfeita noticia ; e me-faláram como de um omem , que era eſtimado em Portugal , mas nam em Roma . Acrescente V.P. a iſto , que muitos opuſculos do-Vieira , foram compoſtos em Italiano : e até os meſmos ſermoens ſe-acham traduzidos nele , por-um ſeu apaixonado , ao menos um tomo que vi á anos : e aſim pode-ſe julgar , com todo o conhecimento da-materia . Vejo ſim , que os meſmos Jezuitas , e todos os omens doutos , reconhecem o merecimento , do-P.Paulo Segneri Jezuita , e de varios outros Oradores da-meſma , e de diferente Religiam ; que ſam reconhecidos e venerados , como Oradores da-primeira eſfera : e que tanto ſe-diſtinguem dos-ſermoens do-Vieira , como o dia da-noite . De que venho a concluir , que quatro Portuguezes , ou Eſpanhoes , que di-

dizem o contrario, nam podem fazer mudar de conceito, ao mundo inteligente.

Ainda nas suas mesmas cartas, que louvo, acho coizas que reprovar. Deste numero é a afetação, de repetir em cada regra, e tratamento da-pessoa, com quem fala. Pois aindaque nos-discursos familiares, possa ter às vezes lugar isto; nas-cartas, é enfadonho: e as pessoas, e Nasoens cultas, fogem todas desse vicio. Nem vale o-dizer, que em Latim se-costuma: porque na tal lingua, nam ofende os ouvidos; vistoque o tratamento comumente nam se-distingue, das-diversas inflexoens do-Verbo. Os nosos Italianos, que participam mais do-Latim, uzam da-palavra *Ella*, para evitarem aquella repetição: e ainda esta com moderação. E oje os que escrevem melhor, depois de darem o tratamento, uma ou duas vezes, ou em carta particular, ou prologo de livro; servem-se da-palavra *Vossa*, que se-refere a *Alteza*, *Eminencia*, *Santidade*, *Excelencia* &c. nam só porque esta Elipsi, nam prejudica, ao respeito que se-deve, aos Senhores grandes; mas porque sendo mais simplicidade e natural, é tambem mais nobre; e se-evita a ridicula afetação de alguns modernos, chegando-se mais ao estylo, da-Antiguidade. E, valha a verdade, este periodo: *Excelentissimo senhor, a excelentissima pessoa de Vossa Excelencia guarde Deus, como Portugal, e os criados de Vossa Excelencia avemos mister*: com que o Vieira fecha muitas cartas, ao Marquez de Gouveia, e outras pessoas; nam se-pode ler sem nauzea: achando-se muitas vezes, em quatro regras das-suas cartas, cinco vezes *Vossa Senhoria* &c.

O segundo reparo cahe, sobre a fetação de muitos periodos, e cartas inteiras. O que o mesmo coletor delas nam oculta, quando diz, que muitas nam publicára, por-nam serem tanto naturais. De que eu cuido, nam se-pode produzir melhor prova, que a carta que o P. Argote publicou, nas suas Regras Portuguezas; e que é escrita ao Cardial Lancastro: a qual é composta naquelle estylo, que chamamos *dos-Seicentos*. Basta ler o primeiro periodo: *Com melhor saude, que o ano pasado; e com menos vida, porque ele passou*: a segunda parte do-qual, é noticia mui digna, de se-mandar a um Cardial, porque é coiza mui recondita. O que se-segue no-segundo paragrafo, sam, *Sepulturas do-segredo: resurreiçoens da-confiança: exequias no-templo do-dezengano: estatuas da-ingravidam*, e coizas semelhantes, que oje tem raso. E nam sei se

se-pode perdoar ; a um omem douto como o P. Argote , o trazer a tal carta , para exemplo de construfam facil , e boa locufam , Conhefo ; que muitas vezes as cartas d'amefma pefoa , nam fãm iguais : ou porque algumas escreveo , quando era mofo , e fãbia pouco ; ou porque as-fez muito em prefa . Conhefo isto , e o-perdoo : o que reproveo é ; que o coletor nam foubefe feparar umas das-outras ; impremindo as melhores .

E aqui noto incidentemente , que o que fez o prologo da-colẽfãm ; que eu ignoro quem fofo , dife uma falſidade , quando affirmou ; *Que nas linguas vulgares , tem todas as Naçoens escritores , mas nam em grande numero , deſte eſtilo* . Eu lhe-pofo nomiar , fõmente na Italiana , nam digo duzias , mas centos : publicadas muitos e muitos anos antes , que faifem à luz , as do-Vieira ; e entre eſtes escritores , muitos de puriffima locufam , e eſtilo inimitavel . E o que mais é de admirar , omens que tratãram as Ciencias , mas principalmente todas as partes da-melhor Filozofia ; com tal clareza , propriedade ; e metodo , que envergonham os Filozofos da-Eſcola : os quais , empregados toda a fua vida nela , explicãm-fe muito mal . Na lingua Franzeza , á infinitos tomos de cartas , em todas as materias ; e alguns famozos . Deixo a Ingleza , e Olandeza , nas quais fei que fe-tẽm feguido , eſte eſtilo . Onde , nam avendo coiza mais uzual ; que eſtes escritores ; mostra-fe o tal coletor ; mui pouco informado do-mundo .

O terceiro reparo que fafo é , fobre a Ortografia , que nada me-agrada . Nelas acho mui praticado aquele eſtilo , que fe-deve defterrar , da-lingua Portugueza ; e vem aſer , a duplicafam eſcuzada , de muitas conſoantes ; e mil outras , que na minha primeira carta moſtrei a V. P. que nam deviam feeguir , os omens doutos . Onde perfuado-me , que neſte particular , tam longe eſtã de fer omem infigne , que eu o-nam-porei por-exemplar , a um principiante .

Ora eifãqui tem V. P. que as meſmas cartas do-Vieira , que eu julgo ferem a fua mellhor obra ; aindaque tenham muita coiza boa , fejam facis , e as palayras nam fejam más ; contudo , nam merecem aqueles cegos , e encarecidos louvores , que lhe-dãm eſtes apaixonados : os quais ou eſtam preocupados , polas meſmas opinioens ; ou julgam por-cabeſa alheia ; e nunca tiveram a paciencia , de examinar bem a materia . Defeito mui antigo neſtes cenſores ; que aprovam os livros comumente , fem os-lerem : e nam fe-con-tentam

tentam de aproválos, mas os-elogiam, e tam encarecidamente, que perdem toda a fé. Deixo aos omens de melhor juizo, fazer a analize das-tais obras, com mais tempo, que eu nam tenho. Mas eu ja vejo, que me-tenho aberto muito com V.P. o que fiz, confiado na nosa amizade. Certamente nam difera tanto com outro: pois sei certamente, que quem nam tiver examinado isto, me-terá quasi por-louco: Eu sempre fugi, desta sorte de conversações, com peços que sabem pouco: porque me-ensina a experiencia, que se-perde o tempo, e o-conceito. Mate-me Deus com gente, que me-intênda: e que me-nam condene; sem perceber as minhas razoes, e responder a elas. Porque aquilo de reprovar um escritor, fomenta porque impugna os defeitos, de que eu gosto; sem ter o sofrimento de examinar, as dificuldades que propoem; aindaque seja uzo mui comum, nam sei porem se é concludente. Emfim com V.P. nam á este perigo: porque eu sei muito bem, que ao seu talento, nada se-encobre: e que mais para exercitar o seu juizo, doque para aprender alguma coiza nova, é que tem a bondade, de me-consultar.

Mas sempre devo declarar-lhe, que o juizo que formo das obras, do-P. Antonio Vieira; deve ser entendido, com todo o respeito devido, á sua memoria. Eu estimo muito este Religiozo, pelas suas virtudes, e capacidade. Vejo nas suas cartas retratado, um animo grande: um dezinteresse nobre: uma viva paixam polos aumentos do-seu Reino: é ardente dezejo de se-sacrificar por ele: e, para nam occultar coiza alguma, vejo a summa ingratidam dos-seus nacionais, que conresponderam a tantas finezas, com asoens indignas: e nam só nam souberam estimar, tam grande omem, mas positivamente o-opremiram, e a sua familia. Estas circumstancias todas mo-pintam, mais estimavel: e se eu vivêse no seu tempo, seria o seu maior amigo. Deve tambem o que digo entender-se, sem a minima ofeza da-Religiam da-Companhia: a qual tem produzido, tantos omens grandes neste genero; que sem dor alguma pode ouvir declarar, que um dos-seus Religiozos, nam iguala, nem chega, á gloria de muitos outros: o que provem menos do-talento, que do-infeliz estilo daquele tempo, que nam conhecia, outro gosto de Eloquencia. Damesma sorte que Plinio Cecilio, aindaque tivêse talento, e indole insigne; nam pode menos que participar, do-estilo do-seu seculo; que degenerava muito, da-magestade da-primeira Eloquencia. Unicamente devo ad-
vertir

vertir isto a V. P., para justificar o meu proceder, contra aquella acuzação, que me-podiam fazer aqueles, que, ouvindo-me falar d'eloquencia Portugueza, visem que nam citava, o P. Vieira.

O conceito que formo, dos-sermoens e oraçãoens do-Vieira, com mais razam se-deve aplicar, a todos os outros sermonarios; que V. P. conhece; estarem muitos furos abaixo do-Vieira. Digo pois, que o Orador, que quer avultar no-mundo literario, deve deixar todos os sermonarios Portuguezes, ou Espanhoes; e seguir a estrada que asima lhe-abrimos: que parece ser, a verdadeira estrada da-Eloquencia: e isto parece-me que basta, para regular o metodo da-Oratoria. Deve a isto ajuntar, o continuo exercicio de compor: e exercitar-se juntamente em particular, para poder falar em publico: sendo certo que o exercicio de compor, e falar conduz muito, para heber os principios, e sabêlos uzar a seu tempo, com dezembaraço. Perdoe-me V. P. a extensam desta, que desde o principio eu preví, que seria comprida: e conserve-me muito na sua memoria. Deus guarde &c.



CARTA SETIMA.

SUMARIO.

Fala-se da-Poezia . Os Portuguezes sam meros versificadores ; Prejuizos dos-mestres , de nam poetarem em Vulgar . Que coiza seja ingenho bom , e mau . Especies de obras de mau ingenho , em que caíram alguns Antigos , mas principalmente os Modernos . Necesidade do-Criterio , e Retorica , em toda a sorte de Poezia : Primeiro defeito de Poezia , a inverosmilitude : exemplos . Segundo defeito , os argumentos ridiculos . Reflexoens particulares , sobre as composisoens pequenas Portuguezas ; que nam podem dar nome , a um omem : defeitos da-Nasam , provados com exemplos . Reflexoens sobre o Epigrama Latino , Elozios , inscriçoens Lapidares , Eglogas , Odes , Satiras , poemas Epicos . Que os Portuguezes nam conhecêram as leis , do-poema Epico : prova-se com Camoens , Chagas , Botelho de Moraes . Aponta-se o metodo , com que se-devem regular os rapazes , no-estudo da-Poezia . Nova ideia de uma Arte Poetica , util para a Mocidade .



CARTA que V. P. me-mandou nesta semana , deu-me particular consolafam ; porque vi nela a imagem , da-sua soberana prudencia , do-seu criterio exatissimo , e da-sua inimitavel ingenuidade . Mas isto é pouco : vi nela executado , tudo o que este genero pode permitir , em materia de Retorica . V. P. quiz dar-me dois contra : e mostrar-me , que as minhas reflexoens

cram superfluas : pois avia um omem neste mundo , que sabia executar primorozamente , tudo aquilo . Mas diso mesmo me-rezulta , grande gloria . Ou V. P. o-fez , porque eu lho-avizei ; e neste cazo , que gloria nam ferá a minha , de ter um dicipulo desta qualidade ? ou o-fez porque assim o intendia , sem que lho-avizafse ; e fico igualmente gloriozo , vendo que as minhas reflexoens se-conformam , com as de uma pessoa , que eu estimo tan-

to .

to. Ponho de parte os outros complimentos, que me-faz: porque nam quero usurpar, o que nam mereço. O que eu escievi, nam é meu, mas o que ensinaram os omens mais insignes, nesta faculdade: de cuja lifam eu o-tirei. a estes é, que V. P. o-deve agradecer: e a mim, só a boa vontade que tenho, de o-servir.

No-fim da-sua carta, repete V. P. uma circumstancia, que ja me-pedio em outra sua: vem a-ser, que diga alguma coiza, da-Poezia: Eu me-lembro mui bem, da-sua petisam: a qual nam dei-xei por-esquecimento, mas com suma advertencia: visto que só despois da-Retorica, se-deve tratar da-Poezia: a qual nada mais é, que uma Eloquencia mais ornada. Só me-resta uma difficulda-de, quero dizer, se poderei eu dezempenhar, o que V. P. me-en-comenda. Eu tenho pouca noticia de Poetas Portuguezes: ou nam tenho toda, a que é necessaria, para formar juizo exato deles. Desde que li alguns, os-desprezei quazi todos, porque me-nam-agradaram. Contudo lembrando-me, que a medida do-verbo Portuguez, é a mesma do-Italiano; e que as regras em to-do o mundo culto, sam as mesmas; direi alguma coiza que me-ocorre: se errar, deverá desculpar-me; lembrando-se que só o-fazo, para lhe-obedecer.

Digo pois, que o estylo dos-Poetas deste feu Reino, é desta sua lingua, pouquissimo me agrada: porque é totalmente contrario, ao que fizeram os melhores modelos da-Antiguidade; e ao que ensina a boa razam. A razam disto é, porque os que se-metem a compor, nam sabem que coiza é compor: onde, quando muito sam Versificadores, mas nam Poetas. E disto nam queira V. P. melhor prova que ver, que nenhum até aqui se-rezolveo a escrever, uma boa arte Poetica Portugueza: todos se-remediam com esta Espanhola, que é muito má fazenda. Certo meu conhecido me-mostrou á tempos, uma manuscrita: mas nada mais era, que um compendio da-dita Espanhola; em que fomite se-trata, das-medidas dos-versos, e combinaçens de consoantes: o que está mui longe de se-chamar, arte Poetica. Onde concluo, que ainda nam vi livro Portuguez, que ensinasse um omem, a inventar, e julgar bem; e formar um poema como deve ser. De que nasce, que os que querem poetar, o-fazem segundo a fersa da-sua imaginasam: e nam produzem coiza, digna de se-ver. Com effeito verá V. P. muitos, que quando escrevem dez versos, lhe-chamam *Decima*: e quando unem quatorze, chamam-lhe *Soneto*: e assim

das-mais compozifoens . Desorteque compoem antes de saberem , o que devem dizer , e como o-devem dizer : e quando tem formado uma caraminhola , em trajes de Poezia , ficam mui satisfeitos ; e começam a dizer mal , de tudo o que nam intendem . Desteſe ſe-acham , nam duzias , mas centos .

De nam terem profundado a materia , naceem todos os defeitos da-Poezia : de que ſe-acham infinitos na Eſpanha , e tambem em Portugal . Geralmente intendem , que o-compor bem conſiſte , em dizer bem futilizas ; e inventar coizas , que a ninguem ocoressem : e com eſta ideia produzem partos , verdadeiramente monſtruozos ; e que eles meſmos , quando os-examinam ſem calor , dèzaprovam . Os meſtres de Retorica , em cujas eſcolas é que ſe-faz algum poema , e que deviam enſinar eſtas coizas ; ſam os primeiros que ſe-calam , e deixam fazer , o que cadaum quer . Envergonham-ſe , de poetar em Portuguez : e tem por-pecado mortal , ou coiza pouco decoroza , fazèlo na dita lingua . Imaginaſoens ; e prejuizos ridiculos ! A Poezia nam é pecedora : a applicaſam é a que a-pode fazer condenavel , ſe nam é reta : e como iſo pode ſuceder tanto na proza , como no-verſo ; daí vem , que eſtes que julgam aſim , nunca deviam eſcrever em Portuguez . Em todos os tempos os omens de virtude , ſe-aplicáram a eſte exercicio . Os Santos Padres mais doutos , compuzeram muita coiza em verſo . S. Bazilio , S. Gregorio Nazianzeno foram grandes Poetas . O primeiro , compoz expreſamente um tratado , no-qual enſinava o modo , de ler os Poetas com utilidade . O ſegundo , vendo que Juliano Apoſtata Imperador Romano , proibira aos Criſtaons , ler os Poetas Etnicos ; compoz algumas poezias , imitando Omero , Pindaro , Euripides , Menandro &c. para inſtruſam da-mocidade Criſtã . E iſto nam oſizeram em Perſiano , ou Arabio ; mas na ſua lingua materna , que era a Grega . O meſmo fez Apolinario Biſpo de Laodicea , e alguns outros . S. Inacio de Loyola , e outros modernos tambem fizeram , verſos vulgares . Se damos um paſo atraz , acharemos , que muitos eſcritores Sagrados , eſcrevèram em verſo . O que é tam claro , que ninguem pode menos que rir-ſe de ver , que um Portuguez ſe-envergonhe , de poetar na-ſua lingua , fazendo-o em Latim . Como ſe na lingua Latina , nam ſe-pudeſem dizer todas as loucuras , que ſe-dizem na Portugueza ! De que vem , que , ſegundo o eſtilo das-eſcolas , um Portuguez é obrigado a nam ſaber , que coiza é Poezia . Alem diſto ,

aquilo que lhe-ensinam de Latim, nada mais é, que a medida de quatro versos; e fazer alguma breve composizam. Desorteque em nenhuma lingua se-fazem, as reflexoens necessárias, para ser bom Poeta. Antes praticando-se na Latina, uma sorte de versos feitos à moderna, com muitas sutilezas, e conceitozinhos; este estilo se-difunde, nas composizoens Portuguezas, com geral dano da-Poëzia.

Duas são as partes, que compoem o Poeta, *Ingenho*, e *Juizo*. *Ingenho* para saber inventar; e unir ideias semelhantes, e agradaveis: *Juizo* para as-saber aplicar, onde deve. E nestas duas partes pecam, nam só os modernos, e mediocres Poetas; mas pecáram ainda os antigos, e grandes omens; nos-quais nem tudo é igual: como mostram aqueles, que criticáram com juizo, os Antigos: Achamos omens com muito ingenho, e com pouco juizo: porque estas duas coizas, podem-se unir muito bem: e para nam parecer falsa, a minha propozizam, permita-me V. P. que me-explique melhor. O *Ingenho* consiste, em saber unir ideias semelhantes, com promptidam, e grafa; para formar pinturas que agradem, e elevem a imaginasam: desorteque nam basta que sejam semelhantes; é necessário que divirtam, e arrebatem. v. g. Quando o Poeta diz, que a garganta da-sua amada, é branca como a neve; nisto nam aparece ingenho: se porem acrecenta, que é igualmente fria; nisto está o ingenho. Polo contrario o *Juizo*, é aquella faculdade da-alma, que peza exatamente todas as ideias: sepára umas das-outras: nam se-deixa enganar da-semelhança: e atribúe a cada uma, o que é seu. Isto, pede uma exata meditasam, e prudencia fundada: aquilo, só pede uma memoria cheia de muitas, e diferentes ideias. E daqui vem, que vemos frequentemente, omens de imaginasam fecunda, e ingenho vivo; sem um escrupulo de juizo: antes comumente tem menos juizo, os que têm mais ingenho: motivo polo qual produzem obras, que merecem rizo. Os que nam distinguem isto, confundem *Ingenho*, e *Juizo*: e chamam omens de juizo, aos que dizem mil ridicularias, e produzem infinitas monstruozidades, e despropozitadas imaginaçoens.

O verdadeiro ingenho pois, é uma semelhança de ideias, que diverte, e eleva. Polo contrario o falso ingenho consiste, na semelhança de algumas letras, como os *Anagramas*, *Cronogramas* &c. às vezes na semelhança de algumas sílabas, como os *Ecos*, e alguns consoantes insulsos: outras vezes na semelhança de algu-
mas

mas palavras , como os *Equivocos* &c. finalmente consiste tambem , em composiçoes inteiras , que apparecem com diferentes figuras ou pinturas , como abaixo diremos .

Destas duas especies de ingenho bom ; e mau , se-compoem uma terceira , que participa de ambas ; a que alguns doutos chamáram *Ingenho mixto* : que consiste , parte na semelhança das ideias , e parte das-palavras . v. g. Imagina o Poeta , que o Amor tem , semelhanças de fogo : e une estas duas ideias , na sua imaginaçam . Serve-se das-palavras de *fogo* ; e *chama* ; para explicar esta paixam do-animo : e como elas tem significaçam incerta , resulta daqui um todo , que tem parte de ingenho , e parte de apparencia : o qual é mais ou menos estimado , segundo que domina mais ou menos , um que outro : quero dizer , segundo que a semelhança caie mais , sobre as ideias , que sobre as palavras . Na idade de ouro da-Latinidade , apenas se-acha vestigio d'isto , tirando em Ovidio , que tem alguma coiza : na idade de prata , Marcial cuida que foi o inventor : e nestes ultimos séculos , nam se-ve outra coiza .

Mas a verdade é , que um conceito que nam é justo , nem fundado sobre a natureza das-coizas , nam pode ser belo : porque o fundamento de todo o conceito ingenhozo , é a verdade : nem se-deve estimar algum , quando nam se-reconheça nele , vestigio de bom juizo . E como os Antigos observáram muito isto , por-isto neles se-observa , certa maneira natural de escrever , e certa simplicidade nobre , que tanto os-faz admiraveis . Polo contrario , os que nam tem ingenho para fazerem , que um conceito brilhe , com a sua propria luz , sem a-pedir emprestada ; vem-se obrigados , procurar toda a sorte de ornamentos , e apegar-se a quaisquer agudezas boas , ou más ; para com elas fazerem figura , e parecerem ingenhozos . Nas obras dos-Antigos nam distinguem o bom , nem o mau : abraçam os mesmos erros , como se fossem maravilhas : sem advertirem , que aindaque fossem nosos mestres , nam os-devemos seguir , com os olhos fechados : mas abraçar neles , o que nam repugna à boa razam .

Deste principio nacêram , aquellas ridiculas composiçoes , que tanto reináram , no-século da-ignorancia , digo no-fim do-século XVI. de Christo , e metade do-XVII. e desterradas dos-paizes mais cultos , ainda oje se-conservam em Portugal , e nas mais Espanhas . Os omens daqueles séculos ignorantes , nam observáram

nos-Antigos o bom ; mas o mau . Viram , que neles se-achavam vestigios , de um mau ingenho ; e esse foi o que abrasaram : de-forteque ainda oje tem os doutos grande trabalho , em desterrar isto , da-mente dos-omens . Alguns Poetas Gregos ridiculos , autorizaram este uzo . Atribue-se a *Theocrito* , mas falsamente , uma especie destes poemas , a que nós podemos chamar *pintados*, ou *figurados* . Representa um , o Ovo ; outro , uma Machadinha ; outro , um Altar &c. Isto é uma puerilidade , indigna de um Poeta tam grande , como *Theocrito* . Certamente para fazer semelhantes versos , deve o Poeta andar detraz , nam do-bom conceito , mas da-palavra longa , ou curta : vistoque os versos nam sam , de igual medida e grandeza . Este pessimo gosto se-restableceo , no-seculo pasado , nam só no-verso , mas tambem na Proza . Eu vi um *Ecce Homo* , feito de letrinhas miudas , que continham o testamento Novo . vi um retrato do-Imperador Joze , cuja cabeleira , e vestido era feito de versos . finalmente acha-se muito disto , nos-Poetas tolos do-seculo XVI. e XVII.

O que me admira neste particular é , que o Padre Bluteau , que nacera em um Reino , no-qual se-sabe , que coiza é Eloquencia , e bom gosto ; quizese introduzir tambem isto , em Portugal : Li averá anos um papel avulso , que ele compuzera nas exequias , da-Rainha D. Maria de Saboia , molher d'El-Rei D. Pedro II. e o-intitulou *Protheus doloris* ; em que se-continha bastante disto . Avia um *epitafio pyramidal* , cujo artificio consistia , em ter algumas regras mais compridas que outras . Avia tambem variedade de dísticos , em que se-aludia às letras todas do-A. B. C. : e muita desta ridicula fazenda . Tinha tambem uma enfiada daqueles titulos , que ele costuma pôr nos-seus prologos , e que embrulham o estomago , aos leitores de perfeito juizo . Com effeito eu ja disse a V.P. que esse era o estylo , do-tal Religiozo : metodo , criterio , bom gosto , nam sabia de que cor era . é o mais cansado escritor , que eu tenho visto . Na verdade era infatigavel , em algumas coizas : mas nam era autor para se-imitar : porque bebêra desorte , este estylo de Portugal ; que até em Pariz quiz defender a um Cardial , que o estylo de pregar dos-Portuguezes , era excelente : o que cuido ter lido , em uma das-suas obras predicaveis . Emfim tudo isto é effeito , de mau gosto , e nenhum criterio .

Daqui tambem naceram , as outras composisoens mais ridiculas ; Conta a Historia , de um certo *Tryphiodoro* ; que compoz
uma

uma Ode, sobre os trabalhos de Ulizes; e dividio este poema em 24. livros, a que deo o nome das-24. letras do-Alfabeto, pola razam contraria: vistoque no-primeiro livro, faltava o *A.* no-segundo, o *B.* &c. e em nenhum se-achava a palavra, que tiveſe a dita letra do-titulo: Eu vi uma compozifam moderna, que ſeguia o meſmo metodo. Certamente nam á coiza mais ridicula, que eſtes *Lipogramas*. Seria um belo divertimento, obſervar eſte Poeta, empenhado a revolver todos os Dicionarios; só para deitar fóra, a letra eſcomungada. Seria neceſario, desprezar a voz mais propria, e mais elegante; ſomente por-ter a deſgraſa, de ſe-achar nela, a dita letra. Mas que coiza ſeria a tal compozifam! que palavras ridiculas! que fraze inaudita! que conceitos improprios! Foi fortuna, que o tal autor teve poucos ſequazes, na Antiquidade.

Dos-Enigmas de palavras, entre os Povos do-Oriente achamos muito. Era entre eles, uma principal parte da-ſabedoria; ſaber propor, e decifrar os Enigmas. Os meſmos Reis ſe-divertiam, em propor uns a outros, eſtas advinhaſoens: e às vezes nos-convites, eſte era o ultimo prato. Mas deſtes omens nam falamos, porque ignoráram, o que era bom goſto. Mas ainda entre os Gregos ouve algum, que fez algum enigma: mas foram raros, como moſtra o noſo Lilio Gregorio Gyraldi, nos-ſeus *Opusculos*. Os Romanos mais advertidos, fugiram diſto. Sobre a outra forte de Enigmas pintados &c. algum veſtigio vemos, nos-Antigos: mas eles tinham outro diferente motivo. Em Roma era proibido, que um particular puzefe a ſua eſgie, que era o meſmo que a ſua arma, no-dinheiro corrente. Caio Cezar, que era o Provedor da-Caza da-moeda, mandou eſculpir nelas, a figura de um Elefante: porque a palavra *Cezar* em lingua Punica, ſignifica Elefante. Tambem entre os Gregos, principalmente Ateniezes, era proibido ſeveramente, que os eſtatuarios, e artifices puzefem o ſeu nome, nas eſtatuas &c. Mas dois Architetos, tendo feito um grande palacio, eſculpíram em varias partes, uma *Lagartixa*, e uma *Ran*, que eram os ſeus nomes. Obſervei eu tambem muitas vezes, na famoza eſtatua equeſtre de bronze, do-Imperador Marco Aurelio, que ſe-acha em Roma na praſa do-Capitolio; que as crins do-cavalo entre as orelhas, representavam uma coruja: que ſem duvida era o nome do-autor: que verosimelmente era Ateniez, viſtoque em Atenas avia grande abundancia delaſ. Mas iſto que os

Antigos fizeram, por-necessidade, alguns Modernos o-fazem; por-eleifam: e se-cansam em inventar um enigma, como em fazer alguma obra eloquente. Nam pofo deixar de escrever aqui um epitafio, que cita um autor de bom juizo, que se-poz na lapide sepulcral. O morto chamava-se: *Nicolao Antonio Simeoni*: e querendo-lhe fazer um epitafio ingenhozo, escreveram isto: *Hic jacet Barium, Patavium, de Nunc dimittis*. *Barium* aludia a S.Nicolao Arcebispo de Bari: *Patavium* a S.Antonio de Padua: e *Nunc dimittis* ao canto do-velho Simeam. Veja V.P. que tal era o enigma, e que tal feria o autor! Disto ainda oje se-acha muito, entre os ignorantes: e eu tenho visto bastante, em Portugal. Intrei uma vez na caza, de certo cavalheiro Portuguez, que estava lendo um livro de Epigramas Latinos, in 4.^o perguntei-lhe, que coiza lia: e respondeo-me, Que lia o melhor Epigramatista, e o melhor Enigmatico. Que o autor era um Portuguez moderno, o qual em cada Epigrama ocultára um enigma, com tanto estudo; que toda aquela menhan procurára decifrar um, sem o-conseguir. Que ja tinha alcançado, o segredo de outros: e que reconhecia, que neles avia muito ingenho. Ofereceo-se para me-emprestar o livro, e decifrar algum. Eu agradeci a atençam: e respondi-lhe, que tinha mais que fazer: e que nam queria privá-lo do-gosto, de se-ocupar em coizas tam ingenhozas. E a isto chama-se ingenho! e á quem publique tais livros, neste seculo!

Ponho na mesma classe os *Ecos*, *Equivocos*, *Anagramas*, *Acrofticos*, *Cronogramas*, *Consoantes forçados*, *Laberintos* &c. Tudo isto aindaque tivesse seus vestigios, em alguns menos advertidos da Antiquidade; refucitou, ou se-inventou, nos-seculos da-ignorancia. Eu fei que Ovidio, em uma parte das-suas *Metamorphozes*, quando fala da-Ninfa *Eco*, antes de ser mudada em puro eco, introduz algum. Mas alem de que o-pedia, a necessidade da-materia; visto ser ela o argumento, da-sua descriçam; os omens de juizo rim-se, da-sua puerilidade: sendo certo que Ovidio, caio em muitos defeitos, e escreveo com mais facilidade, que reflexam. Mas nam se-pode soffrer, que omens modernos, e que mostráram doutrina em muitas coizas, caifem nesta rapaziada, condenavel ainda em um rapaz: e que fizefem composicoens, expresamente para mostrar, que sabiam fazer eco. Eu vi ecos, que respondiam em Latim, e outras linguas: e tive compaixam do-Poeta, que se-cansára com aquilo. Os *Equivocos* nam os acho na Antiquidade, separados

parados dos-Enigmas , tirando rarissimo , que em outra parte direi : sam invençam moderna . V. P. sabe muito bem , que só reináram , no-tempo da-ignorancia ; e que os Espanhoes , e Portuguezes mais advertidos , fogem oje deles . Com effeito nam á coiza mais ridicula , que chamar conceito , a um ingano : e procurar aquilo , que se-devia evitar . Quando eu li algumas das-Jornadas , de *Jeronimo Baía* , tive compaixam do-dito Religiozo : e afentei , que a jornada que devia fazer , era de sua caza para o Ospital . Esta sorte de Poetas sam doidos , aindaque nam furiozos . Mas nam cuide V.P. que isto está totalmente reprovado : eu ainda conhese , quem o-prática : e quando se-lhe-oferece ocaziam , de dizer um equivocozinho , banham-se em agua de Cordova . Nam falo dos-idiotas , porque estes nam cuidam niso : mas destes chamados doutos , Frades , Seculares , Sacerdotes , Estudantes &c. entre estes acha-se muito disto : porque nam se-incontra uma alma cristan , que dezinganadamente lhe diga , que aquilo é uma parvoice .

Mas o pior é , que ja o Equivoco pasou do-Portuguez , para o Latim : e muitos que deviam saber , que coiza era Latim , nam fazem escrupulo , de introduzirem nele equivocos ; compondo um Latim novo , cheio de todos estas arengas . Um autor de credito , a quem eu estimei muito , pola sua doutrina , e piedade , tambem tropeçou nesta materia ; compondo uma descripçam do-Ceo , por-equivocos . Esta obra , que fora prometida anos antes , com diferente titulo ; teve muita gente em grande esperansa ; e eu fui um deles : mas depois que a-li , confirmei-me no-conceito em que estava , de que nam é obra para este seculo ; mas cento cincoenta anos antes , sería um prodigio . Todo o artificio consiste , em ter buscado nomes de Santos , que signifiquem varios officios da-Republica , de que se-acham carros nos-martirologios &c. e descrever uma Cidade ideal , introduzindo em seus lugares , os ditos nomes . Contudoiso esta obra teve mil adoradores , e apologistas ; que mostram abraçar , a mesma opiniam . Eu porem que dezejo cooperar , para o credito deste omem , quizera que se-nam-tivese publicado : porque me parece , que nam é digna de estar ao pé , de outras obras do-mesmo autor : e que defender o contrario , é mostrar mais paixam , que discernimento : e deste meu parecer foram , os Estrangeiros de juizo , a quem a-mostrei . Mas o que este fez em uma só materia , fazem outros em toda a ocaziam :

ziam : e desculpam-se com um ou dois Estrangeiros , que são os gavadinhos . Como se os Estrangeiros , nam fizessem tambem parvoíces ! ou como se naquelas Nafuens nam ouvese , quem abominá-se tal metodo ! Com effeito o *Tezouro* , mas principalmente o *Juglar* , de quem se-servem neste genero de equivocos , e agudezas ; é insupportavel : e tem sido o que arruinou muita gente , que nam peza bem o que abraça . Ele compoz uma certa coiza , a que chama *Elogios* : feitos em um Latim , que nam se-sabe de que se-culo é ; porque é todo cheio de sutilezas , e equivocos ; e cada palavra se-deve tomar , em sentido diferente doque soa : O primeiro Elogio feito ao Verbo Eterno , comesa assim :

Amicus silentii Deus est .

Semel in tota aternitate locutus Deus ,

Uno omnia dixit in Verbo .

Prima sui fecunditate facundus ,

Isa sui conceptione fit parens .

Veja V. P. o que aqui vai ! A palavra *silentium* é aqui tam impropria , que nam pode ser mais : porque *silentium* é um termo relativo , que significa estar calado , ou quieto ; quem primeiro falou , ou fez rumor : e isto nam se-pode aplicar ao P. Eterno , o qual sempre fala a mesma palavra , que entam falou . Onde nam á coiza mais contraria ao silencio , que o falar do-Eterno Pai : e , seguindo a sutileza do-*Juglar* , deve-se dizer , que nam á quem seja , mais amigo de falar , porque nunca se-cala . A palavra *semel* tambem é impropria . Ela nam significa uma coiza , que sempre se-faz : mas que se-faz uma vez só ; e no-nosso cazo , que já é passada : e isto nem menos se-pode aplicar , ao Padre . Tambem o nome *locutus* , rigorosamente falando , nam significa , quem pronuncia uma palavra , como ele supoem ; mas quem faz um discurso . *Uno omnia dixit in Verbo* , nam é frase Latina , no-sentido em que ele a-toma : porque *uno verbo* , ou *verbo dicere* , de que uzam os Latinos ; nam significa , pronunciar uma voz , como supoem o elogio ; mas dizer poucas palavras , e explicar muito em pouco : a palavra *Verbum* , aqui é rigorozo equivoco . *Prima sui fecunditate* , nam sei o que quer dizer : porque eu nam acho , que o Padre Eterno gerá-se mais , que um filho : e a palavra *prima* é relativa . Alem diso a palavra *fecunditas* , nam significa , gerar uma só vez ; mas muitas , e ser fertil. : e nem menos isto se-apli-

ta, ao P. Eterno. O mesmo digo da-palavra *facundus*; que nam significa, quem pronuncia uma só palavra; mas, quem: é eloquente, e sabe fazer muitos e bons discursos; e tudo isto está longe do-sentido, em que o-toma *Juglar*. A palavra *conceptio*, é outro equivoco. Ela nam significa, conhecer e entender alguma coiza; mas compreender, como um vaso compreende o licor, que lhe-deitam: e neste sentido se-transfere, para explicar o modo, com que o utero das-molheres, recebe a semente; de que resulta a gerasam. Significa tambem, excogitar: e em nenhum destes sentidos se-pode aplicar, ao P. Eterno: pois nem o Pai excogita o Filho; nem se-concebe a si, mas ao Filho. Assimque toda esta arenga se-reduz, a um trocadilho e jogo de palavras: como V. P. poderá reconhecer, se quizer ler o dito autor.

E que diriam os nosos antigos Romanos, se vissem abuzar da-magestade dos-Elogios: destruir a naturalidade, e simplicidade da-lingua Latina: perverter a propriedade das-suas expressoens: fomenté para dizer quatro sutilezas, que nam concluem nada? Contudo isto este autor, bandido de outros Reinos, achou muitos imitadores, e idolatras neste: aos quais será mais facil persuadir, que os antigos Romanos nam souberam, escrever com elegancia; doque que o P. *Juglar* nam seja, um milagre de doutrina, e facundia. Mas permita-me V. P. repetir o versinho, *quisque suos patimur manes*: o certo é, que este esillo, com mais razam se-deve evitar nó-Latim, que no-Portuguez.

Os *Anagramas* sam invençam noya, e tambem agradam muito, nestes paizes. Que divertimento nam é, ver um perfeito anagramatista, dezentranhar, daquela palavra, mil coizas diferentes! Eles convertem o branco em negro; o dia em noite; o homem em besta. Se o tempo que applicam, a esta rapaziada, o-aplicasem a coiza seria; podiam fazer um poema Epico bem grande. Acham-se alem disto mestres, que fomentam isto; dando premios aos rapazes, que nas escolas, ouvindo alguma palavra, descobrem nella um anagrama puro. Seria isto nada, se se-contivesse dentro das-escolas: mas o mau é, que saie para fóra, e se-introduz nos discursos graves. Alisti uma vez a um sermam da-Conceisam, pregado polo P. *** o qual fora muitos anos mestre, e tinha fama de grande Teologo; que provou o que disse, com anagramas, tirados do-nome da-Senhora, e de algumas palavras do-Evangelho. Creio que é necessaria mui pouca reflexam, para co-

nhecer o ridiculo , deste estylo . Os *Acrosticos* sam primoscomirmaons dos-*Anagramas* , e nacèrã no-mesmo seculo . Acham-se ingenhos mariolas tam infatigaveis , que no-mesmo Soneto poem trez vezes , o mesmo nome : duas nas extremidades , e uma no-meio . Para fazer isto ja V. P. sabe , quantas palavras é necesario voltar , e revoltar . E como as palavras se-buscã , polo comprimento , &c. segue-se que se-ãm-de desprezar as melhores ; só para achar aquela , em que esteja aquela letra inicial , e aquele numero de silabas . E daqui fica claro , que coiza pode ser , a dita composiçam . Os Ebreos despois do-Talmud , sam os que se-aplicãram a estas ridicularias , de *Anagramas* &c. mas fomite para achar misterios , nas Escrituras . Porem estes modernos , procuram fomite o divertimento .

Dos-*Cronogramas* vi algum em Portugal , mas raro . Os Tudecos , sam insoportaveis nesta materia , e tambem os Ebreos modernos . Consiste pois o *Cronograma* , em pôr no-principio , ou fim de um livro , ou em alguma inscriçam , certas palavras ; parte das-quaes letras sejam maiusculas : as quaes juntas declarem a era , em que foi feito o livro . Omens á , que perdem mezes , para buscar as ditas palavras . Onde , quando V. P. vir algumas destas inscriçoens , em medalhas , ou livros ; nas quaes entre letras miudas se-achem majusculas ; nam se-canse em buscar o conceito , que nam á : busque o ano , do-milezimo corrente .

Mais vulgar é em Portugal , outra sorte de ingenho falso , a que chamam *Consoantes forçados* . Quando querem experimentar um omem , se tem ingenho ; dam-lhe consoantes estramboticos , paraque complete os versos : e como isto seja o mesmo , que obrigar um omem , a que diga despropozitos ; ja se-sabe que saiem composiçoens , indignas de se-verem . Se um omem quando quer fazer um Soneto , polos consoantes de outro , ao mesmo assunto , e sem se-incontrar no-mesmo conceito ; lhe-custa : se despois que um Poeta faz , uma boa quadra de um Soneto ; nam acha às vezes os consoantes proprios , para a segunda ; e para explicar o que tem ideiado : considere V. P. que coiza poderá fazer , quando o-brigam , a dizer despropozitos ? O mesmo digo , quando dam os motes com finais dezuzados , e que nam tem outras vozes consoantes . Sempre me-pareceo ridiculo este estylo : e nunca pude soffrer , que vindo quatro amigos , elogiar outro em um oiteiro ; lhe-ajam de dar motes , para os-tormentar . isto é re-
com-

compensar uma fineza com uma injuria; e querer uma fatira, em lugar de louvor. Deviam dar ao Poeta, fomento o assunto; e deixar-lhe a liberdade, de fazer a Decima como quizesse: porque o entusiasmo deve ter, liberdade na expressam: sem a qual nam é possível, deixar de dizer parvoises. Ou, em caso de lhe-darem o mote, devia ser com algum final, que tivesse muitas vozes consoantes da-lingua: paraque pudesse contrafazer-se menos, e produzir coizas dignas. Porem sempre direi, que é effeito de um ingenho mui mau, dar consoantes estramboticos: e que todo o homem de juizo deve fugir, desta rapaziada.

Em outros Reinos, sempre se-deixa a liberdade, a quem gloza: e na minha Italia, onde sabem que coiza é Poetar; a estes glozadores, a que la chamam *Improvizadores*, nunca dam motes, mas só o assunto. E por-isto á alguns, e vi tambem molheres, que discorriam prodigiosamente: e cujas obras escritas, mereciam grande louvor. Especialmente incontrei um homem, de mente tam fecunda, que polo espacio de trez oras despois de jantar, fez continuamente versos; variando eu sempre os assuntos. Versava em oitava rima, conforme o costume dos-versejadores de Italia: e com tanta promptidam; que cheguei a suspeitar, que a trazia estudadas: desfortequ me-vi obrigado, a variar infinitamente os argumentos: mas o homem sempre era o mesmo: e o profluvio de palavras nam tinha limite. Notei especialmente duas coizas singulares: nunca errou verso, ou na quantidade, ou no-consoante: e nam uzava de palavras sem significado, de que frequentemente uzam os Poetas; mas dizia coizas bem ditas, e de substancia. Mas este grande homem, querendo-lhe eu dar um mote, nam se-quiz fugeitar a glozálo. Nele fiz algumas reflexoens; das-que a V. P. aponto.

Vemos ainda outra coiza pior, que é, introduzir os consoantes, ou rimas, no-verso Latino. Nos-seculos da-ignorancia, ouve um Poeta destes, que reduzio a metade da-*Eneida*, em verso Latino rimado. Acham-se ainda alguns Imnos ecclesiasticos, feitos no-undecimo, duodecimo, e seguinte seculo, com consoantes e toantes. vi alguns Portuguezes, que gostavam disto. Mas tudo é effeito de fuma ignorancia; e é nam conhecer, qual é a beleza, e harmonia da-lingua Latina. Ingenhos ordinarios, que nam podem chegar à galantaria, dos-antigos e bons Poetas; querem-se singularizar, com tal estilo: e por-isto se-devem desprezar.

Tambem os *Laberintos de letras*, fã mui mimozos em Portugã: e Poeta conhece V.P., que estimou mais um laberinto que fez, do que se fizera alguma famoza composiçam. Outros tem por-coiza grande; fazer laberintos de quartetos, dispostos em certa figura, de-forte que se-lem por-todas as partes; e sempre conservam, a mesma consonancia. Outros fazem versos, que se-lem para diante, e para-traz: de uma parte, fazem um sentido: da-outra, outro contrario: empregam nisto tempo consideravel, nam só em fazêlo, mas em decifrálo: e chamam a isto, emprego de sublime ingenho. Que omens! O simplez nome de laberinto basta, para desprezar esta sorte de composiçoens: olhar para elles, deve confirmar este propozito. Decifrado um laberinto de letras, comumente achase o nome de uma pessoa, e nada mais: e onde está aqui o ingenho? Custa às vezes ao Poeta, fazer um laberinto de um quarteto, um mez; e como nam pode chegar a encobrir a composiçam, de modo que outro em um abrir de olhos, a-nam-decifre; todo o ingenho do-Poeta, que lhe-cultou um mez, excede outro; com um abrir de olhos. Os outros laberintos de quartetos &c: nenhum tem conceito: porque nam podem unir-se duas coizas, poetar bem, e poetar em laberinto. E assim com muito trabalho consegue o Poeta, que os outros conheçam; que ele nam sabe fazer, versos bons.

Igualmente é estimada neste paiz, uma especie de Sonetos, em que se-repete a mesma palavra, em todos os versos; que é o mesmo que a galantaria, dos-consoantes forçados. Porque obrigado o Poeta, a introduzir a dita palavra em cada verso, nam pode ideiar livremente; nem unir um verso com outro; nem fair com alguma composiçam, que seja digna. Podia citar mil exemplos: mas nam queira V.P. nenhum melhor; que o Soneto que se-atribue ao *Chagas*, e comesa:

O tempo ja de si me pede conta:

Em todos os versos entra, a palavra *tempo*: que é uma embrulhada terrivel: e o conceito do-fim consiste nisto:

E que se-chega o tempo de dar conta:

que é em carne o mesmo primeiro verso. E onde acha V.P. a galantaria? o mesmo digo dos-outros. E tuto isto provem, de que tais Poetas intendem, que o-fazer um Soneto segundo as leis comuas, é coiza ridicula; e assim querem, esquipasam particular.

Se los omens considerafem, que coiza era a Poezia: se tivessem bem entendido, os principios dela: se quizessem decifrar, em que confifte a beleza e armonia; que nos-eleva, quando ouvimos um bom poema: nam podiam menos, que desprezar todas estas composifoens; que sam indignas, até dos-propios rapazes. Só os que nam sabem, que coiza é ingenho, se-aplicam a estas ridicularias. Dezesperando de chegar, à mageftade dos-antigos compozitores; nam acháram outro meio de serem atendidos, que fazendo ridicularias. Sucedeo-lhe o mesmo, que aos Godos, com a Architectura: nam tendo sido instruidos nas boas artes, como foram os Gregos, e Romanos; e nam podendo chegar, à nobre simplicidade da-antiga Architectura: ornáram as suas fabricas, de tudo o que lhe-ofereceo, a sua mal regulada imaginafam. Deformteque os omens, que no-seculo presente observam, os monumentos que nos-ficáram, deltes barbaros; nam cesam de admirar, a pouca proporfam que se-descobre, em todas as suas fabricas: e o mau gosto que aparece, em todos os seus ornamentos. Muitos deles viviam em Roma: tinham debaixo dos-olhos, as famozas fabricas dos-Romanos: e desprezando tudo isto, produziam monftruozidades. Assim sam os autorés destas Poezias: tem os bons livros: podiam neles observar, o que devem: e desprezam tudo isto, para seguirem fantasticas imaginafoens. Onde dife com galantaria, um autor moderno; que se a gloria de belo ingenho, se-conseguiu fomite, com o trabalho que empregam; naquelas ridicularias; ele nam queria ser belo ingenho: pois era melhor, ser forfado da-galè, que conseguiu com tanto custo. E eu acrescento, que se estivese na minha mam, condenaria estes tais Poetas, a pasarem a sua vida fazendo *Acrosficos*; *Anagramas*, *Labyrinths*; retirados do-comercio dos-omens; e felicitar-se com os seus inventos.

Tenho ainda outra coiza que advertir, que tambem é feito, de mau ingenho; e sam aqueles ditos, que chamam *agudos*, e jogos de palavras; que se-acham frequentemente nos-Prozadores, e frequentissimamente nos-Poetas. Verá V. P. pefoas, que cuidam dizer grasas, e coizas ingenhozas; e dizem inspidas ridicularias. Outros, fervem-se de uma palavra com um *c*, que posta com um *l*, significa coiza diferente: e daqui formam uma caraminhola, a que chamam ingenho; e ficam mui satisfeitos, da-sua agudeza. O pior está, em que á omens, que escreveram, sobre

fobre a agudeza ; e quizeram ensinar isto , aos leitores : Li á anos um livrinho pequeno , de um Espanhol , que cuido era Graciañ ; e se-intitulava *Tratado de la Agudeza* : lembio-me que o autor no-prologo , dezejava ao livro a boa fortuna , de cair em maons , de quem o-intendêse . Polos meus pecados eu fui um , dos-que nam fe-cansáram em intendêlo : porque logo intendi , que o livro nam merecia que se-lesse . Querer ensinar a dizer grafas , e agudezas ; é o mesmo que querer ensinar , a mudar a natureza : quem nam é proprio para estas coizas , nam as-pode aprender . As grafas , pola maior parte , tem beleza respetiva : em boca de uns , tem grafa ; na dos-outros , nam : a agudeza quando nam é pura , é o mesmo . Pola maior parte , as que pasam com esse nome , nam merecem este titulo : sam meros jogos de palavras , que agradam infinitamente aos ignorantes . Neste particular a verdadeira regra é esta : Se o conceito traduzido em outra lingua , conserva a mesma forsa ; pode-se chamar pensamento ou agudo , ou ingenhozo , segundo as circumflancias : se a-perde , pronuncie V. P. livremente , que é uma ridicularia : e que só pode ter lugar , entre gente que gosta daquilo .

Acham-se , é verdade , nos-Antigos muitas , e mui insulfas : Aristoteles na sua Retorica aponta algumas , a que chama *Paragramas* . Cicero no livro 2.^o de *Oratore* , tratando das-facecias do-Orador , indica outras muitas : e ele mesmo em varias partes das-suas obras , serve-se delas : porque este era o seu defeito , ser mui faceto : e com as suas facecias aquilava , perigozos inimigos . Mas devo dizer , em obzequio da-verdade , que as que ele aponta , quazi todas sam frioleiras , e ridicularias ; que nam merecem nome , de pensamento ingenhozo : e se V. P. me-nam-cre , leia o dito livro , e achará que lhe-digo a verdade . Estas venialidades em que caíram estes grandes omens , sam reccmpensadas com infinitas boas qualidades , que neles vemos : e sam tambem desculpaveis , por-outro principio ; que é a falta de Critica , que tiveram os Antigos . Aqueles ingenhos elevados dos-primeiros autores , nam faziam todas as reflexoens necessarias , para procederem com exasam : polo contrario , os que os-seguíram , ainda-que inferiores na grandeza de ingenho , excedem no-metodo , e na critica : e souberam evitar , os defeitos dos-primeiros .

Omero é grande , é natural , tem pensamentos elevadissimos ; e excede nisto a Virgilio : contudo este , que escreveo de pois ,

aindaque tenha menos natureza , mostra mais arte que Omero : pois foubé evitar um defeito , que frequentemente se-acha em Omero , que é , amontoar superfluos epitetos , e às vezes insulfos : como tambem as digreffoens , e colloquios infpidos , fem necessidade alguma . Cicero no-feu livro de *Claris Oratoribus* , em que censura , tudo o que ouve de bom na Antiguidade ; traz beliffimas reflexoens , sobre os defeitos de alguns Oradores : e bem procurou nas fuaſ obras , fugir dos-tais defeitos . Contudo Quintiliano , que floreceo um ſeculo e meio deſpois , aindaque muitos furos abaixo , do-merecimento de Cicero ; advertio coizas , que a Cicero tinham fugido . A verdade é , que os eſcritores que eſcrevèram , deſpois dos-primeiros ; refletindo sobre as primeiras obras , examináram melhor , que coiza era bom ingenho ; e deram regras , que os primeiros ignoravam . Quintiliano é um deſtes : mas sobre todos Dionizio Longino , que floreceo no-meio do-3.º ſeculo criſtam . Eſte omem , que alem de Filozofa , e Retorico , era um perfeitiſſimo Critico ; enſinou no-tratado , que nos-deixou de *Sublimi ſtilo* , como ſe-devia julgar neſtas materias : e que coiza ſe-devia chamar *Ingenho* : e todo o mundo douto , concordou com ele . A ignorancia , que pouco deſpois ſe-introduzio no-Imperio ; fez com que ſe-eſqueceſem , deſte metodo de julgar : o qual ſe reſtableceo nos-fins do-ſeculo XVI. mas principalmente no-paſado , e no-prezente ; em que as coizas ſe-eſtimam , nam polo que parecem , mas polo que ſam . Mas como nem todos tem juizo , para entenderem as coizas ; daqui nace , que neſte meſmo ſeculo XVII. e ainda prezente , ſe-acham peſoas , que confundem as ditas coizas : e que , ſe acazo chegam a ler os Antigos , nam ſabem advertir , o que neles ſe-deve imitar , ou deſprezar : e por-iſo chamam penſamentos ingenhoſos a coizas , que eſtam mui longe diſo : o que frequentiffimamente ſe-incontra , neſte Reino .

Um deſtes Poetas , obſervando as deſprezantes maneiras de olhar , da-fua Dama ; e convencido no-meſmo tempo , da-eſficacia que os ſeus olhos tinham , para inſpirar-lhe amor ; os-conſidera como eſpeelhos uſtorios , feitos de caramelo : mas pedendo ele viver , nos-maiores ardores que o-abrazavam ; conclue , que a zona torrida é abitavel . Quando a ſua Dama tem lido a carta , que lhe-eſcreveo , com ſumo de limam , poſta ao calor do-fogo ; lhe-pede , que a-torne a ler , à luz das-chamas de amor . Quando ella chora , dezeja que um ſuave calor , excitado polo amor , faſa deſtilar

tilar aquelas lagrimas; pasadas polo alambique do-seu corasam. Quando ella está auzente, acha-se alem do-otantezimo grao de latitude; quero dizer, quarenta graos mais vizinho do-Polo; do-que quando se-acha com ella. O seu amor ambiciozo é um fogo, que sobe naturalmente para cima: o seu amor afortunado; parece-se com os raios do-Sol; e o seu amor dezafortunado, afemella-se às chamas do-inferno. Quando o amor lhe-tira o sono, é uma chama, de que nam saie fumo: e quando a prudencia o combate, é um fogo asoprado polo vento. O seu corasam é um Etna, que em vez da-officina de *Vulcano*, oculta aquella de *Cupido*. As vezes, o corasam do-Poeta acha-se nevado, no-peito de todas as belas: outras vezes asado, na vizinhança dos-seus olhos. Umas vezes, afoga-se dentro das-lagrimas; e no-mesmo tempo arde, entre os braços de amor: semelhante a estes foguetes de nova-invençam, que ardem, e estoiram debaixo da-agua. Em todo este discurso vé V. P. que o Poeta supcem, que o amor é verdadeiro fogo de cozinha; e que une estas duas ideias, fogo, e amor; para delas deduzir, todos os seus conceitos; a que elle chama sutis, e ingenhozos. Isto agrada ao comum dos-omens, namobstanteque seja uma fantazia impropria, e estravagante. Porem ja eu lhe-perdoára este ingenho mixto; se uzasem dele com moderasam: o que nam posso soffrer é, que sem prudencia o-introduzam por-tudo: e nos-queiram persuadir, que é grande ingenho, chamar a uma coiza com diverso nome: e que a dita coiza é tal, como a-pintam.

Acho tambem mui radicado nestes paizes, (aindaque tambem em alguns estrangeiros) aquilo de servir-se sem reflexam, das-divindades dos-Pagaons, em toda a forte de poemas, Sagrados, e Profanos: e cuidam muitos, que fazendo ao principio a solita protesta, de que os-nomeiam no-estilo poetico; tem feito a sua obrigasam. Pode-ser que a-tenham com a religiam: mas certamente nam a-tem, com os bons Poetas. Com grafa dise um omem douto, que toda a ciencia de muitos modernos Poetas, nam passava, das-Metamorfozes de *Ovidio*. A verdade é, que os Poetas modernos, sam prodigos desta mitologia. Se louvam uma mulher formoza, ocupam-se mais em descrever *Elena*, ou *Venus*; *Leda*, ou *Europa*; doque a dita beleza. Se elogiam um eroe, entra logo *Mavorte*, e *Alcides*; e pola maior parte nam saiem daquí. Mas isto é sem duvida ridicularia. Em um poema burlesco, tem grafa

grafa a dita mitologia , porque só se-trata de divertir , com a applicafam : mas em um poema serio , é fantazia condenavel . Que o-fizesem os Etnicos , tinham desculpa na fua cegueira : mas que o-fafa um Catolico , em cuja religiam nada significam , tais nomes : que introduza *D. Joam de Castro* , como grande amigo de Marte ; e establefa boa correspondencia , entre Belona , e *Diniz de Melo* ; é um erro que nam se-pode perdoar a um Poeta , que passa de 15. anos . Os que nam sabem engrandecer , as verdadeiras virtudes ; é que recorrem às fabulas , para ornamento do-feu poema .

Nunca pude sofrer um Poeta , no-principio de um poema moderno , invocar as Muzas , e Apolo ; para lhe-inspirarem os pensamentos : mandar Mercurio , com algum despacho de importancia : obrigar Minerva , a que tome a figura $\hat{\phi}$ de algum confelheiro : chamar do-Inferno Plutam , para excitar discordias , entre algumas pessoas : nam permitir tempestades , semque Venus vá pedir a Eolo , que fasa das-suas : nam consentir perda de batalha , semque o Destino atire alguma , das-suas solitas pedradas . Isto é uma afetafam , digna de compaixam . Nós temos na nosa religiam coizas , que podem fuprir , a todas as ideias dos-Antigos . Temos Deus , temos Anjos , temos Santos , que nos-podem inspirar o bem : e temos Diabos , para inspirar o mal . O Poeta mostraria mais ingenho , se ele fizese os seus versos ; doque pedindo a Apolo , que lhos-inspire . Um furiozo vento excitado polo Diabo , pode fazer o mefmo espalhafato , em uma armada ; que Eolo , com todas as fuas Furias . Para dar razam de uma batalha perdida , é mais natural e verdadeiro , recorrer à polvora , balas , e prudencia do-General ; doque ao Destino , ou Fado , que sam palavras sem significado . O Diabo nam é menos prejudicial , à paz e quietafam dos-Omens , que pode ser Plutam , com Cloto , e as fuas companheiras . Quem dece ao Inferno , para tirar de lá Lachesis , e outras destas Furias ; nam lhe-era mais barato , tirar um diabrete , para concluir tudo aquilo ? Os Gregos nam se-serviram das-divindades dos-Ebrios , ou Sirios , para explicarem as fuas coizas ; mas daquelas que estavam estabelecidas , no-feu paiz : E porque avemos nós servir-nos das-Gregas , tendo outras melhores ? O que fuposto , merecem rizo os Poetas , que se-ocupam com estas ridicularias : porque ou querem significar com aqueles nomes , alguma coiza ; e isto é sacrificar o feo catechismo , à mitologia

dos-Antigos : ou nam significam coiza alguma ; e novamente merecem rizo , por-falarem em coizas , que nam pode aver : e é perder a verosimilidade do-poema , fervindo-se de coizas , e vozes , que ninguem pode intender . Que o Poeta em uma metafora , em uma semelhança , ou em alguma breve aluzam , tocáse algum destes pontos ; poderseia alguma vez perdoar : mas introduzilos em todo o corpo do-poema , como faz o *Camoens* na *Luziada* , que introduz *Venus* , e *Baco* por-toda a parte , sem descrevam alguma ; ou tambem o *Chagas* , e o comum deste Reino ; isto é mostrar ; que nam tem juizo ou discernimento , na applicam dos-ornamentos poeticos . E é muito de admirar , que os que sabem tambem descrever *Venus* , e *Baco* ; nam saibam descrever , um omem seu contemporaneo , sem recorrer à Antiguidade . Pode-se porem soffrer , que o Poeta fale com as coizas inanimadas , como com peoas : v. g. com os *Ceos* , *Terra* , *Elementos* , *Morte* &c. e faça outras destas figuras de *Retorica* : isto nam ofende nem a religiam , nem a boa razam : aquilo , ofende ambas as coizas .

Estes defeitos nos-Poetas fucedem , porque lhe-faltam os dois principais requizitos , *Criterion* , e *Retorica* . Chamo *Criterion* , a uma boa *Logica* natural , exercitada na lisam de bons autores : *Retorica* ja se-sabe , que é a arte de persuadir , sem a qual nam se-pode ser bom Poeta : a qual supoem *Juizo* , e *Criterion* . A simplez propozisam destes dois requizitos basta , para atarantar estes Poetas ordinarios : os quais se-rim de todo o corasam , quando ouvem dizer , que sem ter singular *Retorica* , nam se-pode ser bom Poeta ; ou ao menos intender , o artificio da-Poezia . Estes ingenhos das-duzias , páram na superficie das-coizas . Julgam que *Retorica* , é falar em proza ; *Poezia* , falar em verso . Mas os omens que intendem a arte , rim-se ainda mais , da-sua ignorancia . Cuido que facilmente persuadirei a V.P. o que digo , se lhe-puzer diante dos-olhos , que coiza é *Poezia* ; e isto a que chamamos , arte *Poetica* .

A *Poezia* é uma viva descrevam das-coizas , que nela se-tratam : outros lhe-chamam pintura que fala , e imita o mesmo que faria a natureza , e com que agrada aos omens . O artificio da-Poezia tem por-fim , agradar : e por-isto só se-emprega em dar regras , com que possa ocupar gostozamente um ingenho . A isto consagram os Poetas , todo o seu ingenho , e juizo . Se buscam
argu-

argumento elevado, é para agradar, com a ideia de grandeza: se procuram imitar a verdade, é para agradar, com a galantaria da-imitação: se nam dizem coizas contrarias às nosas inclinaçoens, isto mesmo é para agradar: se propoem movimentos apaixonados, com que pintam ao vivo, diferentes afetos da-alma; tambem isto é para agradar: desfortaque este é o idolo, do-artificio poetico. E como isto nam se-pode conseguir, sem saber procurar pensamentos, ou argumentos proprios, para mover as nosas paixoens: saber servir-se de palavras proprias, para pintar aquela coiza que se-quer; o que encerra as Figuras da-voz, e do-animo: Fica bem claro, que para fazer tudo, o que pede a arte, se-requer boa Reticorica. Mas esta razam se-intenderá melhor, se-observarmos as diferentes especies, de Poezia.

Todo o Poema se-divide em Dramatico, e Narrativo: Compreende o Dramatico, a Comedia, Tragedia, e tudo o mais em que os que entram no-poema; representam com a viva asám, tudo o que se-diz: o Narrativo compreende, todas as mais especies de poemas, em que se-faz discurso, sem asám viva. Estas sam infinitas; mas ainda se-reduzem, a duas principais especies: uma, compreende as poezias, que se-cantam: outra, aquelas que se-lem. Na primeira, entram as Odes, Imnos, e todas as especies de cantigas: na segunda, entram todas as outras compozisoens: que ainda se-dividem em trez, Doutriniais, Istoricas, e Oratorias. Nestes trez generos se-tem composto, famosissimos poemas. v.g. O poema de Lucrecio, é um tratado em que expoem, a Fizica de Epicuro: os Fenomenos de Arato, que Cice-ro traduzio em Latim, sam um tratado de Astronomia; o mesmo digo do-Poeta Manilio: as Georgicas de Virgilio, sam um tratado de *Re rustica*: os Fastos de Ovidio, sam a istoria das-antiguidades Romanas: e o poema de Lucano, é uma istoria das-guerras civis. O que suposto, quem pode negar, que um tratado de Doutrina, ou de Istoria, pede uma exata noticia de Reticorica? E com efeito para escrever semelhantes tratados em verso, nam dezejam os mestres outra erudisam; senam a que é necessaria, para escrever em proza; tirando alguma expresam metrica.

Passando ao 3.^o genero, tudo o que os Oradores fazem, no-genero demonstrativo; que compreende os louvores, e vituperios, de uma determinada pessoa, ou asám; fazem tambem os Poetas.

Os Epitalamios ſam louvores , que ſe-dam a uma peſoa , no-dia do-matrimonio : os Epicedios ſam louvores , deſpois de morto : as Apoteoſes ſam quando ſe-louvam deſorte , que ſe-finge collocárem-fe , entre os Deuzes : e tudo iſto é em carne , um panegirico . As Satiras ſam repreenſam do-vicio ; e tambem pertencem ao genero demonſtrativo . as meſmas cartas ſe-eſcreveram antigamente ; em verſo : de que nos-deixou bons exemplos , Ovidio &c. Nam ignora V. P. que a eſtes trez generos ſe-reduzem , todas as compoziſoens , nam só Latinas , mas Vulgares . Fazem-fe Sonetos , Silvas , Quintilhas , Elegias &c. em louvor , e vituperio : eſcrevem-fe Cartas em Silvas , Decimas , Tercetos , Quartetos , Romances &c. finalmente todos os diſcurſos de proza , ſe-podem reduzir em verſo . E aſim a meſma Retorica que é neceſaria , para regular os noſos diſcurſos , na proza ; o-é tambem , no-poema . Onde vem , que a Poezia , é uma Retorica mais florida : e a quem falta eſta , nam pode ſer bom Poeta . Como é poſivel , que o Poeta exprima na Elegia , a ſua paixam , deſorteque mova ; ſe ele nam ſabe , a arte de mover ? como pode nos-dialogos expremir , o que cadaum quer , e deve dizer ; ſe ele nam ſabe o que deve , e como o-deve dizer ? Torno às Comedias , e Tragedias , e delas pergunto o meſmo : Como pode o Poeta fazer , que cadaum dos-reprezentantes exprima , a paixam de que eſtá poſuido ; ſe ele nam ſabe , que coiza é paixam , nem como ſe-move ? nam pode ſer que um omem , que ignore iſto , faſa uma Comedia boa . Tambem a Tragedia nam conſiſte ſomente , em inventar um argumento nobre : em ſaber embulhar uma quantidade de ſuceſos , que cauzem maravilha , quando ſe dezintrigam : mas ſobre tudo é neceſaria a propriedade , e carater , em cada parte ; para mover o animo : o que pede , particular Retorica .

Quanto ao poema Epico , é certo que compreende , todas as outras eſpecies de poemas narrativos : e nele ſe-pode empregar , tudo o que á de fino na Retorica . O principal aſumto dele é , um panegirico . Nele ſe-acham arengas famozas : algumas ſam deliberativas , outras judiciaes . acham-fe acuzatoens &c. acham-fe a iſtoria do-eroe . acham-fe muitos conceitos de doutrina , e outra erudiſam . entram nele cartas , epigramas , dialogos : e finalmente tudo o que á melhor , na Poezia . Motivo porque ſe-diſſe , que era a coiza mais difficultoza , da-arte Poetica . Onde , comprehendendo todas as outras eſpecies de Poezia , ſe cada uma
delas

delas pede Retorica , que fará o poema Epico ?

Daqui fica claro , que conceito se-deve formar , destes vulgares Poetas , que V. P. incontrará todos os dias . Eles nam sabem , que coiza é Retorica , e bom gosto em materia nenhuma ; como lhe-mostrei na minha ultima carta : e assim que coiza boa podem fazer , na Poezia ? Se fazem alguma coiza menos má , é porque cazualmente succedeo ; ou assim o-lèram em em algum livro, d' onde o-roubáram : mas ignoram a razam , porque assim se-faz . E isto nam é ser Poeta , nem para la vai . E nam cuide V. P. que falo por-conjetura : mas com experiencias mui certas : e ja me-succedeo pedir a um mestre , que explicava um passo de Virgilio a um dicipulo ; que me-explicáse a mim , porque se servira o Poeta daquelas exprefoens : e nam só nam mo-explicou , mas nem menos me-intendeo . Desfortequê incontrando-se todos os dias , tantos Poetas ; nam á coiza mais rara , que um Poeta .

E com effeito o segredo particular da-Poezia , principalmente Eroica , nam o-pode conhecer , senam quem é bom Retorico . Consiste ele , segundo dizem os mestres da-arte , em saber propor desorte , o argumento que se-escolheo ; que só appareza , o que tem de extraordinario , e nenhum defeito : e em saber inspirar ao leitor , curiozidade de ler todo o poema : nam declarando tudo logo , mas confuzamente : fazendo nacer uma difficuldade da-outra , paraque se-esporeie o dezejo : dilatando a leitura , e enchendo a istoria , por-meio dos-Epizodios ; paraque o leitor nam perca de mira , o seu principal argumento : e finalmente nam de-zatando o nó da-difficuldade , senam quando tem conduzido o leitor , ao fim do-poema . Tudo isto pode V. P. observar , na *Eneida* de Virgilio , ou na *Jeruzalem* do-Tasso . Eles propoem ao principio em breve , o argumento da-sua obra ; e prometem coizas grandes . Nam comem polo principio da-vida do-eroe ; mas por-uma asám famosa , que empreendeo no-meio da-sua vida : da-qual com artificio particular , fazem recuar o leitor , até os primeiros trabalhos do-eroe . Uma difficuldade excita outra : demaneira-que o leitor nunca se-cansa , na leitura . E que outra coiza fazem os Retoricos , quando querem excitar , a atensam dos-seus ouvintes ? Ja eu disse a V. P. que esse era o principal artificio , das-Orasoens de Cicero , e ainda de muitos Oradores da-Antiguidade . donde conluo , que só um bom Retorico o-pode fazer . Alem diso os Retoricos encomendam muito , que o Orador nam diga ,

diga , senam coizas verosimeis : porque com falsidades manifestas , ninguem se-eleva . E isto mesmo dizem , todos os bons Poetas : antes nada mais cuidam , que representar verosimel , tudo o que propoem . Desorteque quanto mais se examina a Poezia , tanto mais claramente se-reconhefe , a Retorica .

E esta é a razam , porque vemos todos os dias , que muitos , querendo ser Poetas , sam uns ridiculos : porque lhe-falta o principal fundamento ; que é , saber pezar as coizas , e dar a cada uma o seu preso : observando aquilo , a que os Latinos chamam , *decorum* : que consiste no-introduzir cada um , a falar segundo o seu carater . Todos os defeitos apontados , sam essenciais , e frequentes : mas este ultimo da-inverosimilidade , é mais geral , doque se-nam-intende . Acham-se poucos Poetas , que nam pequem contra isto : pecam no-Drama , e pecam no-Epico : ainda-que neste . menos ; porque sam rarissimos os que compoem , poemas Epicos . Mas em toda a outra sorte de poema Narrativo ; sam mui frequentes em Portugal . Nas Comedias pouco caiem os Portuguezes , porque nam se-aplicam a elas : raras vi , fóra das-de Camoens : mas os Espanhoes caiem muito nisto . Verá V. P. um pastor , que fala com mais filozofia e prudencia , que um Cipiam Nafica , ou Catam Uticensé . Acham-se relafoens , com encarecimentos tam despropozitados , que nam merecem outro nome , que uma enfiada de manifestas mentiras . Algumas vezes , um omem vulgar faz uma Decima , ou Oitava derepente : outras vezes , dá melhores conselhos , que um consumado Jurisconsulto . Finalmente em tudo se-ve pintada , a inverosimilidade . Nam digo eu só *Calderon* , mas o mesmo *D. Antonio de Solis* ; que em outras coizas mostrou mais juizo , que *Calderon* ; nesta o-perde . E finalmente todos os Espanhoes sam o mesmo : porque tropefiam a cada passo na futiliza , que é impropria na boca , de semelhantes pessoas : e tambem impropria da-Comedia : que nada mais é , que uma imagem da-vida , proposta aos olhos dos-omens , para reprender as asfoens ridiculas dos-mesmos .

Dos-Espanhoes o-aprenderam os Portuguezes : e comumente se-persuadem , que quem futiliza melhor , e diz coizas menos verosimeis , é melhor Poeta . Metaforas mui fóra de propozito , encarecimentos inauditos , sam os seus mimosos . Ouvi gavar muito um Soneto do-*Chagas* , feito a um cavallo do-Conde de Sabugal , pola metaphora da-Muzica , e comesa assim :

Galhardo bruto, teu acorde alento

Muzica é nova, com que aos olhos cantas :

Pois na harmonia de cadencias tantas,

E' clave o freio ; é solfa o movimento .

Mas eu considerando o tal Epigrama acho , que é uma completa parvoise , desde a primeira palavra , até a ultima . Nam acho nelle , conceito algum : as palavras sam improprias : e muitas nam tem significafam certa : e nam conclue com pensamento que eleve , que é a obrigafam do-Epigramma . Nam fei como o dito Poeta nam fez outro , a um burro de Valada , ou macho de Almagro , pola metafora da-Logica , ou Geometria . Podia descobrir na ferriedade destes animais , semelhansas de um omem qhe filozófa : no-seu pafso grave , o fundado do-juizo : tambem nas fuas orelhas , semelhansas de uma fesam conica : no-corpo , vestigios de um paralelogramo : no-movimento , a idcia de varias linhas : e nas unhas , uma porfam de circulo : com outras ridicularias destas . As metaforas podem ter lugar ; mas nam devem ser estas , que sam arrastadissimas . Isto nam intendem os que o-louvam : mas isto deviam entender , os que prezumem ser Poetas .

O outro ponto dos-encarecimentos , é frequentissimo nestes paizes . Nam á coiza mais comua , entre estes chamados Poetas , doque encarecimentos incriveis ; e servir-se de palavras , que nam significam nada . E sem saír do-*Chagas* , que parece a muitos , que é bom Poeta ; confidere V. P. , o que ele diz neste Soneto , feito a um pé pequeno de uma Dama .

Instante de jazmin , concepto breve ,

Atomo de azuzena presumido ;

Pues os juzgam las ancias del sentido ,

Sospecha de cristal , susto de nieve .

Nó pie , mentira fois : pues como aleve ,

Ni verdad en un punto aveis cumplido .

Antes creo que escrupulo aveis sido :

Pues de ser , o nó ser , la duda os mueve .

Como , si idea fois de ojos tan claros ,

Hazeis los ojos fé para creerlos ,

Y hazeis la vista fé para miraros ?

Yo me resuelvo en fin que he de perderos .

Pues si el veros es solo imaginaros ;

Siendo imaginacion , como he de veros ?

Este Soneto tem tido mil aplauzos : e ja achei quem me-disse , que era onde podia chegar , o ingenho umano . Contudo isto eu defendo , que os que o-louvam , proguntaos pelas palavras do-Soneto ; ám-de confesar , que o-nam-intendem . Primeiramente estas palavras , *instante de jazmin* , *concepto breve* , *atomo pressumido* , *sospecha de cristal* , *susto de nieve* , *ancias del sentido* : são frases que nada significam : e nam só em Portuguez , mas em nenhuma lingua . Dezafo todos estes poetas Portuguezes , para que me-digam , se ouvirem um omem falar em proza daquela forte , se o-intenderiam : pois é bem claro , que o que nada significa em proza , muito menos significa no-verso . E temos , que o primeiro quarteto nada significa : porque querendo ele significar , um pé pequeno ; serve-se de termos , que nam significam isto . Na segunda quadra sobe de ponto o encarecimento : e nam se-contentando de dizer , que é pequeno , e é um ponto ; acrecenta , que nam á tal pé no-mundo ; pois semente fica a duvida , se o-ouve , ou nam ouve . Nos-tercetos desfaz , quanto tinha dito . Primeiro afenta ; que o pé se-ve : despois diz , que nam é assim , e que somente se-pode saber por-tradisam , que á tal pé : e conclue , que nam existe senam na imaginam , e nam é possível que se-veja . Esta é a analize do-dito Soneto . Ora diga-me V.P. polo amor de Deus ; se intende o que quer dizer , este Poeta . Primeiramente , ele nam conseguiu o seu fim , que era mostrar , que o pé da-sua Dama era pequeno : provou mais doque queria ; e mostrou , que nam avia tal pé . Alem disto nam adverte , a inverosimilidade do-conceito . Nam consiste a beleza de uma figura , em ter um ponto por-pé ; antes isto é deformidade : consiste , em ter um pé proporcionado ; e nas-molheres , a sua proporçam é , que o pé seja mais pequeno . E eu intendo , que a Dama ficaria mais contente , de ter um pé grande ; doque de nam ter pés , e necessitar de moletas .

Dirméa V. P. que o Poeta deve fingir , e inventar alguma coiza , para louvar : concedo : mas nam devem ser semelhantes parvoices , que em vez de agradar , fazem nauzea . Podem-se dizer muitas coizas daquele pé : mostrar , que para o complemento da-beleza , nam á proporçam melhor , que um pé pequeno : que nisto excede ela muito , todas as mais senhoras : que a sua brancura , e delicadeza é inimitavel : que tem toda a graça que se-pode imaginar , em semelhante parte do-corpo . Isto , quanto ao serio . Pasando ao burlesco , podem-se dizer mil outras coizas : e po-
de

de o Poeta inventar, alguma coiza galante; com que adorne estes conceitos. Assim torno a dizer, que os que louvam o Soneto, sem considerarem isto, nam o-intendem.

Se V.P. examina o motivo, de todos estes encarecimentos; achará que provêm, do-que no-principio apontamos. Todo o ponto destes Poetas está, em singularizar-se, seja como for: e assim buscam argumentos esquipaticos, os quais obrigam a procurar, conceitos despropozitados. E unido a isto, que eles sabem pouco, o que quer dizer *elogiar*; daqui vem, que amontoam conceitos inverosímeis; e seycm-se de expressoens, que nada significam: as quais ou por-força do-consoante, ou da-novidade, agradam aos ignorantes. Que o Poeta disêse maos conceitos; ainda-que fosse um grande defeito, era mais toleravel: mas que, por-querer dizer coizas peregrinas, diga parvoices, e contrariedades; e fale em uma lingua, que ninguem entende; isto sim que se-chama, grande defeito de Poezia. Conheço, que os sinonimos sam às-vezes necesarios: que os epitetos dam muita galantaria, nos-poemas: mas com algumas condicoens. 1.º am-de ser coizas, que signifiquem. 2.º distribuidos com moderasam. Mas estas duas coizas sam, as que pola maior parte ignoram, estes Poetas: e com tantoque consigam o consoante, nam reparam, em tudo o mais. Mas sobre todos, este tal *Frei Antonio das-Chagas*, caio nisto: quazi todas as suas obras, consistem em palavras, sem conceito, e sem significado. Os Romances sam menos maos: tambem o Saco da-Jeruzalem Celeste, aindaque cheio de aluzoens mui destemperadas, pode passar: os Sonetos quazi todos sam peste: e o mesmo digo da-Filis, que muitos louvam, porque a-nam-intendem. Sei que se V. P. ler isto ao P.*** me-terá por-um Cafre, que nam intende, que coiza é Poezia: mas eu nam falo sem prova: e quando ele me-souber responder, entam lhe-darei razam.

Basta que V. P. leia os titulos, de muitos Sonetos; para conhecer o que digo. Quando eu leio estas inscriçoens: = *Achando na beleza de Filis, razam para deixála* = *aos olhos de Filis com nevoas* = *sineza de nam amar a Filis* = *fazendo merito da-ouzadia* = *duvidas de declarar-se* = *fazendo razam do-atrevimento* = *confuzam do-seu amor* = *saindo Filis de noite ao campo* = : e outros asumptos semelhantes; ja sei, que as compozicoens sam parvoices: e com effeito compare V. P. os do-*Chagas*, com estes titulos; e veja se concordam, e se os-intende. O mesmo lhe-digo do-*Pina*, e ou-

tos semelhantes . Perfuada-se V. P. que um assunto mau , á-de produzir más obras : porque se um argumento fecundo , tratado por-um homem que sabe , às vezes nam saie bem ; que fará um infecundo , principalmente tratado , por-quem nam sabe elogiar ? E' necessário ter muito ingenho , e juizo , para saber tratar bem , semelhantes argumentos . E porque muitos nam tem , estas duas circumstancias ; por-isto nagem estas composicoens , de que nós nos-ri-mos .

Mas pasemos dos-Sonetos , ao poema Epico , à famoza Filis do-dito *Chagas* ; e verá V. P. que nada mais é , que uma enfiada de antitezes , que nada significam : e que só agradam a estes , que se divertem com consoantes Gregos , sem intenderem o que lhe-agrada . Tudo isto se-ve, no-principio do-poema : oufa V.P. a primeira Oitava .

*Yo que en la flor de mis primeros años
Cantè de Amor , las dulces tiranias ;
Y en los echizos de agradables daños
Menti las horas , y engañè los dias :
Aora en numerosos desenganos ,
Si llanto son las consonancias mias ;
De la beldad que fue de Grecia espanto ,
Lloro el amor , y la tragedia canto .*

Nesta oitava acham-se mil coizas galantès : *dulces tiranias = agradables daños = menti las horas =* e outras coizas destas , que jogam os murros . Especialmente considero , a estrutura da-Oitava . Na primeira quadra diz isto : *Que ele , que no-principio da-sua idade , fizera versos amatorios , e assim pasára os dias* : Esta parte pedia outra segunda , em que disêse : *Que agora , desenganado daquelas puerilidades , se-ocupava em fazer , um poema Epico , e serio* . Assim começa *Virgilio* a sua *Eneide* , e outros Poetas : mas isto é o que nam diz o noso *Chagas* . Parece-me , que na palavra *numerosos* , queira significar *metricos* : e isto cuido que nam significa , mas que só significa *muitos* : porem isto nam é nada . A parentezis = *Si llanto son las consonancias mias* = nam tem conexam , com o que acima disse : as consonancias , ou os versos podem ser *choro* , e *canto* ; quero dizer , *alegria* . Mas nem menos concorda com o que abaixo diz , o que acima disse : porque nam é boa opozisam esta : *Tendo até aqui feito versos amatorios ; agora com muitos desenganos , (se é que os meus versos sam choros) choro o amor , e canto a tragedia .*

dia . A palavra *canto* na primeira quadra deve significar , nam quem canta cantigas , mas quem faz poemas : e neste sentido a-tomam todos os Poetas , e o *Chagas* tambem : pois o que quer dizer é isto : Que tendo feito muitos versos , na sua mocidade ; agora se empregava em outros asuntos . O que suposto , opondo-lhe na segunda quadra , o *choro* ; diz uma parvoice : pois o contrario a poezias amatorias , é cantar coizas graves . Onde contrapondo-lhe o *choro* ; vem a tomar a palavra *canto* , como equivoca ; que é coiza indigna de um poema Epico . Tambem aquela antiteze ultima = *lloro el amor , y la tragedia canto* = é uma puerilidade . Bem se mostra que o Poeta , novamente quer introduzir por-equivoca , a palavra *canto* . Alem diso , se o argumento da-sua obra , é uma tragedia amatoria ; separando o amor da-tragedia , diz outra parvoice . Pasemos à segunda Oitava .

*Musa que cultamente amanecisse
 Candida en las auroras de mi oriente ;
 Y al alma tantas vezes me infundisse,
 Tu divino furor , tu afecção ardiente :
 Si dignos son de tu concepto triste ,
 Numeros tiernos de una voz doliente ;
 Mi afecção inflama , harè que en dulce rima
 Cante el dolor , la consonancia gima .*

Tem V. P. nesta Oitava , quazi as mesmas incoerencias . *Musa candida* , eu nam sei o que quer dizer . *Amanecisse en las auroras de mi oriente* , sam trez sinonimos viciozos : *amanecer na aurora* , é uma parvoice : *aurora do-oriente* , é ainda maior parvoice . Aque-la repetisam = *Tu afecção ardiente* = nam tinha lugar despois de *furor* : porque a Muza comunica o seu furor , ou-veia ; quero dizer , dirige o Poeta no-canto : mas nam comunica o seu afeto . *Concepto triste* , imprpropriamente se-aplica à Muza : a qual nam é triste : e muito menos , quando inspira Epopeia . Finge-se que a Muza seja uma Deuza , toda occupada em alegrias ; a quem o Poeta invoca , paraque lhe-conceda um espirito , digno do-Parnazo . *Una voz doliente* , supoem , que o Poeta está afflito : e isto é imprprio em um Poeta , que nam escreve os seus tormentos , mas os alheios . Que outra coiza avia dizer Demofonte , se compuzesse a sua historia ? O ultimo verso é uma antiteze ridicula , e verdadeiramente coiza de rapaz : novamente opoem aqui o Poeta o *choro* , ao *canto* ; sendo coizas , que no-nosso cazo nam sam opostas :

porque *canto* aqui nam significa cantar . O que diz o Poeta , se-reduz a isto : *Que a dor á-de cantar , e a consonancia , ou o verso á-de gemer* : e quem pode ler isto sem rizo ?

Finalmente eu paro aqui : porque se quizese examinar todas as Oitavas , comporia um volume . Basta que V. P. o-leia , e examine , e achará que todo o livro se-compoem disto ; e de palavras que nam se-intendem ; e epitetos que nam significam nada . Confeso , que ainda nam vi Poeta , que escrevendo tanto , disêse tam pouco , como o *Chagas* . Estas reflexoens que faso a V. P. sobre o *Chagas* , pofo fazer em outras obras ; nam só de autores das-duzias , mas ainda daqueles que se-acham joeirados , na *Fenix Renacida* ; e em outras coleçoens de poemas . Mas escolhi este autor , porque é mui conhecido , e louvado , e procurado de muitos : e assim quiz apontar um , para exemplo . O que porem digo dele , deve-se aplicar a todos os outros , que se-guem o mesmo estilo . O ponto está ter bem na cabeça , as regras da-Poezia ; e examinar sem paixam , as obras ; que facilmente se-descobrirám , os defeitos .

Se V. P. com estes principios , toma o trabalho de examinar , muitos dos-seus Poetas , ou a maior parte deles ; achará , que tropefam no-mesmo defeito do-*Chagas* ; com a unica diferenca de mais , ou menos : e ainda muitos dos-que tem bom ingenho ; porque lhe-falta o juizo , para sabereem examinar as materias . A regra que eu observeo neste particular , é esta : quando vejo um Poeta destes , que se-serve de expresoens , que nada significam ; ou que compoem de forte , que o-nam-intendem ; asento que nam quiz ser entendido ; e em tal cazo , procuro fazer-lhe a vontade , e nam o-leio . Com esta sorte de omens faso o mesmo , que com os laberintos , e enigmas &c. os quais nunca me-cansei em decifrar . eles que o-fazem , que se-divirtam com isto . Se todos asentasem neste principio , veria V. P. como se-mudava a Poezia nestes paizes : porque seriam obrigados os Poetas , a lerem fomente as suas obras : e assim , ou se-dezinganariam eles mesmos com o tempo ; ou , nam inganariam os outros : e poderseiam achar Poetas , de algum merecimento : principalmente se chegarem a conhecer , quais sam os requisitos necesarios , para a Poezia . A razam delles inconvenientes é , porque se-persuadem comumente , que para ser Poeta , basta saber a medida de quatro versos : e saber ingenhar conceitos exquisitos . Quem se-funda nisto , nam
pode

pode saber nada : são necessarias muitas outras noticias . É necessario doutrina , e entender bem as materias que se tratam . é necessaria a Filozofia , e saber conhecer bem , as afoens dos-Omens , as suas paixoens , o seu carater : para as-saber imitar , excitar , e adormecer . Aqui entra novamente a Retorica , que supoem todas aquellas coizas : entra uma pouca de istoria , para nam dizer parvoices : entra a istoria da-Fabula &c. Tudo isto se-mostra manifestamente , nos-melhores poemas que temos da-Antiguidade . *Virgilio* , e *Oracio* &c. eram omens que intendiam perfeitamente , o que tratavam : e sabiam muita coiza , que introduziam propriamente , nos-seus poemas ; de que se-compoem , o ornamento deles . O mesmo digo , de outros Poetas modernos , e insignes . Onde , quem nam tem estes fundamentos , é verfejador , mas nam Poeta : e necessariamente á-de dizer , muita parvoice .

Seguia-se despois destas reflexoens gerais , falar especialmente , nos-defeitos das-particulares : mas nem eu tenho tempo para isto ; nem o-permite , a brevidade de uma carta . Onde , fomite direi alguma coiza mais geral , que comprehenda as composicoens pequenas ; e tambem alguma coiza do-poema Epico ; vistoque o Dramatico nam tem uzo , em Portugal . Digo pois , que nestes paizes vejo , mui radicada certa opiniam , de chamar Poeta , a quem o-nam-é : e dar estimasam a poezias , que a-nam-merecem . Uma vez que um omem faz um Soneto , com algum conceito ; ou Decimas , com alguma naturalidade ; acham-se logo mil admiradores , que dizem , ser famoso Poeta . V. P. terá ouvido frequentissimamente , que quando em um Oitero se-gloza um mote , com facilidade ; estam promptos mil aplauzos , para o Poeta : eu o-prezenciei muitas vezes : e esta é a comua opiniam . Mas na verdade é um ingano comum , porque aquilo nam é ser Poeta , nem para lá vai . Semelhantes fortes de composicoens , nam dam credito a ninguem : isto persuade a boa razam , e a experiencia . Quanto à experiencia , progunte V. P. (o que eu ja fiz) a um destes Glozadores , qual é o artificio da-Poezia ; e verá que nam sabe de que cor é : e nam digo só destes das-duzias , mas ainda dos-que glozam felizmente : e consequentemente nam é Poeta . A razam confirma o mesmo : porque o artificio destas obras nam é nenhum : a sua contextura é tam facil , que por-mao que seja o Poeta , sempre acerta com elas . A Decima , a Quintilha , o Madrigal , as Liras , a Silva , o Romance lirico , Quartetos pu-

ros, e de pé quebrado, Tercetos &c. nada mais podem, que a naturalidade do-conceito, e exprefam: quando muito, algum bocadoinho daquele *ingenho mixto*; que confifte, em ter no-fim algum pensamento meigo; explicado com alguma fraze agradável, e delicada, ou coiza semelhante. Isto nam pede talento, mas somente alguma imaginafam: a qual nam se-acha omem tam desgraçado, que a-nam-tenha. Onde, posto isto em trages de Poezia, faie uma Decima, ou coiza semelhante.

Nam digo, que um bom Poeta, nam pofa fazer effas coizas tam bem; que agradem aos omens, de melhor penetrafam: fendo certo, que quem tem juizo o-moftra, ainda nas coizas pequenas; como fizeram os Antigos: o que digo é, que explicando um pensamento; polo modo que aponto, pode qualquer fazer Decimas &c. que agradem. Antes é muito de adveitir, que quando effes poemas pequenos se-efludam muito, e neles querem mostrar muito effudo; cheiram a Filozofia, e perdem toda a grafa. Este defeito tenho observado, em muitos Eſpanhoes, e Portuguezes; que se-preparam para fazer uma Decima, a uns olhós azuis; ou a uma Dama que deixou cair, uma luva em terra; ou a um final que se-deſpegou do-roſto; e outros semelhantes afumtos; como se ouveſem de cantar a guerra dos Romanos, com Mitridates, ou com Cartago. Isto é um defeito eſencial: e é nam ſaber aplicar o poema, ao afumto: fendo certo, que semelhantes compozifoens só ſe-inventáram, para afumtos ou burleſcos, ou amatorios; ou de coizas domeſticas, que nam permitem effudo particular: e affim todo o merecimento de semelhantes obras confifte; n'um conceito delicado, e natural. O Poeta perde a naturalidade, todas as vezes que procura, com grande effudo, mostrar ingenho: e nunca dezagrada mais, que quando procura agradar muito: porque o conceito a-de apresentar-se, e nam procurar-se.

Por-eſte motivo ſam dignos de rizo certos Poetas, e Poetezas, que fazem Romances, e coizas semelhantes; com tal effudo, que nam ſe-intendem ſem comentario. A *Madre Joana de Mexico*, é uma delas: tambem *Gongora* nos-feus Romances: e dos-modernos *Eugenio Gerardo Lobo*: que tem alguns, que, ainda deſpois de muito effudo, nam ſe-percebem. Finalmente isto é defeito geral dos Eſpanhoes: e dos-que eu li, nam achei algum, que nam pecaſe niſto. Dos-Eſpanhoes o-recebèram os Portuguezes, e poucos ſam

são os que se-excelsam . O *Chagas* nos-seus Romances , tirando em certas partes , é dos-mais naturais : tambem o *Camoens* no-lirico . Vi tambem neste genero alguma coiza do-*Conde de Tarouca* , morto no-Imperio ; que me-agradou pola naturalidade , e imaginavam : e algum outro , mas raro . Dos-oscuros nam cito exemplos , porque nam á coiza mais comua que isto : e neles poderá V. P. reconhecer , este defeito . O pior é , que se um omem faz uma Decima , ou coiza semelhante , como deve fer ; nam agrada a esta sorte de Poetas , e chamam-lhe coiza trivial : querem ideia mais superlativa : e sempre o obscuro , inverosimel , arrastado , lhe parece que encerra , melhor doutrina . Mas o fal do-negocio consiste , em mandar isto à sua Dama , ou a um amigo , que o-nam-intende : e ficarem lambendo os beifos , dos-aplauzos . Isto vale o mesmo , que se lhe-mandasem uma Ode de Pindaro , ou Anacreonte ; porque umas e outras feram Gregas . Nam é crível , quanta gente padece esta enfermidade : que para mostrarem ou doutrina , ou ingenho ; procuram nam serem entendidos , nam só nas composiçoes , mas ainda nos-discursos familiares . Achei-me em uma Profissam de Freira , onde vi certo *** que sendo dezañado por uma Freira , despois de falar muito , lhe-falou nas *precizoens objectivas* dos-Logicos , e repetio muito verso Latino . Mas a Freira nam cedeo : porque se ele falava Latim , ela falava uma lingua , que ninguem entendia . Despois de falar muito tempo , com um profluvio de palavras incrível ; juro a V. P. que nam pude perceber , o que ela queria dizer : pois aindaque as palavras eram Portuguezas , a fraze porem era tal , que nam se-podia decifrar . Esta Freira tem muitos parentes neste mundo . Concluo pois , que esta sorte de poemas , que pedem somente naturalidade , e alguma imaginavam ; a ninguem podem dar nome , de Poeta .

O Soneto tambem pertence a esta regra : mas é certo , que pola qualidade do-verso , admite mais elevavam de expressoes , que os outros poemas nomiados . Contudo isto defendo , que o conceito deve ser natural : deve ter verdadeiro ingenho : e só na maneira de explicar-se , é que está a galantaria do-Soneto . Consiste pois a obrigavam do-Soneto , em propor na 1.^a quadra o assumto : na 2.^a explicálo com algum conceito : de que se-tire o argumento , para os tercetos . Os Poetas , que tem mais cabedal , expõem o assumto nos-primeiros dois versos : nos-dois segundos comecam a discorrer . Tal é o Soneto feito à morte de uma Se-

nhora , cuido que polo Bacelar , e diz assim :

Venceo a Morte , o Fabio , a Formozura .

Amarilis a bela é cinza fria .

Procura Amor fazer , que o-nam-sabia ,

E esconde o cazo , nesta pedra dura &c.

Outras vezes o Poeta expoem na primeira palavra , o assunto : e desta forte é o Soneto , que citei a V. P. em outra carta , feito a uma cara mui feia . Mas nem todos os assuntos , se-podem propor assim ; e podendo , nem todos os Poetas sam capazes , de o-fazerem : Porem é grande beleza do-Soneto , que na primeira quadra diga algum conceito ; que dê materia a todo o discurso da-segunda ; e encadeje naturalmente com os tercetos . E sem sair do-tal Soneto , o-repitirei novamente ; porque me-parece que prova , o que digo .

Es feia : mas desorte , que orroroza

A tua vista é bela a feialdade :

Mas tens fortuna tal , que a enormidade

Te-consegue , os tributos de formozza .

Cara tam feia , coiza tam pasnoza

Todos observam , e move a raridade .

Nam desperta o comum a curzidade :

Ser rara , é que te-adúla vaidoza .

Ama-se o Belo , e cega o mesmo afeto .

O Feio , pois nam liga o pensamento ,

Deixa miudamente ver o objeto .

Isto faz que se observe ese portento .

Quanto estás obrigada , a ese aspeto ;

Se no-enorme te-dá merecimento !

Neste Soneto , que em tudo é natural , o conceito dos-dois ultimos versos da-primeira quadra , prova-se na segunda , e se-confirma nos-tercetos : dando materia ao conceito do-fecho , que é nobre e natural , e diz mais doque soa . Mas nem todos seguem este parecer : e verá V. P. infinitos Sonetos , ainda de omens que prezumem ser Poetas , que pecam contra tudo isto . Eles tem dois extremos : ou dizem conceitos inverosimeis , e encarecimentos tam fóra do-escolio , que ninguem os-pode fofrer ; ou dizem frioleiras ; ou finalmente servem-se de conceitos , que nam é facil intender : e o melhor da-galhosa está , em que ornam tudo isto com frases , que nam se-percebem . De tudo achará V. P. exemplos ,

sem

sem sair do-*Chagas* : o qual tem Sonetos em que se-acham , estas trez coizas : inverosimilidades , obscuridades , e frialdades .

Quanto às inverosimilidades , nam queira V. P. melhor prova , que o Soneto Espanhol , feito ao pé pequeno d'aquela Senhora &c. mas ainda á outros . Faz ele alguns Sonetos , a que chama *Eroicos* , e entre eles algum ao *Conde da-Torre* , que matou de um golpe um toiro . Assumto mui mimozo dos-Portuguezes , ao qual tenho lido infinitos Sonetos , de diferentes autores . Intende V. P. que este titulo *Eroico* , promete um pensamento nobre e admiravel ? assim devia ser ; mas nada menos é : e nestes eroicos entram igualmente as futilidades , e impropriedades . Se me-nam-dá credito , oufa o primeiro , que diz assim :

*Tam grande golpe , o Conde illustre , destes
Nesé amante de Europa que matastes ;
Que só o estrago , que ao ferir cauzastes ,
Todos os Signos atroou celestes .*

*Tam veloz , tam bizarro acometestes ;
Que , no-impulso menor com que voastes ;
Ao golpe orrendo a morte anticipastes :
E por-demais a excusam fizestes .*

*Faltou emprego à espada , ao braço forte
Lugar : onde aparece a desmedida
Força , que enveja Alcides , e Mavorte .
E intendo que ambicioso da-ferida ,
Por-ser o bruto o credito da-morte ,
Cauza vos-deu , para tirar-lhe a vida .*

Este Soneto que V. P. aqui vê , é mui gavado : mas examinado ele bem , é parente chegado dos-outros amatorios . Na primeira quaderna se-observa a puerilidade , de chamar ao toiro , *Amante de Europa* ; fomenta para dizer , que se-espantáram os mais signos celestes . Tomára que me-disêse , se se-espantou tambem o signo de *Libra* &c. Na 2. quadra desfaz , o que disse na primeira : e afirma , que o Conde nam matou o toiro ; mas fez fomenta a eroica asám , de dar em um corpo morto : e o mesmo confirma , no-primeiro terceto . O que contem o ultimo terceto , nam se-pode intender : porque que queira dizer *Credito da-Morte* , eu nam fei : o que fei é , que para fazer uma antiteze ridicula , de *morte* , e *vida* : compoem dois versos , que nada significam . Parece que queria dizer o Poeta , que o bruto , que era inimigo da-

morte , fora com gosto oferecer-se a ella . Mas isto , alemdeque desmente o que primeiro dissera , que elle nam matára o boi ; nam se-pode explicar , com o ultimo verso : porque *dar cauza* pode alguém , sem se-offerecer à morte . Em uma palavra , isto é um conceito Grego . E disto achará V. P. frequentemente , no-mesmo autor . Os seus conceitos eroicos , sam tam superlativos , que eu os-nam-intendo . Em outro Soneto a *D. Joam de Castro* , sobre o mesmo assumto , conclue assim :

*Do-valor forte foi : mas de tal forte ,
Que a forte foi valor , Castro bizarro :
Sem ser azar do-bruto o dar-lhe a morte .
Antes se-ve , que com feliz desgarrro
Lá no carro da-Fama está mais forte ,
Que este que foi de Europa amante escravo .*

O consoante ultimo parece devia ser *escarro* , e nam *escravo* : mas o conceito obriga a dizer , o contrario . Porem isto é nada : o que eu digo a V. P. é , que o que quereis dizer estes dois tercetos , confeso a minha ignorancia , eu nam sei : nem até aqui achei , quem mo-explicasse . V. P. terá o trabalho de o-consultar , com aquelle seu amigo , que louva tanto este autor : e notar de caminho , se , escrevendo em Tartaro , podia ser menos intelligivel . Quando estes Poetas , quereis fugir da-obscuridade , declinam para outro extremo ; que é , dizer coizas , que nam tem grãa alguma , a que se-chama frioleiras . E tal é o fecho de outro Soneto , ao mesmo assumto , e polo mesmo autor : que eu repetirei todo , porque se no-fim é mais claro , nam é menos galante no-principio :

*Foi , o Conde bizarro , de tal sorte
A vida dese bruto prezumida ;
Que o Roxo mar da-mais cruel ferida
Julgava escrito seu alento forte .
Mas só vós , raio illustre de Mavorte ,
Fizereis , com puxansa nunca ouvida ,
Que por-onde sair nam pode a vida ,
Soberba intrasé arrebatada a morte .
Emfim caio o bruto : e parecia ,
Que o tom do-golpe , que nos-vales dura ,
Em todo o ar exequias lhe-fazia .
Pois foi tal desa estada a forsa dura ,
Que ainda a terra parece que lhe-abria ,
Com os sobejos do-golpe , a sepultura .*

Este

Este Soneto é parente do-antecedente . Esta frase *vida prezumida* , nam fei o que significa : muito menos intendo , os dois ultimos versos da-primeira quadra : é tam sublime o conceito , que creio , que nem menos o feu amigo * * se-atreverá a explicálo , em boa proza . Tambem aquilo de chamar *Mar roxo* , ao *Mar vermelho* ; nam se-pode perdoar a um omem , que fez , ou intentou fazer um poema Epico . A antiteze que se-acha na 2.^a quadra , de *Sair vida , e intrar morte* , é outra inglezia . O que eu acho é , que fe o toiro morreo de uma cutilada , pola mesma parte por-onde introu a morte , faio a vida no-sangue : e isto nam é *puxansa nova* ; mas é coiza bem uzual . O ultimo terceto , tem um conceito bem ordinario , e em tudo semelhante , ao de outro famoso Soneto ao mesmo assunto , que comesa :

Foi para o raio de aso curta esfera ,
e conclue assim :

Que emprego sofrerá forsa tam dura ?

Abra o boi : rasgue a terra : e desta sorte

Saia em sobras da-morte , a sepultura .

Mas eu devo dizer o que intendo : acho que em ambas as partes os Poetas disseram , o que diria qualquer omem de ganhar . despois de terem engrandecido tanto o golpe , sam mui frios na concluzam . Para acompanhar com o Soneto , parece-me que tinham dois conceitos , mais exquisitos . Um era dizer , que com a forsa da-caida furára o bruto , o globo terraqueo ; e fora parar , no-emisferio dos-Antipodas . O outro era concluir , que ao toque da-espada , se-anihilára o bruto : tomando esta palavra , no-sentido filozofico , que supoem uma forsa mais que umana . Cuido que isto era mais conveniente , ao estilo de Portugal . V.P. diga ao feu amigo , que fasa nota destes dois conceitos ; para se-servir , nas ocazioens de toiros .

Em outra parte faz o mesmo Chagas dois Sonetos , que acabam com duas frioleiras inoportaveis . Um é feito , à morte da-Infanta D. Joana , e conclue assim :

Transfosta quando menos admirada ,

Anoiteceo na aurora de uma vida ,

E se-eclisou de um Sol na madrugada .

Mas sendo as luzes tantas , quem duvida ,

Se era o viver de muito dezejada ,

Que o morrer foi de pouco merecida .

O outro é feito, a outro cavallo do-Conde de Sabugal, que campava bem. Este autor era tentado com tais assumtos: e creio que na cavalariça do-dito Conde, nam deixou animal sem Soneto: finalmente fez um, que concluiu assim:

*Nó pues de Febo el tiro luminoso,
Nó de Alexandro el Zefiro animado
Rapido se compita, o generoso.
Pues preferiendo a todo lo animado,
Los puso desayrados en lo ayroso,
Corridos los dexò con lo parado.*

Estes dois fechos sam as maiores frialdades, que eu ainda vi: nam se-podem ler sem compaixam: e isto alem de terem antitezes, e versos, que nam se-intendem.

E nam cuide V.P. que isto succede somente no-*Chagas*, e outros Poetas; acha-se nos-melhores: e *Camoens* é um deles. Este omem, que no-Lirico tinha muita naturalidade; querendo introduzila nos Sonetos, fez a maior parte deles sem grafa alguma: Ponho neste numero os dois gavadinhos, que se-tem glizado cem-mil vezes: comesa um:

Sete anos de pastor Jacob servia:

e conclue assim:

*Comesa de servir outros sete años
Dizendo, Mais servira, se nam fora
Para tam longo amor, tam curta a vida.*

outro comesa:

Alma minha gentil que te-partiste:

e acaba:

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tam cedo de cá me-leve a ver-te;
Quam cedo de meus olhos te-levou.*

Confidere V. P. sem paixam, estes dois Sonetos; e observe se acha neles, o carater do-Epigrama. Eu digo que nam: porque o Epigrama deve concluir, com algum conceito que agrada, e arrebate com a novidade; e deixe intender mais, doque nam diz: e isto é o que eu nam acho, em nenhum deles. O primeiro contem uma historia, sem artificio algm poetico: e conclue com um comprimento bem uzual. Um amante logrado, que menos podia dizer que isto: *Mais servira, se nam fora pouco todo o tempo, para empregar no-seu serviso?* Contudo isto, nam obstante ser uma coiza

coiza fria, eu observe outro defeito maior, que é a impropriedade. Para fazer uma antiteze, de *amor longo, vida curta*; serve-se de uma fraze impropria: pois *amor longo*, é parvoice; porque refere-se *a tempo*: e aqui deve-se referir a grandeza; e dizer, *amor grande*: no qual cazo vai por-terra, o conceito. Do outro Soneto digo o mesmo: todo ele se-reduz a isto = *Tu que estás la no-Ceo, pede a Deus, que me-leve a ver-te depreza*: e que menos se-pode dizer, a um morto amado? Este é outro fecho semelhante ao do-Borges, que fazendo um Soneto, à morte da-In-fanta D. Francisca, falando com a Morte, conclúe assim:

Se nam podes ja ter igual projeto,

Pendura a fouce, e deixa de ser Morte:

Se o-disêse ao principio, e dele deduzise alguma coiza boa; seria menos mau: mas rezerválo para o fim, é nam intender este officio. Esta especie de conceitos, nam é necessario dizelos: estam ditos por-si, e todos os-diriam. Neste mesmo fecho do-Camoens, notô outra impropriedade. A palavra *cedo* no-primeiro verso, refere-se a tempo; e quer dizer, *depreza e logo*, sem reparar em idade, ou coiza semelhante. O que posto, compara muito mal o-Camoens um *cedo*, com outro *cedo*, sendo coizas diferentes: e vale o mesmo que dizer: *Assim como tu partistes na flor da-idade deste mundo, assim eu parta logo* &c. a qual propozisam manifestamente se-ve, ser uma parvoise. Toda a grafa pois do-dito conceito, se-reduz à palavra *cedo*: que aqui é um rigoroso equivoco: coizas indignas de um Soneto. Onde conclúo, que no-Camoens nam vejo, o espirito do-Epigrama; porque a sua naturalidade talvez afetada, o-faz languido: e o Epigrama, aindaque natural, deve ter outra elevasam. E assim os que querem fazer bem Sonetos, devem evitar nam só a inverosimilitude, e obscuridade; mas tambem a frialdade.

Muitas coizas reduzidas a Decima, ou outra tal composisam, parecem bem; que em Soneto parecem muito mal. No-estado em que está oje a Poezia; pode intrar no-Soneto, alguma coiza de *ingenho mixto*: porque estes costumam agradar mais. Creio porem que é melhor, fazer poucos e bem, que muitos dos-comuns. Esta sorte de poemas imperfeitos valem pouco, e nam sam capazes de darem nome, a um Poeta. Onde quando nam sam superlativos, nam se-podem soffrer. Este porem é o defeito, de muitos Portuguezes; que, fazendo Sonetos mal, ainda assim nam cesam de

de fazêlos: faram dez e doze a uma roza, e afumtos semelhantes: outros em um Oiteiro fazem bastantes glozas, a um só mote: e se os primeiros sam maos, os ultimos sam peste. Mas, tornando ao ingenho, concluo, que em toda a sorte de poemas pequenos, deve o Poeta ter sempre diante dos-olhos; que o essencial deles é, a naturalidade, unida a um pensamento galante, exposto com delicadeza. Esta pode consistir, em um sentido oculto, que diz muito, quando parece que nam diz nada: em alguma pancada picante, coberta com um veio modesto: em uma grafa, exposta ironicamente com maneira seria: em um pensamento fino, coberto com uma palavra grosseira. No-Soneto porem deve praticar-se isto, com menos meiguise, e mais elevasam. No-que reprovo o estilo de muitos, que se-servem dos-Sonetos, ou Romanfes Heroicos, para coizas amatorias; nas quais nam entram bem: porque o verso endecasilabo, pede emprego mais fezudo: o Lirico é proprio para estas coizas.

O que digo do-Epigramma Portuguez, digo tambem do-Latino, porque as regras sam as mesmas: e com mais razam se-devem nele evitar, os equivocos &c. porque a lingua Latina nam sofre, semelhante estilo. Os Epigramas dos-Gregos eram naturais, aindaque com grafa: este estilo seguiu *Catullo*. Porem *Marcial* no-tempo dos-Vespazianos, principalmente de Domiciano; que era a declinasam da-eloquencia Latina; e quazi o principio da-idade de bronze, segundo os que intendem melhor; foi o que comefou a introduzir, ou refinar as agudezas, e equivocos, nos-Epigramas: o que agradao entam, porque se-comefava na-Corte a perder, o bom gosto da-Eloquencia. Com effeito alguns dos-seus Epigramas podem pafar, em obzequio daquele tempo; e tambem do-nosso, que ainda está alguma coiza occupado, com sutilezas: mas sam rarissimos, e apostarei que nam chegam a quinze, os bons. A maior parte porem sam frialdades, e parvoises; que os omens de juizo tem desprezado; e reconhecem estar muito abaixo, da-nobreza de *Catullo*: Mureto; que imitou tambem *Catullo*, que parece o mesmo autor, chama a *Marcial*; *Bobo de Comedia*: e o nosso Lilio Gregorio Giraldo; a quem todos os doutos reconhecem, por-omem de juizo exatissimo nestas materias; diz deles com galantaria, que só podem agradar, aos afnos. Temos mais alguns antigos Epigr. que podem pafar. Dos-modernos acham-se alguns bonitos: mas incontrei tambem, colefoens de Epigramas modernos, indi-

indignísimos; e a maior parte sam assim: e assim é necesario lelos, com muita advertencia. O ingenho mixto reina, nestas composiçoens; principalmente desde o fim do seculo XVI. a esta parte. Chamo felicidade fazer um Epigrama, que seja bom. Onde diz com graça o douto P. Rapin, que o Epigrama se nam é excellentissimo, nada vale: e que tam difficultozo é, fazer um bom, que se-pode contentar, quem chega a fazer um, em toda a sua vida.

Esta materia dos-Epigramas, que sam rigorozas inscriçoens funebres na sua origem; aindaque ao despois se-aplicasem, a outras materias; me-conduz a falar, nos-Elogios lapidares: que sam um *quid medium*, entre a proza e o verso; e o *Juglar* lhe-chama, *libera Poësis*. Nesta materia tenho pouco que advertir a V. P. porque o-reduzirei a duas palavras. Nenhum omem de juizo, deve seguir o estilo, do-*Tezouro*, *Juglar*, *Masenio*, *Labbé* &c. se é uma rapaziada condenavel, introduzir na lingua vulgar equivocos, e sutilezas; e que nenhum omem douto faz; que será introduzilos na Latina, em que nós nam temos jurisdicam? Alem diso, a lingua Latina nam permite isto. os que estimam a bela Latinidade, devem escrever, como os da-idade de oiro; ou quando muito de prata; e nadamais se-deve imitar. Nos-fins da-idade de prata, é que se-comesáram a introduzir tais agudezas, por-culpa de *Seneca* Filozofa, e seu sobrinho *Lucano*: mas principalmente de *Marcial*, que floreceo pouco despois. Motivo porque muitos bons criticos querem, que a idade de prata acabe com Nero, no-ano 67. de Cristo: vendo quanto dali para diante, descaio a Eloquencia. Mas ainda nos-fins da-idade de prata, nam estava o cazo tam arruinado: o que alcanço, das-inscriçoens dese tempo. Do-tempo dos-Antoninos para diante, quero dizer, desde os principios do-segundo seculo de Cristo, é que totalmente se-comesou a arruinar, e intráram as sutilezas: mas pior que tudo, desde a metade do-dito seculo para baixo. Finalmente arruinou-se a lingua Latina, com o imperio Romano, no-quinto seculo: daí para diante reinou a ignorancia, até o meio do-decimoquinto seculo. Contudo atrevo-me a dizer, que nam só nos-fins do-Imperio, mas nem ainda nos-seculos da-ignorancia, se-acha muita sutileza, e equivocos; se os-comparamos com os nosos. Somente nos-fins do-decimosexto seculo, comesáram a aparecer: mas totalmente se-rafináram, nos-principios do-decimosetimo: e duráram quazi até os fins do-dito: até que

aparecêram omens, que reprováram este estilo, e seguiram a Antiguidade. Isto basta para mostrar, que se-deve desprezar esta novidade; que é incompativel, com a beleza das-expressoens, e magestade da-antiga Eloquencia. Os ingenhos pobres, é que vam de-traz destas ridicularias, para serem estimados; visto nam o-poderem conseguir; por-outro estilo. No-tempo de Augusto, em que cozinheiros, pasteleiros, e mosos dos-moinhos, sabiam mais de Eloquencia, e bom gosto; doque a maior parte destes modernos doutores; nam se-escrevia assim: as inscriçoens eram naturais, claras, e em poucas palavras. Abra V. P. o *Grutero*, *Reinecio* &c. e verá provado o que digo. Ainda na idade de prata, e bronze, a maior parte das-inscriçoens sam naturalissimas: o que eu observei muitas vezes, examinando os antigos monumentos, que existem em Roma; esculpidos no-quarto, e quinto seculo: como tambem uma infinidade de sepulturas particulares, dos-seculos inferiores, escritas com toda a naturalidade, e grafa. E isto deve fazer, quem quer merefer louvor: e nam seguir os pasos destes ignorantes, que fazem Latins novos.

Quanto às divizoens de regras em grandes, e pequenas; é certo, que algumas se-acham na Antiguidade; mas raras: e regularmente por-necessidade, de comesar outro capitulo &c. Comumente escreviam sem divizoens, e muito menos divizoens afetadas; como quem escreve carta. O que eu observei muitas vezes: e nam só nas antiquissimas; mas ainda nos-monumentos escritos, atè a ruina do-Imperio, e inferiormente. No-fim do-XVI. seculo, é que comesáram a introduzir, esta ridicularia. Comesou polos titulos dos-livros: pasou aos arcos triunfais &c. De entam para cá *estilo lapidar* significa, um Latim escrito em diferentes regras maiores, e menores, segundo a eleisam de quem escreve. Eu certamente nos-principios de livros, &c. deixaria as coizas como estam: mas nas inscriçoens lapidares, nam me serveria destas divizoens de regras à moderna: porque se aquilo nam é verso, que necessidade á, de dispolo daquela sorte? Alem diso, as inscriçoens lapidares devem ser brevissimas, e clarissimas: e assim nam é necesario divizam, porque nam á motivo, para se-confundir a gente. Isto é o que eu nam posso soffrer, nestes modernos pouco advertidos; que fazem inscriçoens eternas. Mas isto é contra o bom gosto: a Antiguidade explicava-se em duas palavras: a simplicidade, e brevidade; era toda a galantaria das-inscriçoens. Li muitas vezes, e sempre com

com particular gosto, as inscriçoens que ainda oje vemos, nos-antigos monumentos, que existem em Roma. No-portico do-Pantheon ainda oje lemos: *M. Agrippa L. F. Cos. Tertium Fecit*: que quer dizer, *Marco Agripa, filho de Lucio, terceira vez consul, fundou este portico*. Esta é do-seculo de Augusto. Mas ainda as inferiores são assim. Vencêra Tito Vespaziano os Judeos: demolira Jeruzalem: concluíra uma das-mais oblinadas guerras, que tiveram os Romanos: o Senado, levantando-lhe um arco Triumfal perpetuo, nam disse uma arenga sempiterna; contentou-se de escrever estas palavras: *Senatus Populusque Romanus Divo Tito, Divi Vestasiani F. Vespasiano Augusto*. No-frontispicio do-templo consagrado pelo Senado, ao Imperador Antonino, e sua molher; lem-se estas palavras: *Divo Antonino, & D. Faustinae. S. C.* No-pedestal da-coluna Antonina, le-se: *M. Aurelius Imp. Armenis, Parthis, Germanisque bello maximo devictis, triumphalem hanc columnam rebus gestis insignem Imp. Antonino Pio patri suo dedicavit*. E na columna Trajana triumphal lemos ainda: *Senatus P. R. Imp. Casari Divi Nervæ F. Nervæ Trajano Aug. Germ. Dacico Pontif. Max. Trib. Potest. XVII. Imp. VI. Cos. VI. P. P. ad declarandum quantæ altitudinis mons, & locus tantis operibus sit egestus*. Deixo de citar outras, porque é coiza bem vulgar. Nestas inscriçoens ve V. P. a naturalidade, simplicidade, brevidade: sem divizoens, mas com fize continuada. Se porem algumas vezes, eram as inscriçoens mais compridas, provinham dos-titulos dos-Imperadores, que se-costumavam escrever: ou porque nela se-nomiavam varias pessoas, cadauma com o seu titulo; que é o mesmo que diferentes inscriçoens: mas isto é raras vezes: o comum era pelo contrario. Nam assim nos-modernos, que fazem inscriçoens eternas, sem nobreza, ou graça alguma; e com divizoens importunas e afetadas. Mas quando quizesem seguir estas divizoens, pouco importaria; contantoque fugissem, dos-vicios apontados. Uma coiza porem nam posso sofrer, e vem a ser, escreverem livros em estylo lapidar, com as divizoens ditas. Se eles intendem, que este estylo é tam proprio das-lapides, que nam pode aver lapide, por-outro estylo; quizera que me-disessem, porque compoem livros assim: ou é lapide, ou é livro. Nam á coiza mais ridicula que esta. Mas o que merece mais rizo é ver, que quando algum compoem um destes livros, saiem logo os censores, canonizando o dito estylo; e dizendo mal, dos-que desprezam estas rapaziadas. *** Um boca-

dinho de melhor gosto na lingua Latina, e um bocadinho mais de reflexam, pouparia estas criticas injustas.

Passando agora às composições modernas, pouco me-fica que dizer. As mais consideraveis entre as pequenas são, a Egloga, Elegia, Ode. A Egloga nam tem uzo em Portugal: em que nam se-aplicam a descrever, a imagem da-vida pastoril, cujo carater é a simplicidade, e moderasam: nem tambem esta compozisam, pede muito ingenho: basta ser acertado. *Camoens* nas suas Eglogas, introduz tanta variedade de versos, que nam se-pode ler com gosto; porque faz perder, a ideia da-Egloga. Alguma delas consta de Oitavas, Canções, Tercetos &c. mas isto nam se-deve imitar. Pode alguma vez variar-se, a uniam das-rimas: mas na mudança de versos, deve-se proceder com cuidado; porque é muito impropria. As outras duas composições, sim se-uzam em Portugal: mas comumente debaixo de outros nomes. A Elegia, tem por-emprego, descrever sentimentos ou amores; ou expremir qualquer paixão amorosa. Donde vem, que o seu carater deve ser, o enternecido, explicado por-um modo animado; mas quanto mais pode ser natural: que é o que faz quem chora, ou ama: e aqui tem lugar, as Figuras proprias desta paixão. Cuido que para isto é mais proprio, o Romance Lirico, e a Silva; porque são composições naturais, e que se-podem animar, como cadaum quer: o Endecasilabo nam me-parece tam proprio para isto; porque as de *Camoens* em Tercetos, nam são bem. Neste particular acho um notavel defeito, em alguns Poetas, que querem fazer do-Soneto Elegia: e afetando um só conceito final, mostram tanto estudo; que destroem a ideia da-Elegia. Uma paixão nam se-dezafoga, em 14. versos: pede compozisam mais comprida, e livre de afetações: acrescentando a-isto, que nem menos o verso os-ajuda. Mas ainda o Lirico, se se-compoem de discursos separados, como são as Decimas; nam permite liberdade da-expresam, para dezafogar a paixão. Tambem nam aprovo os quartetos Liricos, porque mostram afetasam. Com efeito muitas que eu vi, nestes dois generos, cuido que mais moviam as Damas a riso, que a compaixam.

A Ode é aquella compozisam, com que se-louvam as afoens dos-Deuzes, ou omens illustres. Esta explicasam basta para mostrar, que pede um grande ingenho, imaginasam elevada, expresam nobre e correta; e toda a galantaria e vivacidade, que se-acha na arte de persuadir. Quer-se juizo, para tecer uma Ode

com magestade, e sem defeitos. A Antiguidade nos propoem *Oracio*, como o melhor exemplo nesta materia: porque soube unir duas coizas bem difficultozas, a elevasam, com a delicadeza e doçura. Para isto na lingua Portugueza parece proprio, o Romance Heroico, a Cançam, Tercetos Heroicos, quero dizer, endecasilabos: mas o Lirico nam creio que possa satisfazer, toda a grandeza do argumento. Sobre tudo reproveo muito, elogiar as afoens de um omem, em um Soneto: este só pode servir, para uma asám: O verso endecasilabo é sezudo, grave, e parece proprio, para estes argumentos: mas deve a compozisam ter, o comprimento necessario, de outra forte soffoca-se: motivo porque nunca pude perdoar a *Camoens*; principalmente fazer compozisoens amatorias, com o titulo de Ode. Estas trez compozisoens, que aqui nomiamos, reduzem-se ao poema Narrativo Epico, de que sam partes, cu dependencias.

A Satira é parte da-Comedia, para a qual se-reduz: contudo muitos que nam fazem Comedias, divertem-se em fazer Satiras. Mas é necessario muita advertencia, nesta materia. A Satira nam deve repreender, senam o que verdadeiramente é viciozo; para instruir os Omens, do-que devem fugir: e para conseguir isto, quer-se muita delicadeza. Quem repreende o Vicio abertamente com invetivas, conclúe pouco: por-este motivo nam agrada *Juvenal*, que é um declamador. O melhor é, pintar com galantaria, o ridiculo do-Vicio, quazi como quem o-nam-quer mostrar. Este foi o metodo de *Oracio*; que por-isto agradou muito: mas nam foi ele o inventor; foi o Filozofó *Socrates*, que tinha uma arte particular, de descobrir as ignorancias dos-Omens, mostrando de o-nam-querer fazer. Os modernos que seguíram este metodo, conseguíram melhor que outros, o seu intento. A historia de *D. Quixote*, é neste genero famosa, e galante: gostei muito de a-ler. Polo contrario, os que fazem Satiras oscurissimas, como *Persio*, e dos-modernos *Gracian* no-seu Criticon, e *Barclai* no-seu Euformiam &c. nam se-podem soffrer: e eu creio, que eles mesmos em varias partes, nam intendem o que dizem. Os nosos Italianos tem um gosto particular, para as Satiras; porque em duas palavras dizem muito, e com galantaria; deixando intender mais, doque nam explicam. Tenho visto algumas Latinas bellissimas, e bem modernas: como tambem Comedias, no-seu genero famozas.

Isto digo da-Satira em comum: nam aconselho a ninguem, que faça Satiras a pessoas particulares, aindaque sejam viciozas;

porque é contra a caridade . Em Portugal ainda nam li uma Satira bem feita , ainda das-particulares : as que vi eram afrontas e injurias , nam Satiras . Concluo dizendo , que o verdadeiro modo , que os omens inteligentes tem achado , para compor estes pequenos poemas ; é , despois destas gerais reflexoens , apresentar-lhe os melhores exemplos na materia : e mostrar-lhe com o dedo , o artificio , e toda a galantaria . Só assim se-observa , que coiza é ingenho , e agudeza ; como , e quando se-pode uzar dela .

Finalmente tendo pasado brevemente , polas composizoens pequenas ; direi alguma palavra da-Epopeia , ou poema Epico . Se ouvêse de falar nisto como devo , faria um tratado : e assim nam saindo do-meu estilo , farei fomite algumas reflexoens . Este poema , como ja disse a V. P. , é a coiza mais dificultoza , da-Poezia : quer tal ingenho , tal erudisam , tal juizo , que quem o-considera bem , nam se-atreve a fazêlo : muito mais se observa os defeitos , em que cairam muitos , dos-que o-tem emprendido . Assim disse a V. P. qual é o artificio deste poema , que compreende em si , todas as especies do-Narrativo : e que por-isto pede , grandissimo fundamento de Retorica , para o-poder tratar bem . Nam é esta a fruta dos-Sonetos , e Decimas , que nacam a cada canto ; é coiza mais dificultoza : as regras sam tantas , e tam dificultozas , que sam poucos os que se-atrevam , e rarissimos os que nam pequem , contra algumas . Este é o motivo , porque nam produzirei muitos testemunhos , principalmente sendo o meu argumento , conter-me nos-limites de Portugal . Certamente neste Reino , é rarissimo o poema Epico . O Condestavel de *Francisco Rodriguez Lobo* , o Macabeo de *Miguel da-Silveira* , a *Ulisea* de *Gabriel Pereira de Castro* , por-confisam dos-mesmos Portuguezes de melhor doutrina , nam merecem este nome : algum outro que possa aver manuscrito , e que agora nam me-ocorre , pertence à mesma classe . Assim parece , que com razam se-disse ; que a unica Epopeia que appareceo em Portugal , foi a de *Camoens* . Mas isto mesmo confirma o que digo , da-dificuldade do-poema Epico .

Se V. P. consulta os seus nacionais , os-achará tam preocupados pelo *Camoens* ; que mais facilmente ouvirám dizer mal , da-religiam , doque do-poema Epico de *Camoens* . Os que deviam fazer a critica do-dito autor , fazem o elogio . Um destes é *Manoel de Faria e Souza* , que de comentador , se-converteo em panegirista : e em vez de explicar , o que o Poeta quiz dizer , nos-

diz o que lhe-parece : vendendo-nos as suas imaginaçoens , pelas ideias do-Poeta : e querendo desculpálo ainda nas coizas , em que é mais condenavel . Com effeito este comentador , mostra intender pouco , a materia que trata : ao mesmo tempo em que diz mal , de todos os melhores Poetas Estrangeiros , que certamente ele nam leo , ou nam chegou a intender ; nam obstante que muitos o-louvem , como um oraculo . *Inacio Garcez Ferreira* , que fez as notas ao *Camoens* , intendeo melhor a materia . Dos-livros que ele cita , se-conhece logo , que á-de ajuizar melhor ; porque se-servio dos-melhores na Poetica , tanto Francezes , como Italianos . Alem diso , escreveo em Italia , onde teve tempo de consultar , os omens mais inteligentes ; sobre as difficuldades , que lhe-ocorrefem . E com effeito ajuiza melhor : mas nam tam bem , que em algumas partes nam se-ingane : como seria facil mostrar , se tivesse tempo . Contudo este Portuguez sinceramente reconhece , algumas faltas sustanciais no-*Camoens* . O que basta para me-livrar da-calunia , dos-que me-quizesem condenar , por-meter colherada , nesta materia . Mas como eu intendo bem , a lingua Portugueza ; parece-me que nam sou improprio , para julgar .

Avemos de confesar , que *Camoens* , teve muito ingenho , imaginasam fecunda e grande : e que se-tivesse estudado ou tratado , com quem ensinasse bem , as coizas que devia ; poderia dezempenhar , o argumento da-Epopeia . Com effeito o que fez de bom , tomou dos-nossos : pois nas suas obras reconheço eu , que entendia o Italiano , e que se-aproveitou bem do-*Petrarca* , *Boccaccio* , e outros . Teve finalmente muitas qualidades de Poeta : e para aquelle tempo , em que nam avia , os conhecimentos que oje á , é maravilha , que escrevesse tam bem . Mas querelo comparar com *Omero* , como fazem muitos : ou querelo colocar , sobre os das-outras Nasoens todas ; com a razam , de que o seu poema o-traduzio um Francez na sua lingua ; e o *Paggi* na nosa Italiana ; isto nam deixa de ser temeridade , fundada em uma prova fora do-cazo . Tambem um curiozo se-divertio , em traduzir o *Vieira* em Italiano ; e contudo ninguem faz cazo de tal tradusam , e autor : e o mesmo succede ao *Camoens* ; que a maior parte dos-nossos bons Poetas , nam sabem que o-ouve no-mundo . Alem diso , seria necesario provar primeiro , que estes tradutores eram Poetas , e nam Versesadores : que entendiam bem a materia ; e nam se alucinaram na tradusam . As versoens Espanholas nem menos

concluem : porque foram feitas , debaixo do-mesmo clima : Os outros Estrangeiros que o-louvam , fundam-se no-que dizem os Espanhoes , ou Portuguezes , como V. P. pode observar : e alguns que chegáram a lelo , nam dizem bem dele .

Na verdade o *Camóens*, entre muito boas qualidades , tem muitos defeitos , nacidos de dois pontos : o primeiro , falta de erudisam : o segundo , de juizo e discernimento . Primeiramente , errou o titulo da-obra . Os mestres da-arte tomam o titulo , ou da-pessoa , como *Odysséa* , *Eneide* : ou do-lugar da-asám , como *Iliade* , que é tomado da-Cidade de *Ilio* primaria da-Troade . O *Camóens* em vez de tomar o dito titulo , de *Vasco da-Gama* &c. toma-o de todos os Portuguezes : buscando para isto um termo Latino , que tanto calza aos Portuguezes navegantes , como aos que ficáram no-Reino : e o pior é , que o-toma no-plural , que nam tem exemplo , na boa Antiguidade . Enou a propozisam do-Poema : pois devendo esta center , uma só asám principal ; ele porem em vez de propor , a navegasam do-*Gama* , que era a sua *asám* ; propeem todos os varcens illustres , de que se-compoem a inteira historia de Portugal ; com expressa divizam das-coizas da-Europa , Africa , e Azia : e deles expressamente promete a El-Rei D. Sebastiam , cantar as ascens eroicas : o que diz desde a Estancia ou Oitava 12.^a do-primeiro Canto , para diante . Com efeito executa literalmente , o que promete : porque no-principio do-Canto III. descreve a Europa : e desde a Estancia 21. dese Canto , até o fim do-Canto IV. expoem as coizas da-Europa , e Africa até El-Rei D. Manoel . No-fim do-Canto IV. entra com o descobrimento da-India ; e continua no-V. até o X. em que fala nos Governadores da-India : e de pasagem toca na America . De forte que este Poeta na propozisam , incluye todas as partes da-fabula do-poema : que é um erro maficho . Isto verá V.P. nas-duas primeiras Estancias .

I.

*As armas , e os varoens asnalados ,
Que da-Occidental fraia Luzitana ;
Por-mares nunca de antes navegados
Pasáram ainda alem da-Taprobana :
Que em perigos e guerras esforçados ,
Mais doque pôde a natureza umana ;
Entre gente remota edificáram
Novo Reino , que tanto sublimáram :*

II. E tam-

I I .

*E tambem as memorias gloriozas
 Daqueles Reis , que foram dilatando
 A Fé , e o Imperio : e as terras viciozas
 D' Africa , e d' Azia andáram devastando :
 E aqueles que por-obras valorozas
 Se-vam da-lei da-Morte libertando ;
 Cantando espalharei , por-toda a parte ;
 Se a tanto me-ajudar o ingenho , e arte .*

Tudo o que se-cômpreende nestas duas Estancias , é propozifam : e tudo isto ele promete cantar . Mas aindaque na propozifam de um poema se-posam acrescentar , alem da-asám , algumas coizas ; estas devem ficar fóra da-fabula , e nam deve o Poeta cantálas ; e fomite nos-epizodios do-dito poema , é que se-toca alguma delas . v. g. *O novo Reino que se-fundou entre gente remota* &c. é acrescentamento , que resulta da-asám ; e fomite se-canta por-epizodio . O *Camoens* porem inclue tudo na propozifam , e assim o-executa : desorteque considerando os que inculca , na segunda Estancia ; bem se-ve que entram , nam por-acrecentamento , mas diretamente . Contudo os Reis de Portugal , de que trata no-Canto III. , e IV. , nada tem que fazer , com a principal asám , e entram por-epizodio . Os que por-obras valorozas se-vam da-lei da-morte libertando , que sam todos os outros Portuguezes illustres , tanto antigos , como modernos ; tambem estam fóra da-principal asám , que é a navegasam do-Gama . Com efeito o *Camoens* lá os-introduz por-epizodio , no-principio do-Canto VIII. mas nam obstante isto , na propozifam do-poema mete-os diretamente , com os outros . Os que foram governar a India , tambem entram por-epizodio , no-principio do-Canto X. mas sem reparar niso , ele os-propoeem com os outros , no-5. e 6. verso da-2. Estancia . Assim na primeira Oitava confunde , os que foram com o Gama conquistar a India , com os que ao despois foram governála : e de uns e outros diz , que edificáram novo Reino . Este defeito é de toda a considerasam , nesta matéria . *Garcez* os-reconhece em *Camoens* : mas querendo desculpar nele , o ter proposito muitos varoens , com o exemplo de *Caio Valerio Flaco* ; é mostrar que ignora , o pouco conceito que os eruditos tem , das-obras de *Flaco* ; nas-quais acham mil defeitos contra a arte ; e nenhuma grasa , ou beleza : desorteque os seus erros , nam podem servir de desculpa , aos de *Camoens* .

Errou alem diso o *Camoens* , em nam sustentar sempre o caracter , e grandeza do-seu eroe : que abaixa sensivelmente no-Cant. VIII. do-meio para diante . Errou , nas enfadonhas digressões que introduz , por-toda a parte . Errou , em acabar quazi todos os Cantos , com exclamações mui fóra de propozito , e muito contra o estylo da-Epopeia . Tambem errou consideravelmente , introduzindo no-seu poema , as Divindades dos-Etnicos : nam allegorizando a coizas santas , como puerilmente pertende o *Faria* : nam aos Planetas personalizados , como benignamente interpreta o *Garcez* ; o qual fingio uma nova constelacão para Baco , que nam se-intende o que é : mas em sentido proprio , damesma sorte que faláram os idolatras Romanos ; pois mete Venus , e Baco imprudentemente por-toda a parte . Isto é tam claro no-seu poema , que me-admiro muito , que aja quem o-queira desculpar , nesta materia . Se nam quizer-mos dizer , que se-servio de palavras sem significado ; que feria outro erro .

Mas deixando muitos outros erros , em materia do-Epico , que se-podiam apontar ; tem outros nam menos censuraveis , em todo o genero de Poezia . Muitos versos errados , por-excesso de sílabas : outros por-falsidade das-rimas , que nam sam consoantes &c. muitas palavras Latinas sem necessidade alguma ; vistoque em Portugal á bastantes igualmente boas . Tem alem diso outros defeitos , comuns neste Reino : entre eles a prezunçã , de dizer sempre sentenças : o que nam nega o *Garcez* , nega porem , que *Camoens* seja obscuro ; e afirma , que os seus versos sam canoros . E eu confeso a V. P. que acho estes dois defeitos exprefamente no-*Camoens* : e que reconheço , que um douto Francez , que o-censura nisto , tem muita razã . Os versos de *Camoens* sam languidos , e pola maior parte sem graça . Escreve comumente muitas vogais seguidas : e como os Portuguezes costumam na pronuncia , comer as ditas vogais , umas com outras ; é necessario , para nam errar o verso , tomar frequentes respiraçoens , e fazer muitas pausas no-meio do-verso : o que faz perder a harmonia . A prova disto é ler o *Camoens* : pois a cada passo se-incontram os exemplos : que se eu quizesse citar , seria necessario fazer um livro . Mas deixando outros muitos , observe V. P. estes , no-principio do-primeiro-Canto .

O quarto , e quinto *Afonso* , e o terceiro .
Em vós os olhos tem o Mourò frio .

Dai-me agora um som alto , e sublimado .

E costumai-vos ja a ser invocado .

Com uma coroa e cetro rutilante .

Guerra Roma tanto se-afamaram .

Onde o dia é comprido , e onde é breve .

Da-antiga tam amada sua Romana .

E outro polas onras que pertende .

Deitando paratraz medonho , e irado .

Estrangeiros na terra , lei , e Nasam ,

A Natura sem lei , e sem razam .

Quem diser que estes versos , e outros que podia apontar , sam armoniozos , e enchem bem a orelha ; é necesario que tenha , orelhas mui compridas . Sam poucos os versos de *Camoens* , que nam tenham algum defeito de disonancia . A obscuridade ninguem lhapode negar , quando queira examinar , as suas composicoens . Nace em primeiro lugar , de uzar de palavras Latinas aporuguezadas , sem necessidade alguma : e isto nam uma ou outra vez , o que se-podia perdoar , e podia enriquecer a lingua , multiplicando os sinonimos da-mesma palavra : mas frequentissimamente , com afetasam manifesta . Nace em segundo lugar , de introduzir palavras , e frases , que nada significam ; o que é mais frequente na *Luziada* : porque no-Lirico explica-se naturalmente . v. g. Estas palavras : *som sublimado* : *furia grande* , e *sonoroza* : *esperar jugo* , e *vituperio* : *tenro gosto* : *Mouro frio* : *suprema eternidade* : e outras que se-acham na-invocasam que faz , a *El-Rei D. Sebastiam* ; sam palavras que nada significam , e cauzam confuzam em quem le . Nace tambem , de certas aluzoens forçadas , e trazidas de longe , que frequentemente uza . A 6.^a e 7.^a Estancia , em que comesa o comprimento ao dito Rei , é tam obscura , que nam se-pode entender sem comentario : e o mesmo podia dizer , de quazi toda a invocasam . Isto acha-se frequentemente , em todo o poema : o que unido com a negligencia do-verso , faz , como dise um omem douto , que cada Estancia seja um misterio : o que é um consideravel defeito , em um poema Epico : cuja disam deve ser , aindaque nobre , natural , clara , inteligivel . Onde quando o *Garcez* quer defender , a clareza de *Camoens* ; mostra que nam está despidido , de toda a paixam : e vem a cair no-mesmo defeito , que ele condena no-*Faria* . Estes defeitos sam mui consideraveis , neste Poeta ; e mostram o pouco discernimento que tinha , das-coizas : e

quem os nam-distingue , nam intende que coiza é Poezia . Contudo , tirando estes defeitos , nam deixa de fer um , dos-melhores Poetas Portuguezes .

Quanto ao poema de Filis , e Demofonte , obra do-*Chagas* , de que asim falei ; é ele tal , que eu nam fei como lhe-chame . Pola figura , parece Epopeia : mas examinado dentro , nam é mais que uma istoria de amor , mui afetada . Reconheço , que o autor o-deixou imperfeito : como se-ve do-Canto VIII. que nam tem mais que 5. Estancias ; e do-X. que tem 15. mas o corpo da-obra mostra mui bem , o que o Poeta queria . O titulo é este : *Filis , ou Poema Tragico de Filis , e Demofonte* . e nisto se-descobre , que o *Chagas* nam sabia , que coiza era poema Epico , nem como dele se-faziam os titulos . A asim do-poema é , a navegavam de Demofonte , que se-retirava do-sitio de Troia : e o Poeta perde logo de vista este ponto , e ocupa o poema com amores . No-primeiro e segundo Canto , em que descreve a guerra de Troia , e o seu naufragio ; imita servilmente *Virgilio* , quazi palavra por-palavra . Somente o-nam-imita , nas comparaçoens : pois sam tam frequentes e enfadonhas , as que introduz ; que nam se-podem ler sem fastio . O III. Canto é uma disputa escolastica , sobre o amor ; com mil conceitos improprios , e de rapaz . No-IV. em uma cascada ajusta-se o cazamento : e copeia fielmente *Virgilio* , na cova onde se-retiraram os amantes &c. O V. Canto consiste na descrevam do-lago Averno , caza de Plutam , e outras arengas mais ; em que entra um sacrificio , que nam se-sabe o que quer dizer : e finalmente Demofonte mata Ardenio . As duas descrevoens do-Palacio de Plutam , e da-jornada que este fez ; sam as coizas mais ridiculas , que eu ainda vi . O Canto VI. é uma istoria tragica , dos-amores de uma pastora ; que nada tem que fazer , com a asim do-poema . Mas a melhor istoria está no-Canto VII. em que o Poeta representa o seu eroe mui descansado , polo espazo de dez mezes ; sem que posamos saber , o que fez nese tempo . Depois , quando ele ja nam cuidava mais em Atenas , o-chama seu pai . custa-lhe a persuadir a Filis , que o deixe partir : mas finalmente parte . O VIII. Canto nam diz nada . O IX. é uma embrulhada terrivel . Começa com as faudades de Filis : esta vai consultar a Sibila Delfica , sobre os sucesos de Demofonte . Descreve a Sibila e a sua caza mui mal . Poem na boca da-Sibila um episodio , da-Geografia de toda a terra ; em que mistura umas coi-

zas , com outras , e comete alguns erros . Mostra-lhe a Sibila o seu Demofonte , adorando a Florisbe . Filis raivoza rompe o espelho magico ; e succede um espalhafato orrendo . Filis fica esa noite no-campo , (nam se-falando mais no-que succedeo à Delfia) exclamando contra as ingraticoens de Demofonte : e mata-se com a sua propria mam . E aqui descreve puerilmente , os efeitos da-sua morte . No-Canto X. torna Demofonte para Tracia , e sabendo a morte de Filis , que se-convertèra em arvore , quer abrasála . e succede milagre , que no-mesmo instante produzio a dita , folhas , frutos , e aromas : os ramos tangèram , e balhàram as flores .

Esta em duas palavras é a serie , e analize do-poema : na qual verá V. P. que este Poeta nem menos sabia , o que significava *poema Epico* . Esta sua composifam , nam tem unidade de asám : porque toda a asám se-acaba em poucos dias , com o cazamento : a viagem ultima , foi um divertimento . Nam tem fábula : porque se-ve claramente , que é uma istoria , sem enredo , nem solufam . A descriçam da-Terra que faz a Delfia , nam tem parentefco algum , com a asám . isto é uma embruhada , que eu nam vi tal . A transformafam de Filis em arvore , e o milagre das-flores ; é outra parvoice , que ali nam tinha lugar . Só faltou ao Poeta dizer , que Demofonte se-enforcára na dita arvore : e acabava a tragedia . Tambem lhe-falta a unidade de tempo &c. Quanto ao modo de dizer ; em quazi todas as partes se-serve de palavras , que nada significam : as frases sam afetadas : os conceitos sam pueris : e quando diz alguma coiza mais estudada , ve-se uma afetafam condenavel em tudo . Ignora totalmente o *decoro* , e carater dos-fugeitos : o que se-ve , quando introduz no-Canto III. um guerreiro como Demofonte , disputando uma questam amatoria ; como faria um academico , a quem encarregafem este assunto : ou tambem quando deixa uma Rainha como Filis , uma noite inteira , no-meio de um bosque medonho , sem companhia ; o que mostra , a fuma inverosimilidade : alem de muitas coizas , que podia notar . Onde torno a concluir , que de poema Epico , o *Chagas* nam sabia nada : e que pode V. P. aconselhar ao noso * * * que nam tenha dificuldade , de emprestar o tal poema ; porque se o-perder , perde pouco .

Outro Portuguez chamado *Francisco Botelho de Moraes* , e *Vasconcelos* , publicou dois poemas : um intitulado *El Nuevo*

Mundo : cujo argumento é , o triumpho de Osiris , na corte de Atlantide : e este nam pude ver . O que porem vi averá anos , foi o outro poema intitulado , *El Alfonso* : em que com XII. Cantos descreve , a primeira conquista de Portugal , por-Afonso I. Polo que agora me-lembro , cuido que nam se-pode chamar Epopeia : mas uma simplez istoria da-dita guerra , alterada com algumas fabulas : desforteqe nam tem artificio algum , de Epopeia . Este Poeta quiz imitar em tudo , *Lucano* : e nam o-podendo imitar naquilo , que tem melhor ; fomente o-imitou , nas enfado-nhas digrefsoens , e exclamafsoens , que às vezes introduz : sendo uma destas tam grande , que ocupa um inteiro Canto . Tambem o-quiz imitar na afetafam , de mostrar-se Astronomo , e Fizico : pois nos-ultimos cantos , faz sem necessidade varios discursos escolasticos , nesta materia : a qual , polo que mostra , intendia mui pouco . As fabulas sam afetadas , e com bastantes inverosimilidades : entre estas ponho a da-Deuza que vinha polo ar , acavalo em um grande leam &c. os versos sam duros : e em todo o poema reina , uma oscuridade infosfrivel : o que creio provem tambem , de escrever em Espanhol . Nunca pude entender , por-que razam um Portuguez deixa a sua lingua , para escrever na Espanhola , que pola maior parte nam alcanfa bem . Mas esta afetafam é mui vulgar , em muitos destes seus nacionais , que querem parecer eruditos . Isto é o que agora me-ocorre , sobre este Poema : o que digo , porque nam sei se V. P. tem noticia dele , por-fer imprefo fora de Portugal . Dos-outros Poetas nam digo nada : porque sendo uzuais , do-que tenho dito , pode V. P. formar conceito , das-suas obras .

Os Romances , a que os Portuguezes chamam Novelas , sam verdadeiras Epopeias em proza ; e devem ser feitos da mesma forte . Contudo acham-se poucos , que merefiam este titulo : pois os Portuguezes , e Espanhoes que se-acham , nada mais sam , que istorias de amor mui inverosimeis . O Telemaco de *Monsieur de Salignac* é uma Epopeia das-mais bem feitas , e escritas , que tem apparecido .

Do-poema Dramatico direi pouca coiza , visto que os Portuguezes , nam se-aplicam a ele ; por-se-perfuadirem que o Drama ; nam tem tanta grafia em Portuguez , como em Espanhol . Mas este prejuizo comum , nam tem sombra de verosimilidade . Reconhefo , que toda a Poezia foa melhor , na lingua Italiana , que

noutra alguma : o que confefam os eruditos das-outras Nafoens, que chegaram a pofuir bem , a lingua Italiana : e ainda alguns Francezes doutos : nam obftanteque outros queiram , que a Franceza feja propria , para a Poezia : (no-que , com fua licenfa , intendingo que dizem muito mal : porque nam á coiza mais infulfa , que o verfo duodecasilabo , de que uzam comumente os Francezes , e o modo de rimar deles . no-Lirico , e algumas cantigas , fam mais toleraveis . Mas geralmente falando , a lingua Franceza é pouco propria , para a Poezia : porque nam tem nervo , nem armonia) Mas o certo é que , despois da-Italiana , as duas melho- res linguas fam , a Portugueza , e Eſpanhola . E eu acrecento mais , que a Portugueza parece-me mais propria , para alguns generos de Poezia , doque a Eſpanhola : porque é fezuda e grave , e nam tem aquele falſo brilhante , que muitos loucamente admiram , na Eſpanhola . Se tiramos as terminafens em *aõ* , *ou am* ; e *aons* , e *oens* &c. nam fei que melhoria tenha a Eſpanhola , fobre a Portugueza ; para dizerem , que aquela é propria para o Drama , e eſta nam . Muito mais grave que a Eſpanhola , é a Latina ; e contudo ninguem lhe-nega , o poder servir no-Drama . Onde , os que por-eſte principio deixam de compor Dramas , em Portuguez ; vivem mui preocupados , e nunca confideráram bem a materia . Mas a razam ultima é , porque a eſtes modernos nam agrada , o modo de compor , a Comedia antiga : e só fe deleitam , com eſta moderna : (de que parece ter ſido inventor , *Lope de Vega*) e como eſta é compoſta de mil futilizas , e coizas ſemelhantes ; por-iſo goſtam das-Eſpanholas , que abundam diſto . Mas como eſte eſtilo é muito mau , e ſe-deve praticar outra coiza diferente ; daqui vem , que devem reconhecer , que a lingua Portugueza é tam capaz para o Drama , como a Eſpanhola .

O Drama , ou feja Tragedia , ou Comedia , nam é mais que uma inſtruſam , que ſe-dá ao Povo , em alguma materia . A Tragedia trata , de algum cazo extraordinario , ſucedido a peſoa grande . Com iſto ſe-modéra , a grande ambifam dos-Omens , enſinando-lhe a conhecer , que as condiſoens deſta vida eſtam fugeitas , a todas as infelicidades . Alguns defeitos ſe-tem introduzido , na Tragedia moderna : pois devendo ela conter ſomente , coizas eroicas ; introduziram muitos , imitando aos Eſpanhoes , eroes amantes . E ainda os noſos Italianos , para agradarem ao Povo , que tem ſecreta inclinafam , para ouvir eſtes enredos amantes ; o-praticam :

ticam : ainda que os omens inteligentes desprezem este estylo , que só é proprio da-Comedia . Nam é crível , que arte particular se-requer na Tragedia , para ser boa . Nela se-á-de ver , um enredo bem ideado : um argumento digno e nobre : uma elevação de pensamentos grande : uma particular arte de excitar as paixões , com pinturas exatas , e discursos propios das-pessoas que falam : finalmente tudo á-de ser animado , grande , singular , sem ser afetado : O que na verdade é mui difficultoso : e ainda muitos omens grandes , em algumas destas qualidades ; nam conseguiram , unilas todas .

A Comedia é uma pintura , do-que succede na vida civil e domestica . Ela ensina mil coizas aos ouvintes , mostrando de nam-querer ensinar , mas somente divertir : porem neste mesmo divertimento , está o ensino : porque ela pinta de forte , os defeitos dos-Omens ; que quem os-ve , ou ouve , nam pode menos , que envergonhar-se deles , e condemnálos . Este é o segredo da-Comedia , saber imitar bem a natureza ; porem em modo que o-vejamos , sem advertir-mos o artificio . Convem pois com a Tragedia , em tudo : só diversifica no-argumento . E assim como na Tragedia nam basta , enredar bem um successo ; mas é necessario observar , a verosimilidade ; desfazer naturalmente , o nó do-argumento , observando escrupulosamente , os caracteres das-pessoas ; assim tambem a Comedia : na qual deve reinar em tudo a naturalidade , mas judiciosamente disposta : porque daqui resulta , aquella particular galantaria e fal , que os omens de juizo acham , nas boas Comedias . quando entra nelas afetam , acabou-se a graça .

Por-este principio digo a V. P. que nunca achei Comedia Espanhola , que se-pudesse sofrer . Raras vezes o Espanhol imita a natureza : reina a afetam , e as sutilezas em tudo . O mesmo bobo , que deveria representar , a figura de um louco ; fala com tanta descricam , como o homem mais eloquente , e judicioso : as mulheres todas sam doutoras : todos dizem graças , e agudezas : e assim nam se-observa , a verosimilidade dos-caracteres . Querendo afetar tanta graça , sam os omens mais insulsos , que ainda vi . Porque a graça deixa de o-fer , todas as vezes que aparece o artificio , e nam nasce das-entranhas da-materia . A nossa Comedia Italiana é mais natural : e ainda que alguns tenham introduzido , outro estylo florido , os omens mais doutos o-tem desprezado . A nossa lingua é propria para a galantaria , e dosura da-Comedia . O in-
genho

genho do-Poeta prepará a materia , para fazer rir : e a galantaria da-exprefam , ajuda eſa meſma materia , para agradar mais : o que ſe-acha frequentemente , na noſa lingua . Na verdade é dom da-natureza , ſaber inventar materias agradaveis , e expolas em modo que agradem : mas alem deſte ingenho requer-ſe juizo , para ſaber diſtribuir as galantarias , onde devem intrar . Parece facil , o argumento da-Comedia : contudo é difficultoza a execufam : e ſendo tantos os que compoem , ſam poucos os que o-fazem com felicidade . A maior parte daquelas Comedias , que em Cidades inteiras tem tido , grandes aplauzos ; examinadas de perto , merecem compaixam . Os Poetas ajuntáram muitas ideias ridiculas , com que pudeſem divertir os ignorantes , e adular as ſuas inclinaſoens : e como eſtes ſam os mais , daqui nace , que ſe-dam aplauzos a coizas , que os-nam-merecem . O omem de juizo vai à Comedia , com outros olhos , que nam o ignorante , e rude . Eſte pára na ſuperficie do-que ouve : aquele penetra com a confideraſam , a intenſam do-Poeta : e quando nam acha o que deve , em vez de rir , vem-lhe vontade de chorar .

Alem do-que aſima diſemos , acha-ſe outro defeito , no-material das-obras de teatro , quero dizer , na ſua representaſam : vem aſer , quererem unir em tudo a representaſam , com o original . Alguns , para inspirarem orror , representam nas Tragedias , a morte de um omem , e outras coizas improprias . Era melhor , que o-mataſem detraz dos-baftidores , para poupar eſta descortezia aos ouvintes : baſtando que expuzeſem , o corpo morto . Vi algumas vezes nas Comedias , intrar omens acavalo em verdadeiros cavalos : vi carros triunfais tirados por-quatro cavalos brancos ; com perigo de darem quatro coices , e deitarem abaixo os baſtidores ; ou fazerem alguma porcaria no-teatro : vi arrebentarem bombas , e foguetes : vi dar fogo a uma Cidade , e uma Armada : e muitas coizas ſemelhantes . Mas iſto é uma impropriedade , indigna de omens prudentes . A Comedia é imitaſam do-natural , e todos ſabem iſto : e aſim nam ſe-devem introduzir coizas , que deſmintam o que é Comedia . Muitas vezes ve-ſe voar um omem , na Comedia : outras vezes um diabrete vivo dece do-teto , prezo por-uma corda : parecem-me os bonifrates do-Prezepio , que tem um arame na cabeça . Tambem aquilo de introduzir um Rei , e Rainha em uma camera , rodiados de ſoldados armados ; ou aquilo de dar uma batalha ſobre o teatro , nada tem de verofimel :

mel: Porque nem o Rei , quando está falando com a Rainha ; tem as guardas de corpus na mesma fala : nem uma batalha se pode dar , em quatro palmos de terra . Um bom Poeta dará melhor ideia de uma Armada , ou batalha , com uma famosa descripção ; e poderá com ela inspirar , sentimentos mais grandes , e nobres ; do que com aqueles accidentes exteriores , e improprios daquelle lugar . Mas o Povo vai à Comedia , para a-ver , e nam para ouvir : e só fica satisfeito , com estas coizas . Nam asim os omens que podem julgar , do-merecimento das-obras : estes nam podem deixar , de condenar isto ; e sugerir ao Poeta , que disponha melhor as suas figuras . Isto é o que agora me-ocorre . Acrecento fomite , que as Comedias de *Camoens* nam me-agradam ; aindaque uma delas parece mais sofrivel . Outras que vi modernas em Portuguez , tinham mais artificio : e na verdade eram menos más .

Tendo pois apontado a V. P. os defeitos mais comuns dos-seus Poetas ; segue-se examinar , se estas reflexoens podem ser utis , e como o-podem ser aos rapazes . E quanto à utilidade , é sem duvida , que a noticia das-regras é necessaria , para intender os autores : e a dos-versos , para intender a diferente harmonia das-suas obras : especialmente na lingua Latina , porque a beleza dos-versos consiste , na sua cadencia . Alem diso , a leitura dos-hons Poetas , eleva o intendmento para perceber , e ajuizar nobremente ; e ajuda muito a Eloquencia : e como nam se-posam intender os Poetas , sem saber as regras ; é necessario ter , alguma noticia delas .

Quanto ao modo , ja disse em outra carta a V. P. que é loucura obrigar os rapazes , a fazerem versos : e misturar os versos , com as outras compozisoens ; como se fosse coiza necessaria , para intender o Latim : os que fazem isto ; nam intendem a materia : parece-me que o modo mais natural é este . A Poezia deve-se ensinar , em uma escola separada , em que nam se-trate outra coiza . Examinando primeiro o rapaz , se tinha ou nam genio para a Poezia ; lhe-proguntaria exprefamente , se a-queria seguir : e quando ele me-disesse , que sim ; e eu com a experiencia visse , que tinha propensam para isto ; lhe-daria uma arte Poetica Portugueza ; feita por-este modo . Na primeira parte devem-se conter , as regras gerais da-Poezia , e a diversa noticia de poemas : vistoque as regras sam as mesmas , em todas as linguas : e isto historicamente ;
porem

porem ornado com algum exemplo . Na segunda parte , deve-se primeiro tratar , das-diferentes composições Portuguezas , e algumas particulares do-Reino : e aqui explicar, como se-fôrma a Decima , Soneto &c. apontando um exemplo, em cada coiza : notando especialmente , a cadencia dos-versos , e estilo da-fraze poetica : Isto nam parece coiza de momento , aos que nam sam da-profissam : mas é de infinito preso , aos que entram em semelhante estudo , e o-profundam . Acham-se mil Poetas , que tem veia ; mas porque lhe-falta a doutrina , pecam contra as leis da-arte , e nam brilham .

Neste tempo deve-se propor-lhe uma Decima , ou Soneto escrito &c. que ele nunca vise ; e obrigálo a que em escrito , faça a analize da-dita obra , se é boa , ou má ; que defeitos , ou belezas encerra . Este estilo de mandar pôr a lisam por-escrito , ferve infinitamente , para a intelligencia das-coizas que estudam ; e para a memoria : e repetido varias vezes , quando ja tem noticia das-regras , poupa infinitas explicações , e faz-se com toda a felicidade : e tem o rapaz tempo de considerar , e emendar .

Desta primeira parte , deve passar à segunda , tambem em Portuguez ; em que se-trate , das-particulares composições Latinas , e sua versificasam . Aqui deve-se repetir o mesmo , que disemos da-lingua Portugueza . Notará especialmente , as diferentes fôrmas de versos , de que se-formam as diferentes composições Latinas , como a Elegia , Epigrama , Ode , Idilio &c. Depois a cadencia do-verso , tanto a simplez , que é comua a todo o poema , como as particulares : as suspensoens , elizoens &c. e as que sam proprias , de varias paixoens do-animo . Depois o estilo e fraze poetica ; que é aquele particular idiotismo , de que se-servem os Poetas : que se-compoem de expressoens elevadas , com que se-vareia muito o discurso ; expondo as coizas grandes , com muita nobreza ; e as pequenas , com muita galantaria . Finalmente aqueles epitetos proprios , tam belos no-verso , como afetados na proza : e mil outras coizas , que sam particulares do-estilo poetico , e que constituem a sua beleza . Estas coizas a um rapaz , que lê um poema , fomenta para intender a Latinidade ; nam sam necessarias : mas a um que quer compor , sam sumamente importantes : e sem elas fará versos , mas nam será Poeta .

A Composição seria a ultima coiza , que eu mandáse fazer aos rapazes : porque pede uma memoria , cheia de muitas especies .

o que nam pode ter um rapaz. Deve-se comefar, polas compozi-foens Portuguezas : dando afumtos facis , e nam mandando compor, fenam obras breves; para terem ocaziam , de as-emendar. E nesta ocaziam pode o mestre explicar-lhe melhor, quais fãm as exprefoens proprias, para expremir o que quer : e dar-lhe por-este meio, uma boa noticia da-fua lingua. Com o tempo, e ob-fervando a capacidade do-eflutante, pode ir aumentando, o numero das-compozi-foens : fendo fempore melhor, mandar compor uma obra boa, a um certo afumto, doque muitas más, a diferentes. Fei-to isto, nam é crível, quanto fe-facilita a compozifãm no-Latim. Será pois esta a ultima parte da-compozi-foens : tendo a mefma ad-vertencia, de comefar por-Difticos, Epigramas &c. afumtos bre-vivifimos : pois nam enfaltiam os rapazes; antes com eles fe-dezem-barafãm muito, para as outras obras. E aqui, quando o mestre lhe-ensina, a compozifãm Latina; lhe-deve ensinar tambem, o mo-do de pronunciar o Latim. Certo é, que a Lingua Latina, des-pois da-Grega, excedeo muito as modernas todas, na harmonia das-fuas exprefoens : a qual coiza como nós nam fãbemos, por-ifo nam achamos nela a beleza, que achavam os Antigos. Contudo devemos procurar de imitar, a boa pronuncia : o que principal-mente é necefário, no-verfo. Quanto aos exemplos, devem eles fer poucos, e bons : e deve o mestre fugir de *Regia Parnast*, e outros livros deftes, que efragam o bom gosto da-Eloquencia, e Poezia : porque na leitura dos-melhores autores, aprende-fe me-lhor. Afimque, nam achando ilto feito, pode o mestre nos-mef-mos autores mostrar os lugares, que fãm necefários : e encomen-dar muito aos rapazes, que os-leiam, e decorem : pois só afim-fe-faz algum progrefo, na Poezia. Desta forte pode fer, que ou-vefem mais Poetas bons, doque nam á; entre tantos mil verfeja-dores, que V. P. eftá ouvindo todos os dias.

A Poezia nam é coiza necefaria, na Republica : é facultade arbitraria, e de divertimento. E afim nam avendo necefidade de fazer verfos, ou fazelos bem, ou nam fazelos : por-nam fe-expor às rizadas, dos-inteligentes. Se eu vife que o eflutante, nam ti-nha inclinafãm à compozifãm, explicaria brevemente, as leis poe-ticas; que é uma erudifãm separada da-compozi-foens, e que todos podem aprender; ao menos para intenderem as obras : e o-deixa-ria empregar, no-que lhe-parecefe. Desta forte, livres os efstu-dantes daquele cativoiro, podiam empregar-fe em coizas utis, e dar

dar outro lustre à Republica . Sei , que nem todos os mestres são capazes , de escreverem semelhante arte : mas se alguém a-fizesse , e se-imprimisse ; podia ajudar muito a todos . Certo amigo meu , homem mui douto , me-dise um dia destes , que um seu conhecido , avia pouco tempo tinha acabado um manuscrito , pelo estylo que dizemos . Eu ainda o-nam-vi : mas formo tal conceito de quem mo-dise , que julgo nam ferá mau : se o-puder conseguir , nam deixarei de avizar a V. P.

Finalmente com isto acabo esta carta , que ja me-parece longa : aindaque se olho para o que devia dizer , é curta . Tenho dito nela a V.P. o que me-ocorre sobre uma materia , que averá bastantes anos que deixei : e consequentemente nam sei se terei satisfeito , a sua expetasma , sobre a Poesia Portugueza : daqual , como ja protestei , tenho pouca noticia . Mas V.P. que me-obriga a falar , em todas as materias ; deve estar preparado , para ouvir coizas boas , mediocres , e algumas mal ditas . E assim agradeza-me somente a boa vontade , e promptidam com que obedeseo , ao que me-manda . Deus Guarde &c.



CARTA OITAVA.

S U M A R I O.

TRata-se da-Filozofia . Mao metodo com que se-ensina , em Portugal . Advertencia das-outras Naçoens , em procurar a Ciencia . Necessidade da-istoria Filozofica , para se-livrar de prejuizos . Ideia da-serie Filozofica . Danos , e impropriedades da-Logica vulgar . Da-se uma ideia , da-bou Logica ,



MEU amigo e senhor ; Dirá V. P. que eu sou mui preguioso em responder , e conservar a correspondencia , com os amigos : mas se-bêse como eu tenho estado , reconheceria , que nam falto , senam com justificada cauza . Eu sou filho da-obediencia ; e esta me-ocupou bastantes dias : a isto se-seguiu , a minha costumada indispozifam da-cabesa , que me-impedio ler coiza alguma . Tambem me-lembrou , que tinha remetido a V.P. um proporcionado livro , com o titulo de carta ; e que nam lhefaltava que ler . Agora livre de algum modo , de um e outro impedimento ; pego na pena para continuar , o noso comercio literario .

Nas duas ultimas me-pede V. P. com instancia , que me-dilate bem sobre a Logica , e que nam me-poupe , a nenhuma outra parte da-Filozofia . Eu nam sei , se poderei dignamente satisfazer , a curiozidade que V.P. mostra , nestas materias : porque finalmente á muito que dizer nelas ; e muitas coizas , que nam am-de agradar : mas finalmente direi . Lembro-me , que na nosa ultima conversafam me-difê V. P. que as escolas de Filozofia deste Reino , necesitavam ainda maior reforma , que as outras : porque o mao metodo das-escolas baixas , alguma coiza se-pode emendar com o tempo : porem uma vez que o estudante comesou a provar , o ergo , e atqui , e a brincar com eles , e excogitar sofismas , e metafizicas obscuras ; de tal sorte se-ocupa , com aquele negocio , que nam é , posivel por-lhe remedio : de que nasce , a confuzam na Medicina ,

dicina, Teologia, e mais Ciências. Como V. P. reconhece de antemam esta verdade, me-animo a dizer-lhe sinceramente, o meu parecer.

Eu verdadeiramente nam sei, se as escolas de Filozofia deste Reino, tem pior metodo, que as escolas baixas: sobre isto avia muito que dizer: o que sei porem é, que nestes paizes nam se-sabe, de que cor seja isto, a que chamam boa Filozofia. Este vocabulo, ou por-ele intendamos *ciencia*, ou com rigor gramatico, *amor da-ciencia*; é vocabulo bem Grego nestes paizes. Verá V. P. que se-dá este nome, a coizas bem galantes: Universais, Sinais, Proemiais, e outras coizas destas. Os pobres rapazes pasam os seus trez e quatro anos, lendo arengas mui compridas: e saiem dali, sem saberem o que lèram, nem o ccm que se divertiram. Falo do-estilo das-Universidades: porque o das-outras escolas é o mesmo; quanto à materia; e ainda pouco diferente, quanto à dispozisam.

No-primeiro ano se-pasa com dois tratados, a que chamam *Universais*, e *Sinais*; cadaum dos-quais terá quando pouco, os seus 20. cadernos, de duas folhas: e ja vi mestre, que ditou 40. cadernos, samente de *Universais*. No-segundo ano acabam-se os *Sinais*: e parte do-ano fala-se muito, em *Materia Primeira*, e *Cauzas*: ao que chamam Fizica. No-terceiro ano estudam-se *Intelejoens*, *Noticias*, *Topicos*, e algumas questioens de *Metafizica*; digo do-Ente em comum: e com estas quatro; e as duas do-primeiro ano, se-faz o Bacharel. No-quarto explica-se um tratado, a que chamam *Gerasam* e *Corrisam*: e avendo tempo, outro a que chamam de *Anima in communi*. Despois fazem conclusioens, nas ditas materias, ou semelhantes: que é um ato em que muitas vezes succede, que o defendente nam tem, argumento algum. Segue-se o Licenciado, que é um exame sobre as 6. materias do-Bacharel, com mais outras que apontamos: e temos o omem graduado, Filozofico.

Se isto pode ser bom metodo; se tais materias podem formar, um bom Filozofico; eu o-deixo considerar, aos pios leitores. Progunte-lhe V. P. aqueles Universais, e Sinais, de que coiza servem, quando se acaba a Filozofia. Diga-lhe que lhe-apontem, em que parte da-Teologia sam necessarios: que dogma se-explica com tal doutrina: fasa-lhe outras proguntas destas, e verá que limpamente lhe-confesam, que tudo aquilo morre com
a esco-

a escola . Se repetir a pergunta em outras materias , concluirá o mesmo . E eis aqui tem V. P. o que significa Filozofia , nestes paizes .

Mas isto seria nada : o melhor da-festa está , na satisfasam com que ficam , de terem estudado tudo aquilo . Se alguém lhe-contradiz um ponto ; se alguém quer tomar o trabalho de lhemostriar , que nada daquilo vale un figo ; ou que Aristoteles nam falou naquele sentido ; ou que a Filozofia se-deve tratar de outra maneira ; e que assim a-tratam naqueles paizes , que dam leis ao mundo , em materia de erudisam ; e ainda em Roma , nas barbas do-Papa &c. acabou-se tudo , e vem o mundo abaixo com gritarias . A tal propozisam é uma erezia , contraria diametralmente à Esfritura , e às definisfoens dos-Concilios , e Padres , e ao costume da-Igreja Catolica ; que canonizou as obras de Arif-toteles , e tambem a doutrina dos-Arabes . Galilei , Descartes , Gazendo , Nevvton , e outros destes que a-nam-seguiram , cheiram a Ateistas ; ou polo menos estam um palmo distantes , do-erro . Estas Filozofias só reinam , em paizes de Erejes . Os estrangeiros que defendem isto , sam quatro bebados , que impugnam o que nam intendem , e nam intendem o que proferem . Isto , e outras coizas semelhantes , tenho eu ouvido algumas vezes .

Proguntava eu em certa ocaziam a um mestue , que me-parecia bom omem ; e cujo defeito cuido que era , nam malicia , mas ignorancia : Tem V. P. lido nos-originais , a doutrina de Descartes , Galilei , Gazendo , Nevvton ? tem examinado fundamentalmente , os que explicáram melhor , a doutrina do-primeiro ; como o P. Malebranche , o Baile , o Regis , o Le Grand : ou os que expuzeram a de Gazendo , como o Saguens , Maignan &c. ? diz , Nam senhor. Observou, continuei , polo menos as objefoens , que o P. Genari Dominicano propoz ao Saguens , e Monsieur Arnaldo ao P. de Malebranche em outro sentido ; com as respostas destes ultimos ? diz , Nem menos . Muito bem : pois diga-me , intende V. P. na sua consciencia , que pode ser juiz nesta materia , sem ter examinado , as razoens de ambas as partes : e muito mais formar uma censura tam rigorosa , como é condenar a religiam , dos-que seguem esta Filozofia ? Respondeo o omem : Na verdade eu nam sou informado , da-materia : mas tenho ouvido dizer muito mal de-la , a outros mestres , de quem eu formo conceito . Maravilhozamente : mas diga-me , continuava eu , tem V. P. certeza , que eses

tais examinaſem o que digo ; ou , aindaque o-examinaſem , que julgaſem ſem paixam , e foſem capazes de decidir o ponto : porque ſem iſto deve-me conceder , que nada provam ? Diz , Eles alegavam certas palavras , de que eu inferi , que os-tinham viſto . Mas , proſeguiu o dialogo , poderá V. P. moſtrar-me , que dogma ſe-deſtrua , com eſta nova doutrina ? Os accidentes Eucarifticos , e todo o ſiſtema da-Graſa . Muito bem : viſtoiſo temos , que as *ſórmãs accidentais* no-ſentido de Ariſtoteles , ſãm de fê ? diz , ſem duvida . Viſtoiſo , ou na Eſcritura , ou por-tradiſam nam interrompida , digo , polo conſenſo de todos os Padres , definiſoens de Concilios , ou Igreja Romana , eſtará determinado iſto : porque eu nam reconheſo outros principios , para fundar propozifam de fé . Mas atreverſeá V. P. a moſtrar-me , eſa declarafam ? Declaro , que eu tambem ſou catolico Romano , e creio que na Eucariftia eſtá Chriſto , debaixo dos-accidentes de pam , e vinho : o que digo é , que os tais accidentes nam ſãm ſórmãs , no-ſentido peripatetico : e diſto é que peſo , eſa declarafam de fé . Concluo ele dizendo : Iſo nam poſo eu fazer , porque nam tenho viſto a materia . Bem , respondi eu , pois peſa V. P. a um dos-ſeus amigos , que lhe-deſcubra eſta revelafam , ou decreto ; e entam falaremos fobre o particular : porque agora tem positivo impedimento .

Este dialogo podia-ſe repetir , com mais alguns acrescimos ; e executar-ſe com algumas peſoas , que ouſo falar neſtas materias , com tanta ſatisfaſam ; como ſe ſoubefem o que dizem , e entendefem a materia , de que ſalam . Eu tive alguns ratos de divertimento , converſando com alguns deſtes meſtres . Eles confundem , todos os autores modernos ; e ſem mais exame os-acuzam , dos-meſmos erros : e com eſtranha dialetica os-condenam , de ignorancia . Como ſe um omem doutiſimo , nam pudeſe uma vez , dizer um deſpropozito ! Os que tem erudiſam exquizita , ſabem que no-mundo ouve um Descartes : e algum deles , mais raro que moſca branca , leo alguma coiza , dos-*Principios* , ou *Meditaſoens Metaſizicas* . E aqui é ela : ſobe à cadeira , e vomita mais decizoens , contra o pobre Descartes ; doque ele nam diſe palavras : E ſem examinar , ſe ele é ſeguido em tudo , intende que tudo o que Descartes diſe , foi , e é recebido , com a meſma venerafam ; e ſãm todos cbrigados , a ſeguido . Em certa jornada que eu fiz , incontrei em uma eſtalagem um Religiozo ** que tivera a felicidade , de ler Descartes : o qual , conhecendo que eu era Eſtran-

geiro ,

geiro , introu logo na materia : e todo o tempo que durou a ceia , empregou ele em provar , que , segundo os principios do-tal Filozofa , a Eucaristia estava fomite , nos-nossos olhos . Veja V. P. como este intendia bem , a doutrina dos-Cartezianos ! Mas eu que vinha cansado do-caminho , e com fome ; para abreviar a disputa concedi tudo , e meti-me na cama . Nam acho melhor modo de responder , a esta forte de gente .

Eu certamente nam sou Carteziano , porque me-perfuado , que o tal sistema em muitas coizas , é mais ingenhozo , que verdadeiro : mas confeso a V. P. que nam posso falar no-tal Filozofa , sem grandissima venerafam . Este grande omem , na Matematica foi insigne , e inventou algumas coizas , até ali ignoradas ; e promoveo outras com felicidade . Em materia de Filozofia , acho que foi inventor , de um sistema novo . Isto nam parece nada , aos ignorantes : mas aos omens que entendem , qual é a dificuldade de inventar , e inventar com tanta propriedade ; que ainda despois de descubertas as machinas , grande parte das-experiencias esteja da-sua parte ; é final de um ingenho elevadissimo , e de grande criterio . Alem diso ele foi o primeiro , que abriu a porta , à reforma dos-estudos : pois aindaque Bacon de Verulamio , e Galileo Galilei , tivessem indicado o metodo , de fazer progressos na Fizica ; e alguns outros os-fosem imitando ; é certo porem , que Descartes foi o primeiro , que fez um sistema , ou inventou ipoteze ; para explicar todos os fenomenos naturais : e por-este principio , abriu a porta aos outros , para a reforma das-Ciencias . E aindaque em tudo nam acertáse ; é tambem certo , que se ele nam fosse o primeiro , os outros nam teriam cuidado , de emendar os seus erros , e de adiantar os estudos , como estam oje .

Onde com todos estes principios , nam posso sofrer , que omens totalmente ignorantes da-materia ; e que nam sabem de Descartes mais , que o nome ; e aindaque o-leiam , nam tem olhos para o-intender : ainda assim tam indignamente o-tratem ; e injuriem um omem , de quem eles nam seriam capazes , de serem amanuenses . Se estes censores tivessem lido , a historia das-Ciencias , e do-restablecimento delas , desde o Concilio de Trento a esta parte ; formariam diverso conceito destas coizas : e nam vomitariam tantos improperios , contra os modernos Filozofos : como eu vejo todos os dias , em varios autores , que podendo mostrar ,
o seu

o feu merecimento ; o-perdem todo , quando entram a falar nestas materias , com tanta segurança , como os que as-tem bem estudado . Dizem mil falsidades , que nunca succedèram : fingem definiçoens , que nunca se-fonhãram : confundem a doutrina revelada , com as opinioens da-Escola : e querem que os SS. PP. approvassem profeticamente , a Escolastica ; que se-inventou alguns seculos , depois d' eles mortos . Esta é a celebre cantilena destes mestres , principalmente deste Reino : A qual provem , da-grande ignorancia em que se-vive , da-Istoria antiga , e moderna , e dos-estilos dos-outros paizes : do-pouco conhecimento que tem , de livros : e finalmente de quererem fer mestres , em uma materia , em que ainda nam foram dicipulos .

Sei , que a maior parte dos-Omens , vive mui satisfeita , dos-estilos , e singularidades do-seu paiz : mas nam sei , se á quem requinte este prejuizo com tanto excessõ , como os Espanhoes , e Portuguezes . Observo , que os Francezes , Inglezes , Olandezes , que nam sam dos-que tem pior opiniam , e com razam , de si ; aproveitam-se com todo o cuidado , dos-excesos que lhe-levam , as outras Nacoens . Os Francezes , mandam muita gente a Roma , para se-aperfeioarem na Architectura , Escultura , Pintura ; e em tudo o que pertence , às antiguidades Romanas . Sabem que estas artes , se-conservãram sempre em Roma , com distincão : reconhecem , que os Romanos possuem o melhor , que neste genero nos-deixou a Antiguidade ; e pode fugir à barbaridade , dos-incendios de Roma : e assim mandam lá os omens mosos e inteligentes , para beberem o bom gosto , da-Antiguidade . Muitos Senhores Inglezes , Olandezes , Francezes , Alemaens , que correm o mundo ; para formarem os costumes ; demoram-se tempo bastante em Roma , e nas principais Cidades de Italia ; para observarem escrupulozamente , todas as antiguidades Romanas : e verem com os seus olhos aquilo , de que estam cheios os livros . Eu acompanhei alguns deles , que faziam estas observaçoens ; e os-achei sumamente instruidos , nas antiguidades Gregas , e Romanas : e com dezejo exorbitante , de verem com os seus olhos , e aprenderem o que nam sabiam : e faziam gloria de estudar , o que ignoravam . Polo contrario vejo , que os nosos Italianos se-aproveitam bem , das-belas edifoens de livros , e outra erudisãm exquisita , que se-acha nos-livros , destas nacoens Ultramontanas : e que ainda em materias de Ciencias , se-regulam polo metodo , das-Universi-

dades de Sorbona &c. das-Academias Regias de Londres , Pariz , S. Pietroburgo , &c. por-conhecerem , que ali se-exercitam melhor ; e dali faiem as melhores obras .

Isto é verdadeiramente conhecer , o merecimento de cada coiza . Mas observeo tambem , que este metodo é ignorado nas Espanhas , e mui principalmente em Portugal : onde vejo desprezar todos os estudos Estrangeiros , e com tal empenho ; como se fossem maos costumes , ou coizas muito nocivas . Lembro-me a este intento , da-istoria do-Espanhol de Amsterdam . Nela viviam em uma estalagem , um Espanhol , e um Cavalheiro Florentino : Retirando-se este um dia a caza , proguntou ao Espanhol , que lhe-parecia Amsterdam : a belissima dispozizam da-Cidade no-material , e formal : a liberdade do-trato , contida dentro dos-limites do-justo : emfim ia-lhe repetindo uma por-uma , todas as singularidades de Amsterdam ; e sobre cada uma lhe-proguntava ; o que lhe-parecia . Mas o Espanhol , abanando a cabeça , nam respondia palavra . Até que o Florentino enfadado lhe-disse : Valhamme Deus , só vosé a-de ser singular neste mundo , nos-seus gostos ; e só a um Espanhol nam á-de agradar , uma Cidade como Amsterdam , em que todos tem tanto que admirar ? A isto respondeo o Espanhol mui laconico : *Vaya , para pintada* . Esta mesma resposta , com pouca diferença , me-tem dado alguns , em outras materias . Quando se-vem obrigados com exemplos a reconhecer , que os Estrangeiros lhe-levam , consideravel excesso ; respondem rindo , que assim é : mas que fomite é , em coizas inutilissimas .

Isto suposto acho , que o melhor modo de dezinganar esta gente , e mostra-lhe os seus prejuizos ; é , por-lhe diante dos olhos , uma breve istoria , da-materia que tratam : e persuado-me , que este é o mais necessario prolegomeno , em todas as Ciencias : Creia V. P. que com esta noticia , poupa-se muito trabalho , e muito estudo : adianta-se um omem muito , na intelligencia da-materia : e só assim fica capaz , de ouvir o que deve , e dezinganar-se por-simefmo . Assimque intendo , que por-esta istoria se-deve comesar . Nam digo , que o estudante deva saber , as opinioens de todas as setas de Filozofia ; mas ao menos quando comesáram : quais foram as mais famozas : em que coiza comumente se-distinguíam : e como se-continuáram .

A Filozofia é o conhecimento das-coizas , que á neste mundo ; e das-

e das-nofas mefmas afoens , e modo de as-regular , para confe-guir o feu fim . Em todos os Povos do-mundo , e em todos os tempos achamos omens , que mais ou menos fe-aplicáram , a estas coizas . Mas o nofo eftudante nam é necesario , que fuba tam alto : bafita que conhefa , os Filozofos da-Grecia . Toda a Filozofia Grega fe-dividio ao principio , em duas fetas ; de que nacéram todas as outras : estas duas fam a *Jonica* , e *Italica* . A Jonica fundou Thales Milefio , um dos-fete Sabios da-Grecia ; o qual , como diz Diogenes Laercio , naceo 640. anos antes de Crifto : Foi grande Aftronomo , Geometra , Filozofa , e efcreveo muito de Fizica . Teve varios dicipulos , que fe-enfináram fucefivamente : Anaximandro , Anaximenes , Anaxagoras , Archelao , e Socrates . Este Socrates foi aquele grande omem , que encheo de admirafam a Antiquidade : e alguns dos-nofos SS. PP. fe-empregáram , na fua defeza . Socrates teve muitos dicipulos , que fundáram escolas fepa-radas . Ariftipo fundou a escola *Cirenaica* , Phedo a *Eliaca* , Euclides a *Megarica* , Antiftenes a *Cinica* : da-qual naceo a *Eftoica* , que foi famoza : porque Menedemo ultimo profefor da-Cinica , foi mestre de Zenam , que fundou a Eftoica . Damesma escola de Socrates tendo faido Platam , fundou a *Academica* . Cadauma destas escolas fe-diverfificava nas opinioens : o que é necesario , que o eftudante advirta .

Platam foi o mais infigne dicipulo ; de Socrates : naceo 428. anos antes de Crifto : e foi o primeiro que compreendeo , as trez partes da-Filozofia . Na Fizica feguia os sentimentos , de Eraclito , que fe-reputava o melhor Fizico : na Metafizica feguia em tudo , a Pitagoras : e no-Moral , e Politico feguia a doutrina , de Socrates ; poisque fomente ao Moral , efte fe-aplicára . A escola de Platam fe-dividio em duas , *Academica* , e *Peripatetica* . A primeira continuou os dogmas de Platam : donde vem , que Platonicos , e Academicos fignificam a mefma coiza . Nela fucedeo a Platam , feu sobrinho Speufippo : a efte Xenocrates , Polemon , Crantor , e Crates . A Crates fucedeo Archefilao dicipulo de Crantor , e tambem de outro Filozofa chamado Pyrrho : do-qual Pyrrho aprendeo , um novo metodo de filozofar ; com o qual fundou a *Academia Media* , que durou até Carneades . Efte ultimo , fazendo nela alguma reforma , inflituiu a *Academia Nova* ; que durou até Antioco : que foi o ultimo dos-Academicos , e foi mestre de Marco Tullio Cicero . A *Peripatetica* fundou Ariftoteles , dicipulo de

Platam : Diz Cicero , que fomente se-diversificava da-Platonica , nas vozes ; mas nam nos-sentimentos e opinioens . Dava Aristoteles as suas lizoens , no-Liceo : e continuou a escola nos-seus successores , até Diodoro ; que se-conta por-ultimo Peripatetico : de-forteque ja nos tempos de Cicero , esta escola se-achava mui de-scada .

A outra seta de Filozofia , a que chamam *Italica* , foi fundada por-Pitagoras , naquela parte de Italia , a que chamáram *Magna Grecia* . Este Pitagoras florescia 564. anos antes de Cristo : e despois de longuissimas perigrinaçoens , para aprender ; se-estabeceo em Crotona Cidade de-Calabria : e ensinou com grande aplauzo , a Filozofia . Esta seta foi famosissima , pola frequencia dos-ouvintes , e pola sua durasam . Dela nacèram varias : a *Eleatica* , que uns atribuem a Xenocrates , outros a Democrito . Anaxarcho ultimo dos-Filozofos Eleaticos , foi mestre de Pyrrho , que fundou a seta *Pyrrhonica* , ou *Sceptica* . Tambem da-*Eleatica* saio a *Epicureia* , uma das-mais celebres setas da-Antiguidade ; e talvez a que durou mais : pois no-segundo seculo da-Igreja , ainda estava em flor . Estes sam os diversos ramos , da-seta *Italica* . Tambem um seculo despois de Cristo comefou outra , a que chamáram *Ecletica* , a qual teve bastantes dicipulos . O seu principal instituto era , nam jurar nos-dogmas de nenhuma seta : mas tirar de todas , o que parecia melhor . De alguns destes ainda temos as obras : o ultimo foi Damascio . Esta seta agradou muito aos Padres , dos-primeiros seculos da-Igreja ; porque parecia a mais racionavel .

Estas sam as diferentes setas , da-antiga Filozofia . Destas a Academica , Estoica , Pyrrhonica , Epicureia , e Peripatetica , duráram na Grecia com pouca diferença , até o tempo de Augusto , quero dizer , até Cristo . Nos-ultimos dois seculos da-Republica Romana achamos , que os Romanos comesáram a estudar , a Filozofia . Nam que eles fundasem setas , como os Gregos ; mas iam estudar à Grecia : ou serviam-se em Roma dos-Gregos , que vinham à Italia : e seguiam quem uma , quem outra seta de Filozofia Grega . Pola maior parte eram Academicos , e Estoicos : alguns foram Epicureos : rarissimo Peripatetico . Os livros de Aristoteles , que ele deixára a Theophrasto seu dicipulo , este os-deixou a Neleo : os erdeiros do-qual , para os-roubar à curiozidade d'El-Rei de Pergamo , de quem eram suditos ; o qual procurava li-
vros ,

vros , para a sua Biblioteca ; os-enterráram : d'onde foram casualmente tirados , polos seus decedentes ; que os-vendêram a Apellido Ateniez , quazi todos comidos da-umidade . Onde , para fotocopiarem , foi necessário encher , todos os vazios da-corrusão : com o que sensivelmente se-alteráram , as opiniões . Depois da-morte de Apellido , Silla Ditador Romano os-transportou de Atenas , para Roma ; e se-entregáram a Tiraño , para os-emendar , e dispor em melhor ordem . E tendo-se feito muitas copias , sem as conferir com os originaes ; foi pior o succeso em Roma , que nam tinha sido em Atenas . Começou entam a ser conhecido melhor , este Filozofa : e os Romanos comesáram a fazer uzo , principalmente das-suas doutrinas politicas . Entre os Filozofos Romanos singularizou-se Cicero : ouveram tambem alguns outros , de que ainda temos as obras . Até que finalmente , com a ruina do-Imperio no-Occidente , se-arruinou tambem , a noticia das-Ciencias .

Nos-principios do-VIII. seculo de Cristo , os Principes Arabes dicipulos de Mahomet , os quais uzurpáram grande parte da-Africa , Azia , Grecia , Espanha , e Sizilia ; nas invazoens que fizeram , nas Cidades da-Grecia , entre os roubos com que se-recolhêram , foram alguns dos-livros dos-seus autores . E agradando-se destes estudos , fizeram em modo , que Almanon Califfo ou Imperador Saraceno , no-ano 820. mandou pedir ao Imperador de Constantinopoli , aonde as Ciencias ainda se-conservavam ; os melhores livros Gregos : os quais se-mandáram traduzir em Arabio . Nam sendo o genio dos-Arabes inclinado a Poetas , Istoricos , e Oradores ; samente se-aplicáram aos Filozofos , e Matematicos : e entré eles escolhêram trez , que foram , Aristoteles , Iprocates , e Galeno . Aplicáram-se a estas Ciencias ; e principalmente à Chymica , Magia , Geometria , Algebra , e Fizica . Fundáram Univerfidades em Tuniz , Tripoli , Fez , Marrocos , e algumas partes da-Espanha : d'onde saíram alguns omens insignes , para aquele tempo : Entre os quais se-singularizou Averroes : o qual na Univerfidade de Cordova , fez o seu grande comento , sobre Aristoteles , no-meio do-seculo duodecimo .

Neste meio tempo a fama de Aristoteles , que estava tam bem estabeçida , entre os Arabes ; começou a divulgar-se , entre os Cristaos . A comunicaçam que os Napolitanos tinham , com os Sizilianos , lhe-deu noticia dos-estudos , estabeçidos entre os Arabes da-Sizilia . Tambem a vizinhanza da-França com a Espanha , abriu

a comunicavam aos estudos: e se-cre, que por-este meio pasáram a França, os livros de Aristoteles; e intráram na Universidade de Pariz. Já lá sabiam, que avia Dialectica, e a-estudavam: mas da-Fizica Aristotelica, nada sabiam. Finalmente ou para poderem disputar com os Judeos, e Maometanos, como fundadamente suspeita Monsieur de Fleury; ou por-outra razam que nam se-sabe; os Teologos recebêram benignamente Aristoteles, e pouco a pouco o-introduziram, na Teologia. Os primeiros foram introduzindo as Dialecticas, como Abellardo, Roberto Pullo, Pedro Poitiers, e alguns outros no-duodecimo seculo. Daqui pasáram a introduzir, as doutrinas Fizicas: o que succedeo, no-seculo decimoterceiro. Os primeiros foram Alberto Magno, Alexandre de Ales: despois Tomaz de Aquino, e alguns mais. Despois de S. Tomaz veio Escoto, que fundou escola separada: e despois deste, feu dicipulo Okam tambem Franciscano, fundador da-seta dos-Nominais. Demodoque despois do-seculo XIV. a Filozofia se-dividia em trez fetas, Tomistas, Escotistas, e Okamistas: as quais com alguns mudanças duráram, até o Concilio de Trento, celebrado no-meio do-seculo XVI.

Nam falo no-metodo de Raimundo Lullo de Maiorca, porque pola sua obscuridade, nam teve sequazes: excetuando alguns Maiorquinos, mais loucos que ele. No-ano 1565. Bernardo Telesio de de Cofenza em Italia, publicou a sua Filozofia, que teve alguns sequazes. Pouco despois Jordano Bruno Dominicano, publicou muitos livros, em que, entre algumas coizas boas, disse muita extravagancia; sobre o Universo infinito, e diversos mundos. Despois deste, Tomaz Campanella, tambem Dominicano Calabrez, publicou algumas obras de Filozofia, quazi segundo os principios do-Telesio.

Neste mesmo seculo XVI. do-meio para diante, quero dizer, polos tempos do-Concilio de Trento, começou a estabelecer-se o sistema Fizico-celeste, de Nicolao Copernico: que resuscitando a opiniam de Filolao, e Eraclides Pontico, sobre o movimento da-terra arredor do-Sol; teve muitos sequazes, que asentáram, ser um sistema preferivel aos outros. No-fim do-seculo XVI. saio à luz o sistema de Tico Brahe, que tambem teve sequazes. Mas ninguem mais deo tanta luz à Fizica, quanta Francisco Bacon de Verulamio Chanceler mór de Inglaterra: o qual no-fim do-mesmo seculo, e principio do-seguinte, apontou o verdadeiro metodo
de

de adiantar a Fizica , em belissimas obras que a este intento nos deixou ; principalmente de *Augmentis Scientiarum* , e de *Novo Organico* . Eu considero as especulaçoens deste grande omem , como a mais famoza epoca, da-verdadeira Filozofia : porque observe de entam para diante , uma total mudansa , e adiantamento sempre para o melhor . morreo polos anos 1636. de anos 66.

No-mesmo tempo de Bacon , no fim do-XVI. e principios do-XVII. floreceo o insigne Galileo Galilei Florentino ; que seguindo os ditames de Bacon , uzou da-Matematica , para explicar a Fizica : e aumentou sensivelmente a *Mecanica* : a qual desde Archimedes até o seu tempo , quazi nada se-tinha adiantado . Ele descobrio muitas leis , do-movimento dos-corpos , tanto solidos , como fluidos ; e tambem da-Gravidade , e da-Luz , e do-Som &c. desfortaque pode-se dizer , que ele foi o que comefou a servir-se , da-boua Fizica . morreo em 1642. de anos 78. Comefado o seculo XVII. floreceram Descartes , e Gazendo : que dando um passo mais adiante , descobriram mais terra , e comesáram a abrir os olhos ao mundo . Ja se-sabe as disputas , que os Peripateticos tiveram , com estes novos Filozofos ; e as injurias , que contra eles vomitáram . Desde o fim do-Concilio de Trento , em que os melhores Teologos tinham aberto os olhos , sobre a Teologia ; e comefado a intender , que nam se-devia misturar com ela , a Peripatetica ; tinha esta descaido muito : mas nam tanto , que muitos Regulares nam entendesem , que devia ser a mimoza entre as mais . De que nacia , que com todo o empenho a-defendiam : porque , a falar verdade , nam intendiam mais , nem tinham outras noticias . Mas despois que se-viram atacados , por-estes modernos Filozofos ; os quais nos-principios deste seculo conspiráram todos , para abrir os olhos , ao mundo Literario ; nam querendo os velhos , perder as suas conquistas , fizeram um espalhato orrendo : e o menos que disseram foi , que se-tinha levantado uma nova perseguisam , na Igreja Catolica ; com a publicasam destas Filozofias . Mas como isto eram balas de lan , e palavras sem fundamento , nem verosimilidade ; nam faziam brecha . Polo contrario os Modernos despediam , constantes experiencias , que eram balas eficazes : Em modo tal que a dita Filozofia foi-se continuando , e com forsa : e só os Regulares , e nem todos , seguiam a Peripatetica .

A introdusam das-Academias Experimentais , deu novo esforço , a esta Filozofia . Despois da-morte de Cartezio no-ano 1640. , e

a de Gazendo no-de 1655. ; tinham comefado as ditas Filozofias, a aquistar credito: mas ainda com algum medo; pois nam tinham toda a necesaria protesám, que tiveram pouco de pois. Nam foi fenam de pois que se-abrio, a Academia de Londres no-ano 1662. ou 63. e a de Pariz no-1666. , que as Ciencias naturais se-continuáram, com empenho: affistindo-lhe os Reis, com o dinheiro e protesám. Dilatou-se aindamais este costume, porque o Imperador Leopoldo no-ano 1670. movido do-bom sucefo das-duas Academias; fundou tambem, ou, melhor direi, protegoe uma Academia ja comefada, com o nome de *Academia dos-Curiozos da-Natureza*. El-Rei de Prusia em 1700. fundou tambem a sua Academia experimental. Os nosos Italianos fizeram o mesmo. O Conde de Marfili em 1712. instituiu uma em Bolonha, que tambem é famosa: em Padua e outras partes abríram-se outras. Em 1725. a Imperatriz Catarina abrio em S.Petroburgo em Moscovia, outra famosa: deixando por-agora outras muitas, que se-abríram em diferentes partes da-Europa.

Esta dilatafem de estudos naturais chamou a fi, todos os melhores Filozofos, principalmente os Seculares. Tambem alguns Regulares, nos-fins do-pafado feculo, comefáram a deixar, as futilzas de Aristoteles. Porem neste XVIII. feculo infinitos se-tem declarado, contra o antigo esilio; e erfinam publicamente, a Filozofia moderna. Em Italia, e ainda em Roma, por-toda a Franfa, Alemanha &c. se-tem divulgado este metodo: e os mesmos Regulares, que ao principio o-tinham proibido, nam tem oje difficuldade alguma, em defendêlo. Verdade é, que algumas Religioens anda o-nam-aprováram: mas tambem é certo, que muitos leitores delas sam declaradamente, Filozofos modernos. Os doutifimos Dominicanos, e Jezuitas, que pareciam os mais empenhados, polo antigo metodo; comesáram a admitir, a nova Filozofia: nam só em Franfa, mas ainda em Italia. E eu fei de certo, que em algumas partes de Italia os Jezuitas, vendo que nas suas escolas e collegios, faltavam confideravelmente os estudantes, que concorriam a outros estudos publicos; se-víram obrigados, a reformar o antigo metodo, e introduzir os estudos novos. Tam persuadidos estam todos oje, que o antigo metodo nam serve, para coiza alguma.

Esta, em poucas palavras, é a ferie da-Filozofia: na qual se-compreende mui.bem, com quam pouca razam estes mestres de

Portugal , condenem uma coiza ; que está tam bem introduzida : e nam entre Erejes , como eles dizem , mas entre Catolicos mui pios , e doutos . E tambem se-conhece , com quam pouca razam queiram persuadir-nos , que os SS. PP. aprováram , a doutrina de Aristoteles : pois nam sendo ela , ou polo menos esta que pafa , com o nome de Aristoteles ; conhecida antes do-seculo XIII. é bem claro , que os PP. nam podiam aprovar uma coiza , que nam conheciam , nem intendiam , que naceria no-mundo . Seguro a V. P. que se estes mestres , que oje exaltam tanto Aristoteles , conhecessem os PP. nam polo sobredito , mas por-dentro ; e tivessem bem examinado as suas obras , e ficariam envergonhados , da-sua grande ignorancia , e talvez temeridade : pois veriam nos-escritos dos-Padres , que nada mais encomendam , que deitar fóra das-escolas Aristoteles : evitar todos os fofissimas da-Dialetica : e propor as suas razoes , com a maior clareza posivel . Aprovavam na verdade , a boa Dialetica ; mas despida totalmente de arengas . E nesta paz se-continuou , até o undecimo seculo : no qual , como acima digo , introduziram nas escolas , estas embrulhadas . Desorte que a examinar bem o negocio , Aristoteles é mui moderno , nas escolas Catholicas : e ainda nefas nam durou , senam até o Concilio de Trento : pois de entam para cá pouco a pouco se-abriram os olhos ao mundo : e oje todos os-tem mui bem abertos .

Intendido isto muito bem , com o que se-poupam mil respostas , e embarafos a cada momento ; deve o estudante pafar , para a Filozofia . Mas é neccesario , que primeiro intenda , que coiza ela é ; para nam se-embrulhar , com as costumadas confuzoens da-Escola . Eu supponho que a Filozofia é , *Conhecer as coizas pelas suas causas* : ou conhecer , a verdadeira cauza das-coizas . Esta definisam recebem os mesmos Peripateticos , aindaque eles a-explicam , com palavras mais obscuras : mas chamem-lhe como quizerem , vem a significar o mesmo . v. g. Saber qual é a verdadeira cauza , que faz subir a agua na siringa , é Filozofia : conhecer a verdadeira cauza , porque a polvora aceza em uma mina , despedafa um grande penhasco , é Filozofia : outras coizas a esta semelhantes , em que pode intrar , a verdadeira noticia das-cauzas das-coizas , sam Filozofia .

Mas como no-conhecer as causas das-coizas , principalmente naturais , pode aver ingano ; e muitas vezes nos-inganemos , tomando uma coiza por-outra : alem disto como nos-mesmos discursos , com que nos-querem persuadir alguma coiza , succeda frequen-

temente ingano, cuberto com apparencia de verosimilidade; ao que chamam *Sofisma*, ou *Paralogifmo*: daqui vem, que cuidáram os omens, em fugir estes inganos, e descobrir o vicio do-discurso, paraque nam caifemos nele. Isto primeiro comefou, sem arte alguma: mas casualmente um omem descobrio um erro, outro descobrio outro, e assim os mais. Alguns dos-quais, fazendo uma colesam destas observaçoens, fizeram tratados, em que se-pudefe aprender, o modo de nam se-inganar. A isto chamáram *Logica* ou *Dialectica*: que é muito mais antiga que Aristoteles: mas ele foi o que a-compilou com melhor metodo, a respeito do-seu tempo: e aindaque muito imperfeita, se olhamos para o noso. Quem fosse o autor desta colesam, notará o estudante, quando ler a istorya da-Filozofia. Os Antigos dizem, que foi Zenam Eleates, que a-enfinou a Socrates: este a Platam: do-qual a recebeo Aristoteles. Mas esta *Logica* Socratica, era por-outro estilo, e convençia com proguntas. Platam era um pouco mais dogmatico. Comumente se-cre, que Speusippo, e Aristoteles, ambos dicipulos de Platam, guiados polos discursos dele, fizefem no-mefmo tempo, e cada um parasi, esta nova colesam, e acrecentafem muita coiza sua: os Estoicos com o tempo, acrecentáram muitas mais. Seja como for, o cazo é, que os Antigos reconhecèram, que para conhecer, e discorrer sem ingano, sobre as cauzas de todas as-coizas; é necesario observar algumas regras, a que quizeram chamar, *Logica*. Deforteque esta chamada *Logica*, nenhuma outra coiza é mais, que um metodo e regra, que nos-ensina a julgar bem, e discorrer acertadamente. Assimque estabelecido este importante ponto, fica claro, que se-deve abrafar aquella *Logica*, que conduz a este fim: e fugir qualquer outra, que nos-desvia dele.

Tendo percebido este ponto, nam pode aver duvida, sobre o cazo que devemos fazer, desta chama *Logica* dos-Escolasticos: basta examinar, se o que se-ensina com este nome, é util, ou prejudicial, para julgar, e discorrer bem. Porque se achamos, que nam conduz; faie por-legitima consequencia, que se-deve deixar, e estudar outra coiza mais util. Ora eu creio, que sem grande trabalho se-conhece, que esta *Logica* vulgar, nam dá nenhuma utilidade, antes cauza fuma confuzam. Os Proemiais sam a coiza mais inutil do-mundo. Com a simplez explicafam, do-que é *Logica*; sabe um estudante quanto basta, para intrar nela, e ser um grande Logico: toda a outra noticia util se-pode aprender,

em uma advertencia , a que chamam *notando* . Que a Logica tenha por-objeto, os atos do-intendimento , ou as coizas , ou os modos de saber ; nada serve para discorrer bem : o que importa é , ter boas regras , e fabelas uzar bem .

Aqueles Universais , e Sinais sam coizas indignas de se-lerem : o menos que neles acho , é a inutilidade : o pior é o metodo ; parecem a mesma confuzam : e de tal sorte embrulham a mente , de um pobre principiante , que nam é facil ao despois , intender bem coiza alguma . Em lugar de facilitarem a um rapaz , a intelligencia das-coizas ; o-confundem com uma quantidade de sofismas , e futelezas , tam fóra de propozito ; que eu nam sei , como os mestres nam fazem escrupulo , de perderem tam inutilmente o tempo . Acrecento a isto , a inutilidade : pois para nenhuma parte das Ciencias serve aquilo . O mais que se-tira dos-Sinais é saber ; que as vozes servem , para declarar as ideias da-mente , e os affectos da-alma : e que mediante as vozes comunicamos aos outros , o que intendemos , e queremos . Que as vozes nam excitam nos-que ouvem , as ideias de quem as-profere , por-virtude alguma natural , que tenham para isto : mas porque assim o-determináram , os omens de uma Nasam . Sendo certo que as vozes , que em Portugal significam uma coiza , em outro Reino significam coiza diferente , ou nada significam . Esta é toda a noticia util , que se-tira dos-Sinais : e isto é coiza que se-aprende , em um quarto de ora : tudo o mais que dizem dos-Sinais , sam arengas ridiculas , que espremidas na mam , nam deitam uma gota de doutrina . V.P. que perdeo bastante tempo , com estas arengas ; fasa-me a merce de memostar , alguma questam util , entre tantas que no-tal tratado se-incluem : estou certo que , uzando da-sua costumada ingenuidade , me-dirá , que nam acha alguma . De que fica bem claro , que o tal tratado , é fomite divertimento de omens ociozos . Nem me-faz forsa que o P. * * * me-disêse um dia , que os Sinais eram o *Apex Philosophiæ* : e o seu P. Colegial * * * me-disêse mui se-zudamente , que os Sinais tinham seu uzo na Teologia : poisque na *Trindade* se-falava , em *priori signo* &c. nem um , nem outro sabia o que dizia , como as suas respostas mostram : e , aindaque fossem leitores de Filozofia , tinham necessidade , de a-estudar outra vez .

Quanto aos Universais da-Escola , comque se-gasta tanto tempo , nam sam melhores que os Sinais : todos sam talhados , pola

mesma medida. Pafe V.P. ligeiramente com os olhos, por-aqueles tratados; e me-dirá, o que acha em tantos cadernos. Ali disputa-se mui-laigamente, se se-dá *Universal a parte rei*, como elles lhe-chamam: se a Unidade de prezizam, e Aptidam sejam da-essencia do-Universal: e outras coizas destas, que quando eu as-considero, fico persuadido; que os que falam nisto, nam intendem isto mesmo que proferem. Que bulha nam se-faz, sobre a divizam em cinco especies! que arengas, sobre cada especie em particular! que confuzoens, sobre as precizoens! Ora eu tomára que me-difessem, o que se-tira de todo aquele negocio; e que noticia util para discorrer se-colhe, de todas aquellas confuzoens? Achei muitos, que, despois de alguns anos de Filozofia, e despois de terem defendido concluzoens publicas, e com grande aceitafam; nam sabiam, por-qual razam se-introduziram os Universais, na Logica. O que digo dos-Universais, deve-se aplicar aos Predicamentos; que uns introduzem na Logica, outros na Metafizica; e sobre os quais se-disputa, com igual fervor.

Os omens mais advertidos entre os Peripateticos, reconhecem a verdade do-que digo, e sinceramente confesam, que se-deviam cortar, estas loquissimas disputas, que para nada servem. Peripatetico, e bem Peripatetico, era o Suares Granatense; o Barreto Portuguez &c. contudo sam do-meu parecer: e o tal Barreto acredita (1), que o aumento que se-deo aos Sinais, é vicio dos-Portuguezes. Mas tornando aos Universais, de que falavamos, a unica razam que eles alegam, para introduzirem esta longa arenga de Universais, e Predicamentos; é, porque as propozicoens de que se-fazem os filogifimos, constam de predicados universais. Digo pois, se aquilo nam tem mais serventia, que mostrar, que um nome pode ser *universal*, ou *particular* &c. de que se-ve aquela arenga sempiterna, que nam conduz para isto? Certamente que, seguindo os seus mesmos principios, tudo aquilo se podia reduzir, a meia folha de papel.

Nem cuide V. P. que eu reprovo, toda a forte de exames-propozicoens universais, e particulares: conheço, que isto pode ter seu uzo, e tem utilidade: mas tambem conheço, que se-deve tratar de outra maneira, como em seu lugar direi. Somente condeno muito, o que dizem os Peripateticos; porque nem
fer-

(1) *In Logica, de Signis disp. 1. in Prooemio.*

serve para o intento , que eles propoem ; nem para outro algum : confunde as especies , e entendimento dos-rapazes : e é o mesmo a que nos chamamos , perder tempo sem interesse algum , e sem saber por-qual razam . Mas prosigamos o curso , da-Logica Peripatetica .

Aos Predicamentos, e Sinais, segue-se o enfadonho tratado de *Enunciatione* , ou Propozisam . Aqui fazem eles infinitas disputas , tam fóra de propozito ; que eu fico pasmado . Confundem a propozisam *vocal* com a *menial* , ou ato do-intendimento : ora disputam de uma , ora de outra : desórteque nam se-pode saber , o que eles querem explicar . Sendo aquele um tratado ; que se-deve explicar mui claramente , para intender os seguintes ; eles o-fazem com tal negligencia , e confuzam , como quem nam cuidáse neste fim . O melhor que eu acho é , que em vez de propoem as coizas , em que todos convem ; disputam tudo o que propoem : e a cada propozisam acrescentam , uma longa cadeia de argumentos ; e às vezes tam embrulhados , que um omem adiantado teria trabalho , em lhe-responder . E como á-de o principiante , formar conceito das-coizas , e executar os ditames que le ; se ele nada acha , em que todos convenham : mas em cada propozisam acha , quem o-contradiga ? Isto è o mesmo , que se um carpinteiro tomáse um aprendiz , e em lugar de lhe-ensinar , como se-á-de servir dos-instrumentos ; fizese longuissimos discursos , sobre a diversidade de instrumentos de Carpinteiro : contando-lhe miudamente , que a alguns nam agradam , aqueles instrumentos : que outros escrevem , que se-deviam fabricar de outra maneira : e todo o tempo pasáse com isto .

Este é o grande defeito que eu acho , nestas Logicas : nam buscarem aquelas coizas , em que todos convem , para as-explicar aos estudantes . nam acharem um metodo de ensinar Logica , começando por-documentos claros , que todos intendam : fugindo todo o genero de disputas , que nam servem para principiantes . Pois este devia ser , todo o seu cuidado : e quem nam pratica este metodo , nam quer ensinar Logica . Isto conhecerá V. P. melhor , olhando para as longas disputas , que eles aqui introduzem , sobre os atos verdadeiros e falsos . Nam é crível , a confuzam com que aquilo se-trata . nam é menos admiravel , a quantidade de coizas falsas , que ali se-supoem , como se fossem demonstraçoens mathematicas . Disputa-se com fervor , se o mesmo ato do-intendi-
men-

mento, pofa pafar de verdadeiro, para falso: e outras coizas destas. Isto fupoem manifestamente, que o dito ato dura algum tempo, na alma; porque fe nam duráfe, a queftam feria de nada; Mas isto que eles fupoem, é manifestamente falso. Basta olhar, para as muitas diftrafoens involuntarias, que um omem tem; para conhecer, que a nofa alma está em continuo movimento de conhecimentos; e que devemos dizer, que ela nam pára em algum juízo, ou ato. Ainda quando nos-parece, que sempre cuidamos na mefma coiza, creio eu que nam perzifte, o mefmo ato: mas que a alma muitas, e muitas vezes confidera, a mefma coiza: que é o mefmo que dizer, com atos diferentes. A razam difto nam me-parece ofcura: pois vejo a violencia, que é necesario fazer ao intendimento, para o-fixar no-mefmo objeto: pois um minuto que nos-defcuidamos, ja estamos em outro objeto. E ainda quando nos-parece, que confideramos um só, v. g. um painel; é certo que fazemos muitos atos: pois nam vemos só um ponto, mas diferentes pontos, e partes do-mefmo todo: o que fe-faz, com diversos atos. Nam é crível, com quanta velocidade a alma conhece, e pafa de um objeto para outro. Fazemos todos os instantes mil afoens, que nam advertimos: e contudo é certo, que a alma as-conhece todas: mas falas com tal velocidade, que parece as-nam-conhece. Deste genero é o continuo movimento de pestanas, que nós fazemos; e a alma, por-obediencia da-qual fe-faz, o-conhece: e contudo nenhum de nós adverte tal coiza. O que mostra bem, quam veloz é a nofa alma, em pafar de um conhecimento para outro. E fendo isto tam claro, os-Peripateticos, sem fazerem cazo difto, introduzem as fuas longas difertafoens, fundadas sobre um fupofto falso. Demos-lhe, que feja materia duvidoza; sempre é coiza ridicula, propor como coiza certa um fundamento, que tem tantas apparencias de falsidade: e ocupar o tempo com isto, devendo ensinar outras coizas.

Mas, para abreviar este exame, pafe V. P. comigo, ao tratado de *Priori resolutione*. Na primeira parte fe-disputa eternamente, sobre os termos, e diversos modos, com que significam as coizas. Isto explicado bem com clareza, e brevidade, podia ferver ao estudante de alguma coiza: mas ifo é o que eles nam fazem: e todo o tempo pafam em disputar, fe o verbo *Est* pode fer termo; e outras galantarias destas. O que dizem das-Pro-

po-

pozifoens , da-sua Conversam , das-Modais , é tam embrulhado , e tam inutil ; que nam sei , que pior coiza se-pôsa dizer . Seguro a V. P. que ja achei Peripateticos , que ingenuamente me-confesáram , que a maior parte daquelas coizas eram inutis .

Mas sem grande trabalho , cuido que mostrarei a V. P. que tudo aquilo , que neltas escolas se-disputa , se-deve totalmente pôr de parte . apontarei uma unica razam , que comprehende o *Priori* , e *Posteriori* , da-Logica vulgar , Examine V. P. com toda a atençam , quanto se-disputa naquelas duas partes da-Logica , e fasa-me a merce de notar mui distintamente , algumas coizas . 1.^a Se o que ali se-disputa , é materia intelligivel . Cuido , que a resposta será clara , se olhar-mos para o que succede nos-estudantes : pois é certo , que depois de muitas , e muitas explicaçoens , comumente nam intendem , o que ali se-diz . Apelo , para o que cadaum experimenta em si , e para o que os mestres experimentam , nos-dicipulos . Sei polo contrario , que os meninos intendem muito bem as coizas , se lhas-explicam bem : e sabem dar razam do-seu dito . v.g. se disserem a um rapaz : *Aquele ramo que ves naquela porta , é final que ali se-vende vinho : porque em todas as partes em que se-vende vinho , se-costuma pôr aquele final ; porque assim determináram , os nosos antigos : estou certo , que á-de intender facilmente , o que lhe-dizem . Ora fale-lhe V. P. por-estas palavras : Aquele ramo é final ex instituto do-vinho : que se-constitue na razam de final , por-um respeito de dependencia do-ato da-vontade , que o-deputou para significar vinho : polo que se-distingue do-final natural , que se-constitue , por-um respeito de independencia : Depois de toda esta arenga filozofia , o tal rapaz intenderá muito menos , o que lhe-dizem , doque se lhe-falafem em Caldeo . De que vem , que ainda as coizas que se-deviam dizer , se-dizem de um modo tal , que nam se-intendem . Isto é quanto ao modo de se-explicar : pasemos à materia .*

A 2.^a coiza que V. P. deve notar é , a ferventia que tem aquelas regras , para discorrer sem ingano , em toda a materia : Traga V. P. à memoria , tudo o que tem estudado de *Priori* , e *Posteriori* , e tenha o sofrimento de considerar ; se lhe-servem , ou nam , para intender , e discorrer bem em qualquer materia : ou para provar alguma coiza , que lhe-seja necessaria ; nam só nos-atos publicos quando argumenta , ou defende ; mas ainda no-seu bofete , quando compoem em alguma materia : ou ainda no-dif-
cur-

curso familiar . Tenho tantas provas , da-sua candura de animo , que nam tenho receio que diga , ter experimentado utilidade . Mas eu nam quero por-agora , um juiz tam alumiado como V.P. contento-me que me-respondam os mesmos ; que perdem os anos com estas arengas . Eu os-faço juizes nesta disputa : e lhe-deixo considerar , se , quando eles provam o que lhe-negam , ou discorrem familiarmente ; o-fazem porque se-lembram das-regras ; ou se o-fazem , porque asim se-costuma discorrer no-mundo : e a lisam que tem tido , lhe-fumministra os argumentos e meios termos : e a natural penetram que cadaum tem , lhe-mostra , com a maior promptidam , a conexam das-partes ? O que eu posso dizer neste particular é , que muitos Escolasticos , como ja aponteí , me-diferam , que era inutil toda aquela machina de regras : e li alguns , damedesma opiniam . O P. Arriaga no-prologo da-sua Filozofia diz claramente , que nam ditou muitas questoes da-fôrma Silogistica , porque lhe-pareceram escuzadas : e que avendo vinte anos que era mestre ; nunca vira , que pessoa alguma se-servise da-ponte dos-Asnos , para argumentar , ou responder . E quanto a esta parte da-Ponte dos-asnos , achará V. P. muitos , que dizem ser inutil :

Mas eu passo adiante com o discurso , e creio , que nem menos me-mostrarám omem , que se-sirva das-Figuras , ou de alguma das-outras regras ; quando quer provar alguma coiza feria . Conheço , que os que argumentam nesta materia , para mostrarem que a-tem estudado ; ou os que nam querem argumentar com razcens , mas com palavrinhas , àmaneira dos-sofistas ; poderám fazer algum uzo delas : o que digo é , que quando um omem quer provar , o que lhe-negam , nunca se-serve , de tais arengas . Se ele tem ingenho , e doutrina , mais de presa se-lhe-oferece o meio termo , e modo de o-dizer ; doque a regra , que o-ensina . Se nam tem ingenho , estou certo que nem regras , nem figuras , nem modos , nem coiza alguma lhe-ocorrerá ; com que possa discorrer fundadamente . Nunca me-sucedeo que , discorrendo comigo , me-viesse à imaginasam , servir-me do-silogismo . nunca vi tratar negocio algum grave , com o meio da-Dialetica : ainda sendo as partes , pessoas de toda a penetram ; e tendo perdido muito tempo , com a Dialetica . Isto da-Logica é o mesmo , que a Retorica : os ignorantes das-regras , se tem ingenho e alguma lisam , oram e provam melhor o que dizem , doque os Logicos :

e Ora-

e Oradores da-Escola . O omem ignorante das-regras ; nam perde tempo com palavrinhas , mas vai direito à razam , e busca aquellas que conduzem , ao feu intento . Ora é sem duvida , que as razoens , e nam as palavras , sam as que persuadem , e provam o que se-quer . Poderám as palavras , e modo com que se-diz , dar mais luz às razoens : mas palavras sem razoens nada provam . E esta é a razam , porque os Logicos finos discorrem pior , que os que nam sam Logicos . E esta mesma razam me-dá fundamento para dizer , que é melhor que nam se-fale , em tais regras .

Acho ainda outra razam , e cuido ser mais forte , para nam seguir este metodo do-filogifmo ; vem afer , que o filogifmo nam serve em modo algum , de ajudar a razam , para que aumente os seus conhecimentos , e neles discorra bem . Quando se-á-de persuadir , e discorrer bem , o primeiro e principal ponto está , em descobrir as provas : o segundo , em dispolas com tal ordem , que se-conheça clara e facilmente , a conexam e forsa delas : o terceiro ; em conhecer claramente , a conexam de cada parte da-dedusam : o quarto , em tirar uma boa concluzam do-todo . Estes diferentes graos se-conhecem muito bem , em qualquer demonstrasam mathematica . Uma coiza é , perceber a conexam de cada parte , ao mesmo tempo que um mestre vai explicando a demonstrasam : outra coiza diferente , conhecer a dependencia , que a concluzam tem , de todas as partes da-demonstrasam : terceira coiza muito diferente , conhecer por-simefmo clara e distintamente , uma demonstrasam : e finalmente uma quarta coiza , totalmente diferente das-trez , ter achado as provas , de que se-compoem a demonstrasam . O que suposto , o filogifmo nam faz mais , que mostrar a conexam das-partes , sem ensinar a buscar as provas : onde fica claro , que nam é de grande socorro à razam . Muito mais , porque a alma pode conhecer , e conhece , muito mais facilmente por-simefmo , a conexam das-partes ; doque por-nenhum filogifmo . Quantos omens nam vemos todos os dias , que intendem mui bem , toda a forsa de uma razam ; a falacia , e eficacia de um discurso comprido ; e discorrem mui acertadamente ; sem terem ouvido falar em filogifmos ? E nam digo fomite , entre os omens de boa educasam ; mas quem quizer considerar , a maior parte da Africa , e America ; achará omens que discorrem tam futilmente , como os nosos Europeos ; sem saberem reduzir um argumento à

fôrma . Achei negros vindos de la , tam maliciozos , e fingidos ; que nam se-pode dizer mais . Ja eu dife a V. P. em outra parte , que me-tem feito muitas vezes mais foisa , as razoens de muitos ruflicos , doque de alguns Logicos , e Oradores de profifam .

Ainda daqueles mefmos que efudam Logica , rarifimos fam que cheguem a conhecer , por-que razam trez propozifoens , combinadas de um certo modo , produzam uma concluzam jufta : e que faihã com toda a individuafam , por-que razam de mais de 60. combinafoens diferentes , só umas 14. fejam boas . A maior parte deftes efudantes contentam-fe , com uma Dialectica tradicional : e nada mais fazem doque crer , o que lhe-dife feu meftre , que certos Modos reduzidos a certas Figuras , fam bons ; outros , fam maos : fem chegarem a certificar-fe , que na verdade afim é . Ora daqui faie por-legitima confequencia , que , fe é verdade o que eles dizem , que o filogifmo é o verdadeiro e unico instrumento da-razam , com o qual é que se-pode chegar , ao conhecimento das-coizas ; antes de Aristoteles , ninguem raciocinou bem , nem teve conhecimento certo : e depois dele , entre vintemil omens nam se-achará um , que goze efa fortuna .

Mas eu creio que feria louco , quem tiráfe tal confequencia : observando-fe claramente , que os Omens intendem as coizas bem , fem o dito focorro . Tomára que me-difefem , com que outra Dialectica conheceo Aristoteles , que muitos daqueles Modos eram certos , e outros falazes ; fênã com a penetrafam da-fua mente , que reconheceo a conveniencia que se-dava , entre umas ideias , e difconveniencia entre outras ? A nofa mente tem de fua natureza a facilidade , de conhecer a conexam deftas ideias , e polas em boa ordem , e tirar delas concluzoens juftas ; fem que para ifto a-preparem , com artificio algum . Dizei a uma molher ruflica , convalecente de uma grande enfermidade , que afopra um nordeffe agudo , e que o Ceo ameafa grande chuva : ela facilmente perceberá , que nam é tempo para fãir de caza . O feu juizo une com tota a facilidade , eflas diferentes ideias : *Nordeffe* , *Nuvens* , *Chuva* , *Umidade* , *Frio* , *Recaida* , *Perigo de morte* : e ifto em um abrir de olhos ; fem ter necessidade daquela fôrma artificial , e embarafada de quinze ou vinte filogifmos . Ora é certo , que o filogifmo nam fuminiftra efa faculdade de perceber , e ordenar as ideias ; nem fuminiftra as ideias para ifo : e co-

mo destas duas coizas dependa tudo ; fica bem claro ; que nam serve para discorrer bem .

Se V. P. observa o que dizem os doidos , achará , que eles nam se-enganam nas consequencias , mas nos-principios : e por-isto discorrem mal . Uniram-se por-alguma cauza , no-intendimento de um doido , duas ideias ; v. g. a que tem de si , e a que tem de um Rei : postas as quais , discorre o omem mui bem : quer Magestade : quer gentilomens , e treno de soberano &c. Estas consequencias decem mui bem , daquele principio : todo o mal está , nas ideias que ele abraçou , e unio mal . Damesma forte os que nam são doidos : nam consiste o ingano nas consequencias , porque a alma com toda a facilidade as-inferre , e percebe a conexam delas com os meios : todo o ponto está , nos-principios , e põr as ideias em boa ordem . Isto nam suministra a Silogistica , e assim nam me-parece que pode servir , para o que se-pertende .

A nosa mente naturalmente inclina , para admetir uma propozizam por-verdadeira , em virtude de outra admetida por-tal ; ao que chamam inferir : e acha com facilidade , uma terceira ideia , que tenha conexam , com ambas as duas . Progunto agora : ou a mente buscando a ideia terceira , se-certificou da-conexam dela , com as primeiras , ou nam ? Se a-procurou assim , fez um conhecimento certo : se a-nam-procurou , fez um erro : mas em ambos os cazos fez tudo , sem filogismo . Se o omem nam tivesse conhecido , a conveniencia da-terceira ideia , com as duas extremas ; nunca pudera afirmar , a consequencia . Ora é certo , que o filogismo em nada contribue a mostrar , e fortificar , a conexam do-meio com os extremos : ele mostra somente , a uniam dos-extremos entre si , em virtude da-conexam com o meio , que ja está conhecida . Em uma palavra , aindaque eu conheça , a quantidade , e qualidade de duas propozisoens , nam sei se são verdadeiras : e a Silogistica somente ensina , a inferir ; nam a conhecer as premisas : se uma delas for falsa , será falsa a concluzam . Assimque nam é o filogismo o que ensina , a discorrer bem : antes tudo o contrario ; conhece mais facilmente o juizo , a conexam de muitas ideias , todas as vezes que estão postas em ordem natural ; doque reduzindo-se às embrulhadas do-filogismo : como a experiencia todos os dias ensina .

Acrescento a isto , que sem a boa ordem das-ideias , nam se-pode dar boa ordem , aos filogismos . Ponha V. P. um juizo

embrulhado , com mil ideias incoerentes , e verá se pode fazer algum filogifismo . Polo contrario , ponha em boa ordem , as ideias de um filogifismo ; e verá com que facilidade se-intendem sem filogifismo , que sempre é mais embarasado . Mais facilmente se-intende a conexam de *omem* , e *vivente* , pondo as ideias nesta ordem natural ; *omem* , *animal* , *vivente* : doque nesta ; *animal* , *vivente* , *omem* , *animal* : que é a fórma do-filogifismo .

Quanto aos que dizem , que o filogifismo seive , para descobrir os inganos dos-sofismas , e discursos retoricos ; é certo que se-enganam muito . O motivo por-que nos-enganamos nos-tais discursos é , porque occupados da-beleza daquela metafora , ou pensamento delicado , nam examinamos a conexam das-ideias , de que se-compoem . Explique V. P. o que diz o sofista , separe umas ideias das-outras ; e verá que se-acaba o sofisma , sem necessidade de filogifismo : porque postas elas na sua ordem natural , intendem-se maravilhozamente , se sam , ou nam coerentes . E que outra coiza fazem os Dialecticos vulgares , quando respondem a algum sofisma ? V. P. oporá um sofisma ; e respondem-lhe logo: *Distinguo minorem* , v.g. *materialiter* , *concedo* : *formaliter* , *nego* . pede V. P. a explicasam dos-tais termos : e eles lha-dam com um discurso longo , ou curto , mas sem genero algum de filogifismo . Onde parece-me que sem injuria podemos dizer , que os que defendem a necessidade do-filogifismo , como de uma famoza arma contra os sofismas ; ou zombam , ou nam intendem o que dizem .

Deforteque examinando bem o filogifismo , ele nam dá ideias ; que sam os principios dos-nossos conhecimentos : nam dá a boa ordem das-ideias , e da-percesám , porque isto faz a alma por-si só . Serve somente de pôr em certa ordem , as poucas ideias que nós temos : e o maior uzo que tem é , nas disputas dos-Escolasticos ; aonde às vezes dá a vitoria . O mais informado nesta arte , confunde com eles , e convence o que nam é tanto : e ainda em tal cazo nam o-reduz ao seu partido : porque nunca se-vio , que os filogifismos produzifem esse bom efeito ; que aquele que fica convencido , pasáse para a opiniam do-contrario . Conhecerá que nam sabe responder : mas nam receberá tanta luz , que aja pafar para a parte do-seu adversario . Esta é a natureza do-filogifismo .

Mas aindaque esta razam seja mui forte , cuido que dos-mesmos principios dos-Escolasticos , se-tira nova razam , para se-ex-
clui-

tluirem, e vem afer; que as tais regras do-filogifmo só fervem; para eftes filogifmos fimplezes, feitos de propozifoens que confitam de dois teimos, e Verbo: v. g. *Todo o omem é animal = Pedro é omem = Logo Pedro é animal*. Quando porem intramos nos-filogifmos, compofitos de varias propozifoens, e com mil termos obliquos; é loucura perfuadir-fe, que neles valham tais regras, tomadas no-rigor da-Logica. Incontram-fe mil difcurfos de evidencia tal, que nenhum omem de juizo, pode duvidar da-fua verdade: vemos cada momento difcurfos, a que os Logicos chamam *Sorites*, compofitos de dez, e doze propozifoens; tam claros e manifeftos; que todos os-devem admitir, ainda aqueles que nunca lèram Logica: que é a maior prova da-verdade, e evidencia: e contudo nam pertencem, a Figura alguma das-ditas. Sei, que alguns deftes Logicos antigos fe-amofnam, para lhe-descobrir a Figura, e Modo; mas fuperfluamente: pois aindaque dizem muitas coizas, e apontam outras propozifoens, que expoem as ditas; e nas quais exponentes querem mostrar de alguma maneira, as regras; nam provam o que dizem, nem respondem ao que fe-lhe-pregunta: ficando fempore em pé a dificuldade, que o dito filogifmo, do-modo que fe-propoem, nam pertence a Figura alguma: e contudo é verdadeiro, e todos o-intendem com facilidade. E como nos-difcurfos familiares, nos-difcurfos oratorios, e quando fe-impugnam propozifoens ou conclufoens; fomite fe-uze deftes difcurfos compofitos; fica claro, que em nenhuma deftas partes podem ter lugar, as tais Figuras: e que nam só fam inutis; mas impofiveis.

Seguro a V. P. que tendo lido muito, vifto, e ouvido muito, e afiftido a difputas de toda a confiderafam; nam vi ninguem, que fe-fervife da-dita fórma. Nunca vi converter Ereje algum com fórma Silogiflica, nem Ebreo, ou Ateifta. E contudo tenho-me achado em algumas partes, com eftas trez fortes de pefoas, e converfado com eles larguiffimamente. Eles me-respondêram fempore com razoens ou boas, ou más; mas nunca com fórma Silogiflica: e quando alguma vez fucedia, que o difcurfo caía em queftam de nome; logo me-advertiam, que deixafê a Dialectica, e argumentáfe com razoens. Nem menos falei com algum, que me-difefê, ter-lhe fucedido o contrario: nem acho dogma algum, que neceffite da-fórma Silogiflica, para fe-poder intender, ou explicar. Nam leio que Crifto, ou os Apoftolos fe-fervifem

vifem do-filogifmo, para persuadir as verdades, que defendiam; e propunham: nem acho que a Igreja Romana, ou os Concilios uzafem desta fórma, para declarar alguma materia controverfa: antes tudo o contrario. Vejo que os SS. PP. encomendam muito, que os Dogmas fe-próvem com razoens folidas, fugindo de todas as futilizas da-Dialectica: e que efes mefmos Padres praticam muito bem, o que encomendam. O que mostra bem, a nenhuma neceffidade, ou utilidade destes termos da-Efcola, na Teologia.

Alem d'isto acho outra nova razam, para desprezar totalmente efas doutrinas: vem afer, o enfadonho metedo que introduzem, em todo o genero de discursos. Nam á coiza mais dezagradavel e confuza, que um longo discurso Dialectico: e nam á discurso, que, reduzido ao metedo da-Efcola, nam feja longuifimo. Um paragrafo de discurso familiar mui breve e claro, reduzido a filogifmos, enche boa meia folha de papel. Ouvem-fe cem vezes os mefmos termos: porque cada filogifmo deve repetir, uma das-propozifoens do-antecedente. E tudo aquilo fe-pode dizer, em breves palavras, e com muita clareza, fem nem menos introduzir um filogifmo. Polo contrario, quando entra o filogifmo, é neceffario recorrer, a propozifoens geraes, que nam tcama bem, nem provam muito: e tem mais apparencia de declamafam, que de prova filozofica, e discurso fenfato.

Esta fimplez propozifam: *Quero-vos bem, pois vos-tenho obedecido, e nam podeis duvidar, da-sinceridade com que vos-firvo: porque tendes experiencia conftante, deque a nenhum outro o-fazo: pode dar de fi bafantes filogifmos, fe ouver quem a-dilate. v. g. Quem faz a outro, tudo o que lhe-pede; dá final certo, de lhe-querer bem. Eu tenho-vos feito, quanto me-tendes pedido: logo tenho-vos dado um final certo, deque vos-quero bem. O final certo do-querer bem, nam pode feparar-fe, do-mefmo querer bem: logo se eu vos-dou um final certo, deque vos-queiro bem, obedecendo ao que me-ordenais; é certo, que vos-queiro bem. Provo a maior. Quem faz a outro, tudo o que lhe-pede, e o outro nam pode duvidar, da-sinceridade com que lhe-obedece; dá-lhe um final certo, de lhe-querer bem. Eu tenho-vos feito quanto me-pedifis, e alem d'isto vós nam podeis duvidar, da-sinceridade do-afeto, com que vos-firvo: logo fazendo-vos o que me-pedis, dou-vos um final certo, de vos-querer bem. Provo esta maior. Quem tendo uma experiencia conftante,*

te, deque um fugeito que conhece, a ninguem costuma servir; nam obstante isto tem outra experiencia constante, deque este mesmo fugeito o-serve a ele; recebe um final certo, da-sinceridade com que lhe-obedece. Vós tendo constante experiencia, deque eu nam sirvo a ninguem; nam obstante isto tendes outra experiencia constante, que eu sempre vos-sirvo, e obedeso: Logo tendo vós estas duas experiencias, recebeis um final certo, da-sinceridade com que vos-obedeso. Nam quero continuar mais, os filogifmos da-maior: e nem menos quero continuar, as provas da-primeira menor *subsumpta*: o que dise basta para provar, que qualquer pequena propozifam composta, pode produzir mil filogifmos. Ora é certo, que a primeira propozifam é clara, e todos a-intendem: e aquella longa enfiada de filogifmos é obscura, e só a-intendem, os que sabem a forma Silogittica: e contudo isto nam diz mais, doque dizia a primeira propozifam. Do-que se-conclue, que o dito metodo se-deve desprezar, quando nam fosse por-outra razam mais, que por-fer enfadonho, e cauzar molestia sem utilidade.

Dirmeá V. P. que este meu discurso tem por-sim, condenar todo o filogifmo: e desterrar do-mundo todos os livros, que se-explicam por-filogifmos: e mostrar, que nam só sam inutis, mas prejudiciais: como ja me-respondeo um Dialectico. Mas a isto respondo, que nam é esa a minha intensam. Confeso, que todos os nosos discursos, se-podem reduzir em filogifmos: um fermam, um discurso familiar, uma escriptura que persuade, um inteiro livro, pode-se chamar, filogifmo composto de infinitos termos obliquos: nas mesmas demonstraçoens mathematicas, se-podem descobrir filogifmos. Ainda digo mais, nam á discurso que persuade, que nam seja em vigor de um filogifmo, ou claro, ou occulto. Contudo isto defendo, que de pouca ou nenhuma utilidade é o filogifmo, para quem á-de discorrer bem. Nam é o mesmo intervir o filogifmo em tudo, que ser a unica arma, com que se-discorre bem; desorteque quem nam tem esa noticia, seja obrigado a discorrer mal. Quando Aristoteles escreveo, as suas reflexoens sobre o filogifmo; nam nos-quiz ensinar, a fazer filogifmos; porque isto fazemos nós sem reflexam, nem estudo algum: quiz somente mostrar-nos, em que se-fundava, a verdade dos-nosos conhecimentos discursivos: e como procedia o intendimento, quando consentia em algum objeto. Porem nam devemos daqui inferir, que sem praticar advertidamente, tudo o que ele pro-poem,

poem, nam posamos discorrer bem : nam senhor : a dita noticia é mais especulativa, que pratica . Abráse V. P. bons principios, e evidentes ; e verá que perfeitos raciocinios fórma, sem noticia alguma da-Silogistica : explicarmeei com um exemplo . Para comer alguma coiza, e com isto sustentar-se um omem, é necessario mover uma grande quantidade de musculos, que se-movem matematicamente . Quer-se uma particular dispozifam da-lingua, para empurrar o comer para os-dentes, e depois para a goela : quer-se a saliva, para ajudar a triturafam, e o fermento no-estomago : e finalmente mil outras coizas, que agora me-nam-ocorrem . Tudo isto é tam necessario, e estas coizas estam tam unidas, que faltando uma, nam succederia o caso . Seria porem louco quem, ouvindo isto, nam quizesse comer, sem saber primeiro tudo, quanto tem dito os Matematicos, sobre as leis do-movimento, e sobre a Mecanica : como tambem tudo o que tem dito os Anatomicos ; sobre os ditos musculos, umores, fermentafoens &c. Este omem morreria de fome, no-mesmo tempo que outro, rindo-se da-sua loucura, comeria mui descansado, e com muito gosto : A razam disto é : porque sem tanta erudifam, a machina do-nosso corpo está disposta em modo, que metendo o comer na boca, e querendo mastigar, (fóra dos-impedimentos) tudo aquilo se-faz, sem estudo ou reflexam alguma . Damesma sorte a machina espirital da-nossa alma, (se me-é licito, servir-me desta exprefam) recebeo tal faculdade de Deus, que conhece todas as coizas evidentes, e especialmente a conexam de umas ideias com outras, sem estudo ou artificio algum : aindaque nese mesmo ato de conhecer, pratique aquilo, que superfluamente aprenderia de outro .

Daqui fica claro, que servindo-nos do-silogismo para persuadir, nem por-isto somos obrigados, a saber estas coizas . Contudo aprovo que se aprenda, alguma noticia mais geral : o que se-pode fazer em duas palavras . Pode alem disto o silogismo ter seu uzo entre aqueles, que desde rapazes estam acostumados a ele . Quizera porem que a gente reconhecêse, que o silogismo vale dez, e nam cem, nem mil : e que nam nos-quebrafem a cabeça com o silogismo, como uma invenfam singular, para conhecer a verdade, e aumentar os conhecimentos, nas Ciencias . Explico isto com outro exemplo, de que ja se-servio um grande omem, do-seculo pasado . Vemos omens de vista tam curta, que nam po-

dem

dem ver diffintamente os objetos , em alguma distancia , fem uns oculos fumamente concavos de uma , ou de ambas as partes . Mas porque eles nam vem fem eles , nem por-ifo devem julgar o mefmo , dos-outros : porque á muitos , que vem maravilhozamente , fem tal focorro . Damesma forte a alma dos-Efcolasticos , nam ve fem os oculos do-filogifino : que lhe-fafa muito bom proveito , e fe-firvam deles quanto quizerem : a alma porem dos-outros omens , exercitando-fe em difcorrer com advertencia , pode ver a conexam das-ideias , fem aquele focorro . Sirva-fe cadaum do-que quizer , e mais lhe-convier : o que importa é , que os Peripateticos nam julguem todos , pola mefma medida : e da-falta de oculos nos-outros , nam infiram , que todo o mais mundo anda às cegas .

Conhefo , que algumas vezes fe-pode uzar do-dito metodo ; com utilidade ; quando fe-quer introduzir um dialogo , para evitar os difcurfos compridos , e oratorios . Mas em tal cazo fãam necessarias varias cautelas , para fer util o dito metodo : porque fe deixamos provar a cadaum o que quer ; caimos no-defeito , que queria-mos evitar . Deve pois evitar-se toda a superfluidade , e tocar unicamente o ponto da-queftam . Mas neste cazo , nam é tanto eftimado o tal metodo , por-fer Efcolastico , mas por-fer metodo de dialogo : no-qual fe-propõem a difficuldade , por-uma parte , e da-outra fe-lhe-dá a refpofta . Temos um belo exemplo , no-Concilio geral Florentino , congregado por-Eugenio IV. Como nele fe-avia tratar , da-uniam da-Igreja Grega , com a Latina ; sobre alguns pontos em que diverfificavam ; escolhèram-se feis omens de cada parte , para examinarem a queftam , e dizerem o que fe-avia propor , por-uma e outra parte : e lhe-ordenáram , que , deixados os difcurfos compridos , feguifem um metodo breve , e dialetico . Mas quem examina nos atos do-tal Concilio , que coiza era este metodo dialetico , acha , que nada mais era , fenam um dialogo fem rodeios , nem prolixidades : no-qual de uma parte , um punha a difficuldade : e da-outra , o feo opozitor refpondia fim , ou nam : ou brevemente dava a razam , porque duvidava &c. Esta foi toda a Dialetica , que fe-praticou na dita difputa : o que hem mostra , que muitas vezes fe-chamou dialetico , o eftilo de falar concizo e breve ; fem aquelas Figuras que constituem , o eftilo retorico : e ifto é o mefmo que eu digo , fer muito util . Mas nam achará V.P. que fe-fizefe cazo , das-ridicularias da-Logica vulgar :

ou que , fazendo-se , resultáse daí utilidade alguma : que era o que eu afirmava dizia .

Nem cuido que V. P. me-mostrará , que às Ciências resulta-se utilidade alguma , do-uzo do-filogifmo. A falar verdade , nenhum homem douto cuidou nunca nestas ridicularias : os sofistas sim . Os seculos do-filogifmo foram os mais barbaros , e ignorantes . Ele começou cá no-Occidente no-IX. seculo : augmentou-se com muito mais excessos no-XI. e durou até o meio do-XVI. E que coiza boa acha V. P. nesses tempos ? Pelo contrario , desde o principio do-XVII. em que o filogifmo se-começou a deixar , e se-procurou outro metodo ; o aumento é tam sensível , que seria loucura mostrá-lo : muito mais neste ultimo seculo , em que os olhos estão mais abertos . Assimque , com estes exemplos à vista , não parecerá maravilha que eu diga , que o filogifmo vale pouco , e tem servido de muito pouco : e que avendo outra ideia melhor , é loucura , demorar-se com ele . De tudo isto concluo , que a Logica que pode servir no-mundo , é mui diversa , desta chamada Logica das-escolas : a qual por-muitos principios nem menos se-deve ler . Creio que V. P. me-perdoará esta digressão , com que interrompi , o que lhe-queria dizer da-Logica ; se-quiser reflectir , que não é alheia do-meu argumento : antes justifica o que abaixo lhe-direi , e me-poupa algumas repetições . Torno à ideia , que lhe-queria dar da-Logica .

Digo pois , que o metodo de philosophar não se-deve seguir , porque o diz este , ou aquele autor : mas porque a razão e experiencia mostram , que se-deve abraçar . Isto é o que eu não posso meter em cabeça , a muita gente : porque a maior parte do-mundo , não examina os principios das-coizas ; mas vão uns de-traz dos-outros como carneiros ; sem mais eleisam , que o costume : e antes querem errar , por-cabeça alheia , que acertar pela propria . Persuadem-se , que os velhos não podem ensinar , coiza alguma má : e recebem os tais ditames , com a possível veneração . Nenhum toma o trabalho de examinar , se a opinião é boa , ou má : uma vez que a-diferam os antigos mestres , é o que basta . De que nasce , que homens de ingenho mui perspicaz , seguem doutrinas contrarias a toda a boa razão ; e que eles mesmos desaprovam , quando lhas-explicam bem . Entre tantos Peripateticos , que V. P. conhece , não achará algum que duvidáse uma só vez , se Aristoteles na sua Logica disse bem , ou mal : como consta que

o-disse

o-dise Aristoteles , é o que basta : nam faltará modo de explicar , a dita doutrina , ou texto . E deste principio nagem , aqueles grandes comentarios , com que amofinam a paciencia ao muido ; e fazem perder o tempo , nas escolas .

Bem claro é que um omem , que escrupulozamente comenta um autor , supõem ser verdade , quanto ele diz : pois de outra forte , devia fazer um rigorozo exame , na materia que comenta . E cifaqui tem V. P. que estes tais , querendo ensinar aos outros a discorrer bem , elles sam os primeiros , que discorrem muito mal . Falava eu em certa ocaziam , com um mestre Peripatetico , e caindo o discurso sobre uma destas materias , me-produzio ele um texto do-Filozofa , em uma questam bem controversa . Respondi eu , que nam me-importava , o que dizia o Filozofa , mas o que ele na dita conversafam me-provava . Aqui admirado o omem clama logo , V. P. nam pode negar o texto : deve explicálo . ao que eu pontualmente respondi : Quem lhe-dise a V. P. que eu nam posso negar o texto ? dise-lho algum concilio Ecumenico , ou algum texto da-Escritura ? Se V.P. me-citáse , alguma propozifam de Euclides ; em tal cazo lha-admetiria ; nam porque Euclides o-dise , mas porque a evidencia mostra , que dise bem ; e todos reconhecem a verdade , das-ditas propozifans : fóra daqui nam admito senam aquilo , que me-provam com clareza , e verdade . Onde é necessario que V. P. primeiro que tudo , me-prove trez coizas . 1. Que Aristoteles nam podia dizer uma parvoice , advertidamente . 2. que nam podia enganar-se . 3. que o que nós oje achamos nos-feus escritos , seja verdadeiramente o que ele dise : postas estas circumstancias considerarei entam , o que ei-de responder ao texto . Até aqui o discurso , que eu tive com o dito Padre . Agora acrescento , que o dito mestre , ouvindo estas minhas razoens , nam se-aquietou : mas continuou de admirar-se damesma forte , que se nam lhe-tivesem respondido coiza alguma .

Concluo pois , que é necessario seja bem louco , quem nam conhece , quam grande impedimento seja , para discorrer bem , seguir as pizadas de um autor só , ou seja Aristoteles , ou algum moderno . A Verdade , e a Razam é uma só . Todos podemos discorrer , e intender o que nos-dizem : e quem fala em maneira que melhor o-intendam , e prova melhor o que diz , ese é que se-deve seguir , com preferencia aos outros . Se acazo nam prova o que diz , antes o que diz nam parece bem , ou á razoens pa-

ra se-intender, que é mau; nam se-deve fazer cazo, de tais discursos. Esta é a pedra de toque, nam só da-Logica, mas de qualquer outra Faculdade: tomar por-principios coizas tais, que as-intendam todos, os que dam alguma atensam às ditas regras: mas principalmente é necesario, na Logica. Certamente que a Logica nam foi feita, para Clerigos, ou Frades, ou pessoas de uma exquisita erudisam: deve servir a todos os que falam, e raciocinam: e nam só em discursos estudados; mas em qualquer sorte de discurso, publico ou particular; serio ou agradável. Se ela serve, para ensinar a discorrer bem, deve dar ditames, que possam servir em toda a parte, em que se-discorre, e se-deve discorrer bem. Importa pouco, o que dise este ou aquele, da-Logica: o que importa é, facilitar os meios, para nam se-inganar: e buscar para isto um metodo, que a boa razam persuade fer util; e os omens que tem voto na materia, reconhecem com razam, e experiencia, fer o unico meio, para conseguir aquele fim. Alem diso propolo de um modo, que qualquer pessoa de juizo, se-capacite da-dita verdade. Isto suposto, farei a V. P. algumas reflexoens, sobre o metodo de dirigir o juizo. Mas devo supor, que falo com um omem, sem nenhuma preocupasam: e que nam tenha lido Logica alguma: ou, se a-tem lido, que procure esquecer-se de tudo: mas no-mesmo tempo que tenha juizo claro, para conhecer as coizas. a este omem farei, as seguintes reflexoens.

IDEIA DA LOGICA

Nós temos uma alma capaz de conhecer, todas as coizas deste mundo. Recebemos do-Criador esta alma, dotada de maior perspicacia, doque oje nam temos. O pecado de noso primeiro pai, nos-trouxe por-castigo, fermos sугeitos ao ingano: e por-pena do-mesmo pecado se-nos-limitou, a esfera da-nosa perspicacia: nam conhecemos tam bem como ele, e fomos mais sугeitos, a conhecer mal. Contudo a alma é a mesma, que era ao principio: foi criada para conhecer a Verdade, e ficou-lhe sempre a propensam para ela: em modo que, quando a alma ve uma verdade clara, nam pode deixar de conhecê-la, e abrasála. Nenhum omem de juizo duvida, se é omem: nenhum duvida, se fala, ou está calado; se está em pé, ou asentado: por-forsá á-de admetir uma destas coizas, porque sam mui claras; e uma delas á-de fer verdade. Por-isto nós pecamos, e pecando nos-desviamos da-verdade da-lei di-

divina , que é tam conforme à boa razam ; porque nam damos atensam , à dita verdade : que se a-defemos , sem duvida ficariamos persuadidos , que se devia praticar , o que ela diz . Mas a rebeldia que experimentamos , no-nosso corpo , que com difficuldade se-fugeita , aos ditames d'alma ; é a cauza deste mal . Ele nos-inclina sempre , para a parte contraria , com a isca de coizas agradaveis : e a alma , divertida com outras considerasoens , difficoltamente volta os olhos para a verdade : e por-isto a-nam-recebe : e por-isto peca . Esta é a origem , de todos os nosos inganos , e de todos os nosos danos . Se a alma nam fosse arrastada , polos tumultos da-fantezia , que comumente a-ingana ; conheceria mui bem toda a verdade : nam só aquellas que conduzem , para posuir um bem eterno ; mas tambem , estas verdades indifferentes das-coizas naturais : e discorreria sem ingano , em toda a materia : mas as cazas dos-inganos sam tam frequentes , nesta vida mortal ; que nam é maravilha , se os omens ajuizam tam mal : e ajuizando assim , obrem em tudo mal .

Isto suposto , a unica medicina que se-tem achado , para ajuizar bem , é desviar as cazas , que nos-conduzem ao ingano . Ponho de parte , o ajuizar bem para conseguir , a bemaventurança sobrenatural : (aindaque daqui possa receber muita luz ; contudo como necessita de outras coizas , e nam é esse o meu argumento ; por-isto o-deixo) e falo somente do-discorrer bem , em todas as outras materias . Digo pois , que o verdadeiro segredo de ajuizar bem , é desviar as cazas que nos-inganam , e fazem julgar mal . Para fazer isto , é necessario examinar os modos , com que a alma conhece ; e meios de que se-serve , para se-explicar .

Nós nam trazemos da-barriga da-maen , conhecimento algum : todos os-adquerimos despois de nacidos . Basta olhar , para o que faz um menino ; para ver a sua ignorancia , e que nace despido de todo o conhecimento . Ele aprende a sua lingua , como nós aprendemos uma lingua estrangeira : quero dizer , assimcomo nós , aprendendo uma lingua estrangeira , só formamos ideia dos-nomes que vamos aprendendo , e nam daqueles que ainda nam ouvimos : assim tambem um menino , só tem ideia das-palavras que ouve , e nenhuma das-outras , que nunca ouvio . Mas alem disto nem menos tem ideia das-coizas , que significam os tais nomes , senam das-que ve , ou ouve . Um menino nam profere , senam as palavras que ouve .

ouve: só intende e fala daquilo, que lhe-tem dito, ou visto. o que mostra claramente, que nam tem outros conhecimentos, senam os que entram polos sentidos. Os que defendem ideias inatas, que mostrem alguma, que nam entre polos sentidos; ou nam se-deduza das-ideias, que intráram por-eles: eltou certo, que nam aparecerá alguma, a que nam posamos descobrir, esta origem.

Sam pois os sentidos, as principais portas, pelas quais entram as ideias, na alma. Uma destas ideias entram, por-um só sentido: v. g. a *Solididade* dos-Corpos, que entra polo tato: outras entram por-dois sentidos: v. g. a *figura*, que pode intrar polo tato, e juntamente polos olhos. Algumas ideias originam-se em nós, com a meditaçam, ou reflexam: deste genero é a *vontade*, *percesam* &c. Outras entram umas vezes por-*sensam*; outras, pola *reflexam*: v. g. o *gosto*, *dor*, *existencia*, *unidade*, *potencia*, *sucesam*. Finalmente muitas ideias simplezes, se-originam em nós, por-meio das-cauzas privativas; tais sam as ideias que nós temos, das-qualidades dos-corpos: v. g. a ideia de *negrura* &c. O exame dilatado deste negocio, pertence a outro lugar: basta por-agora que o Logico conheça, que por-todas estas vias podemos receber, ideias simplezes.

Admiravel é a virtude que a alma tem, para unir, e combinar estas diferentes ideias simplezes, que por-este modo recebe. Verdade é, que alma nasce despida, de todo o conhecimento atual: mas fica mui bem recompensada, com a virtude de que Deus a-dotou, de poder conseguir muitas, e novas ideias, com diferentes combinaçoens. Unindo as ideias, que intráram polos sentidos, fórma a alma muitas outras ideias: outras vezes examinando as proprias ideias, nacam diferentes ideias na alma. Desta diferente combinaçam de ideias, nacam todas as ideias compostas, que nesta vida experimentamos.

Mas aindaque sejam infinitas as ideias compostas, que a alma fórma, podem-se reduzir, a trez sortes de ideias: que sam as ideias dos-*Modos*, das-*Sustancias*, e das-*Relaçoens*. As ideias dos *modos* sam aquelas ideias que nós formamos, de diversas coizas que nam existem por-si, mas sam dependencias de outras coizas. v. g. a ideia que eu tenho de um *triangulo*, de uma *coluna*, de um *circulo* &c Estas ainda sam de duas maneiras: ou sam ideias de *modos simplezes*, ou de *modos mixtos*. Chamo modos simplezes, às
ideias

ideias dos-modos , que ſam compoſtas , de duas ideias dameſma eſpecie : v.g. a ideia que eu tenho de *doze* , de *cem* &c. que é compoſta das-ideias , de muitas unidades juntas : a ideia de *imenſidade* , que é compoſta , da-repetiſam de diferentes ideias de diſtancia , repetidas ſem fim : e como cada diſtancia ſe-ſupõem ſer, uma modificaſam de eſpacio ; a dita ideia é uma ideia compoſta. Chamo *modo mixto* , uma ideia compoſta , de modos de diferente eſpecie : v. g. a ideia de *beleza* , que é um compoſto de diferentes cores , e proporſoens , que dá goſto vendo-ſe . tambem a idea de *amizade* , *mentira* , *obrigaſam* &c. Eſtas ideias une o entendimento , ſem examinar ſe exiſtem , ou nam : e a eſtas dá o nome , que lhe-parece . Os omens porem comumente , recebem eſtas ideias dos-outros , que lhe-explicam o ſignificado , de muitos termos . Deforteque ou por-aplicaſam , ou por-experiencia recebemos as ideias , dos-*modos mixtos* .

A ſegunda eſpecie de ideias , ſam as das-*Suſtancias* . Nam podendo nós intender , como as ideias ſimplezes exiſtam por-ſi só , nos-acostumamos a ſupor alguma coiza , que as-ſuſtenta : ao que damos o nome , de *Suſtancia* . Digam o que quizerem , os que ſalam de *Suſtancia* , como de uma coiza , que eles intendem bem o que é ; certo é , que nam tem os omens , mais clara ideia de ſuſtancia . Onde ideia de ſuſtancia , é ideia de uma certa coiza incognita ; a qual , quando nós queremos explicar , nam ſabemos dizer o que é : mas ſomente dizemos ; que é uma coiza , que nós ſupomos ſer a baze , daquelas ideias que vemos . E eſta ignorancia é applicavel , a qualquer forte de ideia de ſuſtancia . Quanto às ideias das-particulares ſuſtancias , eſas formamos nós , unindo quantas ideias podemos ter de uma coiza . v.g. unindo a ideia de *criſtalino* , *durifimo* &c. formamos ideia , do-diamante . Mas alem deſtas , devemos unir-lhe , a ideia confuza que nós temos , de uma coiza que as-ſuſtenta : e daquelas ideias , e deſta , rezulta a ideia compoſta , que nós temos neste mundo , da-ſuſtancia do-diamante . Do-que ſe-ſegue , que tam clara ideia temos nós , da-ſuſtancia do-Corpo , como do-Eſpirito : pois nenhuma outra ideia temos mais , que dos-modos ou eſeitos , que ſe-observam ; unidos à dita ideia de uma coiza , que ſupomos ſuſtantála : cujos eſeitos tam claramente ſe-conhecem do-Eſpirito , como do-Corpo . Alem deſtas ideias de ſuſtancia , formamos outra ideia compoſta , ou complexa de ſuſtancia , unindo diferentes ideias de ſuſtancias .

v.g. unin-

v.g. unindo diferentes ideias de naos , pefas de artilharia , marinheiros , almirante &c. fazemos a ideia complexa de *armada* : e da mesma forte de *exercito* , *mundo* &c. A estas damos um só nome , porque na verdade é uma só ideia .

A terceira forte de ideias , fã as *Relaçoens* . Estas fórma a alma , comparando uma coiza com outra : de que nãcem mil denominaçoens , que tem proprios nomes , e nos-conduzem a conhecer , outra coiza : e sem os tais nomes , nã conhecemos muitas relaçoens . Estes nomes só se-podem dar , quando se-poem o fundamento deles . v.g. Pedro é omem : mas se ele se-caza , este contrato serve para lhe-dar o nome , de *marido* . Estas ideias de relaçoens , fã muitas vezes mais claras , que as ideias das-coizas , que estã sugeitas às ditas relaçoens ; ou das-sustancias . A ideia de *pai* , e *irmã* é mais clara , que a ideia de *omem* : e com muita mais facilidade eu intendo , que coiza é um *irmã* ; doque intendo , que coiza é um *omem* . Conhece-se mais claramente , que coiza é um *amigo* , doque que coiza é *Deus* . Porque o conhecimento de uma asã , ou de uma simplez ideia , basta muitas vezes , para me-dar o conhecimento , de uma relaçã . Polo contrario , para conhecer um ser sustancial , é necesario um exato conhecimento , de uma coleçã de ideias . Devemos porem advertir , que todas estas relaçoens se-terminam , em ideias simplezes : aindaque nos-pareça , tudo o contrario : e os nomes que conduzem a mente , para conhecer outra coiza , alem do-sugeito da-denominaçã ; sempre sã relativos . Que todas as *relaçoens* sejam compostas , de ideias simplezes , é coiza para mim certa : mas para o-provar , seria necesario , fazer um longo discurso , sobre todas as especies de relaçoens : para mostrar , donde vem a ideia de *Cauza* , *Efeito* , *Lugar* , *Extensã* , *Identidade* , *Diversidade* &c. como tambem as relaçoens morais : v.g. *Bem* , *Mal* , *Crime* , *Inocencia* &c. Mas rezervo-me para explicar isto a V. P. em outra ocaziã : e agora continuo as mi-nhas reflexoens . Esta em breve é a origem , de todas as nosas ideias .

Daqui fica claro , que das-nosas ideias umas sã simplezes , outras compostas : umas *adventicias* , que entram polos sentidos , e outras que a mente faz , a que chamam *faticias* . Destas umas sã claras , outras confuzas ; umas adequadas , e outras inadequadas . Finalmente reais , e chimericas ; singulares , particulares , e universais .

De todas as ideias , as que mais frequentemente faz a alma , são as *universais* : Estas fôrma a alma , considerando uma coiza , que tem outras semelhantes : onde considerando todas em uma massa , sem considerar diferença alguma particular , formamos ideia universal . v. g. Temos trez sortes de triangulos : um se-chama *Equilatero* , outro *Isofceles* , e o terceiro *Escaleno* : cada um dos-quaes tem suas particulares propriedades . Mas considerando os ditos triangulos somente , como uma figura de trez angulos , sem determinar as propriedades de cadaum , formamos uma ideia universal , que se-pode aplicar , a cada triangulo de per-si . Este modo de considerar , se-chama nas escolas *precizam* : palavra tirada do-verbo *Præscindo* , ou *Præcido* , que é o. mesmo que cortar , separar : porque separamos os triangulos , das-suas propriedades .

Estas ideias universais tem entre os Logicos , diversos nomes . Chamam a uma , *Genero* : a outra , *Especie* , *Diferença* , *Proprio* , *Acidente* . Basta intender brevemente , o significado destas vozes , para poder servir-se na ocaziam ; e intender o que os Logicos querem dizer com elas : nam considero outra utilidade , nestes cinco Predicaveis . Polo contrario , tudo quanto deles dizem os Logicos , comumente é falso : pois supoem claramente , que nós temos perfeito conhecimento , das-Esencias : o que é manifesta falsidade .

Sendo pois , que as nossas ideias , só se-podem comunicar aos outros , por-meio daqueles finais , a que chamamos vozes ; devemos fazer alguma reflexam , sobre essas mesmas vozes , ou palavras : o que pode conter , alguma coiza util . As palavras nam significam os pensamentos , por-virtude natural ; mas porque assim o-determinãram os Omens . A maior parte das-palavras são gerais , quero dizer , significam ideias gerais : porque seria impossivel , e inutil , que cada coiza particular , tivesse um nome distinto : o comercio umano far-se-ia insupportavel , e os Omens nam aumentariam os seus conhecimentos . Acoftumando-se os Omens , a fazerem ideias abstratas , deram-lhe nomes , a que chamam gerais , ou universais . A' nomes para as ideias simplezes , para os-modos , e relaçoens &c. e todos estes é necessario saber , como se-formam , e que coizas particulares tem . Sucede às vezes , que se-introduzam imperfeiçãoens nas palavras , por-cauza que as ideias que significam , são mui complexas , e são cauza que os nomes

fiquem duvidozos . Sucede tambem , que os Omens abuzem das-palavras , fervindo-se de umas , a que nam dam significado certo, ou lho-dam mui obscuro &c. Devem-se remediar estes defeitos : tendo prezente a origem deles , e o modo com que se-remedeiam : o que se-observa nos-autores , que explicam isto . Isto é o que pertence , à *Percesam* .

Alem da-faculdade que a mente tem , de formar ideias , a cuja damos o nome de *Percesam* ; tem mais outra faculdade , de comparar uma ideia com outra , e reconhecer a conveniencia , e disconveniencia delas : ao que chamamos *Consentimento* , ou *Juizo* . Assimque o julgar nada mais é , que certificar-se a mente , que uma coiza convem a outra , ou nam convem : e comparando ela uma ideia com outra ; reconhece , e se-certifica da-conveniencia , ou disconveniencia . Se o juizo se-explica , com as vozes ; chama-se *Propozisam* , ou *Enunciasam* : e em tal cazo , tanto aquilo a que convem uma coiza , como as vozes porque se-explica ; chama-se *sujeito* da-propozisam : e o que convem , chama-se *predicado* .

Decendo pois à diversidade de juizos , digo , que se a mente se-certifica , da-conveniencia entre duas propozisoens , chama-se *juizo afirmativo* ; se da-disconveniencia , chama-se *negativo* . Nam digo , que aja juizos negativos , no-sentido em que o-tomam os Logicos vulgares : mas chama-se afirmativo , ou negativo , segundo a coiza que afirma . Esta diversidade de propozisoens , ou juizos , alcanfa-se do-sentido , nam das-palavras : as quais sendo negativas , podem ter sentido afirmativo . O que muitos nam advertindo , fazem mil disputas , e arengas sobre coizas bem claras .

Qualquer dos-nossos juizos , (o mesmo digo das-propozisoens , que sempre conrespondem aos juizos) afirmativo , ou negativo , ou explica o nome ; ou explica as nosas ideias ; ou explica alguma outra coiza que existe : ao primeiro chamamos , *juizo Nominal* : ao segundo , *Ideal* : ao terceiro , *Real* . v.g. Quando eu digo : *O oiro nam é pedra* : este juizo é *real* . quando digo : *A ideia que eu tenho de pedra , é diferente da-ideia , que tenho de oiro* : este juizo é *ideal* . quando digo : *Este nome Amor significa , um affeto da-alma , ou um juizo que formo , da-excelencia de uma pessoa em algum genero , e utilidade que me-pode rezultar dela* : este juizo chama-se *nominal* . Do-conhecimento destas trez fortes de juizos ,
de-

depende o bom ou mau uzo, que fazem os Omens, das-suas facultades, em qualquer materia que se-lhe-propoem. A maior parte das-disputas nasce, de que nam entendemos bem, as definiçoens dos-nomes: e cadaum as-toma, no-seu sentido. O mesmo digo das-definiçoens, que explicam as ideias dos-outros, principalmente dos-mortos. Atribuimos aos autores que lemos, mil coizas que eles nunca disseram. Servimo-nos dos-Dicionarios, como de oraculos: sem advertir, que aqueles que os-compuzeram, podiam soffrer o mesmo ingano, procurando a verdadeira intelligencia deste nome. O mesmo succede nas definiçoens reais, tanto na da-essencia, como de algum accidente ou modo. Persuadimo-nos, que sempre sam verdadeiras: e deste modo abraçando-as sem exame, estabelecemos um principio, que por-força nos-á-de conduzir ao ingano.

Sobre isto das-definiçoens, é bem vulgar o erro dos-Logicos comuns, que dizem, que a definiçam se-pode fazer por-uma ideia, ou simplez percesam, a que eles chamam, *Apreensam*. Isto é falso por-muitos principios: nem se-pode fazer definiçam alguma, que nam seja, reconhecendo a conveniencia dela, com o seu objecto. Quando dizemos, *Animal racional*: (suponho agora, que esta seja a verdadeira definiçam do-Omem: de que duvido muito, e com razam) ou a mente conhece a conveniencia daquela ideia, com a ideia de Omem; ou nam: Se a-conhece, define: mas em tal cazo produz um conhecimento, ou consentimento, a que chamamos *Juizo*: porque o exprimir, ou nam exprimir, com a boca o *Est*, nam faz ao cazo. Se a-nam-conhece, nam define; mas profere duas ideias separadas. E' necessario intender, e advertir tudo isto muito bem, para nam se-inganar, com o que eles dizem.

Alem destes juizos, fórma a mente infinitos outros, da mesma sorte, que disemos das-ideias. Temos juizos simplezes, compostos, singulares, e universais. A estas se-reduzem todas as sortes de juizos, ou propoziçãoens vocais. Conhece-se a especie a que pertence, pola qualidade do-sujeito.

Faz tambem a mente juizos verdadeiros, e falsos: E aqui é necessario o criterio, para nam se-inganar. Consiste o criterio da-verdade, na evidencia com que se-propoem uma coiza, desfortequa nam deixe duvidar, de ser assim. Nitto se-inganavam manifestamente os Pirronicos; que chegaram, ou fingiram de duvidar daquilo

mesmo, que viam com toda a evidencia. Sobre isto da-evidencia, á diversos graos: se a propozifam é evidente sem prova, chama-se axioma: se em vigor das-provas se-faz evidente, chama-se illufam, ou concluzam evidente. Tambem estas concluzoens evidentes, segundo as materias recebem diversos nomes: umas vezes dizemos, que tem evidencia *metafizica*; outras *fizica*; e outras *moral*; as quais sem muito trabalho se-intendem. Finalmente acham-se juizos duvidozos, verosimeis, e inverosimeis: cuja natureza se-intende, com a simplez explicafam, e um breve exemplo.

Estas fã as duas operafoens diferentes da-mente, Percefam; e Juizo. nem á alguma outra de diferente especie. Tudo o que a mente faz é, variar estas duas em diferentes maneiras: fazendo de muitas ideias, uma composta: e reconhecendo a conveniencia ou disconveniencia, de uma com outra: e pondo-as em ordem proporcionada, para se-conhecerem. Quando os **Dialecticos** dizem, que nestas trez afirmafoens.

Todo o omem é animal.

Pedro é omem.

Logo Pedro é animal.

a ultima propozifam é de diferente especie, das-primeiras; dizem uma coiza, que nam poderã nunca provar. O que eu acho é, que tanto a ultima, como as primeiras, fã juizos, com que o intendimento reconhece, a conveniencia de duas ideias. Se o estar em ultimo lugar, ou reconhecer esta, porque ja tenho reconhecido as outras, faz mudar de especie; seria necesfario admetir, outras muitas operafoens do-intendimento.

Isto fupofto, a principal operafam livre da-mente, é o **Raciocinio**, ou **Discurso**. Confifte ele em que, dadas duas, ou trez, ou dez, ou vinte ideias, se a primeira convem à segunda; e esta à terceira; e esta à quarta &c. a primeira á-de convir à ultima: Desta forte o intendimento corre da-primeira, para a segunda: desta, para a terceira &c. E ao juizo com que reconhece, a conveniencia da-primeira com a ultima; se-dá o nome, de *raciocinafam*, *inferencia*, *concluzam*, *discurso*, e alguns outros nomes: o que nam faz mudar a especie: pois na verdade é um juizo, com que eu afirmo esta coiza, porque tenho afirmado, as antecedentes. Onde pode a consequencia fer boa, e fer falsa, se uma das-premifas é falsa: e fomente ferã verdadeira, se as

pre-

premissas o-forem tambem . O que importa pois é , julgar primeiro bem , e nam se-inganar nas premissas : porque só assim é , que nam se-inganará na concluzam . Para fazer isto , é necesfario notar , com infinita diligencia , as cauzas e ocazioens dos-nosf erros , para os-poder evitar .

A primeira ocaziam de ingano , sam as nosas mesmas ideias : Nós percebemos mal , e contudo queremos discorrer com seguranfa : os nosos sentidos sam falazes , e fuminiftram-nos frequentes ocazioens de ingano , em materia fizica . O notar estes erros , pe-dia uma longa difertafam . Basta notar , que nos-inganamos nas ideias de *gravidade* , *levidade* , *aspereza* , *gosto* , *cheiro* , e *som* &c. Cuidamos que estas coizas existem nos-objetos , quando na verdade nada mais sam , que modificaçoens do-nosfo corpo , e espirito . As ideias que recebemos polos olhos , tem mais outra razam , para serem falsas : pois segundo a diversa figura dos-olhos , de diferentes pefoas , devem reprezentar os objetos ou maiores , ou menores doque sam . E assim nam nos-devemos fiar sempre delas , para julgar .

A segunda cauzam , sam as ideias que formamos : em virtude das-quais mil vezes nos-inganamos . Chamo aqui ideias , àquelas fupozifoens que fazemos , para explicar os efeitos da-natureza . Uma vez que nos-ocorre , uma fupozifam ou sistema , que nos-parece racionavel ; sem demora alguma o-abrafamos como verdadeiro : sem advertir , que muitos sistemas diferentes , podem explicar provavelmente , a mesma coiza . Outra especie de ideias que fazemos , sam as abftraçoens : seguindo as quais , muitos julgam imprudentemente . Atribuimos a diversos efeitos , diversas cauzas : sem advertir , que a mesma cauzam pode produzir diferentes , e às vezes incontrados efeitos . Daqui nacam , mil inganos na Fizica , v.g. as virtudes que atribuimos , a muitos medicamentos , que nunca sonháram telas .

A terceira cauzam de ingano , sam as palavras de que nos-servimos . Intendemos , que muitos termos significam o mesmo , quando na verdade nam sam sinonimos . As vozes servem , para explicar os pensamentos : e como nem todos intendem o mesmo , nem todos vem a explicar o mesmo . Das-fustancias inviziveis , nem todos sentiram o mesmo : temos o exemplo nestas vozes , *Deus* , *Animus* , *Spiritus* , *Angelus* &c. às quais alguns antigos uniram certas ideias , e outros uniram diferentes.

rentes . O que intende um Deus , de figura umana : o que supoem , um Deus igneo : o que o-julga , de um corpo futilissimo : o que o-cre espirital : todos se-servem do-mesmo nome : o mesmo digo de outros nomes . Tambem os Omens se-diversificam , na ideia das-sustancias corporeas : uma ideia fórma o ignorante , do-Corpo : e outra mui diferente , o Filozofa . Tambem nas defini-foens de *Vicio* , *Virtude* , *Piedade* , *Santidade* , *justisa* , *Obrigafam* &c. se-diversificam muito os omens : de que a Iltria fuminiftra ; fmozos exemplos . Os mesmos Dicionarios apontam vozes , a que nós oje damos um sentido ; e antigamente tinham outro : v. g. *Navis* , *Triremis* &c. Onde quem nam diftingue com cuidado ifto ; fiequentemente se in_ana , e difcorre mal .

A quarta cauza dos-nofos inganos , fã os afetos do-animo , que produzem infinitos erros . Eles impedem-nos muitas vezes , examinar bem as materias , e por-confequencia , julgar bem . E muitas vezes fazem-nos amar , ou dezejar o duvidozo por-cento . Os que abrafãram de todo o feu corafãram , uma doutrina ; nam só nam se-cãfãram em examinar , as razoens contrarias ; mas nem o-podem fazer , porque as-nãram-vem . Acrescento a ifto , que nem menos as-querem ver , aindaque lhas-oferefãram : nem ainda outras obras indiferentes , que faicm damesma pena , *in odium auctoris* . Este juftamente é o cazo que succedeo neste Reino , a um Teologo meu conhecido , que tinha abrafãdo a Ciencia media . Introu em uma livraria , onde casualmente abriu um livro , que tratava dos-prolegomenos da-Efcritura : lidos alguns parãgrafos , louvou muito a materia , e o metodo ; e proguntou quem era o autor : e quando ouviu dizer , que era um Dominicano , fechou logo o livro , e nam dife mais palavra . Comque , ferã necesario despir-fe , de todos os prejuizos ; para intender as coizas bem , e poder difcorrer com acerto .

Conhecidos os erros , é necesario evitalos , procurando a verdade . Para o-fazer , é preciso observar algum metodo . E' pois o metodo aquela operãfãram do-intendimento , tam necessaria em todo o genero de Ciencias : e fem a qual nam se-pode difcorrer bem . O difcurfo é aquele progrefo , que o entendimento faz , de um conhecimento para outro : o metodo é o que prepara a materia , ao difcurfo . Deforteque a mente com o metodo difpoem as ideias , em boa ordem : e com o difcurfo reconhece a conveniencia delas . De duas fortes é o metodo . Difpomos as vezes os nosos

nosos conhecimentos, de uma tal maneira, que dividimos a coisa que queremos conhecer, nas suas partes: para que assim as-pofamos conhecer todas, e conseqüentemente o todo. Este metodo chama-se rezolutivo, ou *analitico*, que vale o mesmo. Empregase comumente, para reconhecer a verdade de muitas questoes; e para descobrir, e adquirir conhecimentos. A outra sorte de metodo é, quando devendo ensinar uma doutrina aos outros, detal-forte dispomos, os nosos conhecimentos; que intendendo cada um deles, venha o dicipulo a conhecer, todo o corpo da-Ciencia, que se-compoem, daquelas particulares doutrinas. Este metodo chama-se compositivo, ou *synetico*, que sam sinonimos: ou tambem metodo de *doutrina*, ou *didatico*, ou *didascalico* que vale o mesmo. E deste uzam comumente os bons mestres, quando ensinam alguma materia.

Para nam nos-inganarmos no-metodo, é necesario ter diante dos-olhos, que nós ignoramos a essencia, de todas as coizas. Onde ignoramos, a essencia da-Materia, do-Corpo, das-Fórmãs, do-Espirito, e das-nofas mesmas ideias: é necesario antes de tudo, pôr esta advertencia. Isto suposto, fazem-se questoes indifoluveis, a que nam podemos responder: que sam as que dependem, do-conhecimento da-essencia das-coizas: e destas nam falamos. Temos alem difo questoes foluveis, que se-dividem em trez especies: I. posto um attributo, progunta-se qual é o fugeito que lhe-competete. II. posto o fugeito, progunta-se qual attributo determinado lhe-competete. III. dado o attributo e fugeito, progunta-se se um compete a outro. Trez sam as fontes donde se-tiram, as folufoens de todas as questoes: Razam, Experiencia, e o Testemunho dos-autores.

As leis do-metodo Analitico sam estas: Intender os vocabulos: determinar as questoes: separar as partes delas: fugir de todo o genero de equivocos: fugir das-oscuridades: estabelecer termos comuns, e claros: intender os testemunhos é autoridades, em que se-funda. Alem difo, saber os requizitos que sam necesarios, para intrar em uma questam: v.g. para a Historia, as Antiguidades, Cronologia, Geografia &c. para a Fizica, a noticia das-melhores experiencias &c. Ler o contexto, e ver as mais coizas que apontam os outros, para nam errar no-criterio. Ter presentes os canones, que comumente se-afinam, para distinguir as obras supostas, das-verdadeiras.

O metodo Sintetico, ou metodo de mostrar a verdade, tem estas leis. Nam admetir voz sem a-explicar: nam mudar o significado das-vozes: nam concluir sem evidencia: nam inferir senam de principios provados. Quem observa estas regras, pode ter a consolafam, que tem boa Logica.

Tendo visto o modo, com que o estudante se-deve regular; no-metodo das-Ciencias; fica claro, como se-deve conter nas disputas publicas, tanto argumentando, como respondendo. Deve pois argumentar com razoens, e nam com palavras: fugindo de sofismas, como indignos de um Filozofa, que sinceramente ama a verdade. Se quizer servir-se do-filogifmo para argumentar, pode fazelo. Digo porem, que muitas vezes sem filogifmo, exporá melhor as suas razoens: servindo-se de um metodo de dialogo curto, e claro.

No-qué toca a responder, se o arguente se-servir de filogifmos, com boas razoens, pode seguir o mesmo metodo: se pois ele comefar com o sofisma, é melhor reduzilo fóra da-Fórma, para lhe-ensinar a argumentar. Em todo o cazo nam se-deve deixar pafar propozifam oscura, que nam se-explique. Se V.P. obriga a explicar-se um sofista, e pôr em pratos limpos, o que quer dizer nesta, ou naquela propozifam; acabou-se o sofisma. Esta nam é ideia nova, de que se-devam admirar os Dialeuticos: eles o-praticam todos os dias argumentando, e respondendo. Se o que distingue uma propozifam, uza de termos incognitos; ou se o que argumenta, se-serve de semelhantes propozifosens; verá V.P. que os mais advertidos Peripateticos, sam os primeiros a dizer-lhe, que explique a propozifam, ou distinsam. Julgo pois, que o mesmo deve fazer qualquer defendente, que tem a infelicidade, de ter um Dialeutico por-arguente. Ponha-se o estudante neste primeiro principio, de nam deixar pafar palavras confuzas, como fazem os Geometras; e verá que se-acabam, todas as disputas: as quais comumente versam, sobre a diversa intelligencia dos-termos; e nam tem mais forsa, que aquela que lhe-dá, a dispozifam artificial do-filogifmo. Desfortequo reduzido a proza corrente, o que estava armado em filogifmo, nam tem forsa alguma.

Tenho dado em breve a V.P. uma ideia da-Logica, que pode ser util neste mundo, para todos os empregos. Isto necessitava ser provado, com mais extensam; mas isto excede o metodo de

de uma carta : Do-que aponto , comprehende V. P. muito bem , como se-deve dispor a Logica , para servir em todo o genero , de bom discurso . Digno é de admirasam , que aja quem intenda , que a Logica sômente deve servir , para a Teologia : e que por-iso a-encham , de todos aqueles termos , que se-acham na Esco-
 lastica comua : e fasam uma Logica , que nam serve para coiza alguma . Como se os omens sômente na Fizica , ou Teologia de-
 vessem discorrer bem ; e nas outras coizas mal ! Persuado-me , que importa igualmente discorrer bem , em todas as materias da-vida
 civil , que naquelas duas . A maior parte dos-Omens , nam seguem
 aquela profisam , mas outras diferentes , e nam menos utilis à Re-
 publica ; tanto nos-empregos altos , como baixos : e assim é ne-
 cessario , que tenham regras , para se-regular em todos os seus
 empregos : quero dizer na politica publica , e privada , a que cha-
 mam vulgarmente Economia . Cuido , que a Logica que apontei
 a V. P. fuministra meios proprios , para nam se-enganar em ideia
 alguma , quanto é posivel ao Omem evitar os inganos , nesta vida
 mortal : e que por-este principio se-deve preferir , a todas as ou-
 tras . Toda a difficuldade oje consiste em determinar , qual destas
 modernas , (porque das-Peripateticas nenhuma se-deve ler) possa
 fuministrar , as ideias que procuramos . Nisto direi a V. P. o meu
 parecer , no-qual tenho alguns companheiros : vem afer , que ain-
 da até aqui nam tem aparecido alguma , que satisfasa inteiramen-
 te , ao que dezejamos . Tenho lido quazi todas as modernas im-
 presas , algumas bem raras , e tambem algumas manuscritas : e achei
 que muitos copiáram-se fielmente . Dos-outros que podemos cha-
 mar autores , todos tem coizas boas , e deles se-pôde tirar mui-
 to ; mas nem tudo neles é bom : alem disto algum deles é só pa-
 ra omens consumados , e nam para rapazes : e sam mui difuzos .
 Onde para os principiantes , asento , que ainda nam appareco , a
 Logica dezejada . E assim será necessario , servir-se de alguma das-
 melhores , emendando-lhe os defeitos . Chegando eu aqui , veio
 vizitar-me o Senhor * * * e proguntando-lhe com confianca de ami-
 go , se sabia de alguma boa Logica ; me respondeo , que o * * *
 compoz ultimamente toda a Filozofia , por-um modo excelente , que
 ele tinha visio . Proguntei-lhe que me-explicáse , o metodo da-Lo-
 gica : e despois de o-ouvir , e considerar , asento que se-uniforma
 muito , à minha opiniam : e pode ser que seja ainda mais cla-
 ro , e mais util para os principiantes , que este que assim apontei .

tei. Comque tem V. P. a Logica que dezejava: sabe V. P. muito bem, de que pezo é o juizo deste amigo. Dize-me que vencidas certas dificuldades * * faz conta impremilla. Deus o-permita. Isto é o que me-ocorre por-agora dizer a V. P. pedindo ao Senhor, o-conferve por-muitos anos.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

E R R O S

Tendo achado que estes erros são mais frequentes nesta edição; por isto dou uma regra geral, para se-emendarem: os outros notam-se abaixo.

Achando-se

engano, deenganar, enganar, de-
zenganar.

comprimir, imprimir, oprimir, ad-
mitir, permitir, e outras vozes,
que se-formam destes Infinitos:
tirando algumas, que o autor
exce-tua.

diminuir &c.

entrar, encontrar, emportar, en-
formar, engenhar, engenho; e
outras vozes e nomes que destes
nascem.

parece, conhece &c.

Leia-se

ingano, dezingano, inganar, de-
zinganar.

compremir, impremir, opremir
&c.

deminuir &c.

intrar, incontrar, importar, in-
formar, ingenhar, ingenho &c.

parece, conhece &c.

O acento que se-acha nos monossilabos, já, lá, cá, vê, lê; tam-
bem é erro do corretor: porque o autor só o-poem em dê, dá, dás,
más, pôr *verbo* &c. para os-distinguir das particulas, e vozes seme-
lhantes. Como também em pé, pés, só, e outra raríssima.

ERROS

Página 2.	regra 3.	tal-vez
p. 3.	r. 11.	superfla
p. 4.	r. 5.	necessário
p. 5.	r. 6.	lisenfa
p. 6.	r. ult.	è necessário
p. 7.	r. 6.	pola pola
p. 9.	r. 4.	defa lingua
	r. 24.	maniera
p. 10.	r. 1.	necessário
	r. 28.	enfina
p. 11.	r. 22.	divido
p. 12.	r. 4.	propozicam

EMENDEM-SE!

talvez
superflua
necesario
licensa
é necesario
pola
defa lingua
maneira
necesario
enfina
devido
prepozisam

ERROS

EMENDEM-SE.

	r. 33.	caracter	carater
p. 13.	r. 11.	á mam	à mam
	r. 18.	á memoria	à memoria
p. 14.	r. ult.	à Nasam	á Nasam
p. 15.	r. 10.	discipulos	dicipulos
p. 17.	r. 26.	mais mais	mais
	r. 31.	necessario	necefario
p. 20.	r. 11.	partencentes	pertencentes
p. 24.	r. 28.	<i>indo Gerundio</i> , ou	ou alguma
p. 28.	r. 14.	<i>Menabaã</i>	<i>Menbaã</i>
	r. 32.	naqual	na qual
p. 29.	r. 16.	necessario	necefario
	r. ult.	afim	afim
p. 30.	r. 12.	che	que
	r. 22.	pronuneiar	pronunciar
p. 31.	r. 5.	esposta	resposta
	r. 11.	<i>Ley Hey</i>	<i>Ley , Hey</i>
	r. 17.	sufficiente	suficiente
	r. 18.	ditongo ,	ditongo .
p. 34.	r. 13.	discipulos	dicipulos
p. 35.	r. 24.	nestes	nestas
p. 38.	r. 9.	estas	estar
p. 40.	r. 11.	os seu	os seus
p. 41.	r. penul.	diver-se	dizer-se
p. 43.	r. 3.	como e	como n
p. 46.	r. 4.	ouro	oiro
p. 47.	r. 29.	feguidas	feguidas
p. 48.	r. 31.	algua	alguma
p. 50.	r. 27.	escrevem	escrevem
p. 51.	r. 27.	odiscurso	o discurso
p. 52.	r. 27.	final	final
p. 53.	r. 9.	repouzo	repoizo
	r. 34.	prepozifoens prepozifam	propozifoens propozifam
p. 55.	r. 28.	mais-linguas	mais linguas
p. 56.	r. 13.	grosa obra	voluminoza obra
	r. ult.	<i>ergastual</i>	<i>ergastula</i>
p. 57.	r. 28.	plebejas	plebeias
	r. 29.	Furetier	Furetiere
p. 59.	r. 24.	de-donde	donde

ERROS

p. 60.	r. 26.	escrevo
p. 63.	r. 7.	esperar-fe
p. 64.	r. ult.	tres
p. 68.	r. 37.	<i>Coemediam</i>
p. 70.	r. 20.	explicação
p. 74.	r. 4.	<i>Latinidade</i>
p. 76.	r. 27.	omefmo
p. 79.	r. 31.	Univerfidade
p. 83.	r. 25.	determinado-lhe
p. 88.	r. 31.	Geografia
p. 95.	r. 4.	melhores
	r. 20.	distingia
	Nota	<i>Democriti</i>
p. 96.	r. 37.	nam das
p. 98.	r. 35.	se-costumam
p. 99.	r. 1.	<i>Valeio</i>
p. 100.	r. 14.	a iftoria :
p. 103.	r. 1.	da-fua
	r. 4.	ensinar
p. 104.	r. 38.	de livros
p. 115.	r. 19.	os quer
p. 119.	r. 17.	utiliffimo
	r. 31.	o fenhor
	r. 32.	tratadinho
p. 126.	r. 5.	fenfifiveis
	r. 7.	Advogago
p. 127.	r. 16.	tofta
p. 128.	r. 17.	à afam
p. 130.	r. 6.	comuna
p. 133.	r. 30.	mifericordia
p. 134.	r. 16.	<i>Libano</i>
	r. 24.	divedido
	r. 25.	oque
p. 137.	r. 20.	Panigirifta
p. 139.	r. 10.	come
p. 140.	r. 7.	primeio
p. 141.	r. 18.	Agoflino
p. 142.	r. 3.	major
p. 144.	r. 33.	<i>arbitratus</i>

EMENDEM-SE .

escreveo
esperar-fe
trez
<i>Comoediam</i>
explicafam
<i>Latinidade</i>
o mefmo
Univerfidade
determinando-lhe
Geografia
melhores
distingua
<i>Democriti</i>
nam dar
se-acostumam
<i>Velleio</i>
a iftoria ;
da-fua
ensinar
de livros
os que
utiliffimo
o Senhor
tratadinho
fenfifeis
Advogado
toda
à afám
comua
mizericordia
<i>Libano</i>
dividido
o que
Panigirifta
como
primeiro
Agoflino
maior
<i>arbitratus</i>

ERROS

p. 145.	r. 23.	na-gloria
	r. 32.	Encarnafam
p. 146.	r. 35.	divedidos
p. 148.	r. 3.	temou
	r. 14.	as-que
	r. 36.	menham
p. 149.	r. 29.	divedir
p. 250.	r. 28.	divedir
p. 152.	r. 22.	pederia
p. 159.	r. 15.	miseravel
p. 168.	r. 25.	de genere
p. 170.	nota	<i>Philosophorum</i>
p. 174.	r. 31.	confuza
p. 175.	r. 2.	Manol
p. 180.	r. 32.	Trojananas
p. 184.	r. 18.	famozifima
	r. 23.	frequentemeete
p. 185.	r. 5.	bastaa
p. 189.	r. 30.	deferir
p. 190.	r. pen.	<i>Quantos</i>
p. 191.	r. 35.	cohecimento
p. 192.	r. 2.	pouquifimos
	r. 27.	repreensoens
	r. 29.	dizerm
p. 197.	r. 2.	triumfo
p. 199.	r. 24.	falava
p. 200.	r. ult.	pená
p. 202.	r. 16.	lhechamar
p. 204.	r. 4.	infigne
p. 205.	r. 33.	a provar
p. 308.	r. 2.	comunemente
p. 211.	r. 4.	e tratamento
p. 214.	r. 1.	justicar
p. 217.	r. 29.	ofizeram
p. 218.	r. ult.	femelhanza
p. 219.	r. 23.	bem
p. 223.	r. 21.	todos
p. 226.	r. 35.	o-brigam
p. 232.	r. 2.	otantezimo

EMEMDEM-SE.

na gloria
Incarnafam
divididos
tomou
as que
menhan
dividir
dividir
pediria
mizeravel
degenere
<i>Philosophorum</i>
confuza
Manoel
Troianas
famozifima
frequentemente
bastava
defirir
<i>Quanto</i>
conhecimento
pouquifimos
repreensoens
dizem
triumfo
falava
pena
lhe-chamar
infigne
aprovar
comumente
o tratamento
justificar
o-fizeram
femelhanza
bom
todas
o-obrigam
oitentezimo

ERROS

P. 237.	r. 7.	em em
P. 239.	r. 9.	Epigramma
P. 252.	r. 36.	algnm
P. 282.	r. 28.	moſtra-lhe
P. 285.	r. ult.	vizinhanza
P. 286.	r. 23.	de de
	r. 35.	ſiſtema

EMENDEM-SE .

em
Epigrama
algun
moſtrar-lhe
vizinhanſa.
de
ſiſtema

F I M

VERSIÓN 1.1

2007

M. A. T.





